AS AULAS DE PERCEÇÃO EXTRASSENSORIAL

Autoria: Jane Roberts

Tradução: Amadeu António



PREFÁCIO

Esta é uma cópia das sessões da Aula de ESP da Jane. Trata-se de uma cópia de uma compilação que obtive do próprio O.G. Tigerman, no início dos anos 1980. E essa compilação era, possivelmente, uma reprodução dos originais mimeografados das gravações em fita das aulas da Jane. Supondo que não tenham existido outras cópias intermédias, claro. Muitos talvez não saibam, e eu incluído, que O.G., um piloto de aviação reformado, foi um dos membros da Aula da Jane.

Enquanto visitava o meu pai, reparei "por acaso" num anúncio no *Los Angeles Times*. Anunciava uma sessão que iria explicar parte do material de Seth, e que teria lugar em Los Angeles na semana seguinte. Como leitor precoce do material de Seth, decidi conduzir desde Camp Pendleton para ver do que se tratava. Cheguei ao local indicado, uma sala comum num edifício de uma caixa de poupança, na noite anunciada. Estavam presentes, no máximo, 10 ou 12 pessoas. O.G. falou durante cerca de uma hora sobre os conceitos de Seth.

No final, houve apenas algumas perguntas e a reunião começou a dispersar. De forma algo casual, ele mencionou que enviaria uma cópia das aulas da Jane a quem estivesse interessado, por 10 dólares, para cobrir os custos. Talvez só mais uma pessoa além de mim tenha encomendado. De qualquer forma, dei-lhe a minha morada e os 10 dólares, e cerca de uma semana depois recebi dois volumes: cópias das transcrições mimeografadas originais. Todas as páginas, incluindo o índice, estavam impressas apenas de um lado e encadernadas com capas de cartolina azul forte e uma fita preta colada na lombada. Eram bastante robustas, embora destinadas a uso ocasional.

Li partes de vez em quando, mas, como acontece com muitas coisas, deixei para mais tarde. Quando me mudei para Denver em 1993, voltei a pegar nelas. Ao colocá-las na estante nova, percebi que seria boa ideia fazer algumas cópias, sobretudo porque tinha acabado de adquirir uma nova fotocopiadora para outro projeto. No entanto, descobri que a qualidade de impressão das primeiras sessões era péssima! Era quase impossível ler sem parar constantemente para tentar decifrar as palavras.

Além disso, dobrar a capa e as páginas para as copiar era um incómodo. Uma das páginas estava tão ilegível que comecei a "reparar" algumas letras com uma caneta, para facilitar a leitura. Isto rapidamente se transformou numa

tarefa compulsiva, e acabei por corrigir todas as palavras da página, depois a seguinte, e assim sucessivamente, quase todas do primeiro volume. Felizmente, a qualidade da impressão melhorava nas sessões seguintes, o que acelerou o trabalho.

De seguida, fiz três cópias de todas as páginas do primeiro volume, acabando por danificar bastante a sua capa. Isso incomodou-me bastante, por isso decidi tratar o segundo volume de forma diferente: reescrevi tudo no computador! Isso trouxe várias vantagens: pude usar um tipo de letra mais pequeno e legível, comprimir o texto, e até “ler” as sessões ao mesmo tempo. Pensei em comprar um scanner para fazer o mesmo com o primeiro volume, mas isso foi há dez anos e ainda não o comprei. Entretanto, decidi manter a impressão original. Era escrita em "pica", o estilo das antigas máquinas de escrever, e agora reconheço-lhe um certo encanto que me custa alterar.

Por coincidência (ou não), no mês passado obtive a cópia pessoal de O.G. dessas sessões mimeografadas, com várias páginas marcadas por ele: sublinhados, círculos, estrelas e outras anotações manuscritas. Foi sorteada na última noite da 2ª Conferência Seth do Colorado, em Winter Park, a 21 de Setembro de 2002. Coloquei apenas um bilhete em cada um dos 25 sacos diferentes, e "ganhei" essa cópia, entre outros itens. Enquanto a examinava, Andy Hauk, outro antigo membro da Aula, veio ter comigo e confirmou que era a cópia pessoal do O.G. Levei o acontecimento como um sinal claro: estava na altura de me dedicar a este material — revê-lo, organizá-lo, embelezá-lo e reproduzi-lo!

Assim, comparei página por página a cópia do O.G. com a que ele me tinha enviado há mais de 15 anos, e encontrei algumas discrepâncias. Falta quase um ano inteiro de sessões na cópia do O.G., de Novembro de 1972 a Setembro de 1973, à exceção de uma transcrição datada de 15 de Maio de 1973, e de algumas sessões "fora da Aula". Acrescentei essas sessões ausentes ao restante conteúdo da cópia do O.G., separando-as com folhas coloridas. Também adicionei o índice compilado por Jim Gerardi em 1978 para os volumes com capa azul. Como os volumes não têm numeração contínua de páginas, as referências são feitas apenas pelas datas das sessões. A vantagem é que o texto pode ser reescrito com uma fonte menor e comprimida, mantendo o mesmo índice sem se preocupar com a alteração da numeração. Fiquei a pensar se Jim Gerardi teria recompilado os volumes de alguma

forma, pois estão surpreendentemente limpos e completos. Acrescentei também um novo índice com os nomes dos membros da Aula.

Acredito que este material é tão importante quanto qualquer outra coisa que Seth tenha transmitido e que merece ampla divulgação. A Sue Watkins usou parte deste conteúdo nos seus livros *Conversations with Seth*, Vols. I & II (Prentice Hall, © Sue Watkins). O meu objetivo é fazer mais algumas cópias para distribuir entre os membros do nosso grupo local de estudos sobre Seth, em formato de fichário, para facilitar a reprodução. Suponho que, um dia, possa ser publicado profissionalmente na íntegra. Assim espero.

Wendell C. Thomas
Denver, Outubro de 2002

SOBRE A AULA DE ESP

"A Jane começou a sua Aula de ESP em Setembro de 1967. Conhecemos a Sue (Watkins) em Setembro de 1968; ela começou a frequentar as aulas um mês depois e fê-lo, com alguma regularidade, até ao fim das aulas em Fevereiro de 1975."
— Notas de Rob, *The Individual and the Nature of Mass Events*, Sessão 806, pp. 68-69

"… mas um aluno em particular gravava as sessões de Seth, transcrevia-as, fazia cópias mimeografadas e distribuía-as aos alunos por 25 cêntimos cada. Obviamente, o custo mal compensava o trabalho envolvido, e quero agradecer publicamente ao H.W. por esse serviço."
— Introdução de Jane Roberts, *Conversations with Seth*, Vol. I, por Sue Watkins, p. 2

"Ao longo dos anos, os comentários de Seth nas aulas foram preservados por dois ou três 'regulares' que gravavam, transcreviam e duplicavam as sessões em nome da Jane, do Rob e de todos nós. Embora muitos membros tenham gravado as aulas, a responsabilidade de transcrever os comentários de Seth era geralmente assumida por uma única pessoa, que de alguma forma conseguia ter cópias disponíveis na terça-feira seguinte. Nas primeiras aulas, Florence MacIntyre e Brad Lanton encarregaram-se disso; depois, foi a Natalie Swing durante vários anos, com algumas pausas em que eu própria assumi a tarefa (transcrever e digitar leva pelo menos o dobro do tempo do

que gravar). Por fim, Harold Wiles, gerente de um centro comercial local, fez as gravações e transcrições durante os últimos quatro ou cinco anos, digitando manualmente os estênceis e imprimindo-os numa velha máquina de mimeógrafo manual, para garantir que todos tivéssemos cópias.
'Sem essas pessoas, que nos forneciam cópias das sessões,' diz Jane, 'nunca teria deixado o Seth manifestar-se nas aulas.'"
— Prólogo de Sue Watkins, *Conversations with Seth*, Vol. I, p. 10

Sobre a lentidão de algumas comunicações de Seth: "Na Aula de ESP, o Seth manifesta-se num instante..."
— Comentário da Jane numa pausa de sessão, *The Unknown Reality*, Vol. I, p. 214n

"Daqui em diante, começarei a apresentar excertos de algumas das sessões que a Jane conduziu na sua Aula de ESP. Guardei este material durante bastante tempo. Muitas vezes não estava presente quando o Seth o produzia, e em todos os casos foi gravado pelos alunos; a Jane reúne-se com eles nas noites de terça-feira, altura em que normalmente estou ocupado a transcrever a sessão privada de segunda-feira ou material do livro, muitas vezes com base nas minhas próprias notas."
— Rob, nas suas notas, *The Unknown Reality*, Vol. II, p. 719

"Outro acontecimento importante teve lugar em Outubro de 1978: a Sue Watkins recebeu autorização de Tam Mossman para escrever um livro sobre as aulas de ESP que a Jane deu durante sete anos e meio, do outono de 1967 a Fevereiro de 1975. O livro chamar-se-á *Conversations with Seth*. Foi uma grande notícia para os três. Era um projeto que a Jane nunca pensou fazer, mas que queria ver feito — e a Sue, que foi membro da Aula, tem capacidades psíquicas, formação jornalística, e está idealmente qualificada para o trabalho."

Notas de Rob, *The Individual and the Nature of Mass Events*, p. 155
"Naquele dia (13 de fevereiro de 1980), Tam Mossman, da Prentice Hall, ligou à Sue Watkins para pedir autorização para publicar *Conversations with Seth* em dois volumes: o relato da Sue sobre as aulas de ESP da Jane já era demasiado longo para um único livro. Na verdade, a Sue terminou o Volume 1 no mês passado, enquanto estava na Florida. O Tam planeia ter o primeiro volume nas livrarias em outubro e agendou o segundo volume para publicação em janeiro de 1981."

Notas de Rob, *Dreams, 'Evolution' and Value Fulfillment*, Vol. 1, Sessão 901, p. 236
"Por estranho que pareça, a Jane e eu nunca fizemos uma busca por artefactos das aulas, como os nossos amigos tinham acabado de fazer e como outros antigos alunos já haviam feito antes."

Notas de Rob, *Dreams, 'Evolution' and Value Fulfillment*, Vol. 2, p. 491

* * *

Sessão 363, AULA DE PES

12 de Setembro de 1967, terça-feira, 20h45

(Esta sessão foi realizada com três alunas da Jane: Florence McIntyre, Sally Benson e Rachel Clayton.
Esperava-se que, nesta sessão, o Seth desse impressões sobre as férias dos Gallagher.)

Boa noite.
("Boa noite, Seth.")
Os meus mais calorosos cumprimentos a todos os presentes. Agora, falaremos brevemente sobre alguns assuntos gerais enquanto nos preparamos para o material relacionado com os Gallagher.

Todos vós nesta sala conheceis apenas uma pequena parte do vosso verdadeiro eu interior. No entanto, esse vosso eu interior conhece-vos bem e orienta as vossas ações, quer estejam ou não intelectualmente conscientes da sua presença.

A seu tempo, falaremos com cada um de vós em sessões mais privadas. Por agora, apenas vos saúdo. Joseph, dá-nos um momento, se faz favor.
([Rob:] "Sim.")

Estas são impressões relacionadas com os Gallagher. Arcádia. Um nome — o nome de um local que significa “vale baixo” em inglês. Um nativo vestido com roupas que não lhe pertencem: está a representar. As roupas são de outra cultura, um traje.

Há um "A" aqui. Um barco. Os Gallagher estão num barco. Passam por três ilhas e desembarcam na quarta. Algo é derramado no barco e há confusão.

Veem uma fruta estranha, semelhante a um coco, mas que não é coco. Tem uma polpa cor-de-rosa.

Há quatro pessoas no barco. As iniciais M, B ou M, D, e uma criança de seis anos. Um encontro inicial que não é agradável. Alguém grita — possivelmente uma criança envolvida.

O Jesuíta (alcunha de Seth para Bill Granger) repara num cão com três patas. Afasta-se muito dos outros, o Jesuíta.

Há um avião caído ou um navio em apuros nas proximidades, e isso gera atividade num porto na extremidade da ilha mais distante deste grupo específico de ilhas. Talvez aviões enviados a partir do porto para procurar. As iniciais T, B, A estão aqui associadas a isso. O porto desta ilha parece ser a única cidade principal. (Voz arrastada e lenta.)

Enquanto tratamos disto, há uma atividade invulgar à volta do Cabo da Boa Esperança e isso está relacionado com o que aconteceu. (Seth articula as palavras com a boca antes de as dizer.) Há uma cidade, ilha ou baía, alguma área nas redondezas cujo nome soa a *Balinda*. Mas não é esse o nome.

Baly–Winda... Baly Wanda...

Agora algo mais pessoal, o nosso amigo, o Jesuíta. Há um objeto de madeira grande que lhe chama a atenção, como um totem, embora mais gordo e não tão alto como um. Ele fala com vários homens nativos e com um americano, do Minnesota, que trabalha num negócio relacionado com sal.
(A voz de Seth é muito lenta, arrastada, com muitas pausas.)

Um encontro entre as 16h e as 17h. E sons altos que são música. Duas bandeiras numa das ilhas e um edifício administrativo de cor laranja ou rosa. Comem ou conversam com um homem (voz muito ténue) cujo nome está relacionado com "grip", percebem? Como "mala" ou "valise". Percebem? ([Rob:] "Sim.")

Alguma questão em torno da despesa de nove dólares em específico — uma nota de cinco e quatro de um — algo absurdamente caro.

Uma visita a um povoado com cabanas cobertas de colmo ou palha, entre nove a doze delas. O nosso amigo vê um xamã. Uma caminhada específica por uma zona de floresta tropical. O nosso amigo, o Jesuíta, está aqui, e cinco outras pessoas já passaram por esse mesmo caminho anteriormente — e ele sabe disso: é a razão pela qual o escolhe, percebem?

Ele e a Amiga dos Gatos (apelido de Seth para Maggie Granger) escolhem um caminho em particular porque são demasiado cautelosos e astutos para seguir outro que lhes foi recomendado. Um dos lugares onde ficam tem água de um lado e vegetação do outro, com grandes aberturas quadradas à frente; e creio que nessas aberturas não há vidro. Os degraus são pela lateral, três ou quatro. Encontram este lugar por conta própria. Alguém pendurou roupa num estendal junto do local. Podem ficar de pé e olhar para o oceano, avistando duas ou três outras ilhas, uma das quais já visitaram. Planeiam visitar mais três ilhas.

Agora podem fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferirem.
([Rob:] "Vamos fazer uma pequena pausa.")
(21h10. Pausa. A Jane parecia não estar ciente de que o seu comportamento estava muito distante, sonhador. "Viu" alguns dos cenários, mas sem uma projeção real.)

(21h20. Retomam.)

Agora uma ligação um pouco estranha com *Grumbacher*, ou materiais de pintura, para os Granger.

Encontram um homem numa espécie de cabana. É magro, usa uma camisa branca que não está totalmente abotoada. Não tem barba, mas o rosto é áspero e escuro. Fuma e os dedos são longos e manchados de nicotina. As calças são estranhas de alguma forma, e usa sapatos brancos ou talvez não sapatos — mas os pés parecem mais claros, percebem? Há uma luz atrás dele e ele está de pé numa porta entreaberta, e o nosso amigo, o Jesuíta, fala com ele. Há uma estrutura idêntica muito próxima, talvez anexa, percebem? Há degraus e homens sentados neles. O estranho vive na ilha e usa um anel. Pode também usar outras joias.

A Amiga dos Gatos está no chão, à espera, e essa estrutura também está virada para a água. Há um "S" relacionado com o estranho, e também um

“A”. E os Granger vieram por um caminho ou trilho, algo íngreme, de uma povoação, e têm estado a andar — talvez de bicicleta ou num veículo tipo carroça — puxado por animais.

Há uma igreja que foi destruída num incêndio, e o local é conhecido por uma revolta que ocorreu há muitos anos.

Não temos a certeza aqui — o nome faz lembrar “Sacramento”, embora não seja exatamente esse o nome.

Um edifício estranho foi construído ali em 1924. Não pertence verdadeiramente ao local. Não há outros como ele e contém registos com uma ligação histórica, sendo esses registos provenientes de outro local, outro país.

Sinto fortemente o número 5. Algum acontecimento pelas 17h de hoje, no entanto, que lhes ficará na memória quando regressarem.

Agora, a relva está a crescer aqui, mas começa a secar. Há uma erva alta e castanha numa zona específica, e a base das árvores é negra. Existem bagas grandes. Trata-se de uma zona em particular, uma área devastada, que terá sido, de alguma forma, queimada em tempos. Está cercada por árvores, e as ligações históricas e psíquicas do local não são boas — têm a ver com sacrifícios. *Monchuco* (interpretação do Rob) — os *Monchuco*. (A minha interpretação é que poderiam ser duas palavras; talvez algo como *Monchu chu*, *Mon choo choo*?)

Os *Monchuco* estiveram aqui e veneravam uma divindade metade touro, metade mulher. O touro era preto e os sacrifícios eram lançados ao mar. Há um ponto específico onde em tempos se ergueu um templo de colmo e, num passado ainda mais distante, uma ligação — por estranho que pareça — com um ramo da civilização Inca. Este local encontra-se na terceira ilha, e esta própria ilha será, dentro de pouco tempo, atingida por um desastre. Será, na prática, varrida do mapa.

Um antigo governador de outro país também esteve nesta ilha e foi destituído antes do fim do mandato, ou arruinado politicamente, regressando à sua terra em desgraça.

Agora estamos a regressar e vamos encerrar a sessão desta noite. Os meus mais sinceros votos para todos.

(21h40. Esta foi uma sessão estranha. A Jane não soava como o Seth durante boa parte do tempo, e apercebeu-se disso até certo ponto. Sentia como se estivesse a projetar-se no tempo, em vez de no espaço — referência aos *pontos de momento* do Seth. Talvez fosse a Jane a falar mais por si própria, com a orientação do Seth. Começou com a voz do Seth e foi gradualmente passando para uma voz intermédia entre a sua e a dele. A Florence notou ainda que o tempo verbal mudou de "nós" para "eu" durante um período.)

Segunda Parte da Sessão

Terça-feira, 12 de Setembro de 1967

(Esta parte foi datilografada por Jane Butts a partir de notas tiradas no momento por Robert Butts.)

Após o fim da sessão com o Seth, tive subitamente a impressão de um nome: Martha. Hesitei, depois perguntei se esse nome dizia algo a alguém na sala; tinha a certeza de que sim. A Florence disse que a cunhada se chamava Martha. Depois perguntei se *Grandview* tinha alguma ligação com a Martha. A Florence respondeu que a Martha tinha vivido em *Grand Island*, em Buffalo. Com essa confirmação, entrei em transe para tentar captar mais impressões para os alunos. Quando terminei, os alunos discutiram os resultados e disseram-me quais as impressões que tinham sido certeiras. Aparentemente, cerca de 90% estavam corretas.

(As impressões serão apresentadas com uma nota sobre a sua precisão.)

Sinto uma ligação entre a Martha e a água — talvez porque me disseste que vivia em *Grand Island*, ou talvez isso indique um nome de rua como *Lake Ave*, *Water St.*, etc.
Uma casa com pinheiros, cozinha nas traseiras. (Sim a ambos; é a casa da Martha.)
Duas crianças. (Sim, são filhos da Martha.)
Uma rapariga com cabelo castanho e encaracolado. (Sim.)
Nome como Anna, Annette ou Anita. (O nome é Alice.)
Um rapaz ou rapariga com idade de cerca do sexto ano. (Não.)
O homem, negócio, garrafas ou recipientes, contentores. (?)

Uma associação antiga mais a oeste de Buffalo, vários estados a oeste do Estado de Nova Iorque. (Sim. Espaço deixado para completar.)
O nome Francis, masculino ou feminino. (Sim, a Florence tem uma prima chamada Francis.)
Eventos agendados que incluem serviço. (Sim, o marido da Martha esteve no serviço militar.)
Força Aérea antes de o ser oficialmente. (Não.)
Especialização em História ou grande interesse no passado, um passatempo ligado à História. (?)
Originalmente cinco pessoas na família. (Não.)
Uma mulher em segundo plano, com ligação a Winchester... Rochester? Rochester ou Winchester... bastante idosa. Pode ter sido uma avó, possivelmente já falecida.
(Muito interessante. Isto não se aplica à Florence, mas sim à Rachel. A esposa do atual empregador da Rachel tem cabelo branco, mas é jovem. Viveu tanto em Rochester como em Winchester.)

A impressão de quatro estrelas — serviço militar? Não tenho a certeza. (?)
Uma coleção de objetos diversos num local, ligada a um negócio ou passatempo, talvez na cave, com forte ligação a armas.
(Sim. O marido da Martha, irmão da Florence, perdeu a vida devido a ferimentos de guerra. A Martha guarda todas as suas coisas juntas, incluindo as armas.)
Um contrato de arrendamento e quatro anos ligados a ele, uma nova localização. (?)

Agora passo para um tio da Sally: com bigode e numa fotografia antiga. Isso indica que é agora idoso ou já faleceu. A moda das suas roupas é antiga. Primeiro o bigode é preto e depois torna-se branco. Usa um uniforme ou roupa elaborada, um chapéu estranho.
(Sim. Tudo isto descreve uma fotografia do avô da Sally — não do tio — que ela só viu cerca de quatro dias antes desta sessão.)

Uma ligação europeia... nome Alfred... apelido começado por S e com vários F's. Não está certo. *Sinorfis* ou algo assim.
(Sim. Deixando espaço para completar.
(Nome verdadeiro: *Schachter*.)

Talvez do lado materno, um parente ou tio-avô, nome *Grayfus*? (?)
E outro homem, mais novo, pele clara, calças claras, parte de um uniforme? Usadas no trabalho? Com riscas? Parece ter 34 anos na altura, mas é mais velho agora. Duas crianças, sendo uma do sexo masculino. Casamento anterior.
(A Sally disse que isso descrevia o ex-marido, que voltou a casar. Usava calças azul-claro no dia do casamento. Deixando espaço para mais informações.)

Agora cabelo louro-escuro. Ligação com alguém — Edward. E um A, com uma família numerosa e uma fotografia de família em particular, antiga, com três raparigas com grandes laços no cabelo, dois rapazes mais velhos, fotografia tirada nos degraus da varanda por volta do início dos anos 1900. Talvez numa cidade começada por B ou cujo nome começa por B. E uma irmã, uma mulher de carreira numa época em que isso ainda não era comum.
(? A Sally confirmou parte disto. Espaço deixado.)

Agora, Rachel: uma doença precoce, prolongada ao longo de anos, creio.
(Sim. A Ruth teve tuberculose e esteve muito doente.)

Volto a sentir Anna, mencionada anteriormente em ligação à Florence — será que pertence afinal à Rachel? (?)
Uma irmã. (?)
Parece que um médico foi um amigo próximo ou teve um grande impacto na tua vida.
(Sim. O médico que a tratou era um amigo da família, conhecia pai e filho, ambos médicos.)
Dois irmãos. (?)
Uma mãe que... caiu morta aos 35, ou algo drástico aconteceu que a mudou. Não, morreu aos 35; ou sofreu uma tragédia psicológica — parece tratar-se da mãe da Rachel.
(Sim. A mãe da Rachel morreu aos 35 anos, pouco depois de dar à luz a Rachel.)

Também uma casa no campo que parece pertencer à tua família ou à do marido. (Sim. A Rachel nasceu numa casa assim.)
Com cadeiras de verga na varanda e no jardim. (?)
Uma mulher muito idosa viveu lá, parente, talvez bisavó ou tia-avó.
(A avó da Rachel viveu lá e criou-a.)

(Fim da sessão, 22h09.
A Rachel Clayton esteve quase a "entrar em transe" enquanto observava a Jane.)

Sessão 386 – AULA DE PES

7 de Dezembro de 1967 – Quinta-feira, cerca das 21h50

(Esta foi uma sessão não agendada, realizada durante a aula de quinta-feira à noite da Jane. Estavam presentes três testemunhas: Andrea Bergere, Rose Cafford e Florence McIntyre. Apenas a Florence já tinha presenciado uma sessão anteriormente.)

([Rob:] O que torna esta sessão única é o facto de ter sido a primeira realizada pela Jane sem a minha presença. À luz do material obtido nas duas sessões regulares dessa semana, acreditamos que este momento representa um passo significativo; um sinal da crescente confiança da Jane nas suas capacidades psíquicas e da aceitação plena que julgamos necessária.

Mais cedo, naquele dia, ouvi a Jane dizer casualmente, depois de uma pequena conversa entre nós, que, se lhe apetecesse, deixaria o Seth manifestar-se naquela aula. Quando a sessão começou, eu estava a trabalhar no meu estúdio, na parte de trás do apartamento. Mesmo com duas portas fechadas entre nós, ouvi quase de imediato quando a sessão começou. Estava a trabalhar no índice destas sessões, e o ambiente estava silencioso.

Como era a primeira sessão sem mim, achei interessante fazer algumas anotações. Abri uma das duas portas e tomei notas sem perturbar os alunos nem a Jane, que estavam do outro lado da porta restante. A voz do Seth ouvia-se com clareza.

Não registei as primeiras frases, mas o seguinte é praticamente literal.)

...Aqueles que sobrevivem à morte física continuam a ser indivíduos, como sempre foram.

Quando se estabelece comunicação com aqueles que ainda estão no vosso sistema físico, então, de facto, a vida encontra-se com a vida. Não conseguem compreender nem apreender intelectualmente a verdade pura. Por isso, esta

deve ser transmitida em termos que possam entender — sob a forma de parábolas.

Uma parte do ser é *verdade pura*. As outras partes da personalidade necessitam de tradução e interpretação. Não compreendem o que são.

Existem em mais dimensões do que imaginam, e a vossa própria realidade (voz mais alta e forte) transcende a vossa compreensão e as limitações do vosso conhecimento intelectual... (ritmo mais rápido, ainda alto) Estas verdades devem ser compreendidas intuitivamente... Nos momentos silenciosos da vossa existência... (mais rápido agora) reconhecerão o vosso papel na criação... a vossa singularidade e a vossa individualidade (mais lento agora), pois é através da vossa individualidade que aquilo a que chamam Deus se expressa e se torna conhecido.

A energia que percorre o universo é a mesma que move os músculos da vossa mão enquanto escrevem... É isto que procuram. Já o possuem, mas não têm consciência do conhecimento que possuem. A pessoa que procuram está aqui — está convosco e nunca se separou de vós. E mesmo continuando a sua existência noutra dimensão, não estão divididos nem separados; e beneficiarão do desenvolvimento adicional dela, pois ela vos permitirá compreender telepaticamente assuntos que antes não entendiam.

Agora, deixaremos o Ruburt fazer uma pausa, ou terminar a sessão... conforme preferir.

(Cerca das 21h58. As últimas linhas acima referem-se ao filho falecido de Andrea Bergere.)

De qualquer forma, saúdo-vos calorosamente e estou contente por estar aqui. Já vos conheci, embora vocês ainda não me conhecessem. Lamento que, devido aos canais de comunicação, a minha voz nem sempre soe tão afável como gostaria — trata-se de cordas vocais e outros mecanismos.

Vamos deixar que o nosso amigo Ruburt decida se deseja encerrar a sessão.

(22h00. O Seth voltou a manifestar-se por volta das 22h15, brevemente, dirigindo-se a Andrea com alguns dados sobre reencarnação.)

...Um rapaz. Familiares oriundos da Rússia. (Pausa.) *Myshurek* (minha interpretação) como apelido. Em... o que é hoje, ou o que foi, Varsóvia. Um comerciante, mercador, com quatro filhos. Esposa francesa.

Antes disso, em 1242, uma existência na Holanda. Houve uma vida em Espanha no século XIII e outra no que é hoje o estado da Califórnia, no início do século XIX. Já foste mulher duas vezes, homem três vezes.

Estás a desenvolver-te segundo certas linhas — o teu interesse pela natureza e pelo ar livre reflecte as tuas vidas passadas como homem. Daremos mais detalhes específicos numa ocasião futura, com datas e nomes.

Agora, deixo-vos de facto, para todos os efeitos práticos; embora continue presente, não falarei mais esta noite.

Versão de Florence McIntyre

(Depois de uma conversa séria sobre a busca da verdade, vida após a morte, antecedentes religiosos, etc., por volta das 20h50, a Jane começou subitamente uma sessão com o Seth, sem aviso. Presentes: Andrea, Rose e Florence. As notas seguintes são o mais completas possível, tendo em conta a rapidez do discurso do Seth.)

Tenho-vos escutado com grande interesse. Dou-vos todos os meus melhores desejos e as bênçãos que tenho para dar.

Estão aqui por uma razão. Não vieram por acaso. O nosso amigo Ruburt está agora a dar-me mais liberdade, e passarei a visitá-los mais vezes nas nossas aulas. Ele não tem utilizado plenamente as suas capacidades, mas está a aprender que tem de o fazer se quiser evoluir, e se quiser dar o seu melhor por vós — pois vocês são os meus alunos, como também o são dele.

Venho aqui renovar a minha ligação com uma de vós (Florence) e apresentar-me às outras duas. Vamos tornar-nos bem conhecidos. Mantenho um olhar atento sobre o vosso bem-estar. Não teremos uma sessão longa esta noite. Não vos darei nenhuma revelação extraordinária ou comprovável esta noite, pelo que podem — ou não — tirar apontamentos, como preferirem.

Quero apenas destacar um pequeno ponto: os que sobrevivem à morte física continuam a ser indivíduos, tal como sempre foram.

Quando se estabelece comunicação com aqueles ainda dentro do vosso sistema físico, então, de facto, semelhantes atraem semelhantes. Não conseguem compreender ou captar intelectualmente a verdade pura. Por isso, deve ser apresentada em termos compreensíveis — em forma de parábolas.

Uma parte do vosso ser é verdade pura. As outras partes da vossa personalidade precisam de tradução e interpretação. Não sabem quem são. Existem em mais dimensões do que imaginam, e a vossa realidade transcende a vossa compreensão e intelecto. Essas verdades devem ser compreendidas intuitivamente. Nos vossos momentos de silêncio, reconhecê-las-ão. Conhecerão a vossa própria individualidade e o vosso papel na criação...

(Várias palavras perderam-se aqui; ver versão de Rob, p. 12.)

A energia que movimenta o universo é a mesma que agora move a vossa mão. Vocês têm-na, mas não se apercebem do conhecimento que possuem. A pessoa que procuram está aqui — está convosco — e nunca se separou de vós. Num certo sentido, não estão divididos nem separados, e beneficiarão do seu desenvolvimento adicional, pois ele vos fará entender telepaticamente assuntos que nunca antes compreenderam.

Lamento que, devido ao nosso método de comunicação, a minha voz possa não soar tão amigável quanto gostaria. Isso deve-se às cordas vocais... mas os meus sentimentos são sinceramente amistosos.

(Depois de uma breve pausa e discussão, o Seth voltou a manifestar-se.)

Isto será breve. Tu (apontando para a Andrea), em 1572 — Polónia, o que é agora considerado Polónia, eras um rapaz — com parentes oriundos da Rússia. *Majurak* — apelido — terminaste a tua vida em Varsóvia — eras um comerciante — quatro filhos — esposa francesa — antes disso, em 1242, uma existência na Holanda. Também viveste em Espanha no século XVII e na Califórnia, no início dos anos 1800. Foste mulher duas vezes e homem três vezes.

Estás a desenvolver-te ao longo de certas linhas. O teu interesse pela natureza reflete as tuas vidas masculinas. Mais tarde daremos mais detalhes, com datas e nomes.

Agora, despeço-me de facto, embora continue aqui, não voltarei a falar esta noite.

AULA DE PES

28 de Dezembro de 1967 – Quinta-feira, 22h15

(Sessão dirigida a Andrea Bergere, cujo filho adotivo morreu afogado no verão anterior.)

Numa vida passada, ele foi teu filho de sangue. Também nessa vida morreu num acidente. Voltou para te dizer que não existe morte — mas tu não quiseste ouvir, nem acreditaste. Desta vez, regressou e foi novamente teu filho. Reconheceste-o de novo em circunstâncias altamente semelhantes. Desta vez, estás a escutar. Ele voltou para te dizer que não existe morte. Foste guiada até aqui — estás destinada a desenvolver as tuas capacidades. Esta foi a sua última reencarnação. Ele escolheu permanecer para te transmitir esta mensagem. Não tiveste fé suficiente nele. Pensaste que...

Recebeste um privilégio e um dom. Ele regressou por vontade própria para te ensinar.

Sem este conhecimento, não poderias evoluir como estás a evoluir agora. Ele está a ensinar-te. (Ensinar-te o amor — ele não queria morrer.)

Sem este conhecimento, não haveria progresso. A consciência deste rapaz está, de facto, viva. O seu trabalho nesta vida está completo, o ciclo de reencarnação encerrado.

Se o rapaz tivesse continuado a viver, surgiriam complicações. Casamento e filhos não condiziam com a sua natureza. O propósito principal estava contigo — pois tu foste a mãe. A morte foi instantânea. Houve algum reconhecimento da tua parte. O rapaz sabia disso e compreendeu.

Noutra vida passada, houve uma ligação com o teu irmão. Ele estava ligado tanto a ti como ao rapaz. O irmão, nesta vida, foi o pai biológico, assim como

tu foste a mãe biológica. O primeiro amor e propósito do rapaz envolviam-te a ti.

Ele sabia que só ele poderia ensinar-te esta lição, e que a morte de mais ninguém teria impacto tão forte sobre ti.

No passado, também morreu afogado. Inconscientemente, sabias disso. Havia uma rapariga nessa vida passada. Ele também a conheceu nesta vida. Houve uma tarde, quando ele tinha entre 4 e 5 anos, em que essa criança o visitou com os pais. Ela também morrerá jovem ou já morreu — não chegará à idade adulta. Tinha cabelo castanho encaracolado. Era sua esposa na vida passada, quando ele morreu com 32 anos. Essa morte envolveu um naufrágio.

Agora, a forma da morte não é coincidência — foi escolhida. Alguns amigos, conhecidos e vizinhos do rapaz também morreram da mesma forma. Eles eram a tripulação de um navio que naufragou ao largo da costa de Espanha. Não temiam a água. Confiavam nela. Se por vezes levava à morte, também conduzia à aventura. Naqueles tempos, morrer afogado era uma honra; morrer em terra, uma vergonha. Consideravam a água “a Mãe de toda a Terra.” E ele também. Não queria morrer em terra.

Escolheu partir quando sabia que mais o sentirias em falta — quando mais questionarias. Porque essas perguntas te conduziriam às respostas. Tocava harmónica como marinheiro. O amor pela música vinha dos longos dias passados no mar.

Eu, pessoalmente, não tenho especial afinidade com a água, por isso não consigo explicar o seu significado para ele. Para ele, significava libertação e liberdade. Desta vez, está verdadeiramente livre, pois sente que o compreendes. É importante que compreendas o que está por trás das suas mensagens e da sua preocupação contigo!

AULA DE PES

8 de Fevereiro de 1968 – Quinta-feira, 21h25

(Presentes: Coral Bishop, Susie Nolan, Lillian Nelson, Janet Clifton e Bonnie Anderson. Notas de Rob. A voz da Jane estava mais forte e enérgica do que o habitual, e o tom era bastante sério.)

Boa noite. Desejo-vos uma boa noite a todos.

("Boa noite, Seth.")

Já o disse antes e voltarei a dizê-lo muitas vezes: todos vós que aqui vêm, vêm por uma razão.

Estão num ponto particular da vossa existência, e é um momento para aprender e evoluir. Estão num ponto em que estão prontos para olhar para dentro de vós próprios e dar os próximos passos — os passos que, de facto, precisam de ser dados.

Estão prontos para expandir a vossa consciência. Estão prontos para aprender sobre as vossas vidas passadas e para se prepararem para as futuras. Não tenham medo de mim. Por vezes posso ser um cavalheiro muito bem-humorado e gentil. No entanto, esta noite estou preocupado com a vossa educação — e quando estou focado na vossa aprendizagem, posso parecer algo seco.

AULA DE PES

Fevereiro de 1968

Todos vós estavam destinados a estar aqui, e as vossas vidas já foram transformadas. Foram-no de forma benéfica — já começaram a questionar a vossa existência. Antes de virem aqui, perguntavam-se. Agora estão prontos para iniciar os caminhos interiores da vossa própria existência.

Todos os que se encontram nesta sala estão a aproximar-se das suas últimas reencarnações e, quando estas se completarem, terão de conhecer-se profundamente. Está previsto que vos seja dada ajuda. Está igualmente previsto que façam uso das vossas próprias capacidades. Para a maioria de

vós, restam ainda duas ou três existências no plano físico. Se não se compreenderem a vós mesmos, haverá mais.

Todos sabem isto, subconscientemente, e por isso vieram aqui. E porque vieram, é que eu vos falo.

(Neste momento, Jane, como Seth, apontou para Bonnie.)
Há muito tempo conheci-te vagamente. Contudo, não me reconhecerias agora, embora eu me lembre de ti. Hoje, tu não te reconhecerias a ti própria, pois tinhas apenas três ou quatro anos quando te conheci — e não te conhecia bem. Isto foi na Dinamarca, e o teu pai era padeiro. Tiveste, de facto, uma vida muito curta, falecendo aos nove ou dez anos, de difteria. Vês? És mais velha do que pensavas ser.

(Sorriso. Seth já tinha mencionado anteriormente ter vivido uma vida na Dinamarca, no século XVI.)

Têm andado à procura há algum tempo, e espero poder mostrar-vos como fazer as perguntas certas; pois é nas perguntas que encontrarão as respostas, e nas respostas encontrarão a vós mesmos. E ao conhecerem-se, cumprirão o vosso propósito e expandirão os limites da vossa consciência, até serem capazes de explorar o passado e o presente, e verem-se como realmente são, e saberem que são mais do que imaginam ser — e desenvolverem plenamente as capacidades que já começaram a manifestar em vidas passadas.

Dentro de cada um de vós existe um conhecimento inato de todos os “eus” que já foram e de todos os “eus” que ainda serão, e esse conhecimento sustenta-vos mesmo quando, conscientemente, não sabem que ele existe.

Tenho estado a aguardar o momento mais propício para vos falar e para anunciar a minha presença — pois estou aqui nestas aulas, como o Ruburt bem sabe.

Podem agora fazer uma pausa e, como sempre, continuar ou encerrar a sessão — como vos for conveniente. E podes dizer ao Ruburt, por mim, Joseph (sorriso), que lhe agradeço...

([Rob:] "Agradeces-lhe por quê?")

... por me ter acolhido. Diz-lhe que me certificarei de que ele aprenderá aquilo que deseja saber.

(21h52. Jane saiu do transe. As últimas linhas referem-se a uma conversa que ela e Rob tiveram mais cedo naquele dia.)

(Bonnie Anderson contou-nos que, há muitos anos, tem um medo inexplicável de difteria. Durante a pausa, Lillian comentou que a forma como a Jane falava enquanto Seth tinha um som germânico. Acrescentou ainda que, ao falar como Seth, a Jane usava os mesmos gestos e expressões faciais retratados no retrato que Rob pintou do Seth.)

Durante a pausa falou-se naturalmente sobre reencarnação. Lillian manifestou algumas dúvidas quanto ao conceito. A sessão retomou às 22h05, com o Seth a apontar agora para Lillian.

Vamos encerrar em breve a nossa sessão.

Contudo, reencarnarás quer acredites nisso quer não. É muito mais fácil quando as vossas crenças se alinham com a realidade, mas se não se alinham, não alteram em nada essa realidade. Dá-me um momento.

1832... Perto de um local que hoje se chama Bangor, no Maine. Viveste lá 41 anos, eras um homem magro. Vou transmitir estas impressões à medida que surgem. *Richita* (ou *Wichita*? — esta é a minha interpretação fonética). Um nome indígena... Uma guerra que não foi entre índios e brancos, mas entre índios e brancos contra outros índios e brancos. Não se tratava de nacionalidade, mas sim de comércio. Isto ocorreu um pouco mais a oeste, mas ainda na mesma região geral, envolvendo tribos vindas do Canadá. A resolução deste conflito ocorreu por volta de 1852 ou 1856.

Nessa vida, tiveste dois filhos. Um deles é hoje o teu atual marido, e o outro é um parente muito distante.

([Rob:] "Qual era o seu nome?")

Filho-dos-Salgueiros-do-Norte. Na vossa língua, soletra-se R, A, K, E, S; o primeiro nome era *Andrus* ou *Andrew*, com uma origem francesa também presente. Foi enterrado perto do Lago Champlain, a noroeste, num antigo cemitério.

(Seth voltou a apontar para Lillian.)
A filha desse homem casou então com alguém chamado *Lines*, um comerciante. Sofrias de dores na perna esquerda devido a uma antiga ferida. Também tinhas dificuldades com o ouvido direito e com os dentes. Nessa vida, confiavas demasiado na emoção, eras teimosa e pouco dada à razão. Desta vez, estás a fazer um esforço para corrigir essas características.

Tinhas uma meia-irmã nessa altura: *Miranda Charbeau*, do lado francês da família, que se casou com um ramo inglês — a família *Franklin Bacon*, de Boston.

(Agora com voz mais suave.)
Estou aqui esta noite apenas para vos dizer que estou aqui. Não estou aqui para fazer maravilhas. Estou aqui para vos dizer que sobrevivi à morte física — e que vocês também já sobreviveram à morte física inúmeras vezes. Muito simplesmente, esta é a minha mensagem para vós esta noite, e despeço-me com carinho...

E estou consciente de muitas coisas que vocês pensam mas não dizem. Não tenham medo da velhice, vós que sois ainda jovens, pois já foram velhos muitas vezes. E agora são jovens, e aprenderam com cada vida, como, de facto, aprenderão com esta.

(Sorriso.)

("Boa noite, Seth.")

(22h20. Como suspeitava, a sessão ainda não tinha terminado. Durante a pausa, Lillian contou que tinha vivido em Bangor enquanto criança e que tinha uma forte ligação emocional ao Maine. De tal forma que, ao mudar-se para o Estado de Nova Iorque, inicialmente recusava dizer que vivia lá. Disse também que tinha muitos familiares em Boston, Massachusetts.)

(Retomada às 22h30.)

O nome começa com um O.

(Aqui, o Seth refere-se a uma conversa durante a pausa sobre alguns dados fornecidos anteriormente. Não consigo identificar agora ao certo o que foi questionado. A Jane pensa que o “O” pode estar relacionado com o nome

Rakes. Algum dos presentes pode lembrar-se, e deixamos aqui espaço para anotações.)

Dá-me um momento, Joseph.

(Seth apontou agora para Janet Clifton.)

Aqui... Mesopotâmia, antes de ser conhecida por esse nome. (Pausa.) E aqui encontramos habilidades demonstradas, mas ignoradas e mal utilizadas ao longo de várias vidas. Um exemplo clássico do percurso comum a muitos com dotes psíquicos, mas com fraco controlo sobre as suas personalidades e capacidades.

Vidas na China e no Egipto, em funções religiosas variadas, mas sem o necessário sentido de responsabilidade. Infelizmente, tirando partido das oportunidades proporcionadas pelas classes dominantes ao longo das eras. Por isso, as habilidades não se desenvolveram plenamente e a personalidade estagnou.

Houve mortes pelo fogo em duas ocasiões. (Pausa.) Também houve envolvimento em matérias ocultas e alguma fraude. A personalidade confiava sobretudo nos próprios recursos.
1524... Irlanda... 1721, uma pequena cidade a 25 metros de *Charterous*. (Pausa.) A aproximação mais fiel: C, H, A, R... (a soletração não foi concluída). *Charteris*. (Pausa. Interpretação fonética minha.)

Manupelt. (Novamente, interpretação fonética. Jane, como Seth, repetiu a palavra.)

([Rob:] "Podes soletrar isso?")

M, A, N, A, U, P... (pausa) A, U, L, T — apelido. Uma cúria. (Pausa.)
Existe aqui uma ligação com a primeira personalidade histórica que encontrámos: uma ligação muito distante com Joana d'Arc, pelo lado paterno da mística, duas gerações removidas. E esse nome, com a ortografia dada, aparece em alguns registos.

AULA DE PES

Continuação de Fevereiro de 1968

([Rob:] "Onde estariam esses registos?")
Numa velha catedral. Com o nome que já vos dei. O nome da família, da cidade e da catedral são o mesmo.

Agora, meu caro amigo Joseph, tenho o Ruburt num bom estado. Tens alguma pergunta que possa ser respondida aqui e agora?

([Rob:] "Como é possível saberes estas informações?")
(Sorriso.) Temos feito sessões durante quanto tempo... e só agora me perguntas isso?

([Rob:] "Só queria que explicasses isso para os que estão aqui presentes.")
Muito bem. A vossa ideia de tempo é falsa. O tempo, tal como o experimentam, é uma ilusão provocada pelos vossos próprios sentidos físicos. Estes forçam-vos a perceber a ação de certas formas, mas essa não é a verdadeira natureza da ação.

Têm de perceber a realidade através dos vossos sentidos físicos, mas esses sentidos distorcem-na. Apresentam-vos a realidade à sua maneira. Só conseguem perceber a realidade em pequenas fatias, e por isso parece-vos que um momento existe, depois desaparece para sempre, e o próximo surge, para também desaparecer. Mas tudo no universo existe ao mesmo tempo — simultaneamente — e as primeiras palavras alguma vez pronunciadas ainda ecoam por todo o universo; e, nos vossos termos, as últimas palavras também já foram ditas inúmeras vezes, pois não há fim nem princípio. É apenas a vossa perceção que é limitada.

A realidade não é limitada. Não há passado, presente e futuro — esses conceitos existem apenas para aqueles que vivem numa realidade tridimensional. Como já não me encontro nessa limitação, consigo perceber aquilo que vocês não veem. Mas há uma parte de vós que também não está presa à realidade tridimensional — e essa parte sabe que não existe o tempo, apenas o eterno agora. Essa parte de vós é o vosso Eu total, a personalidade interior que conhece todas as vossas vidas.

Quando vos digo que viveram, por exemplo, em 1936, faço-o porque isso vos faz sentido agora. Mas vivem todas as vossas reencarnações ao mesmo tempo. Só que não têm consciência disso e não conseguem compreender dentro da estrutura da realidade tridimensional.

Imaginem que têm sete sonhos ao mesmo tempo, e que vocês, o sonhador, sabem que estão a sonhar. Dentro de cada sonho podem passar-se cem anos terrestres — mas para o sonhador, nenhum tempo passou, e nem sequer há tempo que possa passar, porque está livre da dimensão onde o tempo existe. O tempo que parece decorrer dentro de cada sonho, dentro de cada vida, é apenas uma ilusão. Para o Eu interior, nenhum momento passou. Para esse Eu interior, o tempo não existe.

([Rob:] "Obrigado, Seth.")
(Término às 22h55. Jane, como Seth, proferiu esta última parte de forma apaixonada, com rapidez e intensidade.)

(A Janet Clifton contou-nos que sempre teve medo do fogo. Acrescentou que Joana d'Arc sempre teve um papel marcante na sua vida; na escola, por exemplo, era chamada de Joana d'Arc, bruxa, etc.)

AULA DE PES

20 de Fevereiro de 1968 – Terça-feira

Tenho estado aqui a escutar. Estamos a ter algumas dificuldades com a voz do nosso amigo e, como podem ver, ele decidiu vestir uma saia em vez de calças, o que, de algum modo, facilita estas atividades.

Agora começamos a estudar o meu material. Estarei próximo, pois esse material é o melhor que posso oferecer-vos. Contém pistas sobre verdades fundamentais. Qualquer discurso dentro do vosso sistema — qualquer expressão — tem de ser matizado e ligeiramente distorcido para fazer sentido para vocês.

A realidade básica não precisa de palavras. As palavras são apenas símbolos. Mas sem símbolos, não conseguem compreender intelectualmente aquilo que tenho para vos transmitir. Por isso, tenho de usá-los. Há perguntas que

gostariam de me colocar, e eu responderei no tempo certo, quando surgir a oportunidade.

A vossa ideia de realidade vai começar a mudar, e terão de aprender a movimentar-se dentro desse novo sistema, pois as regras antigas já não se aplicarão. Não conseguirão continuar como antes, pois aprender implica novas responsabilidades, e terão de se expandir e crescer.

O meu material não vos facilitará a vida. Irão exigir mais de vós próprios. Darão mais. Insistirão em aprender a usar as vossas próprias capacidades. Não vos darei respostas. Mostrar-vos-ei as perguntas e tentarei guiar-vos até às respostas. As vossas intuições servirão de guia — e irão despertar à medida que estudam.

Estarei a acompanhar o vosso progresso. Embora não tenha estrelas douradas para vos oferecer, podem deixar uma maçã ao Ruburt. Antevejo um período muito gratificante e, de facto, se tiverem perguntas, poderão agora receber as respostas "diretamente da boca do cavalo".

Ora bem, o vosso "brinquedo" (referência ao corpo do Ruburt) não vos faz justiça, mas teremos de o aceitar. Estão ainda na fase de aprendizagem, e em breve veremos até onde podem desenvolver-se e o que podem alcançar.

Há alegrias e benefícios que resultarão dos vossos estudos. Eles chegarão se se permitirem abrir ao vosso Eu interior. Chegarão à medida que aprenderem a usar os vossos sentidos interiores — e o material explicará o que são esses sentidos e como utilizá-los.

Estamos agora a iniciar um novo ponto nas vossas aulas. E se o meu amigo Ruburt permitir, terão ocasionalmente outro professor — pois irei intervir de vez em quando para realizar as minhas próprias demonstrações. Naturalmente, é desnecessário dizer que certas condições têm de ser cumpridas. As circunstâncias têm de ser favoráveis. Quaisquer palavras minhas terão sempre como objetivo acelerar a vossa aprendizagem — pois, como já disse muitas vezes, sou um educador, e esse é o meu principal propósito, inclusive nesta aula.

Se ocorrerem demonstrações, acontecerão apenas quando o momento for o certo. Acontecerão como um complemento, para ilustrar pontos que devem ser compreendidos. Tentarei fornecer-vos as informações que sei que

desejam, mas por vezes também vos darei informação que talvez preferissem não receber.

Só vós sois responsáveis pelo vosso próprio desenvolvimento. Ninguém pode desenvolver as vossas capacidades por vós. Eu estou aqui, e já estive aqui muitas vezes, nas vossas aulas.

É porque atingiram um certo ponto no vosso desenvolvimento que vos falo esta noite. E, ao fazê-lo, estou entre sistemas. Não estou nem aqui nem ali, percebem? Estou a usar o sistema nervoso do Ruburt, por exemplo, mas não sou o Ruburt. Venho de muito longe — embora essa distância nada tenha a ver com espaço. Estou separado de vós de uma forma que não tem relação com distância física.

Posso dizer que, na verdade, estou a gostar muito desta situação — sendo agora o único cavalheiro presente. Estou a tentar deixar transparecer mais da minha personalidade esta noite, para que me possam conhecer tanto pelas minhas características como pelas minhas palavras. Se não gostarem de uma, talvez prefiram a outra.

Mas, quando vos falo da morte, saibam que eu próprio já morri e renasci muitas vezes. E no entanto, aqui estou, a falar convosco — e falo com entusiasmo, para alguém "morto". Por isso, quando se sentirem tentados a pensar na morte como um fim absoluto, lembrem-se de que conhecem um espírito bastante animado. E quando ouvirem a minha voz a falar através do Ruburt esta noite, lembrem-se de como ela estava rouca antes de eu começar a falar — e saibam que, se eu não fosse um cavalheiro, poderia facilmente aumentar bastante o seu volume.

A hora é tardia, contudo, e o Ruburt não me agradeceria pelo incómodo. Ficaria preocupado com os vizinhos.

Agora que as circunstâncias são favoráveis, devemos aproveitá-las. Não vos vou reter por muito mais tempo. Eu, por mim, poderia continuar assim durante horas — mas compreendo as vossas limitações humanas e sei que precisam de coisas como o sono. Estou, de facto, a manifestar-me muito bem esta noite. E se me permitem dizê-lo, sinto-me num estado de espírito particularmente traquinas.

Quero mostrar-vos que os chamados “espíritos” não são sempre sisudos e soturnos. Admito que por vezes sou brincalhão. Devem compreender que a realidade básica é alegre — e que o caminho de vida em que espero que embarquem é um caminho de alegria. E se, através das minhas ações e da minha comunicação, vos conseguir mostrar isso — então terei feito um excelente trabalho.

Agora, não servirá nenhum propósito profundo ou sagrado aparecer-vos desta forma nem elevar a minha voz de um modo que seria completamente impossível para esta jovem mulher tão franzina. Mas... dado que as circunstâncias são tão auspiciosas, estou seriamente tentado.

AULA DE PES

Final de Fevereiro de 1968

Isto não significa que uma demonstração não tenha um propósito, pois todas as minhas demonstrações têm um propósito. Esta, em particular, serve para mostrar que existe uma vitalidade real que persiste para além da morte física — e que essa vitalidade é alegre. A personalidade continua a existir. E este homem cooperante e sociável permite-me falar com um tom livre e destemido. Pois isto está longe de ser o fim, e estou aqui para vos dizer que, se quisesse, poderia continuar esta demonstração até que os vossos próprios tímpanos implorassem misericórdia. No entanto, não o farei.

A escrita é lenta. Estou consciente de que terei algumas pequenas dificuldades com o meu amigo, mas o Ruburt compreende. Quando as condições são ideais, ele permite-me manifestar-me com clareza. Mas ele ainda se preocupa com aspetos superficiais — como o volume da voz — e está apenas agora a aprender a controlar esses elementos. Por isso, vou terminar a sessão, porque compreendo que a vossa hora é tardia. No entanto, essa hora nada tem a ver comigo; apenas me curvo perante a vossa vontade.

Ofereço-vos os meus mais calorosos cumprimentos e as bênçãos que me é possível oferecer. Por vezes, posso manifestar-me com maior ou menor clareza. Agora, estou aqui numa forma relativamente pouco distorcida, e irão reconhecer-me e lembrar-se de mim quando voltar. E eu lembrar-me-ei de vós, pois agora sinto que vos conheço a todos muito bem.

(Sussurrando.) Agora não vamos incomodar ninguém. Deverei simplesmente ficar aqui a irradiar, ou deverei continuar a falar? Não desejo ofender o Ruburt — de forma alguma. Estou aqui esta noite para vos mostrar que a morte não vos transforma automaticamente em fantasmas sombrios e sisudos. Estou aqui para vos mostrar que continuo a ser eu próprio — e que vocês também continuarão a ser vocês mesmos.

(E agora, dirigindo-se a Rachel:) Uma pequena nota: não tens nada com que te preocupar, relativamente ao que mencionaste mais cedo esta noite. O sonho foi causado pelo teu medo interior. Contudo, estiveste em contacto com a tua avó. Quis falar-te de forma menos distante do que o habitual. Quis transmitir-te que a personalidade é composta por elementos indestrutíveis, e que esses elementos nunca se perdem. Quis que sentisses o impacto da minha personalidade como sentirias o de qualquer outra pessoa viva. Em outras palavras, quis falar contigo como pessoa. E agora, vou deixar-vos.

AULA DE PES

29 de Fevereiro de 1968 – Quinta-feira, 22h00

(Sessão espontânea durante a aula. Notas tomadas por Lillian e Janet.)

Eu manifestar-me-ei nesta aula sempre que as circunstâncias o permitirem. Alguns de vós sentiram-se incomodados quando eu disse (na única outra sessão com esta Aula) que estavam destinados a estar aqui. Talvez tenham sentido que estavam a ser forçados. Mas a verdade é que estavam prontos para procurar respostas — e também novas perguntas. Foram guiados pelos vossos eus interiores até um lugar onde essas questões poderiam ser abordadas. O meu material irá, de facto, transformar as vossas vidas.

Vocês sonham e esperam que as vossas vidas sejam criativas — e é por isso que estão aqui. Outros não estão. Vocês estão porque querem aprender, compreender as diversas dimensões da vossa própria realidade. Sentem algo que nunca vos foi explicado.

Voltarei a estar presente — fale eu ou não. Estou aqui esta noite para vos dizer que, quando as condições forem adequadas, falarei convosco e responderei às vossas perguntas.

Há realidades e dimensões que sentem, e têm razão. Elas existem fora dos sistemas de conhecimento reconhecidos. As perguntas que fazem não são consideradas legítimas pelas escolas académicas convencionais. A minha própria presença deveria fazer-vos refletir. No meu material encontrarão uma estrutura, e essa estrutura permitir-vos-á compreender o que é a realidade. Permitir-vos-á despertar e ver através da camuflagem que chamam realidade física.

Segundo o que vos foi ensinado, eu não deveria sequer existir. E, no entanto, posso assegurar-vos: existo. O que acontece nesta sala não deveria acontecer — segundo aquilo que aprenderam. E, mesmo assim, acontece. Isso basta para vos abrir os sentidos interiores, para vos mostrar que existe muito mais do que aquilo que vos disseram.

Pensam que, ao envelhecer, se tornarão enrugados e deixarão de existir? Nada mais longe da verdade. Pois aqui estou eu, supostamente um "nada", e falo bem alto. Quando as condições o permitirem, tornar-me-ei ainda mais conhecido nesta sala. Existem certas regras que o meu amigo Ruburt me impõe — uma delas é que controle o volume da voz — e farei o possível para cumpri-las.

Já disse antes: a vitalidade de uma personalidade permanece vitalidade. O facto de ter deixado o vosso planeta não significa que tenha de ser sombrio ou falar em tons graves. A existência não exige sobriedade. A existência é alegre, e a vitalidade ressoa em todo o universo — e fala com uma voz como a minha.

Ser abençoado não significa andar de cara fechada.

Podem usar o intelecto e as emoções. Não é preciso suprimir um para ter o outro. As ideias no meu material abrirão os vossos olhos — os vossos olhos interiores. Começarão a olhar para o universo de formas que nunca antes olharam. O mundo camuflado é belo, mas há muito mais do que aquilo que veem. Olhem onde os vossos olhos físicos nada veem, e encontrarão muito que vos surpreenderá. Escutem onde nada ouvem — e ouvirão mais do que alguma vez imaginaram.

Agora o meu amigo Ruburt pode fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferir. Estou encantado por falar convosco. Estou aqui desde que entraram na sala, e aqui permanecerei até saírem.

Sabem mais do que imaginam. O vosso conhecimento interior impulsionar-vos-á sempre a procurar as respostas de que precisam. Nalguma ocasião futura, falarei de forma menos solene. Estou limitado pelo veículo através do qual me expresso. No entanto, ofereço-vos verdadeiramente as bênçãos que tenho para vos dar.

(Pausa às 22h17. Sessão reiniciada às 22h27.)

De acordo com o que vos foi ensinado, o meu amigo Ruburt deveria ser considerado louco. Mas não é. Segundo o que vos ensinaram, sois feitos de matéria física e não podem escapar disso. Mas isso também não é verdade. A matéria física de que parecem ser compostos desintegrar-se-á na morte física — mas vós não vos desintegrarão.

Mesmo que não me consigam encontrar, sabem que estou aqui. Mesmo que os vossos próprios pais pareçam desaparecer diante dos vossos olhos e sumir-se na eternidade, parece-vos que também tudo aquilo que vocês são desaparecerá. Mas posso assegurar-vos que os vossos pais continuarão a viver. Posso assegurar-vos que a morte é um novo começo — e que, quando morrerem, não ficarão em silêncio.

Será isto silêncio? Esta presença que agora sentem nesta sala — será isso morte? Estou mais vivo do que muitos que ainda andam sobre o vosso planeta. Mais vivo do que alguns dos vossos professores ou amigos. Pois estar vivo depende do estado da vossa consciência — depende da vossa perceção e capacidade de sentir.

Estou aqui para vos dizer que a vossa alegria não depende da juventude — pois eu estou longe de ser jovem. Estou aqui para vos dizer que a vossa alegria não depende do corpo físico — porque eu não tenho corpo. Estou aqui para vos dizer que a vossa alegria não depende do sistema nervoso ou da forma física — pois não os possuo. Tenho aquilo que sempre tive: a identidade que é minha. Essa identidade nunca se perde — ela cresce e desenvolve-se.

Vós sois o que sois — e sereis mais ainda. Não tenham medo da mudança — pois vós *são* mudança. Mudam enquanto estão sentados diante de mim. Toda a ação é mudança. Sem mudança, o universo seria estático — e a morte, de facto, seria o fim.

Como Seth, conhecem-me como um velho homem. Mas já fui uma jovem mulher. Abram-se à mudança — com alegria.

(Explicação difícil de verbalizar. Aqui, fizemos uma pausa. Lillian começou a ler as notas que tinha tomado, e o Seth corrigiu-as enquanto lia, num diálogo constante.)

Estou aqui para vos dizer que o que vocês são não depende sequer do que sentem ou tocam. Não me podem tocar — e ainda assim sabem que estou aqui.

AULA DE PES

Março de 1968

Aquilo que eu sou é também o que tu és. Sou uma consciência individualizada — tal como tu és.

Não temas, mas muda com as estações, pois és mais do que as estações, e és tu que as formas — elas são o reflexo do teu clima psíquico. (Esta frase tinha ficado de fora anteriormente, pois Seth falava tão rapidamente que se tornava difícil tomar notas.) É melhor eu deixar-vos por agora, pois sois, de facto, uns escribas frenéticos. Precisamos de um gravador, pois se eu falar naturalmente, não conseguirão registar tudo.

Vim com um único propósito: que sintam a minha vitalidade — e, ao senti-la, que saibam que vos falo a partir de dimensões para além daquelas que vos são familiares. A sepultura não é o fim, pois ninguém tão ruidoso como eu alguma vez falou com lábios de morte.

Sinto alegria, ainda que não possua um coração físico ao qual possa chamar meu. Estou nesta sala, embora não exista nenhum objeto onde me possam colocar. E tu também não estás dentro de nenhum objeto. És tão incorpóreo quanto eu. Tens um veículo de uso — um corpo que chamas teu — e apenas isso. Eu tomo de empréstimo o de Ruburt, com o seu consentimento. Mas

aquilo que eu sou não depende de átomos nem de moléculas. E aquilo que tu és também não depende da matéria física.

A tua consciência faz parte de cada estação. Não estás limitado pelos ossos do teu crânio.

Já viveste antes, estás a viver agora, e viverás novamente. E mesmo quando terminares a existência física, continuarás a viver.

Eu posso desfrutar dos teus dias terrenos sempre que assim escolher — passear sem corpo pelas tuas ruas primaveris, e contemplar, através dos olhos de Ruburt, as noites de inverno. E quando aprenderes aquilo que precisas de aprender, poderás olhar para trás, para os passados que viveste, e para a frente, para os dias que virás a viver — pois não há fim, porque também nunca houve princípio. Sempre exististe — e sempre existirás. Esse é o verdadeiro significado da existência e da alegria. O Deus que É está dentro de ti, pois tu és parte de Tudo Aquilo Que É.

E pela minha voz ouves um pequeno eco de Tudo Aquilo Que É.
(A voz tornou-se aqui muito poderosa. Janet comentou que, embora soubesse que vinha de Jane, parecia ressoar por toda a sala.)

Há realidades e sistemas presentes nesta sala que não percebem conscientemente — mas os vossos sentidos interiores percebem-nos.

Aproximo-me de vós como se surgisse por uma brecha no espaço e no tempo. Existem dobras no espaço-tempo por onde podeis viajar — e, em sonhos, já estivestes onde eu estou. Estais a sonhar. Ainda não despertaram. Os sentidos interiores permitir-vos-ão esse despertar — e então verão a realidade desperta por detrás do vosso sonho.

O meu amigo Ruburt pode fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como desejar. Podeis pensar em mim como um velho, mas a minha alegria circula por esta sala como um passarinho azul a voar de canto em canto. E a minha essência, como o ar, preenche este espaço — tal como a vossa também o preenche.

(Pausa às 23h13. Retomada da sessão: as primeiras frases perderam-se; Seth regressou subitamente.)

Têm feito um excelente trabalho e dou-vos os parabéns (dirigindo-se a Lillian). Fui advertido pelo meu amigo, por isso não vos tomarei mais tempo. Tentei esta noite falar-vos de realidades com as quais estão profundamente envolvidos — mesmo que não o saibam.

Quero que sintam a vossa própria vitalidade. Sentem-se, sozinhos, por alguns momentos, numa sala em silêncio. Sintam a vossa identidade crescer e expandir-se. Sintam-na viajar pelo universo — e saibam que ela não depende da vossa imagem física. Pois são vocês que formam o vosso universo físico — e não o contrário.

Estais a sonhar. O sonhador diz que é a realidade física que vos forma. Mas, na verdade, sois vós que projetam a vossa energia psíquica para o exterior — para o universo físico. Por isso, para mudarem o vosso mundo, devem mudar aquilo que projetam.

AULA DE PES

12 de Março de 1968

Vim até vós brevemente, por uma razão simples: para que saibam que são verdadeiramente bem-vindos aqui — e que, de forma alguma, incomodam o nosso amigo Ruburt. Ele, de resto, já não se incomoda com tanta facilidade. Não houve ainda uma sessão com a vossa presença, e não queria que pensassem que tinha algo contra vós, como sabem. Não interferirei, pois sei que têm assuntos a tratar com a vossa mesa. Só queria que soubessem que estou aqui — como prometi.

(Algum silêncio...)

Agora, considerarei a situação em que estás envolvida (apontando para Florence), e trataremos disso numa sessão futura, o mais breve possível. Existe de facto uma complicação, em parte relacionada com vidas passadas, mas também com o passado da mulher em questão. O problema terá de ser resolvido por ela própria. Terá de encontrar apoio dentro de si mesma. Ela está a considerar apenas a sua própria posição, projetando a partir do tormento interior que sente. Há conselhos que a poderão ajudar, e irei aprofundar esta questão numa sessão apropriada. Também tratarei de outro

assunto de que falaste — e foi, de facto, por minha inspiração que Ruburt teve hoje o discernimento sobre certo aspeto desse problema.

Agora deixo-vos continuar com a vossa aula. Se não me manifestar com a leveza de uma brisa primaveril, perdoem-me. É um prazer estar aqui. Tenciono assistir às vossas aulas. Quero ver que tipo de professor é o vosso Ruburt — e hei de corrigi-lo se cometer erros.

Estou numa posição de ensinar Ruburt e Joseph — e a responsabilidade deles é ensinar os outros. Podiam ter aceite essa missão ou não. A escolha era deles. No entanto, o seu próprio desenvolvimento não seria tão completo se tivessem ignorado essa responsabilidade. Eles conhecem-me — e já me conheciam bem em vidas passadas. Por isso, eu não era o estranho que pensavam que era.

Esta é a última encarnação deles — e digo-vos que é muito mais fácil resolver os problemas agora do que mais tarde. E eles estão a resolvê-los agora — e, ao fazê-lo, ajudam também os outros.

Ruburt teve sempre uma dificuldade — se me perdoarem — em integrar as várias capacidades que possui. Ou era tão intelectual que ninguém o compreendia, ou tão intuitivo que igualmente não se fazia entender. O desafio que ele impôs a si próprio nesta vida foi o de integrar essas duas forças — e tem tido as suas dificuldades. Já nos conhecemos muitas vezes, Ruburt, Joseph e eu.

E, embora brinque convosco por estar a falar através de uma mulher — como já vos disse — eu também já fui mulher. Por isso, essa estranheza não é tão grande quanto às vezes finjo que é.

A vossa entidade conhece os vossos pontos fortes e fracos — e dá-vos situações de vida esperando que resolvam os vossos próprios problemas. Ninguém vos obriga a resolvê-los. Podem aceitá-los ou fugir deles. Ninguém vos diz que *têm* de evoluir. No entanto, o desejo de desenvolvimento já está dentro de vós. Encontrarão o vosso próprio caminho.

Eu já estive onde vós estão. Agora, estou neste mesmo espaço que habitam nesta sala. Um dia, vós estareis onde eu estou — e terão aprendido muitas coisas. Posso apontar-vos o caminho — mas são vocês que têm de o percorrer.

Sempre que se sentirem verdadeiramente felizes, estão no caminho certo. Nenhum deus jamais pretendeu que sofressem. Deus é um ser de alegria. Na medida em que não se apercebem de que existem n'Ele, sentem tristeza. Na medida em que não desenvolvem as vossas capacidades e não as projetam para a realidade física, sentem tristeza. Na medida em que não vivem à altura do vosso potencial, sentem tristeza.

É verdade que se encontram a si mesmos quando se esquecem de si. São, de facto, parte de Tudo Aquilo Que É. E quando tentam concentrar-se naquele pequeno "eu" que imaginam ser, então deixam de saber onde estão — e não conseguem encontrar-se.

Agora vejam o que fizeram às minhas intenções. Vim aqui apenas para saudar o nosso novo amigo, e encontro-me de imediato envolvido numa discussão filosófica. Mas, embora seja divertido falar convosco — porque, como sabem, sou um professor — não posso simplesmente deixar as coisas por aí. Tenho sempre de transmitir uma mensagem. Cada vez que aqui venho, mesmo que as palavras fossem absurdas, ainda assim haveria uma intenção. A minha mera presença nesta sala já transmite um propósito — embora, posso assegurar-vos, as minhas palavras estejam longe de ser disparates!

E por bondade do meu coração invisível, permitirei que o nosso amigo Ruburt descanse. Mas estejam certos de que não sou uma massa amorfa de protoplasma invisível. Eu sou eu mesmo, e sempre serei eu mesmo. Estou consciente de vós tal como sois — e pode haver de facto uma troca real entre nós. Pois, mais uma vez, já estive onde vós estais. E onde eu estou, queridos amigos, também vós estareis um dia!

(Seth retirou-se e houve um intervalo.)

Agora, compreendam: não existe lugar, no verdadeiro sentido. Em primeiro lugar, não existe "lugar" tal como o concebem — não há Céu como localização física. Sois vós que criais as vossas ideias de espaço. A existência gera a sua própria realidade. Os vossos sentidos físicos moldam a ideia de espaço que têm. Este mesmo espaço, nesta sala, contém a mim e a outros como eu. O espaço é uma ilusão criada pelos vossos sentidos. Com eles, reconheceis apenas uma pequena parte da realidade. Aquilo que reconheceis, chamais "físico". Mas há muito mais presente neste espaço que não percebem.

A consciência não ocupa espaço — pelo contrário, é ela que dá forma ao espaço. Quando a consciência precisa de espaço para operar, ela própria o cria. Quando repousa, não precisa de espaço, e, portanto, não o cria nesses termos. Torna-se energia concentrada, voltando-se sobre si mesma em descanso ou sono. O conhecimento no vosso cérebro não ocupa espaço físico. Os sonhos moldam a vossa personalidade, mas não ocupam espaço físico. A vossa personalidade existe independentemente do espaço e do tempo.

Entre encarnações, repousais numa dimensão onde espaço e tempo se expressam de forma diferente. Regressais ao espaço-tempo apenas se desejarem reencarnar. No lugar onde eu estou, espaço e tempo, tal como os definem, não existem. Posso usá-los em certa medida para comunicar convosco, mas para mim são transparentes — e, no fundo, não têm existência real.

Curiosamente, os olhos de Ruburt funcionam muito melhor quando estou no controlo. Vejo cada um de vós com os olhos de Ruburt fechados — vejo como foram em vidas passadas e como serão no futuro. Mas, com os olhos dele fechados, é difícil localizar-vos como vos imaginais agora, neste momento e neste lugar específicos. Vejo-vos como um todo, em todas as vossas dimensões. Com os olhos dele abertos, posso ver-vos como ele vos vê — como personalidades específicas neste ponto do tempo e do espaço — e assim posso compreender onde se encontram no vosso percurso.

Continuemos, brevemente, enquanto Ruburt aprende a manipular os seus próprios controles. Nos vossos sonhos, comunicam com vidas passadas. Frequentemente reconhecem quem foram, o que aprenderam, os desafios que enfrentaram. Em vigília, manipulam átomos e moléculas para formar imagens físicas que vos parecem permanentes — mas não são. Os átomos e moléculas estão em constante mudança, embora mantenham uma aparência estável para que possais interagir com o vosso mundo.

Nos sonhos, criam também ambientes — e fazem-no da mesma forma que no estado desperto. A diferença é que, como não concentram energia neles por muito tempo, são menos duradouros. Pensam que são experiências privadas, mas não são totalmente. Os sonhos podem, até certo ponto, ser partilhados — e são, através da telepatia.

Tudo aquilo que conhecem da realidade é por vós criado. Sempre foi assim. O céu e o inferno que concebem são experiências interiores vossas, reflexos das consequências das vossas ações. Existe, sim, num tempo longínquo, um retorno à origem — aquilo que chamam Deus. Mas, nesse momento, uma nova criatividade já terá começado. A consciência evolui eternamente e surgem novos desafios. Não há fim. Isto não significa ausência de paz. A paz está já dentro de vós. Se ao menos a reconhecessem, veriam que está mais próxima do que a vossa própria respiração, mais íntima do que o vosso próprio pulso — tão próxima quanto o ar.

Sois cocriadores. Aquilo que chamam Deus é a soma de toda a consciência — e ainda assim, o Todo é mais do que a soma das partes. Deus é mais do que todas as personalidades somadas, mas são todas essas personalidades que compõem o que Ele é. Há criação constante — mas também há paz na criação.

Existe em vós uma força que vos permite respirar. Uma força que soube como vos formar, desde o feto até à maturidade. Essa força faz parte do conhecimento inato de toda a consciência — e é também parte do Deus que existe dentro de vós.

A responsabilidade pela vossa vida e pelo vosso mundo é vossa — não vos foi imposta por nenhuma entidade exterior. São vocês que moldam os vossos sonhos e a vossa realidade física. Disse hoje a Ruburt que Deus vos deu o maior e mais extraordinário presente: **Ele deu-vos o que quereis.** O mundo é aquilo que desejais — como indivíduos e como civilizações. O mundo é aquilo que vós sois. Quando observais o estado do mundo, estão a ver a manifestação física dos vossos próprios eus interiores.

Quando olham para a natureza, encontram o reflexo da alegria que também reside em vós — expressa no exterior. O bem que veem no mundo é um reflexo do bem que existe dentro de cada pessoa, multiplicado milhões de vezes. E não há homem que odeie cujo ódio não se manifeste no mundo físico — e nenhum que ame sem que esse amor também se manifeste e se faça matéria.

(Seth retirou-se e, durante a conversa que se seguiu, Theodore disse a Jane: "Deve ser mesmo o Seth, tu e o teu marido eram velhos companheiros de copos noutra encarnação.")

Sim, de facto. O nosso pequeno amigo Ruburt era, por vezes, um velhote bastante libertino — e eu, perdoem-me, era sua mãe. (Sorriso.) O que tento aqui é criar convosco um contacto pessoal, não por mim — mas por vós.

Quero que compreendam que o vosso "eu", tal como se percebem, não se altera com isto. Tive esta mesma personalidade, com pequenas variações, ao longo dos séculos. E vocês estão presos às vossas, como eu estou à minha. Todas as capacidades que possuo agora, sempre as tive. E vocês também possuem capacidades que ainda não estão a utilizar — e quanto mais cedo as explorarem, melhor será para vós.

Quero que saibam que, embora já não habite o vosso sistema físico, a personalidade humana que sou — e que já preencheu muitas formas físicas — ainda existe. Continuo a aprender. Ainda tenho trabalho a fazer. E vós também o tereis. Continuarão a definir novos desafios para vós próprios.

Há um curto intervalo entre vidas em que descansamos e avaliamos o que aprendemos e onde estamos. Mas a verdadeira paz está dentro de nós agora. E, se não a reconhecemos, não é porque ela não exista, mas sim porque nos fechámos a ela. A alegria nasce da paz. A alegria não pode surgir da inquietação nem da insatisfação. Não encontraremos paz depois desta vida, a menos que a conheçamos em nós no presente. O reino da paz não está noutro planeta, nem a quatro quarteirões de distância ou a milhões de anos-luz — e não o descobriremos por milagre. O reino da paz está dentro de cada um de nós agora, e se tomarmos consciência disso, então habitamos verdadeiramente em paz. E é dessa paz que advêm a nossa segurança, a nossa confiança e a nossa alegria.

Ruburt e eu trocamos provocações amigáveis, num jogo mútuo. Somos ambos seres invulgares, mas tudo isto assenta numa compreensão espiritual — e é através da paz que surge a alegria. Podes tossir à vontade. Força nisso. Tens alguma noção da energia necessária para eu te falar nestes termos? Ou da manipulação que tanto Ruburt como eu temos de executar? Pois, de facto, não tenho qualquer desejo de rebentar-lhe os pulmões. No entanto, digo-te: esta pequena quantidade de energia é insignificante em comparação com a energia que existe dentro de cada um de vós neste momento — e que não estão a usar. A energia e as capacidades que são vossas.

O meu amigo Ruburt enviou-me certos sinais — diz que a voz está demasiado alta, que os vizinhos se podem queixar. E tem provavelmente razão. Assim, vou deixar-vos por agora. Mas recordo-vos — e vós recordareis as minhas palavras. Afinal, não vim aqui para nada.

Notas de Jane Roberts — 22 de Maio de 1968 (quarta-feira): sobre os acontecimentos da aula de 21 de Maio de 1968

Durante a aula, com as luzes acesas, Rose Cafford disse de repente que conseguia ver a minha aura. Há anos que, ocasionalmente, ela é capaz de ver auras — creio que Rachel Clayton também. Vera e Theodore também conseguiram vê-la; e Sally também — todos, exceto Florence, creio eu. Sem lhes dizer o que estava a tentar fazer, concentrei-me em intensificar o brilho da minha aura, dizendo mentalmente: “fogo, brilha”. Quase de imediato, Rose, Sally e Rachel disseram que a aura se tinha tornado intensamente brilhante. Fiz isto várias vezes. (Nunca tinha visto uma aura.) A aura mudava de cor — sozinha, era branca, larga e facilmente visível.

Estava sentada na cadeira de baloiço, com todas as luzes acesas. Outras pessoas também se sentaram nessa cadeira, posteriormente. Eu própria consegui então ver a aura de Rachel, Theodore e Sally. A posição dos observadores parecia influenciar, mas não importava onde as pessoas estavam sentadas ao observar a aura — não era necessário estarem na cadeira de baloiço.

Tive a sensação de que podíamos tentar algo mais. Apagámos quase todas as luzes; em certo momento, estavam todas apagadas, embora houvesse alguma luz vinda da rua. Curiosamente, as auras eram mais visíveis com a luz do que na escuridão. Depois, com os estores fechados e uma vela acesa noutro canto da sala, sentámo-nos à volta da grande mesa verde. Eu disse: “Se estiver alguém presente, dá-nos um sinal”, etc. Referi a minha inexperiência com fenómenos físicos e comentei que ectoplasma seria fantástico, se possível.

Três ou quatro de nós notaram claramente uma névoa ou fumo numa parte da sala, afastada da mesa, mais no interior. Algumas pessoas tinham fumado

mais cedo, mas não nesse momento. Teria o fumo ficado mais visível na escuridão? Não se notava nada com as luzes acesas antes, e a névoa parecia mover-se de um lado para o outro da mesa de centro. Sally disse que por vezes conseguia ver um quadro na parede ao fundo, e noutras ocasiões a névoa ocultava-o.

Sentámo-nos depois à volta da mesa de centro com as luzes acesas e a vela acesa numa das pontas. Pedi em voz alta que a chama mudasse, que se elevasse. Em vez disso, tive uma estranha sensação de expansão por cima da minha cabeça. Antes que pudesse comentar, Rose e outra pessoa — talvez Sally — disseram que a minha aura mudara de cor e se tornara roxa. Isto aconteceu várias vezes, coincidindo com a sensação subjetiva de extensão — a mesma que tenho nas sessões recentes com Rob. Definitivamente, não era imaginação. Era algo muito real — diria até físico, embora a sensação "física" estivesse num ponto onde não tenho corpo. Não dei indicações sobre a aura, embora, por fim, tenha partilhado a sensação e perguntado se havia alguma mudança — e houve. Para mim, foi a experiência mais vívida da noite.

Seguiu-se então o episódio mais marcante para os outros presentes. Eu disse que ia tentar algo, sem revelar o quê. Concentrei-me mentalmente em fazer algo aos meus braços — talvez formar um braço ectoplásmico — e pedi ajuda. Em vez disso, senti como se os dedos da minha mão esquerda se estendessem. Sally e Rose disseram que algo estava a acontecer à minha mão esquerda, que estava estendida, com o braço apoiado no apoio da cadeira. Não sei se senti a sensação antes ou depois dos comentários, mas não fiz qualquer sugestão nem coloquei perguntas, pois estava com os olhos fechados, concentrada, num estado de transe ligeiro, consciente dos seus comentários. Sally fez-me uma pergunta direta e eu não consegui responder.

Todos na sala — exceto Theodore, que estava mal posicionado — relataram o seguinte: observaram a mão em transformação, com as articulações e os nós dos dedos a tornarem-se grossos e salientes, a carne parecia desaparecer, deixando a mão mais fina, semelhante à de uma mulher muito idosa, extremamente ossuda, com articulações visivelmente aumentadas. Rose assustou-se. Sally disse que a mão parecia tão rígida que me perguntou se eu conseguia dobrar os dedos — eu não consegui responder, mas tentei. Nesse momento, decidi sugerir-me a sair do transe e a devolver à mão o seu estado normal.

Depois comparámos a mão normal com aquilo que tinham visto. Questionei se poderia ter sido apenas a luz? Ou sugestão? Mas não tinha dado qualquer sugestão. As minhas mãos são magras — mas Rose garantiu que a mão que via agora era de uma jovem e que, antes, era definitivamente a mão de uma mulher muito idosa. Todos concordaram com isso — até Florence. Apenas Theodore não viu claramente. Pensou que talvez a mão tivesse adormecido — mas não foi o caso. Não sei quanto tempo durou tudo isto — talvez uns dez minutos no total, sendo que a manifestação da mão terá ocupado entre três e cinco minutos.

Estavam presentes: Florence, Rose, Rachel, Sally, Theodore e Vera. Três deles disseram também que os meus dedos pareciam alongar-se e ficar mais finos — o que coincidiu com a minha sensação subjetiva, tão clara quanto a sensação de expansão anterior sobre a cabeça. (Theodore viu algo, mas não soube definir o quê.)

Enquanto a transformação da mão ocorria — visível para todos, menos Theodore — Vera relatou sozinha outras manifestações. Sentada em diagonal, com uma linha de visão clara, disse ter visto uma linha verde a subir e descer à minha frente, além de outra cor que já não me recordo. Disse que isso continuou enquanto a transformação da mão decorria. Disseram também que parte da forma astral estava presente, ou pelo menos que a aura era visível ao nível dos ombros e cintura.

Antes disto, tinha-me concentrado em tentar projetar traços para fora do rosto, dizendo mentalmente: “para fora, para fora”. Theodore afirmou que viu algo esbranquiçado e translúcido sair de mim nessa mesma direção. Também me concentrei em formar um braço ectoplásmico — sem dizer nada — e Theodore disse, espontaneamente, que achava ter notado uma alteração nesse mesmo braço, chegando a pensar que se iria levantar. Nunca mencionei nada em nenhum dos casos. Limitava-me a concentrar-me em enviar energia para fora.

Sentimos todos que algo estava a acontecer. É difícil perceber até que ponto a sugestão influenciou. Já me tinha sugerido a mim própria ver a minha aura noutros momentos — sem efeito. Florence resiste ativamente à sugestão — e eu propositadamente não dei nenhuma. É claro que estávamos todos a tentar algo — o que por si só é uma forma de sugestão — mas noutras ocasiões tentámos mover uma mesa e ela nem se mexeu. Se foi sugestão,

porque é que as auras eram mais visíveis com luz do que sem ela, se é sabido que somos mais sugestionáveis no escuro? E as outras manifestações ocorreram com a luz acesa, apesar de termos tentado no escuro sem resultado.

Foi literalmente a primeira vez que tentámos provocar qualquer tipo de efeito físico, já que sempre evitei esse tipo de experiências. Nem me ocorreu abrir os olhos para observar o fenómeno da mão por mim própria — não sei se isso teria quebrado o transe ou não, mas, como resultado, não vi nada nesse momento; embora tenha sentido de forma bastante nítida a tal sensação de extensão na mão. Pouco antes disso, a chama da vela saltou uma vez. Senti que a energia "saltou" para mim, ou que eu a direcionei até mim. Não sei se alguma personalidade estava presente. Alguns pensaram ter sentido alguém. Mas a sala estava estranha. Senti elementos instáveis.

Estou a começar o livro do Seth. Ontem disse a mim mesma que todas as minhas energias — físicas, mentais, espirituais e psíquicas — seriam libertadas, porque estava a fazer o que devia. Haverá alguma ligação aqui?

AULA DE PES

28 de Maio de 1968, Terça-feira

Tal como velhos amigos que se encontram ocasionalmente no mercado, também velhos amigos têm por hábito reunir-se aqui. Após um longo silêncio, digo-vos: boa noite a todos.

Fico contente por terem finalmente algum material de leitura de qualidade. Teremos de ver como fazer para que o exercício possa continuar. Estou muito satisfeito com o vosso progresso e, se não me manifesto com uma voz leve como a de uma borboleta, isso não significa que sou superficial. Assisto a todas as vossas sessões e, por vezes, divirto-me bastante, mas estou sempre satisfeito. Vim apenas para vos dizer que não vos abandonei. A minha amiga aqui (Rachel) pensou talvez que eu ficaria em silêncio, mas não consigo permanecer silencioso por muito tempo. No entanto, devem estudar. Devem concentrar-se, aprender — e eu não vos quero distrair.

É primavera por aqui e espero que os vossos corações estejam a vibrar. Se pudesse, dar-vos-ia alguma ideia que vos mostrasse como os vossos problemas são passageiros — mas só vos posso dizer isso. O sentimento, esse, não vos posso transmitir. Têm de o descobrir em vós mesmos.

A vossa amiga (Anne H., dirigindo-se a Florence) está bem e não tens razões para te preocupares. Também estive aqui na semana passada, e estou sempre nesta sala. É muito importante que leiam e estudem o material, que não se contentem com respostas superficiais e que questionem — porque é ao questionar que se aprende.

Já vos conheço bem a todos. (Para Rose:) A situação no teu caso irá resolver-se a teu favor. Não quero parecer superior — embora, como Ruburt, às vezes soe assim — mas deves perceber que estás tão concentrada na realidade que conheces, que se torna difícil olhares para além dela. No entanto, as respostas estão dentro de ti — e podes trazê-las à luz.

Vim de longe para aqui, mas não se perde muito na transição. Também há alegria no universo para além dos vossos problemas, e a alegria é essencial. E, sendo eu a fonte deste material, digo-vos: estudem-no. Há muitas respostas nele que vos ajudarão a resolver problemas que agora parecem difíceis — mas têm de os resolver por vós próprios. Porque resolver problemas é um desafio que ajuda o vosso desenvolvimento.

Vejo que sou recebido com rostos longos, sérios — deve ser, portanto, uma ocasião solene. Devia ter-me preparado com um sermão apropriado. A vossa amiga (Anne H.) está muito mais feliz agora, e mais forte. Só conseguem ver a situação dela sob um ponto de vista limitado.

É exatamente assim que agirei no futuro. Enganei-vos um pouco neste aspeto — friamente, admito — porque precisavam de pequenos "milagres" e efeitos espetaculares no início, para vos abrir o apetite. Embora eu não seja espetacular, terei de servir. O material que vos dou não é transmitido de forma leve, mesmo que por vezes fale de modo jovial. Para o vosso desenvolvimento, é fundamental que o compreendam e apliquem. Tal como qualquer bom professor, sei que precisam de incentivo — e irei fornecê-lo, em boa dose. Mas ainda não conhecem os vossos outros "eus" — e irão encontrá-los. Até tu (para Florence) os irás conhecer.

Podem continuar, por favor.

([Theodore:] “Sobre os problemas, pergunto-me se faz sentido distinguir entre um problema de natureza pessoal, que devemos resolver por nós próprios, e um problema mais coletivo, onde a decisão afeta outras pessoas e pode ser errada, sem necessariamente nos afetar diretamente.”)

Todos os problemas afetam-vos pessoalmente. A comunidade em que vivem é uma comunidade que vocês próprios construíram. É uma criação em massa que vós próprios geraram.

Falo-vos em tom ligeiro, dizendo que sou a origem do material e que por isso devem estudá-lo. Mas o facto é que também sou um canal através do qual esta informação vos chega. E ainda têm pouca noção da sua importância — não só para vós individualmente. Pouco importa que seja eu a transmiti-la e que Ruburt a receba. O importante é o conteúdo do material. Eu recebo-o e interpreto-o a partir das nossas fontes, como já disse aos meus amigos. Ruburt sempre foi cauteloso com isto, porque quando lhe falo da importância do material, ele questiona o papel da sua própria personalidade. Mas digo-vos, e digo-o com franqueza: a personalidade com que me apresento a vós é apenas uma pequena parte do que sou. E essa personalidade não é fria. Simplesmente, não a compreendem — e por isso apresento-me de forma que possam entender. Estas características que acham tão “humanas” fazem parte de mim como sou — mas também como fui. Porque já não sou o que fui.

O que este material vos diz sobre a natureza da vossa própria realidade é, neste momento, o mais próximo da verdade a que podem aceder. Ninguém — nem mesmo eu — vos pode dar provas em bandeja de ouro. Têm de compreender por vós próprios o que isso significa. O nosso querido monstro aqui (referindo-se ao gato) sabe intuitivamente o que está em causa — e vós também o sabeis, intuitivamente — mas queremos que o compreendam de forma consciente.

Agora, fiquem todos em silêncio por um momento, enquanto me dispo das características que consideram tão humanas e compreensíveis. Lembrem-se de que partes internas de vós também têm existências que vos pareceriam estranhas. A diferença é que eu tenho consciência das minhas — e vós não tendes consciência das vossas.

(Outra personalidade — posteriormente identificada como Seth II):

Nunca viajei por onde vós estais, embora uma parte de mim, que conhecem como Seth, o tenha feito. Estou mais afastado de vós do que ele. Estas comunicações exigem mais esforço, pois Ruburt tem de "ir" mais longe — já que eu não consigo "aproximar-me" mais.

Deveis perceber que as vossas personalidades existem em realidades que desconhecem — mas uma parte de vós tem consciência dessas existências. Acham-me impessoal, como Ruburt também acha. Mas isso é apenas porque não compreendem o que é a identidade, a ação e a personalidade no seu sentido mais vasto. A minha identidade está ciente de muitas outras personalidades que são minhas. Também vós sois parte de outras personalidades — mas o vosso ego não tem consciência disso.

Seth faz parte daquilo que eu sou — e conheço-o bem. É difícil explicar-vos o que sou, pois os elementos da minha realidade são muito diferentes. E no entanto, intuitivamente, tendes consciência da vossa realidade maior — e essa inclui também o conhecimento do que eu sou.

Venho de uma dimensão que nem conhecem nem compreendem — e, no entanto, essa dimensão faz parte da realidade total. Não consigo ver claramente as vossas estruturas camufladas. Não percebo o tempo como vocês o percebem. Só consigo comunicar até certo ponto por este canal. E ainda assim, sabem que o Seth que conhecem, embora faça parte da minha identidade, é também independente — e progride segundo a sua própria evolução. Posso transmitir informações sem distorção tridimensional precisamente porque estou completamente separado da vossa realidade tridimensional. Em muitas ocasiões, transmito informações ao vosso Seth — e é ele quem vo-las comunica.

Para mim, o vosso universo é, talvez, como uma estrela poderá parecer a vocês: não o percebo com clareza, mas quando me concentro nele, consigo captar a vossa realidade psíquica e as vossas intensidades individuais. É apenas a distância psíquica entre nós que me faz parecer-vos tão estranho, pois a estrutura da minha personalidade é muito diferente da vossa. Transmito informação a Seth, que depois a interpreta para Ruburt. A informação que possuo não seria compreensível para vocês nos meus termos, e por isso precisa de ser interpretada e traduzida.

Nunca fui uma personalidade familiarizada com a vossa realidade, nem com o vosso sistema ou dimensão. Seth, no entanto, foi. E por isso está numa posição que lhe permite traduzir a informação que lhe forneço. Não sou, nos vossos termos, masculino ou feminino. Essas são designações utilizadas no vosso sistema. Seth diz-me que este ponto é particularmente difícil de entender para vocês.

O que vocês experienciam como emoção, eu experimento como uma espécie de intensidade matemática, que depois traduzo. Os sentidos interiores ajudar-vos-ão a perceber outras dimensões. Assim, não estarão tão aprisionados na realidade que consideram como a única. Estou aqui, simplesmente, a pedido de Seth, para vos dizer que a dimensão que conhecem é apenas um pequeno ponto em toda a realidade — e também que o vosso conceito de Deus está profundamente distorcido por ideias e conceitos tridimensionais.

A vossa realidade continua. Envolve não só reencarnações, mas também existências noutras realidades além da que conhecem. Como o material já especificou claramente, a vossa existência prolonga-se em universos prováveis, de acordo com as linhas delineadas na teoria do tempo invertido. Nunca fui físico nos vossos termos — mas isso não significa que não sou real.

(Seth:) Nem significa que eu não sou real, percebem? Porque ambos existimos simultaneamente, e outras partes das vossas próprias identidades também existem em simultâneo com as que conhecem. Agora deixo-vos para um merecido e sereno descanso noturno.

AULA DE PES

30 de Maio de 1968

(Esta sessão teve início às 22h10. Presentes: Janet Clifton e Candice.
Parte um da sessão: 22h10 – 22h20. Seth falou devagar, com voz profunda e firme, acompanhada dos gestos típicos.)

Agora. Não permitiria que partissem sem antes vos saudar. Andam a incomodar-me. Deem-me um momento e vejamos o que posso fazer por vocês. Agora... estas são impressões.

1207. Três meses antes de uma colocação adequada. Vejo o piso inferior de uma casa que parece dividida em duas. Um compromisso inicial que não será do vosso agrado. Uma reviravolta, e depois outra. As letras C A R — que não se referem a um automóvel. Um ligamento rasgado. Um casamento e uma alça partida. Cinco homens num grupo e uma mulher. Para o vosso amigo, acredito que haverá um envolvimento musical particularmente desejado num período de três anos. Quase três anos a partir de agora, e uma ligação com uma mulher que poderá ajudá-lo a consegui-lo. Fevereiro de 1972, talvez um sábado. Um primeiro filho. Parece haver uma parente — não a vossa mãe — com quem deveis ter especial cuidado. Talvez uma prima.

Não vou ficar convosco por muito mais tempo, pois já pus o meu amigo Ruburt à prova esta semana. Mas dou-vos as boas-vindas e voltarei a falar convosco. A minha voz pode não ser melodiosa, mas tenho um temperamento doce. As aulas já alteraram o vosso futuro, embora talvez não gostem de o ouvir.

Não vos vou apresentar esta noite o meu "irmão mais velho", nem acho que devêssemos abusar dos efeitos vocais, pois o meu amigo ficaria incomodado, dada a hora. Terão de esperar por tais iguarias. No entanto, estou, como sempre, de excelente humor — e se Ruburt não me contivesse, não teriam de fazer esforço para me ouvir.

(Intervalo. Durante o intervalo discutimos o material acima. Janet ia mudar-se para a Califórnia em Junho e planeava casar em Setembro. Ligou os dados da sessão à sua vida pessoal, confirmando várias correspondências.)

Agora, pensei em oferecer-vos algumas recompensas por terem lido tanto material. Tendes de ser mais cautelosos com a parente que mencionei. Há influências em jogo e ela poderá fazer-vos voltar quando não o desejarem, ao influenciar um dos vossos pais. Devem ser diplomáticos, pois isso poderá acontecer três ou quatro meses após a vossa chegada ao destino.

Agora, mandem-me um postal. Mas é melhor enviá-lo a Ruburt. Teremos conversas quando a hora for mais conveniente e o meu "guardião" aqui não estiver a vigiar-me tão atentamente. É realmente uma pena que, sentindo-me tão bem, tenha de estar tão contido. O meu amigo tem os seus problemas, e eu não gostaria que ele fosse expulso do seu abrigo confortável, obrigando-me a falar do meio de um campo chuvoso.

AULA DE PES

4 de Junho de 1968, Terça-feira

Não vás ainda, por estas... esperarei pelo teu brinquedo.

([Theodore:] “Obrigado.”)

Não devia dizer isto, mas como estou entre amigos, direi. Coisas simples divertem mentes simples. Sabem que o digo com boas intenções, pois compreendo a necessidade de registos, e não gostaria que esta minha voz ficasse apenas a ecoar nas paredes, sem ser ouvida.

A minha amiga aqui (Rachel) estava prestes a sair. Achei pouco digno agarrá-la pela gola do vestido para a trazer de volta. Esta semana e na anterior estou a manifestar-me, mas depois haverá outro período de estudo. Venho para vos encorajar. Podia ter esperado até a nossa amiga estar à porta e gritado com os pulmões de Ruburt para a chamar de volta — mas o meu guardião não o permitiria.

Houve já vários desenvolvimentos nesta aula com estes dois (Vera e Theodore), e outros mais deverão surgir. Antes de voltar a falar-vos, espero ver esses desenvolvimentos concretizados. E quando vos der uma palmada nas costas, sabereis porquê.

Disse-vos que o caso se resolveria bem (para Rose), e acredito que poderão esperar novos acontecimentos nos próximos dez dias. Médicos e professores dão-se bem, como veem. Somos a elite profissional — tal como vocês, na verdade.

Estive aqui, como Ruburt bem sabe, ao longo de toda a aula desta noite. E ele deu-me permissão, pois eu não ousaria espreitar esta aula sem autorização. Para um tipo tão franzino, ele impõe-se. Contudo, temos uma excelente

relação, como já devem ter percebido. E compreendem, sei, o meu humor. A minha energia esteve silenciosa, mas presente, nesta sala — como aquela garrafa de vinho que repousa sobre a mesa. Ruburt sabia que eu estaria aqui antes do fim da aula. Não trago grandes proclamações. O material é a minha proclamação — e eu sustento o material com a minha presença. E quando lerem o material, saberão quem o deu. E se ouvirem uma gargalhada por trás das palavras, não tenham dúvidas: sou eu que estou aí. Embora não vos siga aos saltinhos pelos corredores das vossas escolas ou dos vossos bancos, estou geralmente consciente das vossas atividades — e sei quando estão a ler o meu material.

Quando venho a esta aula, faço-o para que compreendam que o conhecimento presente no material é transmitido por uma personalidade — e que não sou uma mera cópia. Tenho estado aqui emocionalmente, mal escondido nas dobras das cortinas. Quero que percebam que o material passou pela minha experiência. Que as palavras não estão mortas, tal como eu estou longe de estar morto. Um espírito mais vivo nunca encontraram! Em outras palavras, o material é dado por mim, uma personalidade viva, para vocês — que também são personalidades vivas. Habitamos diferentes dimensões, mas a vitalidade e a personalidade existem em todas elas. Esta sala está saturada com a minha presença, como se tivesse sido salpicada com um vinho forte e envelhecido.

De facto, não me surpreende que me considerem uma personalidade, porque é isso mesmo que sou. Nem me surpreende que não tenham ficado assustados. Não me considero um fenómeno assustador. Aliás, alguns de vocês são bem mais assustadores do que eu. Gosto de estar aqui sentado calmamente, a captar os vossos pensamentos.

([Theodore:] "Isso vale por dois" [para Rachel]; "Poupa-me" [para Seth])

Não tenho de te poupar — poupa-te a ti próprio, jovem. Os vossos muitos pensamentos individuais fundem-se para mim. Sei de onde vêm, mas misturam-se como uma orquestra pouco harmoniosa. Não sou dado à música, no entanto.

Uma observação: não quis dar a entender que tive qualquer participação no processo de cura ao qual me referi antes. Os meus métodos são os meus métodos, e não acredito em atalhos. No entanto, eles são por vezes

tomados, e não tenho qualquer objeção quanto aos métodos de outros. Estou ciente deles e fico satisfeito por o processo ter começado. Estou consciente de que começou e de como está a decorrer. Sou um professor mais exigente. Não quero, percebem, reclamar os méritos pelas capacidades de outro homem.

Interessa-me mais, infelizmente, o processo doloroso da autorrealização, da compreensão espiritual e do conhecimento psicológico. Exigiria que o teu marido (para Rose) compreendesse o motivo e se libertasse do problema que causava os sintomas. Aliviar os sintomas é agradável, humano e compreensível — e não contesto isso. Mas é muito mais importante compreender porque estás a criar uma distorção na realidade física que afeta a tua própria imagem. Pois o problema terá de ser resolvido — agora ou mais tarde. É possível que o alívio dos sintomas conduza a uma regeneração psicológica e espiritual, e nesse caso é duplamente benéfico. Mas um problema numa personalidade manifesta-se sempre de uma forma ou de outra, a menos que seja realmente resolvido.

(V. sussurrou para T. perguntando se ele estava a ver a gravação.)
Eu ouço sussurros. Talvez devesse dirigir-me a este brinquedo aqui (referindo-se ao gravador). Deveria esquecer-vos a todos e falar apenas para ele, para que os meus tons sejam imortalizados para sempre. Os meus tons são de facto imortalizados para sempre — mas os vossos também. E é isso que devem compreender: se a minha presença permeia esta sala, a vossa também a permeia — e qualquer sala em que tenham vivido.

Embora esta noite fale de forma mais lenta e sem palavras de peso profundo, estou convosco de forma mais próxima do que em qualquer outra sessão. Mas não vos darei o privilégio de ouvir os meus tons claros e quase do outro mundo enquanto não tiverem feito mais trabalho. E isso não se refere apenas a ler o material — é o trabalho de olhar para dentro de vós mesmos. Isso ninguém pode fazer por vocês. Ninguém vos pode obrigar a fazê-lo antes de estarem prontos para encarar o significado da vossa existência e da vossa personalidade.

Poderia — sim, poderia — colocar-te (Florence) num transe como poucos já experimentaram. É um caminho fácil, e os meus métodos não são fáceis. O teu próprio ego e consciência precisam de aprender e desenvolver-se — e

não ser forçados a submeter-se, pois irias ressentir-te disso, tal como eu me ressentiria de qualquer coerção.

Temos aqui na sala, sem que o saibam, uma máquina de movimento perpétuo (Rachel balançando a perna). Esta perna aqui.

Quando vos falo assim, como esta noite, o meu único e principal objetivo é fazer-vos sentir a vitalidade interminável que é minha — embora, nos vossos termos convencionais, me chamem com palavras ridículas como "personalidade sobrevivente", como diz Ruburt, ou "espírito", ou "morto". A minha vitalidade é a mesma que está em vocês. Não estou aqui, nos vossos termos — mas estou muito presente.

Havia uma informação específica que queria dar-vos — e dei. Se o meu amigo aqui me permitisse — e ele não permite — eu poderia facilmente estilhaçar o vidro daquela janela com o mesmo esforço com que uma criança respira. Mas longe de mim dar demonstrações tão infantis.

(Quando Jane atirou os óculos ao chão, entrando no seu terceiro transe da noite, Theodore disse: "Um dia ainda apanho essa.")
Estás pronto?

([Theodore:] "Sim, homem.")

Há aí uma confusão compreensível. Agora, para acabar com o suspense, vou dizer-vos em breve boa noite (porque depois de cada transe anterior nos perguntávamos se Seth voltaria, já que nunca dizia boa noite — e ele dizia sempre boa noite). Pois bem, estou aqui, sim, estou — e se quiserem pensar em mim como um OVNI (numa conversa anterior sobre como endereçar um postal a Seth), é um direito vosso. Quando Ruburt recebe a minha energia, muitas vezes não sabe o que fazer com ela. Irradia daquele pequeno corpo. Ele sente que a energia se acumula ao seu redor até poder fazer ruir as paredes da sala. Vejo as vigas a cair-vos em cima. Uma "cabeça de viga".

([Theodore:] "Cabeça de nó.")

Ele está a aprender a conter e a focar a energia que é minha. Preferiam que eu fosse tão silencioso e discreto como um alfinete sobre o tapete azul? Posso picar-vos todos, de facto — e cortar-vos. Só porque vos faço pensar, nunca acreditem que quero que abandonem a vossa inteligência racional —

pois não é isso. E se há muito que não vos disse, é porque já sabem o que vos diria. Quero que compreendam que toda a personalidade existe para além daquilo a que chamam "túmulo", e que o que sou já esteve aqui sob muitas formas — tal como vocês também já estiveram. E que as características pessoais pelas quais sou conhecido continuam.

Mas a outra personalidade, que vos parece tão estranha, também é minha. E as características familiares e humanas pelas quais me reconhecem são minhas — mas são apenas uma pequena parte da minha identidade. A energia que uso para vos falar pode ser utilizada de muitas formas — e a energia que é vossa também. Observem como utilizam a vossa energia. Ela emana de vocês e nem sempre estão conscientes de como o faz, nem do que está a fazer. Essa energia protege a vossa personalidade, a vossa vontade e o vosso espírito. Cada homem e mulher tem proteção. O vosso corpo astral é, até certo ponto, uma projeção e uma proteção. Não tenham medo da vitalidade nem dos vossos sentimentos. Os outros estão protegidos dos vossos sentimentos, assim como vocês estão, em grande medida, protegidos dos deles.

Devia ser bispo — pelas expressões nos vossos rostos, o respeito, o silêncio e a reverência. Sinto-me, e de facto sinto-me — como tu, com a perna em movimento perpétuo, deves saber — um amigo de todos vocês esta noite, e não um bispo. Nem pensaria em estilhaçar uma janela para provar um ponto tão mesquinho como a existência da minha própria energia e vitalidade ilimitadas. O meu amigo Ruburt nunca o permitiria. No entanto, os meus pensamentos são fortes. O meu único objetivo com tal demonstração indigna e pouco respeitável — faria um mau presidente de banco — é que saibam que a existência não conhece barreiras, e que há uma leveza e fluidez que correm pelo sangue e pelos ossos. Poderia — e gostaria — de vos falar assim até ao amanhecer, mas vocês não aguentariam, e Ruburt esconder-se-ia na cave durante três dias.

Saibam, no entanto, que as vossas próprias emoções, sentimentos e vitalidade têm uma energia e um poder como os que a minha voz demonstra esta noite. E o vosso propósito é utilizar, dirigir e focar essa energia. Ruburt está a falar por mim — porque tosses, Rose? Não fiques tão perturbada e envergonhada.

Agora, apenas por causa da hora e das constantes sondagens de Ruburt — que de facto sinto — deixo-vos, e passarão algumas aulas até que eu regresse, pois tendes os vossos próprios problemas a considerar, o vosso próprio desenvolvimento interior a cultivar.

E se não te dei as boas-vindas como devia (para Candice), faço-o agora. Por isso vos digo, para terminar este suspense interminável — meus amigos, boa noite.

Estarei aqui, permanecerei em silêncio por uma vez. Se faltarem às vossas aulas, saberei. E posso muito bem escolher falar precisamente quando não estiverem presentes — pois sou astuto. E, para transmitir o meu material e fomentar o vosso desenvolvimento, uso muitos recursos pedagógicos.

AULA DE PES

20 DE AGOSTO DE 1968 — TERÇA-FEIRA

Não sou um Volkswagen, à espera de vocês. Em primeiro lugar, devem esquecer palavras como "propósito" e "tempo". Como já aprenderam, estas palavras impedem o vosso progresso. São palavras limitadoras. Dar-vos-ei palavras melhores. Terei de compor um dicionário para vocês. E darei um teste de vocabulário — pronúncia, significado e ortografia.

Na medida do possível, devem libertar-se das palavras que limitam os vossos conceitos. Devem fingir que estão a aprender uma nova linguagem — e de facto estão. A linguagem com que trabalhamos, contudo, lida com muito mais do que palavras. Temos de usar palavras como as conhecem. As palavras são tudo o que se vê, mas por baixo delas há realidades e factos autênticos. Só podemos sugeri-los com o uso das palavras — e por isso temos de ser muito cuidadosos com as que usamos. Temos de ser exigentes — e eu sei que todos vocês são exigentes, pois estão aqui.

Cada um de vocês é um centro, um ponto focal, uma individualidade — e à vossa volta giram realidades nas quais também existem. O eu interior está consciente disso, mas o eu consciente não. Ao lerem a sessão, pode parecer-vos que são pequenos e insignificantes, com realidades a girar à vossa volta que não conseguem ver nem compreender — mas não é assim, pois uma parte de vocês sabe. São parte dessas realidades circulares, e os vossos

sonhos, pensamentos e desejos afetam-nas, mesmo sem terem consciência disso.

E quando erguem um dedo no ar, perturbam, mudam e alteram outras realidades que não conseguem ver nem tocar — e realidades nas quais um dedo, enquanto tal, nem sequer existe. Um pensamento vosso emite ondulações que alteram e transformam. Um dos vossos próprios sonhos, nascendo de vocês como centro, toca e muda essas outras realidades.

Não há sentimento que tenham, nem palavra que pronunciem, nem pensamento escondido na mais recôndita parte do vosso cérebro que não tenha uma realidade para além daquela que conhecem. Tudo alcança, muda, cresce e transforma mundos de que nada sabem.

Por isso, não se sintam impotentes, nem pensem que estão à mercê dos acontecimentos — pois vocês próprios formam os acontecimentos, não apenas nesta realidade, mas também noutras que não compreendem conscientemente. Cada movimento vosso não é apenas multiplicado milhões de vezes — ele estende-se, altera-se e desencadeia novas ações à medida que interage com outras realidades. E estas respostas serão sempre diferentes.

Nada do que se passa nesta sala ocorre apenas aqui. Estes encontros decorrem neste espaço, mas também noutras realidades. E, ao virem aqui para esta aula, estão também a assistir a uma aula noutro nível — embora não tenham consciência disso. Mas eu tenho. Estou muito ciente disso, pois, enquanto Ruburt dá esta aula, eu dou outras — e todos vocês lá estão. A aprendizagem ocorre em muitos níveis.

Uma parte de cada um de vocês também existe noutras realidades. Quando estas aulas nesta sala estão em curso, outras porções da vossa personalidade estão noutros contextos, em outras aulas. São estudantes razoáveis em todos os níveis — embora eu ainda não vos tenha dado um “A” (nota máxima), porque sou um professor exigente.

Agora — isto é uma analogia: réplicas desta sala, com cada um de vocês, existem agora — neste mesmo instante — em muitas outras realidades. Ruburt irá explicar-vos a realidade elétrica, com base nas nossas sessões. Ele explicar-vos-á as probabilidades. E verão que, embora estejam conscientes apenas de uma sala, um tempo, uma noite e uma aula neste momento,

existem outras salas e outras aulas — e estão presentes em todas. Cada um de vocês recebe informação de acordo com o desenvolvimento e características da parte da vossa personalidade que assiste àquela aula.

Nos vossos termos, estão suspensos no espaço, sem apoio — e o nosso amigo aqui ficaria apavorado com a ideia de cair. Sabem que o chão físico não vos sustenta de facto, mas têm de fingir que o sustenta, ou ficariam mais tontos do que já estão. Assim também, neste exato momento, noutras realidades, estão sentados — réplicas vossas, noutras salas, noutras aulas. E cada momento tal como o conhecem — com esta atividade — existe noutras realidades, e fazem parte delas. E afetam-nas. À medida que saem daqui e falam com outras pessoas e as mudam, assim também o fazem noutros níveis — e, de igual modo, são também mudados e afetados.

Esta sala poderia desprender-se deste prédio e navegar alegremente pelo espaço — e, mesmo assim, em muitas circunstâncias, não se aperceberiam disso. Pois, se ela se deslocasse de forma uniforme, a perspetiva seria a mesma. E, a menos que olhassem pela janela, não notariam qualquer diferença. Mas se as janelas estivessem seladas, nem sequer isso. E assim, até que aprendam a olhar pelas janelas para o vosso eu interior, não perceberão verdadeiramente o que constitui o vosso ambiente. Pois a perspetiva de onde olham permanece igual, e não têm com o que comparar a experiência.

Vou deixar o meu amigo fazer uma pausa. Ele está todo partido, porque mudou os móveis — mas isso não me confunde.

(Seth retirou-se e houve uma pausa na aula.)

Podem chamar-me um transplante. O meu coração, porém, não serviria de muito a ninguém, pois não o encontrariam. Há muitas razões — todas altamente individuais — pelas quais as pessoas escolhem diferentes formas de morrer. Não há uma única razão, nem uma única resposta para tais questões. Contudo, haverá um estilo de morrer característico de cada personalidade. O ego pode ser suficientemente forte para reter toda a personalidade. O temperamento terreno pode simplesmente recusar-se a largar. O eu interior, em muitos casos, seguirá em frente e esperará.

Existe uma consciência nos átomos e moléculas que compõem o corpo. Existe também uma consciência de grupo que se forma — uma combinação.

Podem chamá-la de consciência da natureza. Não possui um princípio organizador forte. É a consciência global composta pelos átomos e moléculas da estrutura física e, quando a personalidade principal segue o seu caminho, essa consciência simples pode persistir por algum tempo. Mas mesmo essa acabará por se retirar.

Muitas vezes, porém, essa consciência simples manter-se-á durante algum tempo — nos vossos termos. É esta parte que está intimamente ligada à vossa própria. É esta consciência que é a fonte simples do vosso corpo físico. É esta consciência que foi formada especificamente dentro do vosso sistema, célula a célula. A consciência individual de cada célula acabará por se retirar de cada átomo e molécula do corpo. Cada consciência minúscula se retirará.

Podem compará-las a simples espíritos da terra — mas estão conscientes. E, por sua vez, irão habitar outras formas. E mesmo a consciência mais minúscula, presente na menor parte da matéria, pode crescer, amadurecer e mudar — pois não há limites para a consciência. Mesmo assim, a mais pequena consciência, nos seus próprios termos de realização e valor, pode emergir, transformar-se, alterar-se e desenvolver-se. Pode então adquirir e reunir o potencial para conter e controlar mais e mais energia. Pode alargar os limites aparentes da sua existência — pois todos os limites são apenas aparentes.

São ilusões. Mesmo os limites que estabelecem à volta das vossas próprias identidades são ilusões. Não são sólidos. Podem ultrapassá-los. É difícil transmitir-vos a complexidade das realidades em si mesmas, pois o domínio difícil [*sic*] não consegue compreender os conceitos envolvidos.

Mencionaste algo mais cedo na aula. Agora, de facto, não só cada pensamento tem uma realidade elétrica própria e perdura inalterado, como aquilo que consideram ser o vosso "eu" também possui uma realidade elétrica e está codificado em termos que atualmente não podem entender. Explicámos isso em várias sessões passadas. Há consciências individuais que também podem fundir-se com outras. Quando isso acontece, nenhuma individualidade é jamais perdida, mas cada uma das consciências unidas pode participar em realidades mais amplas.

Agora, não vos tomarei muito tempo esta noite, mas já passou demasiado tempo desde que estive aqui para vos manter atentos. Bega está a ir bem nas

suas aulas, e vocês também estão a ir bem nestas. Estão todos a desenvolver-se e a crescer, quer tenham consciência disso ou não, e quando se reúnem há desenvolvimentos benéficos que não compreendem — e que eu não estou preparado para explicar esta noite, pois tomaria demasiado do vosso tempo. Existe, no entanto, um "partilhar" de conhecimento interior que é altamente benéfico para todos. Não espero que se afoguem nessa piscina, pois ensinei-vos a nadar, percebem? E cuidado para não deixarem de olhar pelas janelas de vez em quando, ou ainda passam a flutuar por West Water Street.

Jewel e eu vamos polir-vos. Agora, tudo o que precisam fazer é imaginar que vos estou a falar — e dormirão todas as noites, já que pareço ter esse efeito sobre vocês nas aulas. Não sou um "homem da areia". Caso estejam curiosos, no vosso caso particular, há um relaxamento do sistema nervoso que ocorre — mas não por causa do meu tom melodioso, note-se — embora a minha voz possa viajar tão longe quanto as cebolas [*sic*!].

Não vos disse boa noite antes, e por isso faço-o agora. Dou-vos, mais uma vez, as bênçãos que posso dar — e voltarei às aulas com frequência. E muitas vezes quando não me esperarem.

AULA DE ESP

17 DE SETEMBRO DE 1968 — TERÇA-FEIRA

Nunca vi um grupo tão sossegado! Não me atrevo a manter o meu amigo Ruburt por muito tempo, pois já o pus à prova esta semana. E estivemos a conversar com pessoas de algum prestígio — e portei-me com bons modos. Fizemos, de facto, bons amigos. Mas não há amigos como os velhos amigos, nem luzes como as que explodem. Não poderia permitir que ficassem tão mal interpretados. Obviamente, não estava aborrecido — estava divertido. E o meu divertimento, por vezes, assume formas peculiares.

Ainda não entendo, no entanto, por que razão Ruburt sussurrou mais cedo, nem os rostos tão sérios enquanto nos sentamos em volta da mesa. Não devem projetar os vossos próprios sentimentos nos outros neste momento. Os mortos não têm caras tristonhas. Porque haveriam de vir ter convosco num grupo tão carregado?

Ora, se eu viesse aqui por diversão, apreciaria sorrisos, luz, conversa. Não pensaria em vir a um grupo tão sóbrio para me divertir. É melhor vestir o meu... (palavras perdidas) e dar-vos instrução.

Como sempre, tive um propósito esta noite ao dar-me a conhecer. E se, por vezes, me entrego a reações muito humanas, então terão de me perdoar. Mas a questão — as luzes — pareceu-me uma reação apropriada da minha parte. Gostei.

Com o tempo, todos receberão sessões individuais. E com o tempo, terão sessões suficientes para terem uma base sobre a qual construir. E então, pode ser que já não esteja tão bem-disposto. Fico feliz por ver, pelo menos, alguns sorrisos largos e gargalhadas. Em muitos casos, somos mais bem-humorados do que vocês, pois conseguimos ver humor onde muitos de vocês não conseguem.

Não falarei de novo em voz alta esta noite, pois já pus Ruburt à prova esta semana. Havia outro ponto, contudo, que queria frisar — e já vos falei muitas vezes para vos passar esta ideia simples, e ainda assim, pelos vossos comportamentos esta noite, vejo que não a compreendestes. Vou repeti-la:

Toda a vida — toda — está cheia de vitalidade, e toda a vida é alegre. E sentarem-se à volta de uma mesa com rostos longos não é mais benéfico do que sentarem-se à volta da mesma mesa com vinho e luzes acesas. A minha vitalidade está aqui, e não foi chamada por rostos sérios nem por tristeza. A vitalidade cresce ao triunfar sobre a tristeza. E em qualquer dos meus caprichos — como a luz que explodiu — há sempre um propósito. E esse propósito foi mostrar-vos que a reação humana de uma dada personalidade continua. Só os que estão seguros da sua realidade conseguem desfrutar dos pequenos prazeres.

Agora, ficarei em silêncio por algum tempo. Mas estive aqui esta noite, e ficarei mais um pouco. E deixarei a luz onde pertence.

(Pausa)

Não fazia ideia de que Ruburt era um mestre tão exigente. Falarei com ele em vosso nome.

([Theodore]: "Racha o chicote!")

Alguém ali (Theodore) parece demasiado ansioso. Dou-te as boas-vindas (Zen Dean) a esta sala.

Agora deviam sentir uma forte vitalidade aqui — e deviam senti-la a tocar cada um de vocês. Todos têm uma energia e uma vitalidade que desconhecem possuir, e é preciso um espírito velho, decrépito e pesaroso como eu para vo-lo dizer. A energia usada nesta sala esta noite, nas vossas conversas e brincadeiras, mal roça a energia que têm e ainda não direcionaram.

É muito bom eu vir aqui — mas não pensem que isto é uma repreensão. É positivo que eu venha e fale convosco, mas não estão a tirar tempo das vossas atividades diárias para desenvolver as vossas próprias capacidades, para olhar para dentro. E tu (Theodore) não precisas de estar incluído aqui. Terás as tuas sessões quando começares a olhar para dentro de ti mesmo. Têm de fazer parte do vosso próprio trabalho. Eu não o farei por vocês. Até Ruburt tem de fazer o seu próprio trabalho — e eu não o poupo. Pois sou também um mestre exigente. Mas vocês também devem sê-lo consigo próprios.

Há uma porta dentro de vocês — e sabem que ela existe. E têm a mão sobre o puxador. Não levarão um choque elétrico ao tocá-la. Basta olharem para dentro e abrirem-na. Basta reservarem um momento de paz e silêncio entre as atividades objetivas do vosso dia. Não há nada atrás dessa porta que vos deva causar medo. Ambas (Sally e Florence) escondem o medo sob rostos diferentes. Atrás da porta há espontaneidade, alegria e compreensão — e disso não têm nada a temer.

Sabem que não têm nada a temer — mas não sabem quanto têm a ganhar. Têm muito a ganhar. O medo momentâneo que sentiram não é nada, e não simboliza um medo mais profundo. Precisam de concentração, de foco e de um impulso forte — e podem desenvolvê-los e usá-los. Tu (Rachel) também tens medo, mas é superficial e pode ser superado. Mas tudo isso exige que olhem para dentro. Que encontrem um momento de paz nas vossas vidas.

Uma vez que toquem o puxador da porta — uma vez que a girem — a energia, a vitalidade e a liberdade que sentirão serão avassaladoras. Tornarão as vossas vidas diárias mais vívidas — e poderão usar a vossa energia e

direcioná-la. Mil situações que antes pareciam caóticas farão sentido — e saberão lidar com elas.

Agora sim, tenho as caras sérias. Como diria o nosso novo amigo: "Agora é que estamos a chegar ao cerne da questão." Esta é a tua vida, e a tua vida, e a tua vida — não a minha. Enquanto posso oferecer sugestões e impulso, ninguém pode abrir essa porta senão vocês. Encontraram a porta, afastaram a selva das repressões que a rodeia...

Agora que vos "puxei para baixo" um pouco, lembrem-se: não há uma nota atrás dessa porta. Há apenas liberdade, força, alegria e vitalidade. Posso cutucar-vos o braço para moverem o puxador um pouco — mas isso é tudo o que posso fazer. Vocês podem abrir a porta — e tenho a certeza de que o farão. E também tenho a certeza de que uma pequena conversa como esta vos ajudará a fazê-lo mais depressa.

Agora vou calar-me. E se voltarei a falar esta noite... quem de vocês o saberá?

(Intervalo)

Tu (Florence) não podes obter indulgências de mim, percebes? – por isso entre aspas. Agradeço o esforço e reconheço-o, mas, para o teu próprio desenvolvimento, ainda assim deves olhar para dentro de ti. Brinquei com a luz para te ajudar. O trabalho que tens feito aqui beneficia todos os alunos e também a ti, mas tens mesmo de abrir a porta. O puxador funciona, não te vai cair nas mãos. A porta não vai explodir e não tens nada a temer. Se pudesse conceder indulgências, fá-lo-ia.

Tenho também mais a dizer no teu caso (Sally). Pois o medo está lá. E tu tentas. Tentas pintar os medos com sorrisos, tentas acariciá-los como se fossem um cão, na esperança de que não morda — palavras perdidas — mas não compreendes o medo, e por isso não sabes falar a sua linguagem. E quando ele te fala, tu não o entendes. Podes vencer o medo, mas tens de o compreender. Dá-nos um momento aqui. O medo não te vai devorar. Deste-lhe proporções fantásticas. Exageraste a sua força e, por causa disso, deste-lhe mais poder do que ele tem por si só. Também temes abrir a porta.

Não finjas que o medo não existe. Reconhece-o simplesmente, e ele perderá grande parte da sua carga. Esse é o primeiro passo para te libertares dele.

Se um cão vadio e zangado te segue pela rua e tu sabes disso mas dizes a ti própria: "Está um belo dia e estou sozinha, não há cão nenhum atrás de mim", e o cão ladra-te aos pés e tu insistes: "Está um dia lindo, não há cão nenhum aqui", e ele rosna-te aos tornozelos e tu começas a correr, sempre a repetir: "Nada me persegue", e nem ousas olhar para trás – então, na tua mente, o cão transforma-se num tigre, numa criatura inominável de terror. E como não olhas, nunca vês que é apenas um cão pequeno. Na tua mente, crias esses medos. Se parasses e te voltasses para ver o que te incomoda, perceberias que é apenas um cãozinho — suspirarias de alívio e gostarias de ter virado mais cedo. Isto és tu (Sally) e o teu medo.

AULA DE ESP

8 DE OUTUBRO DE 1968 – TERÇA-FEIRA

Perdoem-me por não assistir a essa aula em particular. Sou liberal desde muito antes, e mesmo assim há certas circunstâncias em que me torno bastante conservador. Despir-me e acabar com o corpo de uma mulher — aí, traço o limite!

Como sabem, estive aqui esta noite — com campainha e tudo. Se, por vezes, vos chamo à atenção, falo para dois membros da Aula em particular. E se o faço, perguntem a vós mesmos quem mais se importaria o suficiente para vos chamar à atenção? E se eu não o fizer, quem o fará? Quando dou A’s, são bem merecidos.

Dou as boas-vindas de volta à nossa viajante do mundo, e quando fores também viajante do espaço e do tempo, dar-te-ei igualmente as boas-vindas. Todos vocês viajam para além dos limites do mundo que pensam conhecer e acordam de manhã sem grande memória de onde estiveram. E temos aqui uma verdadeira viajante — vais mais longe do que a maioria, mas não queres lembrar-te. E está bem assim. Vais onde queres ir e viajas para onde desejas, e se quiseres rasgar os bilhetes de manhã e esquecer-te de onde estiveste, é um direito teu.

(Para Theodore) Conhecemos, claro, esse Bega — e ele está treinado para fazer um trabalho bastante decente contigo, e tu és um aluno razoável. Mas tens de aprender a esquecer o mundo físico que conheces. Quando estiveres a trabalhar com Bega, tens de te libertar e deixar os dados físicos de lado,

porque ainda não o conheces suficientemente bem. Ainda não o deixas manifestar-se claramente. Mas há de chegar o momento, e então reconhecerás a diferença.

Já falei com a nossa Senhora de Florence ali ao fundo várias vezes, no estado de sonho, pois de outra forma ela não me ouve. E falei claramente, como é meu hábito. Fizemos jogos de perguntas e respostas. Já sabes, não tenho de te dizer, que não estás a utilizar todas as tuas capacidades. Não as estás a aplicar em teu benefício. Estás em demasiados lugares ao mesmo tempo. Não te concentras numa coisa de cada vez. Não será difícil para ti desenvolveres as tuas capacidades, mas será difícil aprenderes a autodisciplina necessária. Podes aprender essa disciplina — e eu serei um mestre exigente.

Vou deixar o meu amigo descansar. Os teus pensamentos zumbem como uma abelha (toca a campainha). Agora podem fazer uma pausa — e depois chamarei a Aula à ordem (toca a campainha), à minha maneira de ordem…

E bebi conhaque no meu tempo — e não vinha escondido em pequenas caixas de bombons…

Agora toco a campainha — e vou esclarecer uma pequena questão que me chegou ao conhecimento. O vosso professor, o vosso professor imediato, tem fortes capacidades criativas e era muito ciumento sobre como deviam ser usadas. Ele estabelecia as condições. Usava-as de determinada maneira e de mais nenhuma. Agora devem compreender que este empreendimento é, na verdade, altamente criativo, pois aqui têm, pelo menos, duas personalidades — a minha e a de Ruburt — e habitamos dimensões completamente diferentes. E é preciso estabelecer um modo de comunicação entre nós, para que o que eu desejo dizer vos possa ser dito.

Vocês ouvem as palavras, mas eu estou por detrás delas, e são necessárias atividades criativas intensas de ambos os lados, para que os meus pensamentos possam ser traduzidos em palavras que façam sentido para vocês. Tenho de transformar certos mecanismos dentro do corpo físico de Ruburt. Tenho de tocar neles como um pintor mexe nas cores ou como um músico nas notas e nas teclas — e ele tem de ceder e participar nesta atividade criativa. Depois, nos seus livros, tem de usar ainda mais da sua criatividade para traduzir o que eu disse. Usamos o sistema nervoso de

Ruburt e modificamo-lo de forma criativa — como, num grau menor, esperamos fazer com todos vocês.

Não falei anteriormente, nem antes tinha falado diretamente com Lafinda — que é o nome de entidade de Vera. É ela quem fornece fortemente uma atmosfera de apoio dentro da qual trabalham. É ela quem proporciona a espontaneidade calorosa que permite que se desenvolvam. Ela sabe — embora não o saiba conscientemente. Ela fornece degraus de energia que vos permitem subir. Dá força quando é necessária.

Dêem-nos um momento aqui…

Há energia nela que é oferecida de bom grado e usada por toda a família física. Desde que sinta que tem a vossa lealdade e apoio, ela é um alicerce firme sobre o qual todos podem construir.

Agora, há aqui algo sobre o qual não me alongarei em aula. — O vinho não é tão bom como o conhaque! — Mas direi que grandes porções da energia dela são desviadas para oferecer apoio físico a todos os membros da família. Ela não é religiosa nos vossos termos, porque não precisa de religião nesses moldes. Tem consciência intuitiva da sua posição com Tudo O Que É, e não precisa de racionalizá-la.

Para vosso conhecimento — consigo saborear o vinho, felizmente não fico afetado por ele — embora Ruburt possa ficar.

Ora bem. Nossa Senhora de Florence, é verdade que se fores para fora e para cima, encontrarás um interior — mas não é o caminho mais fácil. Também servem os que apenas estão de pé à espera. E servem de forma poderosa os que servem cópias da natureza da matéria física. O esforço, mais uma vez, é muito apreciado — muitíssimo. Mas não podes subornar-te a ti mesma, muito menos a mim. Um dia, vais ter de olhar para dentro. Não há outro caminho — e todos os caminhos conduzem a esse.

Vou tocar a campainha e acordar o nosso amigo — e se tu a conseguires ouvir, então eu também consigo, e voltarei, se prometerem não dar mais rumolade ao Ruburt escondido em rebuçados. Se forem tão vivos como eu sou à minha idade, então podem, de facto, cantar *hosannas*...

Muito bem, agora vou acertar convosco todos. Digo-vos "boa noite" agora, mas continuarei aquilo que tenho a dizer quando forem dormir esta noite. Continuarei a minha dissertação, pois tinha-a planeada. Se não me quiserem ouvir enquanto estão acordados porque já é tarde, então serei como uma máquina de gravação para que aprendam enquanto dormem. Posso, de facto, tratar de ti (para Theodore). Brincadeiras à parte, falarei com os que estão presentes esta noite enquanto dormem, e podem colocar-me as perguntas que quiserem. Podem ou não lembrar-se. Isso está fora do meu controlo, e nem é preciso dizer que podem ouvir ou não. Não forço, nem forçaria, a minha presença. Mas não estão suficientemente impressionados com a realidade da vossa existência no estado de sonho. Ainda não percebem o seu significado. Ainda não compreendem o potencial que têm — e que de facto usam no estado de sonho — mas que não utilizam habitualmente na vida desperta.

Agora, quando vos falar, podem lembrar-se de mim, mas é muito provável que me vejam como pensam que sou. Dou-vos então, novamente, as bênçãos que são minhas para dar, e estou aqui convosco de forma muito clara esta noite para que possam sentir vivamente a minha realidade, e ao senti-la, sentirem também essa realidade maior que é a vossa. Portanto, embora diga "boa noite" agora, visitar-vos-ei de novo — quer se lembrem ou não — pois uma parte de vós saberá, e essa parte nunca esquece encontros como este.

Só deixo agora porque estou tão ciente da vossa noção de tempo. Sei que para vós a hora já vai avançada. Mas o tempo é tão transparente como o ar nesta sala, e as vossas oito, nove, dez, onze, meia-noite, voam pelo ar como pássaros. Falo convosco individualmente e, embora ouçam as mesmas palavras, elas significam algo diferente para cada um de vós.

Deixo-vos então os meus votos mais calorosos, e continuaremos a nossa conversa quando estiverem aconchegados nos vossos lençóis. Em vez de visões com doces, serei eu a dançar dentro das vossas cabeças! Agora, estou perfeitamente preparado para continuar assim como estou, aqui convosco, durante muito mais tempo. Só não o faço por pura bondade do meu coração invisível e por compreensão da vossa condição humana. Por isso digo, temporariamente, boa noite.

AULA DE PES

22 DE OUTUBRO DE 1968 – TERÇA-FEIRA

Estou no centro do vosso grupo e é a mim que se devem unir. O nosso amigo aqui (Jane) teve algumas experiências ontem à noite, por isso não o vou reter muito tempo. Ele tem estado impaciente convosco e eu tenho estado impaciente com ele por estar impaciente convosco. Os professores discutem os seus métodos e os gatos aproveitam para brincar.

Todos vocês ganham força quando estão aqui, e cada um a usa à sua maneira. Este lugar é como uma pedra de toque. Têm medo de a tocar demasiado, com receio de se queimarem — e eu sei disso. Querem saber, mas não demasiado depressa. Sei disso, e não me incomoda — por isso não vejo porque deverá incomodar o nosso amigo (Ruburt) aqui.

Tenho, de certo modo, as vossas histórias diante de mim, e vejo os vossos grandes passos, os pequenos tropeços, e vejo onde escorregam. Estou atrás de vós no escuro e dou-vos um empurrãozinho quando é preciso — não um empurrão forte — um toque. O Ruburt, esse sim, empurrava-vos e atirava-vos.

Agora, o episódio da vela foi legítimo. Não foi uma simples corrente de ar a passar de forma brincalhona. Eu sou um grande vento a passar de forma brincalhona. A vela foi movida. A chama foi movida, se o meu amigo Ruburt me perdoar, por um espírito amigo que estava por perto. Não percebo porque é que ele não entendeu que a mensagem foi recebida.

Estão mais ligados entre si do que imaginam. Um dia explicarei porquê. Vieram aqui pelas vossas próprias razões — e embora devessem saber quais são essas razões, um dia dir-vos-ei.

Agora chega o vosso outono. Que vos lembre que todas as coisas no vosso sistema dormem e depois despertam, e que piadas contadas vezes demais deixam de ter graça. Têm de ficar em espera durante algum tempo, e depois renascem — brotam de novo. As verdadeiras piadas são mistérios e não são piadas como as entendem.

Embora admita que normalmente chego até vós com uma voz como um trovão musical — uma voz que parece pesar mil quilos, que parece cair na

sala com um baque — posso também chegar suavemente, como uma folha, e estar presente sem que saibam. (A Florence tentou conter uma tosse e Seth bradou.) Podes tossir à vontade. Podem todos tossir e fazer uma sessão de tosses!

Todos acabarão por receber os dados preciosos das vossas reencarnações, de uma forma ou de outra. Vou deixar o meu amigo fazer uma pausa.

(Seth retirou-se. Durante o intervalo, a Florence levantou a questão da vontade de Deus — se Deus tem controlo sobre o que nos acontece, etc. Seth interrompeu repentinamente:)

Nenhum estímulo é alguma vez acidental. Nenhum estímulo é alguma vez acidental. Repito para que possam compreender. Nunca são controlados. Deus é criatividade, e Ele cria criatividade — ou outros criadores. A criatividade, pela sua natureza, conduz inevitavelmente a mais desenvolvimento e existência — a mais criações. O controlo leva à rigidez, à inexistência, e à negação de tudo.

Nós termos em que normalmente se fala, a perfeição seria morte e aniquilação, pois pressupõe um fim além do qual já não é possível progresso. A criatividade sabe sempre que o desenvolvimento futuro está latente. Novas possibilidades nascem constantemente do coração e do espírito. Controlar é procurar a rigidez. Nenhum Deus conhece a palavra controlo — nem o seu significado — nem o exerce dentro das suas capacidades, pois isso levaria a becos sem saída, e a espiritualidade abandoná-lo-ia, secando-o como um caroço de fruta.

Não é o meu ego que permanece — pois deixei egos como uma serpente muda de pele. É a minha identidade que permanece — tal como a vossa permanece. A liberdade conhece o seu próprio controlo — mas não é o tipo de controlo em que estão a pensar. A espontaneidade, de facto, tem a sua própria disciplina, e nunca é imposta de fora. É o outro lado da moeda. Não há tal controlo. A espontaneidade conhece a sua direção. E Deus não teme. O controlo é resultado do medo.

(Seth retirou-se. Durante o início da pausa, enquanto Jane começava a sair do transe, Florence, a abanar os dedos depois de escrever durante tanto tempo,

comentou que desejava que o gravador estivesse presente. Seth interrompeu de novo imediatamente.)

Posso falar mesmo sem o vosso brinquedo a gravar. Tens o teu próprio gravador dentro da mente e lembrar-te-ás do que disse. Agora, não caminhem tão pesadamente pelos caminhos da Terra. Caminhem com leveza. O peso que carregam não é físico. Não são quilos físicos que vos pesam. As vossas identidades próprias iluminar-vos-ão. Não há necessidade de se concentrarem tão avidamente e exclusivamente nos caminhos físicos. Já caminharam noutros caminhos.

Tu (pareceu dirigido a Rachel) cultivaste outros jardins. Há alegrias que podem aliviar o teu fardo. Não é o teu ego que combates, embora tenhas um modelo muito claro de ego. Combates uma memória que permanece na periferia da tua mente. Uma transgressão já perdoada — uma tempestade já passada — uma nuvem escura já rasgada. És, por natureza, tão livre como o ar. O resto é uma fachada para esconder essa memória. Agora, conscientemente não compreenderás o que te digo, mas inconscientemente compreenderás. A transgressão já foi paga. A penitência terminou. Quando perceberes que és livre, poderás então usufruir da tua liberdade.

O que te traz aqui? Um conhecimento que não sabes que possuis — mas possuis. Olho de novo para as vossas histórias passadas e para as vossas probabilidades e futuros — nos vossos termos — e, meu Deus, como mudam. Nem se reconheceriam. Sejam corajosos. Têm mais resistência do que imaginam. E tu (Amelia), deves perceber que também estás aqui por uma razão e que constróis muito mais do que caminhos de jardim.

Não há razão para temerem os vossos eus interiores. É a eles que eu falo. Eles não vos trairão — apenas vos trairão com a verdade, e isso é, de facto, uma honra. A luz não vos cegará os olhos, mas sim abrirá novos olhos que não sabem que possuem, dará uma liberdade que desconhecem... Só a verdade vos dará sentido de humor.

Agora, se não se partirem em mil pedaços, podem fazer uma pausa — o som de estilhaços a cair no chão seria demais para o novo aspirador do Ruburt... ou para os dedos já a ceder ao cansaço.

(Seth retirou-se e houve um intervalo na aula.)

Ora, foi um belo sermão e hei de levá-lo a peito. As barreiras que erguem já não são necessárias. Os perigos já há muito foram ultrapassados. As transgressões não foram tão severas como a vossa mente consciente julgava, e o tempo de penitência terminou.

(A Sally tossiu discretamente.) Uma tosse educada, sem dúvida. Se eu fosse um tio querido e bem conhecido que tivesse "passado para o outro lado", talvez me conseguissem ver. Mas, por agora, terão de se contentar com o pouco de mim que consigo exprimir através da personalidade do Ruburt. Haverá ocasiões em que os traços do Ruburt mudarão consideravelmente quando eu vos falo, mas terão de se contentar, por enquanto, com essa parte de mim que conseguem intuir. Perceber-me-ão melhor com o tempo. Não virei a saltitar pela janela como o Peter Pan. Não é o meu estilo. Mas digo-vos que me perceberão com mais clareza do que agora.

Por vezes, também vaguearei. Mas estejam certos de que manterei os "olhos", por assim dizer, sobre vós — embora não seja o Grande Irmão a espiar-vos. Mas sei quando se desviam do propósito, quando avançam espontaneamente para ele, e quando, nas profundezas do vosso ser, reconhecem as vossas capacidades... e as negam.

A disciplina é saber como usar a espontaneidade. Só o medo dessa bênção chamada espontaneidade é que traz tristeza — pois impede o progresso e coloca pedregulhos no vosso caminho. Caminhem com leveza. Saltam de verdade em verdade. As verdades não pesam. São leves. Leves em peso e em iluminação. Preenchem-vos sem esforço. A verdade mantém-vos direitos nas cadeiras, com o sangue a pulsar nas veias, e permite-me vir a esta sala. Se se escondem atrás de uma árvore num jogo de esconde-esconde, então a verdade é a árvore. São vocês que acham que se escondem, pois ela é parte de vós e de tudo o que são. A verdade é tão vossa quanto minha — é abundante e espontânea, e não é controlada.

(Seth retirou-se. Jane teve dificuldade em sair do transe e Sally tocou-lhe no ombro e perguntou: "Jane, estás a voltar?" Seth voltou abruptamente.)

Estou a voltar! Agora não vos vou reter. Quando quiserem experimentar o tempo-psíquico, pensem em mim. Pensem na pequena esfera onde se colocaram, e que formam — o mundo e tudo o que conhecem — a partir de dentro. E que as verdades virão de dentro, e não de fora. Imaginem o sol

dentro de vós, como de facto está, e sintam-no a brilhar através dos limites aparentemente sem fim do vosso ser.

Pois se ouvirem para dentro, podem escutar as primeiras palavras ditas no vosso planeta. Podem ouvir o bocejo da Rachel que preenche esta sala tão silenciosa. Podem ouvir o primeiro e o último sopro que será respirado, nos vossos termos, neste planeta. Só precisam de fechar os olhos e olhar para dentro. Só precisam de reconhecer que a verdade é uma coisa alegre — e que não deve ser temida. Só precisam de perceber que todo o tempo está dentro de vós agora. Basta fechar os olhos e ver — como agora, se todos ficarem em silêncio, podem sentir a brisa cósmica a passar pelas vossas faces, e o ontem a atravessar-vos o crânio como nuvens a desaparecer. Só precisam de reconhecer a criatividade dentro de vós. Ouvir o impulso criativo interior. Pois, tão certo como estão sentados nesta sala, também existem para além dela. Quando dormem, estão livres.

Tu (para a Amelia) podes sair. Não precisas de levantar a mão.

Desejo-te uma boa noite calorosa.

AULA DE PES

10 DE DEZEMBRO DE 1968 – TERÇA-FEIRA

Esta é para ti (para Florence).

Identidade não é o mesmo que personalidade. A personalidade é a parte da identidade que se manifesta na realidade física e no vosso tempo. A identidade é muito mais ampla do que a personalidade. A personalidade representa apenas aqueles aspetos da identidade que conseguem expressar na existência tridimensional. O eu interior sabe quem é. O eu interior comunica com a vossa personalidade presente. Nos vossos sonhos, têm contacto com essa parte maior de vós que é a vossa identidade. A personalidade pode, até certo ponto, ser moldada pelas circunstâncias. A identidade utiliza essas experiências. A identidade não é arrastada ao acaso, mas mantém-se firme.

Se tivesses lido mais do material e estudado com mais cuidado a informação sobre ação e identidade, então saberias do que estou a falar. Podes considerar o Eu Total como uma cebola, se quiseres. Há camadas e camadas e

camadas, mas essas camadas crescem de dentro para fora — como se a identidade interior formasse camadas e mais camadas de personalidade. Essas personalidades são parte da identidade — mas não são a identidade total.

É verdade que não há limites para o Eu, e de certa forma podes dizer que o Eu se estende e abarca o ambiente. No entanto, as conceções atuais sobre personalidade não consideram a existência de telepatia ou clarividência, nem o facto da reencarnação. E assim, o que têm, na prática, como tenho dito tantas vezes, é uma psicologia unidimensional. Precisam de uma psicologia multidimensional — porque a identidade opera em muitas dimensões além da física. Se observarem os vossos próprios sonhos, saberão isso por experiência própria. Fica assim registado.

Agora, para a vossa aula! Têm aqui um estudo ou uma demonstração provocadora da natureza da personalidade para o vosso grupo. A minha personalidade não é o Ruburt, nem o Ruburt é minha. Temos até as palavras assinadas de um psicólogo a dizer que eu não sou uma personalidade secundária. Não faço qualquer tentativa de dominar a vida pessoal do Ruburt, nem esperaria que ele o permitisse. Não há conflitos. Não represento qualquer parte reprimida ou inibida do próprio ser do Ruburt. Como bem sabem, ele está longe de ser inibido! Ajudá-lo, sim — ajudá-lo a operar de forma mais eficaz com a sua personalidade. Ele consegue usar melhor a sua capacidade. Mas que isso seja visto como "crime psicológico" é um absurdo.

Os factos são, caros alunos e professor de psicologia, que todos vocês são mais do que pensam — e que personalidade e identidade são coisas bem diferentes daquilo que usualmente se acredita. Embora cada um de vocês perceba, no seu íntimo, essa verdade — verdade essa que não é fácil de pôr em palavras — ninguém pode fazer mais do que aproximar-se dela. Contudo, cada um de vocês existe noutras realidades e dimensões, e o "eu" a que chamam vocês próprios é apenas uma pequena parte do vosso verdadeiro Eu.

Enquanto sonham, têm contacto com essas outras partes de vós. Mas enquanto estão acordados, essa comunicação continua — embora não tenham consciência disso, pois o vosso ego está tão focado na realidade física e na sobrevivência nela, que não se permitem ouvir a voz interior.

Se pensarem honestamente em vós mesmos, a sós, perceberão que aquilo que são não se vê num espelho. O eu que veem ao espelho é apenas um reflexo pálido da vossa verdadeira realidade. Não veem o vosso ego no espelho. Não veem o subconsciente no espelho. Não veem o eu interior no espelho. Estes são apenas termos. Símbolos para expressar a parte interior de vós que não podem ver nem tocar. Dentro de vós — dentro dos "eus" que conhecem — está a identidade principal, o Eu interior completo.

AULA DE PES

14 DE JANEIRO DE 1969 – TERÇA-FEIRA

Vocês não têm o tipo de brandy que eu bebo, nem de perto conseguem aproximar-se da sua qualidade.

(Houve uma discussão na aula sobre a adaptação entre a morte no plano físico e a transição para o plano "espiritual".)

É assustador, sim, mas demonstra que até eu tenho coisas para aprender... O choque do nascimento é muito maior do que o choque da morte. Porque, ao nascer de novo, têm de se reajustar completamente e aprender a operar num ambiente estranho e alienígena. Ao morrer, não há ajustes tão fortes. As circunstâncias variam, mas se tiverem sorte — e espero que tenham — então as vossas faculdades intelectuais continuarão a funcionar. E, ao frequentarem esta aula, certamente que devem continuar. E por isso há um sentimento de triunfo, pois dirão: "Estou morto, e ainda assim sou eu!" Dançarão uma dança bem alegre!

Mas quando renascem num organismo pequeno e indefeso, e quando o vosso intelecto ainda pode estar a funcionar com intensidade, então o choque é grande, pois não conseguem fazer o que querem. Tomam como garantido que se podem expressar, e não conseguem. Isso é um choque. Alguns indivíduos retêm memórias fortes das suas vidas passadas, outros não. É mais fácil, vejam bem, não se lembrar.

Não vos serve de nada, enquanto bebés, recordarem o sucesso de uma vida anterior, pois assim sentir-se-iam duas vezes mais indefesos. A morte é, de facto, triunfante. O nosso amigo Ruburt sente triunfo por ter vivido tantos anos nesta vida e por se sentir forte e saudável — pois temia que a idade adulta o destruísse. E (para a Sue) esse é também o teu medo.

Quanto mais triunfantes se sentirão quando perceberem que viveram e morreram muitas vezes e sobreviveram — tal como eu também sobrevivi.

Vim esta noite para vos dizer que gosto da vossa casa (para a Rachel, onde se realizava a sessão).

(Houve uma discussão sobre se Seth já tinha estado ali antes.)

Na verdade, nunca fui tão social por aqui, e se não se cuidam, farei com que regressem à vossa fogueira dos mortos. Não que não tenham já lá estado nos vossos sonhos. E haverá outras ocasiões nas aulas em que lá iremos, e decidirão deixar o grupo e embarcar na viagem que vos levará até lá. E então sentirão o verdadeiro triunfo. Agora, este vinho agrada-me mais.

(Para o Theodore) Terás a tua sessão quando chegar o momento certo. Exijo mais de ti porque estás a trabalhar. Tens de desenvolver-te ao teu próprio ritmo e não quero interferir no processo. Não estou alheio às tuas atividades, nem às tuas (para a Vera), mas é tentador para mim tomar o caminho mais fácil. É mesmo.

(Houve uma troca com Maureen sobre a realidade de Seth.)

(Para a Maureen) Quando acreditar verdadeiramente que existes, então esperarei que acredites que eu também existo. Até lá, mantém a tua opinião. Acho isso agradável e até algo divertido, mas respeito sempre o funcionamento de um ceticismo honesto e de uma análise crítica intelectual. É bom e saudável.

No meu próprio livro, como exercício intelectual — e apenas por isso, pois acredito que todos vocês existem — dedicarei um capítulo às dificuldades de provar, a partir da minha perspetiva, que a realidade tridimensional existe e que é habitada por criaturas pensantes.

Pois como sei eu, ao sentar-me aqui, que vocês não são fruto da minha imaginação? Sou de facto um cavalheiro bastante imaginativo — e há séculos que o sou. Como sei que não inventei uma sala cheia de alunos apenas porque quero ensinar?

No desenvolvimento intelectual dessa ideia, decidirei, claro, que vocês existem. Mas para isso, terei de vos seguir nos vossos afazeres diários. Como

poderei saber que existem se não vos vejo? Vocês tomam como garantido que os vossos corpos físicos são óbvios. Para mim, são altamente alucinatórios.

Acham que os corpos que ocupam são permanentes, mas é-me muito difícil ver os corpos específicos que agora ocupam, pois vejo-vos em todas as vossas envolventes reencarnacionais — e algumas delas são, de facto, bem envolventes!

(Para o Theodore) Vês uma personalidade composta. Nos teus termos, vejo uma personalidade composta. Nos meus termos, vejo-te. São vocês que fragmentam a vossa identidade em vários "eus".

(Para a Sue) Sobreviverás à idade adulta — a muitas idades adultas. Já sobreviveste a muitas.

(Para o Daniel) Também sobreviverás. Infelizmente terás de trabalhar e usar a tua mente. Gostas de usar a mente. Mas não a uses como brinquedo — usa-a como ferramenta. E é uma ferramenta de grande qualidade.

(Para a Florence, que acabava de chegar da sua aula) Bem-vinda à nossa aula de psicologia anormal.

Em breve, todos poderão ler o material de Seth. Todos têm boas mentes. Não estão é habituados a usá-las. Criam barreiras, portões e limitações, e este material exige um foco intelectual elevado. Quero que usem as vossas intuições, mas também quero que usem os vossos intelectos. Alguns ainda precisam de aprender a utilizá-los e dar-lhes liberdade. Dei-vos tudo à colher — e até adoçante. Mas, se continuarem nas aulas, terão de dar cada vez mais. Terão de dar um propósito intelectual elevado e aprender a usar as vossas mentes como nunca o fizeram antes. Sou um velhaco astuto.

([Rachel:] "E adorável também.")

Fico contente por achares que sou adorável. Mas vou enganar-vos para que usem as vossas mentes. Precisam de usar todas as vossas capacidades. Irão precisar delas. E se se saírem bem, poderão resolver agora certos problemas. E, se forem mesmo bons, podem até saltar uma aula — o que significa saltar uma reencarnação. Quanto mais problemas resolverem agora, menos terão de resolver depois. Isso não significa que não tenham novos desafios noutras

dimensões — pois terão. Imaginem os desafios que eu tenho, pois tenho de vos despertar, orientar e abanar.

Agora, os nossos amigos (os vizinhos da Rachel) não estão habituados a mim. Não pensarão automaticamente que o Ruburt está fora de si esta noite. E, se ouvirem a minha voz, acharão apenas que o nosso amigo está a falar durante o sono. Por isso, vejam como tenho alguma liberdade. Claro que isso pode fazer com que não sejamos convidados aqui novamente.

([Rachel:] "Serás sempre bem-vindo, de dia ou de noite.")

Serás sempre bem-vindo à casa do Seth. O Ruburt não aprecia esse comentário.

(Para a Florence) Cheguei a pensar em ficar — perdoa-me a expressão — mortalmente calado após a tua chegada. Também gosto de uma boa piada. No entanto, sabia que se soubesses que eu tinha falado antes te sentirias rejeitada, e não quero que te sintas rejeitada — a não ser quando quero que te sintas rejeitada!

Quero que todos aprendam e pensem o suficiente para poderem ler o meu material sozinhos — palavra por palavra — e compreender o que estou a tentar dizer sem a cobertura de açúcar ou o glacé... embora o glacé seja bom.

De facto, já estive aqui antes — mas também estive em todas as casas dos nossos estudantes. Para mostrar que me preocupo imensamente com os vossos vizinhos, manterei a minha voz baixa. De qualquer modo, farei agora uma pausa para todos vocês. E, se alguma vez se despedaçarem, eu apanho os pedaços. Pode ser que não consiga juntá-los de novo, mas apanho-os. Agora, relaxem. Não têm nada a temer... a não ser a mim. Despertem o vosso sentido de humor — ele perdeu-se nos juncos (depois de um trocadilho da Florence).

([Florence:] "Desculpa, Seth, estava a pensar que da última vez que falei contigo estava num avião a sacudir-se todo por cima de Utica. Só pensava em despedaçar-me.")

Rachel disse que sente que a outra personalidade está muito próxima. Há momentos em que parece puxar-te para dentro. A tua voz está um pouco

aguda para Seth. Seguiu-se uma discussão sobre as ações masculinas de Jane e a sua voz áspera quando Seth se manifesta. Seth respondeu:

— Não sou áspero. Não ladro.

Rachel comentou que se referia ao aspeto masculino, que não há género nele. E perguntou: "Para onde vou agora?"

Seth continuou:

— A minha comunicação não é adoçada, mas, nas nossas sessões em aula, falei de forma simples, se me permitirem. Tentei guiar-vos com doçura e suavidade pelo caminho que desejo que sigam, alargando as vossas ideias para que possam ler e compreender melhor o material habitual de Seth.

Theodore perguntou: "É esse o caminho florido?"

Seth respondeu:

— O caminho florido tem muitos espinhos, e estão a começar a percorrê-lo. Todos vós, com duas exceções — estas duas pessoas (Sue e Daniel) — estiveram tão presos às realidades organizacionais e às praticidades do dia a dia que limitaram os vossos próprios intelectos. Não é que não tenham bons intelectos, mas fizeram um acordo convosco próprios: o de não usarem os vossos intelectos na totalidade para poderem manipular mais facilmente o ambiente à vossa volta. Quero mostrar-vos que podem, sim, usar os vossos intelectos plenamente e ainda assim operar de forma mais eficaz no vosso ambiente.

Também devem usar as vossas intuições. A intuição sabe primeiro, mas não há razão para que o intelecto não a possa acompanhar. Nenhum de vós nesta sala usa 50% do seu intelecto, e não há motivo para que não o façam. Nenhum de vós usa 50% das suas capacidades intuitivas — e não há razão para não o fazerem.

A nossa amiga aqui, a Senhora de Florença, destaca-se simplesmente porque usa 20% mais do seu intelecto. Mas, em comparação com o que poderia usar, isso é insignificante. E tu (dirigindo-se a Florence) não te deves comparar com os outros, mas sim com o teu próprio potencial. Os outros nesta sala usam talvez 20% das suas capacidades intuitivas, e tu usas talvez 10%. Tens um

equilíbrio a recuperar nesse aspeto. Estas dimensões e realidades podem ser compreendidas. Podem ser experienciadas, até certo ponto, se fizerem um esforço.

Quanto a estes dois (Sue e Daniel), estou a alcançá-los numa idade relativamente jovem nesta vida. Esta (Sue) tem capacidades herdadas de vidas passadas, que deve reconhecer e usar — e tem uma responsabilidade acrescida de o fazer. Este (Daniel) acredita que pode simplesmente passar ao de leve. Mas esta vida não é para diversão. É uma vida de trabalho, de produção, de desenvolvimento e de utilização das tuas capacidades, em teu benefício e dos outros. Não há razão alguma para que usar essas capacidades não seja divertido. Deve ser um tempo de grande aventura — mas não de preguiça, nem de superficialidade.

Deveis lembrar-vos que, quando vos observo e falo convosco, não vos vejo com a idade que têm nesta vida. Alguns são mais velhos, outros mais novos, mas, enquanto entidades, pode dar-se o contrário: alguns são muito jovens espiritualmente, outros antigos. Gostaria de dizer que sou uma entidade jovem — uma espécie de duende novo — mas não é o caso. E fico contente que assim seja.

Perguntam-se o que vejo ao olhar para vós. Tenho uma impressão dos corpos físicos que agora habitam, mas também vejo, nos vossos termos, o vosso futuro e passado, as probabilidades do vosso desenvolvimento e as capacidades que têm e devem usar.

Rachel perguntou: "Como temos o poder de determinar o futuro, se passado, presente e futuro são um só?"

Seth respondeu:

— Isso são termos vossos. Para tornar a ideia compreensível, tenho muitas vezes de recorrer aos vossos conceitos de tempo. Estão em constante mudança. A reação é simultânea e, ainda assim, têm controlo. Por isso, nos vossos termos, sou forçado a usar passado, presente e futuro. Mas, ao lerem todo o material, verão que as vossas perguntas estão bem respondidas, pois não há questão que tenham feito que eu não tenha antecipado. Esse é o meu trabalho. Tu (Rachel) tens a capacidade e a aptidão — se as usares. Eu farei por expandir o teu QI.

Ruburt fará o trabalho de ligação. As capacidades existem em cada um de vós, e serão usadas. Antes de terminar convosco, usá-las-ão. E tu (para Florence), também usarás as tuas.

Desejo-vos a todos uma boa noite. A nossa amiga ali (Sally), no entanto, estava certa. Neste momento, estou nesse círculo — e vocês conhecem-no bem. E se não me resistirem — como é vosso direito — então poderão olhar através do círculo e ver o meu rosto, pois levanto a cabeça.

Houve uma conversa na aula sobre o "círculo", após a qual Rachel falou da possibilidade de deixar de ir às aulas.

Seth respondeu:

— Estás presente em todas as nossas aulas. Foste tu que trouxeste este grupo até aqui.

Alguém perguntou: "Fomos trazidos até aqui ou viemos por vontade própria?"

Seth respondeu:

— Vieram por vontade própria, por uma razão.

Após mais discussão, Rachel disse: "Porque não dizemos boa noite?"

Seth despediu-se:

— Desejo-vos a todos uma boa noite. Mas visitarei alguns de vós esta noite, quer se lembrem ou não.

Vera pediu: "Ajuda-nos a lembrar."

Despediram-se. Theodore acrescentou: "Ámen."

Seth respondeu-lhe:

— Tu (para Theodore), tem cuidado com isso!

Conversa entre Rachel e Ruburt

14 de Janeiro de 1969, Terça-feira —

Ruburt disse:

— Rachel, se continuares nesse círculo, é uma segurança falsa.

Rachel respondeu:

— Não posso sair até ver para onde estou a ir.

Ruburt disse:

— Haverá luz. Haverá luz e outra pessoa... acho que eu.

Rachel comentou:

— Eu diria que sim...

Ruburt continuou:

— Só sei que é uma segurança falsa ficar nesse grupo.

Rachel concordou:

— Eu sei disso.

Ruburt explicou:

— Porque tens de ir além desse grupo, nessa altura. Além disso, há duas pessoas nesse grupo que não eram verdadeiramente amigas. Embora estejam agora aqui nesta sala, naquela altura, não eram amigáveis. Eu era. E é só porque eu e tu estávamos lá nesse tempo que agora podes perceber isso. Isto é, aparentemente, uma espécie de neurose que adquiriste e que agora podes ultrapassar. E só podes porque progrediste o suficiente. Tens agora a oportunidade de fazer os ajustes e sair do grupo quando chegar a noite. É algo semelhante ao que aconteceu com a Jane, mas a Jane está a ultrapassá-lo de forma egocêntrica nesta vida. A sua resistência era tão forte que teve de se tornar mais permissiva para o superar. O sentimento de resistência tem a ver com a neurose adquirida naquela época.

— Naquela altura, não saíste do grupo — e devias tê-lo feito. Agora tens a oportunidade de regressar simbolicamente a essa altura e sair do grupo. É como se, nos teus termos, pudesses voltar a um momento desta vida onde

devias ter agido de forma diferente — e não o fizeste. Agora tens essa oportunidade. Podes mudar — nos nossos termos físicos — aquilo que consideraríamos o passado, através de ações no presente. Entendes-me?

— O passado, nos nossos termos, não determina o comportamento presente, porque agora podes voltar a esse passado e mudá-lo no presente. Terás essa oportunidade graças à tua compreensão intuitiva — algo que a maioria das pessoas não desenvolveu o suficiente para fazer. Na verdade, aquele círculo e aquelas pessoas são tão reais como esta sala parece para os outros. Neste momento, esta sala não me parece muito real. Agora, se quiseres — e sem qualquer tipo de imposição — podes olhar para cima e ver o rosto de Seth. E nesse rosto encontrarás a confiança para, naquele tempo, saíres do grupo. Essa confiança que encontrarás então servirá agora — e ajudar-te-á na vida quotidiana que pensas estar a viver.

Rachel perguntou:
— Quem são os que não são amigáveis?

Ruburt respondeu:
— Começando por ti, contando contigo, a terceira pessoa à tua esquerda naquela altura estava em conflito contigo. A quarta pessoa, a seguir a essa, também estava em conflito contigo — e tinhas medo dela. E foi por causa dessas pessoas que permaneceste no grupo, por falta de confiança para seguir em frente.

Rachel refletiu:
— Acho que eu era uma das pessoas não amigáveis.

Ruburt disse:
— Espera. Responde-me, sim? Há uma elevação… sinto como uma colina ali.

Rachel confirmou:
— Sim... um campo de trigo.

Ruburt continuou:
— Muito bem. Não quero dar-te sugestões, por isso tens de me responder com honestidade. Sentes alguém além disso?

Rachel respondeu:
— Não.

Ruburt insistiu:
— Eu sinto alguém para lá desse campo de trigo, vindo da aldeia de que falámos antes. E sinto que tu não queres saber que essa pessoa está lá.

Sue disse:
— Eu sou a que está do outro lado do campo.

Rachel acrescentou:
— É isso, Jane. Estou a rejeitar... não consigo ver rostos, mas consigo ver o Seth.

Ruburt respondeu:
— Então estás bem.

Rachel finalizou:
— Jane, vamos esquecer isto...

Ruburt respondeu:
— Já é tarde demais...

Theodore perguntou:
— Ela tem de passar pelas duas figuras não amigáveis para sair e alcançar a luz?

Ruburt esclareceu:
— Não. Há apenas uma figura no campo de trigo que ela não quer enfrentar.

Seguiu-se uma conversa entre Rachel, Ruburt e outros sobre deixar ou não o grupo passado e o grupo presente, com mais discussão sobre como passar do presente ao passado — e como alterar o passado afeta o presente.

Seth interveio:
— Ora, anima-te!

Rachel comentou:
— Aqui vem o meu... Ele vai ajudar-me.

Seth respondeu:
— Antes de mais, tu não vais sair deste grupo porque não queres. Vais resolver os teus problemas no grupo anterior, e eu ajudarei, se quiseres.

Rachel afirmou:
— Sabes que quero.

Seth respondeu:
— Tenho um braço forte quando me pertence. Existem muitas probabilidades e nenhum problema.

Rachel disse:
— São todos criados por nós, Seth.

Seth replicou:
— Estás a citar-me. Se te lembrares de que não tens nenhum problema, então aí tens a resposta. Não vais deixar este grupo. Se quiseres, deixarás o outro — e com confiança. Numa das probabilidades, já o fizeste.

Uma semana depois, na aula de 21 de Janeiro, Sue contou um sonho recorrente que tinha há anos — um sonho em que estava num campo de trigo ou milho a arder, e temia pela segurança da aldeia.

AULA DE PES

21 DE JANEIRO DE 1969, TERÇA-FEIRA

Durante uma discussão sobre predestinação, Rose comentou que o Seth daria um bom presbiteriano. Seth respondeu:

— Não fui um bom presbiteriano. Sou um bom "Sethiano", como o Ruburt diria.

Seguiu-se uma conversa sobre o papel do protesto e da violência no mundo de hoje — sobre a violência como meio de corrigir injustiças e levar as pessoas a aceitarem-se mutuamente sem preconceito ou julgamento baseado nos valores alheios. Sue e Ned, representantes da geração mais nova, defendiam o “pró”, enquanto outros estavam contra, neutros ou simplesmente filosóficos.

Seth declarou:

— Não podem matar. Enquanto acreditarem que é possível extinguir uma consciência humana para sempre, então o homicídio e a morte são crimes — e têm de lidar com isso. Enquanto acreditarem na realidade da violência,

então a violência é um crime — e colherão os seus frutos. Nunca haverá justificação para matar ou para recorrer à violência.

Como não existe morte, nos vossos termos, não há assassinato. Teremos algumas sessões longas sobre este tema, mas digo-vos agora: nada de bom virá da violência. Os ganhos aparentes que se obtêm acabarão na violência de quem os promoveu. A violência renascerá neles. Tornar-se-á parte da sua realidade, e outros virar-se-ão contra eles. Isto aplica-se a qualquer povo, em qualquer época.

Se há uma mensagem que vos quero deixar, é esta: não há justificação para matar — não há justificação para o ódio — não há justificação para a violência. Ela pode acontecer, mas quem se entrega à violência transforma-se a si próprio — e a pureza do seu propósito é adulterada. Já não são os mesmos que eram.

No passado, com raras exceções, as tentativas de mudança centraram-se no exterior. Já vos disse: se olharem à vossa volta e não gostarem do mundo que veem, então são vocês — individualmente e em conjunto — que têm de mudar. Porque essa é a única forma de mudança verdadeira. E se a vossa geração, ou qualquer geração, quiser alguma vez provocar mudança — esta é a única via.

O que vos digo já foi dito ao longo dos séculos, e as pessoas não escutaram. Agora depende de vós (Sue e Ned), se querem ouvir ou não. É errado amaldiçoar uma flor — e é errado amaldiçoar um homem. É errado não honrar qualquer pessoa — e é errado ridicularizar alguém. Honram-se a vós próprios. Reconhecem em vós o espírito da vitalidade eterna, e devem tratá-lo como tal — como deuses. Se não o fizerem, então destroem tudo o que tocam. E devem também honrar cada outro indivíduo, porque nele também reside essa centelha de vida eterna.

Quando amaldiçoam outro, amaldiçoam-se a vós mesmos — e a maldição regressa. Quando agem com violência, por qualquer causa, a violência volta para vós. Porque aquilo que enviam, aquilo que dão, também recebem. Não há outra forma. Nunca houve. As leis são antigas e imutáveis.

Falo agora porque esta é a vossa oportunidade — este é o vosso tempo. Não caiam nos velhos caminhos, pois esses conduzem exatamente ao mundo que temem.

Quando todos os jovens recusarem ir à guerra, haverá paz. Enquanto vinte homens insistirem em lutar uma guerra, não haverá paz. Enquanto lutarem por lucro e ganância, não haverá paz. Enquanto uma só pessoa cometer violência em nome da paz, haverá guerra.

Infelizmente, no estado atual do vosso mundo, é extremamente difícil imaginar que todos os jovens de todos os países recusem, ao mesmo tempo, ir à guerra. E por isso, terão de lidar com a violência causada pela própria violência.

Não no vosso tempo físico, mas dentro dos próximos cem anos, esse tempo poderá chegar... e, se chegar cedo, será um milagre. Pois surgirá quando cada homem reconhecer que matar é errado, quando cada jovem, em todos os países, se recusar a ir para a guerra, e quando recusar amaldiçoar qualquer homem ou qualquer flor. Não se defende uma ideia com violência. Com violência, mata-se uma ideia.

Defendam a energia psíquica que têm agora. Essa energia, em massa, poderia mudar o mundo num piscar de olhos — se fosse usada de forma construtiva.

(Mais discussões seguiram-se.)

— Não se pode prestar homenagem à paz enquanto se é violento.

AULA DE PES

4 DE FEVEREIRO DE 1969, TERÇA-FEIRA

O que o Ruburt... alguém que tome nota disto, ou o meu amigo terá uma crise de nervos.

O que o meu amigo Ruburt não entende é algo muito simples, meus amigos. Quando ele olha para uma pessoa, vê uma mente — e classifica-a automaticamente... A, B, C, D, E, F. E se reprova, ele lava daí as mãos. O seu ego lava as mãos. No entanto, ele é demasiado intuitivo — e, na verdade,

demasiado bom — por isso o seu eu interior não o faz, mas o ego nem sempre se apercebe disso. O ego não quer brincar.

As crianças brincam — e, acreditem ou não, os deuses também brincam — e jogam com alegria. E por isso, quando vos falo, falo como pessoas e como indivíduos.

Vivi muitas vidas. Tive intelectos elevados e intelectos limitados. Fui intelectualmente estúpido e intelectualmente brilhante. Fui intuitivamente brilhante e emocionalmente tolo.

E sei que a verdade fala a mais do que o intelecto. Existe uma verdade mais elevada do que a intelectual — embora a verdade intelectual seja importante e possa orientar-vos na direção certa. Mas, quando vos falo, falo a uma parte de vós que o intelecto não conhece. E o intelecto pode aprender com essa parte. Em muitos casos, a verdade intelectual segue a verdade intuitiva. Vocês sabem intuitivamente. Por vezes têm de esperar anos até que o intelecto apanhe o que já sabem. Outras vezes, têm de esperar séculos.

Dou-vos as boas-vindas. Não pretendo colocar o meu bom amigo aqui demasiado sob pressão. Mas fi-lo... fi-lo. Devem usar tanto o intelecto como a intuição que têm. Eu insiro-me pelas frestas. Onde não há portas, empurro pelas rachas na vossa armadura e nas vossas muralhas. E por essas fendas encontram a vossa própria liberdade, a vossa própria escapatória, o vosso caminho para a verdade.

O conhecimento não existe sem consciência. Não há conhecimento ideal que vos possa ser dado e que exista independentemente da consciência. A consciência sabe. Não existe uma coisa inerte chamada conhecimento que se possa beber. Eu sou uma consciência. E aquilo que devem saber, tento dizer-vos e ensinar-vos. Mas não há registos, por mais que tenham lido. Não há arquivos celestes a serem lidos. Há personalidades que têm conhecimento — que vocês ainda não sabem que também têm — e podem partilhar convosco o que sabem, como eu faço. E cada um aprende à sua maneira — ou não aprende.

Terei prazer em fazer uma sessão durante toda a noite, quando estiverem prontos. Posso esgotar-vos a todos. E sou tão ocupado — ou mais — do que qualquer um de vós.

Conheço-vos individualmente, e não faço exceções. E sabem que vos conheço, um a um. Temos alguns alunos exemplares — estão a trabalhar muito bem — e felicito-os por isso.

Parece que a nossa Senhora de Florença não está a olhar para dentro. Parece que não está a experimentar, que não sabe, de forma clara, porque está aqui. De todos vós, é quem parece ter tido menos experiências interiores, e ainda assim está a impedir os seus próprios propósitos por estar presente. Mas uma parte da sua personalidade sabe o que está a aprender. E ela sabe que tenho um lugar reservado para ela no meu coração invisível. Ela cumpre um propósito nesta aula, neste grupo — um propósito altamente importante — e ao mesmo tempo está, de facto, a concretizar possibilidades internas e a abrir caminhos.

(Para Ned:) O meu nariz, jovem, não é uma máquina de cinema. Podes olhar à vontade.

(Para Rachel, Sally e Theodore:) Vocês também têm um papel neste grupo, e ao virem aqui, também seguem os vossos próprios propósitos. E isso é bom. Sei que não estão prestes a sair do grupo. Não deste grupo. A não ser que o meu amigo construa uma lareira. Prometi-vos uma sessão, e terão essa sessão, dentro do tempo previsto. Faço-o trabalhar arduamente porque ele tem capacidade — e está a trabalhar. Tu, em particular. (Para Theodore?)

Não vos darei respostas fáceis, pois essas não vos servirão. Dar-vos-ei a oportunidade de fazerem as perguntas certas. No passado, não sabiam o suficiente para saber quais eram. Não liderarei quem me siga cegamente. E todos vós devem tomar isso a peito. Quem segue cegamente nada aprende. Exijo que trabalhem — à vossa maneira, de acordo com as vossas capacidades. Mas que usem as vossas capacidades individuais, que aprendam a dominá-las. E vão consegui-lo. E aprenderão quais são. E trabalharão as relações que existem nas vossas famílias próximas. E ambos o farão. E compreenderão o significado — o porquê de a vossa filha e a vossa irmã terem aproximadamente a mesma idade. Elas escolheram essa relação.

Não há razão para que a verdade não seja alegre. Não há razão para que a verdade não possa pregar partidas — até com narizes. E nota para o nosso amigo Ruburt — não há necessidade de a verdade ser dita com tons elevados e intelectuais. Já forneci material em sessões nossas que é legítimo e válido

— e será bem utilizado por quem o possa compreender intelectualmente. E também forneci material altamente intuitivo, que será compreendido por quem sabe usar a intuição. A verdade não segue uma linha única.

O sinal da geração jovem. E, para provar que, embora não tenha um coração visível, sou jovem de espírito — aqui está esse sinal (faz o V com os dedos).

Tu (para Rose) és uma entidade jovem. Não me fales de juventude e idade. És uma entidade muito jovem — e cheia de energia!

E não se preocupem que o vosso amigo Ruburt exagere. Nem que seja levado pelas perguntas, para que eu fale. Eu cuido dele. Mas aprecio a vossa preocupação. Ele é mais forte do que parece. E eu também.

David e Golias — referindo-se a Daniel.
Daniel perguntou:
— Vou vencer?

Seth respondeu:
— Vencerás tudo o que quiseres vencer.

Já fui mulher em várias reencarnações. E tu também foste (para Brad). Muitas das mulheres aqui também foram homens em várias vidas. Precisam de ambas as experiências. Devem ser mãe e pai. Têm de viver reencarnações onde são ambos. Devem ser masculino e feminino. Se eu não tivesse sido ambos, não poderia falar convosco — contigo, contigo e contigo. Estaria preso às barreiras da perceção sexual. E vocês podem mudar à vontade. Faz-vos bem.

Agora, estou a dar uma lição ao meu amigo... ao meu amigo Ruburt... sobre como transmitir o material. E ele saberá o que quero dizer. Não encontrarão segredos na erva — apenas ervas daninhas.

Intelectualmente, compreenderão o material — se o lerem. Não quis, anteriormente, dar a entender que estava a gozar com o intelecto do nosso amigo — apenas que, por vezes, esse intelecto o impede de chegar aos outros como devia. Preciso — e precisei — de um intelecto através do qual pudesse trabalhar, para que os nossos princípios básicos fossem compreendidos por quem tem inclinação intelectual. Para que cientistas, matemáticos, religiosos e filósofos não encontrem falhas na nossa lógica.

Através dos livros do Ruburt, podemos alcançar e ajudar muitas pessoas. Mas não serão alcançadas como vos estou a alcançar agora — gravação ou não. O nosso amigo Ruburt ainda não compreendeu completamente o significado das nossas aulas. Nem a energia que aqui existe — e que irá além das paredes desta sala. O nosso amigo ali (Theodore) tem as costas do Ruburt. Isso não é um obstáculo para ele.

Não vos vou prender aqui até ao pequeno-almoço. Quando fico em silêncio ou faço uma pausa longa, não é porque não saiba o que dizer a seguir — é porque estou a falar-vos em silêncio. E mesmo em silêncio, falo com uma voz alta e inequívoca.

AULA DE PES

25 DE FEVEREIRO DE 1969, TERÇA-FEIRA

A única coisa que quero que compreendam — e que tento transmitir — é que a informação, a verdade, só vos pode ser dada através do meio da consciência humana. E consciência significa personalidade.

Quando sou jovial, e quando me conhecem tal como sou, saibam que sou assim há muito tempo — com mudanças, transformações e desenvolvimentos. E que, enquanto estão aqui sentados diante de mim, são muito mais do que pensam ser. E, se vos parece que já disse isto em inúmeras outras ocasiões, de facto, disse. E repito-o por uma razão: para que saibam que a vitalidade é alegria, que a personalidade tem validade eterna, e que a mudança é contínua. E que, à medida que me desafiam, também serão desafiados.

E agora deixo-vos, na ponta dos pés. Uma vitalidade como esta não conhece barreiras, nem mortes, nem finais — apenas começos. E os começos são sempre alegres. A criatividade é sempre nova. Desejo-vos então uma boa noite — e regozijem-se!

[Para Sue e Ned Watkins, recém-casados:]

... a vossa união. E sentirem a vossa unidade com Tudo O Que É — e saberem que fazem parte disso. Deviam saber que não poderiam escapar à minha cerimónia — e a minha cerimónia é a cerimónia dos céus, das árvores — até da erva. É uma cerimónia que não precisa de cerimónia, pois fala através de

todas as estações e ergue-se, falando por vós. E tal como estão aqui sentados agora, assim já existiram muitas vezes. E esta cerimónia não é nova. Outonos e primaveras não são novos. Sentam-se aqui com uma nova juventude, com nova vitalidade — nova, mas antiga — pois não há novidade que não tenha uma herança ancestral.

Caminharão por muitos becos e grandes avenidas — como já fizeram antes — e voltarão a fazê-lo. Mas, nesta vida, caminharão juntos, como sabiam que aconteceria. E sabiam que se encontrariam aqui, e que eu vos falaria aqui. E não há beleza que imaginem que não possa ser real. Os sonhos que têm tornar-se-ão realidade — mas cuidado com os medos, pois também os medos se realizam. Arranquem-nos pela raiz. As alegrias devem ser sempre novas — novas com uma herança ancestral.

Devem olhar para a face da vulnerabilidade para encontrarem a alegria. Não podem encontrar alegria se não aceitarem a vulnerabilidade. Até os deuses conhecem a vulnerabilidade — e é por isso que vivem. E porque conheci a vulnerabilidade, continuo vivo. Ofereço-vos, então, toda a paz e alegria que consigam conter. Mas não podem segurá-las como se fossem uma pedra na mão — pois atravessam-vos e seguem para os outros.

Não precisam de saber — não precisam de saber nada em termos intelectuais. Sabem tudo para além das palavras, em partes vossas que não têm voz. Não precisam de palavras. Não precisam das minhas palavras — mas eu falo-as. Falo-as para que percebam que não precisam delas. E ao olhar para vós agora, não é que veja através de vós — é que vejo os "vós" que ainda não sabem que são. Eis então a vossa alegria e a vossa paz — que elas vos acompanhem à moda antiga destes dias — compreendendo que estes dias são sempre — e que há mais dias do que estes, e outros tempos e outros lugares. Que a paz e a alegria estejam convosco em todos os dias.

Abençoo-vos agora — mas as verdadeiras bênçãos devem vir de vós. Devem perceber que são um com Tudo O Que É — e que dentro de vós está o único capaz de abençoar — e devem estar dispostos a aceitar a bênção que só vocês podem dar, e a alegria que só vocês podem oferecer a si mesmos e uns aos outros.

Nunca deveria existir, em nenhuma língua, uma palavra que signifique “arrependimento”. Só deveria haver uma palavra que signifique “eu

abençoo". Pois, quando abençoam, não precisam de se arrepender. E quando aceitam uma bênção, também não. Porque, ao aprenderem a aceitar uma bênção, já não há nada de que se arrependam.

Amar Tudo O Que É exige apenas que se tornem tão abertos como o ar — e, quando se tornam abertos como o ar, a alegria de Tudo O Que É flui através de vós livremente — e não há nada a temer, nem nada de que se arrependam. Só necessitam de arrependimento quando desconhecem a alegria. Porque, dentro da alegria e de Tudo O Que É, só existe glória — e essa glória é consciência e canção. É pura bênção.

Quando se criticam pelas vossas falhas, então não compreendem o que é alegria. E Tudo O Que É é consciência e alegria. Criticariam uma flor por ter um caule torto? Então, em vós mesmos, reconheçam a espontaneidade. E é nela que encontrarão alegria.

A espontaneidade tem a sua própria disciplina. Não precisam de a forçar. Imaginem que o tecido ósseo dos vossos crânios não existe. E deixem a energia de Tudo O Que É fluir por vós como nuvens no céu. Não digam: "aceito isto, mas recuso aquilo". O saber que está dentro de vós sabe. Não precisam temer o espontâneo. Não devem temer que, ao darem liberdade a si próprios, enveredem por caminhos errados. As restrições conscientes podem conduzir-vos à negação. Mas os vossos eus interiores, conhecendo o seu lugar dentro de Tudo O Que É, não temem negar. Aquilo que vos parece mal é fruto da vossa ignorância. Há propósito em todas as coisas.

Na vossa espontaneidade, nunca esqueçam a sagrada singularidade de uma sombra sobre uma estrada, a forma de uma folha, a mancha numa chávena de café — é nessas coisas simples que encontrarão um indício da vossa própria singularidade — e poderão ir além delas. Ignorem a contenção consciente que vos prende. Deixem que o sentido intuitivo fale — pois é a voz interior, e a magia que vos une não precisa de palavras conscientes.

[Sobre os "dois grupos", em resposta a uma pergunta da Rachel:]

Há também equações emocionais — e estás envolvida numa equação emocional. Não há situação de que precises de fugir no teu grupo interior. Há uma mudança que decidiste para ti própria — e cada um nesta aula, que participa em ambos os grupos, tem as suas próprias equações. Ao resolverem

as equações emocionais, acabam por encontrar pistas espirituais. Não há nada de que precisem fugir. Há verdades às quais estão a tentar aproximar-se. Não há nada de que se tenham de esconder. Há verdades que tentam descobrir.

A fogueira é altamente simbólica — e tem significados diferentes para todos os que a experienciam. Isso não significa que a fogueira não seja real. É muito real — tem uma realidade tão legítima como esta sala — mas não do mesmo tipo. As qualidades da equação têm significados profundamente subjetivos — e não precisam de ser iguais para todos os que com elas lidam. E eu estou presente em ambos os círculos. Sou o denominador comum. E sou um denominador comum amigável.

E quando me ouvem falar, não ouvem apenas a minha vitalidade — ouvem também a vossa própria — pois também eu sou parte de Tudo O Que É. E se sou antigo e novo, também vós o sois — antigos e novos. Há milagres nesta sala — e em cada sala onde entrarem — que têm de aprender a perceber. Há alegrias e vitalidades dentro de vós que ainda não percebem — que não devem tentar compreender intelectualmente, mas sim sentir.

E pensam que, porque vos falo quando aqui estão, que pertenço a este lugar. Mas eu não pertenço a sala nenhuma, a tempo nenhum, a lugar nenhum. E também vós não pertencem a sala nenhuma, a tempo nenhum, a lugar nenhum. E, para outros que não percebem, vós sois tão mágicos, tão indefinidos como uma sombra a atravessar o chão numa tarde de sol. Eles não vos veem. Tal como vocês não veem outras sombras mágicas e realidades que julgam estar abaixo de vós. Mas Tudo O Que É conhece cada sombra.

(...fim da gravação...)

Essas realidades são conhecidas por eles. E a minha realidade transcende esta sala. Logo, a vossa também. E, se Ruburt tem acesso à minha realidade — e se a minha realidade canta através dele — então a minha vitalidade é apenas um indício de Tudo O Que É — um pequeno e insignificante eco da realidade de tudo o que existe.

O eu interior que controla a vossa respiração não precisa que o disciplinem conscientemente. E se tentarem fazê-lo, podem realmente interferir com a sua bela e espontânea ordem.

(Quando a Rachel saiu, comentou que o velho ditado "só podemos ter certeza de duas coisas — a morte e os impostos" já não era verdade. Ao que Seth acrescentou:)

— Podem ter certeza da vida — e desejo-vos uma boa noite.

(Jane disse à Sally que ela estava a jogar demasiado pelo seguro, que devia correr mais riscos. Que devia explorar mais, e que não havia nada a temer. Disse que a Florence poderia tentar "espreitar um pouco para dentro" e perceber que também lá não havia nada a temer, e que devia deixar a sua intuição seguir livremente. E que ela e o Daniel podiam olhar-se nos olhos como pessoas. "Pelo menos nesta sala, podem permitir-se essa liberdade.")

E então, quando ouvem a minha voz, ouvem a vossa. E quando sentem a minha presença, sentem a vossa própria presença. E não há necessidade de se esconderem de nenhuma delas.

Quero que sintam as minhas palavras gravadas onde não possam simplesmente anotá-las num caderno. E quero que questionem — mas com perguntas sinceras, não disfarces de perguntas. Quando as perguntas são reais, como sabem, eu respondo. Quando não são honestas, não respondo. E não vos dou crédito por respostas fáceis. Não vos dou hipóteses múltiplas — quero dissertações. Mas quero dissertações vindas da parte mais profunda de vós — composta de intuição e intelecto.

Olha para cima, Senhora de Florença — não te deixarei contentar com perguntas fáceis. Nem com respostas fáceis. E não te darei maravilhas — farei com que sejas tu a produzir as tuas próprias maravilhas. E não o quererias de outra forma. É por isso que nos compreendemos tão bem. Conheceste muitos que te deram respostas fáceis a perguntas fáceis. Mas não gostaste deles tanto como gostas de mim. [Pausa]

Agora despeço-me com ternura — e quis que me olhasses nos olhos, não com o olhar em baixo. E estás, de facto, esta noite, ligada às partes mais interiores da tua personalidade — a frequentar duas aulas — e não precisas de pagar $3 pela outra (para o Theodore).

Não me manifestei propositadamente ultimamente, porque não quero que tomem como garantido que falarei em todas as aulas. Nesses casos, não trabalham com tanto empenho. Agora, mesmo que a visão do Ruburt esteja fraca, a minha não está. E quando falo numa aula, como já vos disse muitas vezes, é com um propósito.

O meu propósito é lembrar-vos que a vitalidade e o sentido da existência estão dentro de vós. E que a energia presente nesta sala está disponível para vocês. E quando entro sorrateiramente nesta sala, é também para lembrar-vos que existe paz dentro de vós — esperem por ela, procurem-na — ela está lá. E a paz não é algo morto. A paz ressoa com a vitalidade do universo. Ela canta através do vosso sangue e é parte de Tudo O Que É.

Relaxem e aceitem isso — e lembrem-se: vivi muitas vidas físicas, tal como vocês agora. E sobrevivi de forma saudável e vigorosa — e também vocês o farão. E com o vosso intelecto, com a vossa razão. E mesmo eu, sendo homem e mulher, estive casado sem cerimónia e com cerimónia — e o verdadeiro casamento nada tem a ver com esse tipo de cerimónia. O verdadeiro encontro é espiritual — e pode ser expresso de muitas formas. E uma flor existe num campo quer seja abençoada por um ministro ou não — pois é parte de Tudo O Que É e, portanto, carrega em si mesma a sua bênção e o seu sentido.

E antes que o nosso Ruburt se preocupe demasiado com os vizinhos, desejo-vos a todos uma boa noite. E, ao dormirem, a vossa vitalidade continuará a ressoar tal como ressoa a minha voz — mesmo que não oiçam o toque.

AULA DE PES

ABRIL [1?], 1969 (DATA EXATA DESCONHECIDA)

Esta aqui percorreu um longo caminho e exige muito de si própria — porque eu estou atrás dela com o chicote. Mas eu não o usaria.

Agora, como também serei autor, devem olhar para mim com um certo respeito. O Ruburt pode não querer que eu me intrometa na situação. Não devia brincar com ele, pois, como disse há pouco, está encantado. Não é todos os dias que temos esta pessoa aqui connosco.

Quero esclarecer um ou dois pequenos pontos. Primeiro, tenho estado por perto para ouvir algumas das vossas excelentes dissertações em meu nome. Segundo, estive também presente quando uma membro desta aula (Florence) e outra mulher estavam a trabalhar no meu livro. Essa outra mulher era a tua filha, claro. Eu ando por aí...

Estão todos de bom humor agora — e quando vos digo que estão despertos, estão mesmo despertos. Ninguém vos acorda como eu — e de várias formas.

O Ruburt terá uma sessão amanhã à noite, teve uma ontem, mas não me incomoda muito.

Estou aqui com seriedade porque estou satisfeito com o vosso interesse no material — e porque o **Livro 1** está agora completo. O vosso interesse e esforço significam muito para vocês — e trarão benefícios — além do facto de que terão em mãos um excelente manuscrito.

Lamento não mover mesas como o AA, mas se me interessasse por isso, posso garantir que esta voava pela janela até ao meio da Water Street! Estou mais interessado noutros tipos de movimento — pensamentos que voam pelas vossas mentes — do que mesas a saltar pelo chão. Esses movimentos são muito mais reais e com mais potencial.

Estás a sair-te bem como oradora reconhecida. Vê lá se não cometes erros ou darei um toque no teu ombro. Foi uma visita muito agradável.

Foi difícil para mim manter-me calado durante toda a noite, mas, como não vos podia enviar um postal de agradecimento, decidi agradecer-vos pessoalmente. O Ruburt apreciou bastante a vossa bebida espumante — e por isso agora, também eu, de certa forma, a posso saborear.

Antes que esta imagem vos evoque espíritos alegres e etílicos — perdoem o trocadilho — deixo-vos ao repouso e silêncio em que vos encontrei. Talvez.

Numa dessas noites, podem dançar a hula através da minha aura — e eu fá-la-ei saltar pela sala. Enquanto fizerem o vosso trabalho e estudo, serei jovial. Mas há sempre um propósito por trás do que digo e do que faço.

[Florence:]
— Quando penso nos milhões e milhões de vidas sacrificadas em nome de

Cristo, em nome de Deus — os judeus massacrados na Idade Média, nas Cruzadas, em nome de Cristo... disseste que o espírito de Cristo entrou em todas as pessoas, e, no entanto, a humanidade não reflete isso. Ao ver os distúrbios na televisão, basta uma faísca para causar uma explosão neste país. Bastaria um único negro maltratado por um polícia branco. Disseste antes que não houve apenas um Cristo, não uma única pessoa que tenha feito tudo aquilo — mas muitas.

(O grupo discutiu o conceito de Cristo.)

Seth respondeu:

— Acham que o Filho de Deus poderia ser contido num só corpo? Foi-vos dado o livre-arbítrio porque o espírito de Cristo está dentro de vós. Isso não significa que não tenham escolha. O espírito de Cristo dá-vos a vida para fazerem com ela o que escolherem.

Dentro de vós há planos — sabem o que devem alcançar — como indivíduos, como povo, como raça, como espécie. Têm livre-arbítrio. Podem optar por ignorar esses planos. Podem ignorá-los durante muito tempo. Estão a aprender que são responsáveis. E, quando aprenderem a lidar com essa responsabilidade, terão um papel importante a desempenhar.

Fizeram da realidade física algo diferente do que estava previsto. Fizeram-no usando o vosso livre-arbítrio. Os vossos egos tornaram-se excessivamente desenvolvidos, demasiado especializados. Estão tão focados na realidade física que ela se tornou muito mais dolorosa do que era suposto ser. Estão, em muitos aspetos, dentro de um sonho. Mas foram vocês que tornaram esse sonho tão vívido.

Era suposto resolverem problemas e desafios — mas sempre conscientes da vossa realidade interior e do vosso verdadeiro lar. Em grande parte, perderam esse contacto. Focaram-se de tal forma na realidade física que ela se tornou, de facto, a única realidade que conhecem.

Quando matam um homem, a maioria de vós acredita que o mataram para sempre. E o homicídio, por isso, é um crime — e deve ser tratado como tal porque vocês é que o criaram, e, por isso, devem lidar com ele. Vocês criaram o crime. A morte, nos termos em que a entendem, não existe.

Nos primórdios da história — mesmo antes da história começar — o homem mudava de forma. Eles sabiam que não morriam.

Ao ouvir a vossa gravação, percebi que não deixei um ponto suficientemente claro. E é este: nenhum deus criou o crime do assassinato, nem qualquer deus criou a dor ou o sofrimento. A hora já vai avançada, e o meu amigo Ruburt não queria que eu falasse em voz alta durante muito tempo. Contudo, o que vos disse serve para vos recordar que fostes vós que criaram estas coisas, à medida que se esqueceram das vossas verdadeiras origens — e só quando se lembrarem dessas origens é que elas deixarão de existir.

Agora, desejo-vos uma boa noite e dou-vos as boas-vindas. Deram-vos apenas vislumbres do que estou a tentar explicar — mas aquilo que irei explicar tornar-vos-á a realidade que conhecem mais significativa, dando-lhe uma base lógica e intuitiva que atualmente vos falta.

Um pequeno apontamento aqui para o meu amigo Ruburt: gostei bastante da sessão de sábado à noite. Foi divertido ver uma boa imitação de mim (referindo-se a Carla C.).

Todos vós deviam ter uma compreensão básica do material, pois é esse material que vos ajudará a descobrir as vossas identidades — e que fará com que outras realidades tenham sentido para vós, tal como são agora. O que posso dizer-vos neste momento é pouco — porque ainda não têm a base necessária. Se já tivessem lido o material, poderia dar-vos mais informação. Como não o fizeram, não posso.

Vim esta noite porque havia um convidado — e também para que soubessem que não vos abandonei. Estou aqui, falem comigo ou não — e, muitas vezes, inspiro o Ruburt, de forma que, quando ele fala por si mesmo, fala por mim. Sou astuto nas minhas maneiras.

Dou-vos os meus melhores cumprimentos e votos sinceros. E, se não fosse pela vontade do Ruburt, pela hora tardia, e pelas suas preocupações com os vizinhos, continuaria. Mas também sei que já houve festas nesta sala que duraram bem para além da meia-noite, com música a ecoar pelas paredes, e ninguém disse: “Desliga a música, os vizinhos vão queixar-se.” Admito que a minha voz, como aqui se manifesta, talvez não seja tão melódica. Não sou um DJ. Mas há aqui uma lição que o meu amigo Ruburt faria bem em considerar.

Falarei convosco em breve. Não vos podia deixar sair daqui com os corações pesados e os rostos dececionados. Longe de mim estragar-vos o dia e deixar-vos sem uma prenda! Não que me compare a nenhum presente pascal, compreendam. Mas sei que esperam os meus comentários bem-humorados.

É melhor porem-se a mexer e a trabalhar — ou não teremos muitos comentários divertidos. Não venho de mansinho como um coelhinho da Páscoa branco com rabo fofo a saltitar entre as tulipas! O meu material, reconheçam, é pesado e pode tornar-se denso, mas se o estudarem, compreenderão melhor a vós próprios, o mundo onde vivem — e até as tulipas.

E com esta alegre mensagem, despeço-me por hoje. Vou embora com relutância — mas não em silêncio. Vim, sobretudo, para vos lembrar que estou aqui.

Os corpos físicos que têm só são reais dentro da vossa perspetiva. Foram vocês que os formaram com sentidos que reagem apenas dentro dessa mesma perspetiva. Estão presos àquilo que criaram.

Pedirei ao nosso amigo que vá buscar algum material antigo — porque têm de entender claramente como estas construções físicas são feitas, e eu já as abordei sob várias perspetivas.

Mas, porque acreditam que é possível matar um homem, então o homicídio existe dentro do vosso sistema — e têm de lidar com ele.

Deem-me um momento.

O vosso Dr. King é agora exatamente o que sempre foi. O homem que o matou acredita que matou um homem — que acabou com uma consciência para sempre e apagou, para toda a eternidade, algo que só existiu por um breve instante. E acreditar que se fez tal coisa é, de facto, lamentável. Trazer-se a cometer tal ato, com essa crença, é profundamente triste. Mas os vossos erros e enganos, felizmente, não são reais — e não afetam a realidade. Pois Dr. King existe verdadeiramente.

AULA DE PES

8 DE ABRIL DE 1969, TERÇA-FEIRA

É hora de pôr ordem na reunião — porque está na altura de chamar a atenção da maioria de vocês.

Falo para os membros regulares desta aula. Estão a esconder-se de vós próprios — não estão a pensar com profundidade, não estão a olhar para dentro, e estão a fazer muito pouco esforço para usarem as vossas capacidades intuitivas ou intelectuais.

E tu (para Brad), estás à espera que os outros te digam o que fazer.

Se aprenderam alguma coisa aqui, deviam perceber que, quando andam por uma teia superficial, acabam por cair. As forças interiores que têm à vossa disposição, não as estão a usar. Ultimamente, a vossa conversa social tem sido o vosso único momento de profundidade. E podem — e devem — ir mais fundo do que isso.

Esta noite, não conseguiram usar as vossas capacidades internas. Não falo convosco de forma severa com frequência. Mas se eu não o fizer — quem o fará?

Já viram — e continuam a ver — o que pode ser feito. Viram outras pessoas chegar à aula sem experiência nem conhecimento. Viram o nosso habitante do corredor (Theodore) usar as suas capacidades — e ele não precisa de procurar maravilhas, porque está a experienciar a realidade.

E tu, querida Senhora de Florença: ainda não puseste nem a ponta de um dedo nas águas límpidas do teu eu interior. Nem sequer dançaste à beira da margem. Essas realidades interiores representam a tua liberdade, os teus triunfos e a tua força — representam as maravilhas dentro de ti. E não podem ser-te dadas por ninguém. Nenhuma realidade — física ou espiritual — é igual à de outro ser. Fechas a porta à tua herança ao não olhares para dentro.

Fechas a porta à tua força quando a procuras nos outros (para Brad). Se eu resolvesse os teus problemas por ti, não haveria razão nenhuma para usares os teus próprios recursos internos. E seria uma traição da minha parte tratar-te assim.

Tiveste soluções fáceis oferecidas no passado — mas não eram soluções. Eram ameaças.

Digo-te que tens dentro de ti a capacidade para resolver os teus próprios problemas. Tens dentro de ti a capacidade para te levantares e seguires em frente. E tens também a responsabilidade de descobrir quem és e o que és. As respostas para os teus problemas estão dentro de ti — e podes encontrá-las. E, ao fazê-lo, usas a tua força.

Depender dos outros só encoraja a fraqueza. Por isso, não permitirei que me uses como uma bengala. Vou atirar a tua bengala para longe, dar-te um bom empurrão — e fazer-te levantar e enfrentar os teus problemas sozinho.

E essa é a única forma como te posso ajudar. E é a única forma como alguma vez serás ajudado — e tu sabes disso. E sabe-lo bem. E digo-o com bondade.

Esta noite estão todos a levar um puxão de orelhas — mas já vinha a ser tempo. É por isso que o nosso amigo Ruburt não me recebeu de braços abertos na última aula. Sabia bem o que eu trazia.

Não vos serve de nada eu vir aqui dizer-vos, simbolicamente, "Meus passarinhos, voem — estão a ir muito bem!" — se não estiverem.

Não estão a cumprir as vossas responsabilidades só por virem aqui uma vez por semana. Estão a cumpri-las quando entram dentro de vós próprios todos os dias. Afinal, será a viagem assim tão assustadora?

O medo é apenas aquilo que vocês próprios criaram. Fizeram-no e colocaram-no diante da porta.

E tu (para Florence), deste ao teu filho um carro — mas porquê? Será esse veículo algo que o trará de volta ao teu coração? Faz essa pergunta com honestidade — e procura as tuas respostas. Podes usar o teu amor por ele como um veículo — um veículo que te ajude a encontrar-te a ti mesma.

Se eu não conhecesse os vossos potenciais, não me incomodaria convosco. Se cada um de vós não tivesse capacidades que não está a usar, eu deixar-vos-ia em paz. Picar-vos sem razão seria cruel — e eu não sou cruel. Mas pico-vos por uma causa justa, e cada um de vós sabe bem disso.

A busca em que todos embarcaram só pode começar a partir do centro da vossa própria realidade. É isso que têm com que trabalhar — e têm mais do que imaginam. Exijam mais de vós próprios — não menos.

Tu (para Rose), a tua informação era perfeitamente legítima (referia-se a uma carta que Rose recebeu de Inglaterra).

(Seth estava mais intenso do que o habitual enquanto transmitia este conteúdo.)

Para começar, devem dedicar tempo. E não há dúvidas sobre a quem estou a falar (Vera). Dou as boas-vindas formais (para Jenny e Laurie). Tu (para Rose) estás a ir bem, mas ainda andas com demasiada precaução. Poderias ter muito mais resultados, mesmo dentro do contexto em que estás a trabalhar, se não fosse essa prudência excessiva. Mas estás a fazer um esforço — e quando se faz pouco esforço, é de esperar pouco resultado.

Quando (para Florence) há um problema matemático que te interessa, tentas resolvê-lo. Não o resolves ficando de braços cruzados, olhos fechados, a dizer: "De certeza que a solução deve ser assustadora." Se a nossa Senhora de Florença não tivesse capacidade para olhar para dentro, eu não a pressionaria a fazê-lo. Mas tu tens essa capacidade.

Digo-te: dá um só passo, na ponta dos pés, para fora do teu tempo físico (para Florence). Apenas isso — e surpreender-te-ás com os resultados. Se tirares apenas 15 minutos por dia e fizeres esse esforço, isso automaticamente iniciará o teu eu interior. O simples ato de tirares esse tempo representa um compromisso, um que até agora não estiveste disposta a fazer.

Seria melhor abrires essa porta por tua conta — ou um dia eu bufarei, e soprando, derrubarei a porta — e então será uma grande confusão! E o que temos aqui! E tudo o que te é pedido é o mais pequeno sussurro. Podias, ao menos, falar pela fechadura. Digo-te: não encontrarás as respostas que procuras por outro caminho. E tu já sabes qual é o caminho.

Há uma torre de força — mas não está fora de ti, está dentro de ti. E posso perguntar-te com toda a seriedade (para Brad), quem pensas que és para recusar usar a força que te foi dada? E por que razão acreditas que a energia do universo, que flui através do sapo e da árvore, não flui também através de

ti? Ou que podes recusar essa energia tremenda por te sentires indigno? Será a pedra indigna?

Pois o sol brilha sobre a pedra, e a pedra não diz: "Ora vejam, sou apenas uma pedra simples, não mereço o sol." E uma flor não diz: "Ora, sou só uma pequena flor. Em milhões de universos, quem sou eu para crescer e florescer?" Ela usa as suas capacidades espontaneamente — e com alegria.

Então, usa também as tuas — aceita a energia e a força que estão disponíveis para ti. Uma flor não pode pedir a outra flor o sol — pois a outra não lho pode dar. Mas o sol está lá, e brilha sobre todas. Portanto, não procures ajuda nos outros — a ajuda já está lá, disponível para ti. Usa-a.

E para provar que sou um sujeito bem disposto e que não ando sempre de cara arrastada pelo chão, deixo-vos agora para o vosso convívio social. E, se conseguirem estar alegres depois disto — tanto melhor! Se tivessem mais sentido de alegria, olhar para dentro seria mais fácil — e se o fizessem como uma criança, encontrariam alguma liberdade.

Talvez eu não use a abordagem certa contigo (para Florence) quando falo de responsabilidade, mas tu tens uma orientação para a responsabilidade. Mas uma flor não sente a responsabilidade de florescer ao sol — floresce porque é natural. E também é natural olhar para dentro — foste tu que criaste essas barreiras, e agora achas difícil quebrá-las.

E, quando começares, já te estou a ouvir dizer: "Porque é que não soube disto mais cedo? Em vez de infernos, encontro prados — em vez de escuridão, encontro luz! Porque é que não me avisaste?" Pois bem — estou a avisar-te agora. E direi: 'Eu avisei-te.'

(Neste momento, Vera comentou que o Seth não a tinha "repreendido".)

Não te repreendo. Não tenho coração para o fazer. Estás a dar força ao Theodore, e representas uma base segura para ele. Estás a oferecer muito paiquicamente em toda a dinâmica familiar — de uma forma vital, geradora de vida, extremamente importante.

És mãe de uma forma que muitas mães não são — e a consciência psíquica dentro de ti irradia vitalidade para os teus filhos como raios de energia.

Mas (ainda para Vera), não quero que te sintas deixada de fora. Que sorriso celestial! Estou mesmo na companhia de santos! Agora, façam uma pausa.

(Florence disse que se lembrava de um sonho da semana anterior.)

Um sonho! Dou-te uma medalha de ouro! Visitar-te-ei em sonhos — serei gentil e cavalheiro — e tu lembrar-te-ás.

(A aula fez uma pausa, e depois Florence relatou o sonho onde se via como a negligenciada.)

És a flor que se diz a si mesma para não crescer. Mas podes contrariar isso — e, de certa forma, a tua presença na aula já o está a contrariar. Podes contrariar isso mudando a tua atitude. Onde está a tua coragem? És extremamente corajosa no mundo exterior. Lidamos com problemas raciais, enfrentamos grandes questões da comunidade. Enfrentamos corajosamente os problemas da sociedade — mas, ao olhar para dentro... onde fica essa coragem?

Não estás a ser intelectualmente honesta ao recusares olhar para dentro. Estás a usar o teu intelecto como desculpa. Estás a dizer: "Intelectualmente, não opero nessa área." Pensas que estás a dizer: "Sou demasiado intelectual para isso. O meu intelecto impede o progresso."

Não é o teu intelecto que impede o progresso — é a tua atitude perante ele. O teu intelecto pode ajudar-te. Pode ser uma ferramenta — um amigo no teu caminho interior. O teu intelecto não tem medo do eu interior. Ele crescerá contigo, com alegria — se permitires.

Finge, então, que o eu interior é um novo país — e tu és uma turista — curiosa, intelectual e intuitivamente curiosa. Finge que toda essa coragem que usas no dia a dia te pode ajudar a encontrar o caminho neste novo, estranho e maravilhoso território. Imagina que usas todas as tuas capacidades de observação externa, agora voltadas para dentro.

Os problemas existem nos reinos interiores — é lá que podem ser resolvidos. Ajudas, sim, ao tentares resolvê-los na comunidade e na sociedade. Mas eles só se resolvem verdadeiramente na realidade interior.

Usa toda a tua coragem e inteligência — e resolve os problemas na origem. Descobre o que é a natureza da realidade interior. E, com isso, terás uma base segura para observar o mundo lá fora com mais clareza e foco.

Agora, vou deixar o nosso amigo (Ruburt) descansar — mas eu continuo presente. E vocês também devem manter o foco!

(Durante o intervalo, Jane comentou que Seth tinha um verdadeiro propósito esta noite.)

Tenho sempre um propósito! Então vá lá (para Brad) — dá-me um resumo! Interessa-me saber quanto é que reténs do que digo, pelo menos conscientemente.

Vais fazer os teus 15 minutos por dia? (para Florence)
E tu? (para Brad) — vais deixar de procurar respostas fora? Vais usar a tua força a sério?

([Brad:] “Tenho de o fazer.”)

De facto tens. E todos vocês também.

Não costumo ser severo com jovens senhoras com quem ainda não estou bem familiarizado — por isso, deixo-vos escapar desta vez. Mas não esperem tratamento tão suave sempre. Tu (para Laurie) voltarás — e aí falaremos.

Tu (para Jenny) vais precisar encontrar estabilidade que acompanhe a tua elevada intuição. Tu (para Sally), não foste enforcada numa vida passada — os teus “crimes” não foram assim tão graves.

E agora, disse o que tinha para dizer esta noite. E todos sabem que por trás da minha severidade está afeto. E sabem bem que eu não bufaria e sopraria a vossa porta sem vos avisar — e estou a avisar!

Há alegria em tudo isto. Há espontaneidade. Não precisam entrar no vosso eu interior de saco de cinzas e olhos arrependidos. Se eu tivesse estrelas douradas, colava uma na testa dele (Theodore) — mas aí seria ele a ter de ir ao banco explicar a estrela estranha — e não eu.

A razão, a origem e a alegria da vossa existência estão dentro de vós. E se permitirem que se expressem, então sim — elas podem falar dentro de vós

com uma voz tão alta e alegre quanto qualquer uma que eu ouse usar dentro dos limites desta sala. A minha voz eleva-se para vos mostrar mais uma vez que a vitalidade e a vossa busca não são motivo de tristeza nem de arrependimento, mas sim coisas alegres, ambiciosas e cheias de vida — e que a energia que existe dentro de vós atravessa o vosso ser como os pássaros atravessam o céu. E, de facto, mesmo enquanto a minha voz reverbera contra o teto, agradeçam por ela não cair e estilhaçar-se em pedras pelo chão.

Há sempre uma razão — quer eu sussurre ou grite. A energia pode ser transformada em muitos padrões e usada de muitas formas. E a energia que varre este plano mais pequeno pode ser usada para muitos propósitos. Espero que sirva para a vossa aprendizagem — porque todos podem usá-la!

(Pausa para intervalo.)

Não estou cansado — o meu amigo Ruburt também não está. Mas lamento que vocês estejam. Não vos cansaria por nada deste mundo — isso não condiz com um bom anfitrião.

(Houve outra pausa e uma conversa sobre sonambulismo.)

Agora, como já é quase meia-noite, vou deixar-vos — antes que me transforme numa abóbora! Mas, num certo sentido muito real, são todos sonâmbulos, pois estão muito mais despertos e atentos em muitos dos vossos estados de sono do que estão agora. E nesses estados usam muitas das vossas capacidades com muito mais vantagem, pois há um estado de vigília mais elevado que ainda não reconhecem — mas que, ao mesmo tempo, conhecem muito bem. Há estados de perceção dos quais estão intuitivamente conscientes, mas que vos escapam à luz do dia.

E se trabalhassem, e se olhassem para dentro, e se explorassem os níveis da vossa própria realidade e da vossa própria consciência, então saberiam o que é esse estado — lembrá-lo-iam — e teriam sempre a sua realidade como guia.

O nosso caro Dean ainda não experienciou isto. O nosso amigo Ruburt já — e vários de vós têm essa capacidade. Isso faria o vosso intelecto do dia-a-dia parecer uma criança ingénua — porque não fazem ideia das reais capacidades do vosso intelecto. Não falo em vão — e isto não são promessas

atiradas ao ar. São realidades que podem ser experienciadas. Fazem parte tanto de vós como de mim.

Podem subir os degraus da vossa própria consciência. Façam-no. Ninguém vos empurrará escada abaixo.

Agora despeço-me com um caloroso “boa noite” — e dou-vos as bênçãos que tenho para dar. Diverti-me muito. Digam-lhe (ao Ruburt) que não quero ver pestanas postiças nas nossas sessões — não combinam com a minha personalidade! Nem com a dele.

(Rose falou sobre a reencarnação e disse que não queria que a “porta” estivesse totalmente fechada para a sua “próxima vez” — queria espreitar e usar algumas experiências passadas.)

A porta nunca está fechada. Está sempre aberta. Só imaginam que está fechada. Ninguém fecha a porta a não ser vocês próprios. E ninguém vos obriga a fechá-la — nem ninguém vos pode obrigar a abri-la, embora eu certamente tente!!

IMPRESSÕES DA JANE:
THEODORE MULDOON 8 DE ABRIL DE 1969

Algo sobre um “terceiro homem” que poderia estar no controlo, ou algo assim — definitivamente não estará. Mas penso que isso está relacionado com outras questões, por isso deves verificar. Theodore, tudo o que envolva Syracuse — com a tua presença direta lá em cima, creio — será definitivamente mais limitador do que aqui, por muito promissor que pareça inicialmente. E qualquer coisa relacionada com Syracuse tornar-te-ia uma figura decorativa apenas — não importa o que te tenham dito. Aqui em baixo ainda há expansões — e pelo menos uma delas poderá emergir ou tornar-se mais clara em breve, digamos, nos próximos noventa dias. As suas formas começarão a fazer sentido — e mais, haverá duas coisas que emergirão de

algo que parecerá apenas uma. Parece uma coisa — mas duas estarão envolvidas, de facto.

AULA DE PES

22 de Abril de 1969 – Terça-feira

Agora, as emoções fluem através de ti como nuvens de tempestade — ou como céus azuis — e deves estar aberto a elas, reagir a elas — e deixá-las passar. Tu não és as tuas emoções. Elas fluem através de ti. Tu sente-las. E depois desaparecem. Quando tentas reprimi-las, acumula-las como montanhas — e crias tornados dentro de ti.

Disse ao nosso Diretor que a espontaneidade conhece a sua própria disciplina. O teu sistema nervoso sabe como reagir. Ele reage espontaneamente quando lhe permites. E as nuvens passam facilmente através do crânio espesso. Quando tentas detê-las, é então que se acumulam — e as cargas elétricas aumentam — e as nuvens de tempestade crescem.

Tu não confias suficientemente em ti próprio, nem no conhecimento que tens dentro de ti.

Esta noite fui fortemente difamado! E por isso venho mostrar ao nosso novo amigo aqui presente que sou um sujeito bem-disposto. Essa era, pelo menos inicialmente, a minha intenção.

Contudo, com esta conversa sobre disciplina e espontaneidade, a minha intenção mudou um pouco. Pois devo dizer-te novamente — e não o posso dizer vezes demais — que o eu interior, agindo espontaneamente, revela automaticamente a disciplina que ainda não compreendes. Tu não és o teu corpo físico. Tu não és as tuas emoções. Tens emoções como tens bacon ao pequeno-almoço. Tu não és o bacon — e não és as tuas emoções. Tens pensamentos como tens ovos ao pequeno-almoço. Tu não és os ovos e não és os teus pensamentos. És tão independente dos teus pensamentos e emoções como és do bacon e dos ovos. Usas o bacon e os ovos na tua composição física; e usas as tuas emoções e os teus pensamentos na tua composição mental.

Certamente todos vós se consideram superiores a uma fatia de bacon, e não se identificam com ela. Então, não te identifiques com as tuas emoções ou

pensamentos. Eles fluem através de ti. Tu atrais-nos da mesma forma que vais à loja comprar o bacon. Mas o bacon passa pelo teu sistema físico e os pensamentos e emoções, se deixados em paz, passam através do teu sistema psíquico. E tu és independente deles. Quando ergueis barreiras e portas, enclausuras esses pensamentos dentro de ti — como se armazenasses toneladas de bacon no frigorífico e depois te perguntasses porque não há espaço para mais nada.

Ainda tens muito que aprender sobre o que é ser livre. Tu não és matéria física; tu não és os teus pensamentos; tu não és as tuas emoções. Tens emoções; tens pensamentos; tens um corpo físico — mas és muito mais do que isso. Usa os pensamentos. Usa as emoções. Deixa que passem por ti como as nuvens num dia de verão. Mas um dia de verão é muito mais do que o sol e as nuvens no céu.

Agora suponho que tenho de provar que sou bem-disposto. Tentarei pensar em algo. Dou-te as boas-vindas (BA).

Porque é tão difícil para vós aprenderem o que é a liberdade?

([Theodore:] “A liberdade, no sentido total, parece quase irresponsabilidade.”)

Essa é de facto a tua interpretação. E isso acontece porque colocas exigências.

Agora pergunto-te — até onde achas que uma flor chegaria se, de manhã, virasse a face para o céu e dissesse: “Exijo o sol!” “E agora preciso de chuva. Por isso, exijo a chuva! E preciso que venham as abelhas buscar o meu pólen. Por isso, exijo as abelhas!” E a quem pediria estas coisas? E diria a nossa flor imaginária: “Exijo disciplina! Exijo que o sol brilhe durante um certo número de horas; que a chuva caia durante um certo número de horas; e que venham as abelhas — abelha A, C, D, E e F — e não aceitarei outras. E exijo ainda que essa disciplina funcione e que o solo obedeça às minhas ordens, mas não permito que o solo tenha espontaneidade própria — nem que o sol tenha espontaneidade própria — e não concordo que o sol saiba o que faz. Exijo que siga as minhas ideias de disciplina!”

E quem, pergunto eu, a ouviria? Pois na espontaneidade milagrosa do sol, há uma disciplina que vos escapa por completo — e um conhecimento que está

para além de qualquer outro que conheçamos. E no voo espontâneo das abelhas de flor em flor há uma disciplina para além de qualquer uma que conheçam, e leis que seguem o seu próprio conhecimento — e uma alegria que não se pode comandar. Pois a verdadeira disciplina, veem, só é encontrada na espontaneidade. A espontaneidade conhece a sua própria ordem, e na expressão espontânea de cada espírito — encontra-se aquilo a que chamais disciplina — e não há outra.

No funcionamento espontâneo do vosso sistema nervoso, o que encontramos? Vemos aqui a cabeça do Diretor que repousa sobre os ombros e o intelecto que exige disciplina. E, no entanto, tudo isso repousa sobre o funcionamento espontâneo do eu interior e do sistema nervoso, do qual o intelecto pouco sabe. E sem essa disciplina espontânea, não haveria ego para se sentar sobre os ombros a exigir disciplina.

Agora que já provei o quão jovial sou, podem todos fazer uma pausa! (Pausa.)

Agora, se quiserem usar pestanas postiças na aula, virei ver. Não vos vou reter por muito tempo. Posso ver, no entanto, que a minha palestra de cabeça dura teve algum efeito, como era particularmente destinado a uma área à minha direita (Florence). À minha esquerda (Brad) — ainda temos trabalho a fazer — e assegurarei que o meu amigo Ruburt nos ajudará nisso.

Agora. Meu Diretor, o eu espontâneo que tanto temes é o eu que fala com Bega. Então, não é um eu a temer. Estás profundamente confuso quanto ao significado de espontaneidade e disciplina. As estações chegam todos os anos, como têm chegado há séculos no vosso planeta — e vêm com uma magnífica espontaneidade e com uma criatividade que irrompe sobre o mundo. E, no entanto, chegam no vosso sistema de forma altamente ritualizada e disciplinada. E a primavera não chega em Dezembro. Há uma fusão entre espontaneidade e disciplina — verdadeiramente maravilhosa de se observar. E não temes a chegada das estações.

Agora todos vós — cada um à sua maneira — contribuem. Pois podem considerar o corpo da Terra e tudo o que conhecem — as árvores, as estações, o céu — até certo ponto como vossa contribuição — a combinação de espontaneidade e disciplina que dá frutos à Terra. (Pausa.)

([Jane:] “Tive esta imagem fantástica de toda a gente a formar espontaneamente todas estas estações e tudo. E havia um esforço tremendo individual para fazer a primavera acontecer — para fazer os rebentos brotar... que as coisas boas que fazemos, muitas vezes nem damos por elas... pensamos na guerra — e vemos todo o mal que fazemos; e as coisas boas que fazemos, muitas vezes não nos apercebemos — e que realmente formamos as estações — a primavera, as outras estações; e que a própria Terra, a Terra física, é como o Jardim do Éden no nosso subconsciente. Ou seja, é o resultado das boas ações que realizamos — que mantemos — que criamos e sustentamos este planeta fantástico do qual obtemos o nosso sustento e alimento — e tudo o resto. E que quando chega a primavera, é uma criação — uma conquista tremenda — por parte de cada indivíduo na Terra e nesta região do país, porque fomos nós que a fizemos. E a nossa crença na espontaneidade e na vida e na vitalidade ajudou realmente a formar isto. Certos químicos saem através dos nossos sistemas que nem conhecemos, que mudam a atmosfera e por aí fora e fazem tudo isto acontecer.”)

(O parágrafo anterior foi dito por Jane enquanto ainda permanecia num estado de semi-transe. Os transes desta noite foram excecionalmente profundos e ela teve mais dificuldade do que o habitual em “regressar.”)

(A Aula discutiu a crise na Universidade de Cornell [a “ocupação” armada], incluindo alguns factos que já tinham aparecido nos vários meios de comunicação de forma distorcida.)

Agora. Desejo-vos uma boa noite, para que saibam que podem sair quando quiserem. Não que não saíssem quando estivessem prontos a ir.

Já vos disse antes, no entanto, que nunca há justificação para a violência. Nunca há justificação para ameaças. Não importa se acham que os fins justificam os meios, porque não justificam.
Os meios criam os fins.
E se os meios forem violentos, os fins serão violentos.
Nenhum de vós — nenhum — incluindo o nosso ilustre Director, compreende verdadeiramente o que estou a tentar transmitir. Espero que um dia o compreendam.

Vós criais a vossa própria realidade física!
Cada um de vós cria, individualmente, a realidade que conhece — e em conjunto, criam a realidade do vosso mundo e do vosso universo. Não existe bem algum dentro dele no qual não participem — e não existe mal algum no qual não tenham parte.

Isto é prático, e é a única verdadeira praticidade. Porque, se odiares, criarás uma realidade odiosa. E na medida em que odeias, verás a realidade como odiosa. Na medida em que temes, criarás uma realidade de medo. Na medida em que amas, criarás uma realidade amorosa. Na medida em que crias, darás origem a uma realidade plena de criatividade — e esta é a minha mensagem.

AULA DE PES

6 de Maio de 1969 – Terça-feira

Notas de Jane a partir de "O Poder do Subconsciente", de Dr. Joseph Murphy:

O poder do teu subconsciente é imenso. Inspira-te, guia-te, revela-te nomes, factos e imagens do armazém da memória. Iniciou o teu batimento cardíaco, controla a circulação do sangue, regula a digestão, assimilação e eliminação. Quando comes um pedaço de pão, o teu subconsciente transforma-o em tecido, músculo, osso e sangue. Controla todos os processos e funções vitais do teu corpo.

Nunca dorme nem descansa. Podes descobrir o poder milagroso do subconsciente simplesmente declarando, antes de dormir, aquilo que desejas que seja realizado. Eis aqui uma fonte de poder e sabedoria que te coloca em contacto com a omnipotência — o poder que move o mundo, guia os planetas nos seus percursos e faz o sol brilhar. O subconsciente é a origem dos teus ideais, aspirações e impulsos altruístas.

Seja qual for o pensamento, crença, opinião, teoria ou dogma que inscrevas no teu subconsciente — experimentarás isso como manifestação objectiva de circunstâncias, condições e acontecimentos. Aquilo que escreves no interior, experimentas no exterior.

É uma verdade universal: aquilo que imprimes no subconsciente manifesta-se no "ecrã" do espaço sob a forma de condição, experiência e evento. O pensamento é uma ação em potência. A reação é a resposta do teu

subconsciente, de acordo com a natureza do pensamento. O subconsciente é como um solo fértil onde podem crescer todos os tipos de sementes, boas ou más. Cada pensamento é uma causa e cada condição um efeito.

Como semeares no teu subconsciente, assim colherás no corpo e no ambiente. Tudo o que a tua mente consciente assume e acredita como verdade, o subconsciente aceitará e realizará. O que pensas habitualmente afunda-se no subconsciente. Este é o centro das emoções e é uma mente criativa. Uma vez aceite uma ideia, o subconsciente começa a executá-la. O que sentes como sendo verdade, o subconsciente aceitará e trará para a experiência.

(Quando o Theodore tiver a borla dourada, eu mesmo a colocarei nele.)

O meu amigo Ruburt tem razão, no entanto — e precisamos de um navio mais disciplinado! E eu assegurarei que assim será. Não vejo as vossas caras de festa — estavam lá há pouco. Podem cantar os "Parabéns" — dou-vos a lista dos meus aniversários e podem fazer uma festa em cada aula!

Falo apenas porque muitos de vós sabiam que eu estava aqui. E não me ficaria bem não vos dar as boas-vindas, sabendo que sentiram a minha presença. Mas em muitas das vossas conversas, houve apenas pensamentos e sentimentos superficiais — e nesta aula não caminhamos à superfície. Empurraria as vossas cabeças, coletivamente e individualmente, para debaixo da superfície — pois ainda não compreendem que *criam a vossa realidade física!* Constroem os vossos blocos e empilham-nos à superfície da Terra. Não podem resolver os problemas do mundo ao nível da superfície. Se pudessem, tê-lo-iam feito há séculos.

Têm de sair da vossa atual perspetiva para verem o mundo com clareza. Aqui não é para se esconderem no armário da tridimensionalidade e gritarem "Está escuro e não consigo ver!" — recusando-se a usar a luz interior, que é a única que vos pode ajudar a ver.

AULA DE PES

20 de Maio de 1969 – Terça-feira

(O Reverendo John Cross e a esposa, Mabel, foram convidados da noite. Jane apresentou Jack como um "baterista de rock." A sua presença foi avançada como possível razão para o comportamento mais contido da Aula.)

E eu a pensar que estavam a portar-se bem por minha causa! Vou ter de aprender a ser um reverendo baterista de rock — e manterei o ritmo contigo.

Agora, dou-vos as boas-vindas. Eles não estão no seu melhor esta noite porque tu és um ministro e estão assustados.

A mim, parece-me um senhor muito simpático. Não precisam de se sentir tão intimidados.

A nossa Senhora de Florença, ali, está cheia de perguntas que gostaria de te fazer. As perguntas caem da sua mente como blocos pesados. E, no entanto, não as fizeste. Ele seria uma boa pessoa para responder a elas. E tem respostas para elas.

Temos voltado a escorregar. A nossa Senhora de Florença fez algum progresso pois, desde a última vez que falei contigo, finalmente levaste-me a sério. Esperava mais de ti — e vais surpreender-te. Estou a falar com o nosso jovem mercador de Veneza (Daniel McIntyre).

O nosso outro amigo (Brad) anda a brincar com as muletas — a atirá-las ao ar — a treinar um "dois-passos" sem elas. Mas precisamos de mais do que isso. Tens o livro um do material. Digo-te: essa informação é prática. Podes pô-la em uso. Lisonjeia-me que o apanhes e o consultes de vez em quando. Podes mandá-lo encadernar a ouro ou em pele e guardá-lo como lembrança. Mas pouco te servirá se não o usares.

Tens de te tornar mais consciente do teu eu interior — ele não é assim tão terrível. Continuas a recear, como a nossa Senhora de Florença, que exista uma porta de cave — uma porta na tua mente — para o teu eu interior. E, se a abrires, todos os tipos de demónios sairão. E, se houver anjos, os demónios devorarão os anjos antes que alguma vez os possas ver. Em vez disso, digo-te — como já te disse antes — és mais do que sabes. E cabe-te a ti encontrar a tua própria realidade. Não ta posso dar. Posso apontar o caminho — mas a experiência é pessoal, e é subjetiva, e é uma viagem que tens de fazer — e fazer sozinho. Não a posso fazer por ti. Tenho as minhas próprias viagens a

fazer... e desvios por aqui. E qualquer problema que tenhas — eu já os tive. Por isso, olha para mim e percebe quão indestrutível és!

Digo-vos agora — e por consideração aos nossos convidados — que a morte não é sóbria, nem é realmente morte. É apenas um grande passo em frente. E, como os meus amigos sabem que farei, direi que toda a vitalidade ressoa... e ressoa através deste corpo e ressoa através do vosso — e é leve; e é alegre; e não conhece sobriedade; como sabeis, é algo leve e feliz.

A consciência, deixada a si própria, é como o mês de Abril deixado a si próprio. São vocês que projetam desastres no mês de Abril — sempre que os desastres ocorrem. E são vocês que projetam desastres na consciência quando estes ocorrem.

Uso o corpo de Ruburt, com a sua permissão, porque é meu amigo. Vocês usam os vossos próprios corpos — são os veículos que vestem. Como Ruburt diria, são os "trajes espaciais" que envergam para habitar a vossa Terra. Não são vocês — utilizam-nos — usem-nos com alegria, gratidão e sabedoria, mas não se identifiquem com eles, porque não são vocês. Já usei e descartei mais corpos do que gostaria de contar. E se realmente tivesse morrido com qualquer um desses corpos, não estaria a falar convosco agora — e vocês não estariam sentados ao meu lado. Porque também já falaram com muitas vozes.

Mas, mais uma vez, vir aqui uma vez por semana pode ajudar-vos a encontrar-vos a vós próprios — pode apontar-vos a direção certa — mas só se encontrarão verdadeiramente quando fizerem a viagem interior. E ao falar de viagem interior, não me refiro a uma visita rápida, apressada e envergonhada às vossas memórias de infância. Não me refiro a tentar descobrir porque têm medo de aranhas ou borbulhas no braço. Estou a falar de uma viagem muito mais extensa. E todos vós sabem a que me refiro.

Abram os portões da vossa consciência enquanto dormem! Sabem que são mais do que aquilo a que chamam o vosso "eu consciente", mas deviam sabê-lo por experiência própria! Abram as barreiras nas vossas vidas diárias — saiam para fora do eu que conhecem — e resolverão as vossas dificuldades! Vão resolvê-las, e saberão que foram vocês a fazê-lo. Saberão que a capacidade está dentro de vós e que a usaram — e então podem bater-me com as vossas muletas na cabeça que eu hei-de rir-me!

Agora, deixo-vos regressar ao vosso convívio social. (Intervalo.)

Podem fazer-me as perguntas que quiserem. Não vos garanto que vá responder a todas. Mas responderei a algumas.

([Jack Cross:] "Quando deixamos o corpo físico, para onde vamos?")

Vais para onde quiseres ir. Quando a mente consciente, comum, está num estado tranquilo como o do sono, viajas por outras dimensões. Já estás a ter experiências nessas outras dimensões. Estás a preparar o teu próprio caminho. Quando morres, segues por esses caminhos que já preparaste. Existem vários períodos de treino, que variam consoante o indivíduo.

Tens de compreender a natureza da realidade antes de conseguires manipulá-la de forma inteligente e consciente. Neste ambiente, nesta realidade física, estás a aprender — ou devias estar a aprender — que os teus pensamentos têm realidade e que crias a realidade que conheces. Quando deixas esta dimensão, concentras-te no conhecimento que adquiriste. Se ainda não compreendes que crias a realidade que conheces, então regressas, e voltas a aprender a manipular, e voltas a ver, repetidamente, os resultados da tua realidade interior manifestados no exterior. Ensinaste a ti próprio a lição — até aprenderes.

E quando a aprenderes, começas então a saber como lidar com a tua consciência de forma inteligente e responsável. E aí poderás formar imagens para benefício dos outros, orientá-los, guiá-los. E poderás continuar — continuar a expandir a tua compreensão e consciência — e à medida que o fazes, ganhas uma consciência mais clara da tua responsabilidade. E essa responsabilidade não é difícil de compreender.

([Jack Cross:] "O que determina o tempo entre reencarnações?")

Tu. Se estiveres muito cansado, então repousas. Se fores sábio, tiras tempo para digerir o teu conhecimento e planear a próxima vida — como um escritor que planeia o próximo livro. Se tens demasiados laços com esta realidade, se és impaciente, e se não aprendeste o suficiente, então poderás regressar demasiado cedo.

É sempre uma escolha individual. Não há predestinação. E ninguém te diz o que deves fazer. As respostas estão dentro de ti — tal como agora.

([Jack Cross:] “Como se descobrem essas respostas?”)

Há muitos caminhos — mas só uma via verdadeira. E essa via é começar a viagem, como Ruburt vos disse, à natureza da vossa própria consciência — pois as respostas estão dentro de vós, e não fora — e ninguém vos pode dar essas respostas. Por um lado, cada pessoa encontrará a sua resposta individual — mas por outro lado, todas as respostas são uma só.

Devem tentar esquecer, durante um período de tempo por dia, o “eu” que pensam ser — o adulto com pretensões e certezas. Devem recordar a espontaneidade da infância. Pensar na liberdade que existe dentro de uma flor. Pode parecer-vos que uma flor não se move, e por isso não tem liberdade. Mas digo-vos: pensem na liberdade da flor.

Dissociem-se da pessoa que conhecem. Fechem os olhos. Imaginem algo que vos seja agradável. Não importa o quê. Depois, imaginem-se a afastar-se de si próprios da forma que escolherem. E então imaginem que tudo à vossa volta é outra dimensão e que só precisam de dar um passo de cada vez — e encontrarão as respostas. Só precisam de começar. Há uma aventura — e está dentro de vós. Há respostas — e estão dentro de vós. E podem encontrá-las.

([Jack Cross:] “Como se desenvolve o poder da cura espiritual?”)

Já tens esse poder. O que queres é saber como usá-lo. E na verdade, já o usas — mesmo sem saberes. Quando pensas com paz, quando desejas o bem de alguém, estás a curar.

Para dirigir esse poder de forma consciente, tens de voltar a familiarizar-te com a sensação da tua própria experiência subjetiva — para que possas reconhecer, de forma interna, quando essa energia está a fluir através de ti e para fora. Podes usar a imaginação — como se estivesses a segurar uma flecha e quisesses apontá-la a um alvo certo. Mas com prática, há um saber interno que se torna reconhecível. Usas essa capacidade quer estejas consciente disso ou não. És um curador — mesmo que não saibas.

Agora, tenho eu uma pergunta. É mais difícil para mim formular perguntas do que respondê-las. A minha pergunta é esta — e não precisas de me responder agora. Nem nunca. É uma pergunta para ti próprio:

Não serias mais livre para seguir o teu trabalho fora da estrutura em que estás agora envolvido?

([Jack Cross:] “Queres dizer a igreja?”)

Exatamente. Não a igreja — mas qualquer igreja. As tuas ideias já ultrapassam os muros e os campos. E não sentes já que te sentes limitado dentro do ambiente onde passaste tanto tempo? E não estás só agora — e mesmo com relutância — a dar pequenos passos onde poderias dar passos gigantescos? Não precisas de responder.

([Jack Cross:] “Sim, respondo. Sim, é verdade.”)

As respostas às perguntas que me colocaste virão de dentro. E virão mais facilmente se te libertares. Porque criaste barreiras — sem saber — onde elas nem sequer existem.

Agora, deixo-te voltar — espero — a um agradável convívio social.

([Jack Cross:] “Foi muito agradável.”)

Gostei.

([Jack Cross:] “Também nós. Obrigado.”)

Agora, caros amigos, todos habitais a mesma dimensão ilimitada — apenas não abriram os olhos para a ver. Pensam que estão cegos — e por isso não veem. O universo em que eu habito é o mesmo em que todos vós habitam. Alguns têm melhor visão do que outros — e essa visão não é física.

Agora, tu foste bem-sucedido com as teorias (dirigindo-se ao Rev. Cross); mas agora digo-te: esquece-as. Esquece o eu que as criou — e começa a experienciar. Para isso, segue as direções que te dei, mas também habitua-te a olhar à tua volta, de manhã, ao meio-dia e à noite — e a reconhecer que há mais em cada ambiente do que apenas a sala que vês. Reconhece que há personalidades que não podes ver fisicamente — mas estão lá. E procura-as com intenção positiva. Reconhece que há vozes que não podes ouvir com os ouvidos físicos — e escuta-as por dentro.

Ora bem. Em muitos dos meus passados, fui um cavalheiro intelectual e também uma mulher frívola. E, no entanto, digo-vos que, como essa mulher

frívola que adorava brincar com uma bola numa tarde luminosa, sem tarefas a cumprir, levando uma vida aparentemente ociosa e sendo, aparentemente, uma personalidade inútil — aprendi, nessa vida em particular, mais sobre a natureza da espontaneidade e da alegria do que em muitas das minhas existências intelectualmente pesadas.

O segredo está em não se esforçarem demais, em perceber que as respostas estão disponíveis, que estão ali, que as podem encontrar. À flor é dado tudo o que ela necessita. E tudo o que desejarem também vos será dado — mas têm de desejar verdadeiramente, com todo o coração. Uma curiosidade intelectual pode dar-vos algumas respostas, mas não vos dará as mais profundas.

Devem estar dispostos, verdadeiramente dispostos — não apenas dispostos, mas ansiosos — a viajar por dimensões que não conhecem no plano do ego.

E para esta realidade não entram como homens feitos com ideias pré-concebidas. Entram como curiosos sem preconceitos. E tornam-se recetivos — e então as respostas são-vos dadas — a ti, e a ti, e a ti.

Impressões (Para Jack e Mabel Cross) — 20 de Maio de 1969 (por Jane Roberts)

França, século XIV — academia de equitação — vi um acidente junto de uma academia, quando tinhas cerca de 14 anos — ficaste imobilizado, com alguma limitação física, durante alguns anos — tinhas um irmão e ele estava contigo no momento do acidente.

Vi uma estrutura de tijolo — não sei se era uma academia de equitação — tinha uma entrada muito larga — está relacionada com o acidente mencionado.

Tiveste uma vida breve como gémeos — existem divisões muito marcadas dentro de ti, que têm a ver com essa vida em que eras um entre dois — um seguia um caminho, o outro, um diferente. Um dos gémeos tinha uma inclinação forte para as coisas militares — foi soldado — e a organização da Igreja, hoje, cumpre esse mesmo papel, creio eu — uma estrutura de segurança. O gémeo que foi militar encontrou a sua identidade como soldado dentro do sistema, e tinha grande fé nesse sistema — acreditava profundamente na missão que cumpria. O outro gémeo inclinava-se mais

para a política, e na verdade foi orador, embora tivesse outra profissão — falava ao público — e os dois tinham uma forte ligação telepática.

Nesta vida, a Igreja proporcionou-te a mesma estrutura organizacional. Mas sentes certa frustração, porque o teu irmão gémeo tinha um sistema onde se sentia em casa e integrado, e tu invejavas essa segurança e esse sentido de identidade. Agora, a parte oradora em ti continua forte — queres ensinar, gostas de falar, de debater — mas também desejas aquela segurança que o outro tinha. Além disso, absorveste o seu impulso de lutar, só que neste caso a tua luta é por ideias. O teu irmão combatia por aquilo que a organização defendia — e tu agora combates contra essas mesmas coisas. E essa divisão está a trazer memórias, inconscientemente, dessa vida passada onde essa cisão entre ti e o teu irmão existia.

Nome grego — *Ostinatious* — e também 12 a.C. — esse era o nome dele, não do outro gémeo. Porque tinha essa ligação telepática, sentia fortemente a necessidade de união interior, e ao mesmo tempo, sentia-se dividido. Tinha uma forte tendência para avançar com as próprias ideias, equilibrada pelo desejo de segurança dentro do sistema e pelo medo de o abandonar. Sentia que a sua liberdade intelectual só existia enquanto estivesse protegida pelo sentimento de segurança fornecido pela organização. Se se libertasse, ficaria demasiado apavorado para ser um pensador independente. E isso levou a um dilema, que reviveste por volta dos 30 anos nesta vida. **Tu, Mabel, eras o** irmão gémeo.

AULA DE PES

3 de Junho de 1969 – Terça-feira

(Nota de Brad: as primeiras palavras ditas por Seth não ficaram gravadas.)

...para resolver os vossos problemas e triunfar sobre os vossos desafios — e o impulso é este: Não devem aventurar-se no mundo interior até se sentirem seguros na realidade física — pois não se pode viver em dois mundos ao mesmo tempo sem estar seguro num deles. É necessário um alicerce firme — um alicerce em que se possa confiar. E só então podem atravessar essas outras portas. Mas é necessário estarem de pé neste universo, com firmeza — e então viajarão conscientemente onde o corpo não vos pode seguir, e

encontrarão as vossas respostas. Mas têm de ter algo seguro a que se agarrar. E não há melhor motivo para resolver os vossos problemas do que esse.

Quando estiverem certos de que se sentem razoavelmente seguros onde estão, então levá-los-emos para onde não estão — e encontrar-se-ão. Já lá estão, mas para irem até lá, precisam de partir de algum lugar. Precisam de equilíbrio, de um certo grau de segurança — precisam de começar com confiança. E se viajarem demasiado rápido, demasiado longe, não terão essa confiança. Porque, no fundo da mente, pensarão: "Se nem me sinto seguro na realidade física, porque me sentiria seguro aqui?" — e assim não terão a ousadia necessária, nem a tranquilidade — e é essa tranquilidade a chave da porta.

Por isso, quando estiverem a caminho de resolver a vossa situação aqui, eu dar-vos-ei outras para resolver — e dar-vos-ei um empurrão — e podem contar com isso — e podem contar com isso quando me disserem que estão a fazer verdadeiro progresso aqui. Nessa altura, darei um empurrão **gigante**.

(As palavras anteriores foram dirigidas a Brad. O gravador falhou, e ao verificar que parte do áudio faltava, surgiu um excerto de música da fita anterior. Seth reapareceu e disse:)

Se eu cantasse tão bem, cantaria para vocês durante as aulas. Agora desejo-te, Daniel, uma boa viagem. E não quis magoar os sentimentos da Aula; longe de mim fazê-lo, quando vocês próprios os magoam tão bem sozinhos que nem precisam da minha ajuda. Terei uma mensagem para ti, Florence, em breve, através do nosso amigo Ruburt. Só queria que soubessem que estive aqui e que tinha uma mensagem específica a entregar ao nosso amigo Brad, deste lado. E se as palavras não ficaram gravadas, ficaram ali (apontando para a cabeça de Brad), e não as esquecerás. E quando faço promessas, mantenho-as. E quando digo que vou dar um "empurrão" numa determinada altura, dou — e será um bom empurrão... mesmo que já não precises dele.

Apareci esta noite simplesmente como amigo. Desejo-vos o melhor. Não vos vou manter até às duas da manhã. Um dia hei de mantê-los até às duas, só para poderem dizer que o fiz. Mas nesse dia, não me irão abençoar pela manhã seguinte — disso estou certo.

(Nesse momento, Theodore disse: "Estou em boa forma esta noite, Seth, estou pronto.")

De facto estás. E — como matéria física — estás aqui e agora. Mas não compreendes as formas como projetas a tua matéria física para esta sala. Quando o compreenderes totalmente, já não estarás nesta realidade física. Mas isso não será notado. **Nem notarás a diferença.** Em qualquer realidade, crias a imagem que vês. E a realidade que segue esta parecer-te-á tão física como esta — e tão real. Mas terás liberdades nela que agora não tens — a menos que às oito da manhã saltes do telhado e voes pela janela até à morte.

Podes fazer coisas com a imagem interior que não consegues fazer com a imagem física. Mas enquanto as fazes, elas parecem físicas. Estás a seguir-me?

Agora, nesta existência, quando visualizas uma imagem na tua mente, e quando essa imagem é sustentada por uma emoção intensa e um desejo vívido, ela será construída. Dentro deste sistema, haverá um intervalo de tempo. Noutros sistemas, esse intervalo pode não existir — e o teu pensamento pode ser instantaneamente transposto para a realidade. Por isso, agora tens de aprender a natureza dos teus pensamentos e como lidar com a energia.

([Theodore:] "Porque agora temos tempo para o fazer.")

Exatamente.

([Theodore:] "Mas entre o momento em que pensamos numa coisa e o momento em que ela se concretiza, podem surgir outros pensamentos sobre a mesma ideia e alterá-la antes que se manifeste. É isso?")
Então as ideias fundem-se.

([Theodore:] "Percebo. Formam um compromisso — um composto.")
Um compromisso, sim — mas não um composto. Vou deixar-vos por agora, mas darei mais informação sobre esse assunto na próxima vez que nos encontrarmos. E manterei os olhos em ti (Daniel), mas não vou fazer queixinhas. (Intervalo.)

Resumo para Jane:
([Theodore:] "Ele falou mais sobre matéria física — e desenvolveu os temas

abordados ao longo da noite. A realidade em outro plano ou dimensão é tão física quanto aquilo que aqui experienciamos como físico — é igualmente real, parece física para eles. Mas a liberdade é maior, e por isso, quando pensamos em algo nesses planos, isso acontece de imediato. Aqui, existe um atraso entre o pensamento e a sua manifestação como ação ou objeto. Durante esse intervalo, outros pensamentos e projeções sobre a mesma ideia podem influenciar o resultado final — mas Seth preferiu adiar a explicação sobre esses efeitos para outro momento."
"Ao projetarmos os nossos pensamentos para esse 'produto final', podemos influenciar a nossa saúde, o nosso futuro, a nossa posição, etc. Devemos imaginar-nos num estado de boa saúde. E presumo que o mesmo se aplica a uma vocação ou ocupação...")

...Mas nunca como um produto final. Porque um estado de saúde não é um resultado final — nem uma estação fixa, nesses termos. Trata-se da capacidade de gerir eficazmente a energia de forma construtiva, em benefício próprio e dos outros. "Estado de saúde" é uma expressão pouco precisa. Devem imaginar-se, isso sim, como capazes de gerir eficazmente a vossa energia, para vosso benefício e para benefício dos demais; imaginar-se como um canal através do qual a criatividade do universo se possa expressar. Pois quando abrigam ideias negativas e ressentimentos, criam um bloqueio — e esse bloqueio gera distorções. Chamam-lhe doenças, muitas vezes. São distorções. A energia está a ser distorcida, mal usada e mal formada.

([Theodore:] "Mas desejar saúde ou uma boa posição apenas por si não é o verdadeiro fim. Isso, dizes, é só o começo...")
É um começo. E a saúde não é um estado estático, em caso algum...

([Theodore:] "Devemos desejar boa saúde porque ela nos permite fazer outras coisas — servir, desempenhar um papel...")
Devem desejar boa saúde porque é o estado natural do vosso ser. Devem confiar na inteligência inata do vosso próprio ser — que produz saúde. A saúde é uma manifestação natural do vosso ser. Através da vossa imagem física, a energia do universo manifesta-se. Tu, como consciência individualizada, fazes parte disso — e não podes expressar-te plenamente, nem cumprir o teu propósito enquanto identidade, se não estiveres em boa saúde — porque os efeitos do corpo refletem-se na mente... e os da mente, no corpo. Distorces a imagem.

Não tencionava transformar esta noite num serviço de perguntas e respostas, mas parece que me envolvi nisso. E, um dia, invertirei os papéis. E, quando eu fizer as perguntas, esperarei respostas. E não serão perguntas fáceis — nem serão perguntas genéricas. Farei com que procurem essas respostas — e essas respostas serão os degraus por onde poderão caminhar, e servirão de fundações nas quais poderão viajar dentro de vós mesmos. Mas serão as vossas respostas — não as minhas.

([Theodore:] "Sugeriram-me que, da próxima vez que for a Nova Iorque, talvez deva ver um homem...")
É de facto possível!

([Theodore:] "Mas a questão é — penso eu —: estou realmente mais interessado nas possibilidades de status? E isso seria olhar as coisas de forma pouco construtiva. Ou deveria ver esse homem dentro de um enquadramento mais positivo — como acabámos de dizer sobre a saúde — como um trampolim para algo mais, como ajudar os outros dentro de uma estrutura construtiva?")
Respondeste às tuas próprias perguntas. A tua última afirmação é a correta.

Agora, despeço-me com carinho — especialmente do nosso Mercador de Veneza (dirigindo-se a Daniel), que vai partir em viagem.

Existem outras formas de viajar, e vamos fazer com que as aprendas. Há outras fascinações e países estrangeiros no vosso planeta — e é bom que os conheças também. Habituar-te-emos à ideia de terras distantes — para depois te ensinarmos a viajar por terras verdadeiramente estrangeiras — e daremos uma ideia do vocabulário usado — e não será tão simples como "bom dia", "boa noite" ou "onde posso encontrar uma lata de feijão?"

(Pausa.
[Theodore:] "A minha interpretação do que foi dito é: (1) a boa saúde é parte natural do nosso ser, e por isso devemos desejá-la naturalmente, e (2) a saúde em si não é o objetivo final. É aquilo que conseguimos fazer quando estamos saudáveis que importa. Estendemos essa ideia para além da saúde... para as vocações. Podemos projetar-nos mentalmente para o estatuto vocacional que desejamos, e ao fazê-lo, concretizamo-lo. Não é o estatuto em si que é o fim, mas aquilo que conseguimos realizar por meio dele.")

([Dan:] “O Theodore fez uma analogia entre saúde e ocupação. O que ele implica é que o ‘produto’ da boa saúde é a capacidade de fazer o bem de forma mais eficiente. Ao aplicar isto à ocupação, creio que seja algo como — progresso, avanço.”)
([Theodore:] “...Escolha ou avanço — sim, talvez avanço.”)

Agora vou deixar-vos. No entanto, quero esclarecer algo importante. Se estiveres com problemas de saúde, isso não significa que és uma pessoa má. Significa que tens um bloqueio nessa área particular, que te impede de usar a energia de forma construtiva. E se não estás no topo da tua profissão, aplica-se o mesmo. Isso não quer dizer que os que têm excelente saúde são mais abençoados. Significa que, nessa área, conseguem usar a energia de forma mais eficaz.

Teoricamente — teoricamente — se estiveres a usar a energia como deves, então sim, estarias no topo da tua profissão, em excelente saúde e em abundância. Mas as carências podem manifestar-se de várias formas — em deficiências mentais, por exemplo — um homem ou uma mulher com hábitos negativos profundos ou deficiências mentais marcantes — essa pessoa tem bloqueios nessas áreas. Podes não atingir a perfeição agora — eu não a atingi. Mas é esse o ideal para o qual devemos trabalhar.

No entanto, não quero que assumam — nem que deixem implícito — que o vosso estado de saúde ou posição profissional, por si só, é uma indicação automática da vossa riqueza espiritual — ou da falta dela.

Alguns de vós, por exemplo, são bem-sucedidos em certas áreas e têm bloqueios noutras. O que queremos é eliminar os bloqueios. Estão a trabalhar para esse ideal. E o ideal é — e vocês vão alcançá-lo — usar todas as vossas capacidades, todos os vossos talentos — e ao fazê-lo, ajudarão os outros automaticamente. Ajudarão a humanidade da qual fazem parte. E contribuirão para a criatividade do Todo Que É — e eu disse-vos que contribuiriam. Isto é para ti, Florence, em antecipação ao argumento que vais formar na tua mente.

E agora desejo-vos uma calorosa boa noite.
Guardem as vossas perguntas — e guardem também as vossas respostas — porque eu vou avaliá-las! Estão envolvidos neste exame há muitos anos!

SESSÃO 494 – AULA DE PES

15 DE JULHO DE 1969 – TERÇA-FEIRA

(*Notas de Rob:* Alguns dos efeitos vocais de Seth foram muito intensos. Ouvi Seth com bastante clareza através de duas portas fechadas, depois de me deitar. A sessão começou tarde — por volta das 23h30 — e durou bem mais de uma hora.

Incluí esta sessão na série regular [Sessão 494] por causa dos efeitos vocais; pelo facto de tanto Seth como a entidade por trás dele terem falado; por haver ideias novas de ambas as entidades; e porque não houve sessão regular no dia seguinte, quarta-feira, 16 de Julho.

As informações sobre as pinturas — Bega, Theodore M. — foram interessantes, etc. No dia 17 de Julho, Theodore comprou a pintura de Bega indicada por Seth. A 16 de Julho, Ned e Sue Watkins compraram os óleos de Charlie Painter, as mãos oníricas, e Moisés.

Muito tarde nessa noite, Ned Watkins acordou-me, preocupado com a duração da sessão — talvez por volta da 1h da manhã ou mais tarde. Jane falava então em nome da entidade de Seth. Ned e outros estavam preocupados por Jane não conseguir sair por si mesma do transe.

A Jane gritou-me durante uma pausa que estava bem, e isso — juntamente com o facto de eu ter acordado — serviu para terminar a sessão. Jane disse que achava que foi uma boa sessão, uma ocasião invulgar para receber novas ideias, e por isso decidiu continuar com Seth e a sua entidade. Ela também sabia que toda a sessão estava a ser gravada.)

Terão as vossas histórias, mas esta noite **não** é noite de contar.

Ora bem. Estive aqui e não me intrometi, porque estão a aprender a recolher e usar energia por conta própria. De facto, estive mesmo diante de cada um de vós e olhei-vos nos olhos — e não me viram. É uma experiência estar perante alguém e não ver compreensão no seu rosto — mas já estou habituado.

Agora, vocês (Jane e Sue) usaram a vossa energia como uma bola com que uma criança brinca — tu e Ruburt — e atiraram-na de um lado para o outro,

mas não a recolheram nem a dirigiram como deviam. Teremos de dar-vos umas lições. Mas **vocês** farão o trabalho.

(Para Brad:) Agora estou aqui a posar para o meu retrato. É possível que apanhes apenas o nosso amigo Ruburt. Mas também é possível que apanhes mais do que isso. A câmara pode ou não compreender.

Não gosto de interromper o início do vosso verão... (ininteligível)... no entanto... longe de mim interromper-vos quando não estão a trabalhar; quando não estão a olhar para dentro de vós. A estação do verão dentro de vós é muito mais agradável do que as ruas de verão por onde passeiam. Mas longe de mim mencionar que não têm estado a trabalhar...

E quando fizer as perguntas — e farei — esperarei respostas prontas. Quando mergulham completamente na realidade física, então não têm tempo para a voz interior.

([Theodore:] "É isso que eu estou a fazer.")
É uma perda tua.

Agora, há uma forma — mesmo durante atividade física ou trabalho mental intenso — de mudar o foco interior de modo a estarem conscientes de duas realidades ao mesmo tempo, e a manipularem facilmente a realidade física como for necessário. Pergunta ao teu Bega — pois já lhe dei a mensagem e disse-lhe para te a dar. Vamos ver o quão bom ele é. E quero saber como ele to vai dizer — quero ver como está a transmitir as minhas sugestões.

([Theodore:] "É o Bega que está naquela pintura na parede?")
Agora pergunto-te: o que estaria o Bega a fazer na parede?

([Theodore:] "Tu estás na parede.")
Eu estou pintado na parede.

O teu amigo esteve aqui esta noite como aluno, mas não exatamente como vocês — ele é um professor em prática.

Tu (Sue) perdeste boas apostas esta noite. E tu (Ned), perdeste muitas boas apostas esta noite.

Agora. Há uma diferença entre passividade e passividade alerta. E precisam de aprender essa diferença. Aqui precisam de a aprender.

Mais uma vez, dou as boas-vindas à nossa nova membro (Lydia).

([Lydia:] "Foste tu que me deste a pancada na cabeça?")
Longe de mim andar a bater em damas na cabeça! Essa pancada — pois esta foi uma noite muito ativa — foi do vosso poltergeist brincalhão, o AA. Tenho coisas melhores para fazer do que bater em senhoras na cabeça.

Têm de compreender que nesta sala, como em qualquer outra, existem sempre outras personalidades que não percebem. Há maneiras de as perceber, se elas escolherem ser percebidas. Com alguma ajuda de certos lados, veremos o que podemos fazer noutras aulas.

E o nosso amigo Ruburt tem razão: tu (Brad) deves aprender a natureza do eu interior em primeiro lugar — e depois ajudaremos no desenvolvimento das tuas capacidades. E, antes de muito tempo, teremos uma mensagem para ti que deverás levar a sério.

Vim aqui apenas para vos fazer saber que estive presente — e que sei que estão a escorregar através do verão...

(Para Sue e Ned:)

Tenho um ponto a esclarecer. A criança (Sean) era uma rapariga — 1432 — França — e foi vossa irmã numa vida anterior. Fortes capacidades literárias — algum interesse musical — não deve ser mimada, pois a personalidade já é propensa ao excesso. Pode haver alergia ao trigo — em idade precoce — e também foi conhecida por esta aqui (Jane) em Espanha — no país agora chamado Espanha — no ano 801, como tio — nessa altura, uma personalidade guerreira — mas, novamente, dada ao excesso.

Uma entidade ao nível dos pais. Um sinal ou marca num dos pés — possível fraqueza no cotovelo direito — tendência para grande exuberância, mudanças rápidas de humor — mas pouco perdão. Esta personalidade não deve ser mimada, mas também não deve ser confrontada com dissonância — e a disciplina deve ser justa, ou guardará rancores.

Tencionava mencionar antes: a vossa filha e a vossa irmã foram irmãos numa vida passada no Afeganistão. Tu (Sally), creio eu, de 1541 a 1583, foste tecelã de tapetes — o pai deles — ou seja, eras o pai deles. Havia também outra criança — e essa criança será o marido da G nesta vida. Haverá uma ligação próxima entre vocês — mas também uma sensação de rivalidade.

A vossa mãe foi um pai muito autoritário nessa vida. E o vosso pai tem agora traços femininos fortes porque, em Boston, numa vida passada imediata, foi mulher — dêem-me um momento — o primeiro nome também era Lillian. O apelido — contrariando o vosso vice-presidente — era Agnew. Existem registos desta existência a cerca de 40 km a oeste de Boston — naquela altura, uma pequena localidade... três filhos que morreram antes dos três anos, e creio que há registos que comprovam isso — talvez numa sociedade histórica — ou em documentos de concessão de terras.

Vamos tentar ter uma sessão para ti (Brad), o nosso amigo Brad, o Touro, em breve — para esclarecer algumas das tuas dificuldades — pois algumas delas existem porque és teimoso como um touro. Não permites que o teu eu interior fale contigo com clareza suficiente — por isso, dar-lhe-emos uma voz que possas ouvir... e saberás, intuitivamente, quando tivermos essa sessão, que o que dissermos é verdade — e que não precisas de lutar contra aquilo contra o qual estás a lutar — e que o segredo que tentas esconder tão arduamente da tua mente consciente não é assim tão terrível.

Há uma vida passada a operar no teu caso que provocou esse bloqueio, e esperamos poder ajudar-te a removê-lo. Os touros podem destruir cercas.

Agora, vou deixar o meu amigo — (risos de Ned) — como Ruburt diria, estás a pedi-las! E quem as procura nesta sala, encontra-as.

O retrato é de Ruburt como mulher numa vida passada — e, nesse caso, como avó de doze filhos. Com fortes dons psíquicos — com tendência para vaguear por florestas escuras — e parteira. Ele não sabe disto — por isso, dou-te a honra de lho dizeres.

Agora deixarei o nosso amigo descansar. E podem descansar — se estiverem à altura disso.

Agora vou dizer-te uma coisa (Theodore). Bega está ali — e deixo-te dizer-me qual é o retrato dele. Podes perguntar ao Bega ou dizer-mo. Mas não

escolheste o retrato certo.
([Theodore comentou que um era “demasiado hebraico.”)

Bega teve muitas vidas — não limites o teu pensamento — não limites os teus sentimentos — e não te afastes, no verão, do teu eu interior.

Ora bem. Esta noite houve energia presente nesta sala — e energia forte. Mas não fostes suficientemente sérios para a usarem — nem suficientemente brincalhões para a utilizarem sem seriedade. Podem usá-la de duas formas, percebem? Podem brincar com ela e usá-la maravilhosamente — ou podem usá-la com seriedade — mas no meio termo não a usarão de forma alguma, pois não a conseguem dominar.

Nas vossas atividades diárias, nos momentos de brincadeira, quase conseguem alcançar a liberdade que o eu interior conhece. E nos vossos momentos mais sérios, também quase a conseguem alcançar. Mas nos momentos mundanos, não a alcançam. E quando tentam “mais ou menos”, não a alcançarão.

(Theodore mostra um retrato.) Esse não é o Bega! Quero que consideres seriamente cada uma das pinturas e me digas qual delas é o Bega!

Agora. Não quero ver outro quadro. Não quero uma atitude do tipo “Será este?” Quero um sentimento intuitivo da tua parte — um reconhecimento. Sentes, intuitivamente, que esse é um retrato de Bega?

([Theodore:] “O que eu achava que era Bega afinal era o Ruburt.”)
Lamentamos! Nunca gostei de vinho — sempre preferi conhaque — e ninguém mo traz — e o Ruburt não bebe.

([Brad:] “Eu trago-te um da próxima semana [sic].”)
Mas como é que vais fazer com que o Ruburt o beba? Sempre gostei de um bom conhaque, mesmo nas noites de verão.

Agora. Qual é o teu sentimento intuitivo, Theodore? Olha para o retrato. Fecha os olhos. Quanto de realidade tem esse retrato para ti? Consegues vê-lo no olho da mente?

([Theodore:] “Sim, consigo vê-lo com a sensação de estar com um amigo.”)
Isso é porque é o retrato de Bega. Mas não o escolheste como primeira

opção. Bega esteve aqui, como eu estive aqui, e estava a chamar-te para olhares para o canto da sala — e tu estavas demasiado intelectualmente convencido para o fazer, tal como o Ruburt também está muitas vezes demasiado convencido para fazer o que lhe peço.

As tuas ideias intelectuais impediram-te de fazer, à partida, uma escolha intuitiva no que diz respeito aos retratos.

Agora. Há alguém que também esteve aqui e que está ligado à nossa nova aluna. Mas a nossa nova aluna não conhece essa pessoa — nunca comunicou com ela antes. Porque não estava pronta. Essa personalidade também é minha aluna — e também é um professor em prática.

Veem apenas o que estão dispostos a ver — e é pura estupidez pensar que a sugestão é a causa ou consequência daquilo que veem. É estúpido, em aula, preocupar-se com o facto de a sugestão provocar certo resultado — porque é exatamente isso que a sugestão faz.

Vocês criam a vossa realidade física através da sugestão e da expectativa. Experimentam aquilo que esperam experienciar — a nível consciente e subconsciente. E portanto, como o Ruburt tem tanto cuidado em evitar que a sugestão influencie, também vos tornou demasiado cautelosos, e por isso perderam muitas oportunidades nesta aula — e são essas as "apostas" de que falei no início da noite.

Têm a capacidade de ver mais do que viram.
E tu (Ned), desfrutaste da tua passividade até ao ponto de uma alegre desistência.
Mas há um ponto, dentro da passividade, onde se está passivamente atento.
Tu passaste esse ponto — e perdeste aquilo que podias ter visto.

E o nosso amigo aqui (Theodore) passou também desse ponto — olhou para os retratos conscientemente — porque não fez uma escolha intuitiva inicial — mas conscientemente avaliou os retratos com base na nacionalidade, idade, e todos os critérios que achou relevantes.

Agora, volto a dizer — ainda que a hora seja avançada (com voz alta) e que o Ruburt pense que estas demonstrações mal valem o esforço (em tom suave) e que são brincadeiras infantis — ainda assim quero que saibam, como sempre quis que soubessem, que a minha vitalidade é a vossa própria e que a

energia que vibra neste pequeno corpo é apenas um eco da energia que flui pelas vossas personalidades.

Já vos disse que viveram muitas vidas — e que podem conhecer essas existências dentro de vós mesmos.

Não estou com medo de ser despejado do nosso apartamento.

E tenho certeza de que, à medida que conhecerem melhor o Ruburt — e melhor a mim — perceberão que há uma diferença entre as nossas personalidades. E quando vos digo que a minha vitalidade abrange o espaço e o tempo, então saberão que falo com conhecimento de causa.
E que essa vitalidade é também vossa — então sintam-na dentro de vós — porque agora está apenas a ser usada para vos mostrar que existe — mas percebam que está dentro de vós, à vossa disposição — para vosso benefício.

E tu (Brad) não estás impotente. Eu não tenho corpo — e não sou impotente — então como podes tu sentir-te sem força? Ou tu? Ou qualquer um de vós?

A minha vitalidade não é mais do que a vossa.
Venho de longe — mas a essência de quem são não é deste lugar, nem deste tempo.

Eu poderia manter esta demonstração por horas — só para que compreendam que esta energia é vossa — que a energia que mostro é a vossa — têm esta energia e esta vitalidade.

(Com voz muito alta) Agora, nos vossos termos, eu estou morto! Então, como podem vocês ser menos vivos? Porque é que eu, que sou um “fantasma cinzento que desliza pela noite” — um rosto que espreita por janelas do segundo andar (em referência ao susto da Sue, que viu uma cara na sua janela recentemente) — tenho de vos mostrar o que é vitalidade, quando visito os meus amigos e quase os faço desmaiar?

(Sue pediu desculpa.)
As desculpas vêm sempre depois.

(Discussão.)
Eu disse: “Nos vossos termos, eu estava morto.”
Nos meus termos, sou eternamente vivo.

(Seth tenta falar de novo.)
([Jane:] “Um momento.”)
([Ned:] “Um de cada vez dentro do corpo.”)

As capacidades do Ruburt foram tão fortes desde a infância que ele teve medo de as usar. E por isso, estou bem habituado a esse tipo de desenvolvimento. Por outro lado, eu queria alguém com um ego suficientemente forte para aguentar quarenta anos de estabilidade mediúnica. Precisava de uma personalidade capaz de manter equilíbrio psicológico.

Ora, eu tenho mantido estabilidade psicológica durante séculos — por isso não me parece pedir demais que o nosso amigo Ruburt o consiga durante quarenta anos.

E esperamos que tu (Ned) o consigas também — e antes que te voltes a lembrar de sair da realidade física antes de terminares os teus deveres, eu dou-te um pontapé do outro lado!

([Ned:] “Foste tu que ela viu na janela, na outra noite?”)
Eu uso muitas formas — e se não gostam delas, lamento.
Da próxima vez, serei uma jovem espiritual, elegante e vaporosa, caminhando suavemente, e cantarei o *“Ave Maria”* enquanto o glorioso sol se põe no ocidente... e pisarei em bicos de pés até à tua janela. E então, a partir dessa forma leve e espiritual, rugirei!

Agora, há dois pedidos simples que tenho feito. Um deles — tenho pedido ao Ruburt para deixar de fumar cigarros — um hábito sujo — e começar a fumar charutos — e ele não o faz.

([Brad:] “Que marca preferes?”)
Um bem gordo.

Quero que saibam o seguinte: venho aqui, espero, como uma personalidade cativante, com características que vocês compreendem. Essas características foram minhas — são minhas — eu sou quem digo ser. E, no entanto, o Seth que vocês conhecem — e que acham tão simpático e compreensível — é apenas uma pequena parte da minha realidade — a parte que se relaciona convosco com maior facilidade.

É uma parte que já foi física. É uma parte que compreende o teu sentir-te sobrecarregado de trabalho (Theodore); é uma parte que compreende o teu corpo cheio de vida (Sue); é uma parte que compreende os momentos em que desejaste deixar a realidade física (Ned); é uma parte que compreende o lado teu (Sally) que queria ser uma estrela; é uma parte que compreende o lado teu (Brad) que queria conquistar e tem medo de o fazer; é uma parte que compreende a culpa que sentes (Rose), sem razão aparente.

É uma parte que compreende as aspirações que não conseguiste cumprir (Lydia), e se as tivesses cumprido, não estarias a investigar os temas que hoje investigas. Não sentias necessidade de procurar respostas.

É uma parte que compreende por que razão te identificaste tanto com este homem (Vera); compreende por que razão a rapariga de cinco, sete, oito anos que foste se ligou a este homem e não seguiu autonomamente. É uma parte que compreende por que razão deixaste as tuas aspirações para trás (Theodore).

E esta parte que vês, que aparece nesta sala, que pode expressar alegria e mostrar a sua existência e realidade; que pode chamar por ti além do espaço e do tempo; que demonstra tal energia, que te mostra o que a energia pode fazer através de uma estrutura tão pequena e frágil — esse "eu" é uma pequena parte da minha realidade.

Durante algum tempo ainda, precisarás dessa familiaridade. Precisarás das características humanas que conheces — que foram minhas — e que ainda são minhas, pois esse meu "eu" que te mostro ainda existe e cresce. Mas para além desse eu, há outro eu, e ainda outro, dos quais tenho plena consciência. E esse "eu" consegue ver através da realidade física. E para esse "eu", a realidade física é como um sopro de fumo no ar — e esse "eu" não precisa das características que conheces e que te são tão queridas.

E, no entanto, não é um eu sem emoção — é um eu que contém as emoções em forma condensada, e não é distante.

(Jane comentou depois que houve uma breve pausa enquanto a entidade de Seth se preparava para entrar. Jane não sentiu a típica sensação de pirâmide. Todos os dados seguintes são da entidade de Seth.)

[Seth II:]

E esse “eu” diz-te que existe uma realidade para além da realidade humana, para além das características humanas que conheces — e dentro dessa realidade, até eu sou pequeno. E existe conhecimento que nunca pode ser verbalizado. E há experiências que não podem ser traduzidas em termos humanos.

Embora esse tipo de existência vos pareça fria, é uma existência cristalina e clara, onde se conhecem coisas para lá da vossa compreensão; onde não é necessário tempo, nos vossos termos, para experienciar; onde o eu interior condensa todo o conhecimento humano adquirido ao longo das vossas várias existências e reencarnações — e tudo isso está codificado e gravado de forma indelével.

Existem agora dentro dessa realidade com tanta presença e imediatismo como o que sentem neste momento — embora, nos meus termos, já tenham passado mais de cinquenta séculos desde essa vossa “presente” existência.

No entanto, o que vocês são é agora, e o que o vosso amigo Seth é, também é agora. E esse ser existe como luz e como impulso para outras dimensões e níveis de consciência.

Saibam que dentro dos vossos átomos físicos a origem de toda a consciência ainda canta, e que todas as características humanas pelas quais se reconhecem ainda existem dentro do olho de toda a consciência, nunca diminuídas, mas sempre presentes.

As vossas individualidades nunca diminuem — não só não diminuem como crescem em experiência.

Portanto, eu sou o Seth que vai além do Seth que conhecem.
E em mim, o conhecimento e a vitalidade desse Seth ainda ressoam.
Nos vossos termos, sou um Seth futuro. Mas esses termos são-me irrelevantes, pois ele é aquilo que eu fui, nos vossos termos.

Nós formamos a realidade que conhecem. Falamos convosco desde o início do vosso tempo. Inspirámos e ajudámos os vossos profetas, aqueles que nos procuraram.

Não precisam de se preocupar com o vosso amigo (Ruburt).
Queremos que compreendam que existe mais para além da vossa realidade

humana. Queremos que compreendam que existe consciência sem forma, consciência com vontade e vitalidade, que vos chega de além mesmo daquilo que o vosso Seth conhece.

Queremos que compreendam que, embora seja difícil comunicar, já falávamos com a vossa espécie antes de saberem o que era linguagem. Dávamos-vos imagens mentais — e foi através dessas imagens que aprenderam a formar o mundo que conhecem.

Demos-vos o padrão pelo qual os vossos "eus" físicos são formados.
Demos-vos o padrão pelo qual aprenderam a criar a vossa realidade física.
Demos-vos padrões intricados, profundos e sagrados — através dos quais formaram a realidade de cada coisa física que conhecem.

A mais pequena célula do vosso cérebro foi feita a partir dos padrões de consciência que vos transmitimos.
Demos-vos o padrão segundo o qual formaram o vosso universo físico inteiro — e a compreensão que existe dentro de cada célula, o conhecimento que cada célula possui, o desejo de organização — foi tudo dado por nós.

Toda a teia foi iniciada por nós.
Ensinámos-vos a formar a realidade que conhecem.

ESP CLASS

2 DE STEMBRO DE 1969 – TERÇA-FEIRA

Agora, vou dizer-vos: de muitas formas, são ainda crianças.
E o facto de ainda não compreenderem as verdades, ou de não terem alcançado as ligações, não significa que essas verdades não existam.
Têm de trabalhar para as alcançar e usar a mente para o fazer. Ela não vos desviará do caminho. Podem confiar nela — ela ajudará a chegar a perguntas verdadeiras.

Estão a jogar jogos convosco próprios. Estão a usar a mente — mas não a estão a usar corretamente.
Estão a usá-la para mascarar as verdadeiras questões.

Estão a montar um jogo de damas: uma parte de vós joga um jogo, outra joga outro. E terei mais a dizer-vos.

Já vos disse vezes sem conta, em aula, e volto a repetir — e o Ruburt também vos disse: Vocês criam a vossa própria realidade. Criam o mundo que conhecem — e criam as vossas próprias imagens. E não há justificação para a violência.

Agora, estas palavras podem parecer simples. Nenhum de vós as aceitou plenamente — a não ser aplicando-as aos outros. Têm de as aplicar a vós próprios. Têm de olhar para dentro — e aplicar estas verdades — e aprender com elas. Não são teorias. São realidades.

Funcionam segundo estas verdades, quer tenham consciência disso ou não. Não chega ouvir. Têm de olhar para dentro de vós. Não basta brincar aos jogos. Não basta espreitar o vosso interior — olhar para uma única motivação — aceitar apenas parcialmente.

Queres saber o que é liberdade? Então eu digo-te:

Liberdade é a realização interior de que és um indivíduo. Que crias a tua realidade. Que tens a liberdade — e a alegria — e a responsabilidade de formar a realidade física em que vives.

Aí, poderás mudá-la. Aí, serás livre para agir sem violência — e serás livre dela. Não és livre quando dizes:
"Essa ideia serve para todos, menos para mim — os meus sintomas vêm de outra coisa." Ou: "Quando eu sou violento, as regras são outras."
"Todos os outros criam a sua realidade — menos eu — a minha vem da hereditariedade ou do ambiente." "Todos os outros povos são responsáveis pela sua miséria — o meu não — o meu povo tem razão! Os nossos problemas vêm de causas externas."

Quando dizes isso, não estás a confrontar-te a ti próprio — nem como indivíduo, nem como povo.

Foste feito para olhar para a tua condição física — para a comparares com o que queres e com o que é bom — e mudares o teu interior em conformidade.

Qualquer mal que exista no mundo são sintomas das tuas desordens interiores — e existem para te conduzir à sua cura.

Há uma beleza, uma força e uma alegria em olhar para dentro de si mesmos, e uma liberdade verdadeira que vos liberta do cativeiro. E eu espero que, quando terminar convosco, venham a saborear um pouco dessa alegria e dessa liberdade. Não a encontrarão num livro. Não a receberão como os vossos bombons — bem embalados numa caixa alegre. Não a alcançarão criando exceções. Não a conquistarão dizendo: "Eu sou a exceção à regra!" Nem a obterão fugindo de vocês mesmos.

Encontrarão essa alegria e essa liberdade aprendendo a olhar para dentro — e reconhecendo que são vocês que criam a realidade que conhecem. Não há exceções a esta regra. Os vossos sucessos e os vossos fracassos foram ambos criados por vós. Se o compreendessem verdadeiramente, esta seria a verdade que vos libertaria.

Direi isto vezes sem conta — de forma simples — e repetirei até que compreendam intuitivamente o que quero dizer. Direi de várias maneiras. E mais uma vez vos digo: a energia que está por trás e dentro de mim neste momento, está disponível a todos vocês e reside no âmago do vosso ser. Têm acesso a ela. São vocês que negam o conhecimento. São vocês que fecham os olhos.

Falo-vos com alguma severidade, e no entanto todos sabem que o que digo é verdade. Têm de olhar para dentro e aplicar estas verdades. Não serve de nada olhar para fora e aplicá-las aos outros. Devem dar o primeiro passo e assumir responsabilidade por vós mesmos — e então terão liberdade para mudar. Se não aceitarem essa responsabilidade, não terão o poder de mudar. E esse poder está dentro de vocês.

Vivi muitas reencarnações, enfrentei estes mesmos dilemas e não fui livre até compreender esta verdade essencial.

Preferia estar aqui convosco de forma bem-disposta. E o meu invisível e inexistente coração estende-se para vós em compreensão. Mas isso não significa que não estão a fazer um grave desserviço a si próprios — pois não estão a usar o que já sabem. E cada um de vós, no fundo, pensa que é uma

exceção à regra. Não há exceções. Nem eu fui exceção. Nem Ruburt é exceção.

Agora deixo-vos descansar — mas não estou a dizer boa noite. [...]

Não encontrarão a verdade bem embrulhada. Não a encontrarão nas prateleiras de uma loja — e não virá coberta de chocolate.

Bem-vindo sejas (Oliver F). Lamento que tenhas vindo numa noite em que não estou no meu modo mais jovial. Mas se não for eu a chamar-vos à atenção, quem o fará? São muito maus a fazê-lo por conta própria.

Lembrem-se de que percebem apenas uma parte da vossa própria realidade. E lembrem-se de que percebem apenas uma parte da minha realidade. Compreendem o que significa não fazer qualquer esforço para conhecerem a vossa própria realidade, para a explorarem e entenderem? Então como esperam compreender a natureza da realidade se não tentam descobrir as verdades que estão dentro de vós? Porque esperam que outras verdades vos sejam dadas?

Palavras são apenas símbolos. Palavras não são verdades. Têm de procurar, através das palavras, a realidade que elas representam. E devem procurar dentro de vós a realidade que representam. Não há segurança na ignorância — apenas medo.

Costumo vir até vós com características bem-dispostas — como um bispo benévolo que vem tomar chá e discutir realidades convosco. Apresento-me com características humanas que vos são familiares, com as quais se podem relacionar — e normalmente sorriem quando estou aqui e quando me vou embora. Mas devem compreender que estas são apenas as características que vos mostro. Existem outras realidades de personalidade e identidade que me pertencem — tal como existem outras realidades dentro das vossas próprias personalidades — e não podem simplesmente rir disso.

Vocês são apenas símbolos de vocês mesmos. Posso dizer-vos como encontrar a vossa verdadeira identidade — e já o fiz — mas ninguém pode forçar-vos a olhar para dentro. Posso ver dentro de vós e para além de vós, até aos seres que realmente são. Posso ver os vossos potenciais, as vossas capacidades e promessas — e vocês também poderiam vê-los, se abrissem os olhos interiores, se olhassem para dentro.

Cada consciência, independentemente da sua forma física, está cheia de criatividade, alegria e possibilidades — cada uma é única. Estão a um certo nível de desenvolvimento, ou não estariam aqui. E por estarem nesse nível, estão prontos e capazes de usar as vossas capacidades de forma mais ampla. Nada vos impede — a não ser vocês próprios. É por isso que falo convosco com severidade esta noite.

A outra personalidade com que estão familiarizados — que fala através de Ruburt — parece-vos muito distante. Muito diferente de mim. Essa distância representa a viagem interior que ainda têm de fazer. A vastidão dessa visão está dentro de vós. O caminho é interno. As verdades estão em vocês.

(Brad) Não tens ideia da descoberta que te espera. Podes mudar a tua existência física a partir de amanhã de manhã. Tens a capacidade de o fazer. Enquanto não reconheceres essa capacidade, estarás impotente. Mas quando a aceitares — e perceberes que és tu quem cria a tua realidade — podes mudá-la instantaneamente. E isso é liberdade.

Eu não ta posso dar. Mas tu podes tomá-la. E desafio-te a fazê-lo. É tua — a liberdade de agir — aceita-a. Ela traz consigo não só responsabilidade, mas uma alegria que nunca conheceste. É tua neste preciso instante — só tens de a aceitar.

Agora tu (Florence), tens a tua Aula do jardim de infância. As tuas crianças brincam com blocos de madeira e constroem casas. Tu brincas com blocos mentais e constróis mundos. Incentivas as crianças na sua criatividade e, quando cometem erros ou as suas casas não se aguentam de pé, não pontapeias os blocos com raiva. Tentas, em vez disso, explicar como os blocos devem ser colocados — ou sorris com ternura.

Quando a criança não entende o que dizes, explicas-lhe uma e outra vez — e de formas diferentes. Sabes que a criança precisa de compreender a verdade. Explicas-lha o melhor que consegues. Contas histórias e parábolas. E falas com palavras familiares. Usas linguagem de bebé, se for necessário. Não de forma óbvia — mas tornas-te compreensível.

E espero que a linguagem de bebé aqui não seja demasiado óbvia!

Está na hora de compreenderem o material como eu o tenho dado — de usarem as vossas mentes. Estão nesta aula há tempo suficiente para saírem

do jardim de infância. E já não creio que faça sentido continuar a falar convosco em termos tão simples.

Agora espero mais de vocês — e vocês devem esperar mais de vocês próprios.

O camião que se ouve lá fora faz uma pausa na esquina. É um método de comunicação — um veículo. E, de muitas formas, eu sou um veículo — o meio através do qual a informação vos é dada. Vocês próprios são veículos, à medida que se movem através da experiência e dos pontos-momento. E vocês não sabem o que são pontos-momento — porque não expliquei isso em aula — e não leram o material. Mas chegou o momento de serem desafiados. É hora de desafiarem a vossa própria mente e intuição.

Deixarei de vos falar como a crianças do infantário — e espero que deixem de pensar como tal. Tivemos jogos para entreter-vos, com cores bonitas. Essas cores foram úteis, chamaram a vossa atenção — assim como a minha personalidade vos atrai. Mas a realidade vai muito além dos blocos coloridos e das casas do jardim de infância.

As cores têm mais dimensão do que os simples vermelhos e amarelos que conheces. As tuas próprias capacidades estão prontas para serem usadas.

(Para o Brad.) Na última parte da minha palestra, mesmo na parte final, estava a falar diretamente contigo. Pensa em todas as técnicas que usas quando ensinas — os auxiliares visuais, os princípios do jogo — e tenta então compreender o que tenho feito nesta aula. Estamos agora a dar alguns passos em frente. E tu também tens de os dar.

Agora, imagina isto: dentro de ti existem sons, cores, imagens que se estendem para trás até ao infinito. Os teus rostos estão virados para esta sala, os teus olhos observam a realidade física. Imagina, no entanto, que tens inúmeros rostos, segundo a nossa analogia, e que esses rostos olham para outras realidades, tão variadas e tão reais quanto esta. Porque este é, de facto, o caso.

Podes fechar os olhos físicos e focar-te nessas outras realidades nas quais também tens existência. E podes aprender a manipular melhor a realidade física porque compreendes o teu potencial total. Desafio-te a usar todas as tuas capacidades e todos os teus sentidos. Desafio-te a abrir os teus olhos

interiores, a usar a tua mente, a usar a tua intuição interior. Desafio-te a seres tu próprio — e esse é o maior desafio que te pode ser dado. E é a única forma de aprenderes.

Mais uma vez, as minhas palavras são símbolos. A parte interior de ti responderá a esses símbolos. Digo-te: acorda. Nenhum de vós está sequer a começar a usar os vossos potenciais. O nosso Reitor (Theodore) está a começar.

Só posso começar a insinuar as liberdades que estão ao vosso dispor, se abrirem os olhos. Têm de agir. Podem abrir facilmente, dentro de vós, os canais da criatividade. Podem usá-los. Podem alcançar um verdadeiro sentido de identidade. Neste momento, têm apenas uma compreensão vaga do que o mundo significa.

Quando vejo as sombras que aceitam como sendo vocês próprios e, ao mesmo tempo, vejo as identidades brilhantes e livres que realmente são, torna-se impossível para mim não vos falar desta forma.

(Alguém incitou Seth a apressar-se e a despedir-se.)

Podem dizer boa noite. E, se preferirem, podem mesmo ir. Mas vocês não compreendem. Em muitos aspetos, Ruburt também não compreende. E por isso, quando falo agora, falo para ele tanto quanto para vocês.

O que vos tenho dito — e o que vos direi — já foi dito antes, ao longo dos séculos. Está a ser dito novamente agora, e aqueles que aqui vêm terão razões para se lembrar disso.

Em muitos aspetos, vocês não compreendem o que estão a fazer. E não compreendem em que estão envolvidos aqui. Não percebem o verdadeiro significado disto, nem para vós, nem para os outros. E pode ser melhor, por agora, que assim seja.

Mas está-vos a ser dado um caminho para dentro de vós próprios que, de outra forma, não teriam. Estão a receber instrução que, de outra forma, não receberiam. E foram guiados até aqui por uma razão, e vieram por uma razão — razões que vos pertencem a vós, não a mim.

O meu propósito era estar aqui e dizer o que tinha de dizer. Têm de começar a mudar a realidade que conhecem. Estas ideias têm de passar através de vós e seguir para os outros. Não podem considerar-se exceções.

Existe um propósito para cada um de vós. É um propósito pessoal, e cabe-vos a vós cumpri-lo. Isso exige o uso total das vossas capacidades — mentais e intuitivas. Têm de exigir o máximo de vós próprios, porque alguns de vocês estarão, mais tarde, a pedir aos outros que façam o mesmo. E terão de ser exemplo.

Tu (Florence) estás destinada a ensinar outras aulas, mas tens de desenvolver as tuas próprias capacidades para o fazer. Tu (Vera) estás a cumprir um propósito que ainda não compreendes — e é um bom propósito.

Agora falo-vos num momento em que muitas condições e circunstâncias se alinham. Isto é independente do vosso tempo. Aproveitem-no.

Tu (Amelia F) farás bem em ouvi-lo mais. Ele (Oliver F) não fala frequentemente sobre muitos assuntos em que acredita profundamente. E como ele não fala desses assuntos, tu não percebes que ele tem uma vida interior rica e variada. Os seus pensamentos voltam-se para dentro, mesmo que ele não os expresse.

Dei-te (Lydia) mensagens quando disse que o faria — e tu recebeste-as.

Não quero que nenhum de vós ande à deriva. Não se podem dar a esse luxo. Também não podem vir aqui ver-me como um simpático velhote. Porque as características pelas quais me conhecem são apenas uma parte da minha personalidade e da minha realidade. E venho até vós de distâncias que não podem avaliar.

As verdades têm de ser traduzidas para que as possam compreender. E, por isso, tenho de aparecer-vos como uma tradução do que sou.

AULA DE PES

16 de Setembro de 1969, Terça-feira
(Presentes: Lydia, Sally, Brad, Vera, Amelia, Oliver, Florence e Theodore)
(Matt Adams leu três mãos: Lydia, Florence e Rachel)

Estou aqui para dar as boas-vindas a um certo membro do grupo que teve de se afastar por várias razões — e que me leu corretamente nesta situação particular, ao contrário do meu amigo Ruburt (dirigido à Rachel). No entanto, chegou o momento do teu regresso.

O nosso Areofranz (Matt) leu-te bastante bem, e isso inclui a interpretação que ele deu acerca do teu problema de saúde (o pé doente da Rachel).

Há informações que quero dar-te, mas não as darei esta noite. Têm a ver com a natureza da tua própria consciência e com essas personalidades de que tens falado. Há informação vital que ainda não tens — e que ainda não foi discutida na aula. Está na altura de a receberes.

Dou também as boas-vindas à nossa nova aluna (Mimi), e como sempre, ao meu amigo Areofranz. Dou também as boas-vindas à nossa nova noiva (Emma). Tenho-te observado, e amanhã terei mais a dizer-te — a ti e a ti também.

Ajudar-vos-ei a cada um, na medida em que me permitirem ajudar-vos — e aí reside uma grande história. Há outros prontos para vos ajudar — quando estiverem prontos a permitir essa ajuda.

Estive aqui toda a noite, e estarei até que a porta se feche. Mas não estarei a falar-vos durante esse tempo. Quis que soubessem que estive aqui. Mas, mais do que isso, quis que soubessem que estão prontos para mais informação.

Contudo, desta vez, vou pedir-vos algo. Acabaram-se os tempos em que podiam simplesmente ouvir. Vou dar-vos informação que podem usar e verificar por vocês mesmos. Quero dizer-vos o que podem fazer com a vossa própria consciência e encorajar-vos a usá-la.

Não espero que brinquem com ela, mas espero que percebam que podem usá-la como uma lanterna — que podem apontá-la em várias direções. Há diferentes realidades para as quais podem olhar — e está na altura de todos vocês começarem a olhar.

Faremos viagens aqui, nas aulas. Não posso confiar que alguns de vocês façam o trabalho em casa.

Não me esqueci de que disse que vos daria um teste. E, numa noite, tu (Matt) talvez leias a minha palma. Isso exigirá algum esforço da minha parte, senão da tua — mas tratarei de que seja a palma da Jane.

É bom ver-vos a todos. Fico contente por estar bem-humorado convosco. Compreendo que Ruburt não esteve muito jovial na semana passada.

Gosto de estar em silêncio e ouvir os vossos pensamentos, que são como gafanhotos. Vou deixar o nosso amigo retomar a sua aula. Em todo o caso, ele disse-me que me está a tratar como um bonzinho porque sente que vocês não apreciaram a nossa última sessão. Por isso, disse-me que deveria apenas vir dar-vos a minha saudação. E assim, dou-vos a minha saudação. Sou mais gentil do que ele.

Haverá mais viagens da vossa parte (Sue e Ned). E gostaríamos de contar com uma maior cooperação desta vez. Casas deverão ser visitadas — casas astrais, casas físicas, casas formadas por pensamento — todas deverão ser visitadas. Antes de me ir embora, sim, estou consciente quando não estou aqui. É o Ruburt quem está em transe na Jane na maior parte do tempo.

(Presentes: Rachel C, Matt e Emma Adams, Theodore e Vera, Lydia, Sue e Ned, Florence, Brad, Amelia e Florence. A lista da Jane incluía Sally Benson e Mimi Ford.)

AULA DE PES

14 de Outubro de 1969 – Terça-feira

Não aprovo o que foi dito até agora. E há alguns pontos que gostaria de esclarecer. Não têm uma, mas várias consciências. Têm mais do que uma mente consciente. O que queremos de vocês é algo bem diferente. Queremos que mudem os canais da vossa perceção. Queremos que, momentaneamente, deixem de usar uma das vossas mentes conscientes e aprendam a sintonizar outra.

Para obter conhecimento, para descobrirem as vossas realidades de reencarnação, não é necessário bloquear a mente consciente que conhecem e recorrer ao sono. Em vez disso, é como desligar um canal e ligar outro. Se considerarem a mente consciente que conhecem como uma porta, é por essa porta que costumam entrar. Ficam no limiar e olham para a realidade física. Mas existem outras portas — têm outras consciências. Essas outras consciências são como janelas que pertencem à vossa identidade total. Quando olham por uma, veem a realidade física. Quando olham por outras, veem outras realidades.

Não se espera que fiquem inconscientes. Não é preciso sentirem que, ao bloquearem uma mente consciente, ficam apenas com um vazio — porque têm outras mentes conscientes. Existem outras partes conscientes da vossa própria personalidade. Apenas vos pedimos que olhem por outras janelas. Neste momento, os estores dessas janelas estão corridos (indicando as janelas da sala). Queremos apenas que os abram e espreitem. Isto pode ser uma experiência alegre e consciente. Não tem de envolver sono e relaxamento, como foi sugerido na vossa gravação. Essa gravação, até certo ponto, deturpa o subconsciente e o eu interior.

É verdade que, por um momento, ao fecharem a porta consciente com que estão familiarizados, pode haver um instante de desorientação antes de abrirem outro estore e usarem outra parte da mente consciente para aceder a outras realidades. Mas essas outras partes da vossa consciência estão atentas, mesmo durante o sono. Podem não estar habituados a estar conscientes dessas partes, mas não são vagas — não são vagas.

Pode ser necessário aprender métodos para perceberem essas realidades, simplesmente porque não estão habituados a lidar com essas outras partes conscientes. Mas essas partes são tão críticas, intelectuais, lúcidas, válidas e reais como a consciência que normalmente usam. O que percebem, usando essas outras partes, pode ser muito mais vívido do que a realidade na qual normalmente concentram a vossa atenção. Essas outras realidades não são sombrias nem turvas. Precisam apenas de aprender a usar a vossa visão interior — um outro tipo de olho, um outro tipo de visão.

É verdade que algum relaxamento físico é muito benéfico. É também verdade que certos métodos — e já vos dei alguns — são necessários para mudar o foco da atenção da realidade física para outras realidades. E é verdade que é

preciso algum treino para usar essas outras partes da consciência. Mas lembrem-se: essas partes fazem parte da vossa identidade. São parte de vocês. As vossas perceções podem ser intensas usando-as. Não precisam de pensar que qualquer informação sobre reencarnações tem de chegar de forma enevoada e imprecisa, vinda de regiões do eu que desconhecem ou não compreendem. Memórias de outras infâncias podem ser vívidas e claras. Podem, de facto, sentir reconhecimento e familiaridade.

Têm dez dedos e usam-nos todos. Mas, neste caso, é como se dissessem: "Este dedo é a minha consciência e só vou usá-lo a ele. Não vou usar os outros nove — ou, se os usar, deixo de ter consciência." Todos os dedos são dedos — e todas essas partes de vocês são conscientes. Podem não estar conscientes umas das outras, mas estão conscientes. São todas partes da vossa identidade. Todas fazem parte das vossas capacidades e das vossas personalidades — que estão destinados a usar.

Algumas dessas partes podem ter tanta dificuldade em ver pelas janelas quanto vocês. Podem encontrar-se, por exemplo, a olhar por várias dessas janelas ao mesmo tempo. E nelas podem ver outras partes de vocês mesmos. Essas partes podem parecer-vos objetivas — distantes e diferentes. Podem parecer estranhos a vós mesmos. O ponto de vista será totalmente distinto. Estão a acompanhar-me?

Agora que apontei o que não gostei na gravação, se ainda assim quiserem continuar a ouvi-la, podem fazê-lo. Mas voltarei a interromper se não gostar do que estão a ouvir. (Intervalo.)

Quando desligam aquilo a que chamam mente consciente, outra mente consciente entra em ação. Têm mais do que uma mente consciente. Só podem experienciá-las uma de cada vez, embora existam simultaneamente. Quando deixam de usar a mente que conhecem, outra assume — não mergulham num vazio. Costumam pensar na hipnose da seguinte forma: imaginam que a mente consciente se desliga, e que o que se segue é uma versão enevoada ou sombria da consciência normal — que o subconsciente, por exemplo, trata de material incompreensível à mente consciente.

Mas na verdade, quando fecham a mente consciente que conhecem, outra mente mais desperta entra em ação — uma mente que vos pertence e que tem uma visão muito mais ampla do que aquela a que estão habituados; uma

mente que está consciente de muito mais do que aquilo que normalmente percebem.

([Florence:] "Não será isso o que os psicólogos chamam de ego, superego e subconsciente?")

Estou a falar em termos do eu dentro do eu dentro do eu... o eu que observa o eu... o eu consciente e atento do qual a vossa mente consciente atual é apenas uma sombra. E isto nada tem a ver com o ego, que é apenas uma pequena parte da consciência desperta.

(Intervalo. Florence voltou a afirmar que talvez fosse apenas uma questão de semântica.)

Quando os vossos preciosos psicólogos saírem dos seus corpos e me disserem o que está a acontecer na Califórnia, então ouvirei as suas teorias sobre a personalidade. E quando os vossos psicólogos apresentarem o tipo de desempenho de personalidade que eu sou capaz de apresentar — então sim, ouvirei o que têm a dizer sobre o ego e o subconsciente.

Quando as suas teorias forem suficientemente amplas para explicar a telepatia, a clarividência e as realidades fora do corpo, então darei ouvidos a essas teorias. Mas o ego, o subconsciente, o superego e o id deles não os levam mais longe do que uma minhoca a contorcer-se na relva, morta no dia seguinte — e até essa minhoca tem mais realidade do que aquela que eles estão dispostos a atribuir a uma só consciência humana.

E até as minhocas dançam na relva e riem das teorias dos vossos psicólogos, pois até elas sabem que são mais do que a realidade que os psicólogos vos concederiam. Se vocês fossem apenas aquilo que os psicólogos pensam que são — e nada mais — então estariam destinados à extinção desde antes do nascimento.

Não seriam mais do que átomos e moléculas que vos compõem, tão anónimos como os elementos... e até esses sussurram pelo ar. Não me digam que a minha teoria da personalidade é apenas outra forma de nomear o ego ou as teorias dos vossos psicólogos.

(Intervalo.)

Agora. Teoricamente, podem estar conscientes de mais do que uma consciência ao mesmo tempo. Na prática, têm de fechar uma porta antes de abrir outra. Depois, podem aprender a manter ambas abertas ao mesmo tempo. O que me incomodou na vossa gravação foi a insinuação de que, ao acalmar a mente consciente tal como a conhecem, não haveria outra consciência a assumir o controlo — como se a mente consciente fosse a única que possuem.

Comparado com as outras partes conscientes da vossa personalidade, vocês estão adormecidos. Digo-vos para acordarem. Isto não é, como Ruburt diria, uma crítica à mente consciente — é apenas para vos lembrar que ela foi adaptada para um propósito específico dentro da realidade física.

Vocês são uma identidade. Imaginem que seguram uma lanterna — essa lanterna é a vossa consciência. Podem apontá-la em infinitas direções. Essas direções estão sempre disponíveis. Mas, por hábito, aprendem a mantê-la apontada numa só direção. Acabam por esquecer que existem outras.

Tudo o que precisam fazer é rodar a lanterna para outro lado. Devem, por agora, mudar momentaneamente o foco. Quando o fizerem, a direção habitual parecerá escura por instantes, mas novas imagens e realidades tornar-se-ão acessíveis. Não há nada que vos impeça de voltar a apontar a lanterna para onde estavam. E quando aprenderem o que estão a fazer — então conseguirão manter a lanterna imóvel e iluminar todas as áreas ao mesmo tempo. E essas áreas representam a totalidade da personalidade humana e todo o seu potencial.

Imaginem agora que o vosso eu completo é como uma fita — como esta que está a ser usada aqui — mas estéreo. Imaginem que esta máquina fantástica tem oito canais. O vosso "eu completo" corresponde à totalidade desses oito canais. Normalmente, porém, só conseguem ouvir um de cada vez. O eu completo está consciente dos oito ao mesmo tempo e consegue acompanhá-los.

A mente consciente que conhecem é apenas uma nota no primeiro canal — nem sequer o canal todo. Podem aprender métodos que vos permitam sintonizar os outros canais. Todos esses canais são porções conscientes da vossa identidade total. Podem ou não estar conscientes de vós enquanto

nota única no primeiro canal. Eles também têm de aprender a sintonizar-se — mas muitos já o sabem, é parte da sua aprendizagem.

O que quero que percebam é que existe uma identidade inteira, totalmente alerta e consciente, da qual vocês fazem parte. Enquanto olharem apenas numa direção, não terão consciência disso. Mas quando olharem — como com a lanterna — tenham fé de que verão.

([Membro da Aula:] "Ao olharmos por todas essas janelas, veremos necessariamente uma visualização de outro canal? A nossa consciência habitual limita-se ao que espera ver?")

Exatamente. E muitas vezes, a visualização será uma distorção. Contudo, podem examinar essa distorção. Noutros casos, sem a distorção, veriam "nada".

([Membro da Aula:] "Em vez de ver, poderíamos sentir algo?")

Correto! Os sentidos interiores são a parte de vós que pode ser usada com confiança para perceber essas outras realidades. Leiam novamente o material sobre os sentidos interiores — todos vocês devem aprender o que são e como usá-los!

([Membro da Aula:] "Há alguma sobreposição entre estas personalidades? A nossa atenção principal é a personalidade consciente... e essas outras das quais não estamos conscientes, são absorvidas por nós com o tempo ou estão sempre presentes, mas...?")

Não tenho certeza se compreendi totalmente a tua pergunta. Mas, na verdade, só **pareces** ser a parte consciente principal da tua identidade. Outras porções de ti podem ver-se a si mesmas como a origem principal da personalidade. Podem, por isso, ver-te — a ti e ao teu ego — como uma parte periférica. O ego pensa que todas as outras partes da personalidade orbitam à sua volta. Isso está longe da realidade.

(Intervalo.
Alguém comentou que regressamos para fazer algum tipo de penitência.)

Não há penitência! Estão aqui para evoluir. Aprendem as consequências dos vossos pensamentos e ações — e enfrentam-nas. Mas não há penitência! E

digo-vos isto: **não há culpa.** Aprendem as consequências e enfrentam-nas. Mas a culpa é uma criação vossa. E quando acreditam nela, criam também a penitência, de acordo com o grau da vossa crença nessa culpa.

Temos um tapete novo. Posso atirar os copos e sei que não se vão partir. Dêem-nos um momento. Já tiveram a vossa pausa. Permanecerão ainda algum tempo no grupo, mas mudaram a vossa posição dentro dele (dirigido à Rachel).

Agora, a informação sobre reencarnação está disponível — não apenas da minha parte, mas da vossa. E quando estiverem prontos, irão recebê-la de vós mesmos e de mim. E ao aceitá-la, já terão ultrapassado muitos dos bloqueios que vos impediam.

Já vos disse isto muitas vezes, como grupo, e repito agora — a cada um de vós: vocês criam a realidade física que conhecem. Criam o vosso dia-a-dia e o vosso ambiente de trabalho. Vocês fazem-no. Vocês escolhem-no!

Quando realmente compreenderem esta verdade, poderão mudá-la para melhor. Mas, até então, continuarão a procurar desculpas. Agora, podem até acreditar parcialmente nessas desculpas — Ruburt também pode — mas eu não acredito nelas. E uma parte interior da vossa consciência também não acredita.

Já vos disse isto e volto a dizê-lo. Divertem-se quando reajo às perguntas do vosso amigo. Acham graça às características humanas que demonstro. Riem-se. Mas lembrem-se: essas características que vos mostro — como tantas vezes disse — são apenas uma pequena parte da minha realidade. Uso-as frequentemente como instrumentos de ensino.

E quando estiverem prontos para ouvir — e quando puderem aceitar o que tenho para dizer sem essas características que vos são familiares e reconfortantes — então o vosso verdadeiro processo de aprendizagem poderá começar. O de Ruburt também.

Apareço-vos — e apresento-me — de formas familiares, para que sintam os laços entre nós, que realmente existem. Mas há liberdades que nada têm que ver com a consciência humana como a entendem. Há caminhos que seguirão — e olharão para os eus que agora conhecem como os primeiros vislumbres do vosso nascimento.

Por isso, quando vos falo, falo muitas vezes com simpatia e compaixão — por saber que sabem tão pouco e ainda têm tanto para aprender. Mas também percorri esse caminho, e por isso consigo, até certo ponto, entrar na vossa experiência e compreender a realidade como ela vos aparece agora — e, ainda assim, é uma realidade limitada e, de facto, sombria.

Agora, despeço-me com um boa noite. Mas antes de ir, deixem-me dizer isto: o Ruburt ainda não se permite perceber tudo o que já sabe. Neste momento, sente que não se pode dar a esse luxo. Está a aprender a operar em várias realidades ao mesmo tempo.

E, como resposta a uma pergunta que foi feita anteriormente — já falei disto antes — por um momento...

(Neste ponto, a "outra personalidade" interrompeu.)

[Seth II:]

Deixem que as características humanas pelas quais me conhecem se esbatam na devida perspetiva. O Seth que conhecem pertence ao meu passado longínquo — uma realidade que mal me recordo. Ele é uma parte da minha realidade e, como tal, continua a existir. Existe agora na sua própria realidade. No entanto, para mim, tudo isso pertence ao passado. Eu não sou apenas aquilo em que ele se tornará, segundo os vossos termos — sou muito mais. E em mim, o vosso Seth, embora continue a desenvolver-se como identidade própria, é apenas uma memória distante na minha consciência.

Enviámo-lo até vós, segundo os vossos termos, num passado indescritivelmente remoto. Ele entrou no vosso universo numa realidade que me custa lembrar. Orientou a vossa espécie durante eras do vosso tempo. Eu não compreendo totalmente a experiência em que estão agora envolvidos, segundo os vossos parâmetros.

Estamos envolvidos na formação de criações, realidades, consciências — mundos para além da vossa compreensão. Dentro destes, o Seth que conhecem é uma sombra na minha consciência. Ainda assim, ele é parte do que fui. Parece haver uma ligação ténue entre ele e o Ruburt que conhecem.

Não lidamos com dados sensoriais, como vocês os conhecem. Nós formamos realidades, damos origem a universos — mas dentro de vós, agora, posso

dizer que existe o sopro da criatividade: a fonte de Tudo o Que É, da qual fazem parte.

(Seth:) Bem, vamos buscar o nosso bom amigo. Ele perdeu-se entre os reinos. Dêem-nos um momento. (Intervalo.)

Agora. Conhecem o Ruburt como Jane Butts. Foi-vos dada uma demonstração dos caminhos que a consciência pode percorrer. Foi-vos mostrado como a vossa lanterna de consciência pode iluminar caminhos distantes e as direções para onde a podem apontar...

(**Seth II retomou a comunicação.**)

Não pensem que não somos indivíduos ou que, por vos parecermos estranhos, não conhecemos alegria ou criatividade. A nossa alegria forma universos. É apenas por não estarmos habituados a corpos físicos que a comunicação é difícil. A nossa alegria cria os universos que conhecem e dança pelas vossas moléculas. A nossa consciência dá combustível à vossa. Possuímos a energia que dá luz ao vosso Sol.

A vossa identidade é como um Sol que brilha acima de vós. Banham-se nela sem saberem que é parte da vossa própria identidade.

Comunico através deste corpo no vosso "agora", e ainda assim, não percebem os éons — nos vossos termos — que passam mesmo enquanto esta voz fala. O vosso sistema destruiu-se muitas vezes e renasceu outras tantas.

Cada um de vocês existe, mesmo no meu "agora", embora não reconhecessem os seres que são. Ajudarão a criar as realidades de que vos falo.

(Seth:) Agora vamos ajudar o nosso "irmão mais novo" a regressar. (Intervalo.)

Agora, desejo a todos uma boa noite, para que se possam relaxar e deixar de se preocupar com o nosso amigo ou com o meu desaparecimento na mente superior do nosso amigo superior. Posso garantir-vos que sigo o meu próprio caminho, assim como ele segue o dele — e os universos nos quais estive

envolvido têm uma base emocional muito mais profunda, e pessoalmente, prefiro-os.

AULA DE PES

21 DE OUTUBRO DE 1969, TERÇA-FEIRA

(A Aula discutia a "outra personalidade" [Seth II] quando Seth entrou na conversa.)

Agora. Ele não é tão cintilante como eu — mas tem os seus motivos. Antes de mais, boa noite a ti (Rochelle K.), é bom ter-te de volta (Rose), dou-te as boas-vindas, assim como a este aqui (Doug) — já sabia que viria.

Apesar das minhas observações bem-humoradas sobre a personalidade que chamam Seth II, deixem-me dizer-vos algo: não podem traduzir as dimensões da sua personalidade. O que ele é, não pode ser traduzido nos vossos termos.

Os seus pensamentos não se traduzem nesses moldes porque nem sequer podem ser considerados "pensamentos" no sentido em que os entendem. Para ele, pensar é uma experiência criativa. O que ele pensa, **é** — imediatamente. Não é que seja frio, ele possui uma outra qualidade térmica. Ele é vasto. Eu sou antigo, mas ele é vasto.

Ruburt mencionou algo antes sobre uma "tarde de sábado". Infelizmente, o vosso mundo caberia numa das suas tardes de sábado — se ele soubesse o que é uma tarde de sábado.

No entanto, a sua energia está para além do meu entendimento e a sua criatividade também. Eu não me tornarei no que ele é — seguimos caminhos diferentes. E, no entanto, estamos ligados. Parte da minha energia, como veem, vem também dele.

Agora, acontece que eu gosto mais dos meus mundos. Caso contrário, não viria aqui com tanta frequência. Sempre lidei com a emoção — mas ele lida com as realidades que tornam a emoção possível.

Há também um grande esforço quando fala através de Ruburt — um esforço da parte dele. Ele sabe que uma parte de si está a filtrar-se até esta sala. Tal

como o Sol, cujos raios se estendem pelo vosso sistema solar sem estar consciente das salas que ilumina, esta “outra personalidade” tem consciência de que uma parte de si está a manifestar-se aqui. E, de certa forma, está consciente de vocês e desta sala. Mas não vos conhece como vocês se conhecem, e mal está consciente de mim tal como eu me conheço.

Ele conhece-me — mas num outro contexto, noutra dimensão de existência.

Devo dizer-vos que lamento ter-vos retido tanto tempo na semana passada. O meu amigo Ruburt tem insistido que devo pedir desculpa. E devo dizer que tenho profunda simpatia — mas o vosso tempo não é o meu tempo. Tento ter isso em conta. No entanto, os assuntos que me levam até vós durante uma sessão não têm relação com o tempo, tal como o compreendem.

Agora deixo-vos fazer uma pausa — mas ainda não disse boa noite — e podem ficar tranquilos. O nosso amigo não vos falará esta noite, e não é nenhum “papão”. (Intervalo.)

Agora. Quando escrever o meu próprio livro, irão lê-lo palavra por palavra... e todos vocês... e depois haverá testes. Farei um questionário sobre cada capítulo, porque o meu livro será escrito em breve. Ruburt preocupa-se que eu não saiba como dirigir-me ao seu precioso público.

Ele matuta sobre isso. No entanto, para começar, Ruburt escreve como Ruburt — ou, se preferirem, como a vossa amiga Jane. Eu, por outro lado, posso escrever como os muitos “eus” que fui, com pleno conhecimento da minha história — e assim posso dirigir-me a mães, pais, crianças... lembrando conscientemente a experiência que tive nesses papéis.

Este livro será escrito de dentro para fora. E, ao escrevê-lo, terei em mente os membros desta aula. Pois vocês são mais representativos do que imaginam.

(Para Brad) E onde está o meu conhaque? Disseste que me trarias conhaque e, em vez disso, tenho este vinho!

(Brad respondeu que já o tinha trazido antes, mas não o bebeu numa aula anterior.)

Ruburt não me deixou aproveitá-lo porque não gosta de conhaque — mas se estivesse aqui...!

(Brad disse que providenciaria para haver conhaque todas as noites de aula — e até um charuto!)

Agora, lembrem-se: tentem manter duas coisas em mente. Primeiro: sou quem digo ser, e estas características que vos mostro são minhas, na medida em que podem ser traduzidas. Lembrem-se também de que tenho um papel principal — e esse papel é o de professor. Por isso, uso as minhas características como instrumentos de ensino.

Não se relacionariam comigo com a mesma facilidade se não pensassem em mim como um senhor rabugento, mas encantador e cortês.

A "outra personalidade" é mais difícil de se relacionar, porque está despida destas características. E todos vocês, um dia, estarão também despidos delas. Lembrem-se disso! E lembrem-se também de que até estas características que apresento são como uma roupa — um traje antigo que, em tempos, foi posto de lado. Estas características são minhas, e regozijo-me com elas! Mas são, nos vossos termos, as características que me pertenciam há muito tempo. Visto-as de novo como uma peça familiar e querida.

Se viajassem dentro de vós mesmos, encontrariam alguma consciência subjetiva, um vislumbre de reconhecimento, que vos daria uma ideia do que quero dizer. Como já vos disse muitas vezes, têm os vossos próprios caminhos — e cabe-vos a vocês explorá-los.

Cabe-vos a vós procurarem esses sinais. A personalidade de Ruburt é uma torção dimensional — e as vossas personalidades também são torções em dimensões... e podem olhar para dentro. Encontrarão velhos amigos — mas encontrarão mais do que isso — e eles ajudar-vos-ão na vossa busca.

Todos vocês são parte de muitos tempos e de muitos lugares. Se deixassem de lado os “eus” que tomam por garantidos, poderiam experienciar a vossa verdadeira realidade — a vossa realidade multidimensional. Estas não são palavras bonitas sem significado. Não vos falo de teoria só porque quero que repitam teorias, mas porque quero que as ponham em prática e descubram os vossos próprios "eus" interiores.

Não estarão sós na vossa procura. Já estive presente em algumas das vossas iniciativas (Rochelle K.). Estas não são palavras vazias. São chaves que podem

usar em vosso benefício. Há uma realidade por trás das minhas palavras — e essa realidade é vossa. Só precisam de persegui-la.

Agora que falei com tanto entusiasmo, deixo-vos descansar.

(Intervalo. Houve um comentário sobre a afirmação de Seth em relação a Rochelle. Seth clarificou:)

O que eu disse foi apenas que estive contigo em muitos dos teus empreendimentos — quando estavas sozinha em casa e quando o teu eu interior viajava.

(Intervalo. Brad expressou o desejo de que Seth explicasse mais claramente os passos a seguir. Seth interveio:)

Primeiro, têm de compreender a natureza daquilo a que chamam realidade. Em pequena medida, comecei a explicar isso no material de Seth. As quinhentas e tal sessões que temos representam apenas um **esboço** — mas são suficientes para começar.

As ideias, por si só, farão com que comecem a pensar. Para além dos sentidos exteriores que tomam como certos, têm também **sentidos interiores**. Estes permitir-vos-ão perceber a realidade tal como ela existe, independentemente da matéria física que conhecem. Têm de aprender a usar, desenvolver e reconhecer esses sentidos interiores. Os métodos estão no material. Mas não podem utilizá-lo sem o compreenderem.

O material está elaborado de forma inteligente — se me perdoarem o termo — inteligentemente concebido, para que, ao tentarem compreendê-lo, já estejam a começar a usar capacidades além daquelas que costumam aceitar como reais.

Têm, antes de mais, de deixar de se identificar totalmente com o ego. Não basta ouvirem as minhas palavras — devem perceber que são mais do que o vosso ego, e que podem perceber mais do que ele percebe. Têm de exigir mais de vocês próprios do que alguma vez exigiram na vida.

Este material não é para aqueles que procuram verdades fáceis, embrulhadas em fitas coloridas — verdades cortadas aos bocadinhos para serem mais digeríveis. Esse tipo de material serve um propósito — e há quem o ofereça, e

é útil para quem dele precisa. Mas este material exige mais. Exige que se expandam intelectualmente e intuitivamente. Exige que usem as vossas capacidades.

Existem outros caminhos — muito mais difíceis — e vocês ainda não estão prontos para eles. Mas estão prontos para os métodos que vos dei se estiverem dispostos a trabalhar. E, por trabalho, refiro-me a um empenho alegre e espontâneo. Precisam apenas de se permitir ser quem realmente são.

Quando eram crianças, sabiam que faziam parte de Tudo o Que É, e permitiam à vossa perceção alguma liberdade. É só isso que vos peço agora.

Alguém — já não me lembro quem — disse: *"A menos que vos torneis como crianças, não entrareis no Reino dos Céus."* E ele não estava a falar simbolicamente.

(Intervalo. A Aula discutia as variações aparentes na aparência de Jane enquanto Seth.)

Há algo que não compreendem, por isso vou esclarecer. Já foi dito no nosso material — e não quero perturbar ninguém. Suponho que todos já viram programas educativos na televisão. Quando ligam essa invenção maravilhosa e veem o professor no ecrã, isso não significa que o professor esteja ali naquele momento. Estão a seguir-me? O professor é legítimo — mas não está lá no momento em que o veem.

Às vezes, recebem uma gravação. Isso não significa que eu não esteja presente nessas sessões — tal como o professor continua legítimo mesmo numa gravação. É uma reprodução razoável.

Grande parte do nosso trabalho é feito quando Ruburt está a dormir... ou ocupado com outras tarefas. Ele torna-se então a vossa TV "viva" — e lamento que a reprodução não seja tão boa como o original, mas também tenho outros assuntos e outros lugares onde devo estar — nos vossos termos.

Mas não quero insinuar que o nosso querido Ruburt seja apenas um canal de TV. Esta noite estou aqui, claramente. A minha imersão emocional pode, em

termos vossos, estar longe do vosso sistema — mas quando sei que sou necessário aqui, posso aparecer. Pois o “programa” já está gravado.

Quando o vosso professor aparece no ecrã, não está conscientemente consciente da imagem que estão a ver. É uma produção totalmente gravada. Quando o mesmo acontece nas nossas aulas, eu estou presente — mas com menos intensidade do que neste momento. E tenho consciência de mim, tal como no exemplo da imagem de TV.

Esta noite estou aqui com mais energia e presença do que uma gravação. Mas isso não significa que eu não esteja presente noutras ocasiões em que me ouvem falar. Estão a seguir-me? Isto já foi explicado nas nossas sessões, e o Ruburt e o Joseph compreendem-no.

Agora divirtam-se a tentar perceber se estão numa sessão original… ou gravada. (Intervalo.)

Agora não vos vou reter porque o meu amigo está a lembrar-me da hora. No entanto, temos um Reitor — e agora temos um Doutor também.

(Dirigido a Doug Dobbs e Lydia.)

Têm estado intrigados com as vossas experiências passadas. No entanto, sentiram que essas experiências eram intelectualmente limitadoras, que não vos davam espaço para crescer — não incentivavam a curiosidade nem o questionamento honesto.

Não vos incentivavam a usar as vossas próprias capacidades nem a olhar para dentro de vós. Por isso, agora, encorajo-vos a fazê-lo. A usarem tanto as vossas capacidades intuitivas como intelectuais.

Acreditam que estão a usar as vossas capacidades intelectuais — mas apenas começaram. Ainda nem começaram a usar as vossas capacidades intuitivas em todo o seu potencial.

Por isso, encorajo-vos a usarem ambas. E são bem-vindos às nossas aulas sempre que puderem participar.

Digo-vos: examinem tudo o que veem e ouvem — não só nesta sala e nestas sessões — mas também na vossa vida diária. Observem a realidade física. Os

dois podem ser uma grande ajuda um para o outro — mas apenas se se sentirem livres para usar as vossas capacidades, sem sentirem limitações de parte alguma.

Agora convido-vos a todos a fecharem os olhos, a ouvirem a minha voz e a usá-la como uma plataforma de lançamento para as vossas próprias experiências. Podem viajar até onde eu estou. O vosso eu não é uma porta fechada. A vossa parte interior está aberta. Têm sentidos que não têm utilizado — e convido-vos agora a usá-los. Convido-vos, portanto, a ouvirem dentro de vós e a usarem a minha voz como um farol na escuridão — um ponto de segurança. Esta voz pode iluminar muitos caminhos, e podem seguir esses caminhos com segurança, rumo a outras personalidades que fazem parte de vocês — e a outras realidades nas quais também existem.

Convido-vos, por isso, a esquecerem os corpos que conhecem, a libertarem os vossos "eus" interiores. Peço-vos, como Ruburt já pediu tantas vezes, que reconheçam que dentro de vós existem dimensões infinitas, e que podem viajar com segurança por elas. Peço-vos que percebam que a vossa mente é um portal para outras dimensões. E peço-vos que abram os vossos olhos interiores e que olhem à volta, para o mundo interior onde também têm existência.

Peço-vos que sintam, dentro de vós, a energia desta voz que ouvem — e que compreendam que essa energia é também uma parte da vossa própria energia: a energia da individualidade, a energia do universo, a energia que vos faz crescer de um feto até ao ser que agora conhecem.

Peço-vos que compreendam que, dentro de vós, está a identidade primária que deu origem às vossas personalidades. E dentro de vós há personalidades que esqueceram, assim como há personalidades que ainda não se tornaram. Mas podem ver o caminho — e podem percorrê-lo.

Podem usar a minha voz como uma luz para iluminar esses caminhos de existência que agora vos aparecem com clareza.

Tal como eu não sou físico há algum tempo, também vocês não o são. Apenas habitam um corpo — e presumem que são esse corpo. Mas são muito mais do que o corpo que conhecem.

Convido-vos então a abrir dentro de vós esses portais do conhecimento, esses caminhos de existência. Peço-vos que encontrem, dentro de vós, ecos desta energia que agora preenche esta voz — e que usem essa energia para vos preparar, para vos preparar na jornada rumo à autorrealização.

Vocês formam a realidade física que conhecem. Criaram as vossas vidas passadas. Criarão as vossas futuras — segundo os vossos termos — mas todas existem simultaneamente na realidade última.

Permitam-se sentir a força e vitalidade que são vossas. Permitam-se reconhecer a energia do universo enquanto ela flui através dos vossos corpos ainda físicos. Permitam-se ouvir a voz interior — aquela que dá vitalidade e existência aos corpos que conhecem.

Reconheçam que existe uma vitalidade e uma realidade por trás das minhas palavras e da minha voz — e que essas também existem nas vossas próprias experiências. E sejam suficientemente corajosos para agarrar essa energia e esse conhecimento como vossos.

E agora peço-vos que regressem à sala — e às vossas imagens.

Peço-vos que abram os olhos.

AULA DE PES

25 DE NOVEMBRO DE 1969, TERÇA-FEIRA
(Presentes: Sally, Rose, Rachel, Amelia e Brad.)

Agora, tenho apenas algumas breves observações antes de o meu amigo Ruburt enviar a nossa amiga Rachel de volta no tempo, para outra reencarnação.

As observações são estas: começámos, ainda que de forma muito pequena aqui, um estudo da **psicologia multidimensional**... e essa será a psicologia do futuro, pois considerará a personalidade na sua verdadeira e total dimensão. Serão dados métodos que permitirão ao ego atual, até certo ponto, tornar-se consciente da sua realidade maior. E um homem ou mulher que tenha

consciência apenas de um dos seus próprios egos será considerado, de facto, um ignorante. Mas isso levará tempo.

Esta é uma noite tranquila e fico satisfeito com o nosso pequeno grupo. Queria dizer-te que, simbolicamente, tu (Brad) estás a vencer. Estás a fazer ajustes — não apenas no peso. O peso era, de facto, simbólico. Descobrirás que outros ajustes se tornarão muito mais fáceis. Os ajustes interiores vieram primeiro, e a perda de peso veio depois. A perda de peso é uma materialização física da mudança interior. E podes esperar outras a seguir-se.

Talvez ainda não te tenhas apercebido, mas aqui iniciámos — ainda que muito ligeiramente — o estudo da personalidade multidimensional. As teorias ainda não foram apresentadas por completo — de forma alguma. Mas serão explicadas com clareza. E espero que, quando essas teorias forem apresentadas, saibam usá-las bem. E já estão a começar a fazê-lo, quer tenham consciência disso ou não. Porque não podem compreender o eu que conhecem se acharem que é o único eu que são. O eu que conhecem é apenas uma pequena parte da vossa identidade total.

E aquilo a que Jung chamava "inconsciente" é, de facto, bem consciente. Quando se permitirem liberdade suficiente, poderão fechar os olhos e tornar-se conscientes dessas outras porções plenamente conscientes da vossa própria identidade. Pois, ao deixarem de lado, momentaneamente, o ego, como já vos disse antes, não encontrarão caos, nem escuridão, nem um labirinto de subjetividade — encontrarão, sim, uma luz plenamente consciente e sábia. E essa luz pertence a outras camadas da vossa própria personalidade. Ela já ilumina a vossa consciência do ego — e guia as vossas ações — mesmo que não tenham consciência disso.

E não julguem com base apenas nas ideias do ego. Estou a falar para ti (Brad), já que colocaste a ti mesmo certos desafios. Foi necessário coragem para te colocares os problemas específicos que escolheste para esta existência — caso contrário, terias assumido vários ao mesmo tempo, por assim dizer. Havia certas verdades que, em vidas passadas, tinhas evitado enfrentar. E nesta vida decidiste vivê-las — e estás a fazê-lo, e estás a trabalhar em direção a soluções.

Se soubesses quais eram esses problemas neste momento, eles deixariam de ser reais — e as soluções perderiam valor. Seria como copiar num exame.

Queria apenas que soubessem que estive presente esta noite — e que estive a ouvir a vossa conversa. (Intervalo.)

...Isto significa que a personalidade existe em várias dimensões ao mesmo tempo. Isto inclui não só o material reencarnacional, nos vossos termos, mas também a consciência de que a personalidade no estado de sonho é, de facto, tão alerta e consciente como no estado de vigília.

Imaginem, por um momento, que são o vosso "eu dos sonhos" e que querem compreender a natureza da realidade física. Teriam de espreitar para essa realidade física enquanto o corpo dorme, os olhos estão fechados e os sentidos, segundo os vossos termos, "atenuados". Obtêm pouca informação dessa forma. E, no entanto, é exatamente isso que fazem ao tentar compreender o estado de sonho usando a consciência do estado de vigília.

Já vos disse muitas vezes que há métodos através dos quais podem levar o vosso eu desperto para o estado de sonho e seguir as vossas próprias viagens. Agora, vocês já as seguem — mas tu (Rose) não te lembras; tu (Sally), lembras-te às vezes; tu (Rachel), também; tu (Amelia), estás a começar a colocar um pé no caminho; e tu (Brad), ainda não te permitiste recordar nenhum dos teus encontros oníricos. Mas o ponto é este: podem, de facto, aprender a fazê-lo. Não é impossível. Não é apenas provável — nem sequer é difícil.

Quando a psicologia reconhecer que a personalidade está também consciente e alerta no estado de sonho, então os seus princípios e fundamentos terão de mudar. Porque recebem informação não só na vossa vida diária, consciente e desperta — mas também no vosso estado de sono, que chamam inconsciente.

O vosso "eu adormecido" está sempre acordado. Sonham o tempo todo. A vossa vida de sonho é contínua — apenas o vosso ego desperto bloqueia os estímulos interiores e não os vê, pois precisa de se concentrar na realidade física do dia a dia. Mas ele pode aprender a olhar para dentro, mudar o foco da sua atenção, e captar imagens rápidas desse ambiente interior.

Portanto, está envolvido muito mais do que apenas existências reencarnacionais.

Não preciso de camisolas—não tenho corpo para vestir uma (dirigindo-se a Rachel, que estava a tricotar uma camisola). Tu, Rachel, és um pouco como o Ruburt: tens talento, mas também és extremamente cautelosa. Sabes muito bem que és dotada. Estás focada no teu trabalho e na segurança material, e estás determinada a garantir que serás bem cuidada nos teus anos mais avançados. Todos os teus esforços conscientes estão voltados nesse sentido. E, neste momento, não estás disposta a dar tanta atenção a essas outras partes da tua personalidade que sabes que existem. E já reconheceste os teus próprios dons há algum tempo. Estás mais consciente das tuas viagens interiores do que pensas. Sabes mais sobre as tuas excursões nocturnas do que admites a ti própria. Vens às aulas porque gostas de mim—mas também porque este é o teu contacto com essa realidade interior, e não queres perdê-lo. No entanto, não estás ainda disposta a ir até ao fim, neste ponto. Mas podes permitir-te mais liberdade do que te estás a permitir agora. E digo-te isto com honestidade—podes dar-te mais liberdade do que estás a permitir. Tens medo, por exemplo, que no tempo psicológico—mesmo que arranjes tempo físico para isso—desvies energia das tuas atividades materiais. Digo-te, estás excessivamente preocupada com essas atividades, e que poderias obter os mesmos resultados com menos esforço, sendo mais livre. Estás a esforçar-te demasiado... conseguirias melhores resultados sendo mais livre—nos teus relacionamentos com os teus colegas de trabalho e na tua própria atitude—e obterias melhores resultados físicos. Ganharás energia e força, que agora precisas, se te permitires mais liberdade interior. Não ficarás esgotada, mas sim renovada.

Há também aqui uma relação antiga que remonta a muitos séculos atrás, embora não seja de grande importância. Mas houve uma relação de conhecimento mútuo, em que se reconheceram. (Pausa.)

Agora, por enquanto, como não tenho conhaque, beberei vinho.
([Brad:] "A minha mulher levou o conhaque que eu tinha para ti, por mais difícil que isso seja de acreditar.")
Já ouvi muitas desculpas na minha vida...!

Vamos começar contigo. Se tiveres perguntas, podes fazê-las.
([Rachel:] "Apanhaste-me de surpresa.")
As melhores perguntas surgem quando és apanhada de surpresa—são as que mais significam. (Longa pausa.)

Dá-me um momento enquanto pensas.
Há um amigo teu que já não tem muito tempo aqui. Falo comparativamente, sem indicar datas concretas. Trata-se de um homem. É uma relação estranha, pois foi teu tio numa vida passada. E ainda restam correntes subterrâneas. Essas correntes são importantes—dão sentido a uma relação que, de outra forma, te deixaria perplexa: porque é que gostas tanto desta pessoa? E ele foi um tio muito querido. Há também um outro homem mais novo, talvez ligado a uma das tuas filhas, que poderá receber uma proposta de trabalho nova, ou algo novo na sua carreira, que o vai desafiar, mas que ele sentirá necessidade de aceitar—é movido pela ambição—e aceitará. Há ainda uma jovem próxima de ti que enfrentará uma mudança radical, uma nova forma de vida.

O teu marido, por sinal, nesta vida não tem arrependimentos. Parece-lhe haver na memória um episódio—os dois num carro, depois de uma festa, há muitos anos. Não tenho a certeza quanto aos nomes, pode haver alguma distorção, mas o nome "Estelle" parece surgir em segundo plano, como se Estelle tivesse dado a festa ou estivesse envolvida—uma festa a que vocês foram. Não era alguém próximo. Depois da festa, houve uma discussão entre ti e o teu marido—e algo relacionado com um candeeiro. Espero—espero que não o tenhas atingido com ele.

Agora, a atitude dele para contigo é de carinho bem-humorado. Dá-nos tempo aqui. Ele também acredita que estás a esforçar-te demasiado. És, naturalmente, mesmo que penses o contrário, uma boa mulher de negócios. E podes usar as tuas capacidades psíquicas nesse campo. Mas quando te preocupas excessivamente de forma consciente, acabas por prejudicar os resultados. Não penses que não tenho consideração por ti, Amelia, só porque estou a falar com os membros mais antigos da Aula, pois estás a evoluir bem no teu próprio caminho, e as tuas recordações de sonhos irão melhorar bastante.

Agora, quais são as tuas perguntas?
([Rachel:] "Não consigo entender como é que me estou a exceder.")
Estás a gastar as tuas energias em excesso devido à preocupação. Tens tudo o que é preciso para te orientares financeiramente e no mundo dos negócios, mas o teu medo de não conseguires está a fazer-te esforçar demasiado por algo que devia e pode vir de forma natural.

([Rachel:] “Seth, porque é que não consigo lembrar-me dos meus sonhos?”)
Porque te esforças demasiado quando tentas, porque não relaxas o suficiente e porque tens essa ideia compulsiva de ter sucesso financeiro. E tens receio, nos teus termos, de tirar energia dessas atividades. Ora, as tuas capacidades psíquicas podem ajudar-te na vida diária se as deixares. Tens medo de te deixar ir nesses termos. Queres muito ter os pés bem assentes na realidade física, e tens medo que, se te deixares ir, percas o equilíbrio—mas isso não acontecerá.

([Rachel:] “O que estou a tentar provar nesta reencarnação?”)
Lá está, finalmente surgiu uma pergunta. E numa das nossas sessões de grupo, responderemos a ela em profundidade. Esta noite, não o podemos fazer. Há um motivo por trás dessa pergunta, e a menos que me engane, irás descobrir qual é. Já estás a começar a perceber qual é. Agora. Dá-me um momento. (Longa pausa.)

Experimenta os exercícios de tempo psicológico. Usa a imagem do fogo. É o teu símbolo de conhecimento, e podes confiar onde ele te levar. Essa cena é agora muito vívida, e é importante para ti.

Então. Qual é a tua pergunta? (Brad).
([Brad:] “Em muitos aspetos, a minha relação com a minha mulher tem sido destrutiva. Estou agora num cruzamento onde poderia terminar a relação. No entanto, sinto uma ligação forte com ela, talvez uma relação cármica—algo que devo resolver com ela nesta vida.”)

Não existe uma relação cármica com ela. Na tua mente, ela representa outra pessoa com quem, sim, tiveste uma relação cármica. Mas esse não é o teu problema principal. Tentaste, de várias formas, estabelecer uma ligação forte com o teu ambiente. Tentaste fazê-lo através do peso. Tentaste dizer: “Estou aqui, solidamente. Olhem para mim. Quem é mais real do que eu, se ocupo tanto espaço? Peso tanto, estou aqui.” Ao mesmo tempo, tinhas medo da realidade física, e devido ao teu ambiente nesta vida, tinhas receio de não conseguir lidar com ela. Primeiro tens de provar a ti mesmo que consegues realmente lidar com isso.

([Brad:] “Estou a ter algum sucesso?”)
Estás apenas a começar. Agora. A tua mulher nunca foi para ti símbolo de uma figura feminina, mas sim masculina. O Ruburt já te disse isso. Estás agora

a chegar ao ponto em que sentes que podes manter a tua posição na realidade física.

([Brad:] “Qual é a importância dela para mim?”)
Ela foi importante para ti enquanto símbolo—mas não de independência, antes de dependência. E nenhum de vocês teria aceite uma separação, nem esta teria acontecido, até que ambos percebessem que era altura de isso acontecer.

([Brad:] “Estás a insinuar que acabou...?”)
Estou a dizer que chegou o momento de te tornares independente, que tu sabes isso e que ela também sabia.

([Brad:] “Poderia existir uma nova relação com ela, comigo como figura dominante?”)

Não disse “dominância”, nem insinuei uma relação de domínio nesses termos. Falo de uma relação em que tu, enquanto indivíduo, sabes que consegues manter a tua posição na realidade física. Isso não implica, portanto, uma posição de domínio.

([Brad:] “Preciso dela? Quero-a. Este dilema deixou-me paralisado.”)

Esta é uma situação natural. Contudo, trata-se de uma camada superficial que cobre o problema original. E não irás avançar—nem dentro da relação nem fora dela—enquanto não te afirmares perante o teu ambiente e não reconheceres que és suficientemente forte por ti próprio para sobreviver na realidade física. Este é o verdadeiro problema que esteve sempre encoberto pela relação. Foi o teu medo de não conseguires sobreviver que te fez agarrar à relação. E é ainda esse medo que te faria querer continuar nela.

Quanto à tua relação com a tua esposa, ela mudou—e poderá mudar para melhor, se souberes aproveitar a oportunidade.

([Brad:] “Estás a dizer então que poderemos voltar a ficar juntos?”)

Isso é uma possibilidade, mas se acontecer, já não será a mesma relação—nem deve ser, nem pode ser essa a tua principal preocupação—porque está a servir de escudo para um problema mais profundo.

Por várias razões ligadas à tua existência passada e à tua mãe nesta vida, sempre existiu uma insegurança de base e a sensação de que não eras suficientemente forte para sobreviver sozinho. É isso que deves resolver, e estás agora preparado para o fazer—caso contrário, a relação contigo e com a tua esposa não teria chegado a este ponto.

(Intervalo. Durante a pausa, Jane perguntou o que se passava. Brad disse que se tratava da sua luta com a realidade—e do facto de ter de "enfrentar a música". Seth interveio com o seguinte:)

Essa interpretação não está totalmente correta. Em parte, ainda envolve problemas de uma vida passada. No episódio que mencionámos anteriormente, durante a fome, sentiste que não conseguirias lidar com a realidade física. Essa vida, ainda que tratada brevemente, teve um impacto psíquico fortíssimo em ti, pois era quase impossível sobreviver—não havia comida. Nessa altura, não tinhas competências. O teu passado não te preparou para lidar com uma realidade dura. Muitos outros estavam na mesma situação. Mas essa vida deixou-te a sensação de que a realidade física era tão difícil que não a conseguirias enfrentar sozinho. Decidiste, por isso, armazenar o que podias em forma de gordura e proteína—como defesa para tempos de escassez.

Conscientemente, sabias que esta vida decorria num país rico, mas inconscientemente mantiveste esses sentimentos antigos de medo. Esses sentimentos antigos levaram-te a sentir que a existência era muito mais difícil do que realmente é. Continuas a relacionar-te com essa existência passada, onde os tempos eram extremamente difíceis. Nessa vida, precisavas claramente de ajuda—e tiveste-a. Havia um homem, de estrutura óssea e temperamento semelhantes aos da tua esposa, que não era da tua família. Tornou-se teu amigo; dependias dele. Projetaste essa imagem na tua esposa. Esse homem obtinha satisfação e um certo sentimento de superioridade ao ajudar-te, mas também te ajudou genuinamente e com bondade.

Quando encontraste uma mulher deste tipo nesta vida, atraíste-te por ela por razões próprias. Ela, por motivos distintos, também se sentiu atraída por ti. Mas tu sempre tiveste medo de não conseguir sobreviver sozinho.

Esses sentimentos ficaram enterrados no teu inconsciente e não são mais válidos do que os sentimentos ligados ao teu peso, de que já falámos. Tu

podes e vais sobreviver. Na vida passada, eras mais jovem que esse homem mais velho e estavas constantemente a tentar provar-lhe que conseguias viver sem ele—e agora, fazes o mesmo com a tua esposa. E consegues viver sem ela. Mas tens medo que não consigas. Isso criou tensão na relação da tua parte, mas ela também impôs tensões à relação por razões próprias, que não abordaremos esta noite.

([Brad:] "Mesmo que descubra que consigo viver sem ela, acho que continuarei a sentir que preciso dela.")

Podes sentir isso, mas o essencial é saberes que, tal como a árvore na floresta sobrevive e cresce em direção ao sol, tu, como indivíduo, também sobrevives. E só assim estarás livre para estabelecer novas relações—de forma saudável e construtiva. Tens de sentir a tua unidade e segurança com a realidade física que conheces. Tens de perceber que estás a projetar inseguranças de uma existência passada em que estavas, de facto, assustadoramente inseguro. Por isso, fizeste exigências a esta mulher que ela não podia cumprir—e ela ressentiu-se disso. Agora, ela também te fez exigências, por motivos seus, e tentaremos explorar isso noutra sessão.

Descobrirás que é fácil sustentares-te a ti próprio, ou seja, encontrar uma posição e mantê-la com confiança, quando perceberes que esses medos são projeções de outro tempo, sem qualquer ligação ao ambiente em que agora vives.

Antes desta noite, pensavas—e dizias a ti mesmo—que podias manter uma posição, mas não podias. Se fosses capaz, já o terias feito. A ligação entre a existência passada e a presente terá o mesmo impacto aqui como teve no caso do teu peso. Antes, era apenas desejo ilusório. Agora, deves ter o propósito e a consciência interior de que podes realmente alcançar isso, independentemente do ambiente à tua volta.

AULA DE PES

6 DE JANEIRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

Agora compreendo exatamente o que é preciso fazer. Tenho de ter aulas de canto e temos de fazer uma sessão de oração—e aí sentirás que algo foi feito. Se eu dissesse que cantaria para vocês, acredito que viriam todos em força. No entanto, não faço tais promessas.

Cumprimento sempre a minha anfitriã quando as aulas se realizam aqui.

O meu amigo Ruburt tem estado de férias, bem merecidas. Mas eu nunca tiro férias. E não estou reformado (olhando para Rose). Espero que estejas a descobrir o teu parentesco com o Tudo O Que É. Espero que estejas a encontrar o teu próprio caminho. Pouco a pouco, o conhecimento que te pertence revelar-se-á dentro de ti.

Minha Senhora de Florença, não precisas de lutar tanto por isso! Está sempre aí, quer te dês conta ou não, e sustém-te, quer o saibas ou não.

Agora, peço-te brevemente que imagines estar fora desta sala, a olhar cá para dentro, e a veres-te a ti próprio e aos outros sem grande carga emocional. Apenas dizendo: "Ah, sim, ali estamos nós, ali estou eu." Peço-te que tentes captar um ligeiro reconhecimento, uma sensação de que há mais na sala do que aquilo que se vê; um leve reconhecimento do teu próprio eu interior; uma leve perceção. Até mesmo de que o gato é mais do que parece. Peço-te que compreendas que, mesmo que não os vejas, os teus pensamentos desabrocham como flores num jardim invisível. Quero que percebas que dentro de ti existe sempre uma ligação e compreensão profundas. Um parentesco com o Tudo O Que É que nunca pode ser negado—e que, mesmo nos momentos de maior dúvida, esse vínculo está presente, pois é a base do teu ser. Está sempre lá, e se o procurares—mas com suavidade—encontrá-lo-ás sempre.

Não precisais de vos despedaçar para sentirdes esse parentesco. Ele está presente em cada inspiração que dais. Agora, gostaria que, neste vosso ano, nos momentos de silêncio e mesmo nos mais tumultuosos, olhásseis com suavidade para dentro de vós e procurásseis essa essência viva. Ela nunca vos trairá e trará sempre confiança e força, mesmo em plena turbulência. Podeis confiar nela. E ela não vos conduzirá à fraqueza, mas sim à força.

Se as probabilidades se mantiverem, dois de vós irão desenvolver-se bastante bem este ano, em áreas bastante distintas: um na escrita automática e outro no tempo psicológico. Este ano é apenas um símbolo, mas é importante para vós, por isso, utilizem-no.

Ainda não disse "Boa noite", mas digo agora: boa noite. Havia dois pontos que queria abordar. O desenvolvimento de que falei envolve dois estudantes

que, neste momento, já não estão tão envolvidos. Espero certamente que o nosso "Reitor" (Theodore) continue com o seu próprio desenvolvimento. O caso da escrita automática refere-se a alguém que ainda não tem muita prática. Também espero que outro membro da Aula desperte no estado de sonho e se desenvolva muito bem após dois anos. Digo-vos isto para que saibam que há esperança.

(Questão de um membro da Aula: "Quer isso dizer dois anos a partir de agora?"
[Outro membro:] "Não, já passaram dois anos para alguns de nós.")

Essa é a interpretação correta. Também espero poder dar-vos ensinamentos que possais usar, mas mais do que isso, espero dar-vos ensinamentos que *vão* usar. E há aqui uma diferença, como até eu já aprendi.

Há benefícios associados a esta Aula dos quais talvez ainda não estejais conscientes. Por isso, como presente de Ano Novo, dir-vos-ei quais são.

Não há propriedades mágicas envolvidas. Os mesmos benefícios podiam ser alcançados por outros meios, mas, no vosso caso, estão ligados a esta aula. Hesito quase em dizer-vos, pois podem sair daqui a saltar como crianças de seis anos. O facto é que estão a gerir a constituição física dos vossos corpos de forma muito mais eficiente do que antes, devido às vossas ideias em mudança. As próprias células estão mais vivas. O movimento dentro das células é mais flexível. De certo modo, estão a rejuvenescer as vossas imagens físicas. Isto aplica-se mais a uns do que a outros, conforme o grau em que estão a aceitar e utilizar essas ideias, pois a juventude e a vitalidade interiores não são, em primeiro lugar, físicas—mas manifestam-se de forma física. E agora sim, despeço-me com votos de boa noite e de uma feliz nova década.

(Rachel perguntou pelo pé.)

Digo-te que tens medo de avançar (no trabalho). Queres sair da tua posição atual e tens medo de sair da tua posição atual. Por isso, simbolizaste esse dilema com a condição no pé. Quando decidires que és livre para te moveres, o pé irá recuperar. Tens mais alguma pergunta?

([Theodore:] "E quanto ao trabalho da Vera?")

A situação é diferente. Esta pessoa (Rachel) sente-se completamente dependente da posição em que passa os dias e, por isso, essa posição tem uma importância central. A atitude da Vera é diferente e, por isso, ela não usa de forma tão intensa uma parte do corpo como símbolo. Em vez disso, terá sintomas e uma sensação geral de desconforto, não diferenciada. Não se incapacita dessa maneira. Isto também se aplica, de certa forma, à tua própria situação. A urgência e a sensação de imediatismo não estão presentes da mesma forma que estão no caso da Rachel. Mas a mesma liberdade está em causa. A Vera precisa de perceber que está completamente livre para mudar de posição. Mudar ou não mudar não é o mais importante. O essencial é sentir-se completamente livre para o fazer. Se o dilema se prolongasse por muito tempo, poderia desenvolver uma doença crónica—mas não incapacitante. A liberdade, e o sentimento de liberdade para se mover, é o aspeto mais importante em ambos os casos. Estão a acompanhar-me?

Têm mais perguntas?

([Theodore:] "Obrigado. Começaste bem o novo ano.")

Espero que todos o comecem bem, e estou a usar o vosso inglês, não o meu.

([Rachel:] "Seth, deixa-me perguntar—tenho a sensação de que, se não resolver este problema antes de sair, não terei a satisfação de o resolver.")

Se não resolveres o problema antes de deixares o trabalho—
([Rachel:] "O meu trabalho.")
—então é essencial que sintas que és livre para sair e que acredites que outras oportunidades estarão disponíveis para ti. O teu sentimento baseia-se no medo de que não encontrarás outra posição. Quando perceberes que há outras possibilidades abertas para ti—se acreditares nisso—então estarás livre para escolher. É o medo que está por trás da tua falta de movimento. Estás a seguir-me?

([Rachel:] "Sigo-te, mas internamente sinto que é uma questão de determinação—não sair sem resolver o problema. É um desafio aguentar até ao fim.")

Existem duas possibilidades. Quando as desvantagens ultrapassam as vantagens, então insistir apenas para provar que se consegue é pura

teimosia. Isso responde à tua pergunta de forma muito clara. Posso sempre abrir a minha própria agência de emprego, mas para onde eu te enviaria, não ias querer ir.

AULA DE PES

13 DE JANEIRO DE 1970, TERÇA-FEIRA

As regras são estas: tu crias o teu universo—crias, dentro do sistema que conheces, o mundo que conheces. As regras ditam que, dentro de ti, há conhecimento... e que deves olhar para dentro, não para fora, para o encontrares. As regras dizem que este universo é criado pelos pensamentos que existem em cada uma das vossas mentes... e que esses pensamentos se materializam externamente. E que, se o vosso corpo adoece, é por causa de uma doença interior... e, mais uma vez, não há exceções. Ruburt não é uma exceção, tu não és uma exceção, ninguém dentro do vosso sistema é uma exceção. Não há exceções. E estas são as únicas regras, pois foi-vos dado aquilo que sempre dizem que querem... os vossos desejos—porque aquilo em que pensam é materializado... e quando pensamentos de ressentimento e ódio se materializam, acabam em guerras. Já o disse muitas vezes... a condição do vosso mundo físico é o resultado dos vossos pensamentos e desejos interiores coletivos. E os vossos ambientes físicos pessoais são o reflexo dos vossos pensamentos interiorizados. E não há exceções. Sois responsáveis pelo nascer do sol... sois responsáveis pelas marés... sois responsáveis pelas guerras e pela fome.

Isto é, de facto, um esforço amoroso! Não estais sozinhos nem abandonados... mas as verdades interiores que vos iluminam não estão no universo exterior... estão dentro de vós. Esses significados não são difíceis de encontrar—estão em vós, e podeis parar de os bloquear.

Agora, precisais de nos dar um momento.

([Seth II:])

Não compreendeis as estruturas de personalidade multidimensionais. Mas isso não significa que não existam. É verdade que a nossa realidade não pode ser traduzida nos vossos termos emocionais. As emoções, tal como as conheceis, são apenas um leve vislumbre da nossa realidade. Observamos-vos sempre... Somos os observadores e os protetores... e nunca estivestes

sozinhos. Cuidamos de vós com o mesmo carinho com que um jardineiro cuida das suas plantas mais amadas. Estamos atentos ao vosso crescimento e ao vosso sustento. Há desenvolvimentos dentro das vossas próprias identidades de que ainda não tendes consciência. E, no entanto, sempre vos mostramos caminhos para a compreensão, assegurando que dentro de vós possam ser encontradas algumas respostas. Estais num período de desenvolvimento. E preocupamo-nos convosco de uma forma que ainda não conseguis entender. As respostas às perguntas que fizestes podem ser encontradas se olharem para dentro, e surgirão em termos que possam compreender. Estais, de facto, a aprender a ser criadores... e já o sois, nos vossos próprios termos, criadores.

E será pelos frutos das vossas criações que aprendereis a ver-vos a vós próprios e a conhecer quem sois. E é através do espelho da realidade física que vedes materializados os vossos eus interiores. E, pelas vossas criações, reconhecereis as vossas capacidades e responsabilidades, tal como nós as reconhecemos.

Agora. Espero que estejais, por assim dizer, no meio de um jardim de consciência… e, tal como uma flor desabrocha, também vós fostes feitos para desabrochar. Tal como uma flor tem como finalidade florir, também vós estais destinados a florir. Não conseguis ver o jardim, embora estejais dentro dele. Mas há emanações invisíveis para vós. São os vossos pensamentos e imagens mentais, que brotam de vós como pétalas de uma flor, embora consigais ver as pétalas e não tenhais consciência dessas outras imagens. Mas são essas imagens que dão origem ao mundo que conheceis, e ele é um jardim… onde existem plantas belas, mas também feias—e plantas venenosas—que vós próprios criastes. Este é o jardim que construístes. E eu, se fosse um de vós, ficaria muito feliz por saber que há alguém por perto a manter a ordem… a vigiar as coisas… e a cuidar do vosso alimento espiritual, quando já vos esquecestes do que é o espírito.

Vedes-vos em forma física—e a analogia com as plantas perturba-vos porque vós moveis-vos e as plantas estão imóveis. E porque vos considerais superiores às plantas, sem reconhecer a consciência refinada que elas possuem.

Contudo, tal como um jardineiro caminha de noite pelo jardim e observa as suas plantas—e dá mais fertilizante a umas, rega outras e posiciona outras

para que recebam mais sol—também a vossa entidade interior percorre a vossa alma e sussurra instruções. E faria bem a todos vós escutar!

Disse-te uma vez (a Florença)—e digo a todos—nos vossos momentos de silêncio, perguntem: "Quem sou eu?" E escutem—escutem então. Não respondam logo. Apenas ouçam. E as respostas virão. Isso é alimento espiritual. Cortais-vos desse alimento como se uma flor dissesse: "Não aceito a chuva porque não a compreendo intelectualmente, e não sei o que a provoca, por isso não a aceito." Ou: "Não sei o que é o sol, por isso não aceitarei os seus raios." E assim, essa flor destruir-se-ia na sua forma.

(Florença comentou que detestaria depender de alguém para a regar como uma flor. Seth interveio.)

Estais completamente dependentes da força vital—sem ela, não poderíeis sequer levantar um dedo. Todos nós dependemos totalmente dessa força vital, sem a qual não haveria indivíduos—e isso é algo que deveis aceitar. A planta não depende de vós. Depende da força vital. Sois vós que colocaram a planta nas condições em que ela agora está. Mas, no essencial, a planta não depende de vós. E se a força vital não a preencher, nenhuma quantidade de água a fará crescer. Se a consciência dentro das folhas não vibrar com a vitalidade da existência, nenhum produto químico a fará viver.

E se a força vital não vos sustentasse, então, mesmo que gritásseis "Eu sou eu!", nada responderia, pois não haveria nenhum "eu" que pudesse gritar. Cada um de nós depende do espírito da vida—sem ele não há vida, nem vitalidade, nem canção, nem mente que pergunte. As células dos vossos dedos conhecem esta realidade e esta alegria. Deixai que ela preencha o vosso ser! Escutai o conhecimento que está nas células dos vossos dedos—elas ensinarão ao vosso intelecto o que é a alegria—e o vosso intelecto poderá, então, aprender a cantar! Incluí-vos na vitalidade do universo—não podeis dizer "não" a ela. E mesmo quando dizeis "não", estais a gritar "sim", enquanto viverdes! Então gritem "sim" com alegria—porque as células dos vossos corpos gritam "sim".

Mais uma vez, não é para embaraçar a nossa Senhora de Florença. Ela expressa os medos ocultos que existem em cada um de vós—e verbaliza pensamentos que passaram pelas vossas mentes em diversos momentos. Ela

traz essas questões à superfície, onde as podemos enfrentar e trabalhar com elas.

E se a minha voz não soa alegre quando falo de alegria, é apenas uma questão de mecânica.

As entidades que vieram habitar o vosso sistema prepararam esse sistema para a sua entrada. E o eu interior de cada personalidade coopera na manutenção do mundo físico que conheceis.

Agora. Tenho algo a dizer-te (a Brad):

O teu sentido de humor pode ser a tua salvação—desde que não o uses de forma maliciosa. Pode ser salvação em muitos sentidos. Já te disse que as respostas aos teus problemas têm de vir de dentro de ti. As respostas que te são dadas facilmente não são verdadeiramente tuas. Logo, não são respostas.

O teu próprio desenvolvimento surge como consequência das tuas decisões—e não de seguir conselhos ligeiros de terceiros. A capacidade psíquica deve ajudar-te a conhecer-te melhor—e a descobrir as tuas forças e agir com base nelas. Não deve ser usada como uma muleta para reforçar fraquezas ou alimentar desejos de fuga.

Muitas vezes, um médium capta telepaticamente os desejos que tens num determinado momento. Sem compreender bem as suas próprias capacidades, pode depois devolver-te esses desejos sob forma de "conselho". E fá-lo com as melhores intenções. Mas isso não significa que seja um bom conselho.

Ruburt já te disse o que eu direi: tens de saber que podes manter a tua posição no universo que conheces neste momento. Tens de saber que podes manter a tua posição dentro de uma relação. Atirares-te cegamente para uma nova relação não resolverá nada—porque não terás resolvido os problemas que criaram o dilema atual. É tudo o que direi por agora. Mas, mais uma vez, as respostas estão aí—e estão dentro de ti—e, para o teu desenvolvimento, és tu quem deve procurá-las e encontrá-las. (Refiro-me a "outra" relação, mas o mesmo aplica-se à tua esposa atual.)

Agora. É difícil para mim dizer-te que és uma rosa alegre num jardim encantado (a Florença. Risos na sala). Só vês os espinhos. É difícil lembrar-te da seriedade—e da alegria—da tua existência. E é por isso que disse ao nosso amigo que o seu humor poderia ser a sua salvação. Uma criança descobre muitas verdades através da brincadeira—e vós também podeis, se se permitirem a liberdade de brincar espontaneamente, mental e espiritualmente. E, pelas limitações mecânicas, não posso dançar como o vosso Tiny Tim, "por entre as túlipas". (Mais risos.)

Mas peço a cada um de vós que procure dentro de si essa alegria que é vossa—e que a aceite. Não é que a alegria não exista, mas sim que recusam reconhecê-la. Admito que possa soar velho e solene—mas, mesmo assim, eu caminharia de pontas nos pés por entre as túlipas—sem sentir que perdi a dignidade—nem me preocuparia com quem me visse.

O intelecto foi feito para ser um auxiliar—mas estás a usá-lo como um ditador (a Florença)—e estás a permitir que esse ditador exilie o teu eu intuitivo. E isso não deve acontecer.

Agora. Não vos vou reter mais, mas pelo menos—pelo menos—sabeis que me importo (para Sally)—e já estou por aqui há algum tempo.

Quando falo de alegria, não me refiro à felicidade. Gostaria que alguns de vós acordassem no meio da noite, quando o mundo está em silêncio, que fossem até à janela e a abrissem. Olhem para fora—não pensem nos vossos problemas—pensem no que estão a experienciar naquele instante.

Imaginem, como técnica simples, que são aquilo que são—uma consciência com todas as potencialidades de desenvolvimento—aquelas que compreendem e aquelas que ainda não compreendem. Porque são apenas vocês que estabelecem limites. O vosso eu é infinito. Se aceitassem este facto, então poderiam começar a experimentar a alegria e a vossa verdadeira identidade. E isso não é difícil—se perguntarem a vós próprios: "Quem sou eu?"—e escutarem pela resposta. Então, a resposta surgirá em forma de experiência subjetiva.

Perceberás que não és apenas um "eu físico" parado à janela, no meio da noite, a observar um mundo adormecido—mas sim uma consciência criativa que ajuda a formar esse mundo adormecido.

E perceberás que não existem limitações para o “eu” a não ser aquelas que insistes em manter—devido às tuas conceções limitadas—e que a alegria é, e sempre foi, tua. E depois de mais vidas do que deveria contar-te, essa alegria continua a ser minha.

E ela canta agora através de cada um de vós, como canta através de mim, e como canta através das plantas que “pertencem” à nossa Senhora de Florença.

Desejo-vos uma noite abençoada, alegre e pacífica.

AULA DE PES

13 DE JANEIRO DE 1970

Presentes: Sue, Ned, Rose, Sally (e convidado), Rachel, Florence, Vera, Theodore, Brad e Lydia.

AULA DE PES

3 DE FEVEREIRO DE 1970

(Estava-se a discutir a validade dos conselhos do Dr. [Gilbert] Holloway para Brad, quando Seth interveio.)

Agora. Se eu achasse que eras uma ovelha, tentaria guiar-te. Dir-te-ia para onde ir e o que fazer. Farias perguntas sobre a tua vida pessoal e eu não exigiria que pensasses por ti. Em vez disso, ficaria bastante satisfeito por te dizer o que fazer e sentar-me-ia a receber os teus agradecimentos. Se eu pensasse que não tens capacidades próprias—e isto aplica-se a todos vós—se eu não soubesse que sois personalidades multidimensionais com todo o tipo de aptidões à vossa disposição, então não vos pediria que pensassem e sentissem por vós mesmos. Resolveria os vossos problemas por vós.

Mas se fosse eu a resolvê-los, continuaríeis o vosso caminho sem confiança nas vossas próprias capacidades—e nada teríeis aprendido.

Nunca insinuei que os meus ensinamentos fossem fáceis, mas também nunca vos tratei como tolos. Nunca neguei a vossa dignidade individual nem a vossa integridade. Nunca vos deixei apoiar nas vossas fraquezas em vez das vossas forças.

Quero que cada um de vós se conheça a si mesmo—que resolva os próprios problemas—porque não podem ser resolvidos de outra forma. Ninguém pode dizer a nenhum de vós o que fazer! Mesmo que pareça que um problema se resolve assim, surgirá outro do mesmo tipo, e tereis de começar tudo de novo—nesta ou noutra vida, ou em outras circunstâncias. Por isso, não vos serve de nada, mesmo que pareça bondoso, receber ajuda dessa forma.

O que procuro fazer é despertar dentro de cada um de vós o conhecimento, a intuição, as capacidades que são parte da vossa personalidade total. Uma vez despertas, essas capacidades tornam-se utilizáveis, passam a fazer parte do eu físico que conheceis. Tornam-se reais para vós. Ajudar-vos-ão a resolver outros problemas. Estais a mudar nesta aula e nas vossas experiências porque estais a aprender e a expandir a vossa visão da realidade e da consciência. Cada pequeno avanço acelera outros dentro de vós, e cada conhecimento leva a novos conhecimentos. Às vezes, estais num patamar, mas depois ascendeis para uma nova consciência. Por vezes, os momentos de maior compreensão chegam no estado de sonho. E de manhã parecem novos—porque não recordais de onde vieram.

([Brad:] “Isto aplica-se também à resolução de problemas, não é?”)

Aplica-se, sem dúvida. O que não compreendeis é que, quando sonhais, estais a escrever o guião da vossa vida física—estais a resolver problemas simples, a experimentar possibilidades para problemas de vida inteira. E durante o dia materializais as realidades que já definistes enquanto o vosso corpo dormia.

Não queremos aqui nenhum culto. E certifiquei-me de que o nosso amigo Ruburt age de forma a evitar isso. O que queremos, em vez disso, é algo totalmente diferente: um espaço de permissividade onde o eu interior possa

crescer e desenvolver-se; onde possais encontrar a vossa realidade mais profunda.

Sempre que procurais nos outros respostas para os vossos problemas, estais a partir do princípio de que dentro de vós não há força suficiente. E cada vez que aceitais respostas externas, reforçais a ideia de que não tendes dentro de vós o conhecimento necessário. Por isso, essas respostas fáceis não vos ajudam, a longo prazo.

Já vos disse, e repito a cada um de vós aqui: não sois, na essência, diferentes de mim. Sois uma consciência no vosso tempo—habitando num corpo. Eu, de momento, não tenho corpo com que agir no vosso sistema físico. No entanto, cada um de vós me conhece bem—sentem esta vitalidade. E, como disse vezes sem conta—estas manifestações, por estarem a vir através de Ruburt, devem mostrar-vos que essa energia é também parte da vossa própria energia—tendes tanta energia como eu, tanta como Ruburt tem disponível para ele. Cada um de vós tem dentro de si tanta energia como aquela que está agora presente nesta sala. A minha mensagem é: usem essa energia! Abram-se para que ela se manifeste através de vós. As respostas que procurais estão dentro de vós. E elas emergirão tão clara e facilmente como o ar… se as deixardes sair! Repito: fisicamente, Ruburt vive no mesmo mundo que cada um de vós. Ele não tem acesso a mais energia do que aquela que cada um de vós possui!

Então, usem a vossa energia! Quando realmente sentirem o que estou a dizer, então subirão acima da vossa própria energia!

Tu pensas de ti próprio (a Brad) como uma "personalidade física fechada"—fraca e impotente—num mundo que não compreendes. Mas não percebes que tens agora disponível tanta energia como aquela que Ruburt está a manifestar, ou como esta voz agora expressa.

([Brad:] "Mas o direcionamento correto dessa energia é o que importa, certo?")

Estás a bloqueá-la—não vale a pena preocupares-te com o rumo que ela deve tomar enquanto não reconheces que ela está aí e não a libertas.

([Brad:] "Isso significa que as soluções devem vir mais do lado emocional do que racional?")

Sim, desde que não uses isso como desculpa. Significa que tens de abdicar de algumas ideias erradas que consideras preciosas. E essas ideias são as seguintes—e aplicam-se a todos:

1. "Sou um eu limitado." Porque, apesar do que vos digo, continuam a agir como se fossem limitados, como se o vosso "eu" estivesse preso dentro do crânio, fechado no vosso corpo físico. Isso é uma conceção errada.
2. A crença de que tendes energia limitada, que sois inferiores e impotentes. Enquanto acreditardes que sois impotentes, sê-lo-eis. Enquanto acreditardes que sois limitados, serão limitados. Essas ideias erradas impedem-vos de usar a energia que é vossa.

Imaginem a vossa autoimagem como uma peça de roupa velha. Já não vos serve—deitem-na fora! Não digam, "É miserável, mas é minha e gosto dela!" Deitem-na fora!

Vós formais a realidade física que conheceis! Então, formem uma melhor! Digo-vos que podem fazê-lo! Enquanto insistirem nas ideias erradas, continuarão a ter a mesma experiência que têm tido. Pois tal como a noite segue o dia, assim formais a vossa realidade. E isso também significa que podem mudá-la!

(Durante a pausa, discutíamos o volume da voz de Seth. Comentou-se que, embora não fosse alta, estava mais forte do que o habitual. Seth interrompeu com o seguinte:)

É para demonstrar que tendes dentro de vós a mesma vitalidade—e se eu, que não tenho corpo, posso manifestar esta vitalidade, então imaginem quanta mais têm vocês, que a estão a desperdiçar. É para mostrar que não sois mais físicos do que eu. E também para demonstrar que a consciência é algo alegre e vital.

Embora a minha voz nem sempre soe alegre, é apenas uma questão de mecânica. Serve para vos mostrar o que é possível.

(Durante a pausa, discutia-se novamente o ponto de que "as respostas estão dentro de nós", bem como a ideia de que essas respostas emergem mais por via emocional do que racional. Seth tinha dito que isso era verdade apenas se abandonássemos as conceções erradas. Seth interveio com o seguinte:)

Se não largarem essas conceções erradas, então as vossas emoções serão de autocomiseração e desânimo, e levar-vos-ão por caminhos errados.

Agora. Se tiverem perguntas, responderei. E garanto que terão os primeiros exemplares do meu livro. Agora, estarei aqui para um momento social.

(O que Seth disse foi repetido à Jane—terminando com o facto de que estaria presente para um "momento social.")

De facto estarei—terão o benefício de ambos.

(O Brad perguntou então se Seth gostaria de conhaque.)

Gostaria de conhaque, mas a nossa amiga não gosta. E não me fica bem impor-lhe algo que ela não aprecia. Ruburt não se importa—Jane não gosta.

(Discutia-se a utilidade de conhecer material de vidas passadas quando Seth voltou com o seguinte:)

Agora. Se compreenderem que criam a vossa realidade física através dos vossos próprios pensamentos e desejos, então aprenderam o aspeto mais importante da realidade. É isto que têm tentado fazer nas vossas outras vidas, nas vossas existências passadas. A compreensão destas verdades anula qualquer "dívida" de outras vidas. Quando percebem isto e agem em conformidade, já não há razão para regressarem aqui—exceto se assim o quiserem. Quaisquer dificuldades que tenham tido em vidas anteriores devem-se ao facto de não conhecerem estas verdades fundamentais. O vosso passado reencarnatório pode ajudar-vos *apenas* se vos tornar estas verdades evidentes—*apenas* se aprenderem com ele. Caso contrário, essas memórias existem dentro de vós de forma subconsciente e inconsciente, de qualquer forma.

([Brad:] "Seria útil para mim saber, por exemplo, que tive uma relação com a minha mulher noutra vida?")

Seria útil apenas se percebesses que estás a criar a tua realidade física agora. Se soubesses que tinhas um laço cármico com a tua mulher mas não compreendesses que és tu quem molda a tua realidade com os teus pensamentos e desejos, isso não te serviria de nada. Continuarias preso.

([Theodore:] "Porque pareceria então uma cadeia de causa e efeito que não pode ser quebrada.")

Exatamente. E pensarias que bastaria resolver um problema do passado... ou suportá-lo. O que tens de perceber é que és livre, que formas a realidade como a conheces—através dos teus desejos mais íntimos, dos teus pensamentos e medos. Mudam-se as circunstâncias exteriores mudando-se os pensamentos e os desejos—e esquecendo-se os medos. Não há outro caminho. Nunca houve outro caminho.

Se não perceberes que és livre, não podes usar a tua liberdade! Se não reconheceres que a força vital se manifesta agora em cada átomo do teu ser, então não podes formar a realidade física que desejas. Em vez disso, formarás imagens físicas que são réplicas dos teus medos.

Já o disse muitas vezes nas aulas: recebestes o dom mais extraordinário de todos—o dom de criar a partir dos vossos próprios pensamentos e desejos.

Agora. Diz-se que alguns povos primitivos não faziam a ligação entre o ato sexual e o nascimento. Vou dizer-vos desde já que isso está errado—eles faziam essa ligação. Mas, da mesma forma, muitos de vós não estabelecem a ligação entre o pensamento e o nascimento da realidade física. Não percebem que o vosso pensamento é literalmente o progenitor da realidade física que conhecem. Têm de mudar a vossa realidade interior mais profunda, se querem mudar a realidade física.

Não há—e nunca houve—outro caminho.

([Theodore:] "Onde está a origem desse pensamento transformado? Está no cérebro do Theodore ou no eu total?")

O eu total está envolvido não só nesta realidade, mas em muitas outras. O eu total envia porções de si mesmo para várias realidades. Essas porções devem aprender a materializar, da melhor forma possível, a força e energia que conhecem, dentro do ambiente de "camuflagem" em que se encontram. O eu total dá-vos, por isso, uma responsabilidade—e deixa-a, na maioria das vezes, nas vossas mãos.

O eu total dá-vos ajuda em certos momentos. Pois dentro de vós está o conhecimento dessa ligação com o eu total. E nunca vos é dada uma tarefa mais difícil do que as vossas capacidades.

Quando um artista pinta um quadro, pode-se olhar para ele e dizer: "Ah, o artista estava num certo estado de espírito"; ou "Vejam as cores sombrias e a paisagem deprimente"; ou "Que cores vivas e formas fantásticas!"; ou "Não há forma definida, mas há uma vitalidade maravilhosa." … E assim sois vós, artistas que criam o mundo que conhecem. E quando olhais para o mundo, podeis dizer: "Vejam, foi isto que criei!" E se não gostais do que vedes, não vale a pena destruir a pintura ou desmontar toda a estrutura da vossa vida. Em vez disso, mudem os vossos pigmentos. E, neste caso, os vossos pigmentos são os vossos pensamentos e a vossa imaginação. Então, mudem a vossa pintura.

([Brad:] "Supondo que quero ser professor, posso criar essa realidade apenas desejando-a?")

Podes, desde que esteja dentro das capacidades do teu eu físico. Ora, a capacidade de ensinar está sim ao teu alcance. No entanto, estás neste momento preso a uma conceção falsa de ti próprio—e dentro dessa prisão, não pensas nos outros a não ser em relação a ti. Estás a seguir-me?

([Brad:] "Por favor, explica.")

Pensas na tua mulher em função de ti. Pensas no teu filho em função de ti. Pensas no Ruburt em função de ti. Pensas nos estudantes em função da tua relação com eles.

([Brad:] "Mas não fazemos todos isso?")

Não. Há um ponto em que estás tão preso dentro de ti próprio que deixas de sentir a realidade dos outros. Ora, como professor, tens de ser capaz de sentir a realidade dos outros e, ao ensinar, relacionar o teu eu com os "eus" que percebes neles—*independentemente* de ti—e, portanto, dar-lhes liberdade plena na sua integridade. Podes, até certo ponto, sair dessa prisão pessoal através de alguns exercícios.

Um deles é relacionar-te com os teus animais. Por breves momentos, pensa neles como são—sem qualquer ligação a ti. Imagina o que é ser uma árvore,

ser um prego, e depois ser uma consciência completamente diferente. Depois de muitas tentativas, tenta construir uma ponte entre a consciência deles e o "eu" que pensas ser. Isso dar-te-á alguma liberdade.

(Durante a pausa, discutia-se esta última parte. Seth acrescentou:)

Quando fazes isso, vês? Quando relacionas tudo contigo à partida, ficas também preso pelos outros, porque projetas neles a tua própria realidade—onde ela não pertence. Estás a acompanhar-me?

Tens de perceber que a tua existência é, até certo ponto, independente dos outros, antes de poderes relacionar-te com eles de forma verdadeira—respeitando a sua integridade sem perderes a tua.

(Durante a pausa, Brad mencionou uma posição de professor "tão boa que nem ouso sonhar que a consiga.")

A questão é: deves *sonhar*!

([Brad:] "Sinto que tenho sonhado demasiado com pouca ação.")

A tua imaginação trabalha de forma negativa. Muda isso—começa a imaginar de forma construtiva. Tu não sonhas nas direções de que falas. Sempre que imaginas algo que queres, fazes sempre com a ideia de "Não vou conseguir!"

Estás sempre a reforçar os fracassos.

([Brad:] "Até aos meus vinte e poucos anos, parecia ter um propósito e uma motivação—e acho que estava a ter sucesso. E, de repente, tudo se desfez—coincidentemente na altura em que conheci a minha esposa. É possível que uma pessoa tenha esse tipo de efeito sobre outra?")

Só se permitires.

([Brad:] "Estarei a usar isso, de alguma forma, como desculpa para os meus fracassos?")

Tinhas ideias negativas, mas a juventude era forte o suficiente para te sustentar. E assim que essa energia da juventude se desvaneceu, permitiste que as ideias negativas tomassem o controlo. Tens agora todas as oportunidades para recomeçar. Ninguém pode forçar-te a ser quem és, e

quem podes ser. Mas ninguém além de ti pode recriar os fracassos que tens repetido. Podes marcar reuniões, encontrar-te com pessoas sobre trabalho. Nada te impede a não ser a tua própria imaginação. Muda a natureza da tua imaginação. O poder está nas tuas mãos, e digo-te: usa-o. Porque sei que consegues usá-lo!

(Brad disse que se sentia imobilizado—preso numa inércia.)

Ora bem. A minha receita imediata é pensar em termos de movimento. Nunca mais digas "Penso em termos de imobilidade." Em vez disso, muda imediatamente a tua imagem mental de ti próprio. Tens de o fazer—e podes fazê-lo. Primeiro tens de mudar a imagem que tens de ti na tua imaginação e agir em conformidade de imediato. Tens de recusar, e recusar absolutamente, aceitar mais desculpas dessa parte superficial de ti. Tens de imaginar que dentro de ti—pois isto é verdade—existe um eu mais forte, mais poderoso, um eu mais vasto.

E quando o "pequeno" eu disser "Tenho medo e vou inventar desculpas", tens de imaginar esse eu maior a responder: "Sou forte. Não permitirei que o eu menor invente desculpas. Não há necessidade disso." Tens de te identificar com essa porção maior de ti.

(Durante a pausa, falou-se sobre este tema, sobre o facto de criarmos a nossa própria realidade e sobre o livro *The Magic of Believing* ["Se acreditares, conseguirás"], quando Seth interveio com o seguinte:)

O que importa é o reconhecimento emocional, não o intelectual. Tens de te sentir bem-sucedido nos teus esforços—não apenas dizer a ti próprio que isso é possível.

O que vos digo não são apenas belas palavras sem aplicação prática. Têm de ser postas à prova. E ninguém pode fazer isso por vós. E essas palavras representam a vossa salvação.

([Brad:] "Sinto que tenho muita energia, mas nunca consigo decidir para que direção a canalizar. Sou assombrado por medos sempre que considero um caminho específico—talvez até o medo de não estar à altura das minhas próprias expectativas. Ao não agir, talvez esteja a poupar-me ao fracasso: 'Se realmente tivesse tentado, teria conseguido.'")

Ora, a dificuldade é esta, e digo-o a todos: esqueceram-se de como brincar! Esqueceram-se de como ser espontâneos! Perderam-se em labirintos intelectuais!

Fariam muito melhor se adotassem a seguinte atitude: "Estou numa situação em que a minha seriedade não me trouxe benefícios. A minha imaginação tem-me gerado medo. E sinto-me numa prisão. Todo o meu esforço árduo não me levou a lado nenhum, e por isso vou mudar de estratégia—vou brincar. Não me importa, porque estou a brincar, com qual jogo começo. Por isso, hoje, vou ligar e marcar imediatamente uma reunião como professor, e vou fingir com toda a força que sou um excelente professor. E hoje serei um professor como nunca houve outro! E pensarei em todos os alunos que ainda não conheço e em como os posso ajudar, e como isso será divertido! E por isso farei essa chamada. E não importa muito se conseguir ou não este trabalho em particular—porque se não conseguir, amanhã serei artista. E ligarei e marcarei uma reunião como artista—mas serei livre no que quer que faça—e espontâneo."

E isso será muito melhor do que estes labirintos de decisões que não levam a lado nenhum.

O nosso amigo aqui (Theodore) tem estado a brincar como banqueiro há anos, e sabe que é um bom jogo. Mas a sua identidade não depende disso—e a vossa também não deve depender.

([Brad:] "Vou telefonar amanhã e marcar a reunião.")

Espero que sim! E espero isso com toda a seriedade.

([Theodore:] "Mas fá-lo com alegria.")

Com certeza, com alegria—pois eu brinco a ser Seth, com alegria. Pois sou muitos outros, como vós sois muitos outros. E, como disse muitas vezes, a parte de mim que conhecem nesta sala é uma porção da minha personalidade—tirada dos bancos de personalidade que são meus. É a minha moeda atual convosco; o retrato que agora vos apresento.

(Para Brad.) Ficaste com medo do teu eu interior, e do que lá estava escondido, e por isso negaste-o.

([Brad:] “Porque tive medo dele?”)

Porque estavas a esconder sentimentos muito profundos em relação à tua esposa—e, por isso, fechaste-te a ti mesmo. E, ao fazer isso, fechaste também as portas à vitalidade e à criatividade.

Isto não é algo original meu, mas é verdade: não podes negar um sentimento sem cortares, até certo ponto, todos os outros. Não podes cortar uma parte de ti sem, até certo ponto, cortares os canais para o teu eu total.

Agora, disseste que ainda gostarias que te fosse dada a resposta sobre qual caminho seguir. E para mim, isso significa que ainda não percebeste que a resposta está dentro de ti—e que és tu quem a deve encontrar.

Não importa o que faças neste momento, qualquer passo que deres vai quebrar o ciclo de inércia—e *tens* de dar esse passo.

Digo-te: não importa *qual* passo dês. Não importa. Todos esses pensamentos de “qual passo devo dar” são irrelevantes—não têm sentido. O importante é dar um passo—e essa reunião é um passo, e tens de o dar.

Receio não ter mostrado a Laurie como posso ser animado.

Agora. Não te darei (Brad) o que queres, mas para mostrar à Laurie como sou um tipo bem-disposto, farei um compromisso. *Tu* tens de dar o primeiro passo. Estarei contigo quando o deres. Estou ciente, como Ruburt não para de me lembrar, da tua pergunta (Theodore). No entanto, a resposta é complicada, mas não é importante neste momento. Isto era mais importante.

Estarei lá para te dar uma cotovelada (simbólica), mas também para te transmitir confiança—e prometo isso. Mas tu tens de dar o primeiro passo. Ajudar-te-ei a dá-lo.

Agora. Desejo a todos uma boa noite, pois o meu amigo Ruburt está a pensar em quanto tempo mais durará a sessão e preocupado com os seus vizinhos. Dou-vos as bênçãos que me é possível dar, e a vitalidade que me é possível transmitir.

Presentes: Theodore, Sally, Laurie, Brad

AULA DE PES

17 DE MARÇO DE 1970, TERÇA-FEIRA

(A primeira parte da sessão foi dedicada à audição de uma entrevista de aconselhamento entre Brad e o Dr. Gilbert Holloway. Os membros da Aula estavam a dar as suas reações quando Seth interrompeu com as seguintes observações:)

Não foram conselhos particularmente bons. O teu amigo (Dr. Holloway) não mencionou o ponto mais importante de todos. Não te pediu que te questionasses. Não te pediu que olhasses para dentro de ti e descobrisses as razões pelas quais aguentaste essa situação durante tantos anos. Não te pediu que descobrisses quais as necessidades que estavam a ser satisfeitas dentro de ti através do teu casamento. Da mesma forma, meu querido amigo, que tu não te perguntaste porque trouxeste esta gravação à aula esta noite.

Na última vez que falaste do teu amigo, eu disse-te para desconfiares de respostas fáceis. E, de certa forma, não sou gentil contigo—porque quero que te questiones antes de estares pronto para te questionar. É fácil aceitar os conselhos dos outros. É fácil olhar para fora e aceitar uma autoridade.

E não há autoridade maior do que a que reside dentro da vossa própria consciência — a realidade legítima que é vossa.

Quando vos parece que não tendes poder, é porque estais a negar a autoridade que está dentro de vós, a fechar a mente às respostas que são tão livres como o ar. Quando não acreditais que as respostas estão em vós, não as podeis pôr em prática.

Porque haveria outro homem de saber melhor do que tu aquilo que está dentro da tua própria consciência? Que poder lhe atribuís para que saiba melhor do que tu os sentimentos que estão no teu próprio coração? E porque é tão difícil reconheceres esses sentimentos?

Seria fácil para mim dizer-te o que devias fazer.

([Brad:] “Gostava disso.”)

De facto gostavas, e não aprenderias nada! Não estás aqui para aceitar respostas prontas; estás aqui para usar as tuas capacidades, para considerar os teus problemas como desafios e resolvê-los.

([Brad:] “Acho que sou alguém inclinado a seguir os outros...”)

Podes ser seguidor — e há muitos seguidores — e às vezes é necessário seguir. Mas, nas coisas importantes, segue a sabedoria que está dentro de ti.

([Brad:] “Já não tenho confiança na minha própria sabedoria.”)

Tens de reconhecer, antes de mais, que dentro de ti existe, em algum lugar, o conhecimento milagroso que mantém o teu corpo vivo e em funcionamento. Esta parte de ti, apesar de todos os teus problemas, mantém-te vivo enquanto organismo físico. O seu conhecimento vai além da sabedoria de qualquer homem ou mulher vivos! Se essa parte de ti consegue fazer todas as deduções científicas e biológicas necessárias para manter o teu corpo a funcionar, então certamente tem capacidade para resolver estes outros problemas. Quando compreenderes plenamente isto — e podes fazê-lo se te lembrares disso com frequência — poderás aceder a esse conhecimento para resolver os teus problemas. Se aceitares respostas dos outros, voltarás sempre ao mesmo problema vezes sem conta, e não terás resolvido nada.

Já o disse antes: no plano físico, o teu problema é encontrar um trabalho. Tens feito progressos ao marcar e comparecer às tuas reuniões, e isso é definitivamente um avanço. No plano psicológico, precisas de entender porque é que a relação entre ti e a tua esposa se manteve como esteve durante tantos anos. Acima de tudo, precisas de conhecer-te como indivíduo — com as tuas qualidades e os teus defeitos. Mas, enquanto continuares a procurar conselhos nos outros, estás a negar as tuas próprias capacidades.

([Brad:] “O pêndulo pode dar-me acesso aos meus próprios recursos?”)

Através do pêndulo, podes aceder ao teu conhecimento subconsciente, às tuas motivações. Mas através do pensamento negativo, anulas o que aprendes.

Agora, vou dar-te algo para fazer. Um conselho prático — e é muito simples. Quero que faças uma lista dos teus pontos fortes, das tuas capacidades.

Quero vê-la escrita a preto no branco. Quero que a faças com cuidado. E que a ponhas à tua frente e olhes para ela três vezes por dia.

Quero, por outras palavras, que cries uma prova tangível dos teus pontos fortes e conquistas, para que, quando estiveres perdido em períodos de depressão e pensamento negativo, tenhas algo concreto para olhar. E possas dizer: "Sou uma pessoa com qualidades e realizações, e aqui estão listadas." Isso impedirá que passes o dia a destruir-te mentalmente. Parece um conselho simples, mas é muito valioso.

([Brad:] "É só que, depois de tantas recusas de emprego, começo a sentir que talvez tenham razão; se esta última hipótese, que é boa, não resultar, não consigo deixar de sentir que é mesmo o fim.")

Isso depende da tua atitude. Depende de estares a insistir num trabalho de prestígio ou num trabalho que te permita pagar as contas. Estás a insistir num trabalho com prestígio.

([Brad:] "Não. Disse ao meu contacto na Corning que aceito qualquer trabalho que esteja disponível. E disse-o com sinceridade.")

Ruburt, no passado, já te deu bons conselhos. Ninguém — repito, ninguém — pode ou deve tomar decisões por ti. No entanto, espero reforçar o teu conhecimento interior de que tens a capacidade de tomar decisões — e boas decisões. Tens feito progressos — nos encontros que marcaste e aos quais compareceste. Mas o teu problema interior não tem a ver com o trabalho, mas sim com o motivo pelo qual não encontraste trabalho no passado. Não tem a ver com o casamento — tem a ver com as necessidades que foram satisfeitas dentro desse casamento.

([Brad:] "Necessidades emocionais?")

Refiro-me, sim, a necessidades emocionais.

Agora, ao olhar para todos vós em espírito, deixo-vos fazer uma pausa. O problema, no entanto, é que raramente olham para vós mesmos em espírito.

Peço desculpa — queria ter começado por vos cumprimentar esta noite e dar as boas-vindas a ti, Arnold.

(Pausa para discussão)

([Florence:] "Se temos relações na vida que são emocionalmente necessárias — como o Seth disse sobre o Brad e a esposa...")

([Jane:] "O Brad devia investigar por que razão sentiu ser necessário permanecer com a esposa.")

([Florence:] "Se é necessário por razões emocionais, então...")

Eu pedi ao nosso amigo que se questionasse sobre por que razão sentiu ser necessário continuar a relação — e que necessidades emocionais estavam a ser satisfeitas. Não insinuei que essas necessidades *fossem* necessárias, apenas que *ele sentia que eram*, e que devia investigar por que razão sentia isso. Não disse que as necessidades fossem necessárias ou desnecessárias.

A relação pode, de facto, ser recomeçada — mas *apenas* sob novos termos, e *apenas* com autoconhecimento da parte do nosso amigo. Caso contrário, a relação continuará tal como antes — ou pior. O autoconhecimento, de ambos os lados, é absolutamente essencial.

([Florence:] "Então seria necessário que a Margo [esposa do Brad] mudasse também.")

A tua atitude (para Brad), ao mudar, alterará automaticamente a atitude dela à medida que ela reagir à tua mudança. Vocês dão sinais subconscientes um ao outro, aos quais ambos reagem. Podes mudar os sinais que dás — e, assim, transformar intensamente a situação e guiá-la rumo ao autoconhecimento.

([Brad:] "Isso significa que tenho de ser uma personalidade muito mais forte.")

Sim, sem dúvida. Significa que deves usar as tuas forças — significa não só que recusas ser um tapete, mas que aceitaste como uma personalidade digna, disposta a dar e a receber, até mesmo a ser usado às vezes, como também usas — mas não a ser um tapete. Significa que tens de aceitar o teu valor, e também a responsabilidade que esse valor acarreta. Significa dizer: "Entro neste casamento como um indivíduo, disposto a dar e a receber, com as minhas qualidades e os meus defeitos — mas não entro neste casamento

como alguém sem valor, disposto a aceitar o que me deres e o que quiseres tirar de mim." Mas para fazer isso, precisas conhecer-te — e estar disposto a olhar para dentro de ti.

([Brad:] "Ainda vou a tempo de mudar para a reconquistar?")

Não deves mudar para a reconquistar; deves mudar para *te* reconquistares — mas para reconquistares um novo eu. Tens de mudar para te tornares quem realmente és.

([Brad:] "Quero-a de volta.")

O que queres é a ti próprio de volta. Agora. Pensas que a Margo é extremamente competente nas áreas em que tu não és. Ela manteve o emprego durante todos estes anos, enquanto tu não.

([Brad:] "E ela ganha 18 mil dólares por ano.")

Dezoito mil dólares por ano serão bastante insignificantes daqui a cinco mil anos. A paz, a felicidade e o conhecimento que conquistares continuarão contigo daqui a cinco mil anos. O dinheiro não significará nada para ela, nem para ti. E o dinheiro trouxe-lhe pouco conforto. Pelo contrário, trouxe-lhe tormentos adicionais. Quando jogas esse jogo, estás a jogar um jogo pobre.

Estás a atribuir-lhe aquilo que imaginas serem qualidades masculinas altamente eficientes. Estás a atribuir a ti próprio qualidades que imaginas serem femininas. Mas o ser humano é uma gestalt de perceções. Não existem qualidades "masculinas" ou "femininas" por si só. Estás a menosprezar capacidades que são tuas, apenas porque as consideras femininas. E, na tua mente, estás a colocar a Margo num pedestal de eficiência porque ela possui qualidades que achas que deveriam ser tuas — porque achas que são masculinas. Por isso, estás a permitir-te comportar de uma forma que consideras submissa e feminina.

Tudo isto é resultado da tua própria atitude — e ela reagiu a essa atitude e reforçou-a, porque uma parte dela deseja dominar. Outra parte olha para ti como homem — e é aí que a desiludes, porque recusas afirmar a independência que faz parte da tua natureza. Parece-te que isso contradiz a tua natureza artística — mas essa contradição só existe na tua mente. Ela

procura em ti orientação, e tu não lha dás. E, por isso — com o perdão de todos os presentes — ela transforma-se numa "megera".

Tens de esquecer essas ideias de que um homem possui certas capacidades e uma mulher possui outras. Tens de reconhecer o teu valor como indivíduo — e o valor dela como indivíduo. No passado, permitiste-lhe assumir controlo total sobre a tua vida e destino — e nenhum ser humano pode fazer isso. O teu destino está nas tuas próprias mãos.

Durante a discussão, falou-se dos problemas com a geração mais nova. O Theodore observou que seria bom ouvir “diretamente da boca do cavalo”. Seth interveio:

— Não aprecio ser chamado de cavalo, e não irei relinchar por vocês. Estais a fazer perguntas profundas e ponderadas, e todos querem respostas no espaço de um segundo.

([Theodore:] “Leio o Apocalipse há vinte anos e não sei mais agora do que na primeira vez que o li.”)

— Isso é porque nunca procuraste as respostas dentro de ti. Agora estás a começar a procurar dentro — e já era tempo!

([Theodore:] “Dói!”)

— Dói, sim.

E já vos disse antes: não existem acasos! Ninguém é enviado para a guerra por acidente ou inocentemente. Quem mata tem de aprender o que é matar — sendo vítima. Aprenderás que não se pode comprar a paz com violência. Vais aprender — aprenderás não só que a vida humana é sagrada, mas que a vida dentro de cada molécula e átomo é sagrada.

Nos vossos termos, isto leva séculos. Quando finalmente aprenderem a lição, parecer-vos-á que sempre souberam. E volto a repetir, como já disse tantas vezes: no fundo, não existe tal coisa como o assassinato, pois a consciência continua. Mas enquanto acreditares que ao matar um homem o aniquilas para sempre, então tens de resolver esse problema. Vais aprender. Estás a aprender. Alguns de vós, dentro de duas gerações, enfrentarão problemas que hoje nem aceitam. E voltarão a ser a geração jovem, com faixas

brilhantes e ousadas, a lutar pela justiça. E desejo-vos sorte — pois vão precisar.

Aprenderão que a consciência é sagrada. E até que aprendam essa verdade, não serão livres. Não se pode matar outro homem ou mulher e ser livre. Nem sequer comer carne de vaca, despreocupadamente. Só o poderás fazer agradecendo à vaca pelo alimento e pela nutrição que te deu, reconhecendo que ela, como tu, faz parte da cadeia da vida — sem a qual não existes fisicamente, nem poderás ser livre.

Aprenderás que fazes parte da teia da consciência. Aprenderás a ser cocriador consciente. Ou aprenderás... ou destruirás o planeta em que habitas! E, se o fizeres, a tua consciência recomeçará noutra realidade. Vais aprender a reconhecer dentro de ti a alegria e a verdadeira realidade do ser. Vais aprender a distinguir entre a realidade da alegria e as pseudorrealidades que criaste — ou recomeçarás. Mas aprenderás. És, de facto, tão abençoado e dotado como qualquer deus. Quando aprenderes a honrar-te, serás livre. E criarás com alegria e espontaneidade — quando reconheceres, dentro da folha de uma flor, a consciência que ali habita, e a relacionares contigo, e a honrares como um irmão mais novo — serás livre.

Quando olhares para dentro de ti e tiveres a coragem de enfrentar as tuas responsabilidades e potencialidades, serás livre. Mas serás! Qualquer consciência evolui e aprende. Quanto tempo levará — nos vossos termos — depende de cada um de vós individualmente. Mas as respostas não vos chegam de forma solene. Não chegam com pompa. Chegam nas coisas que menos reconheceis. Chegam nos vossos momentos de brincadeira, espontaneidade e arte. Chegam-vos nos sonhos. As respostas surgem quando as aceitais. E estás a começar a aceitá-las (para Theodore).

Não te chegam necessariamente na igreja, nem quando estás a desempenhar o papel do respeitável banqueiro — ou quando tu (Brad) desempenhas o papel do fracassado. Porque representas o papel do fracassado com tanta mestria como ele representa o do banqueiro — e com igual subtileza, se isso te serve de consolo.

As respostas chegam quando jogas o jogo de seres tu próprio. Joga esse jogo de vez em quando. Joga a sério o jogo de seres quem és — e vais-te

surpreender com o que descobres. E tu, minha querida Senhora de Florença, serás a mais surpreendida de todas.

Não estou a dizer boa noite, estou a deixar-vos fazer uma pausa. Tu (para Florence), serás a mais surpreendida — e de forma agradável.

(Enquanto a Aula discutia o nosso regresso dentro de duas gerações, Seth acrescentou:)

E então, que clamor levantarão contra os vossos anciãos! E como protestarão, dizendo que a geração mais velha arruinou o mundo!

Percebeis que, ao dizer-vos isto, estou a confirmar que daqui a duas gerações o vosso mundo ainda existirá.

([Brad:] "Em frangalhos.")

— Não mais do que já está neste momento.

Têm de aprender o que é ser homem e mulher, pai e filho. E passarão pelos ciclos até conseguirem relacionar-se com os outros. E se não conseguirem compreendê-los a partir do vosso próprio ponto de vista, então tornar-se-ão *eles*. E a partir da consciência deles, verão quem foram. Esse é o verdadeiro sentido de aprender. Expandirão a vossa consciência — a partir do "eu" que conhecem — e ligar-se-ão aos outros, compreendendo-os. Ou então, tomarão os seus lugares, e a partir da sua consciência observarão os "eus" que já não existem no vosso tempo. Mas aprenderão.

Já vivi, numa vida, como mulher negra, numa civilização onde nem uma coisa nem outra eram apreciadas. Como já vos disse, fui homem e mulher muitas vezes. Fui jovem e sedutor, velho e sábio. Também fui extremamente ignorante, analfabeto e rude. E creio que aprendi muito nessas vidas em que fui tudo isso. Fui ignorante muitas vezes. E, ao ser ignorante, aprendi a alegria e a sabedoria que nada têm que ver com o intelecto.

Cada um de vós já foi homem e mulher. Alguns foram mães mas não pais, ou pais mas não mães. Já morreram antes de atingir a idade adulta — ou viveram até à senilidade — ou viveram e alcançaram a sabedoria. Mas a vossa identidade e o vosso eu interior são independentes dessas reencarnações. E a vitalidade que habita em vós já conheceu muitas formas.

Já foram aquilo que hoje consideraríeis uma energia caótica — criadora de universos. Já vaguearam pelo espaço interestelar, sem saber quem eram. Já viajaram por eras sem adquirir o conhecimento da vossa identidade. Já viajaram sem saber quem ou o que eram, como partículas elementares de consciência. Foram reunindo força e individualidade. Aprenderam a lidar com a energia. Acrescentaram consciência à vossa essência. Tornaram-se mais despertos. Aprenderam, até certo ponto — pequeno, até agora — a responsabilidade da criatividade. Estão a evoluir. Cada um de vós está a desenvolver as formas pelas quais se manifestará. Percorreram um longo caminho desde o que agora chamaríeis caos indiferenciado, até ao que hoje são. Reparem: eu não disse que vieram *do* caos indiferenciado, mas do que *agora* consideraríeis como tal.

Dentro de vós está a consciência elementar e vital que dá origem a todas as realidades. Podem senti-la quando deixam para trás os papéis que desempenham neste momento. Aí poderão compreender o verdadeiro significado desses papéis — porque há um significado neles. E não há razão para que esse significado vos escape.

(Para Theodore.) O impulso da tua afeição emocional por uma... consciência como a do teu filho a bordo daquele navio — isso é o significado da realidade e da consciência. E não pode ser-te tirado. Aprendeste a fazê-lo.

Os átomos e moléculas de uma nuvem formam a nuvem; os átomos e moléculas do teu corpo formam o corpo. E tu, dentro do corpo, crias o mundo que conheces. A realização está disponível a qualquer momento — quando estiveres pronto para a aceitar. E estás pronto, meu querido amigo... embora arrastando os pés (para Theodore). Estás pronto para avançar mais na tua Grande Galeria — e já é tempo de o fazeres.

([Theodore:] “É a entidade que tem evoluído desde esse caos, ou é a capacidade da entidade para se manifestar — ou ambos?”)

É a capacidade de se manifestar — e a criatividade sempre nova. Porque a entidade está envolvida numa surpresa contínua, numa criação sempre nova. Há sempre novas criações. A entidade — e até Deus — os chamados *gestalt-pirâmide* — estão sempre envolvidos em surpresa e nova criação. Não existe um fim, nesses termos. Até os deuses se surpreendem a si mesmos.

([Florence:] “Quando éramos partículas elementares — foi antes de formarmos a consciência?”)

Eram conscientes nessa altura; não sabiam como utilizar a consciência, e estavam num processo de aprendizagem. Mas mesmo então, eram criativos.

([Florence:] “Éramos conscientes enquanto entidade, nessa altura?”)

Agora. Vou usar o termo “Deus” porque tem significado para vós. “Deus”, nos vossos termos, não é uma entidade estática, não é algo finalizado e concluído. Nem a entidade é algo finalizado e encerrado.

A realidade e a consciência estão, sempre, num estado de *devir*. Deus, nos vossos termos, está num estado constante de vir a ser. Um estado de conclusão seria um fim — e o fim de todas as realidades. Assim, em nenhum momento específico a vossa entidade, o vosso eu interior, está feito ou completo. Está sempre em devir. Há sempre surpresas que emergem de si própria. Assim, quando começou a sua jornada — nos vossos termos — não sabia o final. As partículas de nuvem não sabiam que se tornariam homem ou mulher.

Contudo, a consciência — e a tua consciência individual — sempre existiu e sempre existirá, nos teus termos. Mas tens de deixar de pensar em termos de fim ou completude. Pois, nos teus termos, nem Deus está completo. E se estivesse, seria o fim da criatividade e de qualquer tipo de existência ou consciência.

A criatividade é sempre inquieta — e sempre feita de novas surpresas. Portanto, a entidade nunca está concluída. Estão a aprender a ser cocriadores conscientes. Mas nem sempre sabem, nos vossos termos, o que será a criação.

([Theodore:] “Mesmo do ponto de vista da entidade?”)

Mesmo a entidade surpreende-se constantemente com a sua própria criatividade.

Deixem-me reforçar mais uma vez: em qualquer conceito que tenham de um deus, tal deus não é estático. E assim que dizes “Deus é isto” ou “Deus é aquilo”, já Ele é algo mais. E assim que dizes “A minha entidade é isto” ou “A

minha entidade é aquilo", ela já é algo mais. Nem sequer consegues acompanhar os teus próprios pensamentos — porque haverias de conseguir acompanhar a tua entidade ou um deus? Até os teus pensamentos são criados e afetam realidades que desconheces. Os teus sonhos são realidades em dimensões que agora não percebes. As tuas entidades têm realidades e dimensões que não percebes. Os deuses não só têm surpresas para ti — como tu tens surpresas para os deuses. E não pode ser de outra forma.

(Pausa.)

Já fazes parte de Tudo O Que É, e não te podes separar dessa realidade. Não existe nirvana se por nirvana entendes um estado onde a tua individualidade se perde e é engolida por um grande peixe que é Deus, tal como a baleia engoliu Jonas.

Pelo contrário: a tua individualidade é usada e desenvolvida. Pois a tua individualidade significa que existe mais uma forma única e altamente original pela qual a consciência pode expressar-se. E perder essa individualidade, meu caro amigo, seria como se Deus perdesse uma das Suas vozes — e se tornasse surdo de uma forma — e um tom ficasse para sempre perdido.

Agora. Carregas o peso e a responsabilidade dessa individualidade — o peso *e* a responsabilidade. E dentro de ti, vês, está uma parte de Tudo O Que É, que só pode expressar-se de forma única através das capacidades e potencialidades que são tuas. E se as negas, então negas a Deus a Sua voz nesse grau. Negas uma potencialidade que só tu e mais ninguém podes realizar. E isto aplica-se não só à individualidade que conheces nesta vida, mas à energia que é tua e que nunca poderá ser retirada, seja qual for a forma em que te encontres. As memórias que hoje são tuas fazem parte de ti de forma eletromagnética; e quando a tua forma física desaparecer, isso permanecerá — e sobre isso continuarás a construir.

(Pausa.)

Agora, despeço-me de todos vós com carinho. Não é minha intenção manter-vos acordados toda a noite. Longe de mim tornar um banqueiro atordoado no seu trabalho ou uma professora rabugenta com os seus alunos.

Mas recordem: o conhecimento dentro de vós não é solene — é alegre. E a energia que flui por este corpo frágil está igualmente disponível a cada um de vós, à vossa maneira. Têm acesso a ela. E podem usá-la.

Aqui temos uma figura robusta (Brad). Se tanta energia pode passar por este corpo pequeno, então por que razão não usas a energia que está disponível através do teu próprio?

([Brad:] "Usarei.")

Espero plenamente que o faças!

Admito que nenhuma criança alguma vez falou com uma voz como a minha. No entanto, isso deve-se apenas a dificuldades mecânicas. Mas a alegria e a vitalidade que são minhas — e eu sou muito mais velho do que vós — podem ser usadas por vós.

Ainda me deleito com jogos infantis. Não salto à corda, nem danço o hula, mas divirto-me com pensamentos e jogos que há muito esquecestes. E na natureza ancestral da minha mente ainda vive a admiração infantil pela natureza da realidade. E se todos vós se perguntam quem são e qual a vossa realidade, então saibam que eu ainda me surpreendo a mim mesmo com as minhas próprias perguntas — porque há muito que não sei.

(Para Laurie:) Agora, pintas quadros. Pinta a partir das tuas esperanças e não dos teus medos. Forma a realidade a partir dos teus sonhos e não dos teus terrores.
(Para Natalie.) Estás pronta para começar de novo. E fá-lo-ás com sucesso.

Ao despedir-me esta noite, volto a encorajar-te a encontrar dentro de ti a fonte da tua própria energia, da tua consciência e da tua força — e a deixá-la cantar dentro de ti como vitalidade do teu ser. E não te encolhas, nem chores, mas canta com pura alegria por a tua consciência saber que existe e, mesmo na ignorância, cria e dá alegria aos outros. E sabe que não há fim para a tua consciência, nem para a realidade da qual fazes parte.

Desejo-vos a todos uma boa noite. E, se encerro agora, é apenas pela bondade do meu coração, pois o meu amigo Ruburt está preocupado com os vizinhos.

AULA DE PES

21 DE ABRIL DE 1970 (TERÇA-FEIRA)

(Discussão na aula sobre reencarnação: Arnold questionava se esta seria a sua primeira vida.)

Não, não é a tua primeira "viagem", por assim dizer. É a tua terceira. Mas és um aprendiz voluntário e entusiasta.

Agora... dá-nos um momento. Vemos-te em África, por volta de 4 a.C., como mulher. Não é amplamente conhecido, mas havia então uma civilização relativamente avançada no canto sudoeste do continente. Tentarei precisar o nome — Mabunda. Eras negra e artesã, pois havia ofícios. Eras o que se chamava uma "caçadora-chefe". E nas terras que herdaste, encontravam-se artefactos de uma civilização ainda mais antiga.

Em algumas das tuas expedições de caça, encontraste vestígios dessa cultura desaparecida. Numa delas, descobriste a imagem de um pequeno deus, há muito esquecido por aquela civilização, chamado "Marumba". Era uma pequena imagem negra — semelhante ao estereótipo da imagem de Buda — mas com várias diferenças. Era feita de marfim.

A civilização que a criou perdera já todo o conhecimento ancestral. Os olhos da imagem pareciam cavilhas. Deles partiam linhas, como se fossem raios de um sol ou lua meio vistos. Essas linhas permitiam calcular a circunferência da Terra e medir o tempo. O ídolo era colocado ao centro de um círculo, e observava-se atentamente os seus raios. Colocavam-se paus no solo como extensões desses raios e, à medida que as sombras se moviam, deduzia-se a hora do dia.

Também se mostravam pestanas na face do ídolo, e pequenas hastes eram colocadas como extensões dessas pestanas. Através delas, determinavam-se as estações do ano e o movimento das estrelas no céu. Mas encontraste este ídolo sozinho, e não contaste a ninguém. Observaste-o em segredo. E ouviste. E, embora fosse a tua primeira encarnação, estavas desperta.

Fizeste vigília solitária junto do deus. Observaste-o até começares a compreender a sua mensagem. Durante o dia, continuavas com os teus deveres na tribo. A imagem deveria ser colocada deitada no chão; e a pressão

que fazia sobre a terra, afundando-se lentamente, indicava os meses. Tornaste-te obcecada com a mensagem daquele objeto.

Chamavas-te Maraba Iraqua. Enfeitavas-te com asas mortas de aves e dançavas à volta do ídolo. "Macraugh, macraugh" — o som das aves então. Matavas-las... e usavas as suas asas. Ficaste conhecida como curandeira — embora esse termo ainda não existisse. Pouco depois, outros se juntaram a ti. Mas não chegaste a descobrir todos os segredos daquela imagem estranha.

Quando morreste, comeram a tua carne, queimaram os teus ossos e enterraram-nos num círculo à volta do ídolo. Mas sentias que não tinhas aprendido o suficiente. Esperaste muito para regressar. E, entretanto, viveste outras realidades.

Regressaste muitos séculos depois como mulher nativa — uma "squaw" — nos arredores do Quebeque, no século XVIII. Lá aprendeste o conhecimento intuitivo do feminino e aplicaste essas capacidades na tua busca pela verdade.

Nasceste cerca de quarenta milhas a nordeste do Quebeque. O teu pai estava envolvido numa guerra com povos do noroeste. Foste parar às imediações do que hoje é Rochester, Nova Iorque. E estiveste envolvida, embora não como guerreira, numa guerra onde muitos perderam a vida junto ao lago. Durante toda essa vida, questionaste e procuraste usar ao máximo as tuas intuições.

Apaixonaste-te, no entanto, por um guerreiro medíocre — um forasteiro da tribo iroquesa — e tiveste quatro filhos dele. Um deles, por sinal, é o teu filho atual.

E regressas agora ao teu jardim de consciência. Podes fazer uma pausa. E parabéns (Brad). Dou-te os parabéns... antes de te pressionar mais.

(Pausa.)

A tribo Torimba, em África, acabou por se estabelecer na Ásia Menor, transportando consigo vestígios daquela antiga civilização. E foste considerado um deus menor — algo que nunca esqueceste.

Estavas constantemente sob pressão, pois sentias que devias ter aprendido mais. E, entre vidas, estavas consciente das orações dirigidas a ti. Tinhas

consciência da tribo a procurar-te em busca de ajuda. E só podias ajudá-los parcialmente. Embora te sentisses lisonjeado por ser visto assim, sentias-te esmagado pela tua insuficiência e começaste então a procurar conhecimento novo e mais vasto.

Adotaste a forma feminina na encarnação seguinte. E nessa vida aprendeste o significado do amor — e a falsa necessidade do sacrifício. Nesta vida, esperas encontrar respostas através da ciência, mas ao olhar para a molécula encontraste-te, simbolicamente, a encarar o olho daquele ídolo esquecido. E assim reiniciaste a tua busca.

(Fica em silêncio durante algum tempo.)

Foi-te dado um símbolo altamente importante que, na tua psique, representa o significado da verdade. Mas cada um de vós, à sua maneira, deverá tornar-se como um deus — e aceitar essa tremenda responsabilidade. Repara que eu disse *tornar-se como deuses* — e no plural. Há uma unidade que une todos os plurais.

(Fica em silêncio mais um pouco.)

Dentro em breve, vou despedir-me. Mas procura compreender: olha para dentro de ti. Estão-te a ser dadas as ferramentas — usa-as. Ainda precisas de encontrar o teu verdadeiro eu. Estás no caminho. Dei-te parte dessa informação. Não precisas ser submisso, nem insolente. Podes encontrar-te no meio disso — e aí descobrir alegria e compreensão independentes. E ergue a cabeça com orgulho, sabendo quem és. Estás no caminho.

Continuo a esperar encontrar-te num estado fora do corpo. O encontro está marcado. Mas é preciso um pouco mais de esforço da tua parte. Também poderias usar melhor as tuas capacidades, se não tivesses tanto medo delas — e não há razão para esse medo.

Se tens boa visão, então podes ver tanto paisagens agradáveis como desagradáveis. Lembra-te disto. Não há razão para escolher e reter apenas as desagradáveis.

Podemos esperar algum tipo de pintura automática com o nosso aluno aqui.

E, através de Ruburt, aguardo com expectativa ver algumas dessas pinturas automáticas — e também algumas perceções que estás à procura. E não sejas tão teimoso nos teus sonhos.

Está tudo bem em seres teimoso quando estás acordado, mas quando estás a sonhar, devias permitir-te mais liberdade — lembra-te do teu amor pela cor. Lembra-te disso ao adormecer; lembra-te das cores que vês — porque tu vês cores e podes pintá-las.
([Laurie:] "Os sonhos são um passo em direção à pintura automática?")
Estão interligados. Um alimenta o outro... mas um não depende do outro.

E agora, à nossa Senhora de Florença aqui presente. Tenho sido muito gentil contigo ultimamente. Mas tu também costumas ser gentil comigo. Sabes do que tens medo? Então eu vou dizer-te.

Falo agora do teu trabalho e interesse psíquico. E uma das coisas que te trava, aquilo de que tens medo, é muito simples: tens medo de, no fundo, encontrares o Deus autocrático, cruel, aterrador e fundamentalmente injusto que ainda paira na parte de trás da tua mente e subconsciente. E, apesar de todas as tuas jornadas e buscas, receias que seja esse o verdadeiro Deus que acabarás por encontrar. Que, por mais que tentes escapar, é esse o rosto do Deus real que te espera.

O rosto, tal como o concebes no teu subconsciente, é a voz e o rosto de um castigo irracional, que pode cair sobre ti sem aviso — um castigo imprevisível por crimes que não te lembras de ter cometido.
Esse deus, nas profundezas da tua mente, é um deus caprichoso que traz morte e desolação sem aviso; que não perdoa; que é, de facto, imbuído de características masculinas rígidas.

É esta imagem que tentas escapar e ao mesmo tempo temes reencontrar. É o deus da tua infância e dos primeiros anos. Pois, de tudo o que te foi dado, foram essas qualidades de justiça inflexível, aplicada de forma desumana, que se colaram à tua mente e ao teu coração — e tingiram as margens da tua alma com medo.

E, até certo ponto, embora eu esteja aqui, por vezes projetas essa ideia de Deus em mim, embora eu me esforce por mostrar-te provas, pelo menos, de graça e humor.

Esta ideia persistiu — ou persistia — tanto que tentaste fortemente libertar-te dela. E estás a consegui-lo. Estás no processo. Teremos mais a dizer sobre isto noutra sessão.
Tudo o que tenho a dizer agora é que *não é verdade*.

Quanto ao nosso amigo aqui presente, estás ainda a apreciar a aula, compareces fielmente e com grande determinação... mas resistindo a olhar para dentro. Ficas à margem da realização, delicias-te com os contornos da experiência psíquica, mas decides ainda não mergulhar nas águas. E digo-te: chegará o momento.

Desejo-vos a todos uma boa noite e dou-vos as bênçãos que são minhas para dar.

AULA DE ESP

5 DE MAIO DE 1970 (TERÇA-FEIRA)

(Gert perguntava sobre conversar com Seth, verdade, etc.)

Estão a caluniar-me. Já falei muitas vezes com a nossa Senhora de Florença aqui presente, e poderias ter explicado à nossa nova aluna o que quero dizer. Devia ficar calado e deixar que tu o fizesses.

Na verdade, escolhem o vosso próprio ambiente e as circunstâncias de vida. E antes desta vida, já definiram os desafios que iriam encontrar. Mas também estão dotados de livre-arbítrio, e não existe castigo — a não ser para aqueles que escolhem castigar-se a si próprios. Não há castigo, nesses termos. Crescem em compreensão, e se matam, então é necessário aprenderem o que significa ser vítima — e por isso tornam-se vítimas, se assim escolherem. Mas também podem aprender isso de outras formas. Têm de aprender a usar a consciência que são.

Disseste há pouco que todos estão à procura de se encontrar, e como os nossos alunos regulares já deviam saber, só há um lugar onde procurar: dentro de si mesmos.

All That Is — Tudo O Que É — não é masculino nem feminino, e lamento se isto incomodar alguém. *Tudo O Que É* é, de facto, energia — mas toda a energia é individualizada. Por isso, não estão a lidar apenas com energia

impessoal, mas também não estão a lidar com uma personalidade nos termos habituais, pois ainda não compreendem o que é uma personalidade.

E quando compreenderem quem são, terão um vislumbre do que é *All That Is* — e no fundo descobrirão *All That Is* dentro de vocês.

Encontrá-lo-ão também numa folha ou numa flor. Mas só quando tentarem compreender o que é uma folha ou uma flor. Se acreditarem que uma folha é apenas matéria física sem consciência, sem glória, então nada aprenderão com ela. Mas se perceberem que uma folha é uma parte de *Tudo O Que É*, então compreenderão o que é comunhão.

Já disse muitas destas coisas antes, à minha maneira, e certamente voltarei a dizê-las — não só através desta imagem física. Porque, quando esta forma fizer a transição para outras realidades, falarei através de outra forma — tal como cada um de vocês já falou através de outras formas. Eu lembro-me das formas por onde passei — vocês não. Mas pensem nisto: a criança que vocês foram tem uma forma muito diferente da pessoa que são hoje, e no entanto falavam através dessa forma.

Têm uma forma física diferente a cada sete anos. Os átomos e moléculas do vosso corpo mudam completamente. Neste momento, não há no vosso corpo um único vestígio físico que lá estivesse há oito anos. E, ainda assim, continuam a funcionar perfeitamente e nada disso vos perturba. Olhem para o vosso amigo aqui (Doug). Não parece preocupado.

Se mudam de forma física sem se darem conta, ao longo dos anos, porque vos surpreenderia mudar novamente quando abandonarem esta forma atual para outra? Se eu falo através do corpo de uma mulher, também os três homens aqui presentes já falaram através de corpos femininos — quando esses corpos lhes pertenciam — e as mulheres aqui também já falaram como homens.

Não há estrada para a verdade. Não existe um caminho com placas e sinais onde basta seguir em frente. O caminho para a verdade não é estrada nenhuma — é uma série de passos dentro de vocês; sempre milagrosos e sempre novos.

(Gert falava sobre ensinar o Credo.)

Vocês redimem e santificam — caso contrário, não há redenção nem santificação. *Tudo O Que É* está dentro de vocês. Não está objetivado fora de vós.

A voz interior é a voz de *Tudo O Que É*, e fala através dos tecidos do vosso corpo, das células, dos átomos e moléculas que compõem a vossa imagem física. A voz interior fala através de *Tudo O Que É*. Até os próprios átomos e moléculas no ar abençoam.

Não há nada que não seja abençoado, nada que não esteja imbuído de *Tudo O Que É*, do qual obtém a sua existência, energia, consciência e força.

Quando tentam transformar *Tudo O Que É* num Deus exterior a vocês, parece-vos que têm de procurar fora, quando na verdade deveriam escutar para dentro.

Se isso vos fizesse sentir melhor, podíamos apagar todas as luzes e vestir o Ruburt com uma túnica branca. Estão cheios de estereótipos — não estereotipem os vossos pensamentos. As emoções nunca são estereotipadas.

Não quero monopolizar a conversa, por isso deixo-vos fazer uma pausa. Quando estiverem prontos para novo material, eu dou.

(Para Florence.) Tive uma excelente conversa contigo nos teus sonhos, há três noites, mas estavas tão confusa que não te lembraste — e isso magoou os meus sentimentos.
([Florence:] "Desculpa, Seth. Acorda-me da próxima vez.")

(Janice partilhava as suas experiências e sentimentos sobre a aula e as perceções extrassensoriais.)

Não desejo causar esse tipo de impressão às jovens. Sou, de facto, um cavalheiro inofensivo — e um cavalheiro sem corpo tem de ser inofensivo. Então, por que motivo sou recebido com tanto medo, como acontece tantas vezes nesta aula?

Estou apenas a tentar transmitir um ponto fundamental: que a energia e o ser não são solenes, que a personalidade continua a existir, que aquelas características que eu, em tempos, considerei como "minhas" — nos vossos

termos — continuam a existir, e que a vossa personalidade também continuará a existir.

Ora, quando me esforço tanto por ser bem-disposto, não percebo como posso assustar-vos. Jovens mulheres assustam-me sempre, mas não me veem a tremer de medo. Eu escondo os meus sentimentos.

(Para o Doug:) Quero que saibas que estás no bom caminho e que podes confiar no teu eu espontâneo.

(Para todos:) Confiem nas vossas intuições. Não confiem em quem vos diz "eu tenho a verdade". Digo-vos claramente: a verdade assume muitas formas e usa muitas máscaras. Não há uma verdade completa que vos possa ser entregue como um embrulho de aniversário. Só conseguem vislumbres da verdade — e só conseguem compreendê-los e interpretá-los se confiarem no vosso eu interior e nas vossas intuições.

(Para o Arnold:) (palavras perdidas) ele fica confuso, mas eu não. Ele está em transe, mas eu não estou. Vocês é que estão em transe — porque acreditam nesta existência física improvável. Por isso, tenho de adaptar a linguagem para que faça sentido a quem acredita nesta fantasia em que vivem.

(Para a Florence:) Como professora, devias compreender que isso é o que me causa mais dificuldade.

(A Florence quis saber se, quando Seth fala com outras personalidades no seu plano, o faz mentalmente.)

É sempre mental e emocional. Mas aí, já não são necessárias palavras. É sempre telepático. Mas, na verdade, também a vossa comunicação é telepática. Só acreditam que precisam de palavras, caso contrário eu não teria de lidar com elas. E as palavras podem ser muito enganadoras e confusas.

Devo dizer que, embora use a palavra "telepatia", não comunicamos em palavras mentais. Não precisamos de palavras — nem mentais, nem de outra espécie. Comunicamos conceitos inteiros e estados emocionais. Aliás, dedico um capítulo inteiro a isso no meu livro.

(Para a Janice — falando sobre as suas experiências em casa e a ideia de possessão:)

Se não fosse por estas energias, não teriam filhos. Se não fosse por estas energias, nem sequer estariam vivos. Todos se preocupam, por vezes, com aquilo que não conhecem conscientemente. Mas vocês não sabem, de forma consciente, como respiram — e se soubessem, estariam mortos, porque não conseguiriam lidar conscientemente com os milhões de processos necessários para um único sopro de ar.

Estas são as energias de que falas. São elas que te mantêm sentada numa cadeira, mesmo sem saberes como os teus músculos o fazem. Quando começas a falar, não sabes que palavra virá no fim da frase. Nem sabes como falas, ou de onde vêm os teus pensamentos.

Agora, como os membros da aula já deviam saber, o nosso amigo Ruburt não está possuído. Nenhuma energia o dominou. Existe, sim, uma parte da sua personalidade aberta como uma janela transparente — um portal para outros tempos e dimensões. Ele tem habilidades que usa. Sabe que, através de mim, recebe informações que não teria de outra forma. E pode "voltar" num instante.

(A Jane regressa e ri-se.)
Vês? Ele está longe de estar possuído. Pode conversar convosco enquanto eu também o faço.

Quando pensam em "possessão", estão a pensar em termos antiquados de bem e mal. Confiem nas vossas intuições. A energia que existe dentro de vós é a vossa existência e dá-vos sentido. É ela que dá origem aos vossos filhos.

Na verdade, se alguém tiver razão de queixa, sou eu. Eu é que estou possuído pelo Ruburt.
([Gert:] "Não parece!")
Ele tem um corpo há mais tempo do que eu. Estou a brincar, claro — nunca perco uma boa piada, por isso não levem isso a sério.
([Gert:] "Não levo.")
(Para a Janice:) Nem tu.

Consigo imaginar uma cena encantadora: indivíduos sem corpo — psicólogos espirituais e eu — sentados numa sala escura, todos de túnica, num outro

plano da realidade, a perguntarem-me o que se passa comigo. E eu a responder: “Estou obcecado. Tenho na cabeça a ideia de que existe uma realidade física, onde os objetos têm forma e peso, onde há coisas como árvores, pessoas, elétricos e algo estranho chamado progresso. E onde as pessoas acreditam em fantasmas e demónios, tudo ao mesmo nível, sem distinguir uns dos outros.”

E, nos meus momentos mais esquizofrénicos (Doug: “foi isso que eu disse”), imagino uma mulher chamada Jane Butts, numa cidadezinha curiosa chamada Elmira, Nova Iorque. E deliro, achando que falo através dessa mulher, vendo através dos seus olhos as criaturas mais fantásticas imagináveis.

Mas não há forma de me tratarem — porque, atrás de mim, a cena é boa demais para perder, e nunca viram uma psicologia como a vossa. Pois se a minha realidade vos parece estranha, a vossa parece-me ainda mais.

E não se esqueçam: as características por que me reconhecem são apenas ferramentas de ensino. São a parte de mim que uso para vos passar a mensagem.

Porque de verdadeiro amor sabem pouco; de verdadeira compreensão, ainda menos. Mas vão aprender. E aprender é descoberta e é alegria.

Lembrem-se também que todas as capacidades que veem na personalidade de Ruburt são humanas — estão latentes em cada um de vós. Podem ser usadas como quiserem.

Vocês, sim, estão “possuídos” — por ideias limitadas, que vos restringem. Que vos impedem de usar a vossa magnífica energia e habilidades. Já disse isto muitas vezes e, sem dúvida, continuarei a dizê-lo — mesmo quando o corpo familiar do Ruburt tiver mais 40 anos, e a minha voz soar bastante mais jovem que a dele (grita).

A minha energia deve lembrar-vos da energia que é inerente a vós. Toda a energia que atravessa este pequeno corpo vem da mesma fonte que vos dá vida, vitalidade e força — e devia trazer-vos alegria e realização.

A alegria de *Tudo O Que É* ressoa em cada consciência viva. Ressoa no vosso copo de vinho, nos átomos da mesa. Porque acham que não ressoaria no

vosso corpo? Ou nos vossos eus interiores que se esforçam tanto por esconder?

Seria fácil dar-vos um conjunto de regras. Alguns de vós segui-las-iam com prazer — assim não teriam de enfrentar a responsabilidade pessoal. Mas a vossa responsabilidade é olhar para dentro e usar as vossas capacidades.

Cada um de vós desenvolver-se-á à sua maneira, ao longo de infinitas eras — nos vossos termos. Pensam que um átomo está "abaixo" de vós, ou uma flor? Ainda vos falta 500 vezes mais para evoluírem.

Desenvolver-se-ão de formas que agora nem conseguem conceber. E desenvolver-se-ão à medida que se expandem e usam as vossas habilidades. Encontrarão o vosso próprio caminho. Criarão até as vossas próprias verdades. Porque é isso que se espera de vocês: que criem novas verdades.

As verdades não são árvores que se encontram numa floresta. Brotam sempre novas. *Tudo O Que É* não é estático — senão estaria morto. Está sempre em mudança, como vocês.

E o que não percebem é que, de outras formas que talvez não compreendam, eu também sou avaliado pelo vosso progresso. E não me estou a sair muito bem convosco. Já é bem conhecido que estas aulas acontecem.
([Gert:] "Quem é que te avalia, Seth?")

Sou avaliado por outro. Não assististe a nenhuma aula, por isso não tens ainda a base necessária para compreender isto. O nosso amigo aqui presente saberá quem me avalia.
([Florence:] "O Seth superior?")
Exatamente.
([Brad:] "É um avaliador exigente?")
Se é parte da minha entidade, sabes bem que é exigente.
([Florence:] "Seth, há outras aulas como esta?")
Há, sim. Tanto nesta realidade como noutras. O Ruburt, embora ainda não o saiba conscientemente, também está noutra aula, numa outra dimensão da realidade — pois eu ensino-o enquanto ele dorme. E, dessa forma, ele não responde.
([Florence:] "Isto é em preparação para a próxima…?")
Sim, exatamente. E ele tem tarefas. Esta aula é uma das suas tarefas, e ele

próprio é uma das minhas.
([Gert:] "Todos temos alguém como tu atribuído a nós — como diz a Igreja Católica, que cada pessoa tem um anjo da guarda a 'velar por nós'?")
Agora não sei se devo responder-te a sério ou ceder ao meu sentido de humor.
([Gert:] "Aceito das duas formas, Seth.")
Muito bem.
([Gert:] "Só avisa qual é qual.")
A ideia por detrás do conceito católico de anjo da guarda está correta. Agora, por que razão essas personalidades são imaginadas como aves enormes é um mistério para mim — toda a gente sabe o que os pássaros fazem nos telhados.
([Brad:] "Tenho uma pergunta. O meu está a dormir?")
Quem está a dormir és tu. Ele não.
([Brad:] "Mereci essa.")
Ultimamente tens começado a despertar. Cada um de vós tem, de facto, uma personalidade atribuída. Mas ainda vai demorar algum tempo — frequentando aulas ou lendo — até compreenderem a natureza dessas personalidades.
([Gert:] "Podemos sintonizar-nos com essa personalidade como tu te tornaste conhecido do Ruburt?")
Já o fizeste — quer te tenhas dado conta ou não. Alguns de vós poderão desejar ter uma relação semelhante à minha com o Ruburt. Outros poderão não querer. Eu sou professor, o Ruburt é professor, e por isso damo-nos muito bem.
([Gert:] "Estás a dizer que talvez alguém atribuído a mim possa ter outra ocupação?")
Neste ponto particular do teu desenvolvimento, podes não ter a empatia — nos teus termos — que o Ruburt e eu temos. Mas estão constantemente a ser guiados e ensinados, quer se apercebam disso ou não. E também guiarão e ensinarão outros — todos vós fazem isso durante o estado de sono.
([Brad:] "Todos ensinamos outros?")
Todos, sim — a outros num estágio de desenvolvimento inferior ao vosso. Ia fazer um comentário aqui, mas não o farei — para provar que tenho o coração puro, visível ou invisível.
([Brad:] "Força.")
Não me tentes. Trago o Ruburt de volta e deixo-o lidar com essa.
([Arnold:] "Referia-me a uma natureza de outro plano.")

Sim, de facto.
([Arnold:] "Ah!")
Há muitos graus e distinções. Ora, como todos vós são brancos, quando veem um homem negro, pensam apenas num homem negro e esquecem as suas características individuais. Assim, quando pensam em espíritos — nos vossos termos — pensam neles como se fossem todos iguais. Mas há muitos que, apenas por analogia, seriam comparáveis entre si. Percebes-me?
([Arnold:] "Não tenho a certeza.")
Lamento. Reflete um pouco. É uma observação simples — não terás dificuldade.
([Arnold:] "Estás a dizer que há variações no teu plano, como há aqui?")
Exatamente.
([Arnold:] "Já percebi.")
Eu sabia que sim.
([Gert:] "Seth, podes responder-me? Supostamente sou professora, mas sinto um conflito desde que li o livro do Ruburt e me aprofundei na Ciência Cristã.")
Sim.
([Gert:] "E acho que a minha pergunta agora é: se voltar a ensinar crianças os conceitos católicos de pecado mortal, inferno, etc… ?")
Isso é uma mentira!
([Gert:] "Então estou obrigada a não o ensinar. É isso?")
Se estás a falar dessas afirmações específicas — então sim. Se não consegues evitá-las, acabarás por prejudicar as crianças. Mas se conseguires ensinar sem as fazer, então poderás ensinar.
([Gert:] "Entendo.")
Se pregas ou ensinas a existência de um inferno físico, como lugar real — isso não é verdade, e tu já o sabes há algum tempo.
([Gert:] "Isto também se aplica ao que chamam de limbo?")
Agora — pode haver um inferno, já lá estive várias vezes — e pode haver um limbo. Mas não são lugares. São estados espirituais. E mesmo nesses termos, o inferno não é eterno. São estados resultantes da ignorância. O inferno, por exemplo, não poderia existir se não tivesses o conceito de céu — não haveria nada com que o comparar.

O inferno é o bloqueio — saberes que estás bloqueado no uso das tuas capacidades; a tua criatividade bloqueada.
([Gert:] "Agora, ao falares de criatividade... e quanto ao planeamento

familiar? O uso de contracetivos para impedir deliberadamente o início de uma nova vida?")
Isso não é problema meu.
([Gert:] "Tens sorte, Seth. E nós, que temos esse problema? Impedir deliberadamente que uma vida comece?")
Então estão a prestar um serviço à vossa vida física.
([Gert:] "Um serviço?")
Um serviço. Agora, isto é demasiado complexo para resolver numa só noite. No entanto, como nunca fiz qualquer declaração sobre tal questão importante, vou fazê-lo agora, pois é necessário, independentemente do humor.

A um nível puramente físico, os animais têm por vezes mais juízo do que vocês. Ouvem a voz interior e não se reproduzem em excesso. Estabelecem salvaguardas automáticas e instintivas.

Qualquer verdadeira evolução da vossa espécie depende da evolução da consciência e da espiritualidade. Se o vosso mundo estiver sobrepovoado, podem regredir a um estado de consciência que, nos vossos termos, existiu há eras — e do qual teriam de aprender a sair novamente.

Apenas certas pessoas se sentem tentadas a regressar quando o mundo está sobrepovoado. São pessoas instáveis. Regressaram demasiado cedo. Já vêm erráticas.

Esta situação não surgiu por acaso. Vocês é que a criaram para se ensinarem a si mesmos. Trouxeram-na sobre vós para darem um novo passo na vossa evolução psíquica e espiritual.

Tiveram de perceber que uma certa dose de espiritualidade é necessária para o crescimento do vosso eu psíquico interior. Criaram isto para se lembrarem de que vos foi oferecido um planeta no qual a vossa espécie poderia crescer.

Fizeram-no para compreenderem — apesar de todas as vossas histórias (brada!) — que não vos foi dada a dominação.

Não estais aqui para dominar o planeta. Não estais aqui para dominar as espécies que habitam o planeta. Não estais aqui para usar a Terra para os vossos próprios fins. Não fostes colocados em posição de domínio sobre os animais. Estais aqui para cooperar com toda a vida, e toda a vida faz parte do

Todo Que É, e cada animal tem consciência — e compreendereis isto, ou destruireis o vosso planeta.

Os átomos e moléculas dentro dos vossos corpos, e a consciência que existe neles, já habitaram flores no campo. Os próprios átomos e moléculas que agora estão no vosso braço já fizeram parte das vacas que comeram e das flores sobre as quais agora caminham. O ar que respiram neste momento veio de poeira cósmica que atravessou o universo até chegar a esta sala. Não estais sós. Ireis aprender a sacralidade da consciência. Ireis aprender a ser responsáveis pela vida. Ireis aprender a proteger e a valorizar a vida como a conheceis — incluindo a vida vegetal.

Ireis aprender que é cruel trazer à existência uma nova consciência quando o vosso planeta não tem capacidade para a sustentar. Pois o vosso planeta não conseguirá sustentá-la, e o crescimento espiritual não pode ser alcançado através de corpos famintos nem através das agonias de mães que veem os seus filhos morrer à fome. (Na altura, decorria a guerra civil nigeriana.)

Agora, muitas destas questões podem não vos preocupar diretamente. Estais bem vestidos e bem alimentados. Mas há muitos homens e mulheres que, de facto, estão a morrer à fome. Não podeis consumir o vosso planeta. Não vos será permitido consumi-lo. Tendes livre-arbítrio, no entanto — e, se decidirdes ignorar estas realidades interiores, podeis destruir o vosso planeta, e de nada vos servirá clamar por um Deus, pois esse Deus não terá destruído o vosso planeta — vós é que o fizestes, por não reconhecerdes a natureza sagrada da consciência.

— Pequena observação: não posso de forma alguma responder suficientemente a tudo isto numa só noite. No entanto, usareis a guerra como instrumento — uma forma de resolver o vosso problema de população — se não tiverdes o bom senso de o controlar de outra maneira.

([Gert:] “Aprovas o aborto?”)
Não usamos palavras como “aprovar”. A questão é individual. Se acreditais que o aborto é um mal e realizais um — então será um mal. Não é intrinsecamente mau, mas isso importa pouco se acreditardes que é.

([Florence:] “E a vida que é abortada?”)
Essa vida, em qualquer caso, se for para nascer em termos físicos, nascerá.

([Florence:] “Ela encontrará outro corpo?”)
Sim, agora ou mais tarde. A criança que for para nascer, nascerá. Se estiver destinado que um indivíduo nasça de vós como vosso filho, se ele decidiu fazê-lo e se vós decidistes tê-lo, se as vossas relações passadas criaram essa situação — então essa situação concretizar-se-á.

([Brad:] “Não é um trocadilho, mas será possível que ele regresse noutro plano?”)
Gosto do teu sentido de humor! No entanto, haverá outro tipo de chegada. Agora, o Ruburt tem perguntas que queria fazer-vos.

(Para o Doug:) Também gosto do teu sentido de humor.

(A fita foi virada durante uma pausa — não se sabe se algo foi perdido. Gert contou que, no dia em que o pai morreu, ao subir as escadas da cave, sentiu muito medo e recusava-se a levantar os olhos do chão. Queria sair rapidamente de casa.)

Ele estava lá e queria tranquilizar-te. Queria que soubesses que ainda existia, mas o teu medo impediu-te de o ver.

([Gert:] “Quando dizes ver, referes-te aos meus olhos físicos?”)
Poderias tê-lo visto com os teus olhos físicos, nessa altura. Agora já não, pois ele está a descansar — e bem merece — mas foi o teu medo que te impediu de receber a prova da imortalidade da sua personalidade. Não havia nada a temer. Ele tentava dizer-te que estava livre, e fazê-lo através de um gesto característico que reconhecesses. Em vez disso, cedeste às superstições sobre os mortos e tiveste medo de olhar. O medo — porque o medo levanta barreiras. A vida e a vitalidade são alegres, e não importa se tens ou não um corpo. A tua existência não depende de um corpo — e o teu pai tentou dizer-te isso.

([Gert:] “Dizes que ele está a descansar, mas por vezes sinto que ele ainda tenta entrar em contacto comigo.”)
Para ele, está a descansar — mas nos seus sonhos, pois sonha como tu, tenta alcançar-te — e só o teu medo impede que percebas mais plenamente a sua presença. Qualquer pessoa noutro plano fica triste quando percebe que, por estar morta, se tornou algo assustador para vós — e não compreende — pois antes sempre a tratastes de maneira diferente, e agora é motivo de medo.

(Palavras perdidas) pensam que isto é oculto, secreto, mágico ou proibido — e isso é um disparate. É perfeitamente natural. Por isso deveis, antes de tudo, libertar-vos dessas ideias.

(Palavras perdidas) a experiência que tendes — ao escutar os meus tons melodiosos e contemplar o meu semblante divino — não sou eu. Como já expliquei no meu livro e também no material de Seth até agora, existe uma ponte psicológica que é construída — não só nesta situação, mas em qualquer situação legítima semelhante. O que vedes, portanto, é uma representação do que sou. Não sou o Ruburt. Sou eu mesmo. Nos vossos termos — e apenas nos vossos termos — posso parecer ser um Ruburt do futuro, como se estivésseis em contacto com porções mais eternas da vossa própria personalidade que não conseguis materializar fisicamente. Mas isso não significa que essa pessoa não seja completamente independente e com uma existência separada da vossa.

Ora, longe de mim impedir-vos de uma noite de sono bem merecida. Assim, despeço-me e deixo-vos com as bênçãos que me é dado oferecer.

(Gert perguntou à Janice se ainda sentia a presença de Seth.)
Ainda aqui estou. Simplesmente não estava a falar — ou, pelo menos, não estava nesse momento.

(Presentes: Gert, Brad, Janice, Natalie, Florence, Doug, Arnold, Laurie e Lydia.)

AULA DE PES

26 DE MAIO DE 1970 — TERÇA-FEIRA

(Depois de uma breve discussão sobre mudar ou abandonar crenças religiosas, Seth explicou:)

Agora, não abandonais as vossas crenças. Apegais-vos a elas. É demasiado cómodo deixá-las ir, e não quereis mudar os vossos conceitos. Podeis culpar esse Deus por todas as vossas desgraças. Enquanto esperardes que um deus assuma as responsabilidades de um deus, parecerá inconcebível olhar para dentro. Digo-vos: olhai para dentro, pois aí está o único caminho para o Todo Que É. Enquanto focardes as vossas imperfeições, aceitais esse deus — e ele não tem qualquer significado real. Criastes um conceito de deus que não tem realidade.

Quando estais alegres — e sei que, apesar das vossas caras sérias, estais de facto alegres — tendes alguma ideia do que é o Todo Que É. Quando vos permitis ser livres e usar as vossas capacidades, aprendeis isso. Quando realizais uma tarefa sem esforço e com prazer, tendes uma vaga noção do Todo Que É.

Não tereis noção alguma se projetardes os vossos medos. Tornaram Deus responsável por todas as vossas... (palavras perdidas). Fizeram-no crucificar o seu único filho. Não o temais nem o lamenteis. Acusam-no e gritam-lhe — e depois admiram-se que não vos trate como gostariam. É um milagre que não vos tenha expulsado do universo.

Sois todos parte do Todo Que É. Não podeis desligar-vos disso, aconteça o que acontecer. Continuareis a existir. As vossas crenças afetarão a vossa vida futura até perceberdes que não são verdadeiras. Isto não significa que, noutro plano, os vossos pensamentos não vos afetem. Se acreditais no inferno, talvez comecem a sentir calor. Encontrem o vosso próprio caminho. Cada um pode encontrar e compreender a sua própria via.

Nenhum deus criou a dor. Todas as características que projetam em Deus são vossas. Vós criais as vossas próprias responsabilidades. Nenhum deus criou o ambiente em que vivem. Deus deu-vos o poder da criatividade. A vida e a consciência são alegres. Permiti-vos alguma alegria e encontrai a paz.

Agora, como há quem tome notas, deixo-vos descansar. Mas estarei a ouvir.

(Para Gert, a propósito da sua filha.) Agora, não a repreendas severamente. Deixa a criança ser — tenho a certeza de que é uma criança encantadora. Não falei com ela — não sou bom a falar com crianças. Se falasse com ela, seria no estado de sonho, quando ela não é uma criança.

Não insistas num conjunto fixo de crenças. Responde às perguntas e encoraja as perceções interiores. Não forces respostas interiores. Dá liberdade à criança — e concede também liberdade a ti própria. Encontras-te num período de transformação.

Já dei este conselho antes à nossa Senhora de Florença. Não sejas tão apressada a deitar por terra uma teoria de crenças para logo erguer outra nova. Permite-te liberdade. Aceita o que eu digo, mas usa as tuas próprias capacidades.

Não aceites estas aulas como um dogma. Compreendes?
([Gert:] "Não.")

Dá a ti própria a oportunidade de aprender, compreender e desenvolver-te. Não tomes o que digo como mandamentos, ou haverá um preço a pagar.

O objetivo de tudo o que tento ensinar é dar-te liberdade interior para cresceres. Não deves ter medo de errar. Se seguires a realidade física como um conjunto de mandamentos, acabarás por depositar as tuas culpas nessa realidade, em vez de te libertares delas como devias.

Não te sintas culpada por não seguires tudo o que Seth diz.

AULA DE PES

23 DE JUNHO DE 1970 — TERÇA-FEIRA

Agora, se quiseres organização, tê-la-ás — sempre que quiseres. Estruturas a tua própria existência e escolhes as realidades com exatamente o grau de organização de que precisas em cada momento. Nesta realidade, destacas muito bem todas as semelhanças que vos unem e crias com elas um padrão — e ignoras muito bem todas as diferenças. Mas não percebes que o fazes. De um vasto campo de perceções, escolhes focar-te em certas áreas específicas e ignoras todas as outras — e assim, há um acordo perfeito entre vós quanto a essa pequena área. A vastidão que não percebes não te incomoda e nem colocas perguntas sobre ela — porque não te diz respeito. E, no entanto, ela existe.

Já disse isto antes também. Se fosses capaz de te focar nas diferenças — apenas nas que és capaz de perceber, mas não o fazes — ficarias espantado

com o facto de a humanidade conseguir sequer formar uma ideia de realidade organizada. Agora olho entre os dois (olhando para o sofá onde estavam sentados Natalie S. e Arnold). Quando os outros olham para os nossos amigos aqui no elegante sofá azul, veem uma imagem de verdadeira organização. Há um indivíduo aqui e outro ali, com espaço entre eles. A imagem parece equilibrada. Parece perfeita e organizada. No entanto, o espaço entre os nossos dois amigos não está vazio. Apenas o percebem como tal porque não percebem o que está lá. E assim, a imagem parece organizada.

Mas, mal percebam que a imagem não está completa, então terão de fazer novas perguntas — e a ideia antiga de organização perfeita desaparece. Como sabem, não percebem os átomos e moléculas que circulam pela sala, nem os que preenchem o espaço entre os nossos amigos, nem as forças — os campos energéticos — que existem. O sofá serve para os unir, pois estão sentados sobre ele. E sobre o que se sentam? Sabem todos — vazio que percebem como solidez. Ora, sem a vossa perfeição física particular, não perceberiam o sofá como sólido. E uma consciência com mecanismos de perceção diferentes dos vossos não tem consciência do nosso agora famoso sofá azul. Vós criais a organização que os vossos pensamentos percebem como tal. Vós impõem-na — e, de facto, criai-la.

([Arnold:] "Todos nós criamos a mesma organização e vemos o mesmo sofá?")

Cada um de vós concorda, em geral, de que está sentado num sofá. Mas não percebem o mesmo sofá. Apenas percebem as construções de ideias próprias. Não podem perceber as do outro. Telepaticamente, transpõem as vossas ideias de acordo com o que sabem do pensamento do outro. Concordam que o sofá está aqui. Agora, é verdade que no vosso sistema físico — pois sei que isto será o próximo argumento da nossa amiga Florence — podem medir o sofá. Espero que, a qualquer momento, alguém vá buscar uma régua para o medir e dizer-me que tem X comprimento — e como posso então dizer que não é um único sofá? No entanto, dentro do vosso sistema físico, os próprios instrumentos estão distorcidos — e, naturalmente, concordarão com aquilo que medem. Não há razão para que não o façam. Telepaticamente, todos concordam com a posição dos objetos e as suas dimensões.

Usais os átomos e moléculas de forma estranha. Transpõem ideias sobre eles. Percebem-nos de uma forma específica. Não vos censuro por isso — eu também o fiz no meu tempo — e há boas razões para tal. Mas a verdade é que a matéria física não é sólida, exceto quando acreditam que o é. E essa organização é imposta de dentro para fora. Não é imposta de fora para dentro. Formam a realidade que conhecem — e, mesmo que a mesa sustente os vossos braços e possais escrever sobre ela, continuo a dizer que a mesa não é sólida. Isto pouco importa — desde que possais escrever sobre ela. Pouco importa — desde que se possam sentar no vosso sofá. Mas quando deixarem o vosso sistema físico, e a perceção física deixar de ser a norma — então terão de aprender novos pressupostos fundamentais. Os pressupostos fundamentais são as chamadas "leis" de sentido que se aceitam em qualquer sistema de realidade.

Concordam, por exemplo, que os objetos são físicos — pouco importa se o são ou não, desde que todos concordem com isso. A vossa consciência "pertence" a um corpo. Não se deixariam apanhar mortos com a consciência fora do corpo — é tabu! Mas a verdade é que a vossa consciência não está presa dentro do corpo. Mas enquanto acreditarem que está, nunca se verão "fora" dele. E quando estiverem mortos e se virem fora do corpo — então sim, haverá espanto.

Existem outros pressupostos fundamentais que tomam como base da realidade. E noutros níveis da realidade existem outros pressupostos. Estas são as leis aparentes pelas quais governam as vossas experiências. As nossas anotadoras (Sally e Florence) estão a fazer um excelente trabalho, considerando que o papel não é sólido — e a caneta também não. É espantoso o que conseguem fazer com nada! Agora façam uma pausa.

Sois verdadeiramente personalidades multidimensionais, como já disse antes. Em certo ponto do vosso desenvolvimento, tornar-se-ão cada vez mais conscientes da verdadeira natureza da vossa identidade. Há, por exemplo, uma parte de vós que está muito consciente destas pulsações e que tem memória no sentido do pulso. Quando o pulso está na realidade física, então vós — tal como se conhecem — tendes essa memória. Quando o pulso está noutra dimensão, há também memória dessa existência.

Uma parte da vossa identidade inteira tem memória de ambas. A estrutura da personalidade habita muitas dimensões simultaneamente. Estais apenas no

início de qualquer verdadeira ideia de psicologia. Simplesmente não tendes noção do que já sois — e, como já disse, quando me colocam perguntas sobre a vida depois da morte, automaticamente transpõem — se me permitem — esta falta de conhecimento para o próximo plano, e por isso, por vezes, é difícil responder. Estais a aprender a conhecer-vos. Ao ritmo que vão, ainda demorará algum tempo!

Quando compreenderem verdadeiramente como usar o tempo psicológico, então poderão aprender a alterar a natureza, o foco, da vossa consciência. Podem orientá-la em várias direções. Podem focá-la de outras formas — para lá da realidade física. Isto não significa que ficarão "à deriva" aqui. Significa que começarão a explorar a realidade do vosso próprio ser — e das outras dimensões em que também existem.

Tem de haver, no entanto, uma disposição para admitir que existem outras dimensões onde existis. E também confiança no vosso eu físico — confiança de que ele estará aqui quando voltarem, e garanto-vos que estará. Não há outro caminho — e repito — não há outro caminho para obter informação em primeira mão sobre outras realidades, senão pela exploração e manipulação da vossa própria consciência. Não existem outras portas — senão o vosso próprio sentido de aventura.

Agora, quando vos falo, raramente uso palavras como "amor". Não vos digo que um deus vos espera do outro lado de uma porta dourada. Não vos tranquilizo dizendo que, quando morrerem, Deus estará à vossa espera com toda a Sua majestosa misericórdia — e que esse será o fim da vossa responsabilidade. Como disse ontem à noite, no vosso mais recente capítulo, não ofereço esperança aos preguiçosos — pois eles não encontrarão descanso eterno. No entanto, ao viajarem para dentro de vós próprios, descobrirão a unidade da vossa consciência com outras consciências. Descobrirão o amor e a energia multidimensional que dão consciência a todas as coisas.

Isto não vos levará a querer descansar no proverbial seio abençoado. Pelo contrário, inspirar-vos-á a assumir um papel mais ativo na criação. E esse sentimento de presença divina, encontrá-lo-ão, sim — e senti-lo-ão, verdadeiramente — pois reconhecê-lo-ão por detrás da dança das moléculas, em vós mesmos e nos vossos semelhantes.

O que muitos desejam é um deus que ande pela rua a dizer "Feliz domingo, Eu sou Eu, sigam-Me." Mas Deus está escondido habilmente nas Suas criações, de modo que Ele é o que elas são — e elas são o que Ele é. E, ao conhecê-las, conhecei-lo a Ele.

Agora podem fazer uma pausa.

Existem muitas palavras para designar o tempo psicológico. Não me refiro apenas ao meu método de meditação. Refiro-me à atividade subjetiva da vossa parte, à exploração interior. Estão a seguir-me? Fico contente!

Na verdade, estais com Deus agora. São vocês que ainda não se deram conta disso. E não estou a dirigir-me apenas à nossa Senhora de Florença, embora possa parecer que tenho esse hábito. Vejam: acreditaram em muitas histórias — simbolicamente importantes — que, como foi dito antes, têm o seu lugar no vosso percurso e desenvolvimento. Mas há alturas em que têm de as deixar para trás — e podem sentir-se sós por algum tempo sem elas.

([Arnold:] "Então precisamos dessas crenças como parte do desenvolvimento, mesmo que as abandonemos mais tarde?")

Mesmo que alguém como eu apareça e vos tire o cobertor de conforto — pois, com o tempo, elas deixam de ajudar e passam a atrasar o crescimento. No entanto, o facto permanece: não precisam de morrer para encontrar Deus. O Todo Que É — é agora. E vós sois parte do Todo Que É — agora. E, como já vos disse muitas vezes, sois espíritos agora. As vias de desenvolvimento estão abertas — agora. Podem, se quiserem, começar a explorar ambientes que não são físicos — mas não vejo uma multidão de estudantes a correr para essa porta invisível!

Agora, vou encerrar a nossa sessão, mas gostaria que lessem com atenção uma cópia do que foi dito — e, de vez em quando, quando não tiverem nada mais importante para fazer, tentem… tentem mesmo sentir essa pausa na pulsação da vossa consciência. Tentem saltar esse intervalo!

Desejo-vos a todos uma boa noite. (23h25)

AULA DE PES — DE UMA SESSÃO ANTERIOR

(anexo à sessão de 23 de Junho de 1970)

A verdadeira espiritualidade é algo de alegria e da terra, e nada tem a ver com a falsa dignidade adulta. Nada tem a ver com palavras rebuscadas ou rostos tristonhos. Está relacionada com a dança da consciência dentro de vós e com o sentido de aventura espiritual que reside nos vossos corações. Esse é o significado de espiritualidade. E, como já vos disse antes, se pudesse, faria uma alegre dança pela sala para vos mostrar que a vossa vitalidade não depende de uma imagem física. Não depende da juventude. Não depende do corpo. Ela ressoa e canta através do universo e de toda a vossa personalidade. É um sentido de alegria que torna toda a criatividade possível.

Por isso, não pensem que estão a ser espirituais quando andam de cara fechada — nem quando se castigam pelos vossos "pecados". As estações do vosso sistema vêm e vão. O sol brilha sobre o vosso rosto, quer se considerem pecadores ou santos. A vitalidade do universo é criatividade, alegria e amor — e isso é espiritualidade. E é isso que direi aos leitores do meu livro.

Agora sim, façam a pausa prometida…

AULA DE PES

30 DE JUNHO DE 1970, TERÇA-FEIRA

(Seth falou com Gert após ela ter falado da vida no convento e da sensação de que foi obrigada a ir para lá.)

Fico satisfeito por agora compreender o que esperas, e na nossa próxima aula estarás a bater no peito. Faço o meu melhor para agradar.

Agora, desde cedo te foi transmitida a ideia de que uma parte da tua personalidade era culpada — e, por isso, sentiste alívio ao saber que havia métodos para lidar com essa culpa. Aceitaste, por exemplo, as penitências e afins, porque, como criança, interiorizaste a ideia de culpa — e perguntavas-te qual castigo te esperava.

Uma criança é extremamente dependente dos pais. Para a criança, os pais são como deuses — e, por isso, ela sente culpa, medo de ser rejeitada — sobretudo pela mãe — e sente que será completamente abandonada. Se a culpa for suficientemente intensa — como frequentemente é, infelizmente — então o jovem adulto fará quase tudo para se libertar dela. Mas o que sente, na verdade, é o antigo medo infantil de ser abandonado pelos pais. Isso não está na mente consciente — e por isso qualquer outra explicação é aceite com alívio.

Quando sentiste que já tinhas feito penitência suficiente, não sabias o que fazer com essa parte de ti que pensavas ter deixado para trás. Estavas tão habituada a ver-te como culpada, e de repente tinhas uma nova sensação com que lidar. Era como se tivesses um brinquedo novo — e pensavas: será mesmo tão bom como parece? Onde está o defeito escondido? E assim passaste a vida à procura desse defeito escondido. No fundo da mente, também te questionas se já fizeste penitência suficiente — e por isso inquietas-te e preocupas-te. No entanto, estás a progredir. Estás a olhar para dentro — e a aceitar a responsabilidade por ti própria e pelo teu crescimento pessoal.

Existe uma resposta muito confortável — e bastante conveniente por vezes — que alivia toda a sensação de responsabilidade. Demora algum tempo a compreender quem e o que se é — e, enquanto aprendemos, é útil ter alguém que diga: "és isto", "deves fazer aquilo", "isto é bom, aquilo é mau" — como se diz a uma criança. E assim, não precisas de fazer perguntas a ti própria, nem de explorar por ti mesma a natureza do bem e do mal — porque aceitas o que te disseram. Mas, nesse estado, não te desenvolves. Podes estar segura, mas não cresces — e, muitas vezes, nem sequer estás segura.

Cada um de vós nesta sala é um ser único, completamente individual. Cada um participa ativamente na criação da realidade como a conhecem. Influenciam, mais do que imaginam, aqueles que conhecem e amam. Como tenho dito muitas vezes, não existem limitações — nem mesmo para o "eu" que conhecem — exceto as que vocês próprios impõem.

Portanto, estão destinados a usar e a desenvolver as vossas capacidades — e quando falo de capacidades, não me refiro apenas às psíquicas. A vossa espontaneidade é a vossa vida. Cabe-vos expandir a vossa consciência para

que me compreendam. A culpa não vos ajudará — só atrapalha. Inibe, não encoraja.

(Para Derek Pearson.) Agora, não era minha intenção ignorar-te — e dou-te as boas-vindas mais calorosas. Fui um jovem com cabelo mais comprido do que o teu — mas usava renda no meu. Em outras épocas, o estilo era diferente — mas, quando usava o cabelo mais ao estilo do teu, então usava roupas mais desportivas a condizer.

Uma das coisas que tento fazer nestas sessões — através da personalidade que vos apresento — é mostrar-vos que a espontaneidade é importante, que a morte não é o fim que imaginam, que não há monstros à vossa espera quando morrem — e que tereis muito para fazer depois desta vida, tal como eu ainda tenho.

Vão ter muito que fazer. E mesmo agora, têm muito que fazer — mas, conscientemente, ainda não estão cientes disso. Pouco a pouco, devem aprender a aceitar porções cada vez maiores da vossa própria realidade — nesta vida e nas futuras. Nos vossos termos, quanto mais depressa aprenderem, melhor — apesar de o tempo, de facto, não existir.

([Arnold:] "Então é realmente importante questionarmos toda a nossa existência?")

É, sem dúvida. E é importante que experimentem — que se abram a experiências que talvez tenham acreditado ser impossíveis no passado. Pois não há barreiras — exceto as que impõem a vós próprios. Quando perceberem, profundamente, que outras realidades existem — então poderão começar a perceber o vosso papel nelas. Enquanto não aceitarem a sua existência, racionalizarão e rejeitarão até os sinais mais claros que vos cheguem delas. "Entra no meu salão", disse a aranha à mosca.

Agora podem fazer a vossa pausa.

Não se esqueçam: quando vos falo, não estou a falar simbolicamente. Estas não são filosofias bonitas para serem ouvidas e depois ignoradas, nem palavras bonitas para serem saboreadas e logo esquecidas. Vós criais, literalmente, a vossa própria realidade — e não há simbolismo algum nessa afirmação. Se não gostam da realidade que estão a formar, então podem mudá-la — e, para isso, a honestidade é extremamente importante.

(Para a Natalie.) Quando olho para alguém em particular, sabes bem que estou a olhar para ti — e sabes ao que me refiro. Primeiro tens de reconhecer, com honestidade, que há partes da tua realidade que não gostas. Não finjas — sê honesta — e então poderás mudá-las. E deves vir até aqui para aprender mais sobre ti própria. Ao aprenderes quem és, descobrirás o que é a realidade — e, novamente, o que é a natureza de Deus, ou usa o termo que preferires.

(Para a Gert.) Agora, deves honrar-te e fazer justiça a ti mesma. Até conseguires honrar e amar a ti própria, não conseguirás honrar nem amar mais nada — nem ninguém. Enquanto te vires como culpada, verás culpa em cada pessoa que olhares, e verás maldade na própria realidade. As respostas estão, como vês, dentro de ti. Só quando não percebes que elas lá estão é que surgem as dificuldades. Só precisas de largar.

Imagina que o teu medo é uma bola — e atira-o pela janela. Não precisas dele. Estás tão convencida de que és culpada, e tão convencida de que o teu ego é a parte mais importante de ti — quando, na verdade, ele é apenas a parte de ti em que te focaste enquanto criança. Assim que perceberes a tua liberdade essencial, podes usá-la. O tempo psicológico serve precisamente para isso: para te ajudar a largar, a relaxar.

Agora, para saíres do corpo, tens primeiro de sair da mente. Tens de libertar os teus conceitos e experienciar a verdadeira natureza da tua realidade. Sem palavras nem símbolos — tens de aprender a ver para além dos cenários. Podes continuar a usá-los como apoio, mas saberás que há mais.

O nosso amigo culto aqui presente sabe perfeitamente — melhor do que qualquer um de vós — que a mesa é feita de átomos e moléculas. Mas isso não o impede de usá-la perfeitamente bem como mesa. Assim também vós podeis continuar a usar os vossos apoios — mas é importante perceber que é isso que são.

(Para a Natalie.) Não precisas de manter um controlo tão rígido sobre ti. Não vais fazer nada terrível se te deres um pouco de liberdade. Quando te libertares, não te perdes — encontras-te. Talvez esta seja a lição mais difícil, mas é uma que tens mesmo de aprender.

Já tive muitos "eus", e deixei-os todos ir — e tu também. Simplesmente não te apercebeste disso ainda. És livre — quer percebas ou não — por isso, mais vale desfrutar e usar essa liberdade, do que negá-la.

(Em resposta a uma pergunta:) ... e aceitar. E quanto menos rígidos forem, mais livres serão em todos os sentidos. No estado de sonho, usufruem de muito mais liberdade do que no estado de vigília — e, se conseguirem captar essa sensação, podem usá-la. Utilizam muitas das vossas capacidades naturais quando o vosso ego pensa que estão inconscientes.

Ora, se no estado de sonho conseguem, com facilidade, perceber o futuro — porque é que o acham tão assustador quando estão acordados? Porque alguém diz que não é real? Porque a ideia deles de realidade é limitada — porquê limitar a vossa também? Se outro homem é cego, não fecham os olhos só para concordar com ele. Mas é isso que fazem quando limitam a vossa própria ideia de realidade.

Agora, cá estamos novamente — com as vossas caras sérias e fechadas. Parece que devo estar a dizer algo terrível para vos deixar tão tensos — pois estão todos tão solenes. Se eu não sou solene — e, supostamente, estou morto — então por que razão estão vocês tão carrancudos? Isso leva-me a pensar que, afinal, estar vivo deve ser um estado bastante penoso!

(Gert contou a sua experiência com o transe do espelho.)

Agora, estás a ter alguma distorção, simplesmente por causa do foco. No entanto, também estás a aproximar-te de uma imagem interior de ti própria numa vida anterior — mas está bastante distorcida. Se quiseres ver essa imagem, então continua. É um rosto que usaste em tempos.

([Gert:] "Vale a pena o esforço?")

Receio que essa pergunta terás de responder por ti mesma. Eu, no meu caso, responderia afirmativamente. Há, no entanto, coisas melhores para as quais podes usar esse estado. Não há razão para ter medo. O teu rosto pode não ter sido bonito — mas era o teu.

Agora deixo-vos fazer a vossa pausa — e espero que não partam o espelho!

Esta é a vossa pausa. Como já disse muitas vezes em aula: a espontaneidade conhece a sua própria disciplina. O corpo respira de forma belíssima — altamente disciplinada — e nada sabe da vossa ideia de "disciplina". De facto, as estações vêm e vão. Onde vivem, normalmente não neva em Julho. As flores aparecem e desaparecem. Tudo tem o seu tempo — e, no entanto, não há disciplina imposta de fora. A espontaneidade tem a sua própria ordem e sabedoria. Quando tentam dominar a espontaneidade com mão de ferro, introduzem rigidez — e destroem a nascente do saber interior, da intuição e da compreensão — e distorcem as emoções que possuem.

([Derek:] "A consciência sobrepõe-se ao nosso subconsciente natural?")

De facto. Mas o que não compreendem é que o vosso chamado "subconsciente" é altamente consciente — simplesmente não estão conscientes disso de forma direta. Por isso, devem expandir a vossa consciência "conhecida" até ela incluir essa outra parte da vossa identidade. Na realidade, não têm um estado consciente e outro inconsciente — são o mesmo. Têm uma consciência. Por vezes estão conscientes de certas partes dela, outras vezes de outras. Ensinaram-vos que não podem saber o que acontece enquanto o corpo dorme — mas podem, sim. Essa parte de vocês também é consciente. A divisão é artificial.

Agora sim, regressem à vossa pausa.

Vou encerrar a nossa sessão — longe de mim impedir-vos de ir dormir! Mas gostava de ver-vos trabalhar um pouco durante o sono. Eu trabalho enquanto "durmo" — por que não vocês?

Aliás, falei em tom de brincadeira — pois, para vosso conhecimento, nós não dormimos, nos vossos termos. Descansamos quando queremos, mas não dormimos — e, por isso, não estamos enfiados debaixo de cobertores durante oito horas seguidas. Somos demasiado curiosos para isso.

Agora, gostaria sinceramente de ver alguma ação da vossa parte. Dar-vos-ei instruções no estado de sonho quando estiverem prontos — têm um convite permanente — e prometo que não será uma semana pomposa!

([Derek:] "Enquanto dormimos, instruir-nos-ás?")

Sim, sem dúvida. Mas têm de dar alguns passos por iniciativa própria.

Agora despeço-me com estima — e desejo-vos uma noite empolgante.

Boa noite.

AULA DE PES

21 DE JULHO DE 1970, TERÇA-FEIRA

Fico contente por ver tantos amigos aqui esta noite e, como habitual, tenho uma mensagem para vós — e, como habitual, quero que façam algo. Quero que observem os vossos próprios pensamentos conscientes. Deixam-nos escapar metade do tempo. Não se apercebem do que estão a pensar. Agora, culpam muitas das vossas dificuldades em reações subconscientes e, especialmente nos vossos momentos mais frágeis, acham que não têm controlo. Permitem que os pensamentos da vossa mente tagarelem, mas não estão conscientes do que estão a pensar. Não param para verificar o conteúdo dos vossos próprios pensamentos. Pensam, por exemplo, "Sinto-me mal" ou "Isto dói" ou "Que mundo miserável é este onde vivo, por vezes".

Como já vos disse muitas vezes, o vosso corpo reage aos vossos pensamentos. Ora, não adianta nada passarem dez minutos por dia a dar sugestões positivas a vocês próprios — a dizer "Sou corajoso, sou forte, sou saudável, jovem e rico" — e passarem o resto do tempo a repetir "Sou pobre, estou a envelhecer, sinto dores" ou "Este mundo é horrível". Muitas vezes permitem que esses pensamentos ocupem toda a vossa atenção consciente.

Estão a hipnotizar-se a vocês próprios. Nunca pensariam em ir a um hipnotizador e deixá-lo dizer-vos que estão a ficar mais doentes a cada momento, que o mundo está a piorar ou que o vosso braço, pé, cabeça, dedo ou ouvido vai doer cada vez mais com cada respiração. Considerariam tal coisa um ato maligno e escandaloso — e, no entanto, fazem isso a vocês próprios com frequência. Depois, com toda a inocência cega, perguntam: "Por que razão estou doente?", "Porque é que isto me dói?", ou "Porque estou preso neste mundo miserável?" — mas não mudam os vossos pensamentos. Usam a sugestão da mesma forma que leem um parágrafo de um livro que acham que *devem* ler por cinco minutos, mas depois deixam a vossa mente tomar conta do resto — e parece-vos que não têm controlo.

Mas não estão a usar o controlo que têm. Nenhum de vós está impotente para mudar os acontecimentos, a saúde ou a vossa realidade neste exato momento. Ninguém, além de vós, é responsável pelos vossos pensamentos conscientes. Podem ter desenvolvido maus hábitos de pensamento — mas podem reconhecê-los e mudá-los. Cada vez que dizem "Sou impotente" ou "Estou a cair no caos" — mesmo que o digam a brincar — estão de facto a empurrar-se mais para o caos que estão a criar com cada respiração, porque não fazem esforço para mudar a natureza do vosso pensamento. É isso que têm de fazer: exercer controlo sobre si mesmos.

Como já sabem — e isto não é novidade — o vosso pobre corpo muda com cada pensamento e cada emoção. Se se entregarem à autocomiseração e ao sentimento de caos, então só têm a vocês mesmos a culpar. Não há mais ninguém sobre quem possam pôr a culpa. Cabe a cada um vigiar a natureza dos seus pensamentos, pois com os pensamentos criaram o corpo que têm, a realidade individual que conhecem. Criaram o vosso dedo mindinho, o vosso cotovelo, a pupila dos vossos olhos, as vossas pernas. Quando deixam os pensamentos correr desenfreadamente, a vossa vida corre da mesma forma.

Não há contradição aqui com o que já disse sobre espontaneidade. No entanto, quando permitiram que hábitos negativos se instalassem, então há que traçar um limite, pois os hábitos negativos destroem a disciplina. Eles destroem até a espontaneidade — pois todos os pensamentos de boa vontade, saúde e vitalidade desaparecem sob esses pensamentos diários que vos servem como veneno numa colher — seja ela de madeira, de prata baça ou brilhante. E isto aplica-se, em maior ou menor grau, a todos nesta sala. Ninguém está acima da necessidade de melhorar, incluindo o nosso amigo Ruburt. Mas não compreendem nem conhecem a vós próprios. Se não conhecem os vossos pensamentos, e se não conseguem mudá-los quando querem, então não estão à mercê deles — estão apenas a recusar-se a exercer controlo.

Depois desta minha alegre mensagem, podem fazer uma pausa. Quero ter a certeza de que estão todos saudáveis, fortes, e com boa visão — para poderem ler *O Material de Seth*.

(Após a pausa.)

O ponto que queria reforçar é o seguinte: cada pensamento é uma realidade eletromagnética única. Os vossos pensamentos criam padrões em dimensões que não percebem. Tornam-se habituados a pensar segundo certos padrões em detrimento de outros. Quando permitem que pensamentos negativos predominem na vossa mente consciente, tornam-se mais recetivos aos pensamentos negativos dos outros. Possuem uma proteção natural — mas essa proteção enfraquece com pensamentos negativos. Isso acontece não só no estado de vigília, mas também no estado de sonho, onde ficam mais expostos a comunicações telepáticas negativas. São vocês que abrem esses canais com os vossos próprios pensamentos — uma espécie de contágio psíquico do qual são os agentes.

Portanto, não só atraem condições negativas no mundo físico, como também no mundo dos sonhos. Mas podem mudar isto — alterando o padrão dos vossos pensamentos. Não só atraem padrões semelhantes quando estão acordados, como também quando estão a dormir. Assim, cria-se um ciclo vicioso sempre que se entregam à negatividade. Os vossos sonhos negativos reforçam o padrão da vigília.

Vais perceber com os teus sentidos físicos exatamente aquilo que procuras. Se te interessas por desastres e os procuras, então, telepaticamente, também captarás desastres — e os teus sonhos parecerão sempre negativos e cheios de presságios. Mas se os teus padrões conscientes forem positivos, também os padrões de sonho o serão.

(Para Brad:) Os teus pensamentos conscientes e subconscientes são os mesmos. Portanto, ao usares os teus sentidos interiores naquele dia, sentiste o impulso de entrar no carro — porque estavas conscientemente à procura de padrões negativos. Através das tuas capacidades extrassensoriais, captaste um — seguiste o impulso — e sentiste que isso se justificava.

Aqueles entre vós que se deixam levar pela negatividade verão isso refletido não só na vida acordada, mas também nos sonhos.

Agora, a mudança pode ser milagrosa quando mudam os padrões conscientes. Podem observar as transformações a acontecer. Parece simples — e é simples, se aplicarem. Mas têm de conhecer a natureza dos vossos próprios pensamentos.

([Theodore:] “Lá no fundo temos um pensamento negativo, depois dizemos ‘Ups, isto está errado’ e tentamos mudá-lo. Não me parece assim tão fácil.”)

Um pensamento negativo, isolado, seria naturalmente seguido por um mais positivo. Recorda o que disseste sobre ciclos. Os padrões de pensamento e emocionais, deixados ao seu curso natural, mudam de um para o outro — como o tempo tempestuoso que cede lugar ao sol. Só quando os padrões negativos são mantidos e alimentados sem controlo é que se tornam numa barreira que impede os pensamentos positivos de emergir. Instala-se o hábito — e não percebem que isso aconteceu. Os vossos pensamentos sobre vós mesmos e os outros tornam-se predominantemente negativos, com poucos positivos pelo meio — e estes nem sequer têm espaço para crescer. É aí que está o problema.

Não vos estou a dizer para terem tanto medo de um pensamento negativo que corram para um canto ou se escondam debaixo da cama ou digam “Ah, este é um pensamento negativo, tenho de mudá-lo imediatamente” — e se assustem com isso. Digo-vos apenas que, quando se entregam a esses pensamentos por tempo suficiente para se tornarem hábitos, então têm de mudá-los — e ninguém pode fazê-lo por vós. Ninguém mais tem controlo sobre os vossos padrões de pensamento — e ficariam indignados se alguém tivesse.

([Brad:] “Um problema é uma coisa negativa.”)

Um problema não precisa de ser negativo. Um problema é um desafio. Só é negativo se o encararem assim. Um problema é, na maioria das vezes, uma oportunidade para mudança, crescimento e desenvolvimento.

Agora, o vosso burburinho era bem mais animado do que o meu. Mas quero garantir que essa energia animada continue — por isso falo nestes termos esta noite.

(Para a Sue:) Tens alguma pergunta, nossa senhora do sofá azul com as tranças castanhas? Vou deixar-vos fazer uma pausa, mas quero que percebam que estas técnicas são para ser usadas. Isto não é teoria para ser ouvida ou lida e depois esquecida. É para ser posta em prática, ou não tem utilidade nenhuma. Conhecimento que não é aplicado às pessoas não é verdadeiro conhecimento.

([Brad:] “Ouvi um médico falar sobre como a raiva e a ansiedade levam à destruição das células humanas.”)
Já vos disse isso à minha maneira muitas vezes. Agora, o problema contigo é que não me trouxeste o meu brandy. Podem fazer uma pausa.

(Após a pausa.)
Quando tiverem sentimentos agressivos intensos, reconheçam-nos como legítimos e aceitem-nos como válidos no seu nível. Não os neguem. Quando os aceitam e os sentem, o simples ato de os reconhecer já vos traz algum alívio — e esses sentimentos começam, até certo ponto, a dissipar-se. Mas se se recusarem a aceitá-los, acumulam-se — e quanto mais tempo os ignorarem, mais se intensificam até se tornarem explosivos. Se aceitarem esses sentimentos no momento em que os têm, não vos causarão problemas — dissipam-se naturalmente. Nesses momentos, a atividade física é útil. Digam honestamente o que sentem. Se o fizerem, não terão necessidade de exagerar quando expressarem esses sentimentos. Compreendem-me?

([Theodore:] “Mas a expressão não precisa de ser dirigida à pessoa em questão.”)
Não precisa — mas pode ser. Se alguém vos irrita, devem admitir honestamente que essa pessoa vos irrita. Esse é o primeiro passo. Não precisam de o dizer diretamente à pessoa — ou podem dizê-lo. Mas, se se recusarem a reconhecer o sentimento, ele acumula-se — até que, um dia, o pobre homem faz algo perfeitamente inofensivo e acabam por lhe bater com uma frigideira na cabeça. Ou pior — desenvolvem uma dor no joelho porque queriam agredi-lo e não se permitiram fazê-lo.

([Theodore:] “Escrevi a um tipo há dois dias a mandá-lo para o inferno.”)
Há uma diferença entre isso — que é um reconhecimento saudável de um sentimento — e uma indulgência ou exagero emocional que vos entorpece para tudo o resto. Compreendes a distinção? Por isso, não tenham medo das emoções — aceitem-nas. Elas são saudáveis e espontâneas. Só se tornam problemáticas quando as recusam. Se estão habituados a rejeitá-las, poderão ter cargas acumuladas. Nesse caso, quando tentarem expressá-las, pode haver exagero inicial. Nesses casos, atividade física pode ajudar — nem que seja bater com força na almofada. Mas não partam paredes — é mau para as paredes e para a vossa mão. Mesmo os nós dos dedos astrais podem doer.

([Sue:] "O sonho que tive há alguns meses, envolvendo sessões e o meu ombro, era legítimo?")
Era, sim — e, quanto a mim, achei excelente o simbolismo do "porridge".

Dá-me um momento.
(Para o Ned.) Agora estou a falar com alguém que está mesmo atrás de mim — mas tenho olhos na nuca do Ruburt. Ora, um excesso de indulgência em emoções negativas é pior do que em pensamentos negativos. Tens um amor pela natureza e pela vida que pode ser sufocado se te entregares demasiado à negatividade. Quando se ama profundamente a vida, é fácil cair no desespero — especialmente quando se comparam ideais de relações humanas com as relações que realmente existem no mundo. Mas, se cederes ao desespero, não conseguirás ver a beleza que existe — pois o desespero corrói tudo como soda cáustica. Por isso, agarra-te à beleza, protege-a — assim como à vitalidade dos teus pensamentos e emoções, pois isso **é** a tua vida.

Paz — e agora podem fazer nova pausa.

(Durante a pausa, Florence falou sobre ir a Virginia Beach.)

(Após a pausa. Para a Florence.)
Estarei contigo por alturas de Virginia Beach. Se te estivesses a expressar plenamente sobre certos assuntos, não estarias constipada. Se estivesses a aplicar todos os insights que já deverias ter recolhido nas aulas, também não estarias constipada. Se permitisses que certas ideias interiores se expressassem plenamente — sobretudo no que toca ao teu filho mais velho — não estarias constipada. Mas é mais fácil usar mel e vinagre. Só que, ao fazê-lo, apenas alivias os sintomas e não descobres a causa. Não aprendes o que precisas de saber sobre ti mesma — e, da próxima vez que o tema surgir, virá outra doença, outro remédio. O mel e o vinagre são baratos; o autoconhecimento é caro — mas muito mais valioso. Esses remédios interiores, esses verdadeiros remédios, não vêm embalados, não se compram no supermercado, e não são ervas para comer ao pequeno-almoço — embora estas sirvam como medidas intermédias, e não haja nada de errado com isso. Mas, se queres realmente conhecer-te e entender a origem dos sintomas, já te mostrei os caminhos. Não precisam de ser amargos como o vinagre.

Agora, estou quase a encerrar a sessão. Apenas algumas palavras simples.

(Para a Natalie.) A nossa guardiã da máquina no canto está a fazer um excelente trabalho e a progredir bem.

(Para o Ned.) Tu, que estás aí atrás da cadeira de baloiço, presta atenção: protege a tua vitalidade, o teu amor pela vida, pela tua mulher, pelo teu filho — e pela nova vida que vês crescer nele. Não deixes que outras emoções destruam a tua paz interior. A paz não é algo aborrecido. Paz não significa cara séria e pensamentos apagados. A paz é, na verdade, alegre e estimulante — pode ser melhor do que qualquer viagem. Por isso, se vais "viajar", então que seja pelos bons campos verdes que crescem na terra — e também pela tua vitalidade, pelas florestas brilhantes da tua mente. É aí que encontrarás força e paz.

(Para o Theodore.) O nosso "reitor" também está a ir bem — e, com o que tens e o que estás a fazer, podes ir ainda mais longe.

(Para a Sue.) Tu e o teu amigo aqui ao lado — vou levar-vos, juntos, no estado de sonho, por viagens que vos farão rodopiar a cabeça e cantar o coração. E quero que o Ruburt veja essas experiências por escrito. Começamos esta noite. Serão três episódios.

([Ned:] "Há alguma preparação que eu possa fazer para entrar mais nesse processo?")
Dá a ti próprio a sugestão de que vais recordar. Mas fá-lo com convicção. Não digas "Vou tentar lembrar-me" — mas sim "Estarei alerta ao que me acontece no estado de sonho e irei lembrar-me".

Agora despeço-me com carinho. Desejo-vos boas férias das aulas — mas prometo que compensarei o tempo perdido. E gostava de ver um sorriso nos vossos rostos — porque uma alma que não sorri é uma coisa bem triste.

([Brad perguntou sobre atitudes positivas em relação aos seus próprios problemas.])
Deixa de te entregar a:
A) Autocomiseração.
B) Projeções amargas e negativas para o futuro.
Pára de te veres como um ser indefeso. Pára de te lembrar de quão amarga é a tua experiência atual. Pára de te dizer que estás impotente e que não há

nada que possas fazer para mudar o teu estado. Pára de te deliciares com pensamentos e emoções negativas.

Fazes isto parando agora. Sempre que te apanhares a pensar "Como posso aguentar isto?", diz antes: "Há muitas pessoas com problemas bem mais graves que os meus."

([Brad:] "Faço isso constantemente.")
Não basta lembrares-te disso e depois deixares que mil pensamentos negativos se intrometam pelo meio.

([Brad:] "Tenho seguido muito do que disseste, mas agora estou a deixar as emoções dominarem-me, porque toda a lógica do mundo não me serviu de nada. Eu quero a Margo de volta.")
Tu queres é a tua obsessão. Então permite-lhe, a ela, ser um ser individual. Respeita os sentimentos dela. Não tens o direito de mudar as atitudes de outra pessoa, de a tratares como um objeto ou de a quereres contra a sua vontade. Neste momento, os teus pensamentos são todos negativos. Tens de lhe dar liberdade nos teus pensamentos — e dar liberdade a ti próprio também.

([Brad:] "Quero reconquistá-la e, física e mentalmente, sinto que sou capaz. O homem com quem corro desfez o nosso casamento!")
Ele não desfez o teu casamento. O teu casamento já estava desfeito há anos.

([Brad:] "Isso é algo que eu não tinha percebido.")
Tinhas, sim. Estas são verdades que não queres encarar — e ficções que não te contas a ti próprio. Tens de aprender a aceitar-te a ti mesmo e à tua situação tal como ela é. Vocês eram miseráveis juntos porque criaram uma realidade miserável em conjunto. Quando aprenderes a criar uma realidade positiva para ti próprio, então poderás ajudar outra pessoa a fazer o mesmo.

([Brad:] "Mas não necessariamente com ela?")
Não necessariamente com ela — e ela não é o problema. Os teus pensamentos e emoções é que são o problema.

([Brad:] "Mas eles não têm melhorado ultimamente?")
Muito pouco. Agora, dá-te alguma liberdade em relação aos pensamentos negativos — e dá-lhe também liberdade nos teus pensamentos. Concentra-te no que tens de positivo. Isso inclui a tua saúde, a tua vida e o teu sustento.

Aproveita a sensação de estares vivo. Aprende novamente a reeducar-te, para compreenderes o que é a felicidade subjetiva — e depois verás como te sentes e qual é, de facto, o teu problema.

E agora, depois das minhas animadas mensagens de hoje, despeço-me com carinho e desejo-vos uma boa noite.

AULA DE PES

11 DE AGOSTO DE 1970, TERÇA-FEIRA

(Seth fala com Kyle, depois de ele ter contado a experiência de viver com um leitor de mentes e o efeito que isso teve sobre ele:)

Se queres que a tua mente se expanda, então fá-lo por ti próprio. Há muitas pessoas, muitas personalidades com fortes capacidades. Podem dizer-te, até certo ponto, coisas que tu não sabes — mas, a menos que realmente saibam quem são, podem desviar-te do teu caminho. Criam atmosferas psíquicas às quais te tornas satélite. São, de facto, fascinantes. Usam livremente a sua energia, mas usam-na como uma corda fina e cintilante, de tal forma que o seu carisma é tão hipnótico que nem percebes que estás a ser amarrado ao pescoço.

Ora, as más vibrações vêm de dentro de ti — assim como as boas. A grande viagem, a grande energia cósmica e força, reside nos olhos de um sapo, no corpo de um suburbano que corta a relva. Reside na dona de casa que faz as suas tarefas. O poder psíquico serve para **unir-te**, não para afastar-te dos teus irmãos como um estranho. Ele deve ligar-te ao Todo Que É, abrir-te as capacidades para que compreendas — e a verdadeira compreensão **nunca** exclui. Quanto maior a tua compreensão, maior será a tua capacidade de incluir e entender.

Por isso, ouve a tua própria voz interior e segue o teu caminho. Mas não confies em quem te diz que "as boas vibrações estão com A, B e C, e as más estão com E, F, G e H" — pois a energia que forma o Todo Que É existe em todos. Ela forma cada um. Usa as tuas capacidades para descobrir a tua realidade, mas não prives outro da dele — e não te deixes deslumbrar. Compreendes?

([Kyle:] "Penso que sim, mas parece-me que temos de construir uns com os outros. Tento resistir, mas parece que, para alguém crescer, precisa de rebaixar os outros. E sei que isso está errado, mas vejo isso acontecer em todo o lado.")
Não é uma necessidade — é apenas ignorância. Vocês têm já o princípio de um bom livro-texto, e vou começar a fazer perguntas. É melhor estudarem bem o material. Se releres certas passagens, vais perceber o que quero dizer.

Não tiras ar a ninguém por o respirares — porque também contribuis para a atmosfera. E ninguém precisa de rebaixar os outros para afirmar o próprio ego. E quem tenta fazê-lo, não fortalece o ego — destrói o ser interior que há em si.

Agora, depois deste meu animado início, deixo-vos os meus votos mais calorosos. Espero que se empenhem — pois não vos ofereço frases bonitas e fáceis. E se era isso que queriam, não estariam aqui. Usem o vosso intelecto e intuição — e releem certas passagens quatro vezes, se necessário.

Agora, podem fazer uma pausa. E sem olhar diretamente para ninguém, regressarei. Alguém que não vem há algum tempo. Não quero que digam que estou a apontar o dedo a ninguém em particular. Deslumbrem-se com a vossa própria consciência e energia — e tenham cuidado com os que se apresentam apenas para vos deslumbrar. A vossa consciência é deslumbrante — e servirá para muito tempo. Aproveitem o vinho — e voltarei. Quem sabe, até fumo um dos vossos "monstros longos".

(Após a pausa, Seth fala com Rachel):

Lê o material que está no final do livro, sobre a vida vegetal. Agora, vejo numa cadeira uma mulher que não está lá. Parte do material que vos dei numa noite, vou voltar a dar — para que o tenham completo. As condições esta noite não são ideais para esse contexto, mas tratarei de que o recebam.

Tenho-vos tratado com muita suavidade em aula. Usei linguagem simples, expliquei tudo com clareza — mimei-vos. Agora quero que estudem o material que já têm. Não é difícil — simplesmente não estão habituados a aplicar o vosso intelecto a material filosófico, nem a aplicá-lo às vossas próprias vidas. Isso não é culpa minha — é vossa.

Fui, em muitos sentidos, um professor astuto. O material é apresentado de forma que, ao lê-lo e usar o vosso intelecto e intuição para o compreender, automaticamente desenvolvem ambos — e expandem a vossa consciência. Parte da própria formação da consciência está no corpo do material.

Quanto mais se aplicarem, mais as vossas capacidades se desenvolverão. Há muitos livros, muitos mestres, muitos caminhos. Alguns são simples — mas são necessários para quem está num certo nível de desenvolvimento. Se esses caminhos fossem suficientes para vós, era aí que estariam. Tornaram-se insatisfeitos com eles — mas, para isso, também precisam expandir a perceção e a consciência.

Se seguirem este material, isso acontecerá naturalmente. Há mais no material do que aquilo que nele está escrito — e, ao estudá-lo, descobrirão esse "mais". Ele serve de estrutura — a partir dela, poderão alcançar outras realidades, mantendo ainda os pés assentes aqui, nesta vida. Existem, no material, "pontos de impulso" que vos lançam para outras realidades, se os permitirem. Mas há sempre, dentro do próprio material, uma estrutura a que podem voltar — como a nossa amiga que regressa.

Agora, falo para as belas rosas no vaso, para que saibam que não estou a dirigir-me a ninguém em particular. Uma dessas rosas deixa o mundo familiar e faz experiências fora-do-corpo com frequência. Essa rosa tem uma bela memória. No estado fora-do-corpo, lembra-se de todas as viagens. Mas, ao regressar ao corpo, esquece-as. Não é necessário que te recordes — mas, se quiseres lembrar, podes. O "porquê" disso levaria demasiado tempo esta noite, mas responderei assim que possível. Existe, sim, uma resposta. Tens consciência de que fazes essas excursões. Por agora, contenta-te com isso — e não forces demasiado. Voltarás. Não é o regresso que te incomoda.

Darei mais informação sobre o tema — mas já é tarde esta noite. Se quiseres exercícios específicos que possas usar, talvez não regresses a cheirar como uma rosa — mas veremos que os terás.

Agora, vou deixar-vos fazer uma pausa. Mas antes, uma palavra — algo que disse recentemente noutra aula: a paz pode ser excitante, enquanto a turbulência pode, na verdade, ser aborrecida. Não confundam turbulência com entusiasmo nem paz com estagnação. Estas também são ideias convencionais que não têm de se aplicar. A viagem pode ser exterior, mas

podes dar a volta ao mundo e não sair do lugar — ou podes sentar-te numa cadeira e viajar para além do universo. Portanto, não se deixem levar pelos hábitos convencionais de pensamento, quaisquer que sejam as convenções que os sustentam. Sê quem és, quer sejas parecido ou diferente dos teus semelhantes. Compreendes?

([Kyle:] "Acho que não. As palavras que disseste são palavras que já disse a mim mesmo, com certos significados, mas… não sei. Tu sabes se eu compreendo?")
Percebe isto: a paz — podes usar a palavra "quietude" — a paz ou a quietude também podem ser exaltantes. O movimento externo pode não ser necessário — embora possa acontecer. Agora sim, podem fazer a vossa pausa.

(Após a pausa.)

Agora vou desejar-vos uma boa noite, para que possam ir para casa, deitar-se — e ter algumas experiências reais. E quero agradecer pelas perguntas que fizeram nas aulas, e que o Ruburt usou no livro. Essas sessões ajudarão outros mais do que imaginais. As perguntas que fizeram serão feitas por outras pessoas — e elas procurarão respostas. Por isso, à vossa maneira, fizeram o vosso papel — e as dúvidas que tiveram ajudarão outros.

Outro ponto que quero referir: como vos disse, têm experiências no estado de sonho e no estado de vigília das quais nem se apercebem fisicamente. Muitas vezes desenvolvem capacidades durante o sono e os sonhos — realizam trabalhos criativos — sem o saberem. Se realmente aprenderem a registar os vossos sonhos durante um período de tempo, podem obter pistas sobre essas atividades. Existem outros modos de descobrir isto — por exemplo, através do tempo psicológico — mas, se fosse convosco, estaria muito mais curioso com o que faço nos sonhos, pois essas capacidades podem ser usadas na vida desperta.

Alguns de vós também ajudam outros enquanto dormem — e não se lembram. Podem aconselhar amigos, enviar energia de cura a quem precisa. Os vossos intentos têm mais liberdade para se expressar, por outras palavras — e, se forem bons, então funcionam a vosso favor.

Agora vou encerrar para que possam ir para casa e reler o livro todo novamente. Os meus mais calorosos cumprimentos a todos — especialmente à minha amiga das rosas, a quem não olharei.

AULA DE PES

18 DE AGOSTO DE 1970, TERÇA-FEIRA

(Seth fala com Sharon W., depois de ela contar que tem sentido a presença do pai há algum tempo.)

Sim, ele visita-te de facto enquanto dormes. Tem tentado comunicar contigo, e deves aprender a relaxar — pois és tu quem associa tudo isso aos símbolos da morte. És tu quem introduz o simbolismo de que ele se "ergue do túmulo". Ele nunca conheceu o túmulo — deixou o corpo muito antes disso.

Todos aqui já sabem que os mortos não são necessariamente silenciosos, nem que existe um estado sombrio ligado a quem, nos vossos termos, "já não está vivo".

É um extremo egocentrismo imaginar que só se está vivo quando se tem um corpo. Isso é uma visão fechada. A voz que por vezes posso usar poderia estilhaçar a pequena imagem pela qual me expresso — e o espírito dos teus pais não pode ser contido num corpo, ou mesmo em dois. O espírito dos teus pais é, naturalmente, livre. Tu também és livre, mesmo enquanto estás no corpo — e não tenho nada contra o corpo. Tive a minha experiência com ele em vidas passadas — e achei-o muito útil. Por isso, não sou preconceituoso.

Estás presa a ideias convencionais — e é isso que te assusta nos sonhos. O espírito dos teus pais está livre. Permite-lhes essa liberdade — e fala-lhes com gentileza. És tu que assustas os "fantasmas" com o teu próprio medo. Se tivesses de passar por tudo o que eles passam para contactar uma filha querida, como te sentirias se fosses recebida com medo e terror?

Esta sessão não será longa — será mesmo curta. Queria apenas que soubessem que os mortos podem ser bastante vivos — que não são silenciosos nem sombrios. A tua mãe parecia cansada apenas porque sabia que estavas à espera disso — não queria assustar-te.

(Para Gert.) Não quis dizer que podias saltar a linha narrativa na primeira leitura — apenas que não era preciso relê-la. Agora, podem fazer a vossa pausa.

(Após a pausa, para Sharon):

Os teus pais não querem que sofras. Têm tentado dizer-te que estão tão vivos quanto tu. E, para ser sincero, não quero magoar-te, mas estão mais vivos do que tu. Vieram até ti porque queriam que questionasses mais profundamente a natureza da realidade. Não estarão contigo por muito tempo — têm a sua própria realidade a viver, os seus próprios desafios a enfrentar. Mas estão a vir até ti para que te apercebas da sua existência contínua — e também para que compreendas a natureza do teu próprio eu interior, que é, já agora, tão livre do corpo físico como eles.

([Sharon:] “Eles estão juntos e felizes?”)
Sim, estão. Estão a começar a trabalhar como nunca o fizeram antes — porque agora compreendem que têm potenciais a realizar, algo que não sabiam antes. E querem que saibas que tu também tens esses potenciais — e que podes começar já.

([Sharon:] “Nesta vida?”)
Sim, nesta vida — e é isso que eles querem que compreendas.

(Para Natalie.) Temos aqui bons progressos da silenciosa no canto — e esperamos que continue assim.

E, mais uma vez, não olharemos para ninguém em particular, mas podemos dar pistas, certo? Temos aqui um toque de rebeldia. Ora, a rebeldia pode ser uma coisa boa se souberes contra o quê estás a rebelar-te. E se estás a rebelar-te, convém muito bem saber contra o quê te estás a rebelar.

É muito importante compreender a natureza do teu próprio eu interior e o simbolismo por trás da ação. Quando compreendes o simbolismo dos teus próprios atos, começas a compreender-te a ti mesmo — e sabes, com clareza, por que razão fazes o que fazes. Muitas vezes enganas-te a ti próprio — pensas que estás a agir por um motivo, mas o motivo real é outro. Por isso, deves aprender por que ages como ages.

([Gert:] “Será que o pêndulo, o tempo psicológico ou os sonhos nos ajudam a descobrir isso?”)
Todos esses métodos te podem ajudar. Estás neste momento a viver uma realidade física. Convém que ajudes os outros. Quando retiras aos outros, retiras a ti mesmo. Quando dás aos outros, dás a ti mesmo.

(Sharon pergunta se Seth conhece a senhora que vive no andar acima e o que ela própria fez por essa mulher.)

Ter-me-ia de conectar. Por que queres saber se sei ou não?

([Sharon:] “Apenas fiquei curiosa. Tentei ser boa para ela.”)
O assunto traz benefícios tanto para ti como para ela. Existe também um parente afastado, que creio tu não conheces, do lado dela — que mais tarde surgirá. O nome Olive será importante, embora possa não ser necessariamente o nome desse parente.

Agora, a pessoa com quem falava antes certamente reconheceu a mensagem. No entanto — dá-nos um momento — os erros também podem ser usados como desafios. E quem tem medo de errar ou de enfrentar desafios, acaba por paralisar-se. Nunca vejas um erro como algo profundo, sombrio e irreparável. Pois é a partir do erro que surgem os desafios. E, muitas vezes, um erro cometido é como um sintoma físico — um sinal, um reflexo que pode ser compreendido e transformado.

Agora, por exemplo, digamos que tens um problema profundo. Podes desenvolver um sintoma físico para que te questiones sobre a sua origem — algo que, de outro modo, talvez não fizesses. Ou então, podes cometer um erro que te surpreenda e te faça dizer: “Porque fiz isto, que nem parece meu?” Nesse caso, o erro ou a ação funciona como um sintoma: leva-te a questionar os teus motivos e a olhar para dentro de ti. É, portanto, uma forma de aprendizagem.

O eu interior conhece as respostas e, muitas vezes, é ele quem te conduz a esse erro, essa ação ou esse sintoma, para que olhes para dentro. E agora, olha para dentro — e faremos uma pausa.

(Após a pausa, para Sally B.): Desejo-vos a todos uma boa noite. Quando estiveres pronta, eu ajudarei a sair do corpo, mas és muito lenta e assustas-te com facilidade.

(Para Ned e Sue): Vocês os dois estão a ir muito bem.

(Para Ned): Estive na tua última experiência como um dos meus prováveis "eus" e tu não me reconheceste — mas está tudo bem, não te levo a mal.

([Ned:] "Eras o alto e magro?")
Vou deixar-te descobrir por ti, pois terás outra experiência semelhante — e então saberás. Não quero estragar a surpresa.

([Sue:] "Já nos levaste pelas três viagens?")
Não, só por uma.

([Sue:] "Ah, a dos círculos concêntricos?")
Exatamente.

(Para Derek): Estava a falar contigo — e foi por isso que este (apontando para Arnold) começou a tossir.

([Arnold:] "Não, não foi por isso.")
Foi sim. O mecanismo subconsciente estava envolvido em tudo isso e eu queria que te apercebesses disso.

E espero progresso da parte de todos vós. E peço mesmo que leiam e releiam o material do livro. Leiam-no e permitam-se sentir, deixem a imaginação seguir o rumo do material. Usem-no como uma rampa de lançamento para outros níveis da realidade. Mesmo que não o compreendam intelectualmente, intuitivamente vão compreendê-lo, pois foi escrito com esse propósito.

Não quero que nenhum marido fique à espera da esposa por minha causa! Por isso, desejo-vos uma calorosa boa noite — e lembrem-se de que os mortos têm uma vitalidade que vos deixaria envergonhados. Deixem os vossos pais sorrir quando vos visitarem. Com todo o meu carinho, uma boa noite.

(Para Sue, depois de ela mencionar uma dor de cabeça): Estás apenas perturbada com as implicações dos "eus prováveis" e isso causou a dor de cabeça. Diz a ti mesma que estás a fazer bem nesta realidade, que estás a usar as tuas capacidades, que estás a ajudar o teu marido a usar as dele e que trouxeste ao mundo um ser que as usará muito bem. Não precisas de te

sentir culpada por criares quaisquer eus prováveis. Eles entram na realidade com desafios — tal como todos vós entram com desafios que estabeleceram de antemão. Deste-lhes o dom da existência — eles aprenderão a usá-lo e a desenvolver-se à sua maneira, pois também lhes deste individualidade, o que significa que não são ti, mas variações de ti. Têm múltiplas facetas de realidade — e frequentemente realizam-nas.

([Sue:] "Acho que estava com medo de ter criado personalidades como essas.")
Muitas personalidades fazem-no. Mas quando entraste nesta existência, entraste com problemas e desafios que escolheste. Estes eus prováveis existem da mesma forma. Deste-lhes uma base, uma história, uma identidade — como estrutura — mas a partir daí, crescerão, aprenderão e desenvolver-se-ão. Sem a tua criação, não existiriam. Queres negá-los para os poupar à dor? Então, a dor de cabeça pode desaparecer.

Toda a existência é vulnerável, pois a vulnerabilidade é o alicerce e a sensibilidade que tornam possível a existência. O Todo Que É é vulnerável a si próprio — e às infinitas possibilidades da criação. Fechar uma porta, um canal, é negar a criatividade e a existência. O mistério profundo da consciência reside na vulnerabilidade. Se a folha não fosse vulnerável ao sol, não floresceria. Se não fosse vulnerável ao frio do inverno, não morreria. E se não morresse, não poderia renascer — nem mudar de forma.

Portanto, sejam livres dentro de vós mesmos e sem medo.

Quereis criar algo perfeito. Quereis criar uma personalidade perfeita — mas tal coisa não existe, pois perfeição, nos vossos termos, significa morte. Quando pensam em perfeição, pensam em algo que já atingiu todos os seus propósitos — sem nada mais pela frente. Mas a existência gera novos propósitos, que surgem da alegria e do entusiasmo, assim como da dor e do desafio. Por isso, deram à luz em mais do que um sentido.

Vês, devido à natureza criativa das vossas personalidades, mesmo quando projetam uma dor como herança para uma personalidade fragmentada, transmitem também esperança e poder criativo. Não podem evitar — e isso significa que não os deixam à deriva sem potencial ou esperança.

([Sue:] “E o meu filho bebé? O que faz com os medos?”)
Lida com eles de forma mais eficaz do que tu.

([Sue:] “Mas nunca parece ter sintomas físicos.”)
Está a lidar muito bem. No caso das crianças — na maioria dos casos — elas conseguem lidar com os medos. Curiosamente, não têm medo dos seus próprios medos. Aceitam-nos como quem aceita uma cadeira, uma pedra ou um rosto — e depois enfrentam-nos. Não os temem como os adultos.
Lembra-te: a consciência tem a sua própria proteção, a sua própria vitalidade. Confia na vitalidade da tua consciência e no teu próprio caminho — essa é a resposta.

Tens dentro de ti toda a energia, capacidade, poder e força de que precisarás para enfrentar qualquer situação e seres quem queres ser. Basta reconheceres isso — e podes invocar de ti uma energia como nunca imaginaste.

([Derek:] “Hoje de manhã estava a trabalhar com barro, a fazer algo para outra pessoa. Já tinha feito uma peça, mas percebi que não conseguia repetir — parecia que tinha esgotado toda a minha energia criativa. É disto que falas quando dizes que traímos as nossas capacidades?”)
Não se pode copiar uma criação. Não se pode repetir uma criação verdadeira. Cada pensamento é uma criação nova. Cada ato artístico é uma nova criação. Não consegues, por mais que tentes, reproduzir uma criação original. Isso é um exemplo do que queria dizer.

Vou agora encerrar a nossa sessão. Mas cada um de vós está aqui porque sabe que é apenas uma sombra do verdadeiro “eu”. Quereis trazer para a realidade física esse eu verdadeiro que sabem existir. Enquanto mantiverem esse desejo, o desejo encontrará o seu caminho para se concretizar. Só quando perdem o desejo é que enfrentam verdadeiro perigo.

Não há razão para que, seguindo o material e os vossos próprios caminhos, não possam sair das sombras de vós mesmos — e tornarem-se os eus interiores que sabem ser. E é isso que espero de cada um de vós — e que cada um de vós espera de si mesmo.

Se tiverem perguntas sérias, responderei.

([Sue:] “Podes explicar aquele velho que via sempre no salão de bowling?”) Era um eu provável do teu avô. Mantinha contacto contigo — e conseguias vê-lo graças às tuas capacidades.

Ele reparou em ti, assim como tu reparaste nele, e na sua realidade provável ele perguntou-se quem serias, mas gostou de ti. Era uma parte do teu avô — uma parte que o teu avô, tal como o conheces, não podia ser. E, em muitos aspetos, ele era muito mais livre do que o teu avô. Tinha um passatempo: fazia pequenas bonecas de madeira. Nelas projetava toda a sua energia criativa e chegou a fazer uma boneca parecida contigo, a que chamou Susan, sem nunca saber de onde veio o nome. Não sabia que era o teu nome, nem quem tu eras. Na sua realidade, viveu na Alemanha. Nasceu em 1831 e morreu em 1897. Mas tu foste capaz de o ver. Nos estados fora do corpo, ele projetava-se na tua realidade. Daremos mais informações à medida que for possível.

([Gert:] “A Jane diz que eu sou bastante dominada pela culpa. A minha pergunta é: se eu conseguir descobrir do que me sinto culpada, e identificar essa culpa, será que a projeto para outro eu provável?”)

Não precisas de o fazer. Assim que perceberes que a tua culpa não tem fundamento, ela pode dissolver-se. Só quando não compreendes a culpa é que ficas assustada e a projetas dessa forma. Estás a criá-la — e através da compreensão podes dissolvê-la, pois ela simplesmente desaparecerá.

E agora, com pensamentos de paz, deixo-vos. Mas sintam dentro de vós a vossa própria vitalidade e percebam que a verdadeira fonte de paz e energia está em cada um de vós. Só precisam de estar quietos e olhar para dentro — e podem fazê-lo com muito menos barulho do que eu.

([Arnold:] “Se fôssemos bidimensionais e estivéssemos a meio de um baralho de cartas, não teríamos consciência das cartas acima ou abaixo, mas se conseguíssemos sair do baralho, veríamos o que está por cima e por baixo?”)

A qualquer momento podes sair da tua realidade e ver as tuas outras vidas — e ver que todas existem em simultâneo. Segue esses pensamentos, e ao leres o material, deixa a tua imaginação ganhar asas.

([Arnold:] “Então a minha analogia é razoável?”)

É muito boa — e quanto mais proficiente fores no uso do tempo psicológico (psy-time), mais longe podes viajar da realidade tridimensional. Nos teus termos, e apenas como imagem, quanto mais sobes, percebes que não há apenas um baralho de cartas, mas muitos baralhos à volta.

([Arnold:] "Esses são outros seres?")

São, de facto, outras porções da tua própria identidade. E à medida que sobes mais ainda, verás que existem outros baralhos muito acima daqueles que viste inicialmente. Agora, não há razão para que cada um de vocês não possa experienciar outras realidades, que não possa sair das dimensões conhecidas. Ao fazê-lo, descobrem que a personalidade é tão diversa como, digamos, esta mesa vista de vários ângulos. Assim descobrirão facetas da identidade que a realidade tridimensional, por natureza, ignora.

No estado de sonho já fazem isto — mas também o podem fazer em estado de vigília, ou em momentos de devaneio. Podem vislumbrar a vossa realidade multidimensional, mas para isso precisam de se libertar, ainda que momentaneamente, da existência tridimensional.

E podem regressar a vocês mesmos com todo o tipo de conhecimento. Podem até regenerar o vosso sistema físico com o conhecimento que obtiverem — embora nem todo esse saber seja traduzido intelectualmente, pois o cérebro tridimensional não consegue processá-lo por completo. No entanto, os efeitos serão sentidos no corpo físico. É uma excelente analogia. São métodos de ensino — prestem-lhes atenção.

Agora, não vos vou manter aqui por mais tempo. Já gerei energia suficiente em cada um de vós para que a possam usar enquanto dormem esta noite. E tenham sorte em ter alguém com tendências humanas tão visíveis como as minhas! Há ainda algo a considerar: a personalidade tal como não a compreendem vem à tona. Consciência sem camuflagem — pois as características que utilizo são uma espécie de camuflagem, adorável talvez — mas sem elas não me compreenderiam, e sem as vossas próprias, não aprenderiam a reconhecer o verdadeiro Eu que podem ser.

E agora sim, desejo-vos uma boa noite. Gerámos muita energia — usem-na em vosso benefício durante o sono e deem a vós mesmos sugestões positivas.

UMA AJUDA PARA VISUALIZAR O TEMPO COMO UMA DIMENSÃO
Por: Arnold Pearson, membro da Aula de ESP da Jane

Imagina uma pilha de cartas, com tamanho semelhante ao de cartas de jogar, empilhadas até cerca de sessenta a noventa centímetros de altura. Imagina agora que cada carta é ligeiramente diferente em forma ou tamanho da que está abaixo, criando uma mudança progressiva desde a base até ao topo da pilha.

Agora, supõe que uma dessas cartas representa um ser bidimensional, vivo e inteligente, num dado momento do tempo. Como é bidimensional, este ser vê as dimensões no seu plano, tal como nós, seres tridimensionais, vemos nas nossas três dimensões. Ele não consegue ver para cima nem para baixo, tal como nós não conseguimos ver (ou sequer imaginar) a quarta dimensão. No entanto, poderia ver outros seres ao seu nível, em pilhas próximas.

Imagina ainda que a carta abaixo representa o mesmo ser bidimensional num momento anterior, e a carta acima o mesmo ser num momento posterior. Cada carta representa assim um momento da vida deste ser, e a mudança progressiva representa o seu crescimento.

Como ele não consegue ver para cima nem para baixo (tal como nós não conseguimos ver a quarta dimensão), não tem consciência de que o seu "futuro" já existe e de que o seu "passado" ainda está lá. Para ele, a terceira dimensão é o tempo — mas não o consegue ver. De forma semelhante, para nós, a quarta dimensão é o tempo — e também não a conseguimos ver. O Seth disse-nos que não existe passado nem futuro, apenas o presente amplo. Todo o passado e o futuro existem agora, para aqueles que conseguem ver o tempo como uma quarta dimensão.

Se este ser bidimensional, através de capacidades psíquicas, conseguisse projetar-se para outros níveis da sua existência (a pilha), poderia ver o seu "futuro" e o de outros seres em pilhas vizinhas. Seria, de facto, um profeta.

AULA DE PES

25 DE AGOSTO DE 1970 – TERÇA-FEIRA
(Seth falando com Stan depois de este ter falado sobre espíritos e demónios)

... Apenas através das contorções mentais e físicas por que te obrigaste a passar esta noite. Tu és um espírito. És um espírito agora; estás apenas revestido de carne. Não te tornas de repente num espírito — todos os espíritos não são tristonhos nem arrogantes, embora me pudesses assustar em certas circunstâncias.

Agora, tu não és suficientemente alegre. Tens o hábito de carregar esses infernos e demónios contigo, e se não tiveres cuidado vais vê-los até nos rostos das flores. Estas capacidades são tuas. Fazem parte da herança da tua consciência. Usa-as com paz e alegria. O espírito que és forma a tua imagem. É uma parte viva e vital do teu ser. Esta noite não vim para dar uma longa palestra, mas senti que devia dizer algumas palavras ao nosso amigo Stan aqui presente. Paz para ti, e esquece os teus demónios. Se acreditares neles, estás a abrir a porta a dificuldades.

(*Stan: "Não acredito. Há apenas alguma correlação."*)

Tu acreditas. Eles estão no fundo da tua mente, e o que disseste mais cedo esta noite foi uma racionalização, pois escondeste os teus próprios medos de ti mesmo. Digo-te isto não de forma crítica, mas para que entendas que estás a projetar para fora aquilo que receias em ti e nos outros.

Saúdo-vos a todos, e estarei por aqui, sobretudo para vos mostrar que nem todos os espíritos estão mortos e empoeirados e para vos lembrar que vós próprios sois espíritos. Descobrirás que tens muito mais liberdade quando não estiveres revestido de carne.

(Para Sue) Agradeço-te pela datilografia que fizeste para o nosso amigo Ruburt. Se tivesse todas as capacidades que pensas que tenho, a máquina de escrever dele funcionaria automaticamente o tempo todo.

(Para Stan) O mal-entendido não foi entre nós. O que se passa é que a mente consciente não entende a mente inconsciente, e a tua mente consciente não entende que tem medo de demónios e acredita na sua existência. A mente dele não acredita em demónios — a tua mente inconsciente sim. Não estás

em contacto com as tuas crenças interiores nesse aspeto. Intelectualmente, essas crenças não te servem, mas emocionalmente ainda fazem parte de ti.

AULA DE PES

22 DE SETEMBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA
(Rachel falava sobre a morte do seu gato e o quanto isso a tinha abalado)

Permites-me dizer-te umas palavras? Estou à espera da tua resposta. Longe de mim falar-te se preferires não ouvir o que tenho para dizer.

(*Rachel: "Eu ouço."*)

Já tivemos respostas mais entusiásticas. Isto é apenas preliminar. O resto virá quando estiveres pronta, e se te revoltares contra mim com raiva, deixarei o Ruburt que lide com isso. Por isso, escuta. A consciência é uma coisa bela, personificada, e delicada. Não a podes ver, tocar ou sentir verdadeiramente, e, no entanto, conheces as suas características. O gato ensinou-te a amar de novo e a abrir-te. Estavas quase a esconder-te dentro de casa com o gato e a ignorar a realidade física. O amor que foi despertado deve agora ser dirigido para outras áreas. Podes falar quando eu terminar, mas desta vez vou dizer o que tenho a dizer.

O gato despertou o teu amor. Sabias que isto ia acontecer e escolheste o meio. Ao fazê-lo, também deste afeto ao animal e despertaste nele características que ele não tinha antes. Por outras palavras, alargaste as fronteiras da sua própria consciência. Fizeste-o evoluir, para simplificar. A consciência do gato cresceu e desenvolveu-se. Ensinaste-lhe a comunicar — não falo em palavras ou linguagem física, mas abriste a sua perceção. Agora, apesar de te parecer trágico neste momento, o verdadeiro drama teria sido se o gato tivesse vivido, nos teus termos, e tu te tivesses enroscado com ele na tua casa da esquina, voltando o teu amor para dentro em vez de o expandires para os outros — pois há pessoas que precisam dele.

Quando pensas, por exemplo, em voltar a casar ou quando os teus filhos te sugerem isso, pensas apenas em ti. Não pensas nas pessoas que precisam de amor e afeto, que estão mais sós do que tu, que não têm filhos e que procuram não só carinho mas também a simples cortesia de serem reconhecidas por outro ser humano. Não conseguiste transformar esse amor para fora. Ao mesmo tempo que expandiste a consciência do animal, ele

tornou-se mais do que era. A sua consciência estava pronta para partir e assumir outra forma.

Mais tarde darei mais informações e algum conselho que poderás seguir ou não, conforme decidires. Por agora, deixo-te os meus melhores votos, e podes fazer uma pausa.

(Depois da pausa e discussão sobre o que foi dito)

Não disse que precisavas de voltar a casar, disse que havia outros que precisavam do teu amor. Agora segue a partir daí.

(*Rachel: "Eu amo toda a gente."*)

Não há nada de errado, e muito de bom, em amar os animais. No entanto, quando amas algo de forma tão intensa que começas a excluir os outros, então precisas de refletir.

(*Rachel: "Foi isso que aconteceu ao meu marido?"*)

Foi.

(*Rachel: "Ou seja, estou a formar isto sozinha."*)

Escuta. Também formaste a realidade dos teus filhos, e é uma boa realidade. Escuta. Ajudaste também muitas outras pessoas. Muitas nem sabes que ajudaste. Também ajudas os membros desta Aula sem saberes, mas o teu amor pelo animal estava a tornar-se introvertido. O animal seguiu em frente, como um jovem que sai de casa e cresce. Ajudaste na evolução da sua consciência — agora deixa-o livre. Irás reencontrar a sua consciência noutra forma.

Tu sabias, e não estou a insinuar culpa — sabias o que ia acontecer quando deixaste o animal sair naquela esquina. O animal não sentiu dor. Abandonou o corpo imediatamente. Ajudaste no desenvolvimento da sua consciência e ele ajudou-te a renovar o teu amor. Mas, tal como o animal mudou de forma, esse amor agora reavivado deve voltar-se para o exterior.

Agora, não banalizes a minha mensagem com piadas sobre voltar a casar. Há pessoas que agonizam por companhia e que nunca souberam o que é o amor. Quando deixares transparecer, telepaticamente, que a tua consciência de

sensibilidade e amor foi reavivada, outros poderão percebê-lo e serão atraídos como por uma luz. Esse amor encontrará o seu próprio caminho e atrairá aqueles que dele precisam.

Agora deixo-vos fazer uma pausa, e deixo a nossa amiga aqui (para Florence) pensar que foi por causa das suas sugestões que me manifestei. A minha saudação aos novos membros esta noite e ao nosso convidado. Esta noite não estou na televisão a cores, mas fazemos o nosso melhor.

(Para Rachel.) Dei-te a mesma informação no estado de sonho na noite passada.
(Para Ned.) Dei-te muita informação.
(Para Sue.) Dei-te ainda mais informação da qual não te recordas.
(Para Ned.) Não estás claro na tua mente — nem na subconsciente, nem por vezes na consciente — quanto ao que queres. Não vamos abordar isso esta noite, por razões que tu sabes, mas eu estou consciente delas, e tu também.

(Para Rachel, após a pausa:) Agora, o teu marido tinha um pavor da velhice. Dá-nos um momento... Ele preferia muito mais deixar o corpo quando o fez. Tinha especial receio de envelhecer, de sofrer degradação mental. Queria libertar-se do corpo antes de chegar a esse ponto. Nas duas vidas imediatamente anteriores, permaneceu no corpo até aos 87 anos numa, e até aos 92 noutra — numa época em que tais idades eram invulgares. Determinou que, nesta vida, partiria no auge das suas capacidades — e assim o fez. Não foi algo pré-determinado, mas sim uma decisão que ele tomou.

Tu também tinhas ligações com ele em vidas passadas, e bastante fortes. Agora, dá-nos um momento. Podes fazer perguntas noutra aula ou mais tarde, mas por agora deixa-nos continuar. Vocês pertenciam a um grupo. A fogueira que já experienciaste em aula está ligada a isso. Ele era líder de um grupo de homens e mulheres. Eram uma tribo itinerante. Em certa altura, foste seu filho; noutra, eu darei os detalhes — datas e locais. Agora, preocupo-me com o teu estado de espírito, não com o estado em que vivias. Noutra vida, ele foi tua filha e tu o pai. Havia uma tendência para a sobre proteção em todas as vossas relações, uma exclusividade. Ele interessava-se por música e pelo piano. Tinha receio pelos dedos e pelas mãos. Viveram várias existências juntos onde estavam envolvidos com plantas e flores, o que explica o teu amor pelas flores e o negócio que tiveste nesta vida.

Dá-nos tempo. Nunca estiveste sozinha. Vocês viveram juntos até à velhice em três vidas diferentes. A independência que tens vindo a aprender foi uma escolha tua como desafio, e ele escolheu afastar-se por amor por ti. Decidiram esse percurso antecipadamente. É fácil para mim dizer isto, mas podes reconhecê-lo na tua própria experiência, se assim escolheres. Ele tem tomado conta de ti, e muitas das decisões que tomaste — incluindo a compra da tua casa — foram acompanhadas por ele, embora te tenha incentivado a decidires por ti mesma. Haverá outras decisões que também tomarás e com as quais ele concordará. E não sejas tão limitada nas tuas ideias — ele também não quer isso. Paz.

(Após a pausa, Florence tinha questionado a realidade do tempo.)

Agora, tu és o intelecto, és do grupo. Tens um impedimento emocional, senão o teu intelecto veria tudo com clareza.

(*Florence: "Como se formam as montanhas?"*)
A perceção do tempo é tua, incluindo os instrumentos que testam a idade da rocha. Tu formas o teu reino de realidade e o sistema temporal dentro dele.

(*Florence: "Não percebo como se formam as rochas."*)
Teremos de te começar noutra aula.

(Para Rachel.) Agora, lembra-te do que eu disse e teremos mais para acrescentar.
(Para aSue.) Tens outra viagem a caminho.
(Para oNed.) Desta vez começo contigo, e cabe-te a ti trazer esta (Sue) contigo.

Agora vou contar-vos um segredo, mas também revelo aos nossos alunos regulares o grande receio, o pavor, que existia na mente do nosso amigo Joseph durante a digressão. Ele temia que eu elevasse a voz e não sabia se os microfones iam aguentar, por isso falei baixinho e com decoro — mas é difícil mostrar a vitalidade da consciência com tão poucos meios, sem usar as cordas vocais com entusiasmo alegre.

E agora despeço-me de todos com um caloroso boa noite.

AULA DE PES

29 DE SETEMBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

(Jason Hatton, de Pittsburgh, PA, falou sobre como desenvolveu os seus talentos após deixar a Igreja, com o desejo de ajudar os outros, mas com particular interesse na cura. Relatou um sonho em que tentava desligar a televisão, mas esta permanecia ligada, mesmo ao clicar várias vezes. Colocou um escudo de chumbo por cima, sem sucesso. Ao levantar o escudo para tentar desligá-la novamente, saltou de dentro um Buda brilhante, com muitas tatuagens, que começou a persegui-lo. O Jason correu escadas acima para buscar uma arma e sentiu que o Buda tinha fugido para a noite. Depois acordou.)

Boa noite a todos e bem-vindos aos nossos novos amigos e visitantes. Como muitos de vós sabem, eu tenho estado "por cá", como costumam dizer, há algum tempo. Achei a conversa bastante agradável e tenho alguns comentários a fazer.

(Para o Jason.) Agora, antes de mais, o teu entusiasmo e energia — essas qualidades são boas. Mas gostaria que compreendesses o forte conteúdo emocional dentro da tua própria mente — e também na dela. Não tens ainda plena consciência das tuas experiências reencarnatórias, e uma vida em particular poderá surpreender-te bastante. Houve uma razão para o dilema espiritual em que te encontraste. Aqueles que estabelecem leis e regras frequentemente reencontram essas mesmas regras noutras vidas e, através da luta para se libertarem delas, aprendem que essas leis e regras nem sempre foram benéficas. Se sentes uma emoção forte relativamente a este tipo de questões, pergunta-te qual é a razão por trás disso.

Posso dar-te essa informação agora ou mais tarde, ou podes descobri-la por ti próprio, usando as tuas capacidades e fontes. Mas aqueles que, em vidas passadas, foram "príncipes" da Igreja, frequentemente enfrentam, em vidas seguintes, as próprias regras que ajudaram a criar.

(Para a Giselle.) Agora, esta sessão não precisa de ser longa. Falo porque querias que eu comparecesse hoje.

(Para o Jason.) E também por causa de um sentimento profundo de bondade, força e coragem da tua parte — mas não quero que deturpem o que estão a receber. Não quero que o interpretes de forma demasiado rígida. É precisamente quando achamos que estamos mais certos que podemos cair

em dificuldades. Acredito que sabes disso. E agora vou interpretar o teu sonho, pois tem a ver com religião.

O ecrã da televisão representava as tuas capacidades — transmitia as mensagens. No sonho, não conseguias desligá-lo, e colocaste um escudo. No fundo, tens receio de que essas capacidades te levem de volta pelos mesmos caminhos de onde vieste, que apesar das tuas deliberações te conduzam a outra religião, simbolizada pelo Buda. E por isso estás tentado, por vezes, a bloquear tudo, mas também receias que tenhas avançado tão rapidamente que já não seja possível fechar esse canal. Também te perguntas o que poderá surgir por esses canais, algo que não prevês.

Tens uma forte inclinação, como sabes, para temas místicos. Ao mesmo tempo, por causa do teu passado, também desconfias dessas questões. Não queres que elas voltem a surgir com novas máscaras.

Também tinhas medo de que o Buda escapasse na noite — que, através de ti e sem dares por isso, libertasses esse tipo de influência para o exterior. Mas não tens nada a temer. Lembra-te: sempre que sentes uma emoção muito forte contra determinado tema, há geralmente mais razões por detrás do que imaginas. Há sempre razões óbvias a que podes apontar, mas a carga emocional que existe em ti nesses assuntos é extremamente importante e deve ser examinada e investigada por ti — da mesma forma como investigarias se o visses noutra pessoa. Percebes?

Agora, deixo-vos fazer uma pausa e voltarei em breve. Não ouço ninguém a falar.

(Continuando com o Jason.) Agora, não vieste aqui à procura de lugares-comuns com que já estás familiarizado. Gosto de ti. Gosto do teu entusiasmo e do teu sentido de humor, mas como já chegaste tão longe neste caminho, é também minha responsabilidade falar contigo com franqueza — e é isso que estou a fazer.

Disseste anteriormente que ainda estás a aprender e à procura, e eu estou apenas a dizer-te para continuares a fazê-lo — mas certifica-te também de que investigas aquelas atitudes em ti de que estás mais certo. Essa é a parte que pode escapar mais facilmente ao teu exame. Estás zangado com o que fizeste a ti próprio porque, numa vida passada, tiveste muito a ver com a

organização de que agora não gostas. Não há qualquer culpa nisto. Não te estou a dizer para sentires culpa pelo passado. Estou apenas a tentar explicar-te os motivos internos que também estão em ação. O que sentes é legítimo, mas está fortemente carregado devido à tua existência passada — por isso, se te estou a alertar, é apenas um aviso gentil. E estou a sorrir. Estou a tentar fazer estes músculos sorrirem, por isso, se ao ouvires a gravação a voz parecer dura, lembra-te de que os mecanismos não são simples.

Tens feito muito bem. Como sabes, estás a iniciar uma jornada importante — e é por isso que quero que examines agora os teus sentimentos e motivações. Já o fizeste em parte, mas ainda não examinaste aquelas atitudes específicas de que estou a falar. Tomaste-as como certas, como tendo origem nesta vida, como resultado da experiência presente. No entanto, sempre estiveste envolvido com igrejas, e só agora estás a aprender a expressar verdades interiores sem dogma. Isto também tem relação, como vês, com o sonho. Temes que o velho "fantasma" volte.

Ora vê, agora estás a sorrir — e isso é bem melhor. Isto devia ser a tua pausa, mas eu não conseguia suportar uma cara tão fechada ali. Ora bem, foste um bom irlandês em tempos. O bom Padre Aloysious Ian — e não Ian Aloysious, era mesmo Aloysious Ian. Padre, sim senhor. Não me olhes assim. Por isso, liberta-te por completo. Estas palavras, quando as ouvires mais tarde, deverão trazer-te outras intuições e compreensões sobre experiências de vidas passadas. Liberta-te. Enquanto guardares sentimentos amargos contra qualquer pessoa ou organização, não estarás livre — e interpretarás mal as tuas próprias informações, na mesma medida. Desculpa, esqueci-me de sorrir. Isso foi quase um sorriso irlandês. Agora deixo-te regressar, e depois voltarei — mas tinha de o apanhar nesse ponto.

(Para a Rachel.) E alegro-me que quase te tenhas lembrado de que te dei essa informação no sonho da noite anterior. Estive aqui toda a noite atrás desta cadeira a sorrir especialmente para ti — por várias razões que eu sei que tu sabes. Agora podem fazer a vossa pausa.

(Após a pausa, para o Jason.)
Estou a dizer-te o que considero mais importante que saibas esta noite. Tens uma grande capacidade de te relacionares com os outros, e eles respondem ao teu calor emocional. És bom a fazer leituras para os outros por esta razão. És forte emocionalmente. Mas, pela mesma razão, deves ter atenção ao teu

material — pois por vezes lês emocionalmente algo que não está realmente lá. Refiro-me a teorias: podes confiar nas tuas intuições em relação às pessoas — são muito fortes — mas tens tendência a colorir emocionalmente certos materiais que não estão diretamente ligados a outros. Apenas presta atenção a isso, mais nada. Agora, tens alguma pergunta?

(O Jason perguntou sobre um programa de televisão no qual fora convidado a participar.)
Eu não faria planos com esse programa. Dá-me um momento... Não vejo que seja um espaço adequado para ti. Parece haver outra pessoa envolvida — não da tua parte, mas do lado deles — e essa pessoa tem forte influência sobre os pensamentos do outro. Essa influência seria altamente negativa, simplesmente por causa das tuas características e das da outra pessoa. Isso causaria um efeito de sufocamento, que tu tentarias ultrapassar — mas, ao fazê-lo, esforçar-te-ias demasiado. Irias querer que tudo corresse bem, em demasia. Parece que haverá outra proposta, talvez dentro de três meses, que será muito mais vantajosa — não só para ti, mas também para os outros.

(Para Dennis e Giselle.) Agora, vocês os dois vão andar por aqui durante algum tempo e, como fizemos com os outros alunos, também vamos trabalhar convosco com profundidade. Estou a sorrir. Porque será que, com os novos, tenho sempre de dizer que sou jovial? Os músculos do Ruburt não fazem bem o que eu quero, mas são o que tenho à disposição — por isso, não me posso queixar. Podia ser pior.

(Para Jason.) Esta encantadora senhora aqui também esteve envolvida contigo na vida de que falei — aquela sobre a qual não perguntaste. O simples facto de não teres perguntado é, em si, significativo.

Temos uma abadessa (Yvette), e na relação daqueles tempos havia uma troca descontraída entre o convento e a casa do sacerdote — e tu estavas bastante envolvido. Tiveste duas áreas principais de envolvimento, ambas intensas: foste um místico — e continuavas a sê-lo enquanto abadessa, independentemente das tuas atividades extracurriculares — e também foste uma cortesã. Estas duas experiências não estão assim tão distantes como pode parecer — pois, em ambas, estavas a lidar com relações pessoais intensas. Estavas à procura de respostas, qualquer que fosse o papel que desempenhasses. Vocês estão juntos agora para ajudar a resolver alguns dos problemas que encontraram nessa vida passada. Naquela altura, devido a

certas ideias que tinhas, ele formulou algumas leis e regulamentos. Por isso, ambos estiveram envolvidos — e profundamente envolvidos.

Numa só noite, é impossível entrar em todas as complicações dessa existência — ou mesmo desta. Poderão obter mais informações através das vossas próprias fontes e capacidades. Caso contrário, e se pedirem, veremos o que conseguimos fazer deste lado.

(*Yvette: "Gostaria disso."*)
Muito bem, farei com que isso fique registado no nosso livro.

(*Jason: "Posso fazer uma pergunta? A mãe dela foi a Madre Superiora?"*)
A mãe dela não foi Madre Superiora. Era uma jovem pobre, da mesma aldeia que tu, a cerca de treze milhas de Dublin. Teve uma filha ilegítima, que entregou ao convento para as freiras cuidarem. A criança foi criada lá e, em jovem, serviu como criada, ajudando na cozinha — e mais tarde fez votos. Foram votos forçados, mas não tinha outro lugar para onde ir.

(*Jason: "Yvette ou a mãe dela era essa criança?"*)
A mãe foi a mulher que teve a filha ilegítima. Esta (Yvette) era a criança. Percebes?

(*Jason: "Sim, mas por que razão existe essa relação entre elas agora?"*)
A relação é complicada. Tem a ver com essa vida, e também com uma vida dinamarquesa em que ambas estiveram envolvidas — nessa, a mãe dela era o irmão mais velho. Houve grande conflito entre elas. Foram ladrões durante um tempo. Eram pobres e não tinham outra opção. Seguiste o teu irmão mais velho nessa vida por algum tempo. Tinhas apenas alguns anos. Mais tarde, deixaste essa vida e foste aprendiz de carpinteiro. Mas o teu irmão continuou no caminho da delinquência e acabou por roubar da oficina onde trabalhavas — e tu foste culpado pelo roubo. Ninguém acreditou na tua palavra. O conflito entre vocês vem desse episódio, além do da vida anterior. Estão a reagir excessivamente às personalidades um do outro por causa disso.

Podes libertar-te deixando ir. Tens de deixar ir sem tentares tanto. Relaxa em relação a essa situação. Não tentes desesperadamente libertar-te. Percebes a diferença? É importante que percebas. Dá-me um momento. Tens de aprender a libertá-la completamente dos teus pensamentos habituais. Tens de mudar esses pensamentos — mesmo que agora te pareçam totalmente

legítimos e de acordo com a realidade física tal como a conheces. Tens de mudar completamente essa situação — para melhor — dentro da tua própria mente. Vê-a a mudar. Imagina-a a mudar. Não andes constantemente a verificar se a realidade física já mudou — especialmente no início, isso pode confundir-te ou fazer-te sentir que não estás a avançar. Mas se mudares a situação na tua mente, vais mudá-la na realidade física.

(*Yvette: "Devo continuar a ter qualquer tipo de relação com ela?"*)
Sugiro que, por agora, não o faças. Nem cries confusão para nenhum dos lados. Liberta-a e deixa-a seguir o seu caminho — sem raiva, sem mágoa.

(Para a Laurie.) Esta aqui no canto — tenho de agradecer-te pelo meu cartão, creio eu. Mais tarde terei algo a dizer-te sobre isso — e sobre o teu fantasma doméstico. Se vais ter uma visita, ao menos que seja um fantasma — eles não comem comida.

AULA DE PES

6 DE OUTUBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

(Despedindo-se:)
Desejo a todos uma boa noite. Espero que me tragam bons sonhos para interpretar — e espero que a interpretação seja boa.

(Para a Sally:)
Vamos tentar novamente. Estou a puxá-los um por um para fora dos seus corpos, percebem, e esta grita e, no último instante, recua. Desempenhas-te bem quando não percebes o que estás a fazer, mas quero que ganhes consciência e uses o teu intelecto quando estiveres fora do corpo — e não o conseguirás fazer se estiveres paralisada de medo.

Agora, boa noite a todos, e dou-vos as bênçãos que tenho para oferecer.

(A Rachel tinha estado a falar sobre uma história de projeção astral, onde um homem via uma forma negra a tentar cortar o cordão prateado para que não pudesse regressar ao corpo.)

Boa noite a todos e bem-vindos aos nossos novos amigos.

Esse foi um aviso dado pela própria personalidade. Ele assustou-se para regressar ao corpo, pois já estava fora há demasiado tempo. Andava a vaguear onde não pertencia, e começou a entrar em realidades que não lhe diziam respeito. Era como um estudante fugitivo, e por isso criou a alucinação para se forçar a voltar ao corpo. A natureza da alucinação foi da sua autoria. Usou os seus próprios medos para a criar. Não foi criterioso. Não usou o bom senso. Sabia que era hora de regressar ao corpo, mas decidiu permanecer fora apesar disso — e por isso fabricou um pesadelo para se assustar de volta, como o rapaz traquina que era. E, na maioria dos casos, é isto que acontece.

Agora, os corpos não são tão valiosos como possas supor. Não há assim tantas personalidades ansiosas por uma existência física. Vocês colocam um valor muito elevado na vida física, mas em muitos casos, quem a deixou está grato por a ter deixado — não está propriamente desejoso de voltar.

Já vos disse várias vezes que demónios, nesses termos, não existem. Se os percecionam, são materializações dos vossos próprios medos. Quando compreendem isto, libertam-se dessas manifestações. Se os virem, sabem o que são. Não existe mal que vocês próprios não criem. Não há mais fantasmas a vaguear no meu universo do que no vosso — e muitos dos vossos são bem mais assustadores. O espírito de criatividade é muito forte, e vocês criam as realidades em que acreditam. Portanto, estejam atentos às vossas crenças.

Como o Ruburt mencionou, temos aqui presentes algumas energias intensas. Podem, de facto, envolver-se em experiências de projeção fora do corpo em grupo. Todos vocês podem participar, em maior ou menor grau, mas têm de querer participar. Têm de desejar a experiência — senão ela não acontecerá. De nada serve repetirem cinquenta vezes que vão sair do corpo antes de dormir, se no fundo do vosso pensamento estiverem a pensar: “Estou aterrorizado.” O vosso eu interior levantará um sinal de aviso. Não estão prontos.

A criatividade não pode florescer no meio de medos proibitivos. Os medos restringem e impedem o progresso. Por outro lado, se se permitirem liberdade, se derem liberdade ao vosso eu interior, então poderão sair do corpo com alegria, segurança e facilidade. Alguns de vocês estão prontos, e

isso nada tem a ver com o tempo que passaram na Aula. Tem a ver com o vosso sentido de liberdade interior.

Já o disse antes: uma das nossas viajantes mais experientes não tem a menor consciência das suas aventuras noturnas — e mais uma vez, não olho para ninguém em particular, porque não quero embaraçar-vos.

(*Rachel:* "Diz-me porque é que não me consigo lembrar.")
A resposta é tão simples que tu não a queres admitir. Não queres lembrar-te. Podes dizer a ti própria que queres, mas enquanto não quiseres verdadeiramente, não vais lembrar-te.

(*Rachel:* "Então se eu quisesse mesmo, lembrar-me-ia?")
Não o poderia ter dito de forma mais clara. Agora, vou fazer o seguinte: assegurarei que tenhas uma experiência fora do corpo muito vívida, a partir do estado de sonho. Com a tua permissão.

(*Rachel:* "Se fizeres isso, eu escrevo para o Ruburt.")
Escreve para ti mesma. Não compreendes. A nossa amiga aqui (para Sue) pode dizer-te — podes estar determinada a escrever a experiência e mesmo assim esqueceres-te. Tens de o fazer imediatamente. Agora dizes: "Não, não me vou lembrar logo depois."

(*Rachel:* "O que posso fazer para contrariar isso? Levantar-me imediatamente?")

Levanta-te imediatamente e livra-te da sugestão de que não podes lembrar. Começa a dizer a ti mesma que **podes** lembrar. Mas não te batas com a sugestão — diz-te apenas com tranquilidade que estás agora livre para recordar as tuas projeções. Percebes?

Agora deixo-vos fazer uma pausa — e estarei a escutar as vossas conversas.

(Durante a pausa, discutiu-se a realidade do tempo e como se poderia tentar explicá-la a outra pessoa.)

Isto é uma forma de compreensão psicológica e perceção intuitiva que está além das palavras. Não se pode explicar verbalmente aquilo que se sente. Já escrevi material usando métodos bastante subtis — há chaves dentro das palavras que escolhi, que abrem intuições, se lhes permitirem. Algumas

palavras são como portais, e se forem receptivos ao lê-las, entram nesses portais — e eles conduzem-vos à vossa própria compreensão intuitiva.

É por isso que não conseguem explicar à nossa Senhora Florence a natureza do tempo — ela fechou-se emocionalmente nesse campo. Não conseguem verbalizar o que eu sou ou o que acontece nesta sala — mas também não conseguem verbalizar o que **vocês** são, ou o que acontece dentro de vocês, na vossa mente. E há jornadas que cada um de vós empreende, sem saber, em palavras, qual é o destino, ou quando lá chega, ou quando o destino deixa de ser destino e passa a ser caminho.

Usamos palavras porque é com palavras que vocês lidam. Lidam com palavras fisicamente — mas o vosso eu interior não precisa delas. Aquilo que cada um de vocês experiencia ao ouvir-me não pode ser expresso em palavras. E aquilo que cada um sente de si mesmo, sozinho ou com os outros, também não pode ser dito. Vocês sabem, mas não encontram palavras.

Portanto, o que vos digo, até certo ponto, tem de ser distorcido — porque quando falo, uso palavras. Mas o vosso eu interior interpreta essas palavras. Vocês não precisam das palavras. Não precisam de mim sentado aqui a falar-vos — mas fisicamente acreditam que precisam, e por isso eu estou aqui. Fisicamente acreditam que estão aqui — e por isso estão aqui. Mas outras partes da vossa identidade estão noutros lugares, noutros tempos — e uso esses termos com leveza. Só para vos agradar, porque "tempos" e "lugares" têm significado para vocês — mas, na vossa realidade básica, não conhecem nem tempos nem lugares.

Vocês criam tempos e lugares. São ferramentas para se conhecerem. São métodos que toda a consciência utiliza para formar novas experiências e novos desenvolvimentos. Todos vivem em dimensões que não conhecem lugar nem tempo. Por isso o Ruburt tem razão: quando me perguntam por tempos e lugares, respondo-vos nesses termos. E quando souberem o suficiente para fazerem perguntas que não estejam ligadas a tempos e lugares, então compreenderão mais sobre a vossa própria identidade, sobre a natureza da vossa existência e sobre as capacidades que estão dentro de vocês.

Cada um de vocês, neste momento, sentado diante da imagem que chamam de Jane Butts ou Ruburt — cada um de vocês é, de facto, tão fantasmal

quanto imaginam que eu seja. Formam a vossa própria imagem física à vossa volta — e fingem que é o vosso verdadeiro eu. São, em outras palavras, aparições — e, numa enorme alucinação coletiva, todos concordam com as pessoas que veem e fingem que são os seres que veem. Mas são muito mais do que isso.

Agora deixo-vos fazer uma pausa. Não quero desfazer as vossas realidades — são demasiado queridas para vocês. São como crianças antes de uma festa de Natal. Há muitos presentes ainda por abrir — e alguns bem encantadores. Aproveitem cada um com calma.

(Após a pausa.)

Podes experimentar isto por ti próprio. Quando fazes exercícios de tempo psicológico, em apenas cinco momentos, podes ter experiências que escapam por completo ao teu contínuo espaço-tempo.

Nos sonhos, também escapas — embora nem sempre — e o tempo deixa de ter significado. Num sonho, podes viver episódios cheios de aventuras que duram anos, e ao acordares não envelheceste nem quatro anos. Durante o estado de sonho, podes viajar até aos confins do universo — tal como o conheces. Os vossos astronautas ainda não conseguem fazer isto segundo o vosso cronograma terreno — mas tu consegues, e ao regressares, não passou tempo algum em termos físicos.

O eu interior não conhece o significado do tempo. O tempo é fabricado da mesma forma que fabricam plásticos. É a mobília do vosso universo. Fabricaram-no vocês, para tornar a vida mais confortável. Mas acabam perdidos nas almofadas — nas almofadas dos minutos e das horas. O domínio físico e o intelecto estão voltados para a realidade física. Interpretarão sempre a experiência em termos de espaço, tempo e lugar. O eu interior sabe muito mais — e age como se o tempo não existisse, porque de facto **não existe**. São apenas regras que vocês adotaram, as regras do jogo que estabeleceram neste planeta. Têm validade apenas nesses termos limitados.

A vossa melhor pista para compreender a fabricação do tempo são as emoções. Uma experiência emocional intensa pode estar mais presente para ti do que um evento que aconteceu há dez minutos e que não teve

importância. A intensidade emocional pode desafiar as tuas ideias de tempo e lugar. Agora, quando tiveres uma cópia da sessão, sublinha esta frase. Não a penses. Sente-a.

(Para a Sue:) O teu sonho foi perfeitamente legítimo. A Mathilda era uma boa pessoa em muitos aspetos, apesar das relações familiares.

Agora voltamos à vossa pausa. Estão a andar às voltas entre os minutos e as horas. Usam os minutos e as horas como um chão. Acham que vos dão apoio, mas o chão pode tornar-se transparente se simplesmente olharem e se mantiverem atentos. Não existe tal coisa como um minuto ou uma hora.

(Durante a pausa, falou-se dos diferentes planos que visitamos entre vidas.)

(**Seth II:**)

Nós semeamos universos e consciências — os vossos animais e as vossas plantas. A consciência que os compõe é dotada por nós. As criaturas de sangue quente que conhecem são semeadas com a nossa consciência. São filhos dos nossos sonhos. E vocês também semeiam outras realidades, outros sistemas. São os filhos dos vossos sonhos.

Têm pouco contacto com essas realidades, mas o vosso eu interior recorda sempre os seus descendentes. E assim também nós vos recordamos — a vocês e ao vosso sistema. A consciência liberta as suas capacidades de formas que vocês não compreendem. E, no entanto, da vossa própria mente, nascendo dos vossos próprios sonhos, emergem outros sistemas de realidade — tal como vocês emergiram dos nossos sonhos. O vosso sistema pode ser comparado a um sistema de probabilidades que esteve sempre latente nas nossas capacidades, mas que não tinha ainda sido concretizado na nossa experiência.

(Após a pausa, Seth:)

Agora, chegou o momento para alguns de vocês — e já o disse antes — de irem além da aula do jardim de infância, para que possamos introduzir de vez em quando uma lição do terceiro ano. E é isso que temos estado a fazer. O que o nosso amigo, o Reitor (Theodore), disse aplica-se perfeitamente — e eu também atuei como tradutor. Essas mensagens serão dadas em termos

ligeiramente diferentes. Muitas vezes estarão desprovidas das imagens reconfortantes a que estão habituados. Por isso, são menos distorcidas.

Vocês gostam da palavra "sangue quente", mas de onde acham que vêm as vossas capacidades emocionais? Vêm de realidades que ainda não conseguem compreender. E como não as compreenderiam, elas têm de ser traduzidas.

São filhos de um Ser que não compreendem — e por isso vos foram contadas parábolas ao longo dos tempos. Mas agora chegou o momento de superarem as parábolas. Isso exigirá um grande esforço da vossa consciência — e também muito trabalho da nossa parte. Sou mediador, além de professor. Estou entre o que vocês são e o que **eles** são — nos vossos termos. E essa última expressão está carregada de sentido. Sempre que digo "nos vossos termos", saibam que é uma frase carregada — e lembrem-se disso quando lerem as sessões.

Reconheçam também que toda a consciência é individual e sagrada, e que nada disto pretende negar a integridade de nenhuma consciência. Portanto, não se sintam diminuídos nem sós — pois estão longe de o estar.

A outra personalidade sou eu mesmo, sem a ilustração. Gostam mais de mim disfarçado. Não vivi muitas vidas físicas sem desenvolver uma compreensão profunda da vossa realidade e dos vossos problemas. Mas também tive muitas outras existências que não são físicas, e através delas compreendi a natureza da realidade que agora não vos é aparente. À medida que procuram a natureza da realidade, também esses outros seres procuram compreender as realidades que eles próprios criaram. E cada um de vocês cria mais realidades do que consegue compreender.

Uso o humor como um método para chegar até vós. Por outro lado, compreendo o humor. Esses outros seres não compreendem humor, mas compreendem a alegria — e vocês não compreenderiam a natureza do riso cósmico deles.

Agora deixo-vos fazer uma pausa ou, se estiverem cansados, deixo-vos descansar.

(Após a pausa.)

E vamos tratar disso, mas parece que esta noite não o conseguiremos fazer. Durante estas aulas há muitos temas que quero abordar — e quando cada um estiver pronto para material pessoal, ele virá.

Mas há um ponto que quero salientar. No meu livro — no meu próprio livro — há dois capítulos em particular. Um chama-se "As Condições da Morte na Vida", e nele aponto várias questões que respondem, em parte, às vossas dúvidas. Em primeiro lugar: quando dormem, estão tão mortos quanto jamais estarão. Operam em condições fora do corpo. Vivenciam outras dimensões da realidade. Estão tão ocupados quanto na vida desperta, mas como não se lembram de manhã, parece-vos que estiveram inconscientes. Nesse estado, estão a aprender. Têm todas as oportunidades para estudar, observar as vossas vidas passadas (nos vossos termos) e beneficiar com isso.

Todos os nossos alunos regulares frequentam aulas — quer saibam ou não. Consigo trazê-los aqui uma vez por semana, como regra, mas também vos tenho noutros planos de realidade. Todos vocês têm tarefas. Alguns de vocês ajudam pessoas que acabaram de deixar este sistema a adaptarem-se às novas condições. São mais inteligentes quando dormem do que quando estão acordados. Aprendem tanto assim quanto entre vidas. Esse é o ponto que queria deixar claro. Na vossa existência desperta, estão apenas focados na realidade física. Quando o corpo dorme, vocês já não estão focados nele — e iniciam outras aventuras e, nos vossos termos, expandem a vossa própria educação.

(Para a Sue.) Agora, a nossa Mathilda aqui — reparem que não estou a olhar para ela — está a tornar-se cada vez mais consciente das suas aventuras noturnas.

(Para o Theodore.) E espero, para o nosso Reitor, um regresso ao Grande Salão — e lá deves receber a resposta à pergunta que fizeste mais cedo. Mas, se por alguma razão não a receberes, então eu próprio to direi. Estou interessado em ajudar-te a desenvolver as tuas próprias capacidades — por isso respondo apenas às questões que sei que não conseguirás responder sozinho por enquanto. As que conseguirás, deixo abertas. Gosto de vos fazer trabalhar — faz-vos bem.

(Para a Laurie.) Agora andas a brincar na tua casa assombrada. Estás a experimentar o que consegues fazer com energia psíquica. E isso é bom. És

como uma criança a brincar com uma bola — só que foste tu a fazer a bola, e ela vai levar-te numa perseguição bem divertida. É um bom exercício — e um jogo saudável. Só não te assustes se a bola saltar demasiado alto.

Não precisavam de esperar por mim para dizer "boa noite." Não é preciso cerimónias. Mas, caso estivessem à espera que eu formalizasse a despedida, aqui o faço: dou por encerrado o nosso encontro. Agora tenho um P.S.

(Para Rachel.) A resposta quanto ao teu gatinho deve chegar-te intuitivamente, e está disponível. Ser-te-á dada no estado de sonho e, novamente, de manhã — se te lembrares. Posso dar-te a informação, mas é melhor que a recebas por ti mesma. A consciência que era o gato está agora **muito mais livre** do que antes. Iniciou novas e mais elevadas formas de organização — e está consciente de capacidades mais amplas.

AULA DE PES

20 DE OUTUBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

Agora há algo que deves fazer — não agora, mas em breve — e eu direi o que é quando chegar o momento. E agora, até o meu pós-escrito está terminado.

(Para Sue.)
Não houve propriamente uma "ligação" — isto é um pós-escrito ao pós-escrito — mas houve uma relação definida entre nós no passado, e foi por essa razão que foste trazida ao Ruburt, às aulas. E foi porque me conheceste numa vida passada específica e tinhas empatia por mim nessa altura que estás agora tão consciente de mim no estado de sonho.

Agora envio-vos os meus cordiais cumprimentos e os melhores votos — e não se preocupem.

(Para a Laurie.)
Não disse que não há algo legítimo a acontecer nessa casa. Disse que estás a brincar com habilidades psíquicas como uma criança a brincar com uma bola.

(Após uma discussão sobre probabilidades.)

Estão todos a ter as vossas próprias experiências, como eu disse que teriam, e elas seguem as linhas do vosso próprio desenvolvimento e capacidades.

(Para Sue:)
Fizeste muito bem. Agora, por estares interessada em probabilidades, terás muitas mais experiências nesse sentido. Vamos saltar para trás e para a frente — e com o nosso amigo Ruburt também, pois este é um dos seus principais interesses — mas a tua experiência pessoal pode beneficiar toda a Aula. É necessário que vejas que é possível **alterar eventos físicos** dessa forma. Precisarás de reconhecer que existem outras dimensões da realidade nas quais também existes, e que **não estás limitada** ao sistema tridimensional que conheces.

Quando estás em silêncio, no estado de sonho ou a fazer tempo psicológico, libertas-te do sistema tridimensional e permites que a tua consciência reconheça outras partes da sua própria realidade.

Tenho estado muito ocupado com todos vocês.

(Para Sally.)
Também tenho estado aqui — mas temos aqui uma alma bem medrosa, pois foge na outra direção. Pensas no corpo como uma casa quente e reconfortante — e relutas em deixá-la. Mas um dia vais deixá-lo — e é melhor que te vás habituando agora e aprendas como funciona. Não venhas depois queixar-te a mim — porque direi: "Eu avisei."

(Para Nadine.)
Diz à tua amiga e transmite-lhe a mensagem que te foi dada. Ela será compreendida. Inconscientemente, a gémea perceberá a mensagem e compreendê-la-á.

Vamos fazer com que tenham noites muito aventureiras, e aqueles que praticam tempo psicológico e dedicam tempo físico suficiente aos exercícios descobrirão a mobilidade da consciência — estou a usar este termo porque o Ruburt gosta muito dele — que é necessária. Podem expandir o vosso conhecimento consciente da realidade, se estiverem dispostos a isso.

(Para Giselle.)
Estou ciente dos problemas de que o Ruburt tem conhecimento, e falaremos sobre eles mais tarde, quando puderes vir até aqui e conversar.

Acho que queriam que soubesses que as tuas experiências foram legítimas.

Agora, deixo-vos fazer uma pausa. Longe de mim monopolizar a conversa, mas espero que trabalhem — e o trabalho pode ser alegre, como muitos de vocês já sabem.

(Para Mary Ellen.)
Estás a ter uma aula de psicologia como nenhuma outra que alguém esteja a frequentar — e estás a aprender muito sobre a natureza da personalidade humana.

(Para Dennis.)
Estás de facto a ajudar as pessoas que falam contigo, e poderás ajudá-las ainda mais à medida que desenvolveres as tuas capacidades. E foi por isso que vieste até aqui — pois também irás ensinar outros.

(Após a pausa.)

Diz ao nosso amigo Ruburt que o Nassair **não deve** criar o fundo offshore que está a planear. E diz-lhe que esta é a única mensagem que tenho para o Sr. Nassair neste momento. Ele vai querer saber porque está com isso na cabeça. Diz-lhe também que o amigo do Sr. Nassair, que esteve na aula, **sabe subconscientemente** que Nassair não deve avançar com o fundo agora — mas não quis assumir a responsabilidade de o dizer. Podes chamar-me o teu simpático corretor de esquina.

(Para Colleen.)
Foste homem em várias existências. Não te preocupes com os sonhos em que apareces como homem. Vamos abordar todos os teus sonhos nas sessões. Isto era apenas um ponto específico que queria referir-te.

(Para Florence.)
Tenho outro ponto a fazer à nossa Senhora Florence — embora não seja o ponto que tu queres que eu faça. Existe, de facto, uma razão para teres estado envolvida com personalidades que puseram termo à própria vida, e quero que leves isto a sério. Quero que compreendas até onde o ceticismo e a descrença podem conduzir — quando um indivíduo os leva ao limite. Quando alguém age com base numa descrença profunda, encontra o desespero. A tua própria personalidade está construída com elementos fortemente contrastantes, como bem sabes. Tens uma forte inclinação para a busca de sentido e procuras intensamente o significado da realidade e da

existência. No entanto, também tens medo de te comprometer com as tuas crenças e agir segundo elas de forma plena.

Escolheste, portanto, envolver-te num círculo de relações com pessoas que seguiram um caminho sem propósito até ao fim — onde a crença desaparece como areia em movimento até que já não há estrutura onde a personalidade se possa sustentar, e onde, no desespero, o indivíduo abandona este plano de existência. Mas noutra dimensão, os propósitos tornam-se claros.

Em todos os casos das pessoas com quem te preocupaste, o problema de base era o mesmo: tinham perdido o sentido de realidade, de propósito e de identidade própria. Procuravam, então, a identidade noutros reinos da existência — porque não conseguiam compreendê-la nesta vida. E isso serve para te levar a abrir as portas — que tu sabes que existem — para o teu eu interior.

Tiveste um efeito positivo sobre essas pessoas — por isso, não há motivo para te culpares. Mas estavas destinada a testemunhar o que lhes aconteceu e a ver por ti mesma até onde pode levar a sensação total de falta de sentido. Estas experiências devem servir de impulso para procurares o significado da tua própria identidade, e devem encorajar-te a abrir os portais da intuição que conheces, mas que ainda não usaste. Agora estás a começar a fazê-lo — e isso é o mais importante que tenho a dizer-te esta noite. De muitas formas, isso deve tranquilizar o teu coração.

Também há relações reencarnatórias — não necessariamente com essas pessoas — que explicam o facto de as teres conhecido nesta vida. E um dia direi quais são — se não descobrires por ti mesma. E eu preferia que fosses tu a descobrir. Esta é uma aula do tipo "faça você mesmo."

Não vos vou prender aqui. Já disse o que queria que fizessem, e espero que continuem com os vossos exercícios de tempo psicológico.

(Para Laurie.)
Sugiro que tentes pintar a tua impressão da personalidade que está na tua casa. Deixa-te levar. Simplesmente põe-te diante das tintas e pincéis e começa a pintar — sem esperar pela imagem. O pincel vai pintar.

(Para Arnold.)
Estás a ir bem. Apenas estiveste a descansar. Agora é altura de voltares a

levantar voo. Farás isso ao teu próprio ritmo — e isso é bom. E quando começares a progredir mais, as tuas experiências tomarão uma linha bastante especializada, creio eu — como verás.

(Para Valerie e Vanessa.)
Agora, envio-vos as minhas saudações — e vou lançar-vos, como o Ruburt diria, um pequeno mimo. Foram irmãos gémeos numa vida passada, na Grécia. Gostaria de dizer que foi uma vida grandiosa e que foram gladiadores — mas eram rapazes de casa. No entanto, eram muito próximos — e essa proximidade psíquica está agora a reaparecer nesta vida. Trabalharão bem juntas.

(Para Vanessa.)
Tocavas, creio que se diz assim, os címbalos.
(Para Valerie.)
E tu, como diria o Ruburt, eras selvagem na flauta. Nos vossos tempos livres, quando as tarefas estavam feitas, entretinham viajantes. Também tinham imaginações férteis e contavam histórias fantásticas. Essas histórias eram passadas de boca em boca pelos viajantes — e algumas acabaram por integrar o folclore persa. Por isso, se eram rapazes de casa, eram-no muito criativos.

Agora, estão todos prontos e cheios de vontade esta noite — e espero alguma companhia esta noite, enquanto dormem. E enquanto os vossos corpos estiverem deitados tão quietos (a menos que roncando), espero que haja alguma atividade fora do comum.

(Para Dennis.)
Para tua informação, tens estado a frequentar aulas no estado de sono há já algum tempo — e tens sido um bom aluno.

Ruburt tinha outras coisas planeadas para a aula esta noite — e lembrem-se: não venham para aqui ouvir-me como se eu fosse um pregador de domingo, porque faço todo o esforço para mostrar-vos que não sou. Ou por outras palavras: nos outros dias da semana, espero que estejam ativos. E quando digo “ativos”, quero dizer ativos a sério.

Agora, todos vocês têm capacidades — e devem aprender a usá-las. Devem usá-las como o nosso amigo aqui fez: não apenas para vosso próprio

benefício e crescimento, mas também para transformarem o mundo em que vivem — porque ninguém o fará por vocês. Nem eu posso fazê-lo por vocês. Nenhum Deus pode mudar o mundo por vocês, pois deu-vos a energia criativa para formarem o vosso próprio mundo — e vocês podem mudá-lo através da alegria, e não da solenidade. Podem mudá-lo através do amor ativo, e não da sobriedade. Podem mudá-lo ao entregarem-se à criatividade com alegria, e não ao conterem-se. Em suma, podem mudá-lo sendo quem realmente são — não aquilo que vos disseram que são, mas aquilo que descobrem ser. E, na própria descoberta, já estão a transformar-se — e as vossas capacidades começam a expandir-se — e a pessoa limitada que conheciam já é um mito.

Agora, todas as bênçãos que eu possa ter, eu dou-vos. Que a vitalidade que é vossa se erga dentro de vocês e cante e grite, como eu faço. Um dia teremos uma sessão de gritos juntos, quando fizermos a aula noutro lugar.

(Para Sue:)
E tu, levanta-te e segue em frente. Os acontecimentos desenrolar-se-ão como tu e o Ned já decidiram — e irão desenrolar-se da melhor forma. E paz. E não, não estou a brincar: nada de pedaços de ansiedade, culpa e dúvida, mas paz — onde a ansiedade e a dúvida se desfazem.

Agora, desejo-vos uma boa noite. O Ruburt pensava que me tinha esquecido.

AULA DE PES

– 27 DE OUTUBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

(Rachel leu um excerto do livro "The Sky People")

Não tenho muitos comentários a fazer, mas há um que tenho mesmo de dizer.

Vocês estão aqui para desenvolver capacidades.
Não perderam estatuto algum ao aceitarem a existência física. Há uma interpretação do significado da “queda” (em termos bíblicos), e noutra ocasião direi qual é — mas não esperem uma filosofia que vos diga automaticamente que, ao tornarem-se humanos, se degradaram. Essa é outra história tão destrutiva como a do pecado original, apenas contada com palavras diferentes.

A existência neste sistema envolve criação, sim — e a criação envolve desenvolvimento e novas dimensões. A consciência abriu novas dimensões de atividade, desenvolvimento e consciência. A existência física tornou-se um facto. Não há qualquer degradação nisso. Quem vos disser o contrário está, na prática, a afirmar que só por serem humanos estão de algum modo condenados — mesmo que a "salvação" vos seja oferecida. E isso não é verdade.

Os excertos que o Ruburt leu em aula esta noite estavam bastante distorcidos — mas menos nocivos do que os que acabaste de referir.
A existência humana representa crescimento, desenvolvimento e o nascimento da consciência numa nova dimensão de atividade.
Vocês não caíram por um túnel de degradação de onde agora precisam de subir.
Infelizmente, esta tem sido uma das grandes distorções que se perpetuou ao longo dos séculos — e foi o único ponto sobre o qual senti necessidade de intervir.

(Durante o intervalo, Florence perguntou: "Em que ponto estamos, como humanos, na escala do desenvolvimento?"
Arnold respondeu: "Existimos desde sempre e continuaremos para sempre. Numa escala infinita, os pontos individuais perdem o sentido. Suponho que somos todos iguais, mas cada um de nós é uma parte de uma identidade maior.")

Estás a ir muito bem. Mas com o teu último comentário… recuaste.

(*Arnold:* "Mas nós evoluímos, não é?")

Agora, é bom que, às vezes, respondam uns aos outros. Traz à tona coisas que não sabiam que sabiam — e ajudam-se mutuamente. Gosto de ver isso. Há também pontos excelentes nesse livro, e num momento oportuno, começarei uma discussão — ou um monólogo — sobre a origem da humanidade, como vocês a conhecem.

(Para Florence.)
Gostaria que tu, nossa querida Senhora de Florença, te tornasses consciente das perguntas feitas pelo teu eu interior, e que não seguisse o intelecto como um cachorrinho a seguir o próprio rabo de círculo em círculo sem resposta —

porque limitas, assim, o alcance da tua imaginação. Formas círculos à tua volta. Em vez de usares o intelecto como ponte para a liberdade, muitas vezes usas como trela.

Estás a aprender a ajustar a trela — e, de vez em quando, com muito cuidado, deixas-te afastar um bocadinho dela.
Mas o teu eu interior continua a empurrar-te para a aula, mesmo que o teu intelecto fique cada vez mais frenético.
Em certo sentido — e é um sentido muito importante — as respostas fundamentais não te podem ser dadas. Têm de ser vividas. Vais conhecê-las da mesma forma que sabes que estás a respirar — mas talvez aches muito difícil verbalizá-las.

Agora, a resposta mais próxima à última pergunta que fizeste foi dada aqui (para Arnold). E isso é natural — afinal, temos aqui um velho deus africano entre nós.

Precisas de exercitar a tua própria intuição — e de a vocalizar. Porque ao ouvires as tuas próprias palavras, percebes o que realmente sentes e acreditas. Por isso, gostaria que a nossa senhora de Florença repetisse a pergunta — e gostaria que os colegas da aula dessem as suas respostas.

Quero especialmente ouvir respostas daqui (para Arnold), daqui (para Dennis) e daquela figura silenciosa lá ao fundo (para Laurie).
E antes de mais, uma observação para ti (para Florence): tu acreditas que a intuição e o intelecto são inimigos naturais — mas não são. Não precisa de haver uma batalha com tu própria no meio.

Agora, vamos ver que respostas surgem. Estarei a escutar.

(*Florence:* "Gostava de saber em que ponto estamos na escala do desenvolvimento.")

Pensa em círculos — não numa linha.

(*Florence:* "Mas o Seth disse-me para não pensar em círculos.")

Esse é o melhor exemplo de usar o intelecto como trela que já ouvi.
Agora, todos vocês são aspetos diferentes de um Eu total, ou Entidade.
Imaginem um puzzle. Um puzzle completo está sobre a mesa. Ele existe

como um todo. Podes ter uma peça grande ou uma pequena. Será que uma peça pequena é “menos desenvolvida” do que uma grande? E onde está o tempo nesse quadro? Todas as peças existem em simultâneo, e o puzzle está sempre a mudar. Nunca é o mesmo.

Queria que pensasses bem antes de fazeres a próxima pergunta — por isso interrompi-te. E agora vou desaparecer (blink out) e deixar o Ruburt aparecer (blink on) antes de responderes novamente.

O puzzle existe de forma multidimensional.
Vês-me com a aparência do “meu eu mais conveniente no tempo”. E vou responder-te nos termos em que colocaste a pergunta — porque não te consigo fazer reformulá-la.
E nos termos em que a fizeste, estás no jardim de infância.
Quando aprenderes a reformular a pergunta, já não estarás no jardim de infância.

Todos vocês têm acesso — literal, imediato — à energia que movimenta o universo.
Não é um acesso indireto, nem emprestado — é pessoal e direto.
A parte de vocês a que chamam “Eu superior” já existe — está apenas à espera do vosso reconhecimento.
E, embora vos pareça que o estão a procurar, digo-vos: ele está dentro de vocês — dentro do eu que já conhecem.

E digo isto a cada um de vós.
Fazer este exercício mental, psíquico, espiritual e imaginativo de responder à pergunta da nossa amiga foi benéfico para todos — porque a mesma questão, formulada exatamente da mesma forma, também estava no fundo das vossas mentes.

Muitas vezes, quando a nossa amiga faz uma pergunta, não a faz apenas por si — embora pense que sim. Ela capta perguntas telepaticamente de vocês e dá-lhes voz. E faz isto acreditando que não tem qualquer capacidade psíquica.

(Para Rachel.)
E há outra pessoa que faz algo muito semelhante — mas de forma diferente.

Alguns de vocês estiveram muito ativos esta semana — e lembram-se disso.
Outros estiveram muito ativos — e não se lembram.

(Para Dennis e Giselle.)
Ambos têm aprendido imenso — e, quando estiverem prontos para tomar consciência do que aprenderam esta semana, isso virá à superfície.

(Para Mary Ellen.)
Estás a ir muito bem em certos aspetos — e precisas de equilibrar outros.

Despeço-me com carinho de todos — e quando vos falo no estado de sonho é para compensar o que não posso dizer-vos em aula.
Uma afetuosa boa noite — escalas e tudo.

(*Florence comentou sobre a palavra "origem" dita por Seth.*)

Origem.
Não esqueças que, ao longo dos séculos — e através do tempo — as informações tiveram de ser dadas de acordo com o contexto da época. Muitas vezes, as perguntas tinham de ser respondidas nos termos em que eram feitas — e essas perguntas, muitas vezes, estavam carregadas de distorções.

Muitas perguntas — e perdoa-me, querida Senhora de Florença — não podiam ser respondidas de forma verdadeira, porque eram, na sua base, sem sentido dentro do tecido real da realidade.

E isso tem muito a ver com as distorções que nos chegaram até hoje — tanto na Bíblia como em muitos outros textos.

E agora deixo-vos com uma só palavra: Origem.

AULA DE PES

10 DE NOVEMBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

Agora, desejo-vos a todos uma boa noite, e uma boa noite especial a uma velha amiga que não tem estado presente há algum tempo.

(Para Rose C.) Esta amiga gostaria de obter alguma informação — e há muito tempo que a deseja. O Ruburt também sabe disto. Ele também sabe que a nossa amiga se perguntou muitas vezes por que razão essa informação não lhe foi dada antes.
Pois bem, vamos fazer uma pausa. Houve, de facto, razões pelas quais não

recebeste a informação mais cedo — e essas razões devem ser evidentes para ti, se pensares um pouco no assunto.
Tens tendência a remoer. Recomes as experiências desta vida — e depois queres que eu te dê informações sobre mais cinco vidas, para poderes remoer cinco vezes mais.
Ora, não importa que informação te seja dada, porque enquanto não mudares de atitude, encontrarás sempre algo sobre o qual continuar a remoer.

Por isso, vou dar-te alguns "presentes" — e reter outras informações até que me digas que a tua atitude mudou.

Estás aqui esta noite por uma razão específica — quer tenhas consciência disso ou não — e é porque conheceste os nossos novos amigos, as gémeas gregas (Valerie e Vanessa). Por isso vieste quando elas vieram à aula.
Viveste, em certa altura, na mesma região mencionada em relação às gémeas — e agora dá-nos um momento…

Nessa vida, foste professor de música, ensinando principalmente flauta, mas no fundo da tua mente tinhas um grande plano que nunca conseguiste concretizar nessa vida.
Sonhavas com um instrumento chamado piano — perguntavas-te como poderia ser criado, como funcionaria… e, ainda assim, na tua mente, ouvias a música.
E quando ensinavas flauta, tinhas sempre a ideia do piano lá ao fundo — e tentavas fazer com que a flauta fizesse coisas que a flauta nunca poderia fazer.

Foste um professor severo, mas o amor à música dessa vida ainda te sustenta nesta.
Nessa vida eras homem. Começou tudo numa província a três dias de Atenas.
Mais tarde, a tua reputação espalhou-se e mudaste-te para Atenas.
Tiveste uma vida anterior, na época em que eram escritos os mais importantes dramas gregos. Nessa vida, foste actor.

Na segunda vida mencionada, eras tio das gémeas. No início, viveste na pobreza, mas foste acolhido por um homem rico numa cidade dessa província. Lá, fazias tarefas domésticas enquanto jovem, mas aprendeste flauta com o filho mais novo da família. Tornaste-te rapidamente muito mais

proficiente do que ele — e deram-te a flauta dele, o que não lhe agradou. Usaste a flauta para te libertares da casa e da tua posição. Levaste contigo dois sobrinhos. Durante alguns anos, apesar de teres estabilidade financeira, não podias sustentá-los, e eles foram acolhidos por outra família abastada.

No último quarto da tua vida, tiveste uma dificuldade física forte, que te impediu de exercer o teu ofício. Durante esse período, começaste a imaginar cada vez mais esse estranho instrumento chamado piano — e compuseste para ele na tua mente.

Tiveste ligação com um homem chamado Aurelius, um estadista. Durante algum tempo, fizeste parte da sua casa.
A tua música era o teu deus — o teu motivo de viver. Deste-lhe tudo o que tinhas.

Na Alemanha do século XVIII tornaste-te um pianista conhecido. O apelido parece ser Ramburg, e o primeiro nome, creio eu — embora não com total certeza — Marc.
O teu segundo nome era Aurelius — uma homenagem à vida anterior.

Vivias numa pequena cidade perto de Hamburgo, onde eras professor de música e pianista numa escola, aparentemente associada a um ginásio ou chamada de ginásio. Trabalhaste muito com música marcial — e, nesses termos, a música era usada como método de disciplina em vez de liberdade ou espontaneidade.

Descobriste que a música tinha muitos usos — não apenas para inspirar amor, mas também para incitar à violência.

Entre 1832 e 1856, tiveste uma vida muito breve — sob, creio eu, um czar — e nessa vida conheceste o teu atual marido, que então era uma rapariga jovem — irmã (ou irmão?) de um dos teus alunos.

Essa breve vida ensinou-te que a música, como parte da criatividade, podia ser usada violentamente pelo Estado e pela autoridade.
Nessa altura, eras extremamente dogmático e não te permitias total liberdade, nem com o teu instrumento, nem com a tua vida. Mas precisavas de conhecer o poder da música e como ela podia ser usada, para que a pudesses utilizar com sabedoria.
Portanto, não há necessidade de remoer.

A música foi o teu interesse principal em várias vidas.
Mas por trás disso, sempre tiveste um interesse por emoções transformadas em formas criativas — como música ou arte.
No entanto, por vezes, foste excessivamente suscetível às emoções, ao ponto de te deixares dominar por elas — sem escapatória.

Pegavas numa emoção e seguia-la obsessivamente até onde ela te levasse.
Não eras capaz de te separares das tuas emoções — e, até certo ponto, estás agora a aprender a fazê-lo.
Estás a aprender que precisas de o fazer. As emoções não são cavalos para te conduzirem.

Visitaste um lugar que também foi cenário de uma vida passada, em Inglaterra — antes da vida na Alemanha.
Foi uma vida longa, em que eras mulher e solteira.
Eras culta, para a época, mas sem rumo, e ganhavas a vida a escrever cartas para outras pessoas.
Tinhas um grande apreço pela música, mas copiavas as composições e cartas de outros.
Aprendeste disciplina, pois não te permitias expressar a tua própria criatividade — colocavas-te ao serviço da comunicação dos outros.
Nem sequer te permitias comunicar através da música.

(Para Louise.)
Ora, se queres tossir — tosse à vontade e não fiques embaraçada.
Não há nada pior do que tentar tossir e tentar não tossir ao mesmo tempo.
Agora deixo-vos fazer uma pausa — podem tossir à vontade.
(E eu não queria sugerir isso, se por acaso não tinham necessidade de tossir!)

(Durante o intervalo, discutiu-se a cura e as imagens físicas.)

Todos vocês são partes do vosso próprio eu superior, os vossos eus multidimensionais.
Estes eus sabem como curar — e, no estado de sonho, farão isso, se vocês o permitirem.

No entanto, transportam muitas das vossas ideias erradas para certas áreas da realidade onírica — e mesmo aí fecham muitas portas.

Cada um de vocês cura-se automaticamente todos os dias, como bem sabem. As células morrem e renascem. Renovam os vossos corpos a cada sete anos — tudo isto sem conhecimento consciente.

Utilizam a energia do universo constantemente para se curarem, mas têm ideias muito específicas sobre como a cura pode ocorrer, sobre o que é ou não possível.
Esperam que as células se renovem.
Esperam que a vossa imagem física continue dia após dia — embora a matéria física do vosso corpo hoje não tenha um único átomo que já tenha feito parte do vosso corpo há dez anos.

O corpo que tinham há dez anos está morto e desapareceu — e nem deram por isso.
E, no entanto, não se sentem mortos. Sentem-se bem vivos.

Tomam estas coisas como garantidas — mas estão constantemente a formar o vosso próprio corpo, em alinhamento com as crenças que têm.

Se acreditarem, por exemplo, que têm uma vesícula com problemas, e não descobrirem as razões por detrás disso, irão reproduzir essa mesma vesícula doente em cada nova renovação do corpo.

E não vos ocorre que, se o vosso corpo é completamente renovado a cada sete anos, não há qualquer razão para recriar o mesmo problema de sempre.

De facto, podem curar-se a vocês próprios — mas têm de perceber que o podem fazer, para o fazerem eficazmente.

Há, infelizmente, uma grande diferença entre teoria e prática — como bem sabem, especialmente na medicina (para Nadine).
Por isso, quando vos digo que podem curar-se, também vos digo que há obstáculos no caminho — e esses obstáculos são as ideias que têm nas vossas cabeças, que vos impedem de usar as vossas próprias capacidades.

Não há uma única pessoa nesta sala que não possa contactar o seu próprio Eu superior e deixar que esse Eu cure o vosso corpo físico — pois ele pode usar as suas capacidades livremente.
Não sofre dos vossos bloqueios atuais.
Não pensa que é gordo, não acha que tem um pescoço mau, nem um pé

defeituoso.
Pode apagar as vossas dificuldades com a mesma facilidade com que se apaga um erro numa pintura — com facilidade, rapidez, beleza e perfeição.

Agora, até certo ponto, todos vós tiram partido destas capacidades — ou nem sequer teriam corpos físicos para começar. Os vossos corpos simplesmente não durariam tanto tempo, nos vossos termos.
Mas quando não conseguem fazer isso por vocês próprios, e as vossas ideias erradas vos impedem de usar as vossas próprias capacidades, então existem outros que podem reativar as vossas energias internas e direcioná-las a vosso favor; que vos podem encontrar e falar convosco quando se encontram em estados mais propícios do que aquele que normalmente chamam de consciência — ou seja, quando estão mais criativos e atentos: enquanto dormem.

Esses outros podem então comunicar convosco, iluminar-vos quanto às razões por trás das vossas dificuldades e ajudar-vos a apagá-las.

Quero que cada um de vós compreenda, no entanto, que têm essas capacidades — e que as usam.
Quando cortam um dedo, a pele regenera-se.
Isso acontece automaticamente, graças a uma parte vossa que não é consciente, mas que é muito real e vital.
Estão vivos enquanto me ouvem, mas não sabem o que vos mantém vivos.
Isto é tratado pelo eu interior — e se confiarem nele, ele manter-vos-á com excelente saúde.
Sempre que duvidam dele, então precisam de médicos e enfermeiros — e é bom tê-los, caso não tenham outro recurso.

Contudo, há muitas personalidades que compreendem as vossas dificuldades, simpatizam com elas e vos ajudam quando as invocam — e esse é o caso do curador a quem recorreram.

Ainda direi mais sobre este assunto, mas agora podem fazer uma pausa — socializem, até tussam se quiserem.

Esta é a vossa pausa, mas quero deixar um comentário durante ela:
São responsáveis pela vossa saúde, assim como pelas vossas doenças.
Formam os vossos corpos físicos de acordo com a vossa conceção interior de

quem são, em qualquer momento.
A palavra *psicossomático*, portanto, é algo enganadora.

Agora, se me permitem, tens uns olhos lindíssimos (para Louise).
Foste tu quem os criou.
És, portanto, responsável por eles.
Representam uma parte de ti que estás a materializar com grande sucesso na realidade física.
Será isto um efeito psicossomático… ao contrário?

([Louise:] "Talvez seja, mas não estou consciente disso.")

Estás consciente do teu corpo tal como o conheces, e forma-oo — mas ainda não tens essa consciência.

O ponto que quero sublinhar é este:
Formas as tuas doenças e as tuas limitações físicas, mas também formas toda a tua constituição física — e os pontos positivos da tua imagem física são igualmente criação tua.
Agora, podem continuar com a vossa pausa.

(Durante o intervalo, Nadine disse que os filhos estavam sempre doentes e que tem um medo terrível de germes.)

Podes eliminar toda a doença, quando perceberes que tens o hábito de a atrair para ti por medo.
O que mais temes é aquilo que mais atrais para ti.
Em vez disso, deves concentrar-te naquilo que desejas — e não te preocupes tanto sobre onde estou, ouve apenas o que te estou a dizer agora.

Podes aprender a focar-te naquilo que queres e atrair isso para ti — e podes aprender, sem grande dificuldade, a reestruturar completamente os hábitos de saúde da tua família.

Há razões relacionadas com vidas passadas para essas tuas atitudes, bem como para a profissão que escolheste — e vamos abordar isso.
Mas primeiro, deves entender que podes atrair saúde, vitalidade e força para ti — e que não estás à mercê de germes rastejantes ou monstros voadores que vêm atacar-te a ti ou à tua família.
Nem estás à mercê de nenhum "facto".

Digo-te isto porque, na tua mente, a doença tornou-se símbolo de algo muito mais profundo — um símbolo do mal.
Na tua mente, esse mal ataca-te subtilmente, através de pequenas doenças.
Isto foste tu quem criou — e podes deixar de o criar.
Agora vai para casa e sente-te bem.

Um dia destes vou mudar as feições deste aqui (referindo-se a Jane), só para terem algo novo para olhar.

Agora, quero fazer alguns comentários:

(Para Rose) A nossa amiga aqui no canto tem capacidades de cura e pode usá-las — principalmente para os outros, embora também as possa usar para si mesma, desde que não esteja a remoer.

(Para Louise) A nossa nova amiga aqui, a tossiqueira, também tem fortes capacidades de cura. Já as usaste inconscientemente, mas podes usá-las com mais propósito — para ti e para os outros.

(Para Rachel) A que está aqui no sofá, que me pisca o olho de maneira infame, também tens capacidades de cura.
No geral, diriges essas capacidades para fora, para os outros.
E quando tiveres uma melhor opinião sobre ti própria, poderás usá-las em teu benefício.
Neste momento, não achas que és digna disso.
(Pisca-me o olho e ainda me torce o nariz!)
Estas são capacidades que podes aprender a usar e a desenvolver.

(Para Nadine) Muitas vezes, quem tem fortes capacidades de cura foca-se demasiado na doença, quase como os ministros que, ao pensarem em Deus e no bem, acabam obcecados com o diabo e o mal.

Também tens fortes capacidades de cura — mas na tua vida pessoal, até agora, essas capacidades têm estado latentes, por causa do medo e da obsessão em sentido contrário.

Perdoa-me a comparação: é como uma mulher com desejos muito terrenos e fortes capacidades nessa área, mas que recusa rigorosamente usá-las, e em vez disso obsede-se com pensamentos sobre o mal, reprimindo esses desejos só porque sabe que são intensos.

Na tua vida pessoal, tens medo de usar essas capacidades de cura.
Não as compreendes — e, no entanto, na tua profissão usas essas capacidades livremente — e já viste como funcionam.

Já vi muitos que encaram na minha vida, mas nunca vi um olhar como este (referindo-se novamente a Nadine).
E se o nosso pobre amigo Ruburt tiver buracos nas costas depois desta sessão, será melhor enfiar-lhes algodão, mas pelo menos saberás de onde vieram.

Quando eu decidir olhar verdadeiramente para ti, saberás que foste olhada.

Ainda terei mais a dizer esta noite sobre a cura, mas por agora vou deixar-vos fazer uma pausa, para que a nossa amiga aqui possa ir para casa descansar.

([Nadine:] "Acho que ele não gosta de mim.")

Se não gostasse de ti, não gastava tanto tempo a falar contigo.
Então, porque é que achas que não gosto de ti, quando dedico tempo e esforço, porque me preocupas, e respondo às tuas perguntas?

Deve ser da voz — não é lá muito melodiosa.
Mas se tivesses de falar através de outra pessoa em vez de usares a tua própria voz, verias que há muitas dificuldades envolvidas.
E além disso, é divertido ver-te tão atrapalhada.

(Depois do intervalo)
Agora, aproximem as cadeiras e vou contar-vos uma história.
Mais perto. Tu também, nossa pensadora profissional.

Agora vou beber um pouco disto — não é um bom brandy, é um bom vinho, mas não é brandy.

Agora, vou contar-vos um conto infantil.

Era uma vez, há muito tempo, numa estrela distante, vivia um povo extraordinário.
Não eram seres físicos, nos vossos termos — e se hoje viajassem até essa estrela nas vossas naves espaciais, não os veriam.
Caminhariam pelos seus campos e pensariam que a terra estava deserta.

Aterrariam com as vossas naves e, embora toda a população viesse receber-vos, não veriam ninguém.

Nessa altura muito remota, estes seres, dotados de enormes talentos — e que ainda hoje são assim — tinham um sonho.
Eram, de certo modo, matemáticos e cientistas, mas numa vertente não física, que nada tinha a ver com espaço ou teorias físicas.

Imaginaram, a partir do seu grande poder criativo, uma dimensão de realidade onde existissem árvores, campos, seres físicos com corpos físicos, céus azuis e água a cair do céu.

E dessa imensa criatividade — e a partir de si próprios, pois eram, nos vossos termos, uma raça de deuses — conceberam essa dimensão, e enviaram porções da sua própria entidade e consciência para habitá-la.

E quando digo que o fizeram, fizeram-no com alegria e com grande entusiasmo.
Mas também, sentiram tristeza ao ver uma parte de si a afastar-se para sempre.
E ainda assim, fizeram-no para que vocês pudessem existir… e cantar.

E assim, nesta história infantil, contada em parábolas e símbolos, vieste a existir. E, no entanto, quando este universo, tal como o conheces, foi criado, tiveste de esquecer momentaneamente de onde vinhas e de ser criado em carne, para que pudesses experimentar, em corpo físico, esta nova faceta da criatividade — e, assim, criar a partir da própria substância de que foste feito. E, de certo modo, esqueceste de propósito a tua herança.

Encontraste-te num planeta físico, sob um céu repleto de estrelas cintilantes, abriste os olhos e descobriste possibilidades infinitas e uma realidade física virgem, moldável segundo os desejos do teu coração, onde podias dar largas à tua criatividade. E aqueles de quem originaste observaram-te. E, quando grandes nuvens cruzavam os céus primitivos, aqueles que te criaram desciam até ti — e tu via-los e ficavas maravilhado.

E nesta história infantil havia também outros — além dos que te originaram — que te observavam com atenção, suavidade e um imenso amor. Pois assim como foste criado, assim também crias. E aqueles pensamentos teus que consideras insignificantes e que escapam, e os teus sonhos aparentemente

sem importância, também esses ganham vida e existência, pois não podes evitar criar — tal como foste criado.

Agora, nesta história infantil, finge comigo. Finge que estás sentado nesta realidade física, num minúsculo e quase insignificante ponto do planeta Terra. Finge que estás numa sala, numa cidade chamada Elmira, no estado de Nova Iorque, sentado em círculo, a ouvir-me falar. E finge também que, ao mesmo tempo, estás comigo em outro espaço, noutro tempo. Finge que, segundo os teus termos, estávamos reunidos noutro círculo, numa estrela distante, num passado inconcebivelmente remoto, que o teu cérebro físico não consegue sequer imaginar. E juntos, sendo não físicos, sonhámos um grande sonho. Imaginámos uma realidade física. Imaginámos este momento, este tempo. E não há fim nesta história infantil. Uma história infantil nunca termina. Só os adultos insistem em inícios e fins.

E imagina também que dentro de ti vivem outros "eus", muito mais sábios, e que dentro dos teus olhos há outros olhos, tão antigos quanto os meus, tão antigos quanto novos, e que esses "eus" em ti olham para mim — e piscam o olho, e nesse gesto revelam o que sabem.

(A Louise perguntou por que ninguém dava à Jane uma explicação mais clara do que o Seth dizia, e a Rachel comentou que ele a interrompeu.)

Quero que saibas que nunca faria tal coisa. A minha performance neste momento prova que nunca o faria, como todos podem ver.

(A Rachel ficou surpreendida com o sorriso de Seth.)

Tenho esse direito. Vocês têm direitos civis; eu tenho direito a sorrir. Quando me piscam o olho semana após semana, isso acaba por despertar um pequeno sorriso.

Fico contente que tenham gostado da minha história infantil. Quero dar um descanso à nossa amiga (Jane), mas deixem-me dizer que, no meu próprio livro, não usarei histórias infantis. Já vos deram demasiadas. São bonitas e têm significado — e vocês devem compreender o sentido da que vos contei. Mas por baixo das histórias da criação existem outras verdades que devem conhecer. No meu livro, vou revelá-las.

E agora, como podem ver, não interrompo.

(Para Louise.) Tens uma grande energia. Simplesmente não sabes ainda como usá-la e direcioná-la. Mas ela está aí, espontânea e livre em certa medida. Pode também ser usada para dar conforto a outros.

([Rachel:] "Obrigada por falares comigo.")

Gosto de falar contigo. Falei contigo no estado de sonho e tu não te lembraste — mas estou habituado a isso. Em breve irei embora para que possam regressar a casa, mas ainda não disse boa noite.

(Depois do intervalo:) Direi boa noite, mas saibam que a informação que aqui recebem expande a vossa noção de realidade e liberta-vos do tempo. A vossa experiência durante estas sessões é muito diferente da experiência habitual — aprendem mais em pouco tempo do que em qualquer outro momento, exceto, novamente, quando estão a dormir.

(Para Laurie.) Os meus mais sinceros parabéns pelo teu quadro. Sim, é legítimo.

(Para Rachel.) Sim, a tua data estava correta (1841).

(Para Janice.) Estás a ir muito bem e a começar com o pé direito. Realmente, estás a fazer um bom progresso em todas as áreas onde começaste a atuar.

(Para Valerie e Vanessa.) Terei mais a dizer às nossas gregas à medida que o tempo passar.

E a ti, tento falar-te pessoalmente sempre que posso, mas há informação que quero que todos compreendam.

(Para Colleen.) E tu viajas mais longe do que pensas — e irás ter sucesso, se persistires.

(Para Rachel.) Esta aqui. Sabes que gosto da tua presença. Basta isso.

Dou-vos todas as bênçãos que me é dado dar.

(Para Arnold.) Até a este aqui.

([Arnold:] "Até a mim?")

Até a ti, que estavas tão habituado a elogios numa vida passada de que te falei.

([Arnold:] "Parecem elogios imerecidos, no entanto.")

Não eram imerecidos. Apenas te habituaste demasiado a eles.

Os meus melhores votos a todos e uma sentida boa noite.

AULA DE PES

17 DE NOVEMBRO DE 1970, TERÇA-FEIRA

(A Florence tinha estado a falar do desastre em Leste do Paquistão [Bangladesh].)

Na natureza, não existem acidentes. Se não aceitas a palavra do Ruburt, então escuta a minha. Não precisas aceitá-la — mas escuta-a: não existem acidentes. Se aceitas, minha cara Senhora de Florence, a mais pequena e insignificante hipótese de acidente, então abriste a caixa de Pandora. Porque, logicamente, não pode haver apenas um pequeno acidente. Num universo onde os acidentes são possíveis, não são a exceção — são a regra. Um universo onde, portanto, a tua consciência é um aglomerado aleatório de átomos e moléculas, sem razão ou causa, que desaparecerá na inexistência eterna, tal como veio dela.

Se aceitas essa ideia, então terás de aceitar também um universo aleatório, onde estás à mercê de qualquer acidente; onde a mente ou o propósito têm pouco significado; onde 300.000 seres humanos podem ser varridos da face do planeta sem razão ou causa, apenas ao sabor de um acaso. E se é nesse universo que acreditas viver, então é um universo sombrio e ameaçador. Nesse universo, o indivíduo tem pouca esperança, pois retornará à inexistência de onde surgiu. Seguindo essa linha de pensamento, um aglomerado de átomos e moléculas despertou, por acidente, para a consciência e para o canto, e regressará ao caos de onde veio. E o indivíduo não tem controlo sobre o seu destino, pois pode ser anulado a qualquer momento por um acaso sobre o qual não tem qualquer influência.

Mais uma vez, embora a Senhora de Florence expresse as suas dúvidas e medos, esses também existem nos cantos escondidos das vossas próprias

mentes. Tragam-nos à superfície. Tudo isto se relaciona com a vida quotidiana.

Sempre que acham que têm uma dor de cabeça "só porque sim"; ou que batem com o ombro numa porta "só por acaso"; ou que têm um acidente por estarem "no sítio errado à hora errada"; sempre que se sentem impotentes — acreditam em acidentes e que não têm controlo sobre eles. A única resposta é perceberem que vocês formam os eventos físicos — individual e coletivamente. E, como disse inúmeras vezes, vocês criam a realidade física que conhecem.

(Para o Ned.) Tenho uma palavra para o nosso amigo: se te expressares mais frequentemente como fizeste no teu texto — seja em prosa, poesia ou pintura — sentirás um grande alívio. Descobrirás mais sobre ti próprio e reconhecerás a força da tua individualidade, sem sentires que tens de andar a correr, fugindo por entre ervas — todo o tipo de ervas. É isso que precisas.

Agora, deixo-vos fazer uma pausa — não acidental. E tenho um aviso para vocês: o Ruburt está prestes a deixar crescer o cabelo. Se eu desse uma pancada na minha própria cabeça, gostaria de saber porquê.

([Janice:] "Até que ponto devemos investigar a razão?")

Se quiseres conhecer-te e compreender os motivos das tuas ações, então deves descobrir por que razão tens, entre aspas, "acidentes".

([Janice:] "Então não devemos descartá-los.")

De facto, não deves, ou corres o risco de estabelecer padrões onde os chamados acidentes se tornam um modo de vida.

([Janice:] "Para nós ou para os nossos filhos?")

Aplica-se a ambos. Eles sabem tanto quanto vocês — na verdade, sabem até melhor. Para eles, está muito mais próximo da consciência do que está para vocês.

([Florence:] "Qual é a diferença entre um acidente e um erro?")

Um erro ocorre quando não sabes o que estás a fazer, quando perdes momentaneamente de vista os teus objetivos, ou quando não estás a agir de

acordo com eles. Um erro pode transformar-se num desafio. Se cometes um erro e percebes que foste o responsável, podes aprender com isso. Mas, se acreditas que um acidente “aconteceu contigo” e que nada tiveste a ver com isso, então nada aprendes — a não ser a esquivar-te. Esta foi a vossa pausa.

([Gert:] “O local onde nos magoamos tem algum significado quanto à causa?”)

Sim, tem. No entanto, nem sempre implica culpa. A localização da lesão é altamente significativa — tal como o são todas as dificuldades físicas.

Se eu tivesse os meus próprios olhos para trabalhar convosco, dar-se-iam conta do que seria...

(Para Dennis.) Podes descobrir a razão por ti mesmo, como o Ruburt já te disse antes. Trata-se de um treino pessoal. Eu não sou o professor mais fácil do mundo. Tens de aprender a encontrar respostas dentro de ti, pois isso estabelece a comunicação entre os vários níveis do teu ser — algo fundamental para o teu desenvolvimento.

Agora, a forma deliberada como falas, tanto na aula como com os outros, tem a ver com o facto de, no passado, como já referi, teres memorizado um código de ética. Tinhas de ser deliberado ao recordá-lo e ao transmiti-lo aos outros. Agora podes ser mais espontâneo na tua fala e verás que consegues comunicar com mais fluidez. É mais difícil agora porque não tens esse código mental pré-escrito. Estás a aprender e depois transmites o que aprendes — mas as tuas intuições estão profundamente envolvidas.

([Dennis:] “Às vezes isso assusta-me.”)

O quê, exatamente?

([Dennis:] “Não sei.”)

Tu é que assustas a ti mesmo. Não há motivo para teres medo. Liberta-te. E quando estiveres sozinho, endireita o pescoço e os ombros. Fica à janela e abre os braços.

([Giselle:] “Esse código de ética refere-se ao que estamos agora a tentar aprender?”)

Existem algumas semelhanças. E é tudo o que direi esta noite — levar-me-ia cinco horas a explicar o que quero dizer com isso.

(Para Rachel.) Agora, preciso de olhar para a minha amiga aqui e ver se me pisca o olho outra vez. Façam uma pausa e regressem depois, pois tenho algumas observações pessoais a fazer — e não são acidentais.

(Para Dennis.) Quis dizer que te deves permitir expandir — mental e fisicamente — e não deixes que os teus problemas te aprisionem.

(Para Madge.) O mesmo se aplica a ti. Abre os ombros. Precisas de mais expansão nessa zona. Acompanhas-me?

(Para Colleen.) Agora, à nossa amiga do queijo-creme. Estás a ir muito bem. Há ainda algumas barreiras que ultrapassarás. Isso está certo — permite-te essa liberdade.

(Para Laurie.) À nossa amiga da pintura: imagina-te a brincar com a tua pintura com a espontaneidade de uma criança. Diverte-te, pois a tua arte canta. Expressa-te de forma espontânea com ela, e deixa-te levar sem exigências prévias. O mesmo se aplica aos teus exercícios de "tempo psíquico" (psy-time). Aprecia-os tal como são. Não imponhas limitações. E isto aplica-se a todos: o vosso psy-time não deve servir apenas para sair do corpo ou ter experiências fora do corpo. Seja o que for que acontecer, aceita e flui com isso. Não é acidente.

(Para Sally.) Deves continuar com a escrita automática. Irás mais fundo nas áreas do teu ser às quais antes evitaste aceder, e isso ajudará a clarificar as causas básicas das tuas dificuldades físicas do passado.

(Para Gert.) Agora há uma comunicação muito melhor entre ti e os teus filhos. Também há uma melhor comunicação com o teu marido — resultado do teu trabalho.

(Para Janice.) Também tens agora uma comunicação muito melhor com os teus filhos, mas ainda não com o teu marido. Isso virá. Como o Ruburt diria: joga com calma.

(Para Florence.) Terei mais para ti dentro de momentos.

(Para Natalie.) Estás definitivamente a progredir, e o teu amigo está a zelar pelo teu bem-estar. É alguém que conheceste no passado e em quem podes confiar — e eu conheço-o bem. É um verdadeiro passo conseguires percebê-lo.

(Para Arnold.) Agora, o nosso ilustre físico espiritual. Tens acesso a intuições muito importantes devido à tua formação. Se, no psy-time, começares a refletir sobre o que conheces da ciência e onde ela falha ao responder às tuas perguntas, poderás captar respostas intuitivamente — onde muitos outros não conseguiriam. Sugiro que uses isso como base para o teu psy-time e o tenhas também em mente durante o sono.

([Arnold:] "Queres dizer problemas técnicos do meu trabalho?")

Não estava a pensar especificamente nisso — mas também podem servir. Podes traduzir o conhecimento em termos técnicos, e talvez até apresentar descobertas que os cientistas compreendam. Falarás a língua deles, mesmo que tenhas um espírito diferente.

([Arnold:] "Que espírito diferente é esse?")

Um espírito mais sábio, mais criativo. Mas conseguirás traduzir o que recebes em termos técnicos — o que poucos são capazes de fazer. Define para ti questões teóricas sobre a natureza do universo. E no estado de sonho e no psy-time, receberás as respostas. Escolhe, portanto, temas que estejam alinhados com os teus próprios interesses.

([Arnold:] "Parece entusiasmante.")

E é mesmo.

(Para Sue.) Agora, esta aqui. Estás a ir muito bem — como sabes — no trabalho com os sonhos. Também estás bem no teu trabalho criativo e na escrita. Lembra-te de que há problemas a ultrapassar, e que é no esforço que surge nova criatividade. Se te contentares com menos, não procurarás mais. Agora, o caminho do Ruburt é demasiado caro. O teu, podes pagar. Percebes a diferença? Tens o teu próprio caminho. Seguir o caminho de outra pessoa sai caro demais — essa é a mensagem do teu sonho. E recorda o teu lado infantil — e quando pensares no teu filho, imagina como tu eras nessa idade, e como era difícil comunicar com os teus pais.

(Para Ned.) E a este aqui: sê gentil com esse rapaz, ou ouvirás de mim. Não te vejas como um adulto a lidar com uma criança. Em vez disso, identifica-te com o teu eu criativo e infantil. Assim verás muitas semelhanças, compreenderás melhor e não te sentirás frustrado. Quero que sejas espontaneamente feliz com ele, e que deixes a alegria dele contagiar-te. E não sejas um velho rezingão. Estás a seguir-me?

(Para Rachel.) E agora, o que hei de dizer a alguém que me pisca o olho?

([Rachel:] "Posso fazer uma pergunta?")

Claro que sim. Aceita um copo de vinho comigo.

([Rachel:] "Não bebo. Mas obrigada na mesma, Seth.")

Vá lá, sê minha convidada.

([Rachel:] "Concordo contigo. Gosto mais de conhaque. Agora, naquela noite, o incidente com a minha mão — foi imaginação vívida ou outra coisa?")

Foi uma combinação de várias coisas. Agora, devolve o vinho ao Ruburt e eu explico. Antes de mais, havia certos elementos de medo, combinados com receios mais profundos que estás a ter dificuldade em lidar no universo físico, e isso manifestou-se através da mão. Isto também está relacionado com os problemas anteriores na perna e no pé — ambos membros e instrumentos de manipulação na realidade física. A mão também simboliza liberdade. O incidente representa dois opostos: um deles é a liberdade, como a capacidade da mão para se erguer; o outro, a ausência de liberdade, como por exemplo a mão que não se consegue mover. Estavas a objetivar, na tua mente, dois opostos e a tentar correlacioná-los. Estás a acompanhar?

([Rachel:] "Agora não, mas vou pensar nisso.")

Pensa nisso. Há outras ligações. Dá-nos um momento. O número cinco representa os cinco dedos e as formas como a mão, com esses cinco dedos, pode operar na realidade física. São imagens simbólicas de que não tens consciência, mas que estavam por detrás do incidente. Os cinco dedos são instrumentos de manipulação da realidade física.

([Rachel:] "Em outras palavras, estou a definhar e a morrer.")

Já disse antes que estavam envolvidos dois factores e um deles era o medo. Não disse que o medo era justificado. Também o associei ao sintoma no pé. Agora compreendes?

([Rachel:] "Não consigo estabelecer essa ligação.")

A nível subconsciente, ligas muito bem os dois, e essa ligação há de tornar-se clara. Queres mais um gole de vinho?

([Rachel:] "Não, obrigada, amigo.")

Pensa bem no que te disse. A ligação entre o pé e a mão tornar-se-á clara. Dá a ti própria a sugestão de que a ligação há de surgir.

(Durante o intervalo, a Gert explicou que num sonho tinha usado um martelo contra o pai.)

Da próxima vez, imagina o martelo como uma flor e não terás dificuldades. Uma flor nunca magoou ninguém. Vê-o como algo flácido, como uma flor.

([Gert:] "Estás a dizer que, com esse incidente, continuo atrasada?")

De certa forma, sim. É a imagem do martelo que desencadeia a tua reação, por isso muda essa imagem e vê-a como uma flor. Tens uma boa memória visual, por isso, se começares a substituir a imagem do martelo pela da flor, no mesmo contexto, será altamente eficaz.

(Para a Giselle.) Agora, tenho um comentário aqui: continuas, até certo ponto, com medo. Isto está, de algum modo, ligado ao trabalho que fizeste no passado, numa altura em que era extremamente perigoso falar das tuas crenças ou recordar esse código de ética. Por isso, tenta permitir-te mais liberdade — vocês os dois podem trabalhar muito bem juntos. Não sejas demasiado tímida. Sê corajosa. Ele também pode beneficiar da tua coragem, e tu precisas de a experimentar por ti própria.

(Para a Rachel.) Agora, na tua própria descrição da experiência estiveste perto de fazer as ligações de que falei, porque a impressão da mão assustou-te — parecia velha e decrépita — e, subconscientemente, ligaste-a, naquele momento, ao teu pé, quando este estava mal. Pensaste logo na mão como sendo velha e morta. Se não tivesses pensado assim, a mão teria escrito.

Ficaste com medo da tua própria mão física e, por isso, bloqueaste o fluxo de informação que poderia ter surgido. Foi uma ligação subconsciente da tua parte. Permitiste-te essa liberdade ao início, mas depois interpretaste a aparência da mão como sendo a de uma mulher muito idosa e ficaste com medo. Agora compreendes um pouco melhor? Então, por todos os meios, toma um pouco de conhaque.

([Rachel:] “Obrigada, Seth.”)

Gostamos de ver rostos felizes. Agora percebes do que estava a falar? Não do conhaque — esse só nos faz cócegas douradas nos dedos dos pés.

(Para a Florence.) Podes — e ouve-me — permitir-te mais liberdade. Agora, tal como o Ruburt, muitas vezes acreditas que estás a conceder liberdade intelectual a ti própria e a ser o teu "eu" mais intelectual. Mas, na verdade, estás a permitir que o teu intelecto seja dirigido por racionalizações subconscientes. Estás a usá-lo como escudo para te impedires de ir mais além, e é por isso que eu te confronto sobre isso — tal como faço com o Ruburt. Compreendes o que quero dizer?

([Florence:] “Tenho muita consciência de o fazer por esse motivo.”)

Então permite-te mais liberdade. O intelecto pode — e deve — ser usado de forma maravilhosa para te ajudar na tua busca, mas não quando é usado como protecção contra a verdadeira realidade. Estás a progredir, como os teus sonhos mostram, e eu estou ciente desse progresso — tal como tu. Não te compares com o desempenho de ninguém nesta aula. Tu és tu, tens o teu próprio passado com que lidar e, por isso, quando te digo que estás a progredir, digo-o com toda a sinceridade.

(Para o Ned e a Sue.) Terei algo a dizer a ambos, em momento mais apropriado, fora da aula, mas quero que saltem juntos para o mesmo ramo. Entenderam? Ele aguentar-vos-á. A realidade não é tão precária que vocês não possam fazer o vosso próprio caminho e encontrar uma estrutura segura que vos sustente — porque, de facto, sustenta.

Não há um universo acidental. Vocês criam os acidentes. Criam os triunfos. Cada um de vocês cria o universo ambíguo em que vive e projeta as suas ideias de realidade sobre ele.

(Para o Ned:) Isto é para ti, se alguma vez duvidaste: se pensas que estás a ser perseguido, és tu quem se persegue. És o juiz. És a pessoa que te persegue ao longo dos anos e dos dias. Quando perceberes isto, nenhum outro ser humano terá o poder de te magoar ou de te caçar. Quando reconheceres a tua própria liberdade, estarás livre. Não estou tão familiarizado com a vossa terminologia como o nosso amigo Ruburt. É "nerves" ou "narcs"? Muito bem, estás a projetar sobre ele. Ele está a perseguir-te porque tu estás a perseguir-te a ti mesmo.

([Ned:] "Sim, ele está a dizer 'anda e apanha-me'.")

Estás certo. Quando perceberes que és livre, ele deixará de te incomodar e tu deixarás de te sentir perseguido. Ele é, nos teus termos, um ser humano "baralhado", como tu, com os seus próprios problemas. E se o conseguisses perceber, até poderias falar com ele, mas amplificas as vossas diferenças.

Amplificas as diferenças culturais como um pano de fundo e uma ideia, em vez de perceberes que ambos são seres humanos a viver uma aventura magnífica. Viajantes num espaço e tempo que ambos criaram. Actores com máscaras diferentes, mas numa peça que ambos escreveram.

([Ned:] "Percebo o que estás a dizer — sempre pensei assim. Não sei onde foste buscar a ideia de que eu pensava de forma diferente.")

Sente-o. Pensa-se de uma maneira, mas sente-se de outra. Agora entendes-me? Então, paz.

(Para a Rachel.) E espero que, quando releias o material de hoje à noite, compreendas o que quero dizer. Sei que tens uma boa alma — porque gostas de bom conhaque.

Nas nossas pequenas conversas, entre o que eu digo e as palavras que ouves, tento comunicar-me telepaticamente com cada um de vocês, para que compreendam o vosso progresso, as vossas conquistas, os vossos triunfos, e também aquelas áreas que ainda precisam de trabalho e desenvolvimento.

Já tivemos 560 sessões com o nosso amigo Ruburt e o nosso amigo Joseph, e muitas outras que eles chamam de "materiais Seth piratas", que não estão registadas oficialmente — e estão longe de ser perfeitas, por isso não se

julguem com demasiada severidade. Aqueles que estiverem prontos ouvir-me-ão esta noite no estado de sonho.

(Para o Ned e a Sue.) E vocês dois, aí atrás, deverão ter uma experiência digna de registo. A terceira viagem, de facto. A sorte depende de vocês. São mais excêntricos do que eu.

Quero que reconheçam, acima de tudo, a energia que existe em cada um de vocês — a entidade individual e a sua singularidade. Por isso, sigam os vossos caminhos em paz, com espontaneidade, alegria e realização.

([Gert:] “O que leva os pais a tornarem-se tão irritadiços?”)

Ora, já fui mãe e pai muitas vezes, por isso compreendo o teu problema. Mas a verdade é esta: quando és pai ou mãe, é impossível lembrar totalmente a tua própria infância ou compreender os sentimentos de uma consciência em crescimento. Como pai, a tua tarefa é treinar uma consciência para funcionar na realidade física — uma consciência, nessa altura, muito mais livre do que a tua. E ficas com ciúmes da sua espontaneidade e compreensão interior. Eles não têm de “alinhar” como tu, mas tu tens de os ensinar a alinhar.

([Gert:] “Isto é uma força que eu sinto pessoalmente ou é cultural, ou é deste universo físico que criámos?”)

É, em grande parte, cultural no vosso ambiente específico. Em algumas culturas nativas, isto não se verifica, mas vocês estão a aprender a encorajar a espontaneidade. No entanto, dentro de certas áreas, é necessário haver uma concentração de capacidades no plano físico e, nesse sentido, tu és um professor — estás a aprender enquanto ensinas. Também experimentas as frustrações deles, e isso deixa-te irritado. Quando eras criança, podias zangar-te com os teus pais. Quando és pai, sentes a raiva da criança, mas não sabes o que fazer com ela. Quando és criança, podes culpar os pais. Quando és pai, não há ninguém a quem culpar. Por isso, és forçado a questionar a própria natureza da realidade. A raiva vem de ainda não compreenderes a realidade e de não teres respostas — mas podes aprender a colocar as perguntas certas. Podes voltar a experimentar essa espontaneidade e a incentivá-la.

Ainda não disse boa noite, embora o vá fazer brevemente.

(A Sue e o Ned explicaram à Jane o que o Seth lhes tinha dito como pais, e que a Sue estava a mimar demasiado o Sean.)

Ela está, de facto, mas essa não é a razão da tua reação. Não confundas as duas coisas. Estás irritado porque estás irritado, e isso não tem nada a ver com a reação ou indulgência dela. Não disse que és um pai resmungão. Não fui assim tão duro ou severo — essa foi a tua interpretação.

Agora sim, vou desejar-vos boa noite a todos. Não queria manter-vos acordados até muito tarde, e há quem esteja com vontade de ir para casa. Agora, espero alguma atividade da vossa parte esta noite. De todos vocês, idealmente falando — incluindo o nosso piscador aqui do lado.

([Rachel:] "Não estou a viajar muito.")

Estás sempre a viajar. És um dos viajantes mais ousados e distantes. É a tua memória que falha, não as tuas viagens.

AULA DE PES

24 DE NOVEMBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

(Para o Brad.) Tenho algumas palavras para o nosso amigo ali com as patilhas e a imagem renovada, com a camisa cor-de-laranja, e são estas: tens estado a fazer um bom trabalho. De facto, aprendeste e aplicaste algumas das coisas que te foram ditas na aula. Queria que soubesses que sei que estás aqui, e envio-te as minhas saudações.

(Para o Derek.) E tenho um comentário para o jovem no espelho: vivi muitas vidas e não posso provar, nos teus termos, a minha própria existência. O facto de estares preocupado em provar a tua existência, no entanto, já prova que existes. Agora, não quero ferir o teu ego. No entanto, uma flor tem mais juízo do que questionar se existe ou não. Aceita o que lhe chega. Alegra-se com a vitalidade que lhe pertence.

Agora, imaginemos, só por argumento, uma flor pobre e sem inteligência no meio de um jardim. Lá está a coitada, sem se poder mover. Não pode correr pelo caminho do jardim — mas *é*. Quando chove, aceita agradecida as gotas. Não levanta a cabeça para o céu e diz: "Sim, mas será que a chuva existe mesmo? De onde vem? E como é que estes elementos chegam ao meu ser e

descem até às minhas raízes? E, se não compreendo como isto acontece, então não aceitarei a chuva.” E quando o sol brilha, a flor não ergue a cabeça tola a dizer: “Isto parece o sol... mas como é que ele me mantém viva e faz florescer as minhas folhas? Não compreendo — e se não compreendo, então nego a sua existência, pois como posso saber que eu existo, quanto mais o sol? Talvez seja tudo uma história contada por outros idiotas como eu.” Mas mesmo que fosse só uma história, valeria a pena ouvi-la. Pois no momento em que a flor disser: “Nego o sol e a chuva”, estará a negar a própria graça da existência.

As respostas e o significado estão dentro de ti.

No inverno, a nossa pobre flor tola parece estar morta. Mas a semente entra na terra, e debaixo da neve dos vossos jardins suburbanos há milhares de sementes. Estão a ser nutridas — mas, nesse escuro, elas não se lamentam dizendo: “Este é um tempo de morte. Não há mais nada para mim. Como é que me lembro vagamente de um verão em que floresci, fui forte, livre e espontânea? O que aconteceu a esse verão? Voltará algum dia?” Isso é o que tu estás a fazer agora. Mas a nossa semente, que não tem esse intelecto tão bem encaixado sob os teus cabelos, descansa alegremente na terra, sabendo que está num estado de criatividade e que, de dentro dela, surgirá de novo uma flor. E não nega a terra que a faz nascer. Ela *sabe*. E esse saber também está em ti — agora.

A semente não pode gritar a um cientista que passe por perto: “Ei, olha para mim, eu existo! Leva-me para o teu laboratório — dentro de mim está o cerne da vida.” O cientista, se escutasse esse apelo e cavasse a terra em pleno fevereiro, encontraria apenas uma casca. Não encontraria a realidade da semente. E, embora tu fales e existas, as emoções que sentes — aquelas que fazem de ti quem és — não podem ser engarrafadas num laboratório, nem provadas por nenhum cientista. Tu existes. Ele pode pesar o teu corpo, dizer quanto pesa o teu cérebro. Mas não pode dizer o que estás a sentir ou pensar, nem tocar na realidade da tua experiência subjetiva. E é aí que reside a tua realidade, a tua prova, a tua existência e o teu sentir.

Agora, deixo-vos fazer um intervalo. Envio as minhas saudações aos nossos dois convidados (Mack e Garrett). Embora, na verdade, não vos considere convidados — têm estado nas vossas próprias viagens.

(Para o Derek.) Encontrarás os teus próprios caminhos, mas confia na tua voz interior. Se não confias no que o Ruburt chamaria de "estabelecimento", então confia nessa voz interior que é tua — e segue-a. Não precisas de confiar em mim. Mas deves confiar em ti mesmo. Sempre confiei em mim — por isso não vejo razão para não confiares em mim.

(Durante o intervalo, a Jane mencionou que não tem perceção de profundidade.)

Eu apenas uso estes olhos melhor do que ele, e para alguém que está morto há tanto tempo, isso já diz muito.

(Para a Babs.) Não te ignorei. Não és uma convidada, nesses termos — não és uma estranha. Por outro lado, também não és uma aluna, por isso guardei-te para o fim. Agora, se ninguém se importar, gostava de tomar um momento. E se alguém quiser virar a cara para a parede, que o faça antes de eu começar a falar.

Há uma série de projeções da parte do teu marido em relação a ti, e tu em relação a ele. Usam as mesmas palavras em algumas conversas, mas essas palavras têm significados diferentes para cada um de vocês — e, por isso, não estão a comunicar adequadamente. Podem aprender a comunicar se abrirem a mente. Mais cedo falaste em semântica e na confusão das palavras — não perco nada — e é isso que está a acontecer na tua relação. Foi por isso que reparaste quando algo semelhante aconteceu na aula. Tens de ir além das palavras.

Agora, vou dizer-te algo que talvez não queiras ouvir, mas que precisas: também tens de aprender a relacionar-te com a realidade física exterior. Precisas de trabalho físico. Isso irá melhorar a tua pintura, a tua vida criativa e a tua sensibilidade psíquica. Mas estás a voltar-te demasiado para dentro, sem saber bem o que estás a fazer. Precisas de compensar com ação física direta e vigorosa — num trabalho que te relacione com outras pessoas ou algo semelhante — algo que te permita libertar o teu eu interior e soltar as tuas capacidades criativas.

Estás constantemente a pressionar as tuas capacidades criativas. Exiges que elas produzam. Precisas de trabalho físico fora de casa e precisas disso agora — de forma urgente. Isso irá afastar a tua mente consciente dos problemas

subjetivos e permitir que a tua grande vitalidade — e tens muita — venha do inconsciente e resolva os teus conflitos.

Neste momento, és como um cão com um osso, sempre a mastigar os problemas, sem descanso. Tens de te afastar disso. O sentido de realização que vem do trabalho físico será maravilhoso para ti. Vai libertar-te desse sentimento de falta de valor que tens agora. És perfeitamente capaz de lidar com a realidade física. Não tens nada a temer. Isso, por si só, libertará as tuas capacidades interiores. Permite que os teus sentimentos criativos se manifestem em trabalho concreto. Estás a correr por becos de desespero e precisas dessa porta para a realidade física de que te falei.

Agora, que tal isso como ponto de partida?

(Para a Mary Ellen.) Estás a evoluir muito bem, mais uma vez.
(Para a Sue.) Neste caso, não te recordaste do nosso encontro. Tiveste também outra experiência há duas noites relacionada com probabilidades, da qual também não te recordaste.

(Para o Brad.) O nosso amigo de camisa cor-de-laranja ali, progrediste mais do que percebes, e ter estado ausente das aulas durante este tempo fez-te bem. Mantiveste-te por ti próprio, e mesmo assim recordaste-te do que te foi dito, aplicaste-o e usaste-o à tua maneira.

(Para a Janice.) No teu caso, o pânico está sempre ligado a uma ansiedade profunda. Uma situação relativamente menor pode servir de gatilho. A situação da outra noite foi um desses gatilhos, mas ao trabalhares com o pêndulo poderás descobrir a causa de base, e recomendo que o faças.
(Para o Arnold.) Agora, para o nosso amigo aqui — estás preocupado em seres agressivo no teu tempo psíquico. Podes permitir essa agressividade nesse estado. Podes confiar em ti próprio para avançar de forma ativa. Deves estar recetivo, mas alerta — e é esse ponto de alerta que às vezes perdes.
(Para a Natalie.) Para a nossa amiga no canto, se estiveres recetiva, saberás quem é a personalidade que tem falado contigo — e ele é um bom amigo meu.

([Natalie:] "Disseste que o conhecia no passado. Foi noutra vida ou nesta?")
Foi, de facto, noutra vida — não nesta. Ele é um professor em formação.

Agora, podem fazer uma pausa, e eu voltarei em breve.

(Depois da pausa.)

Dentro em breve vou encerrar a sessão, mas antes tenho uma palavra para o nosso reitor (Theodore), ali atrás da planta. Respondi a uma das tuas perguntas numa das nossas sessões habituais, por isso o Ruburt deve tê-la anotada para ti.

(Para o Kyle.) Agora, o nosso amigo aqui está satisfeito com a sua nova alegria — e fico feliz por ele. Confia nela e segue-a. O teu irmão, compreendes, tem de seguir o seu próprio caminho, que o levará por rotas diferentes das tuas. Por isso, na tua alegria, permite-lhe esse privilégio. Não esperes que o percurso dele seja igual ao teu.

(Para o Derek.) E tem cuidado com as companhias que escolhes, se forem pessoas que também sentem fortemente um vazio de sentido. Todos vocês nesta sala passaram — ou passarão — por um canto escuro. E nesse canto parecerá que só existe desolação; olharás para os rostos dos outros homens e só verás vazio. Olharás para o rosto do teu irmão, do teu pai, da tua mãe — e não encontrarás significado. Verás que eles encontram sentido nas coisas, mas tu não o sentirás, e por isso os rostos deles parecer-te-ão ocos. Olharás para o mundo e verás apenas crueldade e desespero. E no fim da vida, verás apenas morte e aniquilação e perguntarás: "Para que serviu tudo isto?"

Agora, isso já aconteceu a cada um de vós, ou acontecerá — pois, como o Ruburt disse, é a noite da espada. E no entanto, é um momento que não se pode ignorar, um cruzamento que não se pode evitar — pois existe por uma razão. E todas as respostas que já recebeste, todas as que disseste a ti próprio, parecerão vazias. Os amigos parecerão apenas fantasmas que passam na noite, sem qualquer significado.

([Derek:] "É isso que a minha vida vai ser agora?")

Esse é o cruzamento onde te encontras — e não és o único. Cada ser humano, em todas as épocas, chega a esse ponto. Quando sente que está a usar todos os seus recursos e, mesmo assim, não obtém os resultados desejados. Quando o significado parece ter abandonado o universo. Quando olha para a infância e recorda uma época de magia, alegria e liberdade — e pergunta: "Onde está isso agora?" É uma crise que chega a cada alma nascida na carne.

Mas essa crise tem sentido e propósito. Não serve de nada evitá-la com drogas, tranquilizantes ou bens materiais. É preciso enfrentar certos factos. E os factos são estes: o intelecto — por mais alto que se considere — não é tudo. A validade e vitalidade da tua existência vai muito além disso. Quando percebes que o intelecto, por si só, não te dá respostas, nem te traz alegria, nem te aproxima da essência da existência — então começas a fazer as perguntas certas. És como a flor que aceita a luz do sol, e ao aceitá-la compreende mais sobre o sol do que qualquer cientista que apenas mede o espectro da luz, sem sentir nada. A tua alma, o teu eu interior, a tua realidade — é experiência. É sobre isso que deves basear a tua vida.

([Derek:] "Não compreendo esse cruzamento. É o ponto onde estou agora? Algo que tenho de ultrapassar?")

Sim, é o cruzamento onde estás agora. É construtivo e vais atravessá-lo com maior sabedoria e compreensão — mas não será o único. Porque assim que pensas que te conheces, já mudaste. Tu não és um ser fixo — estás sempre a mudar. E "Tudo o Que É", ou nos teus termos, Deus, também não é fixo — é sempre criativo e em constante mudança. Por isso, não te coloques num nível de experiência e fiques lá; permite-te crescer e ter liberdade.

(Para o Garrett.) Estás a alcançar algum crescimento e liberdade nos teus estados de sonho.

(Para o Mack.) Também tu, em alguns dos teus sonhos, estás muito mais desperto e consciente do que no teu estado de vigília. Estás a usar partes da tua realidade que ignoras no dia-a-dia.

Quero que saibam, como sempre, que existe uma realidade para além daquela em que estão agora focados.
(Para a Rachel.) Não mencionarei viagens que certas pessoas não se lembram, para não parecer que as estou a repreender — e essa está longe de ser a minha intenção.

(Para a Laurie.) Para a nossa amiga aqui atrás, digo que a tua amiga partiu com um sentimento de libertação.

([Laurie:] "A pintura ajudou?")

Sim, a pintura ajudou. Ela queria ser reconhecida, e através da pintura fizeste-lhe saber que foi, de facto, reconhecida. Isso deve bastar-te.

(Para o Derek.) Quanto a provas, qualquer um pode medir. Podem medir a pintura na parede que me representa numa vida passada. Podem medir as suas dimensões. Podem provar que uma pintura está ali. Mas não podem medir o impacto psicológico da pintura, nem a realidade psíquica que ela contém. Tampouco podem medir a realidade interior que sabem estar dentro de vocês. E, como já disse antes, quando se olham ao espelho, não se veem a vocês próprios. Veem a forma física. Não veem o ego, o subconsciente, o espírito ou o inconsciente. Veem as moléculas e os átomos que vos compõem. Por isso, não podem provar que vocês próprios existem — muito menos que eu existo. Agradeçam, então, que os átomos e moléculas das vossas cadeiras pareçam sólidos.

Desejo-vos uma boa noite.

A consciência é uma qualidade da alma. Podes virar a tua consciência em muitas direções. É como uma ferramenta que te pertence — mas tu és mais do que a tua consciência. É uma qualidade inerente à natureza do espírito ou da alma, mas vai muito além disso.

([Gert:] "Espírito e alma são equivalentes?")

Quando falo convosco, espírito e alma são equivalentes.

([Gert:] "Então a consciência de uma pessoa pode sair antes da morte, mas a alma será a última a abandonar o corpo?")

Exatamente. Mas podes direcionar a tua consciência para muitas áreas, e é isso que espero que estejas a aprender. A consciência é como um holofote que te pertence. Normalmente, diriges esse foco apenas para a existência tridimensional, mas espero que estejas a aprender a dirigi-lo para muitos outros âmbitos. É um método de perceção.

(A Rachel perguntou ao Seth se podia definir a alma, caso esta existisse.)

Estou a escrever um livro chamado *A Validade Eterna da Alma*. Tenta superar isso.

([Rachel:] “A alma e a entidade são a mesma coisa?”)
A alma é o sopro da entidade.

([Theodore:] “A alma existia antes da entidade.”)
A alma compõe aquilo de que a entidade é feita. A alma é a porção de "Tudo o Que É" da qual a entidade é formada.

([Rachel:] “Então a consciência é o sentimento da alma, a luz, a compreensão da alma. A consciência de tudo o que existe à nossa volta.”)
Em certos termos, sim. Concordo com o que disseste até agora, mas não disseste o suficiente. A alma usa a consciência. A consciência é uma característica da alma. É o meio pelo qual a alma compreende o que ela é.

([Rachel:] “Como o corpo físico ser um dos seus sentidos.”)
Essa é uma analogia adequada. Estamos a fazer algum progresso limitado. Ainda não me piscaste o olho esta noite. Agora, sinto-me melhor.

([Rachel:] “Dizes sempre que viajo muito. Será que vou para outros reinos de consciência que não consigo perceber ou compreender?”)
É verdade, até certo ponto. Viajas, sim, para outros reinos de realidade.

([Rachel:] “Viajamos para outros reinos de consciência?”)
Sem dúvida. Já te disse isto tantas vezes que não entendo como podes apresentar isso como uma revelação. Também não te recordas das pequenas viagens. Recordá-las-ás quando estiveres pronta, como já te disse antes.

Agora, estás a tirar proveito do que estás a aprender, mesmo que não estejas consciente disso ao nível do ego. Não há nada de errado com o ego. Se não há nada de errado com uma flor, porque é que o ego há de ser uma palavra feia?

Lembro-me claramente de cada ego que já foi meu. Tenho uma longa memória. Mas, no estado de sonho, cada um de vocês entra em contacto com os outros “eus” que já conheceu. Simplesmente esquecem-se ao acordar. Este tipo de experiência é cognição direta. Não posso explicar-te o que é — só posso dar-te pistas. E, quando a experienciares, saberás por ti mesma e terás a tua própria prova — tal como a nossa amiga ali no canto tem a dela.

E agora, sim, despeço-me de todos vós com carinho e com as bênçãos que me é possível dar — e dou-as a vós.

AULA DE PES – 1 DE DEZEMBRO DE 1970

(Esta sessão está publicada na *Coleção de Áudio de Seth*, CD #8)

AULA DE PES

8 DE DEZEMBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

Agora, desejo-vos a todos uma boa noite.

(Para o Theodore.) Foi a vossa própria energia exuberante, e não a minha, a energia do grupo, que fez os truques com o fogo. Se eu estivesse por perto, teria tido essa ideia — e teria sido um grande truque — mas não estava. Sentiram-se livres para usar a vossa própria energia de forma espontânea. Tens também um bom sentido de humor. Foi tudo muito bem dirigido, e garantiste que ninguém se queimava. Eles estavam preocupados com chamas do inferno.

(Para a Sissy.) Agora, dou as boas-vindas a uma amiga do Ruburt, ali no canto. Com um nome como *Lord*, damos-lhe, de facto, as boas-vindas à aula. Já temos um *Lord* e um *decano*, portanto o ambiente deve ser, de facto, auspicioso.

(Para o Theodore.) Vim apenas para que soubesses que ouvi a vossa conversa — e porque não queria que pensasses que fui eu a pregar-vos o pequeno truque, roubando-te o prazer de perceberes que foste tu quem o criou. Foi um fenómeno excelente. Agora, se as luzes estivessem apagadas, com velas fracas e incenso a arder, teriam tido uma noite memorável. Como todos sabem, os espíritos são bastante animados. Não precisam de salas escuras mais do que vocês.

(Para o Arnold.) Tenho algumas observações para o nosso amigo aqui. Está na hora de dares um passo em frente nas tuas experiências com o tempo psicológico — e espero que o faças em breve. É uma nova etapa, mas estava presente desde o início para ti.

(Para a Florence.) E esta será, sem dúvida, a nossa muito tardia *Senhora de Florença*. Estamos encantados por teres vindo, ainda assim.

(Para a Mary Ellen.) Sabias qual seria a mensagem antes mesmo de cá chegares, a um nível subconsciente, e o Ruburt, mesmo sem saber, já ta transmitiu. Nas suas palavras: "acalmar", porque a espontaneidade deve desenvolver-se ao seu próprio ritmo e sentir-se confortável tanto na realidade física como na interior. Não deves entrar na realidade interior como quem entra num armário e fecha a porta atrás de si. Pode parecer confortável, mas não é esse o seu propósito. A tua própria mente inconsciente já sabia disso, e vieste hoje para que essa mensagem te fosse entregue de forma mais direta — considera isto uma entrega direta. Estás a ir muito bem.

([Mary Ellen:] "A minha escrita automática é legítima?")
Estás a abrir canais para o teu eu interior e, espera-se, além disso. Considera, então, o que estás a fazer como algo bastante legítimo — como meio, mas não como fim. Não tomes tudo o que recebes como sendo a palavra sagrada de Deus. Estás a trabalhar através do subconsciente, e é através dele que deves passar para limpar os canais. Saber isto não significa que não devas confiar no que recebes — apenas que deves analisá-lo tanto de forma subjetiva como intuitiva.

Estás num caminho e começaste bem. Há obstáculos no caminho — mas não é culpa do caminho. Esses obstáculos são legítimos por aquilo que são. Não te desanimes. Segue ao teu próprio ritmo, mais calma, com confiança interior. Não questiones tudo com tanta severidade, porque por dentro tens-te perguntado se estarás apenas a aceder ao subconsciente. Mas aceder ao subconsciente *já é* um feito, e vale muito a pena. Tens de passar por ele para comunicares com outras camadas. Já recebeste informação legítima sobre a tua família — informação que te ajuda a relacionar-te melhor com eles. Independentemente de estar ou não apresentada em termos de reencarnação, oferece-te uma compreensão clara, precisa e excelente de como funcionam os membros da tua família e que estímulos são importantes para eles. Agradece por isso.

Agora, deixo-vos fazer uma breve pausa, já que já "parti o gelo", e voltarei dentro de momentos.

(Durante a pausa, a Natalie contou que sentiu intuitivamente que devia voltar para a cama.)

Ora, se alguma vez houve um comentário puritano, foi o que acabou de sair da boca do Ruburt — pois ainda pensa que é preciso sempre ter um propósito, ser ativo, e que é errado simplesmente voltar para a cama só porque se quer fazê-lo.

Nas vossas mentes ainda existe a ideia de que aquilo que desejam espontaneamente deve ser errado — porque é demasiado fácil. Mas a realidade é fácil. Este universo não é sustentado pelo pensamento consciente. Se todos vocês tivessem de decidir conscientemente, antecipadamente, porque razão o universo deveria existir, ele não existiria — porque ainda estariam a tentar chegar a uma conclusão. Sejam gratos por o eu interior não ter esses bloqueios. E vejam como lido bem com o vosso vocabulário.

(Para a Natalie:) Intuitivamente, sabias que a informação te seria dada — e espontaneamente seguiste isso. E isso é bom.

Muitos de vocês teriam passado uma hora a questionar-se: "Porque quero voltar para a cama? É preguiçoso, errado da minha parte sequer pensar nisso. Como vai o mundo sobreviver sem mim se não estiver de pé? A mente ociosa é o recreio do diabo." E então, ao fim dessa hora, se voltassem à cama de má vontade, a inspiração já teria desaparecido há muito. Que inspiração aguentaria esse tipo de pensamento? Os deuses riem espontaneamente — não param primeiro para decidir se é certo ou errado.

(Para a Sue.) Quando realmente aprenderes a confiar em ti mesma — não só intelectualmente, mas também emocionalmente, com o teu espírito e o teu instinto — então vais descobrir quem és.

(Para a Florence.) Porque confias tanto em toda a gente? Em qualquer um com um mínimo de autoridade, até mesmo em mim, em vez de confiares em ti própria? Não quero que penses que, por olhar numa determinada direção, estou a falar para alguém específico. Mas esperas que te repreenda em bons termos porque não tens seguido os caminhos interiores dentro de ti.

As sessões de sensibilidade, no entanto, oferecem-vos uma saída fácil. Satisfazem uma parte de vocês que pode dizer: "Fui a uma sessão de

sensibilidade, vi, senti, toquei e aprendi, de certa forma, a olhar para dentro de mim." Mas são muito cuidadosos quanto ao sítio para onde olham. E não estão a olhar nos lugares certos — e sabem disso. E não aceitam verdadeiramente as desculpas que estão a dar a si próprios. Sabem que eu as verbalizaria por vocês, mas nem precisam disso. Quando terminarem de adiar, então espero que regressem às aulas de forma regular e se ponham a trabalhar.

E agora, depois de os nossos novos amigos verem como sou brincalhão mesmo a dar sermões, deixo-vos fazer uma pausa.

(Para o Theodore.) Tenho uma observação para o nosso reitor: sabes muito bem que estão a ser preparadas surpresas para ti no teu Grande Salão e, quando estiveres pronto para compreendê-las, regressarás. Estás agora a completar um ciclo. Depois de um certo grau de introspeção, estás a usar as tuas capacidades para manipular a realidade física e a aplicá-las no teu ambiente, ajudando pessoas que conheces — e isso é excelente. Mas também descobrirás que será necessário e agradável regressar à fonte interior do teu ser, que para ti está simbolizada no Grande Salão. Pois é de lá que recebes os teus insights e apoio — e tu sabes disso tão bem quanto eu.

(Para a Sue.) Mal sinto necessidade de falar contigo, já que tenho falado contigo tantas vezes no estado de sonho e, felizmente, do ponto de vista do Ruburt, lembraste-te de pelo menos uma dessas ocasiões — e até registaram a experiência. Tratava-se do sonho da sessão.

(Para a Laurie.) Quero reforçar dez vezes o que o Ruburt te disse: é como uma mulher que anda à chuva com um guarda-chuva, mas, em vez de o abrir, diz: "Está a chover demasiado, não quero molhar as mãos." E assim anda encharcada com o guarda-chuva fechado na mão. Tens feito o mesmo com as tuas capacidades nas relações familiares — estás a carregá-las, mas não as estás a usar.

Agora que vos dei todos estes "mimos", deixo-vos fazer a pausa. E se eu não me importasse convosco, não vos ralhava tanto. Além disso, já esperam isso (dirigindo-se à Florence).

(Para a Florence.) Não disse que estavas a desperdiçar o teu tempo — porque não estavas. Disse que estavas a "andar às voltas", o que não é

necessariamente uma perda de tempo. Mas estavas a usar esse tempo em vez de o dedicares a ir mais fundo dentro de ti.

(Para a Sissy.) Não te vou ralhar logo na primeira noite. Vai contra os meus princípios. E não te surpreendas por ter chamado o Ruburt de puritano — porque ele é, uma mistura curiosa entre um ser primitivo e um puritano. Se não fosse por mim, ele teria sempre uma expressão muito solene.

([Rich L.:] "Porque é que os mortos querem tanto influenciar os vivos?")

A maioria dos mortos não quer particularmente influenciar os vivos. No entanto, alguns de nós têm um propósito a cumprir — como tivemos, nos vossos termos, durante a vida. Há muitos caminhos que se podem seguir após a morte, depois de terminarem a vossa reencarnação. E mesmo depois disso, não há um momento em que se possa dizer: "Pronto, já chega. Já cumpri. Agora quero descanso eterno." Continuam a desenvolver as vossas capacidades, mas fazem-no em dimensões de realidade que neste momento não compreendem. Nesta existência minha, sou um professor e visito outras dimensões da realidade, como a vossa. Neste caso em particular, tento influenciar-vos para que não acabem por destruir a vossa própria espécie e planeta. Embora o vosso planeta seja descartável, é o único que têm de momento — e não há razão para serem tão desperdiçadores.

Em termos comuns, os mortos não se preocupam com os vivos — exceto, talvez, nas primeiras fases após a morte, quando ainda estão ligados emocionalmente às pessoas que deixaram. Depois disso, há muitos outros seres para reencontrar — pessoas que já conheceram noutras vidas.

([Rich:] "Podes dizer-me em que nível de reencarnação estou?")

Dá-nos um momento. Antes de mais, não há "níveis", por assim dizer. Desenvolves as capacidades que são tuas, o melhor que consegues, dentro da realidade física. Podes, por exemplo, escolher ser um gigante intelectual numa vida e emocionalmente imaturo noutra — para poderes concentrar-te nas capacidades intelectuais. Ou podes ser emocionalmente muito evoluído e optar por não usar o intelecto em grande escala, para focares na realidade emocional. No teu caso, tiveste quatro vidas anteriores — duas como mulher e duas como homem.

Não temos tempo hoje para entrar em detalhe. Mas numa delas foste comerciante na Alemanha, por volta de 1830, numa zona que hoje corresponde à Áustria. Foste bastante pedante em várias vidas passadas. Numa em particular, foste padre em Espanha e tinhas atitudes severas — eras levado por ideias e princípios que te empurravam, alternadamente, para a violência ou para a paz. Acreditavas tanto num princípio que fazias qualquer coisa para o defender. Tinhas uma personalidade inflexível, que ainda se reflete em ti hoje — embora estejas a aprender a atenuar isso. Ou seja, estás a abrir-te em algumas áreas. Estiveste envolvido na Inquisição. Tinhas uma visão altamente polarizada do bem e do mal. Estás a evoluir nesta vida, embora tenhas enfrentado dificuldades nesse caminho, pois não é fácil para ti seres flexível — nem psiquicamente, nem espiritualmente. Mas estás a aprender, apesar das dificuldades.

(Para o Arnold.) O episódio do Deus Africano. As tuas experiências com o tempo psicológico deverão trazer-te informações bastante legítimas dessa vida passada, já referida. Deves conseguir recordar algumas das coisas que esqueceste.

(Para o Rich.) Estás na tua quinta reencarnação. Não tem nada que ver com "elevação". Os membros da Aula esclarecerão isso contigo.

(Para o Ian.) Se te pareço altamente único, também tu me pareces único.

(Para a Florence.) A Senhora de Florença é a puritana completa — e essa parte liga-se com a do Ruburt. Ainda não expressaste o teu lado mais primitivo.

(Para o Mack.) Estás a proteger o teu eu interior muito bem, e essa atitude é positiva. O nosso amigo aqui pensa bastante, o que também é bom — mas não pensa de forma seca, pensa de forma criativa. E, embora fale pouco na aula, o que é dito fica na sua mente e é usado à sua maneira. Aproveita o que lhe serve e descarta o que não precisa.

Tens um passado reencarnacional muito significativo — e vais descobri-lo por ti próprio, ou eu dar-te-ei pistas em sessões futuras. Estás a progredir bem, especialmente nas tuas experiências interiores. Certas ideias que tens guardado há algum tempo começarão a concretizar-se — e podes confiar nelas.

O Ruburt tinha algumas experiências preparadas para a aula desta noite — acho que todos vocês podem beneficiar delas.

(Para a Natalie.) Podes contar com o teu amigo — ele estará presente com mais frequência.

(Para a Florence.) Uma nota: se ouvires o teu pensamento consciente, saberás exatamente onde estás. As inibições são agora conscientes — simplesmente optas por ignorá-las. Já não estão enterradas no subconsciente, estão apenas sob a tua consciência imediata, e estão facilmente acessíveis — como deixou claro o teu monólogo desta noite, tão breve quanto interessante.

(Para o Ned.) O homem de olhos por trás da cadeira — a tua experiência com o tempo psicológico foi totalmente válida, e deve mostrar-te do que és capaz quando realmente o queres. Ele quer fazer as coisas por si mesmo — como vês.

(Depois da experiência, a Sue partilhou os seus pensamentos sobre criatividade e responsabilidade.)

A criatividade é, por si só, uma responsabilidade. Obedece a leis que vão além daquelas que conhecem ou reconhecem. Responde a necessidades que, conscientemente, nem sabem que existem. Tem a sua própria validade — e funcionará sempre. A literatura derrotista, à qual te referes, serve muitas vezes para trazer à superfície os medos mais profundos, que por não serem reconhecidos, causam mais danos. Esse tipo de informação traz as questões para o consciente, onde podem ser enfrentadas.

Há graus de criatividade, como há graus em tudo o resto — mas tudo será usado criativamente. E receberás mais respostas — de ti própria, e certamente de mim.

Deves perceber, ainda dentro desse mesmo espírito, que também és responsável pelo corpo magnífico que é a Terra tal como o conheces. E quando estiveres deprimida ou preocupada com o poder do pensamento destrutivo, lembra-te que, a um nível inconsciente, também és responsável pelas estações, pelos céus, pelas montanhas e por todos os elementos de suporte do vosso planeta.

Quando te sentes assim, estás a cair numa armadilha. Tens tão pouca confiança na vitalidade inata da vida, da consciência e de Tudo o Que É, que acreditas que os teus pensamentos agressivos podem desequilibrar tudo — e, ampliados um milhão de vezes, destruí-lo. No entanto, individualmente, cada um de vocês é perfeitamente capaz de lidar com um pensamento negativo vindo de outro, um pensamento agressivo ou, por vezes, até com um lampejo de ódio. A consciência tem as suas próprias proteções embutidas. Mas quando esses sentimentos não são reconhecidos de forma espontânea — e, por medo do mal, são reprimidos — é aí que ganham carga adicional. E, procurando libertar-se, transformam-se em violência, tanto individual como coletivamente.

Têm tanto medo da violência que nem tentam compreender o que está por trás dela — ou a natureza criativa que existe dentro dela. A violência é uma distorção de um impulso para a atividade e, quando compreendes isto, podes usá-la de forma criativa. Quando, por medo, tentas fingir que ela não existe ou, por outro lado, a temes tanto que a suprimis, então ela amplifica-se e pode causar danos.

([Theodore:] "Se penso que alguém me fez mal e me apetece dar-lhe um murro, estarei a causar-lhe dano nesta realidade ou noutra? E, se sim, como lido com essa responsabilidade?")

Se sentes isso, então o primeiro passo é admitires honestamente a ti próprio que esse é o teu sentimento. E, enquanto sentimento, ele existe e é legítimo. Não digas: "Não posso sentir isto," ou pior, "Não sinto isto." Não digas "Que Deus o abençoe," quando na verdade o odeias. Nesse caso, quem sentirá a dor nas entranhas serás tu, e não ele. Em vez disso, admite honestamente o sentimento como uma realidade. Se for intenso, usa métodos simples que estejam ao teu alcance — um saco de boxe, gritar até perderes o fôlego, o que preferires. Depois, diz: "Isto é um sentimento que tenho, foi legítimo. Em breve deixarei de sentir necessidade de ter sentimentos assim, pois a compreensão mudará a minha estrutura emocional. Agora, esse sentimento pode desaparecer, pois expressei-o de forma inofensiva, como sei fazer." E então esquece-o. Imagina a vitalidade do universo como forte e sábia o suficiente para absorver a tua pequena violência — e sobreviver.

Não exageres a situação nem a amplifiques ao imaginares que esse sentimento vai afetar a outra pessoa. Diz: "Sinto-me assim e preciso

expressá-lo neste momento, com honestidade. Mas ele tem a sua proteção contra os meus sentimentos. Ele está cheio da vitalidade da vida, tal como eu." Mas se ignorares o sentimento ou fingires que não existe, ele será reprimido em ti — e atrairá outras pequenas violências reprimidas, aparentemente insignificantes, mas que se acumulam até que te sobrecarregam e têm de ser libertadas. Então podes encontrar essa mesma pessoa quatro anos depois, já esqueceste tudo conscientemente, mas reagir com violência e feri-la — quando, se o sentimento tivesse sido expresso espontaneamente e de forma inofensiva, teria desaparecido por si.

Agora, não posso explicar isto de forma simples, porque é uma questão delicada — e cada um nesta sala tem de aprender a lidar com os próprios sentimentos à sua maneira. Mas há formas — e formas criativas. À medida que evoluem, essas pequenas irritações deixarão de vos incomodar. Serão grandes o suficiente para as absorver. Mas, enquanto forem reais, devem aceitá-las e tratá-las como realidades. Confiem na vitalidade da vida para as absorver de forma inofensiva — e até para as transformar em atividade construtiva. Voltarei a este ponto noutras sessões.

Vou encerrar a sessão. O que quero que compreendam é que podem expandir a vossa consciência da realidade — e que as experiências que tiveram esta noite podem ser ampliadas nas vossas experiências em tempo psicológico.

Habituem-se a dirigir a vossa consciência para outras áreas de atividade, deixem-se ir, e confiem na espontaneidade do vosso ser. Esta é uma realidade — e é válida — mas não é a única realidade onde existem. Por isso, olhem para dentro, e também para o universo físico, mesmo onde parece não haver nada — aí encontrarão outros tipos de realidade.

(Para a Florence.) E se confiasses no teu eu espontâneo, permitir-te-ias uma liberdade muito maior. Esta aula é boa para ti. Dá-te uma estrutura onde podes confiar e, dentro dela, permitir-te liberdade. Não consegues permitir-te liberdade dentro da religião convencional — devido às tuas próprias ideias. Também não consegues permitir-te liberdade sem qualquer estrutura — porque tens medo do que irás encontrar. Por isso, deves aproveitar a estrutura que aqui te é oferecida.

Agora, deixo-vos as minhas mais sinceras bênçãos — e aqueles que estiverem prontos para seguir o seu próprio caminho e fazerem o seu próprio percurso, falarei convosco mais tarde esta noite. E o Ruburt apreciaria umas palavras simpáticas em papel de boa qualidade.

AULA DE PES

15 DE DEZEMBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

(O Theodore estava a falar sobre as dificuldades que estava a ter no tempo psíquico.)

Por agora (para o Theodore), aceita os pensamentos como parte espontânea do momento. Estás a combatê-los com demasiada força. Eles não são inimigos. Não precisas de os derrubar. Aceita-os como parte do momento e eles perderão a força. A única força que têm é a que tu lhes dás — e quanto mais os combates, mais importância lhes estás a dar. Por isso, segue com eles — e eles dissipar-se-ão.

Agora, desejo-vos a todos uma boa noite. E vou ficar aqui a observar como se saem.

(Vendo o Theodore.) Vês como isso te tornou mais espontâneo? Agora, mais uma breve palavra: há uma ideia antiga e infeliz — que estou certo de que já superaste — que diz que, para ser piedoso, é preciso trabalhar arduamente e ser extremamente digno. E quanto mais difícil for, mais piedoso se é. Se ainda não puseste essa ideia de lado, então pelo menos dá-lhe um bom pontapé.

Boa noite a ambos — e sejam bem-vindos (para a Janine e o Harry).

Agora, deixo-vos continuar com as vossas experiências. Estou à espera para ver como se saem — e o Ruburt vai zangar-se comigo porque vai dizer que não serão espontâneos sabendo que estou por perto. E, portanto, têm de lhe provar o contrário. Se eu consigo ser tão espontâneo mesmo estando morto há tantos anos, não vejo por que razão vocês haveriam de ter dificuldades! Divirtam-se. Os deuses divertem-se — e, se escutarem bem, ouvirão as suas gargalhadas.

(Para a Natalie.) Estou a pensar em ti. Tens trabalhado tanto a registar as nossas sessões...

(A Aula fez um exercício de sensibilidade.)

(E para o Theodore.) Estiveste muito sensível ali no canto. Achas que podes ter sessões de sensibilidade noutro sítio. Mas, por outro lado, não podes encontrar-te a ti próprio olhando para fora.

Cada um de vocês teve, esta noite, de reconhecer as suas próprias emoções e sentimentos — de uma forma ou de outra. Essa é a vossa realidade. Estão habituados a escondê-los — e quanto mais sentimentos reprimem, mais reprimem a vossa alegria natural e espontaneidade. E, até certo ponto, o nosso amigo aqui tem razão quando diz que podem usar as sessões de sensibilidade como mais uma máscara — e assim nunca se mostram realmente. Apenas apresentam a máscara que acham que é esperada — que é, no fundo, mais um papel no jogo social de sempre.

Mas, quando praticam o tempo psicológico, não podem dar-se ao luxo de gastar energia a esconder sentimentos de vocês próprios. Precisam de libertação. Precisam de ser amigos de vocês mesmos para que as vossas capacidades possam fluir livremente.

Sempre que temos uma sessão, tento mostrar-vos que o que veem e ouvem é uma demonstração da natureza da personalidade humana. E todos vocês têm personalidades humanas. Por isso, as capacidades que se manifestam nesta sala são exemplos das capacidades que existem dentro de vocês, à espera de serem desenvolvidas.

Refiro-me aqui a muitas coisas — mas principalmente a um sentimento profundo de união com outros seres humanos. A capacidade de se abrirem o suficiente para conseguirem compreender verdadeiramente a realidade de outra pessoa. Quanto mais aterrorizados estão interiormente, menos se permitem baixar a guarda — e constroem muros psicológicos para se protegerem. Afastam-se dos problemas dos outros porque estes vos lembram dos vossos.

Mas, ao usarem o tempo psicológico e ao aprenderem a ser espontâneos, podem libertar essas capacidades dentro de vós.

Não será uma questão intelectual pensar que fazes parte de Tudo o Que É. Será, sim, uma consciência emocional dessa relação.

Tu (para o Garrett) tiveste a tua sensação mais forte de imediatismo com o nosso amigo aqui — e ele encontrou cada um de vocês conforme a sua própria luz, no momento presente, tal como vos conheceu. Podes concordar ou discordar do que ele sentiu ou disse. Podia estar certo ou errado, mas enfrentou-vos de forma direta e espontânea, e sentiste essa vitalidade — e respondeste a ela.

É de forma semelhante que devem encontrar a vossa própria vitalidade e confrontar-se a vós mesmos — e não o conseguirão andando às voltas. Fazem-no ao reconhecer emocionalmente duas coisas: a vossa relação com tudo o que existe e a vossa natureza milagrosamente única. E o ponto de encontro entre essas duas verdades é onde está o "eu" e onde pensam no "eu". As palavras que vos digo são inúteis se não as aplicarem e se não despertarem em vocês uma centelha de atividade.

Um dia destes, conduzirei aqui uma sessão de sensibilidade que será uma verdadeira sessão.

E tu (para o Harry) ainda não olhaste para mim olhos nos olhos. Isso não é comportamento digno de um líder de sessões de sensibilidade. Assim está melhor.

Agora, não é minha intenção importunar-te (para o Theodore) — porque sei que ninguém se torna espontâneo por ser pressionado. Mas não tenho nada contra dar-te um abanão.

([Theodore:] "Isso ajuda?")
Sem dúvida — e ela também ajudará.

Espero (para a Sue e o Ned) mais de vocês agora. Têm o conhecimento e a capacidade.

([Sue:] "Não me tenho lembrado dos meus sonhos.")
Dizes-me que não te lembras dos teus sonhos. Então por que razão *não queres* lembrar-te? Tens formas de descobrir. Pergunta a quem sabe.

Dou-vos os meus melhores desejos (para o Felix e a Bette).
Tu (para a Bette) podes esperar um aumento de atividade em experiências fora-do-corpo — se as permitires. Duas em particular durante o sonho, e uma envolvendo ele.

Agora, sei que estão todos exaustos depois de um mergulho psicológico tão profundo esta noite, por isso vou dizer-vos boa noite.

AULA DE PES

22 DE DEZEMBRO DE 1970 – TERÇA-FEIRA

Vim para vos cumprimentar e desejar um Feliz Natal. Agora, seria o vosso Pai Natal — quando não estou a fazer de Scrooge — porque quero que se esforcem mais.

(A Aula fez uma experiência de mobilidade da consciência.)

Nas vossas experiências esta noite, trabalharam com símbolos — e deram-lhes vida. É exatamente isso que fazem todos os dias nas vossas atividades habituais, mas não reconhecem os símbolos. Apenas percebem os objetos que emergem desses símbolos. Quando trabalham com a consciência, como fizeram esta noite, tornam-se conscientes dos símbolos interiores na vossa própria mente.

Há símbolos pessoais, mas também há símbolos que são, nos vossos termos, universais — e é com estes que constroem.

(Para a Natalie) Alguém tentou comunicar contigo esta noite — e tens feito um bom trabalho.

([Natalie:] "Foi o Cato?")
Não foi o Cato, mas partes da informação vieram de obras que foram, em tempos, transmitidas por ele. O homem em questão é seguidor de algumas dessas obras — embora não de todas. As obras vão dar-te que pensar, por isso lê-as.

([Natalie:] "Foi o amigo que fala comigo nos sonhos?")
Esta noite foi — mas sob uma forma diferente. Além da pessoa de quem tens consciência, há outras formas assumidas pela mesma personalidade. Ele já apareceu nos teus sonhos antes de estares objetivamente consciente dele. E, tal como o nosso membro da Aula, o Reitor, também começarás a seguir o teu próprio caminho. Mas não sejas impaciente.

([Natalie:] “Será por escrita automática?”)
Em parte. E guardarei o resto das surpresas para quando estiveres pronta para elas.

Quero que todos vocês se tornem conscientes dessa mobilidade interior da consciência. Usem-na. Agora, nenhum de vocês deixou claramente o corpo — com uma exceção — mas mentalmente desprenderam-se em vários graus. Estão a dar bem os primeiros passos, mas o conhecimento subjetivo tem de vir de dentro de cada um. Não vos posso dar isso.

O chamado “conhecimento oculto” tratava do conhecimento secreto — e é secreto apenas na medida em que cada pessoa tem de descobri-lo por si. Esse é o fim do segredo. Mas, de certa forma, ele não pode ser contado — pois tem de ser *vivido* e *reconhecido* por experiência própria.

Esta noite, ainda que brevemente, alguns de vocês contactaram com a realidade dos símbolos — e isso é extremamente importante. Pois o corpo físico que conhecem é uma materialização de símbolos que vocês próprios criaram. Não conhecem esses símbolos, mas podem descobri-los — e espero que o façam.

E agora, o que pensam que significa o Natal? O nascimento do *eu interior*. Cada um de vocês deve renascer — não apenas uma vez, mas inúmeras vezes *nesta mesma vida*. Sempre que se libertam de vocês próprios. Quando estão alegres, estão a sair de si próprios.

Disse-te (para a Rachel) para comprares uma árvore de Natal. Se comprares, eu irei ver.

Agora, sugiro que façam uma pausa. Queria que soubessem que estive aqui — e também que estou atento às vossas experiências na aula, e por vezes mesmo fora dela.

E tu (para a Sue) estiveste ausente esta noite.

A Bíblia é uma linguagem que já não compreendem. As palavras contavam uma história — mas certas palavras tinham um significado diferente do literal. Certas palavras-chave eram altamente simbólicas. Se leres a Bíblia apenas pela superfície, encontras uma narrativa ambígua. Mas se

compreenderes o *significado* da "Palavra", separado da interpretação literal, então encontras uma alegoria — e a alegoria era profundamente importante.

É demasiado tarde esta noite para entrar na alegoria da Bíblia — embora eu já tenha abordado isso, até certo ponto, no meu próprio livro. As personagens da Bíblia eram muitas vezes a personificação de certas características humanas. Se, por exemplo, quiséssemos ilustrar características humanas que conduzem à tragédia — como a traição — poderíamos pegar na ideia de *engano*, dar-lhe um nome, transformá-la numa pessoa e chamá-la, por exemplo, Judas.

Se fores uma criança inocente e leres a história, verás um desfile de personagens. Mas se olhares mais fundo, verás que há muito mais — que a história é apenas o invólucro. Dá-te suspense, e o Ruburt diria que oferece uma boa narrativa. E enquanto lês a história, absorves automaticamente as verdades interiores que ela contém — quer estejas ou não consciente disso. Isto é apenas uma explicação parcial — muito parcial — de algo que vocês são.

([Gert:] "Então, segundo essa interpretação, não há necessidade de batismo para remover o chamado pecado original?")

Não houve pecado original a remover.

([Gert:] "Então de onde veio esse conceito?")

Em certas partes do vosso mundo, existiam memórias de outros povos e de outras camadas de existência — e essas memórias permaneceram durante algum tempo. Faziam parte do vosso inconsciente coletivo à medida que este se desenvolvia. Sabiam, por exemplo — alguns de vocês — que noutras existências tiveram outras capacidades e usaram-nas bem. Alguns, em vidas anteriores, *antes* de este planeta ser como o conhecem, faziam parte de civilizações altamente técnicas — que destruíram por ganância, ignorância e ignorância espiritual.

E assim recomeçaram como "selvagens". No entanto, nenhum conhecimento vos pode ser retirado. Nenhum sentido da vossa identidade — passado, presente ou futuro — pode ser-vos arrancado, a não ser que *vocês próprios* o dividam. E, nos vossos sonhos, lembram-se desse passado em que estiveram envolvidos. E por isso, parece-vos que foram forçados a sair de um jardim.

Esta situação, em particular, foi recriada muitas vezes, em muitos lugares — e não de uma só forma.

([Gert:] "Dizes-me por que razão, quando olho para ti agora, vejo o que vejo?")
Tens olhos de ave. Dir-te-ei, sim, mas não agora. Quando estiveres pronta para ouvir realmente a resposta, eu dir-ta-ei. Mas percebi a tua outra pergunta — que é mais pertinente neste momento.

Agora, também tens a memória das tuas existências futuras, porque o tempo não existe como agora te parece, e uma parte de ti tem consciência do futuro tal como tem do passado. E assim, nos teus termos de tempo, ao filtrar-se isso para o ser físico, tiveste um grande sonho de glórias alcançadas — e, no entanto, acordas e vês essas glórias ainda por alcançar. Quando a vossa espécie se abrigava em grutas e fugia em terror sobre a face da Terra, perseguida por lobos, imaginando demónios escondidos nas sombras, os fantasmas das memórias contrastavam fortemente com o mundo que viam e conheciam. E então criaram uma história a partir dessas memórias. As vossas lendas não são feitas apenas do vosso passado, mas também são entrelaçadas com o vosso futuro — nos vossos termos — e tudo isso está entrelaçado até com a vossa carne. Assim, mesmo que todo o conhecimento físico vos fosse retirado, todo o conhecimento que adquiriram desde o nascimento — o que é impossível —, ainda assim permaneceria em vós o conhecimento interior, não só do vosso passado e futuro individuais, mas também do passado e futuro da vossa espécie.

(Para a Rachel) Antes que me esqueça, o Ruburt perguntou-me — e claro que sim, mesmo que não tenhas posto a tua árvore de Natal.

(Para a Gert) Quanto ao resto da questão dos fantasmas — decidiste recomeçar e esconder de ti mesma os teus erros anteriores. Não tinhas uma ligação consciente. É difícil fazer um exame pela segunda vez quando sabes que chumbaste na primeira. Por isso, começaste com grande vigor, tentando esconder de ti o facto de que já o tinhas tentado. Não está aqui implícito nenhum "pecado original". Essa foi a tua interpretação de certas perceções. Era muito mais fácil acreditar que tinhas sido expulsa de um jardim do paraíso do que perceber que foste tu própria a destruí-lo. Estás a seguir-me?

([Joel Hess:] “E os demónios? Onde entram eles?”)
Foste tu que os criaste.

([Joel:] “E estamos ainda a criá-los agora e no futuro?”)
Nesse sentido, sim — porque tudo o que existe, existe.

([Lex:] “Se não temos realmente nada de tangível a temer do passado, então também não precisamos de temer demónios?”)
Estás absolutamente certo. Não há nada a temer. O conhecimento é simbólico em termos que ainda não compreendes intelectualmente. No dia-a-dia, traduzes automaticamente símbolos naquilo a que chamas realidade. A informação está ao teu alcance — apenas te afastaste dela. Formas aparências a partir de símbolos, mas estás tão perdido no mundo das aparências que esqueces os símbolos a partir dos quais essa realidade foi formada.

([Gert:] “A Igreja Católica faz parte desse simbolismo?”)
A Igreja Católica compreende o simbolismo?

([Gert:] “Ela *é* o simbolismo? Fui ensinada a acreditar que era o único caminho para chegar lá — onde quer que seja esse ‘lá’.”)
Não há um único lugar para onde ir. Não há um caminho único. E não existe uma única verdade absoluta.

([Gert:] “Então como é que a Igreja Católica afirma que o Papa é a Igreja instituída por Jesus Cristo e que, por isso, *é* a única?”)
Porque há milhões de pessoas neste mundo que preferem que alguém lhes diga o que fazer em vez de descobrirem por si próprias — é por isso.

([Gert:] “A Igreja, através da interpretação da Bíblia ou do seu texto, recusou-se a deixar que isso fosse sabido pelos seus membros?”)
Agora, a Igreja — queres que a escreva com maiúsculas e entre aspas? — “A Igreja” é composta por seres humanos falíveis — lembra-te disso. Não é um polvo a tentar apanhar-te. Não tem intenções malignas contra ti. Não pensa: “Ah, está ali uma alma perdida em Elmira, Nova Iorque — e, por Deus e por Jesus Cristo, vamos salvá-la, custe o que custar.”

([Gert:] “Por vezes sinto que sou eu que estou contra ela.”)
Ela não está preocupada com isso. Está a desintegrar-se por dentro e é

humana. Serviu muitos propósitos e formou-se como uma entidade psíquica, sustentada pela crença de milhões.

([Gert:] "E, portanto, num certo sentido, é poderosa?")
É tão poderosa quanto as pessoas acreditarem que ela é.

([Natalie:] "Então, se está a desintegrar-se, deixará de existir até ao ano 2000?")
Ah, agora queres um cronograma... Ela irá, de facto, desintegrar-se tal como agora é conhecida, até essa data. Será dissolvida em grande medida, mas permanecerão grupos vitais por todo o mundo que se irão unir a outros grupos.

([Natalie:] "Para substituir a Igreja Católica?")
Haverá uma evolução — tanto da Igreja como de todas as religiões — à medida que as pessoas perceberem que o Deus está dentro delas.

Agora, ouve. Imagina uma cebola — e se alguém aqui não gostar de cebolas, que imagine outra coisa qualquer. Uma cebola cresce a partir da terra — e o princípio vital está dentro dela. Imagina a nossa pobre cebola no solo. Não estou a usar uma flor. A cebola cresce de dentro para fora — como tudo cresce. Mas a cebola insiste em saber quem é Deus e onde está aquele que a faz crescer. Então a cebola olha para a bela cenoura ao lado — tão bem formada — e pensa se será Deus. Depois olha para o espargo, para as videiras, para a árvore. E a árvore é muito maior, por isso, certamente, *essa* deve ser Deus. Ah, mas a árvore não se parece com uma cebola, portanto, não pode ser Deus. Deus, então, só pode ser uma cebola gigante, uma cebola perfeita e magnífica. E assim a nossa pobre e tola cebola passa a vida toda à espera dessa perfeição gigante que a venha salvar. Talvez até tenha alucinações com essa cebola divina — enquanto o princípio da vida, do poder e do crescimento — Tudo o Que É — já está todo dentro dela. O princípio que lhe dá existência. Agora, se algum dia encontrar uma Igreja das Cebolas, aviso-te.

([Joel:] "À medida que essa evolução da Igreja progride e se cumpre antes do ano 2000, essa desintegração será voluntária ou politicamente imposta?")
Será imposta — mas virá de dentro.

([Joel:] "Com alegria?")
Com alegria — e com grande dor. A situação política virá depois.

([Joel:] "Sem demónios com que nos preocuparmos, apenas cebolas vermelhas? Tens algum conselho para mim quanto ao meu ministério? Parece que a igreja que sirvo deixará de ter função.")
Bem, ainda falta algum tempo até ao ano 2000.

([Joel:] "Mas sou um homem jovem.")
E és, sim senhor. Encontrarás o teu caminho. Saberás qual é — e já o sabes. Não precisas que eu te diga.

([Joel:] "Esperava que o confirmasses.")
Quando souberes qual é, estarás por tua conta. Trabalharás com dois grupos de pessoas — embora penses que será apenas com um. Vês-te a trabalhar com jovens, mas também trabalharás com pessoas muito idosas. E é tudo o que te direi por agora. Será à tua maneira.

E alguém (para a Joanne) aqui terá um papel maior no futuro, especialmente nos anos vindouros, do que teve até agora — não estou a olhar para ninguém em particular.

E aquilo (para o Ned) que te disse ainda se aplica — se te recordares — tem a ver com o serviço.

Enquanto fazem uma pausa, há algo que quero dizer. Já o mencionei antes, mas como a nossa Senhora de Florença tem sido tão mal compreendida, vou repetir. Foi graças a ela que estas aulas existem. O Ruburt nunca teria pensado nelas no início, e foi a nossa amiga — que acham ser demasiado intelectual e pouco intuitiva — quem sugeriu as aulas ao Ruburt e abriu-lhe a mente para que seguisse as minhas sugestões.

([Gert:] "Podes ajudar a Florence a encontrar-se?")
Ela irá encontrar-se.

([Gert:] "Ela parece perdida, como o verme na maçã. Ela ouvir-te-á.")
Esse é precisamente o problema — eu quero que ela se ouça a si própria.

([Florence:] "Eu ouço a Jane e o Ruburt também.")
Quero que ouças a Florence — a Florence interior — e tu vais ouvi-la.

([Gert:] "Podes dizer-me porque continuo a ver pirâmides em tempo psíquico?")
São simbólicas — e são um símbolo universal relacionado com conhecimento condensado. A palavra "condensado" é extremamente importante nesse contexto.

Agora, vou despedir-me porque sei que se aproxima a época natalícia, e estão todos cansados — e como poderiam renascer se não forem dormir um pouco? Por isso, aqui vai um alegre "Ho, Ho, Ho".
(E para a Florence) Levar-te-ei numa viagem quando estiveres pronta para ir.
(Mas para o Ned) Nunca desejes ouvir outra pessoa antes de ouvires o teu próprio eu interior.

Antes de terminarmos, quero fazer um último apontamento. Todos vós tendes sido negligentes num ponto: tendes dado à nossa Senhora de Florença sugestões negativas que reforçam a sua própria desconfiança da sua intuição. Por isso, vamos suspender essa atitude — e eu suspendo a sessão. As minhas mais calorosas saudações para todos e uma afetuosa boa noite.

AULA DE PES

29 de Dezembro de 1970 — Terça-feira

(Depois de uma discussão sobre probabilidades, o Ned contou o seu sonho em que matava um peixe.)

Vim em defesa do Ned e do pobre peixe — e do Ned *como* o pobre peixe. O nosso Ned escolheu um peixe, subconscientemente, por várias razões. Em primeiro lugar, o peixe era uma parte dele próprio materializada no estado de sonho. Representava para ele algo muito diferente do peixe cristão que usas ao pescoço (para o Joel).

O sonho serviu vários propósitos. Permitiu-lhe libertar agressividade de uma forma muito menos violenta do que no passado. Mas também lhe permitiu ver o retrato da sua própria agressividade, tal como existia num nível subconsciente da sua mente. A agressividade que ele temia não era assim tão grande, poderosa, negra, peluda e ameaçadora como imaginava. Em vez disso, era uma parte de si próprio — e muito pequena, do tamanho de um peixe, compreendes? — e fácil de esmagar ou pontapear. Não era esse gigante que ele temia, e foi fácil livrar-se dela.

Agora, neste caso, o peixe não era um peixe "provável" noutro plano de realidade. Era, no entanto, uma porção da sua própria energia. Teria sido muito mais benéfico se ele tivesse conseguido usar essa energia, mantê-la como parte de si e transformá-la de forma construtiva. No entanto, o sonho ensinou-lhe que a violência dentro de si não era grande ou ameaçadora e que não precisava de ser temida. Ele pôde usá-la como símbolo para ver quão pequena era em comparação com o seu eu interior — e quão fácil seria, portanto, libertar-se dela. Ele chorou, no entanto, porque percebeu que desperdiçara uma energia preciosa — e nas lágrimas estava a lição.

([Joel:] "Estava a lembrar-me de uma conversa de há umas semanas, sobre dois indivíduos a discutir e um deles a formar mentalmente a imagem de dar um murro ao outro. Disseste, nessa altura, que isso era uma atitude autodestrutiva, e que teria sido mais benéfico usar essa energia num saco de boxe, ou correndo pela estrada fora.")

Nesse caso, sim. Mas lembra-te — aí falávamos de uma questão hipotética. Aqui estamos a falar de uma pessoa concreta e de um incidente concreto — e aí está a diferença. Não se pode generalizar neste campo, compreendes?

([Joel:] "Então é preciso tratar cada caso como único e pessoal, como neste caso do peixe.")
Isso mesmo — procurar o significado por trás do símbolo, e a lição pessoal a aprender.

Agora, dá-nos um momento... Toda a vida tem mecanismos internos de proteção contra o perigo.

O ponto que a nossa amiga (a Sue) tentou levantar anteriormente está relacionado com isto: podes tornar-te tão receoso da violência que exageras o seu efeito. E, se me permites, nesse exagero estás a assumir o papel do diabo. É o mesmo mecanismo que projetar sobre um diabo hipotético todo o poder destrutivo. Podes fazer o mesmo — inconscientemente — ao projetar na ideia de violência todos os poderes e, assim, parece-te que a própria vida não tem capacidade para se proteger, e que qualquer pensamento violento ou desastroso atingirá sempre o alvo, como se a vítima não tivesse defesa.

Se isso fosse verdade, a vossa espécie não teria sobrevivido um só dia.

Sempre que falo sobre isto, lembro-me dos lírios do campo. A tua pobre flor inocente — quando chove, troveja, relampeja — ela olha para cima e diz: "Ai, aí vem o mal do trovão e do raio"? Não. A flor não acha que o trovão e a tempestade estão contra ela. Ela percebe que a força e a vitalidade da vida estão tanto no trovão e na tempestade como no sol. E tem o bom senso de perceber que precisa da chuva, mesmo que esta lhe arranque uma ou duas pétalas.

Têm muito mais proteção do que imaginam.

([Joel:] "Mas parecemos bastante vulneráveis. Estava a pensar no peixe do Ned. E se no meu caso eu tivesse um peixe provável — que tipo de proteção teria ele contra os meus atos violentos?")
Em primeiro lugar, há vários pontos importantes. Alguns podem ser mal interpretados, por isso vou com cuidado, porque nem todos estão prontos para compreender verdadeiramente. Ouvem as palavras, mas ainda não captam o que elas realmente significam.

Mas, no essencial: não fazes violência a ninguém. No essencial, não podes magoar nada. Contudo, enquanto acreditares que podes, terás de viver dentro dessa realidade.

E nessa realidade — tal como a compreendes agora — há razões que ainda não percebes. Não estou a dizer que não *possas* percebê-las. Digo apenas que ainda *não* as percebes.

Ninguém, portanto, poderia magoar o peixe do nosso amigo, mesmo que fosse um peixe real — nos teus termos. Existem ligações entre vocês que não compreendem — e que podem ser mal interpretadas. Por isso, também vou com cuidado.

Assim, nada, nos vossos termos, é magoado sem consentir — sem atrair e aceitar essa dor. Porque, dentro do vosso quadro de referência, cada um forma a sua própria realidade. E isso aplica-se não só a seres humanos — mas a toda a consciência.

Agora, para completares aquilo que te digo, terás de passar pela experiência pessoal. Só compreenderás verdadeiramente quando o teu eu interior estiver pronto — e não falo de compreensão intelectual. As respostas estão dentro

de ti — e mesmo que eu repita estas palavras mil vezes, elas serão apenas palavras até que, de dentro de ti, venha a experiência que lhes dá vida.

(Para o Ned) Agora, vai fazer a tua pausa. E uma palavra para o nosso amigo aqui — não sou frágil. Posso ter de aguentar com o cabelo comprido do Ruburt e as suas saias rodadas, mas todos temos os nossos problemas.

([Arnold:] "Então, no fundo, não fazemos violência contra uma identidade real, mas apenas contra um sistema de camuflagem criado por nós?")
Sim, mas não podes usar isso como desculpa neste plano de realidade — por isso disse que pode ser mal interpretado. Só queria garantir que se lembram disso. Têm de ter cuidado com os deuses africanos — sabem como conseguem torcer cada palavra!

A violência, ao vosso nível, é a outra face da criatividade — mas não percebem isso. São vocês que criaram essa separação. Toda a vida, em certos aspetos, envolve aquilo a que chamam violência. Respirar é uma forma de violência — depende apenas de onde traçam a linha.

Toda a vida é uma projeção para fora — uma projeção jubilosa — de energia que ainda não aprenderam a usar criativamente, e que por isso chamam violência. Mas essa energia tem um enorme potencial criativo. E cabe-vos a vós, agora, aprenderem a usá-la de forma criativa — pois ela é apenas outra face da criatividade.

Houve uma civilização — e estou a escrever sobre ela no meu livro, e alguns de vós já ouviram falar dela — uma civilização, nos vossos termos, num passado remoto, em que um grupo de seres humanos tentou criar um corpo físico incapaz de agir com violência. Sempre que a violência era ameaçada, o corpo encerrava-se automaticamente à ação. Literalmente, não podia agir. Essas pessoas pensavam que, assim, a violência seria erradicada da face da Terra, e esperavam iniciar uma nova raça de seres humanos que não conheceria a violência. Poderia parecer, talvez, que se tratava de uma raça altamente idealista, forte e bela — mas, na verdade, não estavam a enfrentar a questão com clareza.

Viviam no planeta físico, com o seu vento, a sua chuva, as tempestades e os animais — com toda a sua força e violência — mas não podiam mostrar violência, nem cometer atos violentos. Não aprenderam a projetar a energia

para fora de forma construtiva. Bloquearam grandes porções da sua energia, em vez de aprenderem a usá-la — e, dessa forma, negaram-se a si próprios facetas importantes da criatividade. Tornaram-se tão aterrorizados pela própria Terra — com as suas chuvas fortes e ventos — que literalmente se enfiaram nas entranhas da Terra, construindo uma civilização subterrânea, onde se sentiram triunfantes, tal como vocês se sentirão quando construírem uma civilização fora da Terra.

Estavam tão atentos a qualquer sinal de violência que todo o seu sistema de comunicação se baseava no medo — pois não sabiam proteger-se, apenas sabiam fugir. Não enfrentaram a questão da energia criativa nem aprenderam a utilizá-la. Cortaram-na na origem. Fazer um buraco na Terra é um ato de violência. Arrancar uma flor da terra é violência. Gritar para o ar, como eu faço agora, é violência para os átomos e moléculas. O sangue a circular no vosso corpo é, nesse sentido, um ato violento.

Aprendam o que é energia, o que é vida — e então usarão ambas de forma criativa, sem receio. Não estou, com isto, a dizer "mata, mata, mata". Vocês ainda não compreendem a natureza sagrada e divina da vida nem da energia, nem que não é possível abusar dela. Podem *pensar* que abusam, mas não vos é *permitido* abusar. Não vos é permitido destruir. Enquanto vivem com essas coisas, devem enfrentá-las e suportar as consequências.

Se matarem, e acreditarem que mataram, então suportarão as consequências — ao nível atual do vosso desenvolvimento. Mas acreditar que se pode destruir uma consciência — isso faria os deuses rir. Não podem destruir nem sequer uma semente de flor, quanto mais um homem.

([Arnold:] "Os animais que conhecemos têm, então, criatividade nas suas ações como nós?")
Têm, sim. Toda a consciência tem criatividade — caso contrário, não seria consciência.

([Arnold:] "A ideia de não poder fazer nada violento, como esse povo, fez-me lembrar o gambá, que finge estar morto quando surge uma ameaça.")
É, de facto, uma boa analogia. E diferentes animais seguiram diferentes caminhos de evolução. Todas aquelas espécies que parecem ter desaparecido da vossa realidade, em outras probabilidades continuam a existir e a desenvolver-se. Os dinossauros seguiram o seu caminho.

([Arnold:] “Ainda existem noutro plano?”)
Existem, sim — e são diferentes daquilo que eram aqui, pois seguiram a sua própria linha de desenvolvimento. Nada é apagado. Em termos absolutos, não existe não-existência. Aquilo que *é* não pode *não ser*.

Os canibais, de certa forma, eram muito mais perspicazes, muito mais religiosos, e tinham uma atitude muito mais sagrada perante a vida do que muitos de vós nesta sala. Comiam, por exemplo, seres humanos e animais — mas não o faziam indiscriminadamente, nem sem consciência do ato. Sabiam que a sua vida fazia parte de toda a vida. Estavam num certo nível, e vocês estão noutro. Mas, no seu nível de experiência, participavam no sacramento da vida ao consumirem o que matavam. Agradeciam ao corpo que consumiam. Aceleravam a partida do espírito que antes habitava o corpo, com gratidão. Rezavam para que os seus corações fossem tão fortes e corajosos como os corações que comiam.

Muitos deles sabiam que, se não comessem outros guerreiros, esses acabariam por morrer de fome de qualquer modo. Por isso, comiam-nos com alegria e agradecimento.

Os animais também se consomem uns aos outros, e nesse ato — ao seu nível — existe novamente a consciência inata de um sacramento. E os animais compreendem isso entre si. Mas vocês comem indiscriminadamente, sem qualquer consideração pela vida que o alimento representa. E da mesma forma que consomem os animais, também os vossos corpos físicos, um dia, regressarão à terra — ajudando a formar outros animais.

Partículas dos átomos que hoje compõem os vossos corpos correrão pelos campos do Iowa, daqui a cem anos, transformadas — mas ainda com a memória da sua origem.
Existe um sacramento aqui que não compreendem. E quando devoram comida sem pensamento, e sem um momento de silêncio em reconhecimento de que aquilo que comem já viveu, então perdem o contacto com uma herança sagrada — e negam a si mesmos uma parte de um ciclo do qual, como seres físicos e espirituais, fazem parte.

([Arnold:] “Isso aplica-se tanto à carne como aos vegetais?”)
Aplica-se, sim.

([Garrett:] “As pessoas que matam por desporto, em vez de por alimento — isso é aceitável?”)
Nos termos da tua pergunta, não — não é aceitável, e terão de lidar com isso.

([Garrett:] “De que forma terão de lidar com isso?”)
Trata-se de uma falta de desenvolvimento espiritual — e isso conduzi-los-á, inevitavelmente, a provas que terão de enfrentar. Não como castigo, mas como oportunidade de compreensão. A ignorância causará sofrimento — até aprenderem a libertar-se dela.

([Garrett:] “É o mesmo que ir cortar uma árvore sem motivo?”)
Exatamente.

(De regresso do transe, Jane comentou quantos cigarros tinha deixado queimar.)
Já lhe disse para largar os cigarros há muito tempo — mas é o seu sinal de independência, de que não vai deixar que nenhum espírito lhe diga o que fazer.

(A Florence comentou que o canibalismo não lhe parecia nada religioso.)
Nunca foste canibal. Os canibais conheciam esse sacramento de forma subconsciente. Estava inserido num ritual religioso. Era subconsciente, mas também aprendido e praticado conscientemente. Os seus rituais eram tão rigorosos como os da tua igreja — e eram tão religiosos a segui-los.

([Florence:] “Só comiam inimigos, nunca comiam membros da própria tribo.”)
Comiam os corajosos e os fortes. Algumas tribos comiam os anciãos. Quando os mais velhos já não conseguiam cuidar de si, se fossem homens muito sábios e corajosos, realizava-se uma dança em sua honra, e todos sabiam o que se ia passar. Eram mortos com misericórdia — pois já não conseguiam fugir a predadores ou a tribos inimigas — e eram comidos para que a sabedoria se tornasse parte dos mais bravos. Assim, alcançavam, de certa forma, a imortalidade — pois passavam a fazer parte da carne e do sangue da tribo. E isto era uma crença comum, e os anciãos não temiam este destino. Preferiam-no, aliás, a serem abandonados à fome ou aos animais selvagens.

Hoje deram-me muito trabalho, portanto vou terminar esta sessão e regressar. Estão todos demasiado misteriosos para o meu gosto. Não preciso de mais motivos.

Terei mais a dizer sobre a natureza da violência e sobre as diferentes civilizações e a forma como lidaram com ela, noutras sessões.

Também tenho alguns dos vossos sonhos para interpretar. Além disso, têm experiências de classe para fazer — aqui e em casa. É preciso coragem, determinação e vontade de se deixarem ir e divertirem-se para descobrirem quem são e porque estão aqui. E eu espero esse esforço da vossa parte.

Se me perdoarem a analogia: imaginem que o vosso eu presente é como uma peça de roupa que vestiram. E quando procuram a natureza da realidade, imaginem que a tiram — como uma criança que se despe para brincar na água da primavera. O eu que deixarem de lado estará lá quando regressarem. Ninguém vo-lo roubará. Depois, deixem-se ir — e sejam alegres.

Agora, despeço-me com um caloroso "boa noite" — para todos: peixes, canibais e companhia.
(E, para o Theodore:) Espero ver alguma ação no Grande Salão. A hora é agora.
(E, para a Florence:) O teu sonho foi significativo.

([Florence:] "Podes dizer-me quem estava a tentar hipnotizar-me?")
Eras tu a tentar hipnotizar-te. Simplesmente criaste a imagem de uma figura autoritária em quem podias confiar.

([Florence:] "Então por que motivo continuava a acordar?")
Porque ainda temes a ideia de te deixares ir. Mas vais encontrar outros métodos, vais experimentá-los e descobrir os que são mais adequados para ti. Agora, não me esqueci de ti. Boa noite a todos.

AULA DE PES

5 DE JANEIRO DE 1971 — TERÇA-FEIRA
(Depois de uma discussão sobre reencarnação, eus prováveis e o tempo. Theodore Muldoon relatou o seu regresso ao Grande Salão, com a nova tapeçaria e a nova sensação pulsante.)

Agora, Roma antiga existe. E também o Egipto. E Atlântida.
Vocês não só moldam o futuro — como o concebem — como também moldam o passado.

Já vos contaram histórias simples — e encantadoras — mas, se não estivessem prontos para ouvir mais, não estariam nesta sala.

A vossa personalidade é verdadeiramente multidimensional. E, depois de aqui estarem algum tempo, compreenderão o que a palavra “multidimensional” realmente significa. Significa que não estão aprisionados pelo tempo como o conhecem. Os vossos "eus reencarnados", ou personalidades, também não estão presos no seu tempo. Há uma constante troca entre o que chamam o vosso eu presente, o vosso eu passado e o vosso eu futuro. Se não fosse assim, eu nem sequer estaria aqui a falar — pois não sou um eu passado do Ruburt.

Cada personalidade é livre. Nenhuma está presa no tempo. Cada uma é independente — e, portanto, é um ser por si próprio. O tempo tem extremidades abertas em todas as direções — ou não existiriam probabilidades. Assim, atos que realizam agora podem ajudar uma personalidade do passado. E uma personalidade futura pode ajudar-vos ao longo do vosso caminho — mas também as vossas ações atuais influenciam o futuro e o passado.

Tentem expandir a vossa imaginação e sentir estas realidades, porque só com o intelecto não as podem compreender. O **tempo psicológico** é o vosso melhor instrumento para perceber estas verdades. Podem sentir aquilo que não conseguem descrever verbalmente, e conhecer — por experiência direta — o que nem mesmo o cérebro físico consegue compreender ou expressar. Porque vocês são mais do que o cérebro físico que agora possuem.

Eu não sou poeta, mas ao pensar num dos poemas do Ruburt, imaginem o cérebro como uma teia que tecem à volta do vosso eu interior. Uma teia

serve para vos ajudar a manipular o mundo de espaço e tempo — que é tão nebuloso e delicado quanto a teia de uma aranha. E que se mantém num equilíbrio igualmente precário. Vocês formam essa teia e depois percebem o mundo através dela. Mas o vosso ponto de vista é muito reduzido, e o jardim que percebem é muito íntimo. Dentro de vós, porém, existem capacidades muito maiores de perceção — e não estão limitados a quartas ou quintas-feiras.

Quero que compreendam a natureza do vosso eu interior — ou, para o vosso amigo ali (dirigindo-se ao Joel Hess), a natureza da vossa alma. Porque ela é um ponto de foco da realidade, a partir do qual brotam outras realidades — e não está aprisionada em caixas de dias, semanas, meses ou séculos. Mas para experimentar estas realidades, têm de se abrir a elas — da forma que conseguirem.

(Para o Theodore:) E, por exemplo, chegará o momento em que poderás viajar pela tua tapeçaria e perceber que são ilustrações — como já percebes — mas mais vivamente, para que possas experienciar a realidade por detrás delas.

Agora, façam um intervalo, e eu voltarei num instante.

(Durante o intervalo, Rachel Clayton perguntou se o passado, presente e futuro são todos um só.)

Ele não te pode responder. Fomos originalmente parte da mesma entidade. Depois, cada um de nós evoluiu à sua maneira. Somos, portanto, independentes. Somos nós mesmos.

([Rachel:] "Ou seja, a entidade tem muitas partes, todas a evoluir como uma só?")
Sim. Eu evoluí até formar a minha própria entidade — e ele também o fará, mas ainda não está nesse estágio, nos teus termos. E, noutra referência, já está. Ele também é, no entanto, todas aquelas partes de si que estão menos desenvolvidas — pois todas existem como uma só — e não há verdadeiramente separações. E todas essas partes menos desenvolvidas estão conscientes desta ligação.

Nos vossos termos — e só nesses termos — poderia ser chamado de um sexto eu do Ruburt no seu futuro. Mas isso serve apenas como metáfora para

transmitir a ideia — pois ele não se tornará aquilo que eu sou. Isso seria impossível, porque eu sou eu. Há respostas que não podem ser dadas verbalmente — têm de ser entendidas intuitivamente. Mas o simples facto de eu existir e poder comunicar convosco mostra, nos vossos termos, que há aspetos "superiores" da vossa personalidade que vos podem ajudar e que realmente existem.

([Rachel:] "Sempre ensinaste sobre reencarnação?")
Ensinar foi o meu principal propósito — mas nem sempre fui professor. Fui comerciante de especiarias, em tempos. Um comerciante redondo, gordo e pesado.

([Rachel:] "Mas elegante!")
Não sei o que fazer contigo! Sabíamos para que serviam as especiarias muito antes desta geração andar obcecada com ervas. Ficávamos "nas nuvens" a cheirar orégãos em alto-mar. Levávamos especiarias até à Dinamarca — e fazíamos viagens encantadoras. Explorávamos até ao sul de África, e depois voltávamos para vender os restos aos bons camponeses dinamarqueses. Eu era um verdadeiro gourmet.

Agora, todos os vossos chamados "passados" existem dentro de vós neste momento. Podem descobrir quais são, podem recuperar essas memórias. Mas não estão presos no tempo — a menos que acreditem que estão. E não há nada mais importante do que a crença. Nada vos pode libertar mais do que a crença — e nada vos pode aprisionar tanto. Pois se acreditarem que só existem nesta vida, que nasceram apenas para morrer e serem aniquilados, então não usarão a vossa liberdade nesta existência — e negarão as suas manifestações quando estas surgirem. E ninguém vos impõe essa prisão senão vocês mesmos. Compreender o vosso eu multidimensional é usá-lo.

(Para Natalie Swing:) E quando amigos surgirem junto à tua cama, recebe-os com alegria — e lembra-te de que te conhecem há muito tempo, e que se preocupam contigo e com o teu crescimento.

([Natalie:] "Mas continuo sem conseguir vê-lo.")
Dá tempo a ti mesma. E, se sabes que ele está lá, que importância tem vê-lo ou não fisicamente?

Agora, podem descansar. Mas espero que, durante este intervalo, deixem cair as barreiras que construíram dentro de vós — porque só vocês as criaram, e só vocês as podem dissolver. E o que fizerem agora é importante — não só para o eu que são neste momento, mas, novamente nos vossos termos, para os eus que foram e para os eus que serão.

E se existe alguma redenção, meu caro e santo amigo (para o Joel), ela acontece em cada momento do tempo presente, em cada dia — e não num passado longínquo de séculos.

(A Rachel comentou que o Seth não fazia muitas previsões sobre o futuro.)

Não é por cautela, é por realismo. Quando se compreende a natureza da realidade, percebe-se que as previsões sobre o futuro são, na sua essência, irrelevantes. Sim, podem prever certos acontecimentos — e eles podem ocorrer — mas vocês criam o futuro a cada instante, no vosso quadro de referência. E o tempo, nos vossos termos, é plástico.

A maioria das previsões é feita de forma altamente distorcida, e engana o público. Além disso, quando os "profetas" falham redondamente, não ajudam nada a "causa". A realidade não funciona assim. Podem sintonizar-se com certas probabilidades, e prever "que podem ocorrer" — mas o **livre-arbítrio** está sempre em ação. E nenhum deus, em tronos de marfim, diz: "isto vai acontecer no dia 15 de Fevereiro às 8h05." E se nem um deus prevê assim, também não vejo razão para o fazer.

Agora podem continuar com o vosso intervalo.
([Molly Pearson:] "Então não devemos acreditar em sonhos precognitivos?")
Muitos dos chamados sonhos precognitivos são, na verdade, outra coisa completamente diferente. Alguns, no entanto, são perfeitamente legítimos. Muitas vezes, a sugestão contida no sonho é o que dá origem ao evento — e quando esse evento ocorre, parece que o sonho previu um futuro já existente. Mas, na realidade, foram vocês que criaram o evento — só não se aperceberam de que a sua origem foi no momento em que o sonharam.

Esta questão não pode ser respondida de forma simples, porque tem muitas ramificações. Mas, a partir de cada instante de realidade, vocês moldam e alteram não só o futuro, como também o passado. E no funcionamento das probabilidades, isso tem grande importância — significa que afetam todos os

acontecimentos, e que os vossos livros de história são uma deliciosa ficção que apenas reflete as vossas ideias atuais sobre o passado.

([Nadine Renard:] "Como posso mudar a minha forma de pensar para manter a minha família saudável em vez de os deixar doentes?")
Temos, novamente, uma pergunta vinda da plateia.
Percebe que não és a única a formar os acontecimentos. Estás envolvida num empreendimento cooperativo. Não és, portanto, exclusivamente responsável por um evento — pois, normalmente, outras pessoas participam na sua criação, e pelas suas próprias razões.

Esta questão também não pode ser resolvida numa única noite. Cada consciência viva possui o seu próprio sistema de defesa e vitalidade — e deves confiar no teu. Não confias em ti própria. Todos vocês cooperam para formar a realidade física que conhecem, telepaticamente, através de meios que ainda não compreendem. Tecem essas teias de realidade psíquica que depois se materializam como realidade física. E não as tecem sozinhos — tecem-nas em conjunto. Os vossos pensamentos entrelaçam-se com os dos outros. São responsáveis pelos vossos próprios pensamentos. Precisam de aprender o poder do pensamento e da emoção — mas isso devia encher-vos de alegria pela criatividade e pela possibilidade, e não amedrontar-vos com o peso da responsabilidade.

([Nadine:] "Mas eu não sei como aprender isso.")
Aprenderás aqui, aprenderás através da leitura. Aprenderás ouvindo o teu eu interior. Esses métodos são conhecidos há séculos — não apenas nos vossos termos, mas desde que esta Terra existe, mesmo quando os polos estavam invertidos, quando havia outras estrelas no céu e os planetas eram diferentes dos que hoje conhecem. Os métodos sempre foram conhecidos. E agora, façam o vosso intervalo.

(Theodore descreveu a Jane a pintura de uma mulher que sentia que o Rob iria pintar.)
(Para Theodore:) Tinhas razão quanto à mulher.

([Gert Barber:] "Onde é que arranjaste o orégão, e em que forma o cheiravas?")
Foi nas Índias. Estava seco.

(Durante o intervalo, Gert contou que parecia haver pessoas a desaparecer na última sessão.)

Agora, o Ruburt não vai conseguir o seu cigarro novamente, como podes ver. Nas nossas sessões, expliquei algo que nunca tinha mencionado nas aulas: para cada momento em que parecem existir neste universo, **não** existem nele. Os átomos e moléculas têm uma natureza pulsante que vocês normalmente não percebem. Aquilo que vos parece um átomo contínuo é, na verdade, uma série de pulsações que vocês não conseguem acompanhar. A matéria física não é permanente — apenas a percebem como contínua. Os vossos mecanismos perceptivos não estão equipados para captar essas pulsações.

(Dirigindo-se ao Arnold Pearson, cientista:) Estou a falar contigo porque talvez possas compreender minimamente aquilo que estou a tentar explicar, por causa do teu contexto, que muitos dos outros aqui não possuem.

([Arnold:] "Essas pulsações são extremamente rápidas, nos nossos termos temporais?")
São, de facto. Vocês não conseguem sequer conceber a sua velocidade. No entanto, em certas condições, o eu interior — ao abandonar a sua habitual dependência dos sentidos físicos — consegue estar consciente desses períodos que vos pareceriam "negações" da realidade.

(Para a Gert:) Esses momentos de aparente desaparecimento — foi isso que estavas a perceber naquela altura. A minha observação sobre "maus olhos" foi um trocadilho que não compreendeste. Se estivesses a usar apenas os teus bons olhos físicos, **não terias visto nada**.

De forma semelhante, a vossa consciência também flutua — ora está aqui, ora não está. Mas o eu físico apenas foca os momentos em que a consciência está centrada na realidade física. E, por isso, o vosso eu consciente só guarda memórias dos momentos físicos que viveu. Contudo, como a consciência flutua, outras partes de vocês têm memória desses períodos "em que não estão focados na realidade física". E isso também é parte da vossa existência. Isto não é tão complicado como parece.

Mesmo que não se lembrem dos vossos sonhos, por exemplo, sob hipnose poderiam recordar cada sonho que já tiveram na vida. Portanto, há uma parte

de vocês que se lembra desses "não-momentos", quando a vossa existência está noutro plano de realidade — e percebem o que, nos vossos termos, chamo de não-intervalos.

([Arnold:] “Esse não-momento faz parte desta existência?”)
Faz, sim. E esses não-momentos são momentos noutra dimensão da realidade.

([Joel:] “Isto pode ser comparado à rotação da luz de um farol?”)
Pode, sim — se gostas da analogia.

([Arnold:] “A imagem que tenho é de uma onda eletromagnética — uma onda portadora — e os momentos ‘ligados’ são os pulsos positivos, e os não-momentos são os pulsos negativos.”)
É exatamente por isso que estava a falar contigo.

([Arnold:] “Existem mais do que dois pulsos?”)
Existem, sim. E o eu total está consciente de todas essas realidades.
Agora, vocês conhecem — sem ofensa — as vossas próprias fraquezas e falhas. Então por que razão haveriam de pensar que o eu que conhecem é o único eu que são? Com certeza já vos ocorreu que possuem capacidades que não estão a usar. Com certeza já vos ocorreu que há outras realidades ligadas à vossa existência mais profunda, que não se manifestam nesta existência que conhecem.

([Gert:] “Se tive essa experiência naquele momento, posso, se persistir, recolher informações que me ajudem? E as sessões diante do espelho são uma forma de manter essa ligação consciente?”)
Podes, sem dúvida. O espelho é um excelente método. A resposta a ambas as perguntas é sim.

([Gert:] “Posso também captar as minhas próprias reencarnações?”)
Podes, sim. E será mais fácil se perceberes que os teus eus reencarnados não estão perdidos nem trancados num passado inacessível e obscuro.

([Gert:] “Numa das minhas sessões ao espelho, vi a imagem de um homem a subir pelas cordas de um navio antigo. Tenho um medo terrível de água — de cair ou saltar nela. Morri afogada numa vida passada?”)
Não, não morreste afogada, mas era um eu reencarnacional teu. Estiveste muito perto de te afogares e foste perseguida por tubarões — mas não

morreste. Isso aconteceu na costa sul de África, por volta de 1342. Não era uma galé, mas um navio nativo, com um mastro alto.

(Para o Arnold:) Quero que reflictas sobre o que disse acerca dos não-intervalos — gosto do termo não-intervalos mais do que "não-momentos".

([Joel:] "Um não-intervalo seria então um intervalo positivo para outro aspeto da nossa existência?")
Sim, é isso mesmo. E eles não perceberiam a vossa existência aqui — para eles, seria um não-intervalo.

([Joel:] "Será isto a chave para a existência simultânea de todas as nossas vidas? A chave para o não-tempo?")
Sim, é mesmo isso. E, numa das próximas sessões, dir-vos-ei que devem repensar completamente o significado da palavra "vidas". Este é o primeiro indício que vos dou — seja em sessões privadas ou em grupo — sobre algo bastante importante. Reflitam sobre o que querem dizer com "vida" ou "vidas", e verão como essa ideia é limitada.

Vou terminar a sessão, mas deixo um último comentário — já o disse antes:

Vocês estão tão mortos agora quanto jamais estarão.
Se compreenderem esta afirmação — e meditarem sobre ela — compreenderão muito do que foi dito esta noite.

(Arnold:) Então estamos tão vivos agora como alguma vez estivemos?
De facto, sim. Exceto que, neste foco em que te encontras agora, não estás a concentrar-te no pleno potencial da tua vitalidade.

(Gert:) Podemos fazê-lo e ainda assim permanecer neste aspeto da existência?
Usando intervalos e não-intervalos. Agora, a nossa amiga aqui (Natalie) estava a usar intervalos e não-intervalos de forma magnífica esta noite, e, até certo ponto, vocês também os usam no tempo-psíquico.

(Theodore:) Esse efeito de pulsação que senti?

Sim, experimentaste-o, contudo de forma física, para tornar a ideia clara. Imaginaste, por exemplo, um batimento cardíaco dessa natureza apenas para compreenderes a ideia. Podes saltar entre esses batimentos, percebes?

Agora, os batimentos, no seu conjunto, formam um padrão simultâneo — e esse padrão é a entidade.
Agora, despeço-me de todos com votos de uma boa noite, e espero ver algum talento em manobras astrais na próxima segunda-feira à noite.

(Rachel:) Existiu um continente chamado Mu?

Sim, existiu. Agora, digo-te para te lembrares dos teus sonhos e, no teu contexto, digo-te de novo — não só para te lembrares deles, mas para aprenderes a despertar no meio do sonho e perceberes que podes manipulá-lo, que és tu que o formas e que ele é teu — não algo que te é imposto e perante o qual estás impotente.

(Rachel:) Estamos a usar a nossa existência como o sonho?

O que acabei de dizer aplica-se ao que acabaste de afirmar. Num certo contexto, aquilo a que chamam realidade física é um sonho. Mas, num contexto mais amplo, é um sonho que criaste — e, quando te apercebes de que és tu que o formas, então começas a lembrar-te do teu eu completo.

E quando percebes que és tu quem forma os acontecimentos da tua vida da mesma forma que formas os eventos de um sonho, então aprendes a agarrar a totalidade da tua consciência e a tomar controlo da vida que é tua, em qualquer aspeto em que ela se manifeste.
Em tudo isto deves compreender que não és impotente — e que a realidade física é um sonho. Tu criaste-a; ela não te foi imposta. Podes encontrar-te a ti mesmo, portanto, através do tempo-psíquico. E lembra-te também de que este sonho é uma dimensão de experiência e realidade, mesmo que, por comparação, seja um sonho dentro de um nível mais elevado de realidade, onde habita a tua consciência mais ampla.
E agora despeço-me com votos de boa noite e bons sonhos — e quando te digo para te lembrares dos teus sonhos, quero dizer de todos eles.

AULA DE PES

12 DE JANEIRO DE 1971 – TERÇA-FEIRA

(Florence McIntyre falou sobre a sessão de sensibilidade que frequentou.)

Não tens qualquer problema em relacionar-te com outras pessoas. A tua maior dificuldade está em relacionar-te contigo mesma, e evitas encontrar-te contigo própria nas sessões de sensibilidade. Usas essas sessões apenas como desculpa para dizeres a ti mesma que estás a ir tão longe quanto deverias. Estás a dizer a ti própria que és uma boa rapariga. Agora, até estares pronta para olhar mais profundamente para dentro de ti, tudo bem — mas quero que percebas o que estás a fazer. Estás a evitar a tua vida interior o mais completamente que consegues.

(Florence:) Porquê?

Se olhasses dentro de ti, saberias porquê. Ou, se pedires uma sessão privada, posso dar-te algumas pistas. Mas não pediste uma, e não o fizeste por uma boa razão.

(Florence:) Porque tenho medo de saber.

Porque ainda não estás pronta para saber. Não te digo isto, como diria Ruburt, para te rebaixar. És demasiado inteligente para não perceberes, no fundo, o que estás a fazer. Quero apenas que percebas que eu também sou suficientemente inteligente para saber o que estás a fazer. Não disse que não estavas a fazer nada. Estás a fazer um pequeno algo, só para manteres o dedo na água...
Mas quero que todos compreendam outra coisa, e já o disse antes. A nossa Senhora Florence, muito gentilmente, personifica para cada um de vós na aula os sentimentos que todos têm, em maior ou menor grau, em relação ao vosso eu interior. Ela manifesta-os de forma exagerada para que os possam observar. Por isso, quando fala, fala não só por si, mas por todos nesta sala, incluindo Ruburt. E agora, depois desta pequena declaração alegre, deixo Ruburt distribuir a transcrição da sessão da semana passada.

(Para Florence.) Tens, de facto, prestado um serviço útil na aula, mas espero ver isso mudar. Porque, quando começares a olhar para dentro de ti, darás aos outros um belo exemplo — e assim será.

(Durante o intervalo houve uma discussão sobre as pulsações contínuas, e Jane mencionou a capacidade de Ned Watkins desaparecer. Jane também leu excertos de material sobre o Gnosticismo.)

Uma pequena nota. Em certos aspetos, estas pulsações representam o que acontece em alguns dos vossos incidentes com óvnis, pois muitas vezes não têm um veículo como aquele que percebem — ou julgam perceber. Refiro-me apenas a certos casos. Nestes casos, têm visitantes de outras áreas de atualidade, outras realidades.

O que acontece é o seguinte: há uma tentativa de troca de realidades-camufladas. Os seres originais, ao entrar no vosso plano, não podem aparecer nele tal como são — a sua estrutura atómica não é igual à vossa. Por isso, têm de ocorrer distorções para que qualquer contacto seja possível. Portanto, os dados sensoriais que recebem já contêm distorções. Os veículos físicos frequentemente percebidos são a vossa interpretação de um evento que realmente está a acontecer noutra forma.

Agora, o nosso amigo aqui atrás (Ned) poderia bem aparecer, noutra realidade, como um óvni e assustar os habitantes. É um pássaro? É um avião? Não, é o Super Ned.
Mas esquecem-se de que a consciência é a verdadeira realidade — o único veículo verdadeiro — e nenhuma parte da vossa consciência está presa dentro de vós. Ela manifesta-se numa ou noutra forma. Uso a palavra "materializa-se" porque faz sentido para vós, mas o próprio termo é distorcido, pois sugere uma aparição na matéria — e, como sabem, nem todas as realidades são físicas.

O nosso amigo aqui atrás (Ned) tem experimentado desaparecer há já algum tempo, muitas vezes sem saber que o faz e, por vezes, de forma deliberada. É teoricamente possível, por exemplo, para ele — ou qualquer um de vós — dispersar a consciência e tornar-se parte de qualquer objeto na sala, ou dispersar-se no espaço sem perder o sentido de identidade.

Isto não é prático, nos vossos termos, mas muitos de vós fazem-no para se reabastecerem enquanto dormem.

A consciência, pelas suas características, carrega um fardo — o fardo da perceção. Enquanto estás consciente, tens de perceber. Esta é a forma de

consciência com que estão habituados, pois não conseguem imaginar consciência sem perceção. Mas a consciência pode ser vital e viva mesmo sem essa perceção — pelo menos tal como a entendem. Isto é importante, especialmente para o nosso registo aqui.

Por vezes, encontram descanso ao dispersar a consciência, como a entendem, e assim ganham conforto e liberdade ao usar outras características da consciência, normalmente inconscientes para vós.

Agora, os átomos e moléculas — meu caro amigo científico (Arnold) — por muito pequenos que te pareçam, também carregam o seu fardo de consciência e responsabilidade. Contudo, há uma parte da consciência que pode perceber de forma alegre, não forçada pela sua natureza, mas que pode perceber criativamente, como expressão lúdica do seu ser, sem responsabilidade.

O nosso amigo poético Ruburt escreveu um poema sobre os deuses nas vigas que me agradou, embora a poesia nunca tenha sido uma das minhas alegrias particulares. Ainda assim, de certa forma, o próprio ar à vossa volta canta com a sua consciência alegre — e não conhece o mesmo fardo que muitas vezes vos oprime.

Têm tanto medo da morte, nos vossos termos, que não ousam desligar a consciência nem por um segundo — pois temem que, se a desligarem, não haja ninguém para a voltar a ligar.

(Arnold:) Esta dispersão da consciência — diz respeito à entidade inteira ou apenas a uma parte dela?

É assim que se formam as galáxias. É assim que o universo se expande. E é assim que as entidades se formam. Essa é a tua resposta — agora medita bem sobre isso.
Estou satisfeito porque esta noite estão a pensar por vós próprios — e é isso que quero. As ideias não têm realidade se não as tornarem vossas. Façam-nas amigas ou inimigas. Lutem com elas ou amem-nas. Mas usem-nas, experimentem-nas e enfrentem-nas não só com o intelecto, mas com o coração.

(Para o Ned.) Agora, quando o nosso amigo aqui pensa em não-intervalos, ele desaparece. Um melhor aluno do que este é difícil de encontrar.

(Daniel falou sobre relacionar-se consigo próprio e com os outros.)
Até que sejas honesto contigo mesmo, que te conheças e te tornes consciente de ti próprio, não podes realmente relacionar-te com os outros, pois projetas sobre eles os teus próprios medos e preconceitos. E não podes ajudá-los, porque tens demasiadas inseguranças dentro de ti. Agora, tu formas a realidade física que conheces — individualmente e em conjunto — e, para mudares o mundo que conheces, tens de mudar os teus pensamentos. E para os mudares, tens de te tornar consciente daquilo que te dizes ser verdade a cada momento do dia, pois isso é a tua realidade, e é isso que projetas para fora.

(Daniel:) Parece-me uma tarefa para a vida inteira, só para conseguir trabalhar a primeira parte disso antes de começar a relacionar-me com os outros.
De facto, é. No entanto, a telepatia existe. Os outros estão, por isso, largamente conscientes daquilo que pensas e sentes.

(Daniel:) Os sentimentos verdadeiros, apesar do que eu possa projetar conscientemente?
Os sentimentos verdadeiros não implicam necessariamente sentimentos violentos ou agressivos. Incluem também os sentimentos de amor e aceitação que estão enterrados sob os teus próprios medos — aqueles que tens medo de expressar na realidade física.

(Daniel:) Acho que compreendo que todos estes diferentes níveis da minha consciência estão a ser comunicados, não só de forma consciente por mim, mas também através da comunicação telepática.
É verdade. E também estás a projetar as tuas ideias para a realidade física e depois, muitas vezes, a comportar-te como se essas ideias não fossem tuas, mas de outra pessoa. Por isso, convém que compreendas e conheças essas ideias, emoções e sentimentos — e que não tenhas medo deles. Espero que compreendas o que quero dizer, senão serei forçado a usar outra analogia com uma flor.

(Joel contou que encontrou um homem a dormir no trabalho, explicou o que sentiu e perguntou se poderia mudar esses sentimentos.)

Podes, sem dúvida. Mas não negues a parte de ti que queria esganar o outro homem. Estavas tão assustado com esse pensamento que o inibiste de

imediato. Vamos então considerar esse pensamento. Porque é que te assustou tanto? Assustou-te porque tens medo da ideia de que o mal é mais poderoso do que o bem — e que um pensamento violento teu seria mais importante e mais forte do que a vitalidade do bem. Estou a usar os teus termos agora.
Suponhamos que, pelo menos, estiveste consciente do pensamento. Mas se, nos teus termos, evoluísses até ao ponto de deixares de estar consciente do sentimento...

(Joel:) Não se trata apenas de pensar automaticamente coisas boas sobre esta pessoa e reprimir os pensamentos negativos, e nunca me aperceber sequer de que senti...
Exatamente. Assim, os teus músculos contraíram-se, a produção de adrenalina aumentou, querias esganá-lo, e no entanto disseste: "Deus te abençoe, meu bom rapaz. Que tenhas uma vida longa e feliz." Telepaticamente, o nosso "bom rapaz" sabe exatamente o que estavas a sentir. És tu quem está fora de contacto com os teus sentimentos e emoções. Neste ponto da tua "evolução espiritual", imaginas apenas que lhe desejas o bem. Os músculos já estão contraídos porque não admitiste, mesmo neste ponto futuro de progresso espiritual, que querias esganá-lo — por isso, não dizes nada e desejas-lhe o melhor.

Três semanas depois, outro encontro. O nosso pobre operário ignorante adormece novamente no trabalho. O nosso bom ministro aproxima-se, vê o homem a dormir e pensa: "Gostava de te dar um pontapé naquele sítio", mas logo pensa: "Oh não, não posso pensar algo tão pouco cristão, a violência é errada." E antes mesmo de admitir a si próprio o que sente, esconde-se de qualquer reconhecimento de agressividade. Em vez disso, inclina-se e diz: "Meu bom homem, etc., que tenhas uma vida longa e cheia, Deus te abençoe." E depois dá uma palmadinha nas costas a si mesmo e pensa: "Estou a tornar-me mais espiritual a cada dia." Entretanto, os músculos já se contraíram dez vezes porque não puderam ser ativados, pois o pensamento por detrás deles foi negado.

O nosso pobre homem volta a sentir, subconscientemente, a intenção — mas apenas até certo ponto. Três meses depois, tiveste um dia terrível e estás zangado com a vida em geral. E encontras de novo o nosso amigo adormecido no trabalho — desta vez, numa tarefa mais importante. Agora, longe de mim — mesmo em fantasia — acusar-te de tal ato, mas estás fora

de ti. E mais uma vez sentes que é necessário negar os teus verdadeiros sentimentos para seres espiritual — o que não é espiritualidade verdadeira. E dizes de novo: "Deus te abençoe, vai em paz." Mas agora a válvula de segurança psíquica já teve demais.

O melhor que podia acontecer era que explodisses e lhe desses um pontapé. O pior seria reprimes novamente o reconhecimento dos teus sentimentos, e agora a agressividade natural que inicialmente era perfeitamente compreensível e legítima acumulou-se — e está pronta a explodir. Acabas por emitir uma forma-pensamento desproporcionada em relação ao evento, causando dano real ao outro. E tudo isto porque tiveste medo de que um pensamento agressivo teu fosse mais poderoso do que a vitalidade que existe em cada um de vós.

(Joel:) No início, com o primeiro exemplo, antes de enchermos a situação com frustração e tensão, recomendarias dizer algo como: "Isto está errado, provavelmente eu próprio já fiz o mesmo, mas isto incomoda-me e precisamos de nos levantar e trabalhar" — ser honesto nesse nível? Isso teria evitado esta acumulação?
Sim, sem dúvida. O mais importante, contudo, é reconhecer o sentimento como legítimo, com o seu próprio espaço de existência, admiti-lo como parte de ti, e depois escolher como queres lidar com ele. Assim, não descarregas a tua raiva nos outros — e a raiva é apenas uma forma de comunicação.

(Joel:) Parece-me que há duas pessoas a evitar como alvo dessa raiva: ele e eu próprio. Primeiro, não quero magoá-lo. Segundo, não quero magoar-me.

Inicialmente, não estavas zangado o suficiente para lhe dares um pontapé. O pensamento existia, mas não era forte o suficiente para provocar uma ação física — mesmo que o tivesses admitido por completo. Entendes?

(Joel:) Sim. O que estou a tentar perceber é como deveria ter tido esse sentimento sem o reprimir e sem passar por tudo isso.

Devias, antes de mais, admitir que o sentimento existe como parte de ti, ao nível do ego. Estar consciente dos teus próprios sentimentos. Sempre que te fechas a ti mesmo, aos teus sentimentos, estás, nos teus próprios termos, menos vivo. E depois, sempre que possível, comunicar esses sentimentos verbalmente, da forma que escolheres. Usa a raiva como forma de

comunicação — muitas vezes levará a resultados que não prevês e que, nos teus termos, são benéficos.

(Para a Rachel.) Podes piscar-me o olho, mas não podes piscar o olho ao Ruburt. Há aí uma distinção subtil que compreendo muito bem.

(Para o Joel.) Agora, compreendes certamente que estou a fazer contigo o mesmo que faço com a minha querida amiga aqui (Florence), mas de forma diferente. Por isso, não fiques ofendido. E não quero que nenhum de vós use estas ideias como pensos rápidos superficiais para cobrir feridas profundas — porque estas ideias podem, por vezes, ser usadas de forma superficial.

(Para a Sally Benson.) Pensamento positivo aplicado como medida de pânico — e não deveria ser assim. Estiveste demasiado tempo fora da conversa.

(Sally:) Estou a tentar perceber aonde queres chegar.

Lê a sessão.

(Para o Joel.) Portanto, também não és tão mau como eu te pintei, mas tens uma tendência nesse sentido. Tal como todos nesta sala — incluindo Ruburt — têm essa mesma inclinação.

(Joel:) Como definirias "mau" nesse contexto?

Eu não defino "mau" — e, quando uso o termo, faço-o, espero eu, de acordo com a tua própria definição inferior. Tens essa ideia na cabeça de que "bom" é gentil e "mau" é violento — e que nenhuma violência pode ser boa. E isso porque, na tua mente, violência e destruição são a mesma coisa.

Nesta analogia, vês como a voz suave se torna a voz sagrada, enquanto a voz alta é vista como a voz maligna; o passo firme como mau e o passo suave como bom; um desejo forte como um desejo mau e um desejo fraco como bom — ao ponto de começares a ter medo de projetar ideias ou desejos para o exterior. No fundo da tua mente, acreditas que aquilo que é poderoso é mau, e que o que é fraco é bom, devendo ser protegido, acarinhado, rezado e implorado.

Em vez disso, digo-te: o universo é um bom universo. Conhece a sua própria vitalidade — e essa vitalidade está dentro de ti. Podes encorajá-la livremente;

ela não precisa de ser protegida com cuidados excessivos. A tua própria natureza é boa e podes confiar nela. Só porque algo é difícil, não significa que seja bom.

(Joel:) Na primeira noite em que estive aqui, disseste que veríamos mais de mim — e disseste-o com muita certeza. Muitas vezes perguntei-me: porquê essa certeza?
Porque eu sabia porque tinhas vindo aqui, e sabia que a tua esposa também viria. E não estou a dizer que não existe livre-arbítrio. Estou apenas a fazer uma afirmação dentro do campo das probabilidades.

(Joel:) Isso implica, para mim, um conhecimento prévio da nossa vida.
Implica, de facto — nos teus termos. Mas esse conhecimento também está disponível para ti. Agora, não podemos abordar claramente um só tema numa noite, muito menos 101. Eu não sou a Xerazade, nem sou uma figura paternal ou avô de conveniência. Contudo, em relação a algo que disseste antes: estiveste sempre fortemente envolvido, em quase todas as vidas, naquilo a que chamarias atividades religiosas. As vidas em que não estiveste envolvido com religião, estiveste religiosamente envolvido em atividades opostas — nos teus termos. Falaremos disso mais tarde. A alma santa, virada do avesso, é um verdadeiro devasso — digamos assim. Mas sempre estiveste envolvido com questões de bem e mal. Tiveste duas existências em civilizações no Egito. E, numa delas, o teu amigo aqui ao lado (Daniel) também estava envolvido.

Agora, não posso entrar nessa reencarnação esta noite. É tarde demais e não irias beneficiar disso, porque ainda não estás pronto — nenhum de vós. Não é uma história fascinante para vos entreter. Espero que a desfrutem quando chegar, porque vos ajudará quando a compreenderem.

Estou, no entanto, muito mais interessado na vossa reação ao material que o Ruburt leu esta noite — e nas reações de todos. Se parecer a alguém que um dos membros da Aula está a monopolizar a sessão, lembrem-se do que disse anteriormente: as perguntas feitas por um são as perguntas não pronunciadas de muitos.

A muitos de vós pareceu que, de alguma forma, nascestes com a marca do mal. E numa das tuas vidas anteriores em particular, não só acreditavas nisso, como o ensinaste — e acreditavas com convicção.

Agora, como diria o Ruburt, o teu "cúmplice" aqui (Joanne) não concordava contigo nessa vida. Ela era, na altura, um homem, e tu eras uma mulher, uma sacerdotisa — e tu também eras (Daniel). Ela teve um efeito expansivo na tua personalidade, mas tu eras muito dado a rituais, a crenças em atos mágicos e à ideia de que a própria existência era má e errada. Eras, de facto, membro de uma seita que hoje se chama gnóstica.

(Joel:) É por isso que agora reajo tão fortemente contra isso? Porque já ultrapassei esse ponto?
Não só porque o ultrapassaste, mas porque, em ti, ainda sentes alguma simpatia por essas crenças. Embora te estejas a libertar delas, reconheces ainda na tua psique uma inclinação nesse sentido — e por isso atacas essas ideias sempre que as ouves, sem te aperceberes de que também estás a atacar uma parte de ti próprio.

(Para Rachel C.) A rapariga vai ficar bem.

(Hannah:) A minha reação é semelhante a esta literatura gnóstica?
Na altura eras, nessa mesma vida, um homem e amigo dele.

Quase todos os que vêm a estas aulas estiveram, em algum momento, envolvidos nesse tipo de atividades. Houve muitas outras aulas, e todos vós já fizeram parte delas — não necessariamente comigo, mas com outros. O vosso interesse vem de longe, e por isso certos temas tocam-vos profundamente. Sabem o que é associação — ela opera não só dentro de uma vida, mas também entre vidas, nos vossos termos. Palavras e frases ditas agora ativam memórias que se podem tornar vivas se as permitirdes.

(Para o Arnold.) Tal como o nosso Deus africano aqui pode lembrar-se das suas vidas passadas — se apenas se permitir.

(Arnold:) É por isso que gosto de música africana?
É uma das razões. A outra tem a ver com outras vidas em que foste musicalmente inclinado. Agora despeço-me com estima.

(Para a Natalie.) Tenho uma mensagem simples para o nosso amigo aqui atrás de mim: quando não souberes o que fazer, relaxa e diz a ti mesma que outras partes de ti sabem o que fazer — e elas tomarão conta. Dá-te algum descanso e lembra-te de que, em muitos sentidos, és uma pessoa muito bem-sucedida tal como és. Sucesso não tem necessariamente a ver com grande

intelecto, posição ou riqueza — tem a ver com integridade interior. Lembra-te disso.

Agora despeço-me com carinho de todos, incluindo o nosso amigo desaparecido aqui atrás (Ned).

(Para o Joel.**)** Ela (a Alison) era, nessa altura, um homem. E quando disse que não estavas pronto, era porque não estavas. Nessa altura estavas muito focado na ideia de poder — e ainda hoje lidas com isso. Não se trata de poder político, mas de poder pessoal — até onde deves ir para convencer os outros de ideias em que acreditas e até onde deves ir para propagar ideias nas quais já não acreditas. E como lidar com a sensação de poder que sabes que sentes em ambos os casos. Quando estiveres pronto para lidar com isso, dar-te-ei o resto do material reencarnacional. E menciono isto apenas para mostrar que não estava a fazer uma observação genérica para te despachar. Agora, querido amigo, desejo-te uma boa, abençoada e **violenta** noite.

… Peço-te que reexamines a tua definição da palavra "violento" e todas as conotações que colocaste sobre ela. Nos teus termos, Deus nunca teria criado nenhuma criatura, nenhuma realidade, nenhum universo — teria sido demasiado passivo para isso. Equivaleste violência a mal. Quando te falo, não equiparo violência a maldade — tal como não considero uma tempestade de verão, que é violenta, como sendo má. E é isso que quero que compreendas.

(Joel:) Seria melhor pensar em termos de "bom" e "melhor"?
Não penso muito nesses termos. Pensa em termos de criatividade. A tua última tentativa foi horrenda. E (voz muito alta) não te vou dizer que foi violência criativa. O som da minha voz, como bem sabes, quebra o silêncio da sala — e, no entanto, é criativo. E a vitalidade que percorre esta forma também assalta o silêncio — e é criativa. É isso que quero que compreendas.

O bem, nos vossos termos, pode ser tão barulhento quanto eu. E a culpa pode ser algo muito silencioso, calmo, passivo e gentil — e é isso que quero que compreendas.

E agora, depois de ter dito boa noite tantas vezes, e pela bondade do meu coração — porque não estou cansado — despeço-me de novo com uma boa e violenta noite.

(Sally:) Disseste que estavas ou não estavas cansado?

(Voz muito alta) Não estava cansado, mas estava a ceder à vossa carne demasiado humana. Agora desejo-vos uma paz ativa.

AULA DE PES

19 DE JANEIRO DE 1971 – TERÇA-FEIRA

“Coisas estranhas” estavam a acontecer na sala. Todos se concentraram para captar o que pudessem. Jane continuava a captar o “efeito pirâmide”.

(Seth II:) As fantasias são as realidades que o vosso intelecto não percebe dentro de outras fantasias. Assim, aqueles que vos observam, sem qualquer consciência do intelecto como o compreendem, veem-vos então a partir do nosso plano. Vocês chamar-se-iam a vós mesmos “fantasias”. A nossa perceção permite-nos sintonizar com as fantasias específicas que vocês percebem como uma única realidade indivisível. Podemos percebê-las, mas não participar — apenas observar aquilo que, nos vossos termos... há éones atrás, ajudámos a criar, tal como vocês agora continuam o que poderíeis chamar de “sonhos” — os nossos sonhos agora criam.

Assim como espreitamos para dentro da vossa sala, também vós espreitais, inconscientemente, para outras realidades. Não se recordam fisicamente dessas viagens que fizeram — e continuam a fazer. Partem de qualquer momento do vosso tempo e, por vezes, estão ausentes durante séculos de tempo físico. Podem partir a meio do dia e regressar no dia anterior a ontem, ou mil anos depois. Isso... é a realidade.

A pequena parte que percebem é apenas uma letra numa página. Não conseguem compreender o seu significado porque a palavra inteira está oculta. Não porque tenha de estar, mas porque vocês estão em processo de se tornarem. Neste estágio, percebem apenas uma porção do vosso próprio vir-a-ser. Nós percebemos a vossa sala presente, entendendo que a consideram uma realidade indivisível, e, no entanto, a nossa presença foi sentida. Devem, portanto, entender que até o ar e o sopro estão num estado de vir-a-ser. O ar que transporta a voz e move os pulmões é, por si só, um método de comunicação e também está a tornar-se consciente.

(Os participantes descreveram as suas reações à presença de Seth II e o que viram.)

(Seth:) Isso ocorreu através dos vossos sentidos interiores — percecionando um tipo diferente de realidade. Da mesma forma que formaram o que viram com base no inconsciente, também formam a matéria física que compõe a sala. O que viram, portanto, é tão válido como aquilo que veem fisicamente, se compreenderem a ligação entre os fenómenos.

Todos vós têm exercitado os vossos sentidos interiores, em maior ou menor grau. Esqueçam a ideia de que aquilo que se vê fisicamente é a única realidade — ou que o que é visto por apenas uma pessoa deve ser uma alucinação, se os outros não o virem. Uma realidade é uma realidade, independentemente de quantos a percebam. Só no vosso atual nível de compreensão julgam a realidade pelo número de pessoas que percebem o mesmo. Fazem-no porque têm medo de se manter sozinhos — figurativamente falando. Têm medo de entrar nas vossas próprias realidades, afastando-se dos vossos semelhantes... e, no entanto, fazem-no constantemente no dia-a-dia da vida que conhecem.

Já vos disse isto antes: concentram-se fortemente nas semelhanças dos fenómenos do mundo físico, e ignoram aquilo que é diferente, num vasto campo de dados disponíveis. Por isso, focam-se apenas em certos pontos, aceitando-os como reais e ignorando os restantes. Quando alguns de vocês começam então a focar-se noutros pontos, surge grande confusão — pois parece-vos que um conjunto de dados tem de estar certo, e, se esse estiver certo, então todos os outros têm de estar errados ou ser fantasia.

Agora, sei que tiveram a visita de um amigo meu. Já sabia que ele vos visitaria. Ele não vos entende tão bem como eu, claro, pois não teve o meu percurso. Posso dizer-lhe: "Bem, eu estive lá." — e ele não pode contrariar. Mas é bom para vós perceberem que a personalidade pode ter outras características além daquelas que agora lhe atribuem. A vossa imaginação pode, pelo menos agora, levar-vos a considerar várias dimensões que a personalidade pode assumir — porque o vosso intelecto é bastante limitado nesse aspeto. Veem-se a partir do interior, mas como que por um vidro escurecido.

Para compreenderem o que é o vosso Eu Maior, devem tentar imaginar-se num ambiente que não seja físico — não apenas sem um espaço físico e objetos, mas sem o ambiente íntimo e físico do corpo, ao qual agora estão tão habituados. Muitas personalidades não operam dessa forma, e não falo

apenas de personalidades "de sobrevivência", nos vossos termos. Refiro-me a gestalts de personalidade que simplesmente não operam através da matéria, nos vossos termos, e cujos componentes são de natureza psicológica desconhecida para vós.

Podem fechar-se a essas possibilidades — ou podem abrir a imaginação e os sentidos interiores para tentar percebê-las. Podem dar um passo fora de quem pensam ser — e do mundo que pensam habitar.

Quando lerem o que acabei de dizer, deviam ter boas ideias para experimentações próprias. Pensem, não apenas noutras personalidades, mas em como a vossa própria personalidade poderia funcionar em ambientes completamente diferentes — tanto físicos como não físicos. Assim como outras personalidades espreitam para esta sala, imaginem-se a espreitar para outros ambientes. Abram a vossa imaginação nesse sentido. Libertem-se dos casulos do hábito — de todos os tipos de hábitos (*trocadilho dirigido à Gert, ex-freira*).

(Intervalo da aula.)

(Seth II:) Nos vossos termos, lembramo-nos da nossa participação na criação do vosso universo — mas vós não estais conscientes da vossa participação na criação de outros universos para os quais também espreitam. Estão numa jornada rumo à consciência. Estão a recuperar o conhecimento e o reconhecimento do vosso próprio passado. As palavras que ouvem são traduções. Não compreendemos o que é uma "sala"... usamos apenas o termo. Espreitamos um segmento de realidade. Pensamos tê-lo construído e seguimos o nosso caminho. Nos vossos termos, estamos muito distantes. Temos um equivalente de emoções — mas não o compreenderiam.

Devem compreender que cada realidade é única e preciosa, e faz parte do todo. E o todo está contido em qualquer parte, adormecido na probabilidade, de onde despertará — e já despertou. E assim despertarão — e já despertaram — e mesmo no transe do foco físico estão já despertos para a vossa realidade maior. Apenas se focam num ponto de ignorância. Basta virar o foco da vossa consciência noutra direção — e a liberdade revela-se. E o tempo passa então a ser visto como uma pálpebra fechada figurativa, que vos engana.

No meio do vosso sonho estão acordados. No meio do vosso sonho são aquilo que nós somos. Em outros termos: são a nossa memória — tal como nós somos também a vossa memória.

(Seth voltou a entrar para ajudar Jane a "ganhar sustentação" novamente.)

Desejo-vos uma boa noite — mas quero que observem os vossos pensamentos conscientes por uma razão diferente desta vez. Já vos disse para os vigiarem, para se tornarem conscientes do que pensam e das sugestões negativas que se dão a vós mesmos. Mas agora quero que os observem para detetarem os conceitos intelectuais limitadores que têm sobre a vossa realidade — e sobre o que é possível e o que não é.

Muitas dessas ideias fazem tanto parte do vosso "mobiliário mental" que nunca o mudam de lugar. Nem sequer o veem — faz parte do vosso ambiente interno. Por isso, gostaria que escutassem os vossos próprios pensamentos com isto em mente. Não se irão abrir se estiverem, automaticamente, a fechar-se.

Se querem entrar e compreender essas realidades, não o conseguirão se ao mesmo tempo estiverem a dizer a vós próprios que elas não existem. Vão ficar surpreendidos. Será como sintonizar um sistema de comunicação alienígena. Se ouvirem honestamente os vossos pensamentos quando abordam estas áreas, e se apanharem os conceitos limitadores que mantêm... reconhecer estas limitações mentais ajudará a libertar a vossa consciência — e é isso, afinal, o que todos queremos aqui, espero eu.

Agora, o meu amigo Ruburt já teve o seu tempo esta noite, por isso não vos vou tomar muito mais. Mas espero que estas sessões expandam os vossos conceitos — e gostaria que cada um de vós se "apanhasse" a espreitar outras realidades. É um bom exercício. Mesmo imaginar conceitos como objetos físicos será útil. Acabei de vos dar uma excelente pista nesta última frase. Reflitam sobre ela — e ponham-na em prática.

E agora, irei voar como a simpática gaivota velha da vossa história — e desejo-vos a todos uma boa e calorosa noite.

AULA DE PES

26 DE JANEIRO DE 1971 – TERÇA-FEIRA

(Sue leu o seu sonho sobre o casal de York Beach e as mudanças neles desde o primeiro sonho.)

Fizeste um trabalho muito bom, de facto.

(Sue:) O comentário que fiz sobre probabilidades — é verdadeiro em relação às personalidades?
Claro que há uma interpenetração. Nenhum sistema de consciência está alguma vez fechado — só vocês é que fingem que estão.

(Sue:) Então o casal mudou-se mesmo para Sayre?
Mudou, de facto — nessa realidade provável. Mas, como sabes, para eles esta é a realidade provável.

(Sue:) A Jane e o Rob podem perceber isso?
Em breve conseguirão, e será uma experiência fascinante para mim explicar-lhes o que se está a passar, porque eles são perfeitamente capazes de compreender. Não quis interromper-te. Contudo, como professora em formação, estás a fazer um excelente trabalho e queria que soubesses disso. Agora deixo-te os meus cumprimentos — e também aos nossos visitantes — e diz ao Ruburt o que eu disse.

(Durante o intervalo, Sue explicou a Jane mais detalhes do seu sonho.)

Agora, a vossa personalidade não tem limites. Cada um de vocês, nesta realidade, decidiu dar ênfase a certas características e esquecer outras. Permitiram, por isso, que algumas características viessem à superfície — estão conscientes delas, usam-nas, e pensam: "isto sou eu."
O ego é um rei com uma coroa precária — e pensam que são aquilo que o vosso ego é. No entanto, não vos ocorre que existem literalmente inúmeros egos prováveis dentro de vocês, inúmeras habilidades que poderiam emergir para o vosso consciente e serem usadas.

Não têm consciência desses "eus" enterrados, dessas habilidades criativas adormecidas e dessas combinações de capacidades — e, ainda assim, em outras camadas da realidade, esses "eus" vêm à superfície, são vividos, e as

características que agora consideram vossas estão enterradas. Mas, mesmo enterradas, não estão inconscientes — estão em transe. E podem tornar-se conscientes delas.

Dentro do "eu" que conhecem existem inúmeras combinações de outros "eus" que não reconhecem — e, em outras realidades prováveis, esses "eus" vivem e realizam o seu potencial. Estão a "dormir" em vocês nesta realidade — mas, naquelas, são vocês que dormem dentro deles como potencial latente.

As árvores que veem fora da janela são vistas apenas como árvores porque as percebem apenas através do ponto de vista físico. No entanto, até essas árvores possuem capacidades e combinações de consciência que não percebem — e que existem em outras realidades prováveis.

(Para o Ned.) E tu encontras descanso sob árvores que não são físicas, e viajas em segurança por zonas que não são fisicamente percecionadas. E o nosso amigo Ned, com todos os seus problemas com a junta de recrutamento, está perfeitamente consciente da natureza da existência e da alegria. Mas é precisamente por estares tão consciente disso que te tornas desesperado na realidade onde estás atualmente focado. Tens de encontrar uma forma de expressar essa alegria e liberdade aqui, na realidade física. Não resistas tanto. Podes enriquecê-la — e não tenhas medo dela. Nos teus termos: percebo exatamente o que procuras.

(Para a Sue.) Dentro de ti, por exemplo — e dentro de todos nesta sala — existe uma quantidade ilimitada daquilo a que chamariam identidade. Quando escolhes uma identidade e te focas nela, estás simplesmente a selecionar, do teu próprio "banco de potenciais", um conjunto de possibilidades e a dizer: "ficarei com estas, por agora — e a isto chamarei eu." E então usas essas, e ignoras todas as outras. Mas uma outra parte do teu ser diz: "ah, estas não foram usadas — estão disponíveis, e eu vou utilizá-las."

Não existem potenciais dentro de ti que não estejam a ser realizados — nem habilidades criativas que não estejam a ser usadas.

Agora, no sonho da nossa amiga sobre uma realidade provável, aquilo que tens — embora nenhum de vocês o vá admitir tão cedo, especialmente esta

(para a Molly) — é experiência prática com realidades prováveis que envolvem pessoas que conhecem. Não é apenas uma boa história — embora possam apreciá-la como tal — e mesmo se a quiserem considerar fantasia, enriquecerá a vossa mente. Mas não é ficção. É, de facto, uma realidade — na qual estão intimamente envolvidos.

(Para a Sue.) A outra sala existe simultaneamente, tal como esta — e os teus dois amigos estão tão interligados como o Ruburt e o Joseph. O Ruburt estava a falar sobre compromisso — e o compromisso ali é igualmente completo. Não são belas fantasias — são realidades da vossa existência. E cada um de vocês tem realidades em existências prováveis de que não tem consciência. Isso não significa que não devam usar essas capacidades — ou pensar: "ah, bem, estão a ser usadas noutra realidade, portanto não preciso de as ativar aqui."

Podem fazer uma pausa.

(Para o Brad.) E noutras realidades prováveis, estás a sair-te muito bem. É uma boa coisa.

Apenas disse que eu ia fazer uma pausa. Não me atreveria a anunciar uma pausa para o Ruburt — há limites do ego dele que não pretendo violar.

(Para Florence.) E não há razão nenhuma para teres medo da sessão que tens em mente. Eu faço questão de mostrar que sou um tipo bem-disposto — ao contrário do teu amigo Seth II. Não precisas de te preocupar com o facto de eu conhecer os teus medos. O problema é que tu não os conheces. Porque haverias de te importar se eu os conheço ou não?

(Florence:) Talvez eu não queira conhecê-los.
Essa é, claro, a resposta. No vocabulário atual, dirias que "te estás a esquivar". Vou fazer uma pausa.

(Durante o intervalo, Molly explicou que não compreendia bem o que o Seth queria dizer.)

(Para a Molly.) Estava a dizer-te que vais demorar algum tempo a admitir que o que dizemos na aula é um facto que se aplica à tua vida — e também levarás tempo a familiarizar-te com a tua realidade provável, pois tens uma existência muito forte numa realidade provável em particular. Estás

consciente disso, em parte, através de alguns sonhos — mas costumas esquecê-los. Agora, estás a transmitir uma vitalidade forte ao nosso cientista aqui (teu marido), mas isso é enganador, porque não é evidente à superfície. Tens capacidades fortes e estás a usá-las muito bem num sistema de realidade provável. Era isto que estava por trás do que disse. Não estás "perdida". Disse apenas que não era aparente que estivesses a dar-lhe tanta energia — e que, a esse nível, a relação podia parecer enganadora.

(Durante o intervalo, Sue contou que saltou da ponte alta em Cornell, depois de um rapaz ter aparecido a incentivá-la e depois desaparecido. Joel contou à Jane que a sua personalidade, Bill, começara a comunicar diretamente — em vez da escrita automática.)

(Para a Sue.) O que estás a fazer é mergulhar em realidades psicológicas — que são as únicas realidades verdadeiras.

(Para o Joel.) O nosso amigo aqui deu os primeiros passos desde a prancha de mergulho — e o seu amigo corajoso está com medo de que ele se afogue. Estás a começar a usar capacidades que sempre tiveste. Por isso, como diria o Ruburt, não fiques tenso por as começares a usar.

Quando se aprende a andar ou a nadar, não ficas a pensar: "Como estou a fazer isto? Irei encontrar um peixe mau? Vou afundar-me?" — e não imaginas todas as consequências terríveis que podem ocorrer. Portanto, não o faças agora. Tens a cabeça no lugar — e tu também. Usem-na. Isso é tudo o que precisam. Aproveitem a vossa liberdade.

Reconheçam que distorções vão acontecer, especialmente no início. Neste momento, estão em carne e osso — neste ponto do espaço e tempo — e não são ar puro. Por isso, o que receberem virá, inevitavelmente, com camadas do subconsciente. Haverá partículas de pó subconsciente. Mais tarde podem limpá-las — mas não descartem toda a experiência só por medo desse pó. Aprendam a trabalhar com ele. E ele (Bill) não irá para além de onde tu possas acompanhá-lo. Não o vais perder numa terra sombria ou num lugar esquecido onde não o possas alcançar — por isso, não tenhas medo disso. Pelo contrário: se estas capacidades forem usadas, e bem usadas, irão aproximar-se mais, não afastar-se. E sem a segurança de saber que estás presente, ele não usaria essa capacidade.

Ele não usaria essas capacidades se não soubesse que o universo físico — como o chão — está mesmo debaixo dos seus pés, e que há alguém ali que quer ter muito a certeza de que ele vai conseguir voltar. Portanto, as dúvidas que expressas são também as dúvidas não expressas dele — por isso, não tenhas vergonha delas. Estás a começar. A personalidade com que estás agora a contactar também vai mudar, porque ele também está a começar o seu próprio caminho.

(Joel:) Por nome, ou será apenas uma mudança superficial?
Os nomes não fazem diferença — tal como o meu nome não faz diferença, nem o teu. Neste momento ele identifica-se com o nome que te deu. À medida que tu despertares, ele também despertará.

(Joel:) Acho que estava à procura de uma forma de identificar — um sinal pessoal da mudança nele.
Não forces a mudança — ela desdobra-se pela sua própria natureza. Forçar a mudança é distorcer a sua essência. Agora, tens bom senso suficiente para saber que não deves exagerar nem reprimir as tuas capacidades. A tua própria personalidade e os teus sentimentos autênticos devem ditar onde está esse ponto de equilíbrio — e mais ninguém o pode dizer por ti. Nesse caminho, tens de avançar por ti mesmo. Ele é um aprendiz, como tu és um aprendiz, e até certo ponto, aprenderão a usar as capacidades em conjunto.

(Joel:) Conhece-lo?
Não o conheço diretamente. Tenho conhecimento dele por "redes informais" (grapevines), e vamos deixar isso assim, por agora.

— (Joel:) Ele está a captar distorções do meu subconsciente porque estou a tentar provar algo?
Está, de facto. Tens uma ideia de como deveria ser esse tipo de personalidade — e, até certo ponto, durante algum tempo, irás distorcer a imagem dele, até que tenhas a certeza de que é pura, boa e verdadeira. Estás a seguir-me?

Vais perceber que certas características se projetam sobre a tua própria personalidade — e terás de estar preparado para enfrentá-las. Esse desenvolvimento não teria ocorrido se não estivesses preparado. Portanto, estás pronto para crescer.

Não há crescimento sem tensão, sem romper com velhas barreiras, sem aprender novas responsabilidades — mas essas responsabilidades serão vividas como alegrias.

No entanto, não te recomendaria — exceto com os nossos amigos aqui presentes — que tivesses testemunhas nas tuas sessões durante algum tempo. Trabalha isto entre vocês os dois. Uma ou outra sessão, tudo bem, mas não te coloques na posição de tentar provar a validade da comunicação a outros. É um peso demasiado grande para a tua personalidade neste momento — e não é necessário. A tua própria interpretação da experiência é muito mais importante do que qualquer interpretação que outros lhe possam dar. Não te forces ao ponto de te sobrecarregares. Estás a seguir-me?

(Joel:) Disseste na primeira noite que estive aqui que "veremos mais de ti". Umas semanas depois perguntei o que querias dizer com isso e disseste que eu sabia porque tinha vindo. Isto faz parte desse conhecimento?
Faz, sim. E mencionei também que todos os que vêm a esta aula já estiveram envolvidos com estes problemas em outras vidas — por isso, aproximam-se deste círculo por essa razão. No entanto, querias um círculo de segurança antes de te permitires usar estas capacidades. E a tua personalidade presente vai ter de aprender a lidar com essas capacidades. Isso causará uma expansão dentro da tua personalidade.

(Para a Alison Hess.) E também uma expansão da tua. Uma expansão cheia de alegria.

Agora podem todos cantar "Hark the Herald Angels Sing", se quiserem.

(Don Palmer:) Quando dizes que todos já estivemos envolvidos, noutra vida, com estes problemas — a que problemas em particular te referes?
A problemas relacionados com a natureza da consciência, a natureza da realidade e com a responsabilidade da consciência em relação ao Todo-O-Que-É. Questões como: será que o Todo-O-Que-É existe? Se sim, qual é o vosso lugar nele, quais são as vossas responsabilidades e a vossa entrega jubilosa.

Agora podem fazer um intervalo.

(Durante o intervalo, discutiu-se o desenvolvimento de Joel.)

(Para o Joel.) Estás a formar, com a ajuda de outra personalidade, uma ponte psicológica sobre os abismos que existem entre realidades. Dá tempo para que essa ponte se torne firme e segura — antes de pedires provas de que ela existe. Ainda não está segura. Deixa-a crescer.

(Joel:) Isso tem a ver com a imagem no tempo-psíquico que vi — de uma ponte a formar-se mas ainda incompleta?
Tem, sim. O que estás a captar da outra personalidade é uma imagem tenue, porque ele ainda não te consegue transmitir o que é. O que recebes dele é uma estrutura em rede pouco substancial — ainda. Dá tempo a ambos para construir essa rede antes de decidires saltar em cima dela.

(Durante o intervalo, houve discussão sobre experiências religiosas e o significado das palavras. Carolyn contou que detestava cantar hinos.)

Se querem cantar, posso pedir ao nosso amigo Ruburt que cante uma noite — mas ele não gostaria. Todos vocês percebem que estão a brincar com vocabulário. O sentido do vosso ser — e do Todo-O-Que-É — está tão perto quanto a vossa respiração. E, se existe qualquer separação entre vocês e o Todo-O-Que-É, ela é completamente artificial, criada e mantida por vocês próprios.

(Para a Sue.) Terás de ultrapassar muitas das tuas próprias ideias erradas, tal como o Ruburt teve. E lutarás, como ele, para as manter — mas são limitações. Terás de aprender a ver a realidade dentro das palavras que as pessoas usam para a descrever. Mas vais conseguir — emocionalmente.

O nosso amigo Ruburt travou uma bela batalha — mas foi triste de ver, pois não era necessária. E a tua também não é necessária.

(Para a Cookie.) Já há muito tempo que uma jovem donzela não corava na minha presença.

Se existe uma sensação de separação entre ti e o Todo-O-Que-É, foste tu que causaste essa separação. E é uma separação artificial. Não podes afastar-te do Todo-O-Que-É para o examinar. Fazes parte dele.

Podes questionar a natureza da existência e o teu próprio propósito — mas não podes negar nenhum deles, porque estás vivo. E quem, então, questiona?

Quem é esse “eu” que questiona? E de onde vem o seu sentido e a sua energia?

As respostas, no fundo, não se encontram ao ouvir-me a mim, embora eu possa ajudar. As respostas encontram-se ao ouvires a tua própria voz interior. O teu batimento cardíaco diz-te mais do que qualquer filósofo — se te deres ao trabalho de o ouvir e sentir o que ele diz. Não existe realidade dentro de ti que não compreendas, se te abrires ao sentimento e à perceção.

Cada um de vocês é mais milagroso, neste exato momento, do que podem imaginar — mas escondem esses milagres de vocês próprios. Intelectualmente, tentam imaginar o que eu sou, quando deviam tentar sentir o que vocês são.

E se falo através desta mulher, o que isso vos diz sobre a natureza da personalidade humana? E, sendo vocês todos humanos neste momento, que perguntas deviam fazer a vocês próprios? As respostas já foram dadas — só precisam de fazer as perguntas certas.

Os deuses dormem nos campos — mas o seu sono é altamente ativo. E os seus sonhos têm mais vitalidade do que jamais imaginaram.

E na ponta do vosso dedo mindinho do pé, na célula mais pequena, existe energia, conhecimento e poder que ainda não usaram nem compreenderam. E se o Todo-O-Que-É sabe o que é humildade, então sabe o que é ser a célula mais minúscula no vosso dedo do pé — e sabe também o que é ser a molécula de hidrogénio mais poderosa na estrela mais gigantesca. E o mesmo poder está em cada uma.

Agora podem continuar a brincar com o vosso vocabulário — mas o que sabem não depende das palavras. E não deixem que as palavras vos limitem.

(Para a Florence.) E não deixes que os medos te limitem.

(Durante o intervalo, Don P. comentou o visco pendurado sobre a porta, dizendo que poderia ser uma folha de carvalho, se fosse considerada sagrada.)

A árvore de carvalho é sagrada, e qualquer árvore é sagrada — qualquer ramo é sagrado — e um só pelo também é sagrado.

(Para Natalie.) Tenho um ponto para a nossa amiga aqui: o esforço envolvido em registar estas sessões, e o alargamento do teu psiquismo que isso implica, ajudou-te automaticamente a progredir.

(O Brad comentou que também o tinha ajudado enquanto gravava e transcrevia as sessões.)

Eu sabia que sim.

E agora, despeço-me com carinho de todos.

(Para o Arnold.) Ainda espero encontrá-lo por detrás das moléculas.

A paz que tenho para te dar, dou-ta — mas tens de saber como a receber. E, nesse caso, é a tua própria paz que estás a aceitar.

Agora, a menos que entrem em acordo com as vossas próprias dúvidas sobre vocês mesmos, não farão ideia do que é a fé. E, quando uso a palavra fé, não a estou a usar em termos religiosos.

Quando olham para a vossa realidade física e veem o que ela é, isso não exige fé — é apenas uma questão de perceção física. Mas, quando começam a ter vislumbres sobre a verdadeira natureza da realidade, e percebem que são mais do que aquilo que sabem que são agora, então sim, é preciso fé para aproximar essa imagem interior de uma realidade concreta — nos vossos termos.

Estão todos, de alguma forma, condicionados pelas dúvidas. As vossas perceções físicas, quando operam isoladamente, são frequentemente responsáveis por essas dúvidas. Pensam que são tudo aquilo que conseguem ver de vocês mesmos. Pensam que a vossa vida é tudo o que percebem dela agora. E, se confiarem apenas nos sentidos físicos, então inevitavelmente estarão cheios de dúvidas — porque sabem, instintivamente, que são mais do que o "eu" que conseguem materializar ou expressar atualmente.

Se se avaliarem apenas com base no vosso "eu físico", estarão novamente mergulhados em dúvidas, pois, instintivamente, sabem que são mais do que isso.

Quando começam a sentir esse eu interior invisível, então, nos termos físicos, começam a agir com base naquilo a que chamam fé. Acreditar naquilo que, neste momento, não é fisicamente real. No entanto, fé não é acreditar numa irrealidade — é acreditar em realidades que, neste momento, não conseguem perceber fisicamente.

É confiar nas partes da vossa personalidade que sentem mas que não veem no espelho comum. É confiar no "eu invisível" que ainda não conseguiram manifestar na realidade física.
Cada um de vós, à sua maneira — especialmente através dos sonhos — está intimamente familiarizado com essa parte invisível de si mesmo.

No mundo, podem ser realistas e dizer: "Sou o eu que se vê, que se cheira, que se toca. Sou o que vejo no espelho, e nada mais." Ou podem perceber que o espelho capta apenas uma pequena parte da vossa imagem total — que há muito mais que não é visto nem pelo espelho, nem pelos olhos de outros. E podem optar por confiar nas capacidades que sabem que são inatas e vossas.

Estas são capacidades que pertencem ao que agora chamam "raça humana" — mas são, na verdade, capacidades inatas da própria consciência, independentemente da forma que ela adote.

Podem olhar para o espelho, aceitar a vossa imagem, escovar os dentes, olhar para si mesmos e pensar: "Que figura miserável…" ou "Sou até bastante bonito" — e sorrir. Mas, em ambos os casos, estão a assumir que só as perceções físicas são reais.

O vosso critério para definir "realidade" é a materialização física. Foram ensinados assim desde sempre. Mas cada um de vocês sabe, instintivamente, que são muito mais — e por isso, procuram caminhos que vão além do físico. Procuram encontrar a realidade do vosso ser por baixo da realidade que conhecem. E, para isso, têm de atravessar essa realidade conhecida e esse "eu" conhecido.

Acreditar que há algo aí para procurar — isso é fé.
Perceber que há mais em vocês do que conseguem ver — isso é fé.

Não vos estou a dizer que ignorem o corpo.
Não vos estou a dizer para se desligarem das vossas emoções ou

sentimentos.
O corpo é o vosso meio de perceção, neste momento.
Mas, se identificarem toda a vossa realidade com o corpo, estarão a caminho de sentimentos profundos de depressão e desolação — e de surpresas desagradáveis no futuro.
Não estão presos à forma que usam, como já sabem. Portanto, não há razão para estarem presos a ela nem mesmo depois de a deixarem.

Cada um de vocês pode libertar a sua consciência, expandir a perceção da sua identidade agora mesmo — e, de diferentes formas, já o estão a fazer.

Nos vossos momentos de silêncio, ainda pensam: "Sou esta carne. Estou preso a ela. E quando ela desaparecer, desaparecerei também."
Esses pensamentos limitam a vossa liberdade — e também vos limitarão no momento da morte.
Porque, enquanto acreditarem neles, as vossas emoções prender-se-ão à carne, quando, na verdade, deveriam libertar-se dela.

Nada disto é novo para vocês. Mas não se pode repetir vezes demais.
Existe uma liberdade em conhecerem-se tal como são, tal como foram (nos vossos termos), e tal como serão (também nos vossos termos).

Podem perceber o futuro tal como percebem o passado.
Reagem ao futuro hoje — apenas não se apercebem disso, nem fazem a ligação entre as vossas ações presentes e a informação que vão receber amanhã. Por isso, as vossas próprias reações escapam-vos.

Estão um pouco habituados a estudar os vossos sonhos em busca de informações precognitivas e a compará-los com eventos futuros.
Mas não estão habituados a comparar as vossas reações durante o estado desperto de hoje com a informação que receberão amanhã.

Agora, vou dar-vos uma informação que podem usar para confundir o Ruburt no intervalo: Ontem, por duas vezes, ele ficou surpreendido — embora ligeiramente — ao sentir muita fleuma na garganta. Uma dessas vezes foi ao telefone contigo (Janice) e outra foi num escritório com outro homem.

Usou o seu pêndulo e descobriu uma razão para a fleuma e tosse enquanto falava contigo: tinha a ver com o facto de ainda não ter terminado o seu horário de escrita.

Mas não procurou mais fundo do que isso. Na realidade, ontem, em duas ocasiões distintas, ele captou a doença do sogro — a fleuma nos pulmões dele e um problema cardíaco iminente.
Em ambas as ocasiões, reagiu fisicamente a uma informação psíquica, sem reconhecer o estímulo nem a origem dos sintomas físicos.

Portanto, o futuro, nos vossos termos, influenciou o presente — e isto é algo que todos vocês fazem o tempo todo.

Devem lembrar-se de que não há divisões entre passado, futuro e presente— e que não reagem apenas ao presente. As vossas reações acontecem num contexto multidimensional, mesmo que não o saibam.

Agora podem fazer um intervalo.

Faz-vos bem pensar por vós próprios na aula — em vez de eu estar sempre a dizer-vos como pensar sobre o tempo.
Pensar deve ser uma coisa vossa — e sentir, também.

Embora eu tenha sido egocêntrico em muitas das minhas vidas, não preciso que me transformem numa figura de autoridade com a qual se relacionam. Gostaria de ver mais liberdade da vossa parte — liberdade aplicada.

(Para a Gert.) Agora, tu já aplicas essa liberdade até certo ponto, e estás a evoluir bem — mas muita da tua energia ainda se dispersa sem direção. Estás a livrar-te do hábito, aos poucos.

Se precisam mesmo de projetar as vossas ideias em mim, então, em vez de me verem como o "velho sábio", preferia que me vissem como uma cotovia ao amanhecer.

Não estou a dizer-vos o que devem fazer — estou a tentar libertar aquela parte de vocês que sabe, com leveza, o que fazer.

Não estão aqui todas as semanas para ouvir a minha prosa imortal — porque ela não é imortal, sabem — e o Ruburt pergunta-se até se é sequer prosa.

Estão aqui para libertar partes da vossa própria realidade — e depois observarem-se a correr, a voar ou a elevar-se.

A verdadeira sabedoria não precisa de pensamento.
A verdadeira sabedoria não precisa de intelecto.

Enquanto isso, terão de viver com o intelecto — porque ainda dependem muito dele. E não há nada de errado com isso. Por agora, o intelecto é uma excelente ferramenta.

Mas a sabedoria verdadeira dentro de vocês é aquela que permite ao corpo respirar espontaneamente enquanto me ouvem. É a que vos refresca enquanto me ouvem. É a que recolhe, de realidades que não percebem, energias e potenciais infinitos que preenchem o vosso ser enquanto me ouvem.

Isso é sabedoria. E não precisa de palavras. Foi essa sabedoria que formou o vosso intelecto. O vosso intelecto repousa sobre essa sabedoria, e a sua segurança depende desse suporte — que é a sabedoria do vosso eu interior.

Uso palavras porque, neste momento, elas fazem sentido para vocês, mas espero que, por detrás das palavras que pronuncio, vocês sintam a vitalidade interior — que não precisa de palavras. E, ao ouvirem-me, que consigam sentir, mesmo que de forma ténue, a sabedoria do vosso próprio eu interior — aquele que é triunfante na sua própria sabedoria, uma sabedoria espontânea e livre, sobre a qual o vosso intelecto repousa.

A delicada e terrível arma do intelecto deveria, de facto, assustar até os deuses, pois ali está ela, assentada no topo das vossas cabeças, tão segura da sua função, valor, permanência e conhecimento — e julga tudo segundo regras que ela própria criou. E, com isso, a nossa pequena flor tola deveria, certamente, esconder-se diante deste nobre intelecto humano... a tal ponto que até as estações do ano tremessem perante esse instrumento do ego. E, no entanto, parece-me — se bem me lembro — que as flores tolas, sem cérebro nas pétalas, conseguem crescer lindamente e ser exatamente aquilo que são, cumprindo o seu papel perfeitamente.

E cada um de vocês — tu (Joel), tu (Alison), tu (Florence) — e também Ruburt, são tão ciumentos do vosso intelecto, tão possessivos com esse poder intelectual, que seriam capazes de matar uma pobre flor inocente só para ver o que a faz crescer.

([Joel:] “O potencial pode estar lá, mas nunca quero ver isso acontecer.”)

Fico contente por ouvir isso. Mas o potencial está lá sim, debaixo do solo superficial da tua mente — da tua (Alison), desta pessoa aqui (uma aluna), e por vezes de Ruburt, e em certa medida também da Sue.

Quero que usem as ferramentas e capacidades que têm — e o intelecto é uma delas — mas não quero que se concentrem tanto numa só ferramenta a ponto de esquecerem as outras. E digo-vos isto porque não quero que intelectualizem em excesso as vossas experiências atuais, perdendo assim a espontaneidade delas.

Cada um de vocês ainda se agarra, à sua maneira, aos métodos antigos. Ainda não confiam verdadeiramente em si mesmos para colocar estas ideias em prática, para entregarem as vossas vidas a elas. E enquanto não fizerem isso, não verão os frutos.

Os “acessórios” (props) são bonitos — são vossos e vocês próprios os criaram. E não me perguntem o que quero dizer com "acessórios" — cada um de vocês sabe muito bem, em segredo, do que se trata na sua própria vida. Têm de se libertar deles, pois cada “acessório” que mantêm secretamente na mente é um obstáculo à vossa liberdade.

O que vos estou a dizer não é fácil — a menos que compreendam que é.
É tão espontâneo quanto o próprio Ser.

Não fazem ideia da energia que usaram para construir esses “acessórios” no vosso pensamento pessoal — e de como eles vos impedem de perceber aquilo que realmente são.

(Para a Sally.) Estou a olhar para ti. E estou a pensar para ti.

Agora, façam todos uma pausa — mas lembrem-se: o que digo não é geral. Penso em cada um de vocês ao falar.

(Para a Sissy.) Ele está bem. Vai para casa e dorme em paz.

[Após o intervalo]

Quando estiverem prontos para algo novo, isso virá até vós — por si só.

(Para o Joel.) Eu sei que não foi tua intenção, da maneira como pareceu que eu a interpretei — mas foi demasiado boa para deixar passar.

([Joel:] “Sim, porque eu estava a pensar num acontecimento, não em palavras — mas tu pegaste nas palavras em vez do acontecimento.”)

Não exatamente. Sente bem isso.

Não tens ideia do esforço que faço para surgir com estas características humanas tão calorosas. É algo com que vocês nunca têm de se preocupar. De certa forma, é até divertido. Tenho muitos “bancos” de personalidades aos quais posso recorrer — mas, no início, tive mesmo de escolher qual delas seria mais eficaz. E, como qualquer bom professor, adaptei os meios mais adequados ao meu propósito.

([Joel:] “É isso que o Bill está a fazer agora?”)

Sim, é exatamente isso. Noutro nível, mas igualmente legítimo. Ele está a usar os meios disponíveis e a adaptar-se com as características que farão mais sentido para ti, aqui e agora. Ele pode mudar em muitos aspetos, à medida que sentir que estás capaz de entender e aceitar essas mudanças. Algumas coisas que eu posso dizer-te, ele não poderia dizer — e ele sabe disso.

Disse-vos que isto era uma pausa, e deixei intencionalmente o termo “acessórios” em aberto, para que cada um de vocês pudesse interpretar a forma como cria e usa os seus próprios.

(Para a Florence.) E a forma como deixas que eles te desviem do caminho. (Para a Bette Z.) E uma noite destas, terei algo a dizer-te — com ou sem cavernas.

([Sue:] “Estás a dar informações à Jane e ao Rob sobre as características de personalidade dos eus prováveis do meu sonho?”)

Sim, sem dúvida.

([Sue:] “Quantas sessões já tiveste com eles?”)

Nos termos que vocês entendem, nenhuma sessão formal foi realizada — apenas comunicação em vários momentos do dia, que a nossa Jane provável aprendeu a interpretar através da experiência poética.

([Sue:] “É o estado de sonho deles que estou a contactar, ou o estado de vigília?”)

Estás a contactá-los num estado que não é nem vigília nem sonho.
Isto é algo que, acredito, nenhum de vocês compreende totalmente.

Conhecem, até certo ponto, os vossos próprios estados de consciência, mas não os examinam com atenção. Assumem que estão acordados sob certas condições. Assumem que estão a dormir noutras.

Mas existe um estado médio de consciência — uma constante entre o estado de vigília e o de sono. Esse estado é vosso, quer estejam acordados ou a dormir. E é nesse estado que estás a chegar até eles.

(Quando Jane saiu do transe, teve um acesso de tosse.)

O último episódio não foi uma demonstração, não colocaria o Ruburt nisso. No entanto, ele está fortemente sintonizado com o sogro, há já uma semana — e tem estado a receber informações.

Mas compreendam: também vocês, à vossa maneira, percebem inconscientemente e reagem a essas informações. Muitos dos vossos humores inexplicáveis, medos — mas também inspirações — têm origem em acontecimentos que, nos vossos termos, ainda não aconteceram.

Agora desejo-vos uma calorosa boa noite — com todos os acessórios e tudo o mais — e espero que olhem para dentro de vós e descubram quais são os vossos.

(Para a Alison.) E quero ver mais coragem da tua parte.

([Joel:] “Há algo que possamos dizer à Jane para facilitar a aceitação do que está a acontecer?”)

Se lhe explicarem exatamente o que eu disse, isso será suficiente.

([Gert:] “Podemos ajudar o sogro?”)

Enviar-lhe energia ajudará, mas ele está a sair-se muito bem por si. Ele já começou conscientemente a existir noutra esfera de realidade. Apenas a consciência do corpo permanece ligada.

(A Jane descreveu os seus sentimentos e experiências no funeral do sogro. Theodore M. falou sobre as suas experiências no Grande Salão, e Joel partilhou as suas interações com a sua personalidade, Bill. Foi levantada a questão: onde está a consciência quando alguém está em transe?)

Ora bem, não posso cantar com o Mitch, mas tenho algo a dizer a esta (Sue), àquele (Joel) e, em certa medida, a todos vós, e é o seguinte:

Não há necessidade de justificarem a vossa existência. Não precisam de escrever ou pregar para se justificarem. O próprio ato de "ser" já é justificação suficiente. Não precisam de se esgotar, nenhum de vocês — e isto também se aplica ao nosso amigo Ruburt. A consciência justifica-se a si própria, e isto aplica-se a cada um de vocês. Só quando compreenderem isto é que poderão começar a utilizar a vossa liberdade. Caso contrário, esforçam-se demasiado.

Agora, ninguém me perguntou como é que é quando eu entro em transe. Entrar em transe é, simplesmente, focar intensamente numa área altamente específica da realidade, e, portanto, eu projeto uma parte do que sou aqui, pois consigo utilizar áreas, da minha personalidade, mais vastas do que aquelas com que estão familiarizados em vocês próprios.

Consigo fazê-lo de forma consciente, mas mesmo assim, como disse antes, tenho alguma dificuldade em olhar para vocês e relacionar-me com os eus que vocês acham que são neste dado momento do tempo. Eu vejo os compósitos — por isso, preciso de algum treino para vos localizar com precisão no tempo e espaço que conhecem.

Estão conscientes dos eus que se sentam nesta sala numa determinada noite de tempestade de neve, com certos membros presentes, outros ausentes e alguns novos — mas eu estou familiarizado com as partes internas de vós mesmos que vocês também conhecem, mas que o ego escondeu de vocês. Por isso, penso constantemente para mim: "Ah, sim, a nossa Senhora de Florence acha que está sentada nesta sala específica, a esta hora específica, com um fato azul…" mas eu vejo a Senhora de Florence em várias manifestações diferentes, em diversas existências que ocorrem todas ao mesmo tempo.

E por isso tenho de me lembrar de que ela não está consciente disso — e, quando falo com ela, tenho de usar uma designação que faça sentido para ela neste momento específico.

E, até certo ponto, sirvo como comunicador entre diferentes níveis do vosso próprio ser, pois recordo-vos aquilo que vocês são.

Hoje, andaram muito envolvidos em pensamentos sobre a morte.
Mas eu já fui um cadáver muito animado muitas vezes — e, na verdade, vocês também. As partes internas de vocês próprios sabem isso bem.
Já se afastaram de mais túmulos do que podem recordar — e, de facto, muitos de vocês afastar-se-ão ainda de muitos mais. Porque é que então se preocupam em justificar a vossa existência neste momento?

(Para o Joel) A palavra "desdobrar" que usaste antes está muito mais próxima da verdade. O desdobramento já aconteceu. Só tens de o aceitar.
Se te esforçares demasiado por justificar a tua existência, vais começar a excluir áreas da tua vida.

(Para a Sue) Apenas aquelas áreas que te parecem justificar em segurança é que terão significado — e as outras começarão a desaparecer. Se escreves, portanto, para justificar a tua existência, com o tempo outras dimensões da realidade perderão o sentido para ti. Não precisas de te justificar de forma alguma.

Se cada um de vocês, por dez minutos por dia, se abrisse à própria realidade, não haveria sequer a questão da justificação, pois perceberiam a natureza miraculosa da vossa identidade. Já o disse antes nas aulas: vocês estão tão mortos agora — e tão vivos agora — como alguma vez estarão. Em vida, podem estar tão mortos quanto qualquer cadáver — ou, por contraste, muito mais.

Quando aqui venho falar, não foco a minha energia nesta sala como um destino, porque esta sala, nos vossos termos, não existe para mim — e, nesses mesmos termos, também não existe para vocês. Vocês fingem concordar que a sala existe — e, por isso, encontramo-nos num lugar que não é nem no espaço nem no tempo. Os verdadeiros encontros que aqui acontecem nada têm a ver com esta sala ou com as pessoas que vocês pensam ser. Sabem que estão a alucinar a sala. Sabem que estão tanto em

transanse aqui como quando estão em tempo-psíquico, ou quando fazem esforço para olhar para dentro.

Quero apenas que compreendam que, se esta vida é um transe, podem mudar a direção da vossa consciência e perceber realidades maiores, que já existem. Podem tornar-se conscientes da vossa identidade maior, tal como eu estou consciente dela. Vocês sentam-se dentro do milagre que são — e depois pedem por sinais…
São os vossos olhos interiores que eu quero abrir.

Na última aula, disse que preferia que, se tivessem de projetar imagens sobre mim, em vez de pensarem em mim como um velho sábio, pensassem em mim como uma cotovia pela manhã — porque sou, de facto, um velho pássaro.

E agora, façam uma pausa.

[Após o intervalo, em resposta a uma pergunta que não foi gravada:]

Isso significa esta personalidade em particular — caso contrário, perderiam todos os aspetos do livre-arbítrio.

Vocês, tal como se conhecem, apenas aceitam sugestões, ideias, conceitos e limitações que se adequam ao vosso propósito neste momento.
Não estão, portanto, à mercê de neuroses de uma vida passada, nem de neuroses desta vida. Não há medos do vosso presente que não possam superar.

Não estou a dizer que o farão — mas têm essa capacidade.

A decisão é vossa, de acordo com a vossa compreensão como personalidade individual.

Não podem ser perseguidos de um nível de realidade para outro por um medo que não compreendem.

Não podem ser ameaçados nesta vida por medos da vossa infância, nem por alegadas existências passadas — a não ser que acreditem tanto no medo que se deixam conquistar por ele.

Cada um de vocês tem liberdade para se desenvolver — para aceitar, a partir do banco milagroso da realidade, as experiências e emoções que deseja — e rejeitar aquelas que não quer.

Vou dar-vos um exemplo mais concreto que cada um pode usar à sua maneira:

Imaginem o pior: nesta vida são pobres, pertencem a uma minoria étnica, não são intelectuais, são mulheres, têm uma deficiência física grave e não são consideradas bonitas.

Esses desafios, numa chamada vida passada, foram propostos por vocês próprios. Isto não significa que não possam usar toda a vossa determinação e coragem para os superar. Significa que ainda têm capacidades — e que podem, a partir de um padrão de personalidade aparentemente caótico, criar alegria e realização.

Os problemas que definiram para esta vida foram escolhidos na esperança de que os resolvessem — não como pedras ao pescoço para vos afundarem.

Só têm de perceber a vossa liberdade. Deixem de ter medo do próprio medo da água. O problema não é a água — é o medo. Enfrentem o medo. Vençam-no.

Vocês criam a realidade que conhecem — não de forma esotérica, simbólica ou filosófica. Não é uma super-alma que a cria por vocês. Não podem atribuir a responsabilidade a algo superior.

E, embora esteja a encarar o nosso amigo que fez a pergunta, isto aplica-se a todos vocês — e também a Ruburt.

Vocês criam a vossa realidade. E, enquanto não compreenderem isso plenamente, não podem mudá-la — nem usar a vossa liberdade.

No passado, coletivamente ou individualmente, culparam um Deus ou o Destino pela natureza da vossa realidade pessoal — pelos aspetos de que não gostavam. Agora, resistam à tentação de usar, em alternativa, a expressão "o eu completo", como se fosse uma entidade que vos impusesse algo.

Pois a personalidade recebeu — e isto não é novidade — o maior presente de todos: Vocês recebem exatamente o que querem receber. Criam do nada a experiência que é vossa.

Se não gostam da vossa experiência, olhem para dentro — e aí podem mudá-la.

Mas também assumam responsabilidade pelas vossas alegrias e triunfos.
E compreendam: a energia para criar qualquer destas realidades vem do eu interior. Mas o que fazem com ela cabe a cada personalidade individual.

Agora, podem fazer mais uma pausa.

(Durante o intervalo, discutiu-se o tema do destino e da predestinação.)

Uma noite destas, gostaria que a nossa Senhora de Florence falasse comigo sobre predestinação.

([Florence:] "Gostava era que fosses tu a falar comigo sobre isso.")

Vocês não estão programados. Nada acontece porque tem de acontecer.
Cada pensamento que têm altera a realidade — não apenas a realidade como a conhecem, mas toda a realidade. Nos vossos termos, alteram o passado e o futuro.

Agora, não existe tempo, nos vossos termos — tudo é simultâneo.
E, ainda assim, nos vossos termos, podem tornar-se conscientes daquilo a que chamariam um "eu do futuro". Nenhuma ação vossa obriga esse eu futuro a agir de determinada forma. Esses "eus" são bancos de atividade dos quais podem escolher extrair experiências ou não.

(Florence: "Tomamos decisões instantâneas? Por exemplo, pensei no terramoto de Los Angeles: um homem saiu para a rua e foi morto por um tijolo. O que fez essa única pessoa sair do edifício?")

Esse indivíduo estava, de facto, bastante consciente do que iria acontecer, a um nível que vocês chamariam inconsciente. Não estava predestinado a morrer. Escolheu, nos vossos termos, o momento e o modo, por razões pessoais.

(Florence: "Independentemente de quem escolheu, estava destinado que ele morresse.")

Não estava destinado — ele escolheu. Ninguém escolheu por ele.

(Florence: "Mas ele tomou essa decisão antes.")

Antes quando?

(Florence: "Antes de ser morto.")

Ele sabia na sua mente que estava pronto para passar para outras esferas de atividade. Subconscientemente ou inconscientemente, procurou o meio mais imediato — e escolheu-o. Esse indivíduo, três dias antes, tinha feito esse plano. Não houve predestinação.

O facto de um ramo de árvore cair não significa que estivesse destinado a cair — nem na forma nem no momento da queda. Há uma grande diferença entre livre arbítrio e predestinação.

(Joel: "Não disseste antes, referindo-te à mulher que nasceu numa minoria, que os seus desafios tinham sido definidos por uma personalidade anterior, nos nossos termos?")

Pelo eu total.

(Joel: "Pergunto-me se foi uma personalidade anterior que decidiu isto, ou se, quando essa personalidade regressou e se reintegrou no eu total durante o período de reavaliação, foi aí que essa decisão foi tomada?")

Devem lembrar-se de que estamos a dividir os termos apenas por conveniência, mas na realidade não há divisão. Assim, ao mesmo tempo em que essa personalidade nasce pobre, mulher e pertencente a uma minoria, noutra era completamente diferente ela pode nascer rica, segura e aristocrata.

Está a explorar diferentes métodos de experiência e expansão. Compreendes?

(Joel: "Sim, estava só a tentar perceber se tinha entendido mal quando disseste que essas circunstâncias foram definidas por uma personalidade anterior. Agora percebo que quiseste dizer pelo eu total.")

Sim, pelo eu total. Lembrem-se: quando falamos de outras personalidades, é apenas para facilitar a compreensão. Estamos a falar da vossa identidade completa. Vocês é que estão conscientes apenas de uma parte — e insistem em chamar a essa parte "eu". Mas são o eu que toma todas essas decisões.

(Daniel: "Que hipótese tem uma pessoa nascida com deficiência, com todas essas dificuldades aparentemente intransponíveis? Se, ao nível do ego, disser: 'Eu não quero nada disto. Preferia ter nascido aristocrata.', que possibilidade tem?")

O eu interior, porém, reconhece que certos potenciais estão presentes nessas circunstâncias — potenciais que não estariam presentes de outra forma. Capacidades que podem não apenas ajudar a personalidade presente, mas talvez até a sociedade em geral e outras pessoas envolvidas.

A vossa maior dificuldade vem das barreiras emocionais provocadas pela diferença de termos. É como se, por um dia, escolhesses trabalhar nos bairros degradados e depois dissesses: "Porque escolhi trabalhar aqui? Preferia estar na Quinta Avenida."

Tu sabes por que razão escolheste — e o teu ser completo também. Apenas escondes essas razões do teu eu presente, para garantir que a realidade não pareça encenada.

Um homem rico que tente viver como pobre por um dia para aprender o que é a pobreza aprende pouco — porque nunca se esquece da fortuna que tem à disposição, e sabe que pode voltar à sua mansão. Mesmo que viva com comida pobre e numa casa precária por um dia, um ano, ou cinco, sabe que tem para onde voltar — e, por isso, não consegue relacionar-se verdadeiramente.

E é por isso que vocês escondem essas coisas de vocês próprios — para conseguirem relacionar-se. Esquecem-se da vossa "casa" para poderem regressar a ela enriquecidos.

(Para Theodore) Tenho um apontamento para o nosso Reitor aqui. Não tentes tirar demasiados encargos à tua mãe. Ela precisa do estímulo, precisa de se esforçar. Se lhe tiras demasiadas responsabilidades, estás a dizer-lhe que ela não é capaz.

Ao teu pai, só podes dar apoio — isso é tudo o que podes fazer por ele agora. Deixa-o manter as responsabilidades que ainda conseguir manter.

(Theodore: "As que ele consegue ou as que ele pensa que consegue?")

Mesmo as que ele pensa que consegue — mas mantém-te atento aos resultados. Vês a diferença?

A tua mãe, em particular, perderá forças se tentares ajudá-la em excesso, pois ela precisa sentir-se capaz. Não os faças sentir que têm de entregar, de repente, todos os direitos de adultos nas mãos dos filhos.

A consciência não é feita de equilíbrios, mas sim de um desequilíbrio refinado. O foco da atenção é, em parte, o resultado desses desequilíbrios delicados. Neste estado de excitabilidade, os elementos nunca estão todos presentes — porque novos elementos estão sempre a ser criados.

E não falo de elementos físicos, mas de elementos psicológicos, de características da consciência, que também estão sempre a mudar e a fundir-se.

Vocês já não são o que eram há dez minutos — física, psicológica, espiritual ou psiquicamente. E daqui a dez minutos também não serão os mesmos.

Negar isto é tentar forçar a consciência a uma forma rígida da qual nunca se poderá libertar — e aplicar-lhe regras que só criam uma paisagem psicológica artificial e arrumadinha.

Ele sabia. Mas vocês insistem em associar a identidade ao ego — e se o ego não sabe, dizem que "ele não sabia". Mas o ego é apenas a pontinha de um alfinete que perfura a realidade física — é a parte mais pequena dele que não foi informada.

(Para a Janice) Em breve, saberás as respostas certas — porque saberás fazer as perguntas certas.

Ainda estás a bloquear quando perguntas pelas razões da ansiedade.
Mas vais perceber por ti própria.

Desejo-vos uma boa noite. Não quero que o nosso Reitor perca o seu descanso. Boa sorte nas tuas experiências com a porta.

(Para a Alison) E não quero que olhes para o teu marido com olhos tão estranhos. Quando ele está em transe, os teus olhos são tão estranhos como os dele.

(Para o Joel) Agora tens boa energia e um canal limpo e claro.
Usa-o — e usem-no juntos.

(Joel: "Usaremos.")

(Alison: "Usaremos.")

Vão ver que não há nada a temer — e muito a ganhar.
Mas também não se sintam apressados — há tempo mais que suficiente.

Quero que reconheçam a energia que está disponível.
Se o Ruburt a consegue usar, cada um de vocês também pode usá-la à sua maneira.

Quero que abram as barreiras que erigiram dentro de vocês.
Esta voz é apenas um símbolo da energia e da força que está disponível para cada um de vocês, conforme utilizam as capacidades que são o vosso legado.

E deviam ouvir o eco da minha voz como símbolo da vossa própria força, energia e alegria.

Esqueçam os eus encolhidos que às vezes acham que são.
Lembrem-se, em vez disso, das vossas capacidades e da essência mágica do vosso ser, que ainda canta neste momento através das vossas pontas dos dedos. Essa é a realidade que procuram. Vivam-na plenamente.

Precisam de uma coisa morta e antiga como eu para vos dizer o que é a vida?
Deveria ter vergonha.

Agora, despeço-me com afeto — e as bênçãos que posso dar, dou-vos.
Viajai em paz, alegria e segurança — nos vossos corpos e fora deles.

AULA DE PES

16 DE FEVEREIRO DE 1971 – TERÇA-FEIRA

(Depois de uma discussão sobre autoaperfeiçoamento psíquico e um livro sobre os escritos de Abraham Maslow.)

O desenvolvimento é uma jornada dentro da criatividade. Vocês têm à vossa disposição literalmente quantidades infinitas de energia. Nos vossos termos, são, se preferirem, deuses latentes. Têm de aprender a lidar com essa energia e usá-la. Como mencionei antes esta noite: vocês vão criar. Não podem evitar criar agora, tal como não podem evitar respirar — e mesmo quando não respirarem mais, continuarão a criar. Não podem escapar às vossas próprias criações. Não é a morte que devem temer, mas sim as vossas próprias criações. E não podem culpar as vossas criações por qualquer deus, facto ou predestinação. Se quiserem falar em termos de Deus, então é dessa gestalt infinita que recebem a energia para criar, mas como têm livre arbítrio, criam o que escolhem e aprendem através da experiência.

([Kyle]: "Então escolhemos os nossos baixos e eles são necessários?") Vocês formam ou criam os vossos baixos. Às vezes escolhem-nos para fins de crescimento. Outras vezes, são resultado da vossa própria ignorância num dado momento e, portanto, desnecessários. Por exemplo, se têm o hábito de pensamentos profundamente negativos, atrairão sensações e experiências negativas e viverão uma depressão profunda. Agora, se aprenderem com isso, então, do vosso ponto de vista, há crescimento. Mas muitas pessoas não aprendem durante algum tempo, nos vossos termos, e continuam nesses períodos sem necessidade.

([Kyle]: "Então a experiência de aprendizagem não é mais válida por se ter passado mais tempo na depressão. Não se ganha mais por se ter sofrido mais tempo.") De facto. No entanto, se uma parte da vossa personalidade não aprendeu com a experiência, outras partes podem bem aprender. E, enquanto uma parte da vossa personalidade estiver em depressão, outras partes podem estar altamente criativas, sem que disso tenham consciência no momento.

Na noite passada, num capítulo do meu livro, falámos brevemente sobre probabilidades e quero que entendam alguns pontos. Primeiro: como

mencionei na última aula, não estão presos a nenhuma neurose de uma vida passada, e o facto de terem definido certos desafios para esta vida não significa que não possam superá-los. Mas quero também que saibam que os vossos pensamentos, sentimentos e emoções atuais afetam não só vocês, mas também os vossos eus prováveis.

(Para a Sue.) Para ti, nenhum eu provável está à mercê dos teus pensamentos negativos.

Cada consciência é responsável pelos pensamentos e emoções que origina e aceita. A personalidade, no seu todo, inclui, portanto, eus prováveis de que atualmente não tens consciência. Isso não invalida a validade nem a integridade do eu que conheces. As divisões são ilusões, e quando acordares para ti mesma, para o teu verdadeiro eu, tornar-te-ás consciente dessas outras partes da tua personalidade.

Em termos de crescimento e desenvolvimento, e falando de forma simples para transmitir a ideia, teoricamente estão a trabalhar para um momento em que o eu que agora conhecem terá consciência de toda a personalidade e a aceitará como sua identidade. O eu total não é um super-eu em que se perdem. Vocês não desaparecem. Têm apenas de aceitar, por agora, até que a vossa experiência o comprove cada vez mais, que o eu interior, esse "você", é muito mais do que percebem neste momento. E a melhor forma de caminhar para essa compreensão é aceitar o eu que são agora, tal como são. Sentir o movimento do eu espontâneo.

Agora deixo-vos fazer um intervalo e dou as boas-vindas aos novos alunos que vieram hoje à aula.

(Para o Pete Sawyer.) Alguns escondem-se atrás das palavras porque têm medo da experiência interior, que está completamente ao seu alcance. Eu não chamei uma pausa da aula. Não causaria tal perturbação ao meu amigo Ruburt.

Pedi uma pausa ao Seth.

(Durante a pausa, o Kyle perguntou porque é que o Seth se manifestava de forma tão intensa.)

Faço-o por várias razões: porque essa é a forma que escolhi para comunicar e também para desfazer a ideia de que os chamados espíritos têm de ser serenos, calmos, solenes e dignos. Essa, por exemplo, é uma das minhas principais preocupações. Quero também que compreendam que está a ser utilizada energia, que essa energia está disponível, e que a mesma energia que o Ruburt usa está disponível a cada um de vocês. Mas para além disso...

(Para o Joel.) Para todos aqueles que, nos seus pensamentos mais profundos e sagrados, imaginaram que ser calado era bom e ser digno era sinal de piedade, então uma atuação como a minha deverá, sem dúvida, fazê-los pensar.

Agora podes continuar com a tua pausa de Seth.

(Para o Kyle.) A natureza da tua própria personalidade também influencia a forma como interpretas a minha.

(Durante a pausa, a Nadine falou sobre linguagem corporal. A Gert disse que podia trazer uma câmara de filmar na próxima semana.)

Esquece a linguagem corporal – não a usarás o tempo todo, sabes? Já estive na televisão, e agora vou estar na rádio, e vou aparecer no cinema, e tenho de me lembrar de ser recatado e silencioso. Vou certificar-me de que a minha aura se destaca e tentarei parecer o mais santificado possível. Ora, quando falo com santos, também pareço um santo.

([Kyle:] "Tens tendência para dominar. Sobes ali e dizes: faz isto e aquilo, estás a ir bem, estás no bom caminho – e isso, certamente, impõe uma certa atitude nas pessoas.")

Então vamos deixar-te ocupar o meu lugar. Agora, até certo ponto, o que dizes é verdade, mas muito disto não é culpa minha. O mecanismo da voz, infelizmente, é algo com que temos de trabalhar, e para que a minha personalidade seja transmitida através da imagem e cordas vocais femininas, é necessário fazer certos ajustes. Para além disso, como já mencionei em algumas aulas, não é a partir do coração invisível da minha essência que me tornas na imagem de um velho sábio. És tu que, com base na tua própria psicologia, projetas em mim imagens de autoridade que vivem na tua mente. Sempre tentei evitar que cometas esse erro e procurei libertar em cada um de vós as vossas próprias capacidades. Disse-vos que o conhecimento tem de

ser vivenciado diretamente. Não aprenderão tanto comigo como aprenderão ao explorarem o vosso próprio mundo interior e ao investigarem a vossa realidade interior, onde também existem outras realidades de que não têm consciência. A minha voz é alta, sim, mas a voz do eu interior é muito silenciosa – e precisam de estar em silêncio para a ouvir. Por isso, deixem que o som da minha voz vos leve para dentro, até ao silêncio que é altamente ativo.

(O Bobby comentou que impomos as nossas projeções no Seth.)

Eu mantenho-me espontâneo e vivo, e não permito que as vossas projeções me anulem. Podem continuar.

([Bobby:] "Então, é natural...")

Vocês projetam, mas as vossas projeções só são reais para vocês – a mim não me afetam. Continuem.

(Para o Kyle.) Vês? Nem sempre sou eu a dominar. Tens sorte por eu não seguir procedimentos parlamentares.

(O Pete comentou que o sotaque do Seth soava a indiano.)

Tenho um sotaque cosmopolita. Para mim, és tu que tens sotaque. Falei muitos idiomas, e nesta tradução acabou assim – estamos todos presos a isso. Vou deixar que o Ruburt continue com as perguntas, senão não ficará satisfeito.

(Para o Ned.) E por vezes, nos teus desaparecimentos, avançaste três passos... (Palavras perdidas) diferentes de antes. Uma terceira projeção, se quiseres usar essa palavra. E uma ausência mais acentuada.

(Durante a pausa, a Florence comentou que o sotaque do Seth era sofisticado.)

Não sofisticado – cosmopolita.

(Para o Ned.) Agora, umas palavras aqui. Podes desaparecer por diversão, por criação, por curiosidade – mas não desapareças por pânico.

([Ned:] "Foi por isso que fiquei tão nervoso depois.")

Precisamente. Tens capacidades – usa-as para o bem da tua personalidade. Não há problema em desaparecer, até para te relacionares ou para encontrar um momento de paz – mas não como fuga.

E agora vou fazer o impensável: vou chamar uma pausa da aula. E podem todos dizer ao Ruburt que lhe fará bem variar um pouco – espero que lhe provoque uma boa gargalhada.

([Kyle:] "Isso é a tua espontaneidade?")

Essa é a minha espontaneidade – o facto de estar aqui. E a tua espontaneidade é também estares aqui. E quando digo "aqui", não falo desta sala. Quando falo sob esta pressão de que falaste, tens de testar a tua realidade contra a minha – e é um bom desafio para ti.

([Kyle:] "Concordo, parece que é mesmo isso que fazes.")

Porque se eu não sou real, então o que és tu?

E agora, sim, declaro uma pausa da aula.

(Durante a pausa, houve uma discussão sobre personalidade e eus prováveis.)

([Pete:] "Cada personalidade tem consciência de si e das outras personalidades ao mesmo tempo?")

O tempo é, na sua essência, irrelevante, por isso a pergunta não pode ser respondida dentro da estrutura em que a colocaste. Cada personalidade tem, para si própria, uma consciência contínua. Ela sabe quem é, e não sente interrupções. Percebes?

([Arnold:] "Ou compreendi mal antes, ou estou a compreender mal agora – pensei que cada personalidade, cada parte de um Eu total, passava por esses pulsos.")

Usei essa analogia para explicar, mas o sentimento de continuidade é contínuo. Também é verdade que, a cada momento que existes neste universo, não existes nele. Isto não é uma analogia – mas para ti há uma continuidade de experiência. Só aceitas como reais os momentos em que tens consciência dentro da realidade física.

([Arnold:] "Percebo o sentimento de continuidade.")

([Nadine:] "É possível experienciar algumas dessas personalidades enquanto estamos conscientes da personalidade que temos neste momento?")

É – quando estás em tempo-psíquico, quando relaxas o ego o suficiente, quando és suficientemente espontâneo, e quando reconheces que essas outras realidades existem realmente.

([Nadine:] "Como distinguimos essas de personalidades de vidas passadas?")

Eu sabia que mais cedo ou mais tarde alguém traria esse fantasma. Demorei algum tempo a fazer-vos entender a ideia de realidades prováveis, e sabia que alguém, a dada altura, me ia perguntar sobre eus de reencarnações. Por isso, suponho que me compete dar uma resposta – e é esta:

Estás, neste momento, dentro de um sistema de realidade – uma realidade provável – a realidade que conheces e que formas fisicamente. Dentro dessa realidade tens eus reencarnacionais – eles pertencem a essa existência. Nem todos os sistemas prováveis têm reencarnação. Alguns têm, outros não. Por isso, esses eus só existem aqui, no contexto que te é conhecido por agora.

E sei que só te vou confundir mais, mas se tens eus prováveis, então sabes que existem universos prováveis, Terras prováveis e histórias prováveis da tua Terra. E já vês o que isto faz à tua ideia de reencarnação, tal como a conheces.

Portanto, dentro do sistema que conheces, também tens eus reencarnacionais prováveis dentro dessas Terras históricas prováveis. Isto não invalida de forma alguma a integridade nem a validade do que preferes chamar alma. Significa apenas que o Eu interior é muito mais criativo, mais rico, mais variado e muito diferente do que inicialmente imaginavas.

(Para a Natalie.) Tal como a tua amiga te aparece sob diferentes disfarces, assim também o Eu se manifesta de formas distintas. Alguns de vocês podiam cruzar-se com o vosso próprio Eu na rua e nem sequer dizer “olá”.

(Para o Joel.) Agora quero que o nosso amigo aqui, o nosso amigo espontâneo, se confronte com as ideias da alma e dos eus prováveis reencarnacionais.

([Joel:] “Tu sabias que eu andava a trabalhar nisso, não sabias?”)
Longe de mim andar a bisbilhotar.

([Joel:] “Adoro quando dizes: ‘as bênçãos que tenho para dar, dou-vos’. Já cheguei ao ponto em que, ao terminar o serviço, estou quase a dizer ‘as bênçãos que tenho para dar’, em vez de ‘Deus vos abençoe’. E começo agora a perceber como todo esse ritual tem sido absurdo ao longo dos anos. Isso é crescimento espontâneo, não é?”)

É, sem dúvida.

([Joel:] “Mas queria dizer-lhes no último domingo: ‘Que o Deus Todo-Poderoso vos abençoe’ — e parei, e sorri.”)
Espero que tenha sido um bom sorriso. O que devias dizer é: “Que os Deuses dentro de vós se levantem, riam e vos abençoem. Fazei por vós aquilo que faríeis por um Deus, e assim o sereis.” E depois corre antes que te expulsem. Eu acenarei.

([Joel:] “Se tiver tempo, aceno de volta.”)
Receberei a mensagem e saberei o que ela significa. Lembra-te: não sejas demasiado impaciente. Tens uma estrutura de onde podes moldar opiniões e mudar o rumo das mentes das pessoas — se elas estiverem abertas e preparadas.

([Joel:] “Continuo a pensar se não poderia fazer isso de uma forma mais eficiente.”)
Vamos tratar disso.

([Sue:] “Um exemplo de um eu reencarnacional provável seria a imagem do meu avô que costumava ver?”)
De facto.

([Sue:] “Esse eu provável, numa encarnação futura provável, terá mais ligação comigo?”)
Sim, afirmativo.

Agora, estás — ou sentas-te — no centro de forças que fazem parte de ti. Estas não são forças alheias, nem coisas que te acontecem. São forças que emanam do teu próprio ser, e tu podes, até certo ponto, tomar consciência delas. Os métodos foram dados, não só por mim, mas por muitos ao longo

dos séculos. Não estás nem de perto tão só dentro de ti como imaginas. Apenas fechaste a porta às outras mensagens que te chegam constantemente. Não estás separado dos outros seres humanos, a não ser que escolhas estar.

Agora, podem fazer uma pausa de Seth.

(Depois da pausa.) Tenho algumas observações, mas por ser tarde, não me alongarei esta noite.

(Para o Pete.) Aqui vemos uma ligação com o Iraque, uma forte capacidade psíquica, e tu escondes-te muitas vezes atrás das palavras para evitar a experiência. Não a experiência com os outros ou de te relacionares com os outros, mas a experiência interior. Estás a aceitar experiências de segunda mão através da leitura e do uso do intelecto, tentando depois aplicá-las, mas sem experimentação interna.

Agora, na leitura que te foi dada — mencionada anteriormente — foi captada telepaticamente. Não que numa vida passada tenhas abusado das capacidades psíquicas, mas que nesta estás intrigado com elas, mas também receoso, com medo de que, ao usá-las, te afastes demasiado do intelecto.

Podes até falar contra o intelecto, dizer que não é bom ser demasiado intelectual e que devemos ser intuitivos — mas não o fazes. Por isso, seria útil perceberes que usas frequentemente o pensamento consciente como uma cortina para te esconderes de ti mesmo, e que não há nada dentro do teu ser que devas temer. A verdadeira segurança da tua identidade está no teu Eu interior, e as capacidades de que temos falado são meros subprodutos desse Eu interior — não devem ser perseguidas pelo seu valor em si mesmas, mas vistas como tão naturais à personalidade interior como as mãos são naturais ao corpo físico.

Agora, um momento — estamos a captar algo aqui (para o Bobby) e também aqui (para a Natalie).

(Para o Bobby.) E hesito em trazer isto à tona, mas o nosso amigo aqui no meio foi um Irmão numa ordem secreta do século XV na Dinamarca. Era uma ordem que operava em segredo, por assim dizer. Essa personalidade tem grande humildade e uma verdadeira doçura. Uma mente curiosa, mas também, por experiências passadas, tende a agarrar-se a uma ideia e a não a

largar — sempre a pensar que é mente aberta. Refiro-me aqui a assuntos específicos, não a todo um estilo de vida mental. Por baixo da humildade, há teimosia; uma atenção ao detalhe; uma liberdade de pensamento por um lado, mas uma obsessão com pormenores também relacionada com essa vida, em que cuidavas de uma sacristia e te ocupavas dos véus do altar, da colocação de velas, missais e estátuas em locais específicos. Cuidavas também do calendário litúrgico, onde cada santo tinha o seu dia, e para ti, na altura, cada dia assumia o carácter desse santo — acreditavas nisto plenamente. Um gosto por prata fina e ornamentação vem desses tempos. Há aqui alguma confusão, temos de fazer uma pausa, porque...

(Para a Natalie.) Porque aqui, na nossa gentil e excelente secretária, há uma infiltração de material de uma existência irlandesa, como rapaz de catorze anos. Vejo-te como um tal Brian Donlevy, numa cidade a 30 ou 35 milhas de Dublin, em 1831, durante uma rebelião secreta — como mensageiro entre católicos irlandeses e ingleses, num tempo de terror. Tinhas dois irmãos padres e, pelo que capto, fazias o que só pode ser descrito como espionagem para eles. Questões de dinheiro e herança entraram em jogo e eles estavam do lado dos ingleses por essas razões. Por isso, estavas numa posição altamente ambígua. De 1831 a 1862. Bastante impulsivo, de temperamento quente. Vejo-te a brincar na igreja, a imitar o padre e a brincar com os paramentos. Geraste um filho aos catorze anos. Os teus irmãos sabiam — os padres — e usaram esse conhecimento para te forçar a agir como espião.

Conheces um desses irmãos nesta vida, como mulher. Irei explorar isto melhor, mas é ou tua mãe ou uma tia. Estás habituada a receber ordens desta pessoa, e há boa razão para isso. Ela já não tem qualquer poder sobre ti. A criança nasceu no passado. Não deixes que ela te manipule. Ela era muito mais velha do que tu nessa vida — como irmão mais velho — e estava habituada a impor a sua vontade.

Agora vou despedir-me em breve, mas lembra-te: chamas a isto o teu universo e a tua realidade — e é, de facto, pois és tu quem a forma. Mas dentro de ti está também o conhecimento de outras grandes experiências que estão a ser tentadas. Outros sistemas prováveis estão conscientes das experiências que vocês estão a realizar e, nos vossos termos — e falo agora apenas nos vossos termos, o que significa que estou a contornar o assunto — outras civilizações seguiram o mesmo caminho. Algumas falharam. Noutros

casos, os habitantes dessas "Terras" conseguiram-no com muito sucesso. O vosso futuro, nos vossos termos, não está definido.

Podem seguir qualquer caminho que escolham, mas até que cada indivíduo perceba que praticamente molda a sua própria vida pessoal e tem parte na formação coletiva da realidade que conhecem, haverá ainda muito a aprender. Esta é uma lição que estão destinados a aprender na realidade física.

Estão destinados a julgar a realidade física. A perceber que essa realidade é uma materialização dos vossos pensamentos, sentimentos e imagens. Estão destinados a compreender que o Eu interior é quem forma esse mundo. Não vos será permitido, nos vossos termos, entrar noutras dimensões até compreenderem o poder do vosso pensamento e dos vossos sentimentos subjetivos. Pois mesmo quando pensam que destroem, não destroem nada. E quando imaginam que matam, não matam nada. Quando acreditam que podem destruir uma realidade, só a destroem como a conhecem — a realidade em si continuará a existir.

Pensam um pensamento e, por não conseguirem acompanhá-lo, acham que desaparece — perguntam-se onde foi parar; terá caído de um precipício invisível dentro da vossa mente? Mas o facto de não o conseguirem seguir, de já não o perceberem, de não o conseguirem manter na consciência, não significa que esse pensamento deixou de existir ou que não tem uma realidade própria. Pois tem. E se um mundo vos escapa e acham que foi destruído, aplica-se o mesmo: continua a existir.

Agora, o que disse deve inspirar perguntas em vocês.

Desejo-vos uma boa noite e...

(Para o Joel.) Se não consegues seguir onde estou, então tens dificuldade em seguir onde tu estás. E quando descobrires onde estás, já não precisarás de perguntar onde estou eu. E as bênçãos que tenho para dar, dou-ta.

([Joel:] "Aceito-as com gratidão, e as bênçãos que tenho para dar, dou-tas também.")
E aquelas que não tenho, por necessidade, devo reter.

(Arnold contou o seu sonho.)
Antes de mais, a paisagem e o ambiente eram, de facto, simbólicos, mas representavam-te várias coisas. Representavam a cultura e a civilização — tanto tal como existiu no passado, como tal como a vês no futuro. As pessoas nesse ambiente pareciam felizes porque não pensavam e tudo era feito por elas; a vida era, de facto, como uma instituição, e não podiam sair.

No entanto, tinhas receio de que aqueles que tentassem sair fossem forçados a voltar, que te fossem procurar e te trouxessem de volta, e que os teus companheiros ressentissem profundamente qualquer conhecimento que tu adquirisses. Também tinhas a perceção de que, para alcançar conhecimento, era necessário deixar esse lugar. Sair significava iniciar uma jornada de descoberta. Enquanto permanecesses dentro do enquadramento, estavas protegido. Desde que aparentasses felicidade e seguisses o teu caminho, estavas em segurança. A operação, no entanto, representava outra coisa.

Sentias, como vês, que ao entrares nessa instituição — ou cultura, ou civilização — algo te tinha sido retirado, simbolizado pelo fluido retirado do cérebro. Esse fluido representava várias coisas: representava o fluido seminal, no sentido de criatividade e energia; representava também a água ou fonte da criatividade espiritual, de modo que ambas as épocas se fundiam, e sentias que isso te tinha sido extraído para te manter satisfeito dentro dessa estrutura artificial. Agora estás, de certo modo, a considerar abandonar essa estrutura, enquanto finges ainda estar dentro dela.

Acompanhar-me até aqui?
([Arnold:] “Sim.”)

Eis então o teu dilema. Agora, exageraste o dilema em certa medida, mas todo o simbolismo representa os teus medos. A situação não é assim tão má e ainda há esperança. É o sentimento de que o fugitivo será sempre caçado, e de que existe segurança nos números, e que se saíres do grupo ou da instituição, serás perseguido.

([Arnold:] “Então isso significa que, subconscientemente, tenho medo de fazer estas mudanças ao desenvolver as minhas capacidades psíquicas?”)

Significa que o simbolizaste dessa forma para poderes perceber a situação tal como a vês. Estás a ponderar — isto representa uma fase dos teus

sentimentos. Terás outros sonhos que representarão outras dimensões da mesma situação. Por exemplo, terás um sonho que enfatizará o que encontrarás se deixares esse enquadramento institucional. Apenas pegaste num dos aspetos e dramatizaste-o para ti. Irás pegar noutros e fazer o mesmo.

Agora, esqueci-me de sorrir. Vou sorrir. Agora estou habituado a falar para todo o Nordeste — é isto que se recebe aqui na sala de estar.

(Para a Valerie.) Esta esteve aqui ontem à noite e eu também, e falei contigo porque sou um tipo simpático, e tu não te lembras. O mínimo que podiam fazer era dizer "olá" quando me encontram a meio da noite.

(Para o Arnold.) O sonho foi uma produção criativa requintada, percebes? E de certo modo um comentário de outras camadas de ti mesmo, não só sobre o estado atual da civilização tal como a vês, mas também sobre civilizações do passado, de modo que imagens do passado e do presente se sobrepuseram.

As imagens do passado também representavam não só o passado no contexto histórico da civilização, mas o passado relacionado com o teu próprio subconsciente — as memórias do teu passado nesta vida. O sentimento de que, no teu passado mais remoto, já pensaste em escapar, olhaste nessa direção e encontraste estruturas. Agora, essas estruturas também eram simbólicas noutro sentido: representavam pirâmides bem organizadas de pensamento — brilhantes, lisas e pré-fabricadas, de certo modo.

Percebes o que quero dizer?
([Arnold:] "Sim.")

Agora vou deixar que o nosso amigo regresse.

(A Gert pediu ao Seth que esperasse para poder registar a transição da Jane a sair do transe.)
Tenho de arranjar qualquer coisa para ti numa destas noites. Hei de te transformar numa flor e mostrar o meu próprio filme aos meus amigos e dizer: "Olhem, eles existem! Acreditariam nisto?" Nunca vi tanta patetice benigna na minha vida.

([Gert:] “Aparece quando estivermos a mostrar os filmes.”)
Falarei contigo quando mostrares o filme. Vou deixar o nosso amigo regressar — não sou dado a câmaras.

(A Sue contou que o Seth lhe apareceu num sonho e lhe disse como tratar a dor no ombro.)
(Para a Sue.) Agora, para edificação do nosso amigo Ruburt, era mesmo o velho Dr. Seth a falar contigo no sonho. O inconsciente do Ruburt pode seguir o seu próprio caminho e fazer as suas coisas, e eu sigo o meu e faço as minhas.

Vou devolver a aula ao Ruburt ou aos nossos excelentes técnicos, mas queria deixar isto claro.

(Para o Arnold.) Presta também atenção ao facto de que a felicidade comum e os objetivos dentro da sociedade tal como a conheces não são suficientes para ti, e que percebeste que as pessoas aparentemente contentes estavam, na verdade, aprisionadas. Isso é também um elemento importante do sonho: tu não estavas contente por permanecer nesse ambiente e sentias um terror interior por te veres tão aprisionado.

([Arnold:] “Então o sentimento de que as pessoas não pensavam era válido e uma parte muito importante do sonho?”)
Era, sem dúvida. Vais representar esta situação para ti mesmo utilizando muitos dramas diferentes. Foi uma vantagem teres-te lembrado conscientemente do sonho — esse sentido interior revela um forte progresso da tua parte. Tenho boas esperanças para ti.

(A Bette contou o seu sonho e o forte sentimento que tinha em relação à Sue.)
Esse (Camp) é um parente teu, e tu e a Sue estão ligadas — mas não nesta realidade, e sim numa realidade provável; e numa realidade em que uma mulher que esse Camp poderia ter casado, mas não casou, está envolvida. Ora, como vês, consigo falar tanto de mesas como de cadeiras. A relação que não aconteceu nesta realidade deu-se noutra, e nessa realidade vocês estão ligadas — o que explica os sentimentos que tens em relação à nossa amiga aqui (Sue).

Este é o nosso primeiro exemplo, em aula, de uma relação existente num sistema provável — tomem nota disso.

(Para a Sue.) Continua, tens uma pergunta.
([Sue:] "É no mesmo sistema que envolve o meu avô?")
Não é. Existe, no entanto, uma associação na tua mente entre o caráter de Camp e o teu avô — mas trata-se de uma associação desta vida, que parece ligá-los. É também responsável pela tua imagem dos bosques. Isso tem a ver com associações psicológicas imediatas de um acampamento na floresta.

(Os homens estavam a tentar passar o filme pela televisão.)
Há uma ligação à direita que não está a fazer contacto.

(A Molly contou o seu sonho.)
O sonho da nossa amiga, à sua maneira, aproxima-se bastante do sonho do nosso "deus africano" aqui presente, pois estão a considerar as mesmas questões. No teu caso, usaste termos religiosos para emoldurar o tema e acalmar o teu Eu interior. Legítima — a questão da validade da alma é legítima? É legítima quando falada em termos convencionais pela religião? Ou é legítima nos termos usados nesta sala? Ou será legítima em quaisquer termos?

Agora, a religião convencional exige tributo — e por isso os homens vieram ter contigo à porta. Viste-os encapuçados, com capuzes vermelhos. Isto significou várias coisas para ti a nível subconsciente. Em primeiro lugar, os ladrões vêm encapuçados — e não pela porta da frente, mas por portas laterais ou que não se usam normalmente. Assim, vieram como estranhos encapuçados e exigiam tributo — e tu não sabias se a causa era legítima, ou se devias contribuir. As religiões convencionais foram simbolizadas por São Paulo, para ti.

Agora, no fundo da tua mente — e podes ralhar comigo depois — a religião convencional é simbolizada pela religião católica por causa da sua organização impressionante. E, na tua mente, o Papa representa essa organização — e ele pagou tributo. Deu algo a esses ladrões encapuçados que entraram pela porta lateral. Não deu muito, mas deu — e deu porque qualquer religião tem de prestar tributo ao conhecimento interior do Eu. E o verdadeiro conhecimento interior não entra pela porta da frente. Entra pela porta lateral, quando menos se espera.

Agora, os capuzes vermelhos tinham um significado peculiar para ti, a nível subconsciente, porque o vermelho, para ti, significava violência. E havia, no fundo da tua mente, a ideia de que as religiões ao longo dos tempos frequentemente resultaram em violência. Além disso, os cardeais — como sabes — usam, por vezes, chapéus vermelhos.

De forma subtil, estavas a colocar a mesma questão que o nosso outro amigo colocou, mas criaste a tua própria peça dramática sobre isso. No fim, acabaste por dar duas moedas de vinte e cinco cêntimos. Agora, em termos monetários, é pouco — "dois quartos" — mas também simboliza uma “metade”, e esse é o significado principal do teu sonho: estás meio convencida e meio não convencida, e deste algo no caso de eles estarem certos. É uma boa expressão tanto de prudência doméstica como de prudência espiritual. Mas não terias dado nada se essa figura de autoridade — o Papa — não tivesse dado primeiro. Isso mostra que, neste momento, procuras orientação e esperas encontrá-la. E também que não estás disposta a dar nada a qualquer pedinte de capuz vermelho que bata à tua porta lateral.

Isto mostra ainda que estás a ponderar seriamente estas questões e que estás mais aberta. Há dois anos, num sonho semelhante, nem sequer terias aberto a porta lateral. A ligação com a tua tia prende-se simplesmente com associações da vida presente — e com o significado da casa para ti. A casa representa, de certo modo, o centro da personalidade, o espaço inviolável — e tu não abres a porta a estranhos, nem permites que tenham acesso ao teu Eu secreto, a menos que sintas que há uma razão válida.

([Molly:] “Eles estiveram do lado de fora o tempo todo.”)
De facto, estiveram. Também deverás ter uma série de sonhos que explorem diferentes aspetos do mesmo problema — este foi apenas um ponto isolado dos teus sentimentos. Há outras emoções associadas à mesma questão que não surgiram neste drama em particular. Agora, quando for o Papa a estar à porta lateral… que farás?

([Wally:] “O que é materialização?”)
Tudo aquilo que percebes com os sentidos — para o propósito da nossa conversa — podes considerar material. Mas só percebes certas faixas de matéria, tal como só percebes certas faixas do espectro da luz. Tal como há um espectro de luz, também há um espectro de matéria — mas não estás sintonizado com todo esse espectro.

([Wally:] “Então matéria é aquilo que fazemos dela?”)
Exatamente. E tu és um excelente criador de matéria — já que criaste a matéria da imagem que agora está à minha frente. Todos vocês são criadores de matéria — aposto que nunca ninguém vos chamou isso antes.

O nosso amigo tem uma carta que quer partilhar, e eu gostaria de ouvir questões mais pessoais e profundas.

([Wally:] “Quando voltei à minha secretária hoje, a data 21 de março de 1961 veio-me à cabeça. Pode ter algum significado?”)
Parece ter uma ligação ténue contigo — relacionada com uma jovem mulher que, nessa data, recebeu uma carta de significado emocional. Agora, não tenho certeza se o nome da mulher era Lillian, mas uma Lillian estava de alguma forma ligada ao acontecimento. Não foi um episódio traumático — apenas um incidente emocional, trivial, que apanhaste telepaticamente. Surgiu-te à mente por associação entre a secretária e uma carta.

([Wally:] “Não consegui relacionar isso com nada.”)
O evento foi reconhecido subconscientemente por ti e envolveu, creio eu, uma mulher com quem trabalhaste, com quem tiveste — pelo menos parcialmente — algum tipo de envolvimento. Encontram-se ocasionalmente. Ela não está na mesma sala onde trabalhas, mas penso que estará a duas portas de distância ou em algum outro local próximo. Não sei se ainda está lá, mas na altura estava, e encontraste-a num corredor. Foi uma ligação telepática que, subconscientemente, veio à superfície com a data.

([Wally:] “Obrigado.”)
Faz perguntas e vê o que descobres. Não te limites a dizer “obrigado”.

(A Jane leu excertos de uma carta de um amigo na Índia.)
Quero que prossigas com a tua própria discussão. Contudo, o homem faminto sabe que tem fome — e na Índia, não é o homem faminto que está preenchido, seja com comida ou com ideias espirituais. Uma coisa é ser pobre, faminto e doente, sem conhecimento e sem esperança — outra é privar-se do corpo por vontade própria, com um propósito próprio. Mas o Ruburt não quis introduzir as suas ideias nesta conversa — queria saber o que vocês pensavam. E por isso, eu também não devo interferir.

(Para o Joel.) Tenho algumas observações para ti. Dependes dela para fazer todas as perguntas por ti, pois isso liberta a tua mente e permite-te entrar no transe com mais facilidade. Sabes que ela será crítica — e isso liberta-te do peso adicional de questionares a ti próprio. No fundo da tua mente, os dois estabeleceram um acordo.

Esse acordo não se aplica apenas ao vosso trabalho psíquico, mas também à vossa vida em geral. Em certo sentido, têm os mesmos objetivos, mas dividiram inconscientemente as tarefas. Tu queres ser cauteloso, mas também queres descobrir a natureza da realidade. E neste acordo implícito, és tu quem avança e abre caminho, com liberdade e espontaneidade. Como mostram as nossas sessões anteriores, tens também um forte sentido de responsabilidade. Neste momento, parece-te demasiado assumir ambas as funções ao mesmo tempo — por isso, ela desempenha o papel crítico por ti, e tu podes libertar-te para o trabalho em transe, sabendo que qualquer questão crítica será colocada por ela. E assim, sentes-te livre para avançar.

Ela sente, profundamente, que essa é a sua responsabilidade — não tanto para te controlar, mas para te provar que não tens nada a temer. Que estará ali para te ajudar a dar os passos em frente. É um sistema de segurança embutido, que ambos concordaram inconscientemente, e que se aplica a outros aspetos da vossa vida também.

Ela tem também um grande interesse interior — e portanto, para ela, e para ambos, estão a trilhar esses caminhos interiores juntos. E ela está a conduzir os aspetos críticos por ambos. Tu não conseguirias suportar essas questões críticas se as pensasses conscientemente — poderiam empurrar-te de volta para uma atitude rígida. Estou a dizer que têm uma boa parceria funcional — que mudará e será mais flexível com o tempo.

([Joel:] "Pergunto-me se os primeiros sinais disso começaram depois de o Bill começar a falar. Estava num período de grande introspeção, que depois diminuiu, mas a crítica dela não diminuiu — e pergunto-me se é por isso que agora consigo entrar no transe com mais facilidade?")
É, sem dúvida. Estão a fazer trabalho um pelo outro.

([Joel:] "Porque é que ela tende a rejeitar tanto do meu trabalho?")
Porque representa uma parte de ti que não reconheces. Medos que tens. E esses medos são naturais — não precisas de ter medo dos medos, por

exemplo. Mais uma vez, é uma divisão de tarefas. Ela aceita isto tudo muito mais do que imagina — tal como tu duvidas muito mais do que pensas. Ela conta contigo para avançar e romper caminho, tal como tu contas com ela para verificar cada um dos teus passos.

([Joel:] "Às vezes penso que renegociaria o contrato.")
Podem fazê-lo, sem dúvida. Neste momento, essa dinâmica está presente em todas as áreas da vossa vida. E achei que devias estar consciente disso. Quando estiveres, poderás mudá-la como quiseres.

([Joel:] "Parece-te uma boa relação, até esse ponto?")
Neste momento, está a cumprir os seus propósitos. Não há necessidade de ser rígida. Muita coisa ainda vai emergir — e o desenvolvimento trará essa transformação.

(A Gert pediu ao Seth que soprasse uma vela.)
Agora, minha querida amiga, se o meu sorriso não te chegou esta noite, então terás de esperar.

([Gert:] "Então podemos ter um grande sorriso?")
Dar-te-ei um dos meus melhores — assim que me livrar do cigarro do Ruburt. Pronto. Já sorri sorrisos mais felizes, mas alguém contou uma piada — e eu sabia que isso te faria sorrir, de qualquer maneira.

Despeço-me de todos com um caloroso boa noite e gostaria que alguns de vós refletissem sobre os temas que discutimos esta noite. Quando pensarem em perguntas, tem de haver envolvimento pessoal — caso contrário, não terão verdadeiro significado para vós. Pensem em termos da vossa própria realidade pessoal, da vossa vida, e de como estas teorias se aplicam ao que acham que são neste momento.

(Para o Joel.) E os contratos psicológicos mudam sempre — e as personalidades também.

Agora sim, despeço-me com o melhor sorriso que consigo fazer com estas feições. E se isso não for suficiente para ti, terás de esperar pelo nascer do sol.

(A Gert enrolava a sua câmara.)
Pelo menos, eu não faço barulho assim.

AULA DE PES

2 de Março de 1971 (terça-feira)

(Depois de uma discussão sobre o livro *Stranger in a Strange Land*, de Robert Heinlein.)

Estão todos desligados das vossas próprias emoções. Não é tanto que ergam barreiras entre vocês e os outros — mas que colocam barreiras entre vocês e vocês mesmos. E cada um de vocês, nesta aula, pôs uma espécie de "boneco de papel" à sua frente, esperando que os outros se relacionem com esse boneco.

Têm todos os vossos papéis definidos na aula, como têm noutros contextos, e têm medo de perturbar o equilíbrio do grupo. Sentem que têm algo de bom entre mãos e não querem perder isso. Existem diversos níveis entre os que se consideram intelectuais; vários níveis entre os que estão dispostos a expressar emoções; e há também alguns prontos a "desaparecer ao menor pretexto" — e não estou a olhar para ninguém em particular.

Sou o único aqui que expressa emoções — e supostamente, estou morto.

([Ned W.:] "Acho que a sociedade onde vivemos gira em torno da ideia de não mostrar emoções.")

Pois bem, estamos a começar uma nova — e é bom que te comeces a habituar.

Agora, o nosso amigo Ruburt não está nada interessado nessa confusão sexual toda descrita nesse "precioso" livro, mas o autor recolheu informações do seu Eu interior e fez uma história com isso. E, daqui em diante, quando vierem para esta aula, espero encontrar-vos aqui por inteiro — não só o corpo físico, não só o intelecto, não apenas as partes de vocês que consideram "psiquicamente inclinadas", mas o vosso Eu emocional. E quero vê-lo expresso.

Admitam lá — dou-vos um bom exemplo. Rio-me mais do que vocês. É verdade que ainda não chorei, mas se isto continua assim, estou quase. Quero o vosso Eu inteiro aqui, expressivo. Já mostram um pouco mais de vocês aqui do que na vossa vida habitual — talvez um por cento mais. Mas

para estarem verdadeiramente vivos, aqui nesta sala, têm de mostrar muito mais. É um pouco triste ter de ser alguém tão morto há tanto tempo a explicar-vos como se vive de verdade.

([Ned:] "Nunca se é feliz até se ter estado triste.")

Não fui eu que disse isso — foste tu. A tristeza não te faz feliz automaticamente. A felicidade faz-te feliz.

([Ned:] "Não percebes o quanto és feliz até teres estado triste.")

Mas também não precisas de estar triste, tal como o teu dedo grande do pé não precisa de ser um dedo pequeno para entender o que é ser um dedo grande. O teu dedo grande do pé é mais esperto do que tu. Ouve-o.

([Ned:] "Tens de ser sensível. Como dizes, não é preciso estar triste para se ser feliz. Mas quando estás feliz, tens de ser sensível o suficiente para reconhecer que outra pessoa está triste. Portanto, não precisas de estar triste para entender a felicidade.")

Percebo o sentimento — mesmo que as palavras me tenham escapado — e concordo com o sentimento.

([Ned:] "Mas para a maioria das pessoas, que não são tão sensíveis, têm mesmo de passar pela tristeza antes de sentirem felicidade.")

Todos são assim tão sensíveis. Só não percebes que eles percebem.

([Ned:] "Então por que é que eu não percebo isso?")

Acabaste de dizer algo — e podes expressar a tua alegria aqui nesta aula, bem como os teus grandes medos. Bem-aventurados os que percebem o que dizem, pois dirão mais.

Muitos de vós ainda não percebem o que eu digo. Limitam-se a ouvir as palavras — mas o poder por trás das palavras, a energia por trás da voz, é energia emocional — e essa energia existe dentro de cada um de vocês. E não precisam de ter medo dela. Eu não estou preocupado com a dignidade ou com parecer adulto — por que é que vocês hão de estar? E por que é que tentam tornar-se "espiritualmente desenvolvidos" enquanto se fecham emocionalmente aos outros que vêm aqui? Todos colocaram barreiras entre

si. Têm de aprender a reconhecer, usar e partilhar a vossa energia emocional. Não perdem — ganham.

Nunca vos disse para serem comedidos ou calados. Falei-vos de experiência direta — e por experiência direta, refiro-me também à experiência emocional. Não a podem separar da vossa realidade. Por isso, uso a palavra "amor" sem o embaraço que alguns de vocês, em privado, ainda atribuem a ela. Podem amar uma flor — não a odeiam só porque tem uma pétala castanha. E no entanto, quando encontram alguém com uma "pétala castanha" simbólica, agarram-se logo a isso.

(Para o Mark D.) Só pela energia que sentes nesta sala devias conseguir perceber a tua realidade emocional, senti-la e usá-la. Não vais esgotar nada.

Quando eu fizer uma sessão de sensibilidade a sério, vão notar. E se não baixarem essas barreiras por vossa própria vontade, é isso que vos espera.

(Para o Ned.) E não há desaparecimento que funcione, porque para onde quer que desapareças, eu posso seguir-te. Por trás dessa tua abertura ostensiva há portas fechadas. Não são tão óbvias como as dos outros — mas estão lá. Há uma forma muito eficaz de evitar ser detetado pelos outros: parecer tão aberto que ninguém desconfie que tens algo a esconder. Mas a mim não enganas.

Podem todos fazer uma pausa.

(Após a pausa)

Brevemente, aqui pelo menos, vão aprender a ser honestos convosco próprios, a libertar a vossa energia emocional e a aprender a dirigi-la. Todos têm medo de senti-la — e por isso, não a conseguem direcionar.

(Para uma aluna.) Isto aplica-se muito a ti — tens tido medo disso. E, até certo ponto, o mesmo se aplica ao Ruburt — porque reconhece a força dessa energia. Mas chegou o momento de todos aprenderem a reconhecer, sentir e direcionar a vossa realidade emocional. Quando a tratam apenas como uma fórmula, estão já, no vosso próprio pensamento, a negar-lhe parte da sua realidade.

Falámos em termos que podem compreender — sobre a natureza do vosso mundo e da realidade como a conhecem. Mas ainda não absorveram verdadeiramente a substância da realidade nos vossos corações — e é isso que devem começar a fazer agora. Ou seja: aceitar o Eu emocional, não de forma superficial ou idealizada, mas como ele é agora. Aceitar a realidade do que são neste momento — e só então podem começar a trabalhar com o que são e com o que têm.

(Para o Arnold.) Tens-te escondido atrás de conceitos — como uma ameba. Mas estás a começar a estender-te e a aceitar realidades emocionais. E só essas trarão progresso. Os conceitos são importantes, mas as realidades emocionais são a base da tua existência — e não as podes negar.

Agora, o nosso amigo Ruburt é solitário e vai a zonas que o assustam. Vai por ele — mas também pelos outros, porque isso faz parte daquilo que está destinado a fazer.

E por isso, também tu tens de ir "para fora" — mas esse sair é, na verdade, um entrar. Não podes projetar a realidade psíquica para fora. Uma coisa é projetar um deus para outro universo e depois tentar encontrá-lo — já percebeste que isso é inútil. Mas também é inútil tentares encontrar-te a ti próprio imaginando que estás noutro universo. Estás a fazer o mesmo.

O Eu é tão imediato como o Tudo-O-Que-É é imediato. E o teu ponto de entrada mais rápido é o ponto dos teus sentimentos presentes — não há outro caminho. E a porta para esses sentimentos está aberta. Ao aceitares os teus sentimentos, neste momento ou em qualquer outro, tal como se aplicam a ti e aos outros nesta sala, darás os primeiros passos.

E isso aumentará automaticamente a tua experiência no estado de sonho.

(Para o Arnold.) Os conceitos não te irão proteger. E os conceitos verdadeiros conduzir-te-ão ao sentimento — e o sentimento conduzir-te-á a verdades intuitivas que não têm necessidade de conceitos.

([Arnold:] "Tenho dado importância a mais aos conceitos, não é?")
É o teu percurso.
([Arnold:] "Queres dizer que foi o meu percurso que me levou a isso?")
Sem dúvida.

Neste momento, há em cada um de vocês — aqui, nesta sala — um ponto de ligação com toda a realidade que jamais poderão conhecer. E esse ponto é um ponto de **sentir**. Não de palavras, nem de conceitos, nem de tentativa e erro — mas o ponto da existência dentro de vocês, que está presente agora e do qual estão conscientes. O ponto a partir do qual vivem do nascer ao pôr-do-sol. O ponto de realidade dentro de vocês de que tentam fugir, por medo da realidade e por relutância em aceitar as suas responsabilidades — e assim criam pseudo-realidades.

Esse ponto está dentro de vocês em cada momento. É um ponto de sentimento e de consciência — consciência em equilíbrio instável entre pontos sublimes. Um saber que canta acima da não existência. Uma alegria além de qualquer conceito — e o limiar disso é o vosso próprio sentimento. Devem, portanto, aprender a aceitar o sentimento de qualquer momento. Reduzir as barreiras — não tanto entre vocês e os outros, mas as que criaram contra vocês próprios. Reconhecer, dentro de vocês, o poder que existe em cada instante — e não desviar o olhar. Examinar claramente um instante dos vossos sentimentos é, em parte, compreender o que é a verdade — e a verdade é emocional.

([Gert:] "Isso inclui também o instinto sexual que temos?")
Inclui, sim.
([Gert:] "E esse instinto tem alguma relação com o desenvolvimento psíquico?")
São fortemente ligados — são **uma só coisa**. A energia é a mesma.
([Gert:] "Então distorcemos a palavra 'amor', reduzindo-a apenas a algo sexual?")
As interpretações podem variar. Os sentimentos, no entanto, são os mesmos. São vocês que fazem essa separação.

([Gert:] "Se, durante o tempo-psíquico, sentimos estímulo sexual, isso está relacionado com poder psíquico?")
É a vossa forma de interpretar um amor que ainda não sabem reconhecer. O mais próximo que conseguem chegar da ideia e do sentimento de amor verdadeiro é o sexual — e por isso interpretam o que recebem nesses termos. E, nos vossos termos, isso é perfeitamente aceitável.

(Para o Joel.) Que perguntas tens aí empacotadas para mim?

([Joel:] “Pergunto-me se, à medida que nos envolvemos mais no plano emocional, iremos experimentar menos distorção a nível da comunicação — ou se, pelo contrário, ao trabalharmos bastante a comunicação, seremos capazes de comunicar intuitiva ou telepaticamente?”)
Sim, sem dúvida.

([Gert:] “E quanto à psicose pós-parto — tem a ver com o facto de a mulher ter libertado…?”)
Não tem. Tem a ver com a vossa sociedade e as ideias culturais nela incorporadas. Na vossa lógica, a mulher “cumpriu o seu papel”, então… o que mais poderá fazer para se realizar? Nada? E assim, depois do parto, pode haver um período de depressão.

([Gert:] “Porque é que algumas mulheres têm isso e outras não?”)
Depende da história pessoal e do ambiente de cada uma — e só se aplica se a mulher estiver fortemente identificada com apenas um dos géneros.

Agora podem fazer a vossa pausa sensível — e deixem-se de barreiras, que comigo não funcionam.

([Joel:] “As barreiras não funcionam connosco, pois não? Apenas pensamos que funcionam.”)
É mesmo isso. E quero que, na aula, larguem a camuflagem.

([Ned:] “Podemos remover essas barreiras numa sessão de sensibilidade, tal como a conhecemos?”)
Tão próximo disso quanto conseguem.
([Ned:] “É o melhor método?”)
É **um** método — não é **o** melhor. Na vossa cultura, neste momento, é tido como o melhor. Teremos sessões que o ultrapassarão em muito.

(Durante a pausa, houve uma discussão sobre a raiva — tanto em relação aos nossos filhos como a nós mesmos.)

(...início da frase perdido)... como se apenas a raiva ou sentimentos negativos estivessem envolvidos. Mas todos vocês, ao pensarem em sentimentos nesse contexto, pensam automaticamente em sentimentos negativos reprimidos. Não percebem que também estão desligados dos vossos próprios sentimentos de alegria e espontaneidade.

Já disse isto antes — não é novidade. Mas quando criam o hábito de se desligarem de um sentimento, inibem **todos** os sentimentos, em certa medida. E assim, não conseguem sentir alegria.

([Ned:] "Mas a raiva é um sentimento, não algo a ser reprimido, certo? Se estás zangado com alguém, admite-o a ti próprio — em vez de o agredir — e assim libertas o sentimento negativo.")
Estás certo.

Sugiro agora que, quando eu terminar, como passo preliminar, cada um de vocês conte **um segredo**. Pode ser algo que já contaram ao companheiro ou à pessoa mais próxima — ou talvez não — mas que **não seja conhecido pelo mundo em geral**. Um pequeno passo para expressarem modéstia nesta sala, e para expressarem a vossa experiência e sentimento. Portanto, cada um conta um segredo e coloca as suas crenças em ação.

Alguns de vocês escolherão segredos triviais — mas mesmo isso é um começo. Sugiro, no entanto, que escolham **segredos significativos**, porque beneficiarão com isso. E quando eu fizer uma sessão de sensibilidade, não vou andar a brincar.

(Alguém falou sobre estar no inferno.)
Podem sair dele num piscar de olhos — basta perceberem que foram vocês que o criaram.

...e eu sei os vossos segredos, e estarei atento a quanto tempo cada um levará até lá chegar. Mas não há pressão.

([Gert:] "Se sentirmos que estamos a partilhar honestamente o nosso segredo, dirás se é mesmo esse?")
Porque haveria eu de dizer? Se forem honestos, vocês **sabem** — e sabem **quando** o dizem.

Agora, podem optar por passar a vez — **por agora**. Mas não poderão passar sempre. O que quero que façam é **admitir aqui aquilo que é importante para vocês**, mas que nunca partilharam. Importante **para vocês** — não para mim, nem para ninguém na sala.

Todos têm mais do que um segredo — e haverá tempo para todos. E então poderão dançar pelos campos, e eu guiar-vos-ei com uma alegre flauta. E

depois já nem precisarão que eu vos guie com uma flauta — pois ouvirão a vossa própria música e saberão segui-la.

Esses segredos, sabem, tão importantes para vocês, são de natureza jovial para o Tudo-O-Que-É, e quase insignificantes para a realidade. A sua importância reside apenas no **segredo** — e a sua carga emocional também. É tempo.

(Para o Ned.) E o que te estou a dizer agora, estou a dizê-lo **telepaticamente** — e tu sabes ao que me refiro.

(O Mark contou que foi a um hipnotizador e sentiu que não conseguia separar os dedos.)
Junta os dedos, separa-os. Junta-os, separa-os. Junta-os de novo, separa-os. A partir de agora, poderás libertar os teus dedos sempre que quiseres — e o assunto está resolvido.

Liberta-os. Faz de novo. Liberta-os. Agora faz de novo, sem que eu te diga. Faz mais rápido. Pronto.

(O Ned contou uma história sobre o colega de quarto na universidade.)
Conheceste-o numa vida passada na Alemanha — e já foram todos homens e mulheres, por isso é fácil relacionarem-se em qualquer direção. No entanto, o vosso contexto cultural define certos caminhos que tendem a seguir.

([Ned:] "Havia alguma ligação entre nós numa vida passada, por isso sinto isto?")
Sim, havia.

Existem possibilidades infinitas de desenvolvimento nesta vida — e vocês utilizam apenas algumas. Noutras existências, são exploradas outras possibilidades. Hoje fizeram progressos — alguns mais do que outros — mas é um começo.

([Gert:] "As minhas tendências têm a ver com uma existência passada em França?")
Têm a ver com o facto de teres vivido, durante algum tempo, com uma identificação masculina mais forte do que feminina, devido a experiências de vidas passadas. Agora, isto nem sempre é assim — mas **é o teu caso**.

([Gert:] “E tenho simplesmente essa dificuldade em reajustar-me?”)
Estás a aprender a reajustar-te — e a fazê-lo muito bem. Isso também te ajudará, de uma forma estranha, a relacionar-te com os teus filhos, pois conseguirás ver melhor os problemas.

([Gert:] “É com a minha filha mais velha?”)
É, sim — deixa-a em paz.

Agora, a minha sessão de sensibilidade convosco mal começou — e iremos continuar noutra altura. Não me dou por satisfeito com as migalhas que me lançaram. Estás tão orientada negativamente que assumes logo que os teus segredos têm de ser negativos — e pensas neles nesses termos, quando **não são**. Isso está relacionado com a carga emocional que acumulaste à volta deles. Não são negativos — esconde-los **porque acreditas que o são**. Quando te sentires livre para perceber que são criativos, poderás libertá-los. E até te sentires livre — podes manter o silêncio.

Despeço-me com um caloroso, emocional, alegre, ruidoso e espontâneo boa noite.

(Para o Arnold.) E salta fora dos teus conceitos — são como fechos éclair que te encerram.

AULA DE PES

9 de Março de 1971

(Depois de discutir a sessão da semana anterior, Theodore M. disse que nem sabia se conseguia admitir os seus segredos interiores a si mesmo — quanto mais partilhá-los na aula.)

Não estamos a falar de um striptease emocional, necessariamente. Falamos de libertar o Eu interior tal como o conheces agora — de largar os fardos, para que possas começar a trabalhar. Porque os fardos e os segredos são como pedregulhos no teu caminho — tens de os contornar ou **abrir os céus da alma** para que eles simplesmente se desintegrem à luz do sol. É disso que falamos.

([Theodore M:] “Até que ponto o ego aceita isso — e não será perigoso?”)
A sensação de medo e de perigo é o cheiro dos próprios medos e segredos. O

medo é o sintoma. Libertar esses conteúdos não trará nem perigo, nem medo — apenas libertação. Naturalmente, por baixo de tudo isto, existe aqui na aula uma estrutura interior suficientemente organizada para vos sustentar. Acompanhas-me?

([Theodore M:] "Em parte.")
E em que parte não me acompanhas?

([Theodore M:] "Em parte porque ainda estou a refletir sobre o que disseste antes.")
Não estou a dizer nada de novo. Muito bem, volto já.

(A Sue disse que se sentia miserável.)
Vou sorrir para ti, para que te sintas melhor. E, se alguém quiser ser chicoteado depois de revelar os seus segredinhos, que vá comprar um chicote. Pode ser que ajude. Já te sentes melhor?

([Sue:] "Não.")

Uma vez, dei-te simbolicamente uma tigela de papas, certo? E fez-te bem. Então, agora — relaxa e expressa-te, e vais sentir-te muito melhor. E não fiques tão presa ao que sei que tens na cabeça. Deixa-o estar. Não damos pontos por segredos.

(Durante a pausa, a Maggie partilhou as suas impressões sobre Joan Grant.)

Agora, minha jovem amiga — e todos os meus jovens amigos — em primeiro lugar, a Joan Grant é uma mulher muito inteligente e talentosa. No entanto, por causa do seu passado — tanto nesta vida como em termos reencarnacionais — ela está sintonizada com eventos trágicos e percebe-os muito mais rapidamente do que eventos positivos. Por exemplo, é capaz de captar desastres com grande facilidade. Agora, isso é algo que ela assumiu para si. E, atenção, não estou a dizer que concordo com essa escolha.

Ela tenta, à sua maneira, compensar erros que sente ter cometido no passado. Não há necessidade de pagar por esses erros — mas enquanto acreditar que deve fazê-lo, continuará a fazê-lo. Assim, ela carrega não só as suas próprias dores, mas também as dos outros, que tomou como suas. Psicologicamente, usamos as nossas capacidades interiores da mesma forma que usamos as exteriores — com os mesmos objetivos e motivos.

Ela está a fazer um trabalho excelente — mas está a infligir a si mesma um sofrimento desnecessário.

(Para a Maggie.) Tu não sentirás necessidade de carregar esse tipo de dor — por isso, não tenhas medo disso. És uma pessoa extremamente expansiva — e usarás as tuas capacidades para procurar o que há de positivo, simplesmente porque és luminosa. Assim é melhor — gosto de sorrisos.

És prática de uma forma esotérica — ou seja, vais aplicar as tuas capacidades para ajudar os outros e a ti própria de forma concreta. Mas vais encontrar formas bem mais simples de lidar com as tragédias.

(Para a Bette.) Agora, não precisas de ter medo dos teus segredos, nem dos dos outros — nem de que, ao abrires o teu coração, só vás encontrar terrores negros, pensamentos assustadores ou horrendos "pecados da carne". O corpo é muito mais inocente do que vocês supõem. E os pecados secretos que acham que carregam não incomodam os deuses nem um pouco.

A vitalidade da vida é infinitamente maior do que qualquer coisa que possam fazer para a ferir. É o supremo egocentrismo pensar que algum dos vossos segredos pode afastar-vos da realidade. Vocês formam a vossa realidade.

Agora, podem pensar que a Joan Grant criou uma realidade muito mais "nobre" do que a vossa — e, no entanto, nenhum de vocês suportaria viver no lugar dela nem por uma hora. Alguns de vocês nem sequer aceitam e experienciam os próprios sentimentos — quanto mais os dos outros.

A Joan Grant podia, em vez disso, encher-se da alegria que existe em todas as personalidades e em todos os passados. Poderia ajudar os outros a partir de um nível completamente diferente.

(Para a Valerie.) E não fiques tão em baixo. Tentar tornar ideais em algo prático e real é um grande desafio. E é muito melhor enfrentares isso e fazeres alguma coisa boa aqui, do que chorares por não teres o céu na Terra.

(A Maggie explicou a aula de *Mind Control* que frequentou.)

Essa aula funcionou com a nossa jovem amiga porque ela estava pronta — pronta para usar as suas capacidades e aberta para isso. Alguns de vocês

também estão prontos — em certa medida — mas as ideias que discutiram hoje aqui podem ser muito benéficas se as levarem a sério.

Acham que, por virem aqui, são muito "vanguardistas", muito abertos e "com a coisa toda na cabeça". Mas há pessoas com quem vocês não partilhariam a vossa sala de estar, que não se consideram "vanguardistas", nem intelectuais, mas que sentem os próprios sentimentos com exaltação e alegria, reconhecem quem são por causa disso — e por isso estão abertos aos sentimentos dos outros e sabem relacionar-se com eles.

Quando usam as vossas capacidades interiores, abrem-se aos sentimentos — os vossos e os dos outros. E não podem usar símbolos ou conceitos para o fazer. Têm de aprender a sentir e reconhecer o que sentem — e a ser expansivos. Só os vossos medos são restritivos.

Todos têm segredos que esconderam durante várias vidas. Em algumas, foram muito mais "nefastos" do que são agora.

Quando disse que o nosso pequeno exercício da semana passada era preliminar, foi exatamente isso que quis dizer. São vocês que estão a fazer interpretações que vão além disso.

E agora, deixo-vos uma pergunta simples — e espero uma resposta. É mesmo muito simples — mas carrega uma implicação. Não têm de aceitar essa implicação, mas se não aceitarem, então porquê?

Com todos os vossos grandes pensamentos… porque é que cada um de vocês, secretamente, tem tanto medo das implicações da palavra amor, ou de a demonstrar aqui?
Porque é que é muito mais seguro mostrar amor a um animal e acariciá-lo, do que a uma pessoa?

Esta é a minha pergunta para vocês esta noite, e espero que a enfrentem e respondam com honestidade.
O que mais vos assusta não são os vossos segredos. Isso é apenas uma bela cortina de fumo. Alguns de vocês prefeririam levantar-se nesta aula e dizer: "Matei um animal por ódio", ou "Parti as entranhas a um homem", ou até "Disparei contra o meu vizinho" — quase! — em vez de expressarem uma simples declaração de amor ou aceitação a outra pessoa nesta sala, de forma sincera e sem encenação — quando não estão a representar um papel.

Os segredos não vos incomodam nem metade do que pensam.

Podem fazer agora uma pausa — e estarei à vossa espera no final do meu monólogo alegre.

(Para o Joel) Estou atento também ao nosso amigo ali atrás e com uma mão dentro do que se está a passar.

(Durante a pausa, houve uma discussão sobre a pergunta.)

(Para o Joel) Temos um vocabulário riquíssimo. Então vamos reformular a pergunta — e, mais uma vez, não precisam de aceitar a sua implicação, mas se não aceitarem, digam porquê:

Porque têm tanto medo do amor? Ponto final.

(Para a Janice) Envia sentimentos de cura ao gato. Não penses nisso — faz. ... É preciso espontaneidade. É preciso desaprender a maior parte do que aprenderam. E, infelizmente, de momento, é preciso este tipo de abordagem direta para libertar a vossa espontaneidade. E terão todas as oportunidades para a mostrar nas aulas.

Mas estas são palavras que usam com facilidade, sem nunca pensar no que significam — ou, mais importante ainda, sem sentir o que dizem que significam. E depois, afastam essas palavras dos vossos sentimentos reais.

(Para o Joel) O nosso amigo aqui atrás está a fugir em grandes sprints de algo (palavras inaudíveis)... Procuras (palavras inaudíveis) de um lado, e foges do outro.

([Joel:] “Porque não consigo ver?”)

Vais ver. Mais importante ainda, vais sentir. E o laboratório principal é aqui. Estás a usar bem as tuas capacidades, e vais usá-las ainda melhor — e terei mais a dizer-te numa próxima ocasião.

(Para a Sue) E para ti, aqui deste lado. Os teus sentimentos em relação ao amor — e não torças o nariz ao termo — não são tão maus como a palavra "Deus", e consegues aguentar. Sabes que, ao evitares os termos verbais, estás também a evitar confrontar aquilo que os termos realmente significam — não só para ti, mas para os outros. Somos dois bons amigos no estado de

sonho — não precisas de ficar apreensiva agora. Quero que sejas a próxima a responder à pergunta.

(Para o Mark) Antes de mais, fui mal interpretado. Em nenhum momento disse para esconderes ou ignorares os teus sentimentos ou fingires que algo não te incomoda quando incomoda. Admite os teus sentimentos. Está consciente deles.
Se forem desagradáveis, toma consciência deles como tomarias de nuvens negras que passam pela tua janela. Não finjas que não existem — senão, acabarás em apuros. Mas se juntares uma nuvem negra a outra, tens uma bela tempestade. Por isso, não tens de retaliar.

Torna-te apenas consciente do sentimento. Depois, tenta compreender a realidade da pessoa envolvida. Porque age de determinada forma?
Depois de aceitares o sentimento, recusa deixar que o teu equilíbrio mental seja perturbado. E envia pensamentos de paz para a pessoa — para que os problemas dela possam ser resolvidos. Isto permite-te admitir o que sentes sem perder o controlo. Percebes a diferença?

([Mark:] "Sim, ultimamente tenho sentido pensamentos de amor por essa pessoa, na esperança de que isso ajude.")

Então, certifica-te de que esses pensamentos de amor não estão impregnados de um esperma de ódio que não reconheces. Por isso, aceita os teus sentimentos — e depois envia pensamentos de paz. Deseja ativamente paz à pessoa em causa.

([Mark:] "A paz esteja contigo.")

E que seja sincero. Mas não finjas que os conflitos não existem.

Já tiveram tempo suficiente para refletir e encontrar boas respostas — por isso, vamos ouvi-las.

(Para a Sally) Projetas a tua própria desconfiança nos outros — e depois reages a isso. E assim, fechas-te aos sentimentos de confiança que os outros estão dispostos a oferecer-te. Tens uma desconfiança profunda em relação a ti própria, que conseguiste esconder durante muitos anos — e essa desconfiança surgiu antes do teu divórcio. Projetaste-a para fora — e encontraste na realidade física acontecimentos que pareceram justificar os

teus sentimentos. Por isso, escondeste-te ainda mais, adotando uma postura militante para disfarçar a impotência que sentias.

Nunca te tinha dito isto antes — porque ainda não estavas pronta. Mas agora estás. E podes progredir — libertar os teus sentimentos de confiança e de amor.
E então vais reconhecê-los nos outros, pois já te foram oferecidos — bondade, amor, confiança — e não os reconheceste. E serão oferecidos de novo — e, espera-se, reconhecê-los-ás.

(Para a Valerie) No essencial, há apenas um tipo de traição: trair os teus sentimentos. O teu eu instintivo nunca te trai. Só tu podes trair os teus sentimentos ao desconfiares deles. Eles fazem parte de ti — são uma maneira de veres a realidade.
Só quando os inibes ou negas é que acumulam uma carga que pode afetar os outros.
Cada pessoa tem o seu próprio mecanismo interno de defesa contra a má vontade alheia. E embora essa má vontade tenha alguma carga, não é suficiente para desequilibrar alguém que aceita os próprios sentimentos e vive a sua vida.

Se forem aceites com consciência, os sentimentos são captados pelos outros — mas como mecanismos de aprendizagem. As reações de ambos são reconhecidas pelo eu interior. Ficas a saber como estás.
Se alguém te ofende e tu aceitas honestamente o teu sentimento, ele sabe disso — e fica simplesmente consciente do facto. Pode escolher mudar ou não.
Mas se ignoras o sentimento e o mesmo voltar a acontecer, então a carga cresce — e pode explodir mais tarde.

([Valerie:] “É isso que eu temo.”)

Então expressa os sentimentos à medida que surgem — e não haverá nada a temer. Isso libertar-te-á para expressares também alegria e amor.
Não podes inibir um sentimento sem entrares no hábito de inibir todos os outros.
Se desconfias de um, o sentir em si torna-se assustador, e deixas de sentir.
É como se o céu decidisse rejeitar as nuvens negras e, por associação, as brancas — e, depois, tudo o que aparecesse nele.

([Valerie:] “E o que faço com estas cargas todas que tenho acumuladas?”)

Reconhece simplesmente que existem como realidades — mesmo que intelectualmente não as aceites.
Aceita-as emocionalmente — depois vê-as como fenómenos naturais, como a beleza e a força de uma tempestade. E deixa-as fluir para fora de ti, para o vasto universo curador, que usa tempestades e emoções de forma criativa. Confia na vitalidade da vida e do universo. Reconhece os sentimentos e deixa-os fluir.
O universo saberá o que fazer com eles. Não serve de nada pôr uma tampa — só irás explodir por dentro.

Quando tiveres uma cópia desta sessão, lê-a — e deixa os sentimentos fluírem como a chuva, o vento ou os relâmpagos.

([Valerie:] “Estava a pensar porque é que tivemos tantas trovoadas este ano.”)

Devíamos enviar-te para outra região.

Sentimentos são vida. Sentimentos são consciência.
Os deuses não vivem num nirvana alheio a tudo aquilo que vocês conhecem. Isto é energia — e vocês estão a usá-la e a aprender a lidar com ela.

Agora — paz.

Em breve terminarei a nossa sessão.
Têm andado a brincar — mas fizeram um bom trabalho, e estão às portas.
E todos sabem disso. Mas está tudo bem.

Se inibem os vossos sentimentos, podem até inibir a vossa experiência nos sonhos — e isto para além da vossa memória onírica. Assim, muita informação disponível será automaticamente censurada — e não aproveitada com todo o seu verdadeiro valor.

Esta noite, ainda que de forma ligeira, estão a aprender a aplicar emoções generalizadas de maneira pessoal. As palavras, em si, são desprovidas de sentido e, quando as usam, são incertas, frágeis. É como brincar com a letra “A” sem formar palavras com ela. Só a própria discussão, bem como as vossas perguntas internas, irão iniciar processos de descoberta dentro de

vós. E posso dizer aqui (Sue); especialmente aqui (Florence); e aqui (Alison); e aqui (outro aluno), pois essas forças já começaram a actuar.

Os conceitos são extremamente importantes e nunca os deixaremos de parte nas aulas, mas é necessário aprenderem a experienciar um conceito e, para isso, têm de perceber a importância da vossa experiência interior. E, como muitos de vós não o fazem fora das aulas, podem fazê-lo durante a aula. Não há qualquer razão para terem medo. Pelo contrário, devem antecipar algum tipo de exaltação.

(Para o Wally.) Agora, para o nosso amigo da porta que abre e fecha, alguns comentários. Algumas das relações mencionadas anteriormente, envolvendo pessoas que não vieram, estavam, de certa forma, desequilibradas. Deste tanto de ti próprio que os outros sentiram-se sobrecarregados e incapazes de responder. Sentiram-se culpados. E houve uma razão para isso — para teres exigido tanto deles. Refiro-me a duas pessoas em particular neste momento, e deves olhar para dentro de ti e ver se consegues encontrar essa razão.

Agora, conscientemente, tinhas boas intenções, claro. Mas, inconscientemente, havia razões para teres agido assim, e sabias, enquanto o fazias, que o retorno não era da natureza que esperavas ou querias. Não aceitaste com gratidão ou abertura aquilo que te foi dado — e era tudo o que essas pessoas tinham para oferecer naquele momento —, mas, de forma subconsciente, exigiste que te dessem na mesma medida em que tu deste, como se existisse, de facto, um sistema de pontos, e eles ficassem aquém.

Agora despeço-me de todos com um caloroso boa noite.
(Para a Natalie.) Esta semana não terás tanto para dactilografar. Não falei durante tanto tempo. Acredito que deverás receber uma visita da tua amiga na quinta-feira à noite.

Agora os meus mais sinceros votos para todos e, as bênçãos que tenho para oferecer, dou-vo-las; as que não tenho, terão de as encontrar por vós próprios.

AULA DE PES

16 DE MARÇO DE 1971, TERÇA-FEIRA
(Depois de uma explicação e discussão sobre Alpha I, Jane levou a turma a experimentá-lo, após o que Seth se manifestou.)

(Para a Gert.) Agora estás a ir demasiado à frente. Estavas no que o nosso amigo Ruburt chamaria — ou chamará na próxima semana — Alpha II. Estás a saltar uma etapa. Ora, isso claramente não serve quando o nosso amigo está a tentar apresentar-vos o Alpha I.

Vamos assegurar que, se ele não vo-lo disser, essas etapas serão claramente apresentadas, mas acabarão por descobri-las por vós próprios. Alguns de vós já estão bastante familiarizados com aquilo que classificaremos, ou que o Ruburt chamará, Alpha V ou VI. Mas chegou o momento de começarem do início e irem progredindo. Eu não vos darei um diploma — serão vocês a atribuí-lo a vós próprios. E estão certos em pensar que surgiu uma nova dimensão na aula. E é uma dimensão que tinha de surgir, porque, como já vos disse, o tempo em que podiam esconder-se por detrás dos conceitos terminou. Começarão a viver os conceitos.

([Ned:] "Foi isso que o sonho significava?")
Foi isso que o sonho significava.

Agora, todos vós, à vossa maneira, e até tu (Nadine), já começaram a familiarizar-se com os conceitos ao ponto de, nos vossos sonhos e em alguns estados conscientes, começarem a brincar com eles. E por isso, estamos num novo campo de jogo. E, nesse campo, os pressupostos, as regras e os regulamentos são um pouco diferentes. E os conceitos não são para serem usados como vedações elegantes que se trepam, ou que se admiram, mas como algo que se abrirá perante vós, de modo a que experienciem a sua realidade. E qualquer realidade, neste momento, envolve consciência emocional e as suas gradações. Por isso, não podem ignorar as vossas emoções ou as emoções dos outros na sala e esperar usar as vossas capacidades.

(Para Bette Z.) E tu também não te podes colocar num pedestal com a ideia de amor e partilha. A tua reação é superficial, estás a brincar com isso, e bem o sabes. O eu interior é suficientemente forte para enfrentar as tuas próprias

emoções e as dos outros. Mais uma vez, vejam — não envergonho ninguém. Nenhum de vós viu para onde eu estava a olhar, pois não?

Todos podem aprender a usar este estado inicial de consciência alterada, e iremos abordá-lo frequentemente nas aulas, mas cada um de vós terá de lidar com ele na sua vida privada. Aprenderão a examiná-lo, mas, mais do que isso, aprenderão a valorizá-lo como devem valorizar todos os estados de consciência que descobrirem em vós e nos outros.

Alguma noite, para uma pequena demonstração, farei com que Ruburt suba do seu estado atual através dos vários níveis de consciência para que os possam observar. Ele mergulha tão rapidamente no nível que queremos, que muitas vezes não está consciente das etapas intermédias. Mas vocês não terão dificuldade em começar com o estágio que foi discutido esta noite, e cada um de vós sabe intuitivamente qual é. E todos aprenderão o que é a verdadeira comunicação, pois aprenderão a comunicar em vários níveis de consciência e a ouvir-me nesses mesmos níveis. Aprenderão a conhecer-me nesses níveis, de forma a verem (ou sentirem?) para além das palavras, assim como ouvirão a superfície das palavras.

(Para Gert.) Agora, achei que as minhas imagens estavam muito boas, e o nosso cinegrafista aqui, senão perito, estava mais do que aceitável.

(Agora... olhando para Eva)
([Eva:] "O que pensas das vibrações...?")
Tenho algumas palavras para ti. Em primeiro lugar, algo que o Ruburt disse anteriormente: paz. Para além disso, aceita-te. Aceita-te completamente.

([Eva:] "De que forma é que não me aceitei?")
Descobrirás sozinha de que forma não o fizeste. Não forces. Não forces para dentro.

([Eva:] "Forcei para dentro e agora para fora.")
O segredo está na palavra "forçar".

([Eva:] "Tenho forçado.")
Não forces.

([Eva:] "Porquê?")
Deixa que aconteça naturalmente.

([Eva:] "Aconteceu naturalmente.")
Depois de acontecer naturalmente, não forces. Agora escuta-me.

([Eva:] "Só forço para fora.")
Pensa na interpretação da palavra "forçar". Para além disso, acalma-te.

([Eva:] "Forçar para dentro ou para fora?")
Não forces. Relaxa. Não forces. Para além disso, sente-te uno com Tudo O Que É, mas mantém a consciência do teu próprio "eu".

([Eva:] "Tenho.")
Claramente.

([Eva:] "Tenho.")
Relaxa.

([Eva:] "Isso ainda não fiz.")
Não reconheces o teu estado de tensão.

([Eva:] "Reconheço. Disse-te que os meus olhos parecem querer saltar da cabeça. Doem. Sei que doem.")
Então encosta-te bem ao sofá. Agora. Respira fundo, sente a respiração. Sabe que o ar é bom.

([Eva:] "Sei.")
Fica quieta. Agora sente o ar a passar por ti, além de ti, à tua volta, e fecha os olhos.

([Eva:] "Sinto a respiração nos pulmões ou apenas...?")
Calmamente. Relaxa da forma que te for natural e esquece todas as ideias de tensão e, por agora, esquece todas as ideias de tentar descobrir os segredos do universo.

([Eva:] "Não consigo.")
Os segredos do universo estão dentro de ti.

([Eva:] "Sei disso, tenho trabalhado nisso.")
A tua tensão fala por ti. E tu nem disseste uma palavra. Quando estiveres pronta para deixar a tensão dissipar-se, e quando o teu eu interior estiver

pronto para falar, então eu falarei contigo. E agora sugiro que façam todos uma pausa.

(Durante a pausa, houve uma discussão sobre os sentimentos de cada um durante a experiência com o Alpha I.)

Estavam a aprender a reconhecer a sensação da vossa própria energia, e cada um de vós tem de a aprender individualmente. Dirigem-na para além deste lugar e deste tempo, e por isso já é tempo de aprenderem a reconhecê-la dentro de vós próprios e nos outros presentes nesta sala. Devíamos mudar o nome da aula e chamar-lhe simplesmente uma aula de comunicação e direção de energia. Agora, eu falar-vos-ia no meu estado Alpha I, exceto que esse estado é algo diferente daquele com o qual agora se estão a familiarizar. Mas antes de terminarmos, sentirão o poder da vossa própria energia e aprenderão o que fazer com ela. (Para Eva.) E isto aplica-se aqui também. Estás a receber alguma informação interior válida. Terás de aprender o que fazer com ela. Existem distorções — e deves esperá-las — e não existe nenhum estado de consciência perfeito. Perfeição implica, automaticamente, algo concluído, terminado, para lá do qual já não pode haver crescimento nem desenvolvimento. Relaxa. As revelações chegam através da terra. As revelações chegam através das estações.

([Eva:] "Elas mudam.")
As revelações pertencem à mudança, mas não precisas de forçá-las. Elas desdobram-se.

([Eva:] "Têm acontecido.")
Sim, mas não forces a sua chegada.

([Eva:] "Quem é que está a forçar?")
Não sejas tão frenética em querê-las. Não as agarres com tanta força, ou estrangulas a informação que recebes. Mantém-te aberta e em silêncio por um momento.

([Eva:] "Essa é a minha natureza... a minha natureza.")
Essa não é a tua natureza.

([Eva:] "Qual é a minha natureza?")
O que me estás a dizer agora é uma máscara conveniente. Recebeste informação válida. Fica em silêncio com ela e deixa-a crescer.

([Eva:] “Tem crescido.”)
Não insistas que é perfeita e, com isso, impeças o seu crescimento.

([Eva:] “Tenho consciência da possibilidade de mudança.”)
Muito bem. Então encosta-te ao sofá e relaxa.

([Eva:] “Não devo.”)
Não arrancarás segredos ao universo à força. Eles apenas fluem e revelam-se, mas estás a pressionar.

([Eva:] “Eles fluem. Não consigo controlar o fluxo.”)
O fluxo controlará a si próprio.

([Eva:] “Está a acontecer.”)
Então descansa e encosta-te ao sofá.

([Eva:] “Esse não é o meu problema.”)
A verdade não é frenética, e quem conhece a verdade não é frenético. Ela não desaparecerá de ti.

([Eva:] “Mas não consigo controlar...”)
Descansa, e se compreendes o que estou a dizer, pararás de forçar.

([Eva:] “...a minha própria natureza.”)
Quando estiveres pronta para ficar quieta.

([Eva:] “Não sou muito boa...”)
Então é tudo o que tenho a dizer-te.

([Eva:] “Lembras-te da minha teoria que te mostrei?”)
Já te dei a minha opinião sobre isso.

([Eva:] “Mas ainda não a viste neste estado.”)
Não preciso de o fazer, conheço-a.

([Eva:] “Em que sentido?”)
Paz.

([Eva:] “Não consigo...”)
E, se não conseguires paz, então silêncio.

([Eva:] “Não sou tão... Vem até aqui, Seth.”)
(Para a turma.) Agora podem utilizar este estado como um método de transporte interior. Podem usá-lo para se moverem de realidade em realidade. Podem usá-lo para compreender a vossa realidade actual e para compreender os vossos semelhantes, como na comunicação que teve lugar aqui. E usá-lo-emos na aula como pano de fundo para algum do material que temos vindo a discutir recentemente. E eu próprio tenho algumas boas experiências em mente que podem fazer no Alpha I. E outras ainda que podem realizar no Alpha II.

(Para Arnold.) E para o nosso amigo aqui, alguns conceitos que poderás compreender em Alpha I e II, porque serás capaz de experienciar a sua realidade.

([Arnold:] “Os conceitos são uma muleta da qual espero libertar-me.”)
Podes, sem dúvida.

Agora sugiro, não uma pausa da aula, mas uma pausa do Seth.

(Para Florence.) E tu podes usar bem o Alpha I. Confia em ti.

([Gert:] “Porque fui parar ao Alpha II?”)
Saltaste um passo. Estás demasiado impaciente.

Agora vou encerrar a sessão, mas tenho ainda algumas palavras para vós. Tal como o Ruburt vos disse, o estado Alpha I é um estado adjacente de consciência e, quando ele falou sobre isso, mencionou ir para camadas mais profundas e, também, na sua mente, tem a ideia de ascender a outras camadas.

Se imaginarem várias camadas de consciência sobrepostas desta forma, devem perceber que cada uma delas tem níveis adjacentes de consciência de ambos os lados, por assim dizer, de modo que não se trata apenas de subir ou descer como se estivessem a brincar com escalas. Podem também escolher várias áreas adjacentes, havendo interligações entre elas. Mas, como têm de começar por algum lado, começaremos com Alpha I, e não com Alpha II. No entanto, aprenderão a sentir a vossa própria experiência da realidade em muitas outras camadas de consciência. E espero que, tanto na aula como em privado, aprendam a comunicar em vários níveis de

consciência. E espero que aprendam a seguir as mudanças nos vossos próprios simbolismos que ocorrem nestes diversos estados.

Agora vou encerrar a nossa sessão para que a nossa Senhora de Florence e a nossa Alison aqui possam ver as imagens da estreia.

([Gert:] "Podes ajudar-me com esta questão do francês que me tem surgido?")
Antes de mais, estás a lidar com simbolismo e, em segundo lugar, tens estado a usar as tuas capacidades clarividentes, como naturalmente desejas. Diz a ti própria que, esta noite, no estado de sonho, compreenderás qual é o simbolismo. E, se não obtiveres a resposta, então eu dir-te-ei — mas é muito melhor que sejas tu a descobri-la.

([Gert:] "Aprecio muito mais assim.")
De facto aprecias, e torna-se parte da tua informação e conhecimento de forma muito mais íntima.

([Joel:] "Desde que o Peter voltou da visita ao avô, tem gaguejado. Podes dar-nos alguma explicação?")
Dá-me um momento. Há algo em particular que o assustou, e ele não sabe como expressá-lo em palavras. Está assustado com um homem mais velho. Presumo que seja o avô.

([Joel:] "Nada aparente. Têm uma bela relação à superfície.")
E não é do homem em si, mas de uma diferença entre ele e ti. Uma diferença no comportamento de duas personalidades que ele estima muito. Dá-me mais um momento. Ele tem-se identificado contigo como imagem masculina. Há outras personalidades em casa que também servem como imagens parciais nesse sentido. Contudo, quando está longe de ti, no caso dele, quaisquer características que veja no avô que não sejam como as tuas tornam-se, de algum modo, ameaçadoras. Ele quer identificar-se com ambos. Quer pensar em vocês como sendo, de certa forma, um só. Diferenças individuais entre vós perturbam-no. Quando estão juntos — tu e o avô — não há problema, porque o rapaz, na sua mente, entrelaça essas características. Mas, quando está sozinho com o homem mais velho, qualquer traço que não coincida com os teus torna-se uma ameaça para ele.

Isto é algo individual no que diz respeito à criança e, se me deres mais um momento, tentaremos perceber porquê. No seu passado, houve alguns problemas relacionados com figuras de autoridade.

([Joel:] "Desta vida?")
Falo de vidas passadas. Ele não consegue lidar com lealdade dividida. Tem de sentir lealdade completa por ti ou por outra pessoa. Não parece conseguir dividir entre os dois. Quando está contigo, a lealdade é tua. Quando está com o avô, relaciona-se com os traços que são como os teus. Quaisquer características diferentes confundem-no e assustam-no. Confundem o seu sentido de lealdade e sente que, ao relacionar-se com o avô como imagem masculina na tua ausência, está a magoar-te. Mas mais do que isso, fá-lo sentir-se inseguro. Vamos tentar aprofundar isto por ti. A hesitação, no entanto, manifesta-se no mecanismo da fala.

([Joel:] "O que podemos fazer para lidar com isso agora?")
Enquanto ele permanecer contigo por agora, isso irá desaparecer.

([Joel:] "É bom continuar com a sugestão enquanto ele dorme?")
Sim, sem dúvida. No entanto, a condição pode voltar a surgir quando ele visitar o avô novamente, percebes?

([Alison:] "Isto acontece muito quando o Joel está a trabalhar e eu fico com ele.")
Isto está relacionado, mais uma vez, com a confusão — no caso particular dele — em relação às lealdades. Ele sente — não digo que lhe tenham dado essa sensação, mas ele sente — que o pai exige um forte apego emocional e uma lealdade profunda. E ele liga-se fortemente a essa figura por essa razão, mas quando o pai está ausente, sente hesitação.

Existe alguma forma de ciúme na família em relação à criança, e ele sente isso. Isso também está relacionado com a hesitação na fala. Vou tentar dar-vos informações mais específicas. Estão a acompanhar-me até aqui? A criança encontra-se atualmente presa num dilema de lealdades divididas. Devem garantir especialmente que lhe permitem liberdade psíquica e que não o prendem emocionalmente.

([Joel:] "Queres dizer que, em vez de dizer 'Como está o menino do papá?', devo dizer 'Como está o menino da mamã e do papá?', algo desse género

para começar?”)
Isso ajudaria, sim. O problema da fala está ligado à projeção das lealdades divididas dentro da família.

(Para Alison.) Agora tu podes trabalhar esse assunto com o teu pêndulo. (Para Joel.) E tu podes usar as tuas próprias fontes.

Agora, mais uma vez, aquelas bênçãos que tenho para dar, dou-vo-las. E as que não tenho, terão de ir buscá-las a outro lado.

AULA DE PES

23 DE MARÇO DE 1971, TERÇA-FEIRA
(Depois de uma discussão sobre as experiências de todos com Alpha I durante a semana.)

Agora desejo-vos uma boa noite...

(Para a Sue.) E tenho algumas observações para a nossa amiga aqui. Quando estiveres emocionalmente envolvida com a pessoa para quem estás a trabalhar, então imagina uma certa distância entre ti e a situação que vês. Tenta vê-la de outra perspetiva.

(Para Theodore.) Isto também ajudará o nosso Reitor aqui. (De novo para Sue.) Porque se os teus próprios medos em relação à pessoa se envolverem, então torna-se mais difícil perceberes a realidade. Por isso, na tua mente, afasta-te alguns passos, dá a ti própria a sugestão de que vais observar a situação a partir de uma nova perspetiva. Verás que os detalhes se tornam muito mais claros. Sempre que estiveres a trabalhar, especialmente contigo própria, isto é uma boa prática. Se os medos forem semelhantes aos que já experimentaste, serás atraída por eles. Vais percecioná-los particularmente por causa das associações envolvidas. No entanto, é necessário que depois te separes, uma vez feito o contacto inicial. Isto é especialmente importante quando estás cara a cara com a pessoa com quem estás a trabalhar. Não deves deixar que as tuas emoções a assustem. Estás a seguir-me?

(Para Arnold.) Agora onde está o nosso querido físico com a camisa vermelha ali ao fundo? Em breve estarás, de facto, a explorar as entranhas da realidade — e a deixar que os conceitos surjam depois.

Estão a iniciar aqui uma exploração, e será uma exploração individual. E até alguns de vós que nunca antes participaram ativamente, agora fá-lo-ão. A exploração da consciência não pode ser feita de fora. Não pode ser feita a partir de uma estrutura segura mas distante de conceitos. Tens de entrar na realidade, e é isso que vão fazer.

O Alpha I envolve apenas um pequeno passo para o lado. Todos entram neste estado com frequência, mas até agora estavam cegos à realidade que ele abre. Tinham a embalagem, por assim dizer, mas nunca a abriram. Agora vamos mostrar-vos como a abrir e usá-la.

Existem alguns mecanismos físicos que ajudam. Por exemplo, quando estiverem a começar, deixem os olhos desfocar-se, deixem-nos relaxar. Aquilo que vão ver não precisa de ser a sala física onde se encontram. Destrancem a vossa mente. Imaginem-na como uma porta. Normalmente está fechada. Uma parte dela está virada para a realidade física — a consciência habitual — e é aí que normalmente se concentram. Agora destranquem-na, deixem-na cair nas dobradiças e espreitem o que está do outro lado. Relaxem os músculos — ninguém vos vai atacar. Estejam abertos e recetivos. O contacto visual é particularmente importante, por isso deixem os olhos repousar. Os padrões cerebrais alteram-se automaticamente — deixem que isso aconteça. Não precisam de um eletroencefalograma para vos dizer que estão em Alpha I. Se quiserem, podem imaginar um determinado padrão como sendo a vossa consciência desperta — como um gráfico com movimentos rápidos representando delta, a abrandar suavemente nos padrões Alpha, se preferirem.

Alpha I é um estado de preparação. É um limiar. Ajudará todos se o imaginarem como uma plataforma e se virem a vocês próprios a deitar fora, um a um, todos os vossos medos. E seria útil fazerem isso antes de começarem a trabalhar com outra pessoa. Caso contrário, os vossos próprios medos podem atrapalhar-vos.

([Sue:] "Isso foi apenas uma projeção no sonho?")
Não foi só projeção, mas os teus próprios medos podem atuar como ímanes para os medos dos outros — e assim carregas o dobro do peso. Não apenas os teus medos, mas também os que percecionas nos outros. Por isso, liberta primeiro os teus. Isso dar-te-á uma maior sensação de liberdade. Compreendes-me?

Além do Alpha I, existem muitos outros estados que irão aprender — e espero que os dominem e usem. E façam-no com alegria. Não precisam necessariamente de definir projetos — deem liberdade ao estado. Podem ficar surpreendidos com o que aprendem quando não se programam.

Agora podem fazer uma pausa. Não disse “pausa de aula” — apenas disse “pausa”.

(Para Jr.) Fico feliz por te ver novamente.

Agora estão a lidar com métodos que são conhecidos desde há eras, e outras civilizações que não a vossa já os aprenderam — algumas dominaram-nos. Não progredirão individualmente nem como raça até perceberem que criam a vossa própria realidade física com os vossos pensamentos e sentimentos, e que podem manipular a matéria através da mente, porque é a mente que a cria. Alpha I é um método muito simples de aprender a controlar a matéria física através da consciência de que são vocês próprios que a produzem — e podem dirigir o seu fluxo e a energia disponível para ela.

Dirigem não só a vossa energia individual, mas também, em conjunto, a energia do mundo que conhecem. Nos vossos sonhos testam soluções prováveis para os problemas do mundo. Os líderes que vos aparecerão amanhã já são conhecidos por vós em sonho — e, quando os reconhecerem na realidade física, sentirão, sem dúvida, uma grande familiaridade, pois já os conhecem bem.

Estão a começar com Alpha I, mas há muitos outros tipos de consciência — e não há razão para não experimentarem e aprenderem a lidar com eles.

Aquilo que fazem em Alpha I, em termos de cura, é algo que já fazem inconscientemente sem se darem conta. Manipulam constantemente os vossos próprios órgãos internos. Os vossos pensamentos formam a sua realidade, causam a sua doença ou a sua saúde. E em Alpha I fazem isso num nível de consciência reconhecível. Até aprenderem a manipular construtiva e criativamente o mundo que conhecem, não conseguirão manipular as realidades interiores onde já vivem — e serão simplesmente arrastados por elas.

Agora, pode parecer estranho à nossa Senhora de Florence encontrar-se dentro do seu corpo e a trabalhar de forma tão íntima com a matéria física de

que é composta — mas é isso que estão sempre a fazer. Só agora estão a tornar-se conscientes daquilo que fazem inconscientemente. Quando trabalham desta forma, ainda estão a usar símbolos físicos. Como sentem que estão dentro do corpo a manipular órgãos, acham que estão a ser práticos. Podem ver o que fazem. Estão a manipular em termos físicos. Mas deviam perceber que não precisam dessas imagens físicas. Elas são apenas métodos para vos ensinar a importância do pensamento. Pois podem fazer o mesmo sem as imagens. Mesmo dentro do corpo, parece-vos que precisam de mãos físicas para manipular carretéis, para mudar o que veem — quando um simples pensamento seria suficiente. Mais tarde, já não precisarão das viagens, mas, por agora, essas viagens funcionam como televisão educativa. Mais tarde, deixarão de ser necessárias.

Ainda não acreditam verdadeiramente na realidade do pensamento, e por isso utilizam imagens nesse estado de consciência Alpha I. Mas, em certos níveis mais profundos, descobrirão que podem prescindir delas. E, em aulas futuras, quando se sentirem verdadeiramente à vontade com onde estão, iremos levar-vos mais longe…

(Para a Sue.) E sem atalhos.

(Para o Joel.) E tu estás a resistir ao Alpha I. Vamos tentar alguma fluidez, deixemo-nos ir com leveza. Estás num nível mais profundo quando falas com o Bill. Não precisas de ir tão fundo para o Alpha I.

(Para a Alison.) E tu também não deverias ter qualquer dificuldade com isso, e será um bom ponto de encontro para ambos.

(Para o Theodore.) Agora, nosso Reitor, espero ver-te no Grande Salão. Estás a fazer um bom trabalho, nos teus próprios termos, de forma prática, mas gostaria de ver mais experiência que não esteja tão direcionada para o físico.

Agora olha para mim, e dir-te-ei algo. Devias estar em Alpha I. O que queria dizer-te, no entanto, é o seguinte: enquanto acreditares que és uma criatura física, continuarás a lidar com imagens físicas. Quando perceberes que a criatura física é uma alucinação, então já não precisarás das imagens. Não estou a dizer que a realidade é uma alucinação. Estou a dizer que cada alucinação é uma das faces que a realidade assume, e que dentro de todas essas faces reside a verdadeira natureza da realidade.

Usando os vossos instrumentos científicos, conseguem, até certo ponto, sondar a realidade física. Mas apenas com eles, nunca conseguirão compreender verdadeiramente a natureza da vossa existência. Nem sequer conseguirão senti-la, ou conhecê-la de forma íntima. E enquanto permanecerem focados exclusivamente na realidade física e se cortarem da vossa fonte, nunca entenderão a existência quotidiana que habita dentro de vós — aquela que é independente dos dias e das horas.

No estado Alpha I, afastam-se, de certa forma, dos momentos físicos que conhecem e, ao fazê-lo, aliviam também o vosso sistema físico da pressão do tempo. Libertam-no das exigências conscientes que habitualmente lhe impõem e permitem-lhe repousar. Permitem ao vosso eu espontâneo alguma paz e liberdade. A parte de vós que se liberta no Alpha I pode, por isso, tornar-se suficientemente livre para dirigir as energias do vosso eu físico conhecido.

Agora, ao sentarem-se diante de mim — e já o disse antes — imaginam-se como pessoas específicas, neste planeta, neste momento e neste endereço particular, cortadas de qualquer realidade mais profunda que possuam. E, no entanto, na vossa consciência interior, sabem que são muito mais do que aquilo que pensam ser.

No Alpha I, podem afastar-se do vosso "eu" diário e permitir que o conhecimento da vossa identidade mais profunda venha à superfície, para que possa ser reconhecido, aceite, assumido — e usado. Com treino, podem sentir o conhecimento milagroso e a herança que existem nos vossos átomos e moléculas, e tornar-se conscientes da consciência encapsulada neles, pois guardam memória de todas as formas de vida das quais fizeram parte. E isso pode ser admitido pela vossa consciência.

Acham que brotam da terra sem sequer a herança de uma árvore ou de uma semente? Nascem neste lugar e neste tempo vindos de outras dimensões, e crescem através e para além deste espaço e deste tempo. Só precisam de desfocar a vossa consciência, de se afastarem do padrão de consciência que utilizam tão habilmente, e deixarem-se ir — em consciência e flexibilidade. Até os átomos e moléculas dentro do vosso crânio sabem que possuem uma herança mais vasta do que aquela que conhecem.

Agora vou fechar os olhos do Ruburt, para que ninguém saiba com quem estou a falar. Em certas experiências com drogas, as memórias interiores emergem e gritam. A estrutura dentro dos neurónios já não é uma coisa morta, mas uma estrutura viva que fala. E essa realidade fala bem alto, em termos de herança e experiências vividas muito antes da vossa forma física se conhecer a si mesma. Percebem realidades das quais o corpo físico está consciente, mas o ego não. Essas realidades podem tornar-se parte da vossa consciência sem drogas. Não precisam delas. Só precisam de admitir a vitalidade da vossa própria consciência. Ela é vossa.

Nem Ruburt nem eu podemos ter as experiências que vocês podem ter com a vossa própria consciência. Ninguém pode aprender a manipular a realidade física da maneira como vocês podem. Ninguém pode entender a natureza da sua própria consciência como vocês podem. Têm uma experiência única à vossa frente, que vos pertence e que não pode existir para mais nenhuma outra consciência no universo. Esse é o vosso dom — e essa é a vossa responsabilidade. Porque, se o deixarem cair pelo caminho, ninguém o pode apanhar por vós. E ele nunca poderá ser substituído. Ninguém poderá vivê-lo por vós. As visões de realidade que são vossas não podem ser vistas por mais ninguém. A viagem para dentro da consciência e da realidade que vos está destinada só pode ser feita por vós. A visão particular da verdade que vos pode ser revelada só pode ser vista por vós.

Não existe uma verdade coletiva. Existe apenas a verdade reconhecida, assumida e experienciada individualmente. Ruburt disse um dia, num poema, que a verdade não é um grande pão a ser repartido entre muitos. É um pão criado por cada um, percecionado por cada um. Os vossos pensamentos e sentimentos criaram não só esta realidade, mas todas as realidades. Por isso, não se escondam de vós próprios.

Não vos forçaria a entrar em qualquer estado de consciência — longe de mim fazê-lo. Estão todos em Alpha I, e não vos forcei a isso. Agora peço-vos que fiquem comigo por mais alguns momentos, percebendo que, na realidade, não há distinção entre os átomos e moléculas dos vossos corpos e os que flutuam livremente pela sala — inocentes e livres; e percebendo também que há vastos espaços entre os átomos e moléculas dentro do vosso corpo. Se uma pequena criatura atravessasse esses espaços, veria os vossos corpos como se fossem galáxias. E a pele, que vos parece tão sólida, é na verdade muito porosa — e não vos separa tanto do universo, como vos liga a ele. Há

pouca divisão entre os átomos das vossas pernas e joelhos e os átomos que compõem o chão onde essas pernas e joelhos aparentemente repousam.

E agora, estão todos em Alpha II. Gostaria que todos sentissem o estado da vossa consciência, percebendo que, dentro dos vossos tecidos — nos átomos e moléculas que vos compõem — há uma grande aceitação. Para aqueles que não compreenderem bem a palavra "acquiescence", deixem-me dizer: há, de facto, uma aceitação abençoada e alegre da sua própria realidade — sem dúvida ou questionamento.

E para todos os que me conseguem acompanhar, estão agora no limiar do Alpha III. Essa aceitação que reside nos vossos átomos e moléculas é uma aceitação criativa, que não conhece negação — que reconhece apenas os benefícios, as alegrias e a realidade daquilo que É. E dentro dessa aceitação não existe recusa nem negação, pois todas as coisas são experienciadas, reconhecidas e aceites como parte de Tudo O Que Existe.

E para todos vós que ainda me conseguem seguir, estão a tocar o limiar do Alpha IV. Para além disto, nesta fase, ainda não podem ir. Mas reconheçam que já lá tocaram com os dedos dos pés. E sintam a aceitação que é a sua base, pois essa aceitação é o alicerce de toda a vida como a conhecem — e de toda a realidade, sob qualquer forma em que a venham a conhecer. E dentro dessa realidade não há negação — todas as perguntas são respondidas.

Para fazermos o que acabámos de fazer, tivemos de manipular a consciência do Ruburt até certo ponto e, portanto, nos vossos termos — embora esses termos sejam irrelevantes — ele esteve, digamos, quatro níveis abaixo dos estados de que falámos. E ele não está habituado, por isso, precisamos de lhe dar um impulso para regressar.

Estão hipnotizados — e hipnotizam-se todos os dias — para acreditar que existe apenas uma realidade, a física, que conhecem. Por isso, eu chamar-lhe-ia um estado de "ser-hipnotizado", onde estão libertos de um foco compulsivo na realidade física e onde a vossa consciência tem alguma liberdade para seguir a sua própria natureza. Onde estão, até certo ponto — ainda que momentaneamente — libertos da compulsão de viverem a vossa realidade em termos de tempo, matéria e forma física.

Mas o nosso amigo Ruburt ainda não terminou com as suas perguntas, por isso deixá-lo-ei continuar a sua interrogação.

(Para Theodore.) Desejo-te uma calorosa boa noite, e espero que em breve estejas onde penso que estarás — no Grande Salão. Não fui eu que usei as palavras "cada vez mais abaixo" — isso foi a tua própria interpretação. Esses estados de consciência são vossos, e não fui eu que os inventei. As palavras são irrelevantes. Os estados de consciência, no entanto, são importantes, pois são naturais para vocês, no vosso dia a dia.

([Giselle:] "Perguntava-me se era uma forma de todos relaxarem ou de se concentrarem mais...?")
De facto, era. Era uma forma de vos fazer tomar contacto com a vossa própria consciência e com os estados de consciência que adotam — todos sem o saberem — e nos quais entram e saem sem consciência disso. Se estivessem conscientes de vós próprios, não precisariam de mim para vos dizer o que são esses estados. Mas eles fazem parte da vossa herança, parte do vosso conhecimento interior, e queremos que os usem conscientemente e com a consciência do ego, pois o vosso ego não deve ser tratado como um enteado, um parente pobre. Deve acompanhar-vos na viagem. Deve ser educado. É muito mais flexível do que imaginam.

Agora, posso guiar-vos até onde quiserem ir e até onde estiverem dispostos a ir — e não mais além. Mas cada um de vós, nos vossos estados de sonho e de sono, conhece a própria identidade. Cada um sabe que é mais do que o "eu" do aqui-e-agora que reconhece. E na medida em que libertam esse conhecimento, progridem.

(Para Joel.) E na medida em que permites que o teu Bill liberte esse conhecimento contigo, progridem. E na medida em que ambos reconhecem que já se conheceram antes e têm um propósito em comum, progridem.

Agora, não desconheço o progresso que muitos de vós têm feito. E se não tenho tempo para falar convosco individualmente, saibam que vejo e reconheço tudo aquilo que não é dito mas que preenche estas horas — e que é conhecido.

Desejo-vos uma calorosa boa noite e, mais uma vez, dou-vos as bênçãos que tenho para oferecer, e as que não tenho terão de as encontrar por vós

próprios. E, para que tenhamos um grande final, deixem-me repetir: a energia que está disponível aqui está disponível para cada um de vós. Todos têm reservatórios de energia que não utilizam, fontes de força que não admitem — por isso, usem-nas. Não devia ser preciso alguém que já morreu há tanto tempo como eu para vos trazer esta mensagem. A vitalidade que vibra — ainda que distorcida — através desta voz, vibra nas vossas próprias moléculas, através da ponta das vossas orelhas e através do vosso... (palavra perdida). Essa energia é parte de vós, e têm-na negado. Libertem-na, deixem-na fluir.

Na vossa linguagem, a primavera está a chegar e todas essas flores tolas estão prontas para florescer. E nenhuma delas disse: "Mas porquê estou prestes a florescer? Como é que sou agora uma semente e em breve serei flor? O que faz o mundo girar? E porque é que esta escuridão onde estou encerrada se abrirá em breve, permitindo-me disparar como um foguete em direção ao sol?" Mas elas conhecem a sua aceitação e a sua afirmação. Por isso, escutem a vossa — pois fala com uma voz silenciosa, e no entanto fala em termos de energia que aqui apenas se traduzem em som.

SESSÃO DE AULA ESP – 30 DE MARÇO DE 1971, TERÇA-FEIRA

Agora desejo-vos todos uma boa noite. Esta noite estiveram a fugir das realidades emocionais. Tenho uma pequena sugestão — o que quer dizer que tenho uma pergunta para vós. Não espero que a pergunta seja respondida de forma genérica — isso seria demasiado seguro, e aqui não lidamos com filosofias. Lidamos com realidades, a partir das quais podem tecer todas as filosofias que quiserem. E podem agradecer esta pergunta a um membro deste grupo. A pergunta tem duas partes — e por isso espero que seja respondida em duas partes.

A primeira pode parecer geral, mas será altamente pessoal. E não vos peço que revelem um grande segredo pessoal esta noite. Nenhum sacrifício é necessário como prova de... (palavras perdidas). Podem guardá-los para depois.

A primeira pergunta é: "Quão relevante é a vida?"
E a segunda é: "Quão relevante achas que tu és?"
E não espero generalizações bonitas e bem formuladas. Não só não as espero, como não as tolerarei. A natureza da realidade é o agora. Está na

realidade que conhecem — e essa realidade é parte de outras realidades. A ilusão também faz parte da realidade.

([Mark Disbrow:] "Essa primeira pergunta, 'Quão relevante é a vida?' Refere-se à vida física?")
Deves responder à pergunta tal como a entendes — isso faz parte do jogo e também parte da iluminação que espero que descubras ao enfrentares ambas as partes da questão.

Agora, o nosso amigo Ruburt irá, em breve, fazer uma pausa na aula — o que vos dará tempo, eu sei, para pensarem no que acham que vão dizer. Mas, quando chegar o momento, espero que seja o sentimento a prevalecer. Vou dar-vos uma pista, para mostrar o alcance da minha grande boa vontade: cada respiração que dão é relevante. E cada pensamento é relevante. E aquilo que vos parece desperdício, não o é.

Agora deixarei que o nosso amigo faça a pausa, mas estarei a ouvir as vossas respostas — e espero que enfrentem a questão nas duas partes com honestidade:
"Quão relevante é a vida?" "Quão relevante é a tua vida?"
E acrescento uma terceira parte: "És mais relevante do que uma formiga?" Do que uma formiga.

Agora deixo que o nosso amigo continue a sua aula e dou as boas-vindas a todos os que estão aqui pela primeira vez, com toda a vossa nova relevância.

([Derek Pearson:] "A palavra era *relevant* ou *revelant*?")
Quero dizer "significativa, necessária, importante, vital" — e qualquer outro sinónimo que queiras aplicar.

(Durante a pausa, todos responderam às perguntas.)

Agora vou dizer-vos que muitos de vós, nos termos do Ruburt, "desenrascaram-se" — mas de forma não consciente. Estavam a dar respostas intelectuais. Pensavam em termos de temas e composições. E todas as vossas respostas soaram, de facto, bonitas, espirituais, altamente edificantes — mas muito poucos de vós sentiram.

Por isso, aqui está um pequeno exercício para a semana: quero que considerem a mesma pergunta, mas a partir de um nível de sentimento. O

que significa a vida para vós? Depois escutem e sintam a vida dentro de vós. Sentem-se em silêncio e escutem o tumulto que há dentro de vós. A vitalidade nos vossos átomos e moléculas. Os períodos alternados de paz e de agitação que percorrem o vosso ser. A atividade que corre através do vosso corpo.

Imaginem, se conseguirem, a realidade que existe dentro e por baixo — e que sustenta — o vosso pensamento mais simples. Aquele pensamento que passou tão momentaneamente e com clareza, e depois desapareceu — de que depende ele? Entrem em contacto com a vida que existe dentro de vós agora — **não com palavras**. Não vos peço que se relacionem com a palavra *vida*, mas com **a vida em si** — e para isso têm de experienciar a vida dentro de vós e senti-la.

Não digam apenas que a formiga tem tanto direito à existência quanto vós. Ou sentem isso e compreendem a realidade da formiga, ou reconhecem que não compreendem. Não brinquem com os conceitos. Vivenciem, de forma tão direta quanto possível, a vossa realidade viva. E depois, se conseguirem, expandam isso para outras realidades vivas. Para a vida como ela se manifesta em muitas formas — não para a palavra "vida".

Na resposta emocional dela (Bette) e na dele (Ned), encontraram uma resposta clara à pergunta. E as respostas não foram as mesmas — mas foram sentidas e honestas. E tu (Arnold) estiveste perto, mas depois refugiaste-te nos conceitos.

Para responder a estas perguntas, tens de sentir a tua realidade em cada momento. Seguir os teus próprios pensamentos — mas não só os pensamentos: as sensações físicas, as sensações da vida física. E quando cortas tantas dessas sensações quanto consegues, o que resta? Que sensações físicas achas que sentes e que uma formiga não sente? O que é que ela sente que tu não consegues sentir?

Evitaram as perguntas. Mas eu sabia que o fariam — por isso está tudo bem. Isso fazia parte da lição. Mas têm de confrontar a vossa própria vitalidade.

(Para Ned.) E tu tens de confrontar a tua vitalidade — e honrá-la.
O som físico que emito, a energia que agora sentem, é, de facto, parte da energia que vibra na vitalidade de qualquer átomo e molécula. Dentro de vós

existe tanta energia não realizada, não reconhecida, não libertada. Agora, tentar responder a perguntas como as que vos coloquei esta noite apenas à superfície não vos vai ajudar. Têm medo da energia que reside dentro de vós — e evitam frequentemente o confronto convosco próprios.

Agora gostaria que, durante a próxima semana, voltassem a pensar nessas perguntas, mas que as respondessem a partir de um nível de sentimento, de experiência — e depois que as verbalizassem da forma mais simples possível. Ao encontrar as respostas por vós próprios, devem ter experiências que talvez nem consigam expressar por palavras. E devem sentir dentro de vós a energia que reside na vossa identidade, e perceber, até certo ponto, a vitalidade única de cada organismo vivo.

Se a formiga falasse, o que diria? Se fosse tão grande como tu, pisar-te-ia? Deixem-se levar pelo sentimento com estas perguntas. Estão sentados aqui, sentindo-se isolados dentro da vossa pele — e sem qualquer razão. São vocês próprios que se enclausuram.

Este tipo de questão, se realmente se empenharem nela, pode dar-vos uma grande liberdade. E, nos termos do Ruburt, não "saiam pela tangente" — e estou curioso por ver o que descobrirão.

([Janice:] "Quando tentei expressar vitalidade através do relaxamento, estava eu a senti-la?")
Estavas, simplesmente, a aprender a deixar o ego relaxar. Agora, a própria palavra "ego" é limitada, pois cada indivíduo usa o seu de maneira diferente. No teu caso, usas frequentemente o ego de forma bastante restritiva — e estás a aprender a deixá-lo relaxar. Experimentaste um ponto de consciência em que, por um momento, essa barreira foi libertada. Sentimentos de energia provenientes do eu interior puderam, então, vir à superfície e dar-te uma sensação de energia e alívio das pressões normais.

([Ron Labadee:] "As formas orientais de meditação têm alguma relevância?")
Todas as formas de meditação têm, tal como todas as formas de actividade.

([Ron:] "Existe alguma hierarquia, na forma como tu vês, em termos de importância?")
O mais importante é aquilo que está mais intimamente diante de ti — e essa é a natureza da espontaneidade. É essa força dentro de ti que te dá vida e

vitalidade, que te mantém vivo, e que te permite pensar esses pensamentos profundos e ponderados. O eu espontâneo, deixado a si próprio, é, idealmente, a resposta.

([Ron:] "Então estás a dizer que este tipo de envolvimento, por ser mais espontâneo, é o mais valioso?")
Idealmente, sim. Infelizmente, quando se reprimem emoções e sentimentos, muitas vezes é necessário um procedimento estruturado para os libertar. Mas todos vós estão aqui sentados muito bem, muito espontaneamente, muito vivos, muito conscientes — e nenhum de vós sabe, ao nível do ego, como o faz nem o que faz com que os vossos pensamentos funcionem. Quando começam a questionar como ou por que razão o vosso coração bate, podem surgir dificuldades — se perderem a fé de que tudo funciona espontaneamente e que o vosso conhecimento consciente não é necessário para os mecanismos subtis que vos mantêm vivos.

O ego é um grande rei. Senta-se com esplendor num grande trono e geralmente não quer saber que o poder reside por baixo.

([Ron:] "Todas as formas de atividade ou todas as formas de meditação?")
O vosso eu espontâneo é a resposta. Não o controlo — mas a espontaneidade. Agora, eu não disse isso, mas a espontaneidade conhece o seu próprio controlo — e isso é de um tipo completamente diferente. Dezembro não traz flores, e, no entanto, Dezembro não conhece os vossos métodos de controlo. Queria apenas ter a certeza de que compreendias.

Agora digo-vos boa noite e deixo-vos em paz. Qualquer um de vós que esteja pronto para uma boa projeção pode contar com a minha ajuda, se a solicitar. Não vale a pena oferecer ajuda ao nosso amigo Ruburt — ele não sai do seu corpo quentinho até que o sol brilhe bem alto e quente. Mas os que forem mais aventureiros podem contar comigo, entretanto. Desejo-vos então uma calorosa boa noite.

(Para Ned.) E embora tenhamos tido uma resposta honesta de alguém aqui num canto, gostaria ainda de ver um espírito mais aventureiro. Por isso, quando te colocares essas perguntas durante a semana, permite-te, meu caro amigo, sentir a unicidade e a integridade da tua própria personalidade tal como agora a conheces — e percebe que não há nenhuma igual, nem neste universo nem noutro. E seria, de facto, um crime pôr-lhe fim.

([Derek:] “Como é que te pedimos ajuda?”)
Basta pedirem. Não importa onde estejam. Antes de quererem projetar-se, ou antes de se deitarem, se estiverem a planear uma projeção onírica.

([Cara:] “Tens algo de significativo a dizer sobre as sensações que tenho tido, esse zumbido que sinto?”)
Esse zumbido é inofensivo. É apenas um sintoma físico que utilizas para te avisar que algo pode acontecer. Não há razão física para ele. Portanto, não há motivo para preocupação. Por outro lado, não há problema em manter essa sensação, pois ela pode ajudar-te a saber em que ponto de consciência estás a entrar.

Agora despeço-me dos meus amigos habituais com um “boa noite” afetuoso, e também desejo uma boa noite aos nossos novos conhecidos.

(Para Joel.) E tu sim, “fugiste à questão”. Não sentiste com suficiente profundidade. Atenção ao facilitismo — porque tens uma forte capacidade, e por isso tens a responsabilidade de a usar por completo, e não te contentares com menos. Podias ter feito muito melhor. Por isso, não te dei um “A”. E, na verdade, tu também não te darias um “A”. Nem o teu amigo o faria.

As bênçãos que tenho para oferecer, dou-vo-las. As outras, terão de encontrá-las por vós mesmos.

AULA DE PES

6 DE ABRIL DE 1971, TERÇA-FEIRA
(Jane leu alguns dos textos do Seth sobre o Alpha I.)

Não está fora do alcance dos leitores — e nenhum deles está além dos estudantes do Ruburt. Agora, vou escutar e ver como se saíram com a tarefa. Eu ouvi-vos esta noite. Vocês não me ouvem. Isso é justo. Mas posso, no entanto, fazer comentários.

(Todos partilharam as suas respostas à tarefa.)

Enquanto não souberem quais são os vossos sentimentos, não sabem onde estão — e não podem saber para onde querem ir, nem como fazer mudanças. E se mentirem a vós próprios sobre os vossos sentimentos, ou os disfarçarem, então não podem começar a compreender a realidade espiritual

— pois usá-la-ão como se fosse uma aspirina para tapar os sintomas da doença, seja ela mental, espiritual ou psíquica.

(Para Gert.) Não estou a distribuir boletins de notas.

(Para Natalie.) Mas passaste.

(Para Molly.) Fizeste um excelente trabalho.

(Para Theodore.) Agora, não te escapes com lugares-comuns.

Todos vocês fizeram muito melhor — e era isso que esperava. Vamos fazer mais trabalho — trabalho árduo — em que olham para dentro de vós e descobrem o que realmente sentem. A partir daí, podemos continuar.

Escutem o silêncio entre as palavras. Sintam os sentimentos entre os vossos próprios pensamentos. Reconheçam a diferença entre o que sentem e o que dizem a vós próprios que sentem — e só então poderão começar a avançar. Nem sequer conseguirão funcionar bem no estado Alpha I, a menos que estejam livres o suficiente para reconhecerem os vossos próprios sentimentos. Caso contrário, gastarão demasiada energia a reprimi-los. Em vez disso, eles deveriam impulsionar-vos para novas descobertas.

Esta noite, aprenderam tanto a ouvir os outros como aprenderiam ao ouvir o que eu teria para dizer.

Assim, despeço-me de todos com um caloroso boa noite. E, novamente, as bênçãos que tenho para oferecer, dou-vo-las. As outras, terão de as encontrar por vós próprios.

AULA DE PES

13 DE ABRIL DE 1971, TERÇA-FEIRA
(Depois de uma discussão sobre a aula da semana anterior e como ajudou cada um.)

Agora, tenho mais algumas sugestões que tenho a certeza de que vão entusiasmar-vos — e, de facto, tenho algumas questões preparadas para vós. Por isso, esta noite, tenho outra pergunta.

De certeza que se recordam da noite em que vos pedi para partilharem um segredo. Hoje, não vos vou pedir um segredo, mas vou pedir-vos que digam por que razão não partilharam outros segredos — aqueles que deixaram de lado. Por que razão escolheram os segredos específicos que partilharam?

Cada um de vós percorreu mentalmente a sua lista pessoal de segredos mais carregados. Alguns descobriram, para seu espanto, que não pareciam ter nenhum. Outros descobriram uma lista tão extensa que tiveram de estabelecer prioridades.

Agora, quero saber duas coisas: quero que digam duas coisas —

1. Porque é que escolheram divulgar aquele segredo em particular.
2. E porque é que não escolheram divulgar outro.

Porque é que usaram um segredo como "cobertura" para outro. Quero que vocês próprios saibam as respostas a estas perguntas.
E aqueles que não estiveram presentes nessa sessão podem agora partilhar os seus segredos iniciais.

Agora, independentemente de quem entra e sai desta aula, alcançaremos um estado de confiança — e esta é uma das formas de o alcançarmos. E começaremos com o nosso amigo, irmão Theodore.

(Durante a pausa, discutiu-se o acima mencionado.)

Agora, sugiro que continuemos de onde parámos — e estou bastante divertido com toda a conversa que irrompeu espontaneamente. De facto, têm compromissos com o universo, mas o vosso primeiro compromisso é convosco próprios. E quando tiverem coragem de comparecer a esse encontro, então comecem a pensar no universo — pois então perceberão que vocês e o universo são, em grande parte, um só. Mas não enquanto continuarem a evitar o confronto. Sabem o que será — porque eu sei aquilo que ainda não disseram.

(Durante a pausa, Jane disse que não era obrigatório partilhar um segredo ao responder às perguntas.)

Fico ainda mais divertido com a afirmação do Ruburt. E se vamos construir confiança, por Deus, vamos fazê-lo com passos pequeninos, um de cada vez.

(O Joel disse que não tinha lista de prioridades e sentiu que partilhou um segredo.)

Como tu sabes, e eu sei — e sem acusação alguma — a resposta foi fácil demais. Foi demasiado simples. Agora faz-te mais algumas perguntas sobre a resposta que deste e se a aceitas verdadeiramente, usando o conhecimento do teu eu total que agora começa a tornar-se acessível.

([Joel:] “Essa foi a resposta à parte I.”)
Não respondas tão depressa. Sente-a primeiro.

([Joel:] “Os outros segredos poderiam magoar alguém.”)
Agora estás a ser mais honesto. Dar-te-ia uma medalha, mas não tenho nenhuma à mão. Para estabelecer uma relação de confiança entre ti e o grupo, se é isso que desejas, então a resposta era importante. E para todos os outros na sala, as vossas respostas também o serão.

([Joel:] “Essa é a minha resposta mais honesta. Não quero magoar ninguém.”)
Essa é muito melhor do que a primeira resposta.

(A Valerie falou sobre os medos que sente e dos quais tem medo.)

Quando falas desses sentimentos, falas por todos na sala — incluindo o Ruburt. Sempre haverá esses pontos, mas a vossa existência consciente — os sentimentos — isso é, em si, vitalidade e força. E dentro dos sentimentos está a criatividade. Os sentimentos empurram-vos para a frente. Podem senti-los livremente, reconhecê-los, dar-lhes o seu espaço legítimo na vossa realidade e depois utilizá-los. Que sejam os nossos marcos orientadores. Não os neguem — pois a partir disso surgirá algo que agora não conseguem compreender.

Toda a vida, tal como a conhecem, é vulnerável. A existência, como a conhecem, é vulnerável. Mas se estão vulneráveis à dor e à dúvida, também estão vulneráveis à exaltação e à alegria. Por isso, não tentem fechar-se aos sentimentos, nem tenham vergonha deles, nem os neguem. A criatividade é sempre vulnerável — e é precisamente nessa vulnerabilidade da vida presente que reside a chave da vossa existência infinita. As folhas estão vulneráveis às tempestades, ao clima — e dobram-se suavemente. Cedem, e não tentam resistir com rigidez à sua natureza.

([Valerie:] "Porque é que eu resisto? O que me faz ficar tão rígida?")
Só imaginas que és rígida. Tens medo do medo. Estás abertamente vulnerável — não apenas ao medo, mas à criatividade que corre através de ti. Mudas rapidamente, emocionalmente — e não há nada de errado com isso. Deixa-te ir — e não tenhas medo dos teus sentimentos. Não tentes tornar-te uma rocha. Não tentes transformar-te numa estrela fria a observar o resto da humanidade a uma distância segura. Isso não te ajudará. Não acredites nisso — sente-o. Simplesmente sente. E deixa que as crenças venham depois. As crenças surgirão quando permitires a ti própria reconhecer todos os teus sentimentos. Se constróis bloqueios contra os sentimentos negativos, também estás a bloquear os espontâneos e criativos.

Agora deixa o braço repousar. Isso é natural por agora. Vais reencontrá-lo — está dentro de ti. Não tentes demais. Parte do princípio que já o conheces — porque conheces, e ele há de encontrar-te.

(O Wally falou de uma figura que lhe falou quando era jovem.)

Neste caso, estás a lidar com probabilidades. Tinhas dois caminhos principais de desenvolvimento que poderias ter seguido nesta existência. Eram distintos, mas em ambos — no essencial — estarias a trabalhar em direção aos mesmos objetivos.

Num dos caminhos, dedicarias a tua existência ao estudo da natureza interior da realidade. Terias sido contemplativo. E, levado ao extremo, terias entrado numa ordem religiosa por algum tempo, e depois deixá-la-ias. Não terias tido mulher nem filhos. A tua natureza questionadora teria seguido a vida estética com devoção e sem desvio.

Na outra probabilidade, perseguirias os mesmos objetivos, mas procurarias provar a realidade através da matéria física. As qualidades íntimas e nobres da vida que só podem ser compreendidas através da emoção da carne com a carne. A agonia insuportável e o êxtase que só se experimentam através da paternidade ou maternidade. Essa experiência, por si só, levar-te-ia a continuar a questionar e a procurar respostas. O meio — o enquadramento da experiência — seria apenas diferente.

Agora, aqueles de vós que têm famílias — nesse contexto, se observarem e escutarem, como fazem — verão momentos de agonia indizível ao

reconhecerem a solidão do espírito humano num universo que parece indiferente. Mas também verão a exaltação indescritível que sentem e não conseguem explicar, ao verem os vossos filhos crescer e ao sentirem, mesmo dentro de vós, o reconhecimento espiritual que ocorre quando carne encontra carne — e foi isso que escolheram experienciar. A voz e o orador deram-te essa escolha. E os filhos serão tirados, como todos os filhos humanos são. Nos vossos termos, os que crescem são sempre levados. E a voz falou nesses termos, e fizeste a tua escolha.

Não vale a pena pensar se uma escolha foi melhor que a outra — e não te atormentes com isso. Estás espiritualmente entrelaçado com cada átomo e molécula que existe nos teus filhos e na tua esposa. E a sensação de isolamento espiritual que sentes é apenas um lembrete do eu interior — aquele que entra em contacto com a carne, mas é, em si, independente, conhece a sua origem e recorda, mesmo através das eras, a exaltação e a agonia milagrosas do reconhecimento que só a carne conhece.

(O Ron falou do seu interesse na meditação e do sentimento de depressão depois.)

Não nos revelaste um segredo — mas vou falar-te primeiro. Estás deprimido por causa dos teus métodos. Cortaste-te da fonte da tua própria criatividade e intuição. Permite-te sentir a natureza espontânea do teu ser. Não tentes controlá-la. Sente a vitalidade que está em ti — deixa que ela se manifeste nas formas que lhe são naturais, sejam elas imaginativas, intelectuais ou emocionais. Nos métodos que utilizas, estás a tentar contornar o teu veículo básico de experiência neste momento. A liberdade e espontaneidade do espírito não podem ser mantidas — nem sequer saboreadas — se negares a realidade do ser físico.

Usas o corpo físico — e é a partir dele, e das tuas emoções, que te familiarizas com outras realidades. Os teus próprios sentimentos contêm uma fonte de conhecimento — e cortas-te dela ao tentares controlá-los. Esses sentimentos conduzir-te-ão, naturalmente e espontaneamente, a uma espiritualidade que é o prolongamento natural da tua experiência presente. Assim, o mundo natural que conheces tornar-se-á o limiar daquilo a que chamas atividade espiritual — e não uma barreira.

([Ron:] “Perguntaste-nos sobre o sentido das nossas vidas. Quiseste sinceridade da nossa parte. Gostaria de te perguntar o mesmo: qual o sentido da tua existência, na tua realidade? Qual é o único objetivo de tudo o que fazes?”)

O único objetivo — não só da minha existência, e digo-o pessoalmente — mas de toda a existência é a criatividade. Não vos falo disto nos vossos termos por acaso — falo porque vos é tão difícil compreender e experienciar a realidade da criatividade. E todas as personalidades, em qualquer esfera de atividade, estão envolvidas com a natureza da criatividade. Isso envolve a criação de um maior preenchimento de valor — de uma consciência que não é um fardo, como muitas vezes a vossa parece ser, mas uma alegria sobre a qual outros universos também podem assentar. A consciência e criatividade de um — mesmo que pareça estar só — nunca está só, mas é um limiar onde outros podem repousar, e uma estrutura a partir da qual outros podem crescer.

(Durante a pausa, alguém perguntou se o Seth tinha segredos.)

Tenho um livro de segredos. Em cada vida, tive segredos. Agora, não tenho mais segredos — mas vou assegurar-me de que alguns dos meus preferidos sejam escritos para que os possam ler. Agora, os vossos segredos deixam-me completamente imperturbado — já fui mãe ilegítima várias vezes. E, como pai, gerei muitos filhos que nunca conheci. Isso foi em várias das minhas juventudes. Fui um velho (e velha) muito piedoso em muitas dessas vidas, e esqueci completamente ou justifiquei os “erros” da juventude.

E é por isso que o teu segredo também não me incomodou, pois sei que cada um de vós já foi tanto homem como mulher, e que simplesmente adaptam as características que mais vos servem em determinado momento.

(Para o Junior.) Tem havido um grande silêncio desse canto do sofá, mas eu lembro-me — e os segredos também nascem dos sofás. Mesmo quando os pais estão presentes.

Agora, todos vocês querem fazer coisas espirituais grandiosas e nobres, e muitos querem fazê-las sem enfrentar o eu que conhecem. E para que haja uma boa estrutura, devem começar com o eu que conhecem — e não devem ignorar os sentimentos ou emoções, nem escolher quais querem aceitar e

quais rejeitar. Devem compreender todos como experiências legítimas, e seguir a partir daí. Não se escondam em conceitos — e eu não permitirei que nenhum de vocês o faça.

([Ron:] "Na tua realidade, sentes amor?")

O que te leva a fazer essa pergunta, ou a duvidar de que qualquer realidade pudesse existir sem amor? Pois o amor é a base de qualquer realidade que qualquer consciência conheça. Se não fosse amor, eu não estaria aqui. E se não fosse por amor, não teriam o planeta que conhecem. As vossas emoções negativas manifestam-se obviamente sob a forma de doenças, guerras e desolação — e quando algo está mal, vocês reconhecem-no. Mas o amor inato dentro de vós, que muitas vezes têm vergonha de expressar, forma o planeta que conhecem, os corpos físicos que habitam, as estações do ano e a realidade onde presentemente existem. E o amor também forma a estrutura na qual eu tenho a minha existência. Espera-se que aqueles que partilham a minha esfera compreendam que todos os fins são criativos.

([Ron:] "O que queres dizer com 'todos os fins são criativos'?")

Mesmo quando usas energia de uma forma que, para ti, parece destrutiva, estás a ser criativo — e não podes evitar isso. Agora, isso responde à tua pergunta?

([Ron:] "Sim. E tu, sentes amor?")

Sinto, sim. E toda a consciência, seja qual for a sua natureza, sente amor — mesmo que não conheça a designação verbal. O amor é a base de toda a existência. Não existe existência quando se tenta separar sentimento da realidade, ou consciência das suas experiências.

E agora é tempo do teu segredo.

(Para o Ron.) Agora, quanto ao nosso novo estudante — a tua reação esta noite, e também a tua falta de reação, está ligada às ideias que recebeste sobre meditação e conhecimento espiritual.

([Ron:] "Referes-te ao que aceitei como verdade?")

Todos aqui sabem, cada um de vocês sabe, aquilo que estou a fazer neste momento — e sabem quando estou prestes a começar a falar.

([Mark:] “Disseste que, se precisássemos de ajuda em projeção, podíamos chamar-te. Ainda posso fazê-lo?”)

Podes, tal como a nossa amiga aqui (Sally) chama e depois recua. Mas sabes, como já te disse muitas vezes, que a espiritualidade não é um conceito intelectual frágil, separado das emoções que conheces. A espiritualidade é tão digna como a flor tola do irmão Theodore, ou como uma vespa, ou como o nosso querido monstro aqui (Willie, o gato). Não precisa de uma cara carrancuda nem de pensamentos negros. E pode falar como o nosso amigo aqui.

([Mark:] “Posso afirmar que a maior emoção que temos é o amor?”)

Já o disseste.

([Gert:] “Disseste que me ajudarias com o simbolismo francês? Acho que ainda não o compreendi. Ajudas-me?”)

Ajudarei, quando te esforçares mais. Basta que te dês a sugestão de que vais compreender. Lembras-te do sonho? Observa o sonho e diz a ti mesma que o significado virá.

Quando, nos termos do Ruburt, funcionarem em sintonia como grupo nesta aula, saberão que o fizeram — e os vossos experimentos e experiências começarão realmente a florescer.

(Para a Molly.) Estás a minimizar a extensão das tuas próprias experiências, sem as reconhecer pelo que são. Voltaremos aos conceitos quando estiveres pronta para aceitar as tuas emoções.

([Molly:] “Que tipo de experiências?”)

As experiências ordinárias que te ocorrem no dia-a-dia provêm de além do eu consciente e subconsciente. Aconteceram-te de forma tão natural — como deveria ser — que não percebeste o quão intrusivas eram.

Espero que venham a formar uma nova realidade de grupo, e certos de vós estarão envolvidos numa experiência conjunta fora-do-corpo e noutras

experiências futuras. A realidade da aula, como sempre, mudará. Não está predestinada a mudar — são vocês que a mudam automaticamente, e eu também tenho o meu dedo no assunto. Mas se eu não tivesse introduzido estas pequenas sessões com emoção — e são, de facto, contos de fadas — então não haveria qualquer hipótese de iniciativas conjuntas como aquelas que tenho em mente há já algum tempo.

Não podem continuar superficialmente. Devem ter confiança uns nos outros. Alguns de vocês deram mais do que outros esta noite.

(Para a Bette.) E, numa noite destas, virá um balde bem cheio deste lado.

Ainda há relações entre vocês que precisam de ser resolvidas, e eu irei apontá-las. Antes de haver uma base firme de confiança, essas questões devem ser enfrentadas e resolvidas. Podem surgir, ou afetar alguns de vós de formas diferentes — mas, em qualquer caso, terão de lidar com elas. Uma foi mencionada por ti mais cedo esta noite (Gert). Estás a seguir-me? A outra envolve esta aqui (Bette) e o irmão Joel. Estes são os principais pontos neste momento.

([Joel:] "Através do alívio mútuo?")

Pela forma como vocês os dois se relacionam, e também pela forma como tu e tu se relacionam um com o outro.

([Gert:] "Estás a falar do Joel ou do Mark?")

Estou a falar, em primeiro lugar, da Bette e do Joel. Depois, de ti e da Sue. E depois, de ti e do Joel. Está claro?

(Para o Joel.) Mais tarde, gostaria que marcasses um encontro com o universo — silencioso e privado. Não necessariamente em "psy-time", mas a sós, para teu próprio benefício. Com o Bill, através de escrita automática ou sozinho — e depois faz o que quiseres com isso (palavras perdidas). Quero que vás tão longe para dentro de ti em busca de informação, inspiração e dados como tens ido para fora, para ajudar os outros. Quero que enriqueças a tua fonte, para que não fiques esgotado ou vulnerável. Porque tens capacidades, quero que o faças.

([Joel:] “O Bill disse que eu devia fazer uma introspeção séria, em breve. Está relacionado?”)

Está, sim. Estás a tomar o eu que conheces por garantido, sem olhar para o que está por baixo. Tens de o fazer. Faz parte do teu aprendizado — e enriquecerá a tua fonte, e é isso que quero que saibas e compreendas.

Agora despeço-me com um afetuoso boa noite, para que possam relaxar.

([Janice:] “Quando chegar a casa provavelmente não relaxarei. Continuo a pensar porque continuo bloqueada...”)
Em vez disso, imagina-te claramente a receber inspiração. Estás a pensar negativamente quando te concentras apenas nos teus problemas. Visualiza-os resolvidos na tua mente. Não dês ênfase às tuas limitações.

(Para a Sally.) Posso mostrar-te os filhos que tiveste no passado, os que tens no presente e os que terás no futuro. Porque o passado, o presente e o futuro estão todos presentes — mas não quando entras em pânico, como já fizeste antes, quando me aproximei.

(Para a Sue.) Há uma experiência específica à tua espera, quando estiveres pronta. É uma experiência onírica, e estarei lá — como já estive em muitos dos teus outros sonhos. E se tiveres perguntas, responderei então ou mais tarde.

(Para o Wally.) E se te abrires, podes obter mais informação no estado de sonho da pessoa que te falou originalmente.

AULA DE PES

20 DE ABRIL DE 1971

(Depois de uma explicação à Florence sobre as aulas anteriores que ela tinha perdido.)

(Para Florence) — Tudo pode sempre ser remediado, e como és uma membro fiel desta aula, parece-me que estás a usar muito bem as tuas capacidades, pois sabes exatamente quando te manter afastada. Agora parece que devemos pôr-te a par, e por isso temos duas perguntas — ou melhor, tarefas — para ti, que os outros membros da turma já ultrapassaram

à sua maneira, alguns com bravura, outros por um triz. Sabes o que isso implica e, por isso, estás muito mais preparada do que eles estavam, pois já conheces de antemão ambas as perguntas e as prioridades envolvidas. Agora devolvo a palavra ao Ruburt.

(Para Mark) — E, ao nosso amigo aqui, agradeço o trabalho envolvido. Fico encantado com o progresso que fizeste, e não direi mais nada.

Estava, de facto, prestes a começar a falar — e a palavra era: agora.

(Florence: "Gostaria de saber o que os outros fizeram e como o fizeram.")

Muito bem, então serás informada. Mas vais sentir-te à margem do grupo se não fizeres o que eles fizeram.

(Para Ron) — E quando estiveres pronto para te sentires parte do grupo, também participarás. Mas, quando estiveres pronto, isso funcionará muito bem para ti.

(Florence contou o seu segredo.)

Não só te apoio como te felicito, e quero que todos saibam que o esforço feito pela nossa Senhora de Florence esta noite foi quase fantástico — e que a sua conquista iguala, ou supera, a daqueles que tiveram projeções. Ao tentares negar esses factos iniciais da tua existência, bloqueaste por completo porções intensas da tua energia e força criativa, que assim não puderam operar a teu favor na vida. Usaste, literalmente, metade da tua energia para reprimir essas memórias e ideias, construindo uma ponte entre ti e o resto do mundo — com medo de que alguém descobrisse o teu segredo — e, assim, essa energia não podia ser usada de forma construtiva.

Ergueste à tua volta uma fortaleza de carne para te proteger. A imagem que tens de ti mesma foi construída com base nesses medos, para que te sentisses tão segura que ninguém pudesse descobrir o segredo. Mas o segredo, quando é finalmente dito, liberta essa energia — especialmente quando começas a perceber que, nesse passado, não havia nada de vergonhoso. Que as ideias distorcidas que tinhas sobre os orientais eram profundamente erradas. E que outros incidentes, dos quais também tenho conhecimento, não são, nesses termos, minha querida Senhora de Florence, motivo de vergonha. Portanto, essa energia pode agora ser libertada.

Esta noite, fizemos várias coisas, e como sempre, a nossa Senhora de Florence teve um papel importante a desempenhar. O gestalt interior do grupo foi aberto — e disso resultará uma maior unidade entre todos. Por outro lado, ao escutarem o que os outros disseram, devem reconhecer a vitalidade distorcida nestas cargas profundas que muitos carregam dentro de si — porque isso impede o acesso à vossa própria energia. Literalmente, prende-vos em nós.

Agora faremos um intervalo — mas não se desfaçam em pedaços.

(Para Ron) — E quando estiveres pronto, avisa-nos.

Isto não é um tribunal. Leva tempo a conhecer outra pessoa, esteja ela dentro ou fora do corpo. As personalidades encontram-se e comunicam, quer sejam físicas ou não.

(Para Ron) — E quando estiveres pronto para comunicar, comunicarás — contigo próprio, com o grupo. E já houve aqui uma boa dose de partilha honesta — mas não foi um interrogatório. Existem, e não quero chocar ninguém, indivíduos que, de forma humilde e sincera, fazem o melhor que podem. Existem casais que, no dia-a-dia, se relacionam com honestidade, compaixão e compreensão — e os dois que mencionaste relacionam-se dessa forma.

Agora, entre todos nesta sala, esses dois, na sua relação, têm uma simplicidade e integridade que falam por si — e isso é, de facto, altamente invulgar. O maior segredo que este aqui (Arnold), se me permitem dizê-lo, guarda — é um profundo sentimento de inferioridade, que às vezes se disfarça de humildade. Eu sei disso — e, intuitivamente, os outros membros do grupo também o sabem. Mas as tuas perguntas, e o facto de as colocares, são uma coisa boa — aqui, ou em qualquer outro lugar ou grupo. Mas não te questiones ao ponto de te distanciares do sentimento e da emoção. E não construas barreiras na tua mente — porque aqui, não há barreiras.

Quanto ao grupo, há sempre um método na minha loucura — tal como há um método na vossa. Os vossos eus criativos sabem bem o que estão a fazer — e eu sei o que espero que esta aula venha a ser. Têm de ter fé uns nos outros e confiar — se quisermos realizar os tipos de experiências de grupo que tenho

em mente. Se não tiverem fé uns nos outros em corpo, também não a terão fora dele.

A minha relação convosco, como foi levantado com inteligência pelo nosso amigo aqui, é de facto estranha — porque não se relacionam comigo como se relacionam entre vós. Mas podem dizer ao nosso amigo o esforço que faço precisamente para que não me vejam como um semideus, e para que usem as vossas próprias capacidades. Se não fosse assim, estariam sempre a lidar com o meu amigo, Seth II — e nesse caso, mais vale estarem preparados.

Não revelei segredos. Tenho, na verdade, de admitir que esqueci o que antes considerei segredos nas vidas que vivi. Sei com certeza que, como qualquer um de vós, nem sempre fui caridoso. Sei que já odiei um dos meus pais. E sei, com certeza, que uma vez saqueei nos despojos da guerra. Não venho até vós como alguém que não sabe o que é ser humano. E nas características de personalidade que uso quando vos falo, mostro-vos que a vida emocional continua.

Parte disto é, de facto, uma tradução — caso contrário, estariam a falar com o Seth II. Mas aquilo que sou continua a existir. E as — espero eu — deliciosamente humanas características egocêntricas que apresento servem para acalmar os vossos medos e mostrar que o "eu", tal como o conhecem, continua a existir. Tenho um reservatório de "bancos de personalidade" do qual posso retirar, e como professor uso aquele que é mais eficaz num dado sistema de realidade — e é esse que uso aqui. É uma parte de mim muito ligada à existência terrena, e é um "eu" de que gosto bastante.

(Ron: “Se não fôssemos tão sensíveis ao ego, estás a dizer que o Seth II poderia falar de forma mais direta e não simbólica connosco?”)

Raramente vos falo de forma simbólica. Falo-vos da forma mais literal possível — mas, para que qualquer informação apareça no vosso sistema tridimensional, é necessária uma tradução automática — ou não a perceberiam.

Agora vou ajudar o nosso bom amigo — mas primeiro, algumas observações.

(Para Gert) — Quero que trabalhes por ti própria, porque a tua tendência favorita é depender da autoridade. Tenho a certeza de que entendes isto. Mas queria dizê-lo mesmo assim.

(Seth II:)

(... palavras perdidas ...) Se estão a ser observados, saibam que temos grande interesse nos experimentos que Seth está a conduzir — e que, ao observar-vos, também vós, embora inconscientemente, observais outras realidades no estado de sono.

Se a nossa realidade vos parece estranha, então a vossa parece-nos estranha a nós. Movemo-nos por sistemas como o vosso a velocidades superiores à da luz — e por isso, o que estou a dizer já é uma tradução, uma mensagem deixada no vosso passado temporal.

A vossa própria consciência também viaja a velocidades superiores à da luz, e partes de vós compreendem, até certo ponto, a natureza da nossa realidade. Pelo menos têm uma compreensão inata das probabilidades em que existem. Existem porções da vossa identidade que habitam sistemas prováveis e que nunca conheceram a realidade física — e que vêm observar aquelas porções de si que assim se desenvolveram.

Assim como nós observamos, também vós o fazeis — e o vosso próprio "eu" serve de tradutor em nosso nome. Infelizmente, não conseguimos comunicar facilmente com a parte de vós que nos compreende. Não estão em contacto com a parte de vós que nunca foi física e que jamais conhecerá a existência física. E, como se identificam com o eu físico, então — de facto — aparecemos-vos como fantasmas, formas que não compreendem e que não conseguem ver.

E, no entanto, fomos nós que semeámos o universo onde têm a vossa existência presente. Por isso, observamos, acompanhamos e interessamo-nos.

Durante o intervalo, discutiu-se o que fora dito anteriormente.

(Seth para Florence) — És tu que defines o teu próprio programa.

(Florence) — “Mas não somos assistidos por outras realidades?”

— És assistida por outras partes de ti mesma.

(Florence) — “Alguma vez nos vamos relacionar com outra espécie, como o golfinho?”

— Sim, sem dúvida. Já o fazem constantemente, mas não têm consciência disso.

(Florence) — “E eles têm consciência disso?”

— Estão conscientes à sua própria maneira. Se estás a referir-te especificamente aos golfinhos, então sim — algumas das suas espécies têm consciência disso, outras não.

(Joel) — “Um cão vadio apareceu misteriosamente e ficou. Não conseguimos encontrar o dono. Sinto que talvez este cão tenha um propósito. Podes dar-nos uma pista?”

— Em primeiro lugar, o cão não surgiu do nada. É, de facto, um vadio. No entanto, existe um desequilíbrio — uma falta de harmonia e coordenação — na família, nas relações familiares e com as crianças. Este cão é, nos vossos termos, um animal extremamente psíquico. Por isso, está consciente das condições emocionais que existem. Também precisa de amor e cuidado, e sabia, à sua maneira, que poderia ser estabelecido um acordo. Só pelo facto de estar presente, consegue alterar, até certo ponto, o equilíbrio do lar — e, ao mesmo tempo, vê as suas necessidades atendidas. É, portanto, um acordo que este jovem andarilho estabeleceu convosco — e é um bom acordo. Aceitem-no.

(Joel) — “E se o dono aparecer?”

— A situação já terá sido alterada. Além disso, o facto de terem aceitado o acordo — e poderiam não o ter feito — já transforma tudo.

Esta noite, todos fizeram mais do que pensam. Por isso, despeço-me agora com um afetuoso boa noite. Mas lembrem-se: há diferenças dentro da vossa própria realidade e identidade tão vastas como as diferenças entre a minha personalidade e a de Seth II. Existem viagens internas que podem fazer, de “eus” que conhecem até “eus” que ainda desconhecem. E assim vos dou as bênçãos que me é possível oferecer.

(Gert) — “Obrigada pela confiança de que posso descobrir por mim mesma.”

— Vais descobri-lo, sim. Precisas de uma estrutura — mas não demasiado apertada. E agora, evita projetar a tua consciência para fora e reagir aos outros como se fossem figuras de autoridade.

Tenho a certeza de que cada um de vocês encontrará as suas próprias bênçãos. Assim sendo, desejo-vos a todos uma noite calorosa e os meus melhores votos.

AULA DE PES

27 DE ABRIL DE 1971

(Florence) — "Na aula da semana passada, senti que éramos como ratinhos numa jaula e que Seth I e Seth II eram cientistas a observar-nos."

— Foste tu que puseste essas palavras na tua boca. Eu nunca me atreveria a dizer tal coisa, e isso não é verdade. Vocês não são ratos.

(Wally falou sobre a teoria da evolução de Darwin.)

— Ele passou os últimos anos a tentar prová-la, e mesmo assim ela não tem validade. Tem alguma validade apenas dentro de perspetivas muito limitadas, pois a consciência é que evolui a forma, e não a forma que evolui a consciência. Toda a consciência existe ao mesmo tempo e, por isso, não evoluiu nesses termos. Depende de quando entram em cena, do que escolhem observar e de que parte da peça decidem assistir. É, na verdade, o contrário: a consciência evoluída forma-se em padrões diversos e desce até à realidade.

A consciência não surgiu de átomos e moléculas espalhados ao acaso pelo universo — ou por muitos universos. A consciência não nasceu porque a matéria inerte de repente começou a cantar. A consciência veio primeiro e foi ela que moldou a forma física na qual decidiu manifestar-se.

Se tivessem realmente prestado atenção ao que vos tenho dito sobre a natureza simultânea do tempo e da existência, saberiam que a teoria da evolução é tão bela como a teoria bíblica da criação. Ambas são histórias convenientes, ambas se encaixam nos seus próprios sistemas — mas, em termos mais amplos, nenhuma pode ser real. Esta parte dirijo ao nosso amigo aqui (Arnold) e também, em parte, ao nosso outro amigo. Ninguém antes me

tinha perguntado sobre a natureza da evolução até recentemente, quando o nosso amigo Joseph leu um livro.

Não — nenhuma forma de matéria, por mais potente que seja, irá transformar-se por si só em consciência, por muitos outros pedaços de matéria que se juntem a ela. Sem consciência, essa matéria nem sequer existiria no universo — a flutuar à espera de mais um componente que lhe desse realidade, consciência, existência ou canto.

(Arnold) — “Cada pedaço de matéria já possui consciência?”

— Sem dúvida, e a consciência veio primeiro. Estás completamente certo.

(Para Wally) — Agradeço por teres trazido esse assunto. Há muitas formas de trazer "matéria" à conversa.

(Depois do intervalo)

Um eu provável pode tornar-se uma entidade completa se assim o desejar. Alguns eus não escolhem tornar-se entidades.

(Ned) — “Pode ser por isso que há mais entidades agora — porque mais estão a escolher reencarnar?”

— Apenas aqueles que escolhem assumir a responsabilidade de ensinar é que regressam.

(Ned) — “Então isso criaria mais entidades a reencarnar? Em vez de cem, esse número poderia multiplicar-se?”

— Sim, pois dentro de cada entidade reside a possibilidade de personalidades ilimitadas.

(Ned) — “E também outras entidades, certo?”

— Exatamente.

(Ned) — “Cabe ao eu provável decidir se se torna uma nova entidade, ou é o criador do eu provável que decide?”

— Cabe aos eus prováveis, pois cada porção de consciência tem acesso aos potenciais que estiver disposta a procurar, e não há limitações impostas nem por quem a criou, nem por ela própria.

(Sue) — "Uma entidade pode ter duas personalidades ao mesmo tempo, dentro deste sistema de reencarnação?"

— Sim, pode, e estava à espera de quando irias fazer essa pergunta. Todos os fragmentos têm dentro de si as potencialidades para crescer até onde quiserem.

(Sue) — "Há alguém aqui com outra personalidade neste mesmo tempo?"

— Sim, há — mas não te direi agora.

(Nadine) — "Pode um casal — marido e mulher — ser, no fundo, dois eus prováveis que juntos formam uma grande pessoa com personalidades opostas?"

— Pode, sem dúvida.

Dentro da vossa realidade — tal como a conhecem e compreendem — a população em determinado momento é semeada por certas entidades específicas. Estão todos muito mais ligados do que pensam. Estão a trabalhar em certos tipos de desenvolvimento que só podem ocorrer — nos vossos termos — neste espaço e neste tempo. Se me compreendessem, perceberiam então que são altamente únicos — e que os problemas e desafios que enfrentam não podem ser resolvidos por mais ninguém. E que esses elementos íntimos da vossa vida pessoal, por mais pouco cósmicos que pareçam, são de grande importância — não só para vós, mas também para outras realidades que neste momento não compreendem. Ao resolverem um simples desafio nesta existência, estão a resolver outros desafios para outros eus noutras realidades — e ajudam assim incontáveis personalidades noutras dimensões.

Agora, pensem fisicamente na imagem de uma cebola — mas, em vez disso, imaginem realidades psíquicas a formar as suas camadas, todas interligadas. Ou imaginem uma laranja — cada átomo ligado aos outros, mas cada um individual, representando uma realidade. Pode parecer que não há como sair da realidade da laranja, se estivessem presos na sua superfície — e que só

poderiam andar às voltas. E, assim, na vossa realidade, podem parecer isolados — mas essa laranja está num cesto com outras, e a sua casca toca a das outras. As vossas vidas subjetivas tocam vidas que não conhecem — e, ainda assim, cada uma dessas realidades é única. Em todas essas realidades, não existem duplicatas exatas.

Algum deste material é novo, e quando o tiverem escrito, gostaria que o lessem e meditassem sobre ele. Vocês têm esta informação — usem-na. A vossa própria experiência subjetiva pode conduzir-vos por muitos caminhos que interligam esta realidade com outras. Cabe-vos a vós decidir até onde querem ir, nos vossos próprios termos. Essas viagens conduzem a uma compreensão da vossa própria singularidade e, portanto, a uma compreensão — não da vossa insignificância no universo — mas da vossa importância absoluta nele. E ao saber que cada ato vosso afeta, em última instância, o movimento da mais minúscula molécula e a ação da estrela mais distante que conseguem imaginar.

Esta é a vossa realidade. Aceitem-na — ou escondam-se em conceitos. É convosco. Façam com que esta informação seja pessoal, emocional e parte das vossas vidas. Esses segredos, como o nosso amigo disse ao Ruburt, que vocês contaram nesta aula e que têm tanto peso para alguns de vós — como se atrevem a usá-los como barreiras entre vós e o Todo Que É, e entre vós e a experiência que vos espera e está disponível? Acham que esses segredos são tão importantes que podem impedir a energia do universo de fluir através de vós, quando é essa mesma energia que vos dá vitalidade e força?

Tudo está relacionado. O movimento do vosso pensamento é tão vivo como o de qualquer molécula — e muito mais poderoso.

Agora vamos fazer um intervalo. Não precisa de ser definitivo, a não ser que assim o decidam.

(Durante o intervalo, o grupo concordou que Seth estava mais formal esta noite.)

... Mas não mais do que o habitual. Estão em contacto com as partes de vós que estão prontos para aceitar, em cada momento. E ele sabe quando estão prontos para certos conceitos, e quando estão prontos para determinadas

experiências. O vosso desenvolvimento segue os vossos próprios ditames interiores — tanto quando estão sozinhos, como em grupo.

O problema era que queriam esconder-se em conceitos. Por isso ele puxou-vos para fora deles — para que pudessem reconhecer o "eu" que lida com os conceitos, e então dar-vos algum alívio e libertação. E depois leva-vos de volta aos conceitos outra vez. Não há mal nenhum nos conceitos, desde que não os usem como esconderijos, ou como degraus de segurança dos quais têm medo de saltar, um para o outro. Ou, ainda, se os usam para esconder a vossa realidade emocional.

Dentro de vós, conceito e ação são um só — e reconhecem isso. As vossas vidas interiores baseiam-se nisso. Mas as vossas vidas mentais, até há pouco tempo, estavam baseadas em ideias tidas como "modernas" — como, por exemplo, a ideia da evolução. E ainda assim, se tivessem ouvido com atenção o que venho a dizer, saberiam que essa teoria é apenas uma bela história.

A vida irrompe em todas as direções, como a consciência — explode em todas as possibilidades. Não existe um fluxo constante de progresso.

(Para Florence) — Na semana passada, quando Ruburt falava dos nativos que são mestres sonhadores, tu perguntaste, nossa Senhora de Florença: "então porque não são mais progressivos?" Mas eu sei que compreendes que o "progresso" da vossa civilização, nos vossos termos, chegará a um impasse, a menos que progridam noutros sentidos. É isso que a vossa civilização está agora a aprender — que não podem violar o vosso planeta impunemente.

E a vida não começou como um organismo isolado, que por grande acaso originou outro, e depois outro, e assim por diante, até que uma cadeia de moléculas pudesse formar "eus". A consciência não existe como pequenos organismos simples separados por vastas distâncias, mas sim como um conjunto interligado — um gestalt complexo.

Nas últimas semanas, confrontaram-se com porções elementares de vocês próprios que nem sequer tinham admitido a vocês mesmos. E agora devem também confrontar-se com realidades mais complexas, em termos de conceito — e torná-las parte da vossa realidade emocional.

Trabalham isso tudo, quer tenham consciência disso ou não. Ned e Sue trabalham isso. Alison e Joel também. Todos vocês trabalham isso através

das vossas relações. Pois até as vossas relações são símbolos de outras realidades, e cada movimento que fazem aqui é feito noutra realidade — e noutra ainda.

Mas isto não nega a integridade da vossa individualidade, que persiste por natureza própria.

Só precisam de deixar os medos irem embora, e descobrirão que nunca estiveram sozinhos. Qualquer sensação de isolamento é uma ilusão criada pela vossa mente, tal como as divisões aparentes no tempo. Os vossos eus interiores negam essa ilusão — porque, nos sonhos, reencontram-se com vocês mesmos. E, ao ouvirem-me, também se reencontram com vocês mesmos, se simplesmente explorarem as palavras e sentirem a realidade que elas invocam em vós.

As minhas palavras operam de muitas formas: como sons que vos impressionam no vosso mundo, como significados que compreendem, como realidades eletromagnéticas que se propagam dos lábios de Ruburt — e tudo isso é registado por vós. Basta reconhecerem isso conscientemente e abrirem-se.

Eu sei, por exemplo, da vossa grande identidade com todos os outros eus que já foram e serão — e sei que o sentimento de isolamento é uma ilusão. E, Valerie, tu também tens de saber isso. E por isso, sei que cada um de vós tem a sua própria via de acesso — tanto aos conceitos como à experiência.

De um lado, sei que estão a percorrer esses caminhos. E, ao falar-vos, alguns de vós compreendem-me e usam as minhas palavras como mapas para novas terras. Outros ouvem apenas as palavras. Para esses, lamento.

(Depois do intervalo)

Estão a ter agora a vossa primeira pequena lição sobre aquilo que, humildemente, chamarei de comunicação multidimensional. É a primeira vez que uso o termo aqui — mas não será a última. Quando vos falo, dirijo-me a vós mentalmente, psiquicamente, espiritualmente — e até biologicamente. Pois existe uma espiritualidade estranha nas vossas moléculas e átomos, que aceita o que digo. E, com o tempo, essa mensagem chega até vós também.

Falo frequentemente com cada um de vós em separado, mesmo quando pareço dirigir-me ao grupo. E, no entanto, também falo com o grupo como um todo.

Adotei este método porque é impossível falar individualmente com cada um com profundidade. Mas (para Valerie) quero que compreendas que não estás sozinha — que o isolamento é algo fabricado. Fabricas isso na tua mente. Não tem qualquer significado real. Vais aprender a sentir isso, e não apenas aceitá-lo intelectualmente. E tens de começar a dizer-te emocionalmente que não estás isolada — e libertar-te da autocomiseração.

Já vos disse muitas vezes que uso os meios disponíveis para ensinar. Muitos de vós perguntam-se porque uso a voz com força — e já deviam saber que a energia gerada é gasta por vós de muitas formas. E, se os átomos e moléculas pudessem saltar e cantar em congregação, então fariam um barulho enorme, do seu modo, só para vos lembrar de não serem tão sisudos. E de não manterem os vossos problemas como portões que impedem o universo de entrar.

Se eu posso dar-me ao luxo de ser pouco digno e mostrar-me, então parece-me que vocês também podem. E isso aplica-se a cada um de vós. Sim, a ti também.

Hoje disseram mais a vocês próprios do que percebem. E, quando forem para casa, deverão ser capazes de sentir a vossa própria vitalidade livre, sem tantas ideias sobre quando pode ou não ser usada, e sem erguer tantas barreiras.

Antes de terminar, quero deixar um último ponto — que não é um conceito, exceto na medida em que a emoção é um conceito.

Alguns saberão a quem me dirijo — mas estou a falar com cada um de vocês nesta sala. Existem seres humanos neste mundo que não sabem o que é o amor ou o companheirismo. Que não têm pais, nem irmãos, nem ninguém que os compreenda — que vivem um isolamento árido e frio, mesmo que tenham sido eles a criá-lo.

Cada um de vocês aqui, que tem a oportunidade de partilhar com outro, saiba que isso é uma graça — e seja grato por aquilo que vive. Não subestimem o que têm. Existem personalidades que viajaram literalmente por séculos sem

compreender isso. E mesmo que essa tenha sido a sua realidade, mesmo que tenham sido eles a criá-la, alegrem-se por não ser a vossa. Aceitem as relações que agora têm, reconheçam o seu potencial, e não se fechem por orgulho ou por barreiras criadas por vós próprios.

Agora, os átomos e moléculas que vos compõem são coisas gloriosas e impermanentes e, sob a orientação da vossa consciência, foram levados à consciência e ao canto — e, através de vós, eles experimentam o que vós experimentais. E é através da vossa organização que compreendem realidades que, de outra forma, lhes estariam vedadas. E quando cada um de vós entra numa relação pessoal com outro, está então a glorificar e a expandir a realidade da consciência presente nesses mesmos átomos e moléculas.

Conhecem-se uns aos outros, em cada vida, por um breve momento. Aquilo que podem dar de alegria e conforto — deem. O apoio que puderem prestar — prestem-no. Não percebem que, ao fazê-lo, se tornam mais do que pensam que são? E não me refiro a sacrifício pessoal, pois isso não existe. Não há tal caminho, e eu não o defendo. Mas, se exigirem o melhor de vós próprios, então tornam-se mais do que imaginam ser — e devem também exigir mais das pessoas com quem se relacionam.

Todos vós que estão casados ou têm relações desse tipo devem inspirar-se mutuamente, independentemente do que saibam sobre a natureza da realidade. Os ossos que chamam vossos estarão muito tempo na sepultura. Os corpos físicos daqueles que conhecem estão a mudar neste mesmo instante. Aquilo que podem dar em alegria e criatividade — deem. O que puderem afirmar — afirmem-no. Esta vida é tão importante como qualquer outra, e nenhum de vós deve tentar negar as capacidades do outro, pois, ao fazê-lo, estão a falar contra a criatividade. Portanto, cabe a todos vós, por tudo aquilo que são, esperar o melhor de vós próprios e daqueles com quem estão em contacto.

Mas o momento é íntimo, e a voz que vos fala ao ouvido à noite, nos vossos termos, não falará para sempre. Por isso, confortem-na quando puderem. E lembrem-se, mais uma vez, não estou a falar de sacrifício pessoal. É impossível sacrificar o "eu", e quando tentam fazê-lo, estão a trair-se a vós próprios. Isto está diretamente relacionado com o material que vos tenho

dado sobre a evolução e a natureza da realidade — está profundamente entrelaçado. Vivem e respiram estes conceitos.

(Joel pergunta: "Disseste que os contratos podem ser renegociados.")

Disse, sim — e os antigos devem, nos vossos termos, ser alterados.

(Joel: "Séculos é muito tempo.")

Sem dúvida. Mas não há desculpas para não mudar com os tempos, nos vossos termos. E volto a sublinhar que não devem tentar o sacrifício pessoal. Não deve ser-vos exigido. E também não o devem aceitar.

(Mark: "Então, se temos uma responsabilidade, deve ser uma oportunidade de nos desenvolvermos, não um sacrifício pessoal?")

Nunca devem negar-se a vós mesmos em benefício de outro. Mas se compreenderem verdadeiramente a natureza da vossa identidade, isso nunca vos parecerá necessário.

(Mark: "Todos temos responsabilidades, como pais idosos de quem cuidamos.")

Isso não é sacrifício pessoal.

(Mark: "Mas, por vezes, em autocomiseração, pensamos nisso como um sacrifício, mas na verdade é uma oportunidade de humildade, de servir os outros.")

Não me puxes para o pormenor desse assunto esta noite, pois, por exemplo, alguém pode ajudar os pais idosos por vingança, com orgulho não tão santo, por finalmente ser mais forte do que eles. Há muitas ramificações nisso. Estás a acompanhar-me?

(Para Joel, palavras perdidas)… assim como os jovens, mas com maior ênfase nos mais velhos, se as probabilidades continuarem como estão.

(Joel: "Mais velhos, a viver neste sistema, nos nossos termos?")

Mais velhos, a viver neste sistema — mas não agora. Isto é, não é uma alternativa imediata, é uma eventualidade. E não podes, parece-me,

continuar como tens feito. Estás a começar a reconhecer algumas das tuas próprias capacidades, mas estão a ser mal direcionadas na posição de que falas.

Por várias razões — nem todas religiosas, muitas puramente culturais — não te relacionas a um nível profundo com algumas das pessoas com quem lidas, o paroquiano comum, com ideias religiosas bastante convencionais. Não consegues explicar as tuas ideias nos seus termos, nem aceitar as interpretações dele. Há já algum tempo que sentes que estás a viver uma mentira nesse aspeto, e, mesmo assim, não sabes para onde canalizar as tuas capacidades, ou em que área aplicá-las.

Quando te falei, era óbvio que não continuarias nesse caminho. Mas trabalharás com organizações e serás diretor dentro delas. Mesmo aquelas que parecem ter uma natureza secular — moldá-las-ás. Não há verdadeira dúvida em ti quanto ao caminho a seguir. E não te direi qual é, isso terás de resolver com outros… Mas deves encontrar uma posição onde possas direcionar plenamente as tuas energias, em vez de as dispersares, como acontece agora em várias atividades. Isso é fundamental, pois dessa forma poderás sentir progresso e concentração de energia. Atualmente, as tuas energias estão dispersas e não sentes realização.

Agora, despeço-me com um afetuoso boa noite.

(Chary pergunta: "Tenho mesmo de descobrir isto sozinha ou podes dar-me alguma orientação sobre o problema específico que mencionei hoje?")

Tens de tentar sozinha. É o teu desafio. Se eu o resolvesse por ti, estaria a dizer que não és capaz e incentivar-te-ia a procurar respostas nos outros, em vez de em ti própria.

(Chary: "Podes, então, dar-me alguma orientação sobre como posso abrir-me para o fazer neste momento?")

O que Ruburt te disse aplica-se, mas essas instruções têm de ser levadas até ao fim. E tu consegues fazê-lo. Tu diriges os teus próprios pensamentos. Podes controlá-los. Podes parar as preocupações conscientes. Quando te apanhares a preocupar-te com este assunto, diz a ti mesma que não há nada com que te preocupar, que a resposta está dentro de ti. Visualiza a tua mente

como um céu limpo ou um quadro em branco, sobre o qual as respostas surgirão. E acredita que as respostas ali aparecerão, porque já lá estão.

Relaxa e vê o que já está escrito. A resposta está lá — muito antes de a teres pedido. E está lá agora. Basta permitires-te vê-la — e aceitá-la livremente. Deixa o tumulto ir.

Agora sim, despeço-me de todos com um caloroso boa noite.

(Para Gert) ... E para a nossa amiga ali no canto, na próxima semana podes trabalhar com as tuas cores e dar-te-ei tempo para isso.

AULA DE PES

4 de Maio de 1971

(Depois de uma experiência com luz estroboscópica, Seth falou.)

Deixei-vos sozinhos esta noite para que pudessem refletir sobre as vossas próprias experiências. Mas, tal como a palavra "evolução" dá título a uma bela história que contém um pouco de verdade mas também muitas distorções, também as realidades da consciência, por vezes, precisam de ser explicadas em termos que possam compreender, e dentro dos vossos próprios conceitos temporais. Assim, aquilo que entendem por reencarnação, e os conceitos temporais a ela associados, foi-vos transmitido de forma a que o pudessem entender — mas é, na verdade, uma versão extremamente simplificada. E mais uma vez, é uma história. E, embora nunca tenha usado este termo antes, nem nas aulas nem nas sessões, e apesar de não querer irritar o nosso amigo aqui ao lado com a indumentária elegante (dirigindo-se a Sue), digo-vos que a reencarnação, de certo modo, é também uma parábola. Ou, se preferirem, uma fábula.

Parece-vos muito difícil compreender que vivem muitas realidades ao mesmo tempo, simultaneamente. E, como o conceito de tempo vos parece uma realidade, os aspetos multidimensionais da vossa própria consciência são explicados nesses mesmos termos.

Vocês criam a vossa realidade. Criam, por isso, a geração em que aparentemente existem neste momento. Os anos 1741, 20 a.C. e 5000 d.C. existem todos agora. E, portanto, as personalidades que vocês foram — ou

serão, nos vossos termos — já fazem parte da vossa existência multidimensional.

O karma não opera segundo a lógica de causa e efeito, apesar de parecer que sim. Na verdade, todos os vossos atos agora afetam todas as vossas outras existências reencarnacionais — tanto passadas como futuras, nos vossos termos. Vocês escolheram seguir um sistema matemático no vosso universo. Com ele, escolheram uma linha de realidade. É essa que aprovam como sendo real, e tudo o que esteja fora dela parece-vos não existir — pelo menos nos vossos termos.

([Ron:] "O Tudo-O-Que-É já está onde tem de estar? Estou preso ao conceito de tempo, mas tive a ideia de um desenvolvimento na realidade.")

Mas não devem pensar em termos de uma única linha de desenvolvimento, pois a criatividade expande-se em todas as direções. E o Tudo-O-Que-É, tendo em si a natureza de toda a criatividade, não pode ser estático, não pode terminar — continuará sempre a criar novos desenvolvimentos.

([Ron:] "Dizes que o Tudo-O-Que-É não é estático. O que significa movimento fora do conceito de tempo?")

Lamento dizer-te isto — e não posso explicar tudo numa única sessão — mas a ideia de movimento e a ideia de tempo não estão de facto ligadas na realidade. Há movimento que não tem nada a ver com o tempo, nem com o deslocamento no espaço. Existe movimento que só pode ser compreendido em termos do que chamo realização de valor.

([Ron:] "O Tudo-O-Que-É atingiu o estado final do seu movimento?")

Não existe um estado final de movimento. Só vos parece que sim por causa da vossa posição atual.

([Ron:] "Então, se não há estado final, não se pode dizer que o Tudo-O-Que-É seja agora.")

O Tudo-O-Que-É é agora, e dentro dele estão todos os potenciais de desenvolvimento a serem expressos agora, simultaneamente. Cada ação provoca outra ação — agora, nos vossos termos — sem fim. Não há cume nem fim para a criatividade. Existe, em vez disso, uma infinidade de

desenvolvimento e criação. E não tentem, neste momento, compreender intelectualmente estes conceitos — parecerão contraditórios. Na vossa linguagem, de facto, são-no. Mas o eu interior e o eu intuitivo conseguirão ultrapassar esse aparente abismo — ainda que não possam forçá-los a isso.

([Ron:] "O Tudo-O-Que-É está em constante expansão e, ainda assim, é agora?")

O Tudo-O-Que-É é mais do que a soma das suas partes. O eu intuitivo, sendo parte do Tudo-O-Que-É, compreende isto — quando o deixamos em paz.

AULA DE PES

11 de Maio de 1971

(Durante a experiência com luz estroboscópica, Seth falou.)

Abram os olhos e olhem à vossa volta. Estão agora numa projeção. Projetaram-se para esta sala, nos vossos termos, a partir de outros tempos e lugares. Pertencem a esta sala neste momento do vosso tempo porque se projetaram para ela. À vossa volta há amigos e desconhecidos — e sempre foram amigos e desconhecidos uns para os outros. Agora olhem bem à vossa volta. Quão real é esta sala? Quanto sabem dos "eus" que pensam ser?

Quero que experimentem algo comigo. Tal como se projetaram aqui, concedam-se a liberdade de se projetarem para outro lugar. Podem fechar os olhos ou deixá-los abertos, como preferirem, mas sintam dentro de vós a vossa identidade interior. Percorram a personalidade que chamam "eu". Não a tomem pelo valor superficial — sintam dentro de vós o eu oculto que aí habita. Sintam também a imensa energia e vitalidade que dá existência à vossa imagem física, que impulsiona a realidade dos vossos pensamentos e imagens, e que dá qualquer tipo de realidade aos vossos sonhos. Agarrem essa energia dentro de vós — ela é vossa. Vocês são essa energia, estão dentro dela, e são parte dela.

Cada um poderá interpretar a experiência à sua maneira, mas sintam a vossa independência em relação a esta sala, a este tempo e a esta existência. Ela é real — mas os sonhos também o são. Finjam então que a própria sala é um sonho do qual estão prestes a acordar, e com os olhos ainda fechados, acordarão desta sala para outro lugar e outro tempo. E com os olhos

fechados, despertarão para outra realidade tão válida e legítima como esta. Uma realidade com a qual estão intimamente ligados — e sintam dentro de vós a identidade interior a reconhecer o que agora vê e percebe.

Mais uma vez, poderão interpretar a experiência com os vossos próprios termos. Se ouvirem vozes, escutem-nas. As vozes de desconhecidos e de entes queridos são, por vezes, as mesmas. E as cenas que veem, muitas vezes, já as viram antes. Mas a vitalidade que vos atrai — e a vitalidade dentro de cada um de vós — é a mesma que faz mudar as estações do ano e que dá sentido à vossa existência física. É essa vitalidade que assegura a sobrevivência da vossa identidade. E é dentro dessa energia que têm a vossa existência independente.

Subam então pelas minhas palavras, corram pelas vogais e pelas sílabas, e deixem que formem para vós uma escada de energia através da qual possam ascender. Que essas palavras sejam uma base sobre a qual possam subir para encontrar a vossa própria realidade e existência — que são, em si, independentes, tanto das minhas palavras como da sala onde agora os vossos corpos estão sentados. Esse eu interior independente percorre todas as existências que conhecem, nos vossos termos, e possui sabedoria e conhecimento que podem usar. E cada um de vós, num sentido mais profundo, conhece a natureza da sua própria vitalidade. Nenhum de vós está ou esteve alguma vez verdadeiramente só, pois dentro de vós está o conhecimento de todas as personalidades que são. E dentro de vós estão capacidades que podem ser usadas e exploradas.

Agora, alguns de vós poderão ir mais longe comigo. E, àqueles que puderem, peço que, com os olhos ainda fechados, despertem para a realidade de outra sala de aula onde todos estão envolvidos — e onde também se encontram os nossos dois novos convidados. Uma sala de aula que visitam durante o estado de sonho, e que é tão real como a sala física que visitam uma vez por semana. Nessa existência há outros alunos, todos partes da vossa própria realidade. São outras personalidades — todas parte de vós — vindas de muitos tempos e lugares, nos vossos termos. E há muitos professores, alguns dos quais são também porções das vossas próprias personalidades.

Sintam, mais uma vez, dentro de vós, o nascimento e a emergência de uma energia sempre renovada, pulsando dentro de toda a realidade que conhecem. Que essa energia vos sustente, que vos transporte de volta, em

segurança, à alucinação da sala física e da projeção que agora aceitam. E que todos recordem o que aprenderam e por onde andaram.

Agora, regressem à sala, e abram os olhos com admiração perante a realidade física que criaram. Abram os olhos, todos vós, e testem o que veem com a realidade interior que conhecem. E lembrem-se de que a minha energia fala da vossa própria energia. Nenhuma energia que eu manifeste está ausente em vós. Bem-vindos de volta à alucinação que tão facilmente aceitam.

(Depois do intervalo.)

Antes de me despedir, deixem-me lembrar-vos de que aqueles que estiverem prontos poderão encontrar-se no estado fora-do-corpo e lembrar-se das experiências.

(Para Mark.) Estás perfeitamente pronto para a tua aula, por isso esquece as sugestões negativas que tens dado a ti próprio.

(Para Florence.) E tu sintonizaste com a nossa aula antes dos outros esta noite — estás, sem dúvida, preparada.

Dou agora as boas-vindas aos nossos dois convidados desta noite.

(Para a Sue.) Estás pronta para uma incursão a outro nível de probabilidades que ainda não visitaste, e por isso o nosso amigo, Ruburt, espera ver os resultados a preto e branco dentro de pouco tempo.

(Para o Joel.) E quanto ao nosso amigo aqui presente, confia em ti próprio — e quando digo "em ti", refiro-me ao teu eu completo. Não apenas ao eu que conheces, ou ao eu que achas que aceitas, ou ao eu que temes não conhecer — mas ao teu eu inteiro.

(Para a Sally.) Aquilo em que Ruburt sintonizou anteriormente foi uma tua existência no século XVII, na qual também eras mulher. Viu-te a descer uma escadaria com um vestido de baile, em Versalhes. O nome era parecido com o de um filósofo conhecido — Teljard. O primeiro nome era Naneen. Os anos: de 1721 a 1758. O teu marido tinha um posto equivalente ao de Coronel no 14.º Regimento, então estacionado nessa cidade. Tinhas dois filhos — um deles é hoje a tua irmã. Naquela época, ela era atriz, uma profissão pela qual tu,

nessa vida, não tinhas qualquer compreensão e para a qual mostravas pouca compaixão. Morreu de forma infeliz. Não tiveste responsabilidade direta na sua morte, mas sentiste culpa pelas circunstâncias, pois ela não teve sucesso na profissão e morreu, de facto, de fome noutra cidade, nunca tendo contado à família onde estava. Morreu em Bordéus.

Agora, despeço-me de todos com um caloroso boa noite. E, novamente, para o nosso amigo aqui (Joel), as bênçãos que tenho, dou-tas. As que não tenho, terás de conquistá-las por ti mesmo.

(Para o Arnold.) Também espero algo vindo deste canto. Há um cientista pronto a entrar em contacto contigo, quando estiveres preparado. O nome é algo como LeMark — não sou preciso, e dar-te-ei mais informações. Ele estava também interessado em conceitos, e será essa a vossa ligação.

AULA DE PES

18 de Maio de 1971
(Ron Labadee tinha estado a falar sobre a religião budista e o nirvana.)

Se me permitirem, a criatividade nasce do desejo. Negar a criatividade é negar Tudo O Que É, é negar a vitalidade que nasceu de si mesma a partir do seu próprio desejo. Negar a individualidade ou falar em termos de nirvana é negar a vitalidade de onde tudo originalmente surgiu, nos vossos termos.

Podem colocar perguntas quando eu terminar. Guardem-nas e deem-nos um momento.

Tenho tentado explicar o conceito de Deus de várias formas, utilizando diferentes vocabulários e falando de forma muito simples; e, no entanto, por causa da natureza do tema, vejo que não é compreendido. Também devem saber que o que vos estou a dizer não pode ser totalmente traduzido em palavras, e por isso estão a receber, na melhor das hipóteses, uma tradução indireta. As palavras não conseguem transmitir plenamente a mensagem, mas trabalhando a partir delas podem aceder a uma parte da realidade que está por trás.

Cada um de vós é uma parte de Tudo O Que É, altamente individual e único, como nenhum outro, e essa singularidade jamais vos será retirada. Não se irão dissolver numa grande bem-aventurança dourada onde as vossas

características desaparecem. Não serão engolidos por um super-deus. Pelo contrário, continuarão a existir; continuarão a ser responsáveis pela forma como utilizam a energia; expandir-se-ão de formas que agora não conseguem compreender. Aprenderão a comandar energias que neste momento desconhecem. Perceberão que são mais do que agora imaginam ser, mas não perderão o estado de consciência de que estão atualmente cientes, e independentemente do facto da reencarnação e de existirem eus prováveis, o eu único que agora reconhecem como "vocês" tem validade eterna — mesmo que as memórias que agora não conseguem recordar conscientemente venham a ser vossas por completo.

A vida física, no seu ciclo reencarnacional, não é um caos imposto sobre vós, nem um mal do qual devem ansiar fugir. É uma realidade específica na qual escolheram conhecer a vossa existência, onde decidiram desenvolver-se. É, de facto, um sistema como nenhum outro, uma parte única, querida e amada da realidade, onde decidiram florescer por um tempo. Ao negá-la, estão novamente a negar a realidade da experiência.

Por outras palavras, sairão deste sistema para outros, mas haverá sempre uma parte de vós, independentemente de quantos éones passem, que recordará uma noite de primavera ou o cheiro do ar outonal; e essas coisas estarão sempre convosco, sempre que as desejarem. Criam o vosso próprio corpo e o vosso mundo, tal como agora, em conjunto, moldam o entardecer. Estas são criações vossas e da vossa espécie. Não são prisões das quais devem escapar.

([Ron:] “Dentro deste sistema de meditação, falaste da vitalidade criativa e da energia criativa, e que o objetivo final seria a identidade da fonte de Tudo O Que É... O que está o Buda a fazer agora?”)

Ele está agora noutra esfera de atividade. Já não está no ciclo reencarnacional. Ninguém permanece no ciclo reencarnacional para sempre. Ele continua o seu próprio desenvolvimento.

Dentro de cada um de vós há verdades que ainda desconhecem, realizações de uma realidade interior. O vosso ego, o vosso eu exterior, foca-se no mundo físico. Sente essa sabedoria interior, mas não a consegue compreender. Quer ver esse conhecimento interior projetado no mundo físico; só então, até certo ponto, o aceitará. E assim, ao longo dos éones, esse

conhecimento e vitalidade interiores projetam-se no decurso da história e dos acontecimentos históricos, tal como os compreendem. Estou a antecipar aqui algo que escrevi no meu livro.

Certos indivíduos ou acontecimentos históricos parecem subitamente brilhar com uma luz interior. Certos homens e mulheres parecem tocados por uma luz invisível. Possuem uma força extraordinária, e isto é a projeção, a partir do eu interior, dessa luz interior sobre as pessoas e os acontecimentos. Coletivamente, há um drama religioso interior, se quiserem chamar-lhe assim. Uma peça de moral interior, se preferirem o termo — e penso que isso é um termo académico, daí eu estar a olhar para ti (Kris). Estou a tentar estabelecer ligação.

Esse drama interior não pode ser compreendido pelo ego, por isso é projetado para fora, para a realidade exterior. Certos indivíduos, portanto, na história — génios, reis, sacerdotes, profetas — são tocados por essa luz. Todos os indivíduos vivos, nos vossos termos, naquela época, participaram nesse mesmo drama interior, que depois é exteriorizado. Esses indivíduos aceitam essa projeção sobre si próprios — os heróis, por outras palavras, ou os deuses, os profetas, os reis. São reconhecidos intuitivamente quando surgem no palco exterior porque, na vida psíquica, já eram conhecidos, e nos estados de sonho, esses dramas já foram vividos. São reconhecidos de imediato na cena histórica.

As suas capacidades e o seu poder baseiam-se, por um lado, nas capacidades interiores de todos os que, nos vossos termos, viviam nessa era. Contudo, tornaram-se quem parecem ser porque aceitaram esse papel, e o drama exterior desenrola-se de forma a fazer sentido dentro da época em que decorre. Nesse mesmo enquadramento, à medida que o drama exterior se desvanece e deixa apenas um sentido — nos vossos termos — com o passar do tempo, então o drama interior surge novamente, mas agora com uma nova história, com um deus diferente e novos profetas; e à medida que o antigo enfraquece, o novo drama interior volta a despertar o homem a partir dos seus sonhos, e novamente se escolhe alguém — ou dois, ou três — e um novo drama é projetado na realidade exterior.

([Mark D.:] "O meu ego não se afasta para me permitir comunicar com essa vitalidade. O que posso fazer?")

Sê gentil com o teu ego. Não o trates como um parente estúpido que queres empurrar para o lado. Diz-lhe que também irá beneficiar da sua atuação na realidade física e convence-o com jeitinho. Não o ponhas de parte.

Podem fazer uma pausa agora.

(Depois da pausa.) Um vilão ou uma vítima também podem fazer parte de um drama religioso, mas gosto das vossas interpretações do que digo, por isso, antes de terminar, gostaria de ouvir mais. Tenho de contar aos meus amigos como me estou a sair, sabem? Às vezes não acreditam em mim.

([Mark:] "Recebes uma ficha de avaliação?")

Não exatamente, mas podia muito bem receber.

(Depois de mais discussão.) O Buda aproximou-se mais. Estão bastante próximos, no entanto, em comparação com outras religiões, pois ao menos aceitaram a possibilidade de que todas as coisas são parte da vitalidade e da vida. Apenas se confundiram no final.

([Ron:] "Há também o [divindade asiática — nome perdido]. Ele atingiu o nirvana, mas permanece por perto e ajuda aqueles que ainda estão no ciclo reencarnacional.")

Ele é uma entidade psíquica e, como tal, é uma realidade válida, tal como Cristo é, e todos podem estudar esta frase. Está carregada de significado.

([Ron:] "Então não há retorno à Fonte Divina?")

Não disse isso. Disse que nunca perdes a tua individualidade.

([Ron:] "Então nem todos poderiam regressar à Fonte se esta for concebida como um estado de energia.")

Porque é que um estado de energia não poderia ser composto por identidades individuais? Porque teria de ser uma massa informe? Porque não pode ser uma gestalt psíquica? Espera.

([Ron:] "Isso não contradiz o Budismo ou o Hinduísmo, se disseres que Deus é Tudo O Que É e todas as personalidades...")

Mas mais do que a soma. Agora estás a rodopiar na tua própria cabeça, a brincar com palavras e conceitos, e não estás a ouvir o que eu disse. Se estivesses a ouvir, serias mais perspicaz com as tuas perguntas.

([Ron:] "Então não haveria contradição se concebêssemos Deus como sendo todas as personalidades e, à medida que essas personalidades individuais progridem através de diferentes realidades, Ele acabaria por se tornar na sua identidade Deus, na medida em que Deus é Tudo O Que É.")

Excepto que Deus é sempre mais do que Tudo O Que É — é a soma que não conseguem encontrar. E, para minha definição de Deus, deixo-vos com essa: Deus é a soma que não conseguem encontrar, que reside dentro de vós, que é mais do que tudo o que podem descobrir, que é as suas criações e, ainda assim, mais do que aquilo que é criado interiormente; em quem repousam infinitos.

(Depois da pausa, para Bette.) Agora, para uma prima do Richelieu na França do século XVIII, fazes um esforço considerável para fingir que não compreendes o que gostas de pensar como discussões intelectuais, e lutas contra o que gostas de considerar como verbalizações, e finges para ti própria que não percebes o que estou a dizer quando o estou a dizer. Estás a impor-te limitações artificiais que, em parte, compreendes e, em parte, não compreendes.

Aqueles que mais necessitam de mensagens verbais — e fecho agora os olhos para que ninguém se sinta ofendido — são precisamente os que têm mais dúvidas sobre a sua própria realidade interior e experiências. (Para a Bette:) Mas, para além disso, desconfias de qualquer pessoa que pareça ter tido uma melhor educação do que a tua nesta vida, e isso é uma forma de discriminação.

Também é fortemente revelador que escondas de ti própria o facto de que, como prima de Richelieu, viveste num ambiente altamente artificial e intelectualizado, onde se falava constantemente sem qualquer verdadeira compreensão, e onde tu própria usavas as palavras para intimidar tanto os teus amigos como, mais tarde, as massas. E assim, agora, finges um comportamento vulgar, terreno, franco e comum, que não corresponde ao teu eu interior e, no entanto, engana-te muito bem ao nível do ego. Contudo, esse comportamento também serve para atenuar as tuas próprias

capacidades e provocar atitudes interiores que, novamente, não se ajustam às tuas competências. Faz-te fingir que não compreendes aquilo que, na realidade, compreendes muito bem, e com isso bloqueias informações que de outro modo estariam bastante claras para o teu ego.

Criaste para ti um limite bem delineado, um quadro dentro do qual atuas. Uma personalidade que inventaste para ti própria. Mas o simples facto de vires às aulas e usares as tuas capacidades intuitivas abre uma pequena janela nessa personalidade artificial que adotaste, porque, na tua mente, pensas — e se me permites, falarei por ti, embora possas responder:

"Sou franca, sou do povo, não compreendo este palavreado todo. Aqueles que andaram na escola percebem estas coisas, mas eu fico de fora. Mas não me importo, porque essas palavras são vazias, e em mim existe uma franqueza e uma vitalidade que os outros não têm."

Esse é um nível. Noutro nível, pensas:

"Sou da terra, forte e vital, e aqueles que dependem dessas ideias intelectuais frágeis não sabem do que falam. Posso ser brutalmente honesta, mas ao menos sou honesta e não brinco com palavras."

E esta é uma personalidade que inventaste porque, por detrás de tudo isso, na corte francesa, glorificavas o uso da palavra, o jogo intelectual elevado, que agora te parece superficial e artificial. És perfeitamente capaz de acompanhar qualquer discussão nesta sala, e já está na hora de reconhecê-lo e de usar essas capacidades intelectuais que são tuas. Está na hora de deixares de dizer a ti própria que não compreendes o que, de facto, compreendes bem. Estou a ver-te.

(Para todos:) De certa forma, todos estão a brincar a jogos de infância convosco próprios, e se me permitem, vou usar uma analogia — e lembrem-se, é apenas uma analogia. Uma analogia é uma fábula, uma história, uma parábola que é verdadeira por essência, mesmo que não o pareça fisicamente. São todos, de certo modo, crianças a brincar sob as árvores, a sonhar nos longos crepúsculos com o vosso estado adulto, da mesma forma que agora, sendo adultos aparentemente tão independentes, nem saberiam o que dizer às vossas versões infantis se com elas se cruzassem. Mas dentro de vós, o vosso eu criança também precisa de crescer — e devem permitir-lhe

esse crescimento. Na realidade que conhecem há muitas caixas. Podem viajar de uma caixa para outra. As caixas não são prisões, tal como a prima de Richelieu não está oculta dentro da dona de casa que agora se orgulha tanto de o ser — e que sente desprezo, tal como a prima de Richelieu também sentia, sobretudo pelas donas de casa.

Nos vossos momentos de silêncio, quando estão sós, podem escutar a voz do vosso eu criança. Seria útil se conseguissem comunicar com ele — não só o poderiam tranquilizar, como também ele vos poderia tranquilizar a vós.

(Uma vespa voa pelo teto.) Agora estou a zumbir como a vespa. O Ruburt vai deixá-la sair, não precisam de se preocupar; também não está prestes a vos atacar num acesso de fúria cega. Mas lembrem-se da magia que existe dentro de vós. Ela está sempre presente. Basta reconhecê-la. E lembrem-se também das aulas que todos frequentam durante o sono.

([Ron:] "Já que falamos de coisas não-conceptuais, fizeste há algumas sessões uma afirmação que não compreendi." Ron lê então um excerto da sessão de 27/4/71 e pergunta a quem se referia.)

Referia-me a vários de vocês. Tu eras um deles. Não mencionarei os outros, pois já sabem, e eu sei que eles sabem. Leste isso muito bem. Já viajaste por muitos séculos. As relações específicas no contexto não importam, pois há quem não tenha tido ligações nesse sentido. A resposta principal é que eras um dos que eu referia.

([Ron:] "Perguntava-me se não estarias também a referir-te a ti próprio?")

Não me estava a referir especialmente a mim. Por exemplo, sempre valorizei tanto o entardecer como o amanhecer nas minhas encarnações terrenas. Sempre glorifiquei aquilo que estava mesmo diante de mim e mantive relações próximas com os que cruzaram o meu caminho. Ouve o que digo no contexto daquela passagem da sessão.

(Depois da pausa, para Bette:) Marselha... Marselha, onde passaste os primeiros anos. Mais tarde, alguma atividade em Paris. Responsável — dá-nos um momento — pela amputação da perna de um criado. Envolvida no tesouro e em atividades ritualistas ligadas à Igreja. Membro da Irmandade de São João, que era, na sua maioria, uma organização social com ligações religiosas. Usavas escapulários até às orelhas e eras um verdadeiro dândi.

Esta grande pretensão de ignorância é divertida e não te vou deixar passar com ela. É um comportamento estudado. Eras eloquente em francês e em latim. Abelard du Joulin.

([Mark:] “Era homem ou mulher?”)

Era homem. Um dândi era sempre um homem.

([Bette:] “Seth, o que era um dândi?”)

Um dândi era um cavalheiro com colarinhos brancos elegantes, da última moda, que usava cintas apertadas na cintura, era sedutor e geralmente com um comportamento bastante artificial, muito envolvido em atividades verbais ritualizadas e que alcançava os seus fins como podia.

([Bette:] “Por que é que me tiveste de dar esta vida logo hoje?”)

Porque estavas à procura dela, e é uma vida que precisavas de conhecer — agora. Houve outras, mais suaves. Mas aqui estavas a negar as tuas capacidades intelectuais e a projetar nos outros um desagrado que vinha de ti própria. Eras um bom dançarino, muito apreciado pelas senhoras e, dentro do contexto de existência em que vivias, tinhas um bom coração. Isso já deve ajudar a sentir-te melhor.

(Durante o intervalo, Bette perguntou à Jane o que ela achava que era um “fine dandy”.)

Era um "espada encantadora"! Num vocabulário mais moderno — é isso que significa. E significa aquilo que foste.

(Para Janice:) Agora. Dá-nos um momento. Para a silenciosa ali ao lado da prima de Richelieu, não te dirijo a palavra muitas vezes porque te assusto.

([Janice:] “Ainda tenho medo, depois de todo este tempo?”)

Parece que sim. Estás a lidar bem com a matéria por ti própria e a relacioná-la com a tua vida atual, o que é bom. E estás a progredir. Agora, deixa essa outra relação ir. Simplesmente deixa-a ir. Refiro-me a ti mesma. E ao dizer “deixa ir”, quero dizer: esquece-a completamente. Esta é uma relação já mencionada na aula, sobre a qual falaste. Deixa-a ir. E deixa-a ir também nos teus devaneios.

(Para Gert:) Aqui estamos a permitir que Santa Lúcia use as suas próprias asas, e a encorajá-la a não depender do dogma — por isso não te demos nenhum. E não interferimos para que não me olhasses como um grande pai branco — que não precisas que eu seja.

([Gert:] "Acho que te vejo mais como um nadador-salvador.")

Não consigo bem ver-me nesses termos.

([Gert:] "Não, quero dizer que tenho de o fazer por mim mesma...")

E podes fazê-lo, e estás a fazê-lo muito bem.

([Gert:] "Só gosto de ter a certeza de que, se subir para a prancha alta, alguém estará lá caso eu não consiga...")

Caso não consigas o quê?

([Gert:] "Voltar a subir.")

Ninguém te obriga a subir para a prancha alta. E só sobes se tiveres alguma confiança no teu próprio comportamento.

([Gert:] "Aquela história francesa era só para me fazer perguntar?")

Era, sim senhora.

([Gert:] "E foi só isso...")
Foi.
([Gert:] "Eu era padre?")
Foste, sim. Isso é uma das tuas fixações, como diria o Ruburt. Estás a sair-te muito bem com essa visualização das várias partes do eu.
([Gert:] "Tinha mesmo essa cicatriz?")
Tinhas.

(Para Arnold.) Agora, uma palavra aqui para ti. Sente os conceitos. Começa com o intelecto e depois salta para a sensação dos conceitos, segue com eles e funde-te com eles. Podes começar, se quiseres, com o que parece ser uma meditação ou pensamento intelectual, e depois deixa-te levar por isso — serás levado para uma sensação conceptual onde compreenderás um novo conceito. Deverias ter mais provas disso.

(Para Mary Ellen.) O teu trabalho é legítimo. Continua com ele.

(Para Alison.) Quero uma pergunta tua.
([Alison:] “Não tenho nenhuma.”)
Quero uma tua.
([Alison:] “Não consigo pensar em nenhuma.”)
Esse é o teu problema. Não exageres o teu papel. A experiência de sonho que a nossa amiga (Sue) teve foi legítima, e tu estiveste envolvida nela, mesmo que não te lembres. Agora aplica-a concretamente a uma situação da tua vida quotidiana. Não cries alarmes falsos, a não ser que sejam verdadeiros. E se forem, não precisas de gritar “lobo”.

([Gert:] “Com que frequência se deve dar a sugestão para que os sintomas físicos desapareçam?”)
Não dês a sugestão nesses termos. Imagina emocionalmente que já te sentes bem e que os sintomas desapareceram. Sente emocionalmente o alívio e o bem-estar por os sintomas já não estarem lá. Não forces a tua mente. Visualiza por um momento que estás livre dos sintomas — e depois esquece o assunto.
([Gert:] “É quando voltamos atrás para ver se funcionou...”)
Perdes o efeito. Cinco vezes por dia, no máximo.

(A Janice perguntou se os sentimentos de indiferença que teve eram os mesmos da vez em casa da Gert.)
Sim, são. E isso é bom para ti. Terás essas experiências sempre que estiveres preparada para elas.

([Sue:] “Gostaria de voltar a perguntar: no contexto desta aula, há duas personalidades aqui que pertencem à mesma entidade?”)
Gostaria de te dar, por agora, a mesma resposta que dei anteriormente. Sim. E isso é o mais longe que estou disposto a ir neste momento — e é também o mais longe que ambos (tu e eu) estamos dispostos a ir agora. E isso já te diz mais do que sabias antes de perguntares.

(A Gert perguntou sobre a Irmã Josefina do convento.)
Porque projetaste nela esses sentimentos, e houve um tempo em que isso era um local seguro para projetar tais emoções. Houve uma relação no passado, mas não foi profunda. Tinhas medo de expressar esses sentimentos de qualquer forma, e por isso projetaste-os numa pessoa que,

subconscientemente, sabias que não conseguiria corresponder. Projetaste-os numa pessoa que, tal como tu, estava ligada por inúmeros tabus — especialmente contra esse tipo de comportamento — onde era muito pouco provável que houvesse reciprocidade em termos físicos, e onde qualquer ação desse género implicaria automaticamente culpa e castigo, a situação mais difícil que conseguias imaginar. Terias projetado esses sentimentos num padre, mas isso assustava-te ainda mais, porque a relação com o masculino em geral trazia-te uma sensação de pavor. Como vês, não os projetaste numa pessoa que pudesse corresponder com facilidade e liberdade — onde a relação fosse simples, aberta e imediata.
([Gert:] "Porquê?")
Porque não querias esse tipo de relação. Estavas apenas a esconder-te nos pensamentos sobre esse tipo de relação, fugindo de uma relação com um homem — e, na verdade, com o masculino em geral.

(Para Valerie e Vanessa.) Agora tenho algumas observações para as nossas gémeas aqui presentes. Reagem fortemente uma à outra. Por isso, os pensamentos de uma são captados e respondidos pela outra, o que significa que podem reforçar-se mutuamente enviando pensamentos de energia e encorajamento. Agora, deem-nos um momento.

(Para Vanessa.) Por vezes sentes-te invadida por sentimentos de solidão, mesmo dentro da tua família, e alguns desses sentimentos são captados da tua gémea aqui ao lado — pensamentos que absorves sem reconhecer a origem. Tu (Valerie) podes aliviar esse sentimento de isolamento não reagindo aos outros, mas abrindo-te à natureza a um nível emocional — não intelectual — e também relacionando-te com o filho dela. Haverá uma forte ligação aí, se souberes aproveitá-la. A criança também se sente apoiada pelos teus sentimentos por ela. Agora, dá-nos um momento.

No geral, o envolvimento amoroso correrá bem, dentro do contexto atual. Resultará dentro do quadro que agora tens. Segues-me? O único obstáculo é uma tendência explosiva por parte do homem envolvido, sob certas condições e atitudes específicas. Isso pode ser compensado por uma postura equilibrada da tua parte... (a gravação foi mudada aqui, algumas palavras perderam-se) ...não precisas de forçar tal atitude... o desenrolar da situação ajudará a fortalecê-la. Um sentimento de confiança interior que ele irá perceber.

Existe — ou melhor, haverá — no espaço de três meses, alguém com quem vais estabelecer uma ligação muito forte. Parece ser um homem — e estou a falar simbolicamente, pois parece vir "da esquerda", o que significa, creio, que não virá da tua família, nem talvez desta zona, mas será alguém que ainda não conheces, e que trará contigo uma corrente de sentimentos e uma abertura emocional. A longo prazo, não vejo essa situação evoluir para algo duradouro. Mas servirá para libertar as tuas emoções e preparar-te para novos encontros. Será, da tua parte, um renascimento emocional, um ressurgimento após um longo período que te pareceu escuro e difícil.

(Para April.) Agora, aqui, até estares há mais tempo connosco, não tenho muito para te dizer, pois há ainda muito que precisas de aprender, e poderias interpretar mal aquilo que eu dissesse. Apenas quero que saibas que estou ciente das tuas intenções, e que há razões por trás de todos os comportamentos e acontecimentos, mesmo que te pareçam trágicos. Que há significado, portanto, na vida da tua filha e na existência dela, e até nas tuas atitudes para com ela. E que, nos teus termos, aconteça o que acontecer, a criança tem um futuro, e que todos os fins são também começos.

(Para o grupo.) Em breve, vou pôr-vos a trabalhar novamente em aula com alguns exercícios que farão por conta própria, e tudo o que farei será observar como se saem. Desejo-vos então uma boa noite (para a Bette), até mesmo à nossa prima de Richelieu ali. Dândi refinado ou não. Também fazias um excelente pastel.

([Janice:] "Podes dizer-me algo mais sobre o estado da minha gata?")
Ajudaste-a, de facto.
([Janice:] "O pêlo dela vai voltar a crescer?")
Ela vai melhorar? O pêlo vai crescer novamente? Queres saber tudo antecipadamente, com cada dia desenhado e planeado? Queres saber se cada pelo do corpo da gata vai voltar a nascer? Devo deixar-te...
([Janice:] "Em suspense!")
Como achas que te sentirias se acreditasses que tudo o que eu te dissesse sobre a tua vida de amanhã e do próximo ano fosse verdade — e depois eu te dissesse tudo? O que pensarias se eu te desse uma afirmação concreta sobre os acontecimentos da tua vida até à tua morte, nos teus termos? Agradecias-me, ou odiavas-me por te roubar a gloriosa imprevisibilidade da vida como a conheces?

([Janice:] “Temos de aceitar essa imprevisibilidade.”)
Não só tens de aceitá-la — ela é o que te dá vitalidade.

E por isso, deixo-te a questão do pêlo da gata como símbolo desses aspetos da realidade física que são imprevisíveis — e para te fazer refletir sobre a pergunta que acabei de colocar.

Desejo a todos uma boa noite e (para Natalie), a tua amiga deverá voltar em breve.
([Membros da turma:] “Boa noite, Seth.”)
Deveria fazer-vos dizer “Boa noite, Seth” assim que eu entro na sala. Fez-me lembrar uma aula da escola com todos a dizer: “Boa noite, Seth.”

AULA PES

25 DE MAIO DE 1971

(O grupo entrou no estado Alfa I e partilhou as suas impressões. Theodore fez um comentário sobre um amigo.)

Ele é um pavão encantador.

(Seguiu-se uma discussão sobre as impressões de Brady sobre Theodore e, em seguida, sobre as origens do Céu e do Inferno.)

Agora quero que todos saibam — e isso vai agradar-vos bastante — que têm aqui presente uma autoridade, pois fui papa no ano 300 d.C. Não fui um papa muito bom.

([Theodore:] “Devemos beijar o teu anel?”)

Lamento, não o tenho comigo, e não farei os comentários adequados que o Ruburt faria, tendo em conta a tua observação.

Contudo, há algo que deviam saber. Por serem fisicamente orientados, assumiram desde cedo que o bem deve ter um lugar no universo físico — e o mal também. E assim criaram para vós próprios a divisão entre Céu e Inferno. De uma forma ou de outra, essa história existe desde os primeiros registos do vosso tempo.

Como tenho tentado explicar, os conceitos rigorosos de bem e mal são em si altamente distorcidos. Quando se deparam com esse dilema — onde o bem é uma coisa e o mal outra, ambas opostas e separadas — então separam-nos automaticamente nas vossas mentes, nos vossos sentimentos e fantasias. Neste momento, não parecem ser capazes de compreender que aquilo a que chamam mal contribui para aquilo a que chamam bem, ou que ambos são parte da energia, e que estão a usar essa energia para formar a vossa realidade — tanto agora como depois desta vida. Isto acontece porque lidam com os efeitos de forma física, tal como os percebem. E até se libertarem desse comportamento psicológico, parecer-vos-á sempre que o bem e o mal são opostos, e tratarão disso nos vossos sentimentos, conceitos e mitologias.

([Ron L.:] "É alguma vez justificável fazer o mal para alcançar o bem?")

Nos termos em que colocas a pergunta, a resposta é não.

([Ron:] "Ou seja, nesta realidade, somos confrontados com decisões nesse contexto; é verdade que as nossas decisões podem ser apenas construtivas e boas, ou destrutivas e más?")

Apenas nos termos em que colocas a pergunta. Em termos mais amplos, não existe tal coisa como destruição; e a tua segunda pergunta não decorre logicamente da primeira. Quando leres a transcrição, verás o que quero dizer. Fazes perguntas sem considerar as respostas que já te foram dadas. Pensa nas respostas antes de formulares a próxima pergunta.

([Ron:] "Sim, mas não concordo necessariamente com a lógica das tuas respostas.")

Não preciso que concordes com a minha lógica. Preciso que compreendas a falha na tua própria lógica — e isso tem de vir de ti, não de mim. Espera. Parte disto deve-se ao facto de formulares perguntas antes de compreenderes a natureza das respostas que recebeste. Lê a transcrição. Descobre as respostas que te dei e só então formula as tuas perguntas.

([Ron:] "Bem, tenho a certeza que vou formular uma pergunta depois de ler a transcrição, e será sobre o facto de que a tua resposta foi que a minha pergunta só tem significado nos termos que uso. Então, para ti, como concebes o bem e o mal na tua realidade?")

Não existe destruição, nem existe mal. Mas enquanto acreditares que existe, terás de agir em conformidade. Enquanto acreditares que matar um homem é destruir a sua consciência para sempre, então não podes matar, e, nos teus termos, isso é um mal.

([Ron:] "Bem, o Hitler podia ter usado essa justificação para eliminar 9 milhões de judeus.")

Podia, de facto.

([Ron:] "Então tenho de discordar contigo. Penso que, mesmo na forma como vemos agora, há destruição, e isso é mal.")

Eu sei que discordas. Vives dentro dessa realidade, e enquanto viveres nela, tens de lidar com isso — e é o que estás a fazer.

([Ron:] "Existe tal coisa como uma decisão moral para alguém que já está num outro plano de existência?")

Há sempre decisões morais. Elas envolvem o uso da criatividade e do desenvolvimento. Envolvem o uso da espontaneidade.

([Ron:] "Que sistema de valores usas para fazer escolhas morais?")

Já te disse. A minha última resposta implica essa resposta.

([Ron:] "Nas tuas palavras, seria o que for mais criativo em termos do que se pretende fazer.")

Ignoraremos a última parte da tua frase e concordaremos com a primeira. E garanto-te, se tiver qualquer capacidade para tal, que na tua próxima vida estarás na posição de responder a alguém cuja mente funciona exatamente como a tua.

(Para Brady.) Agora. Aqui temos amor criativo e inteligência a operar esta noite de forma espontânea e criativa, entrando em contacto com outro. É isso que devem aprender a alcançar.

([Ron:] "Sinto que fiz muito bem esse contacto contigo.")

Fizeste, de facto. No entanto, a ligação intuitiva que precisas para contactar os outros no teu ambiente está, pelo menos em parte, em falta. Liga-te a eles com sentimento, em vez de através de palavras interrogativas.

([Ron:] "Não lido necessariamente com entidades físicas da mesma forma como estou a lidar contigo agora.")

Devias aprender a fazê-lo. Agora. Vamos fazer uma pausa.

(Para Theodore.) Paz ativa na tua direção e fica feliz por teres provocado a reação que provocaste no nosso amigo aqui (Brady). Foi bom para ambos.

(Depois da pausa.)

(Para Ron.) Eu provoco-te — ouve-me bem — eu provoco-te. Isso é bom para ti, para a turma, e muito bom para esta pessoa aqui (Florence), porque colocas perguntas que ela também está a pensar, e por alguma razão ela de repente ficou tímida com as suas perguntas. Continua.

([Ron:] "Só estava a dizer que nenhum mal pode ser justificado com base num bem maior.")

Foi isso que te disse que opera na tua realidade, e não ouviste a minha resposta. Quando leres o texto, ficará claro. Na tua realidade, a postura que adoptas é necessária — e tens de a manter. O facto de que isso se aplica apenas ao teu sistema não deve preocupar-te por agora.

([Ron:] "Há casos em que um espírito de outra realidade interviria nesta realidade, e nós chamaríamos isso de ato destrutivo, mas o espírito diria que foi criativo?")

Não. (Pausa) Não gosto do teu termo. Qualquer intervenção desse tipo só ocorreria da parte de uma personalidade que fosse, por enquanto, física. Como referi na semana passada, o vilão de um drama religioso seria uma figura criativa. Mas existiria historicamente no vosso tempo, e não seria, por exemplo, um fantasma a sussurrar durante a noite. Não há criaturas a sussurrar mal nos vossos ouvidos.

([Ron:] "Não há entidades a intervir?")

Não nesses termos.

([Ron:] “Mas se somos todos espíritos a representar o nosso próprio drama interior, então o termo 'espírito' tem algum significado?”)

Às vezes, mas apenas ocasionalmente. Penso que estás finalmente a apanhar o fio à meada.

(Durante a pausa, Ron envolveu-se numa discussão com Brady sobre o bem, o mal e as forças envolvidas.)

Não! Não existem forças exteriores a vocês que, nos vossos termos, vos façam praticar o mal. Infelizmente, o que consideram como bem e mal reside dentro de vocês, e não podem culpar uma força maligna pela destruição que grassa pela Terra. Mais uma vez, nos vossos termos, estes são os vossos próprios problemas — e nenhum deus ou demónio vo-los impôs. Não há ninguém a quem culpar senão a vós próprios. Por outro lado, pelas estações do ano e pela flor tola (olha para Joel H.), só têm a agradecer a vocês mesmos.

Estão a aprender a usar a energia criativa da qual fazem parte. E estão, de facto, bastante isolados, por isso não podem causar muito dano — nos vossos termos. E, portanto, o mal que pensam cometer é uma ilusão. E assim, para os milhões que pensam ter morto, não mataram nem um. E apesar de vocês e das vossas ideias de valor, a criatividade triunfa sempre, e aqueles que são mortos numa guerra voltam na seguinte para lutar contra a guerra — e, com sorte, aprendem algumas lições.

E se destruírem o vosso planeta, terão outros com que trabalhar — e aqueles que foram destruídos, na verdade, não o foram. Estão num sistema de aprendizagem. Os erros, a longo prazo — e nos vossos termos — não contam. Mas neste momento, são muito reais para vós.

(Durante o intervalo, discussão sobre a vida de Seth enquanto papa.)
Tive dois filhos ilegítimos (risos), uma amante que se esgueirava para o meu gabinete privado, um mago que mantinha por precaução, caso não me saísse muito bem por conta própria, uma governanta que engravidava todos os anos que a tive, e três filhas que entraram para um convento porque eu não as queria por perto — e sou mencionado em apenas três linhas miseráveis, pois o meu papado não durou muito. Ora, eu vinha de uma família grande. E

era ambicioso, como todos os jovens inteligentes daquela época. Não me alistei no exército, por isso não restava outra opção senão entrar na Igreja.

Durante algum tempo não estive em Roma, mas exerci a vocação religiosa noutro local. Escrevi duas leis da Igreja. O que só mostra que algum bem pode sempre surgir de tudo. Morri com problemas de estômago porque era um glutão. O meu nome não era Clemente (para o Theodore), embora Clemente seja um nome adorável. Chamava-me originalmente Protonius. Esperem um momento. O apelido não está tão claro, e este não é o meu nome papal, mas sim, se me permitem o termo, o nome comum: Meglemanius. O terceiro. De uma pequena aldeia. A menos que evoque o meu eu dessa altura, as memórias mais detalhadas não estão muito acessíveis. Mas tal como agora as recordo — sem verificar diretamente com o nosso amigo papa, que, devem compreender, já seguiu o seu caminho — estou a aproximar-me o mais que consigo.

Naquela altura não tínhamos tantos guardas, mas tínhamos muitas pinturas e jóias roubadas de grande valor. Algumas dessas jóias, tal como o dinheiro, foram usados em expedições que nem imaginam que existiam naquela época, ligadas ao comércio e a navios enviados por África. Esse interesse teve continuidade numa vida posterior, em que estive envolvido com o orégão. O meu hábito de cheirar vai já com séculos.

Havia dois irmãos — ou melhor, dois homens — fortemente ligados ao controlo de Itália naquela época. Um com um cargo superior e o outro seu chanceler, com quem estive envolvido enquanto papa. Também enviei exércitos para o norte.

Ainda não tínhamos iniciado a forte insistência nas indulgências (olha para Brady), por isso não tinha aquele rendimento extra que elas trariam. (Para Theodore) Acreditava e não acreditava, tal como tu, anteriormente, acreditavas e não acreditavas, e fazia um bom trabalho a esconder de mim próprio no que acreditava e no que não acreditava. E quanto mais alto se chega no poder, mais difícil é esconder essas coisas de si próprio.

Gostava muito da minha primeira amante, que se chamava Maria. E não existiam regras tão sensatas como aquelas em que agora vivem. Nem governos tão seguros como os que agora têm. Acreditava profundamente no Deus em que fui educado, e nessa crença. Só mais tarde comecei a perguntar-

me como é que um Deus assim me escolheria para uma posição daquelas — e então comecei a duvidar.

Tive quatro vidas a seguir àquela, em circunstâncias bastante adversas, para ter a certeza de que compreendia a diferença entre luxo e pobreza, orgulho e compaixão. E houve dias em que caminhei noutros séculos pelas mesmas ruas que tinha pisado como papa, mas então apenas com as pontas dos sapatos elegantes a tocar no chão. Como camponês, no entanto, pisava com peso e esforço, até aprender as lições que precisava aprender — tal como todos vocês aprenderão as vossas.

(Para Natalie.) Agora, vou ajudar-te a enviar energia para a tua árvore. Se conseguirmos arranjar uma árvore, certamente conseguiremos fazer alguma coisa com o universo.

(Durante o intervalo, discussão sobre o que a turma fez durante a semana.)

(Para Ron.) Agora, se prestasses atenção, poderias acordar num sonho e compreender-me com mais clareza.

(Para o grupo.) E todos vocês assistem às aulas, das quais muitas vezes se lembram em sonho — e espero que, com o tempo, se lembrem com mais frequência. Uma aula particularmente importante acontecerá ainda esta noite. E espero até que tu (Ron) te recordes do sonho.

(Para Brady.) E serás convidado, se não te importares de conviver com papas do passado. Eu sei que vai contra os teus princípios — mas também vai contra os meus (risos). Um papa do passado é melhor do que um atual.

QUESTIONÁRIO DA AULA I

(Autora: Susan M. Watkins)

1. Segundo o Material de Seth, uma cadeira é percebida por 5 pessoas como:
   a) 50 cadeiras
   b) 12 calêndulas
   c) invisível
   d) um pedaço de carvão
   e) nenhuma das anteriores

2. Perguntas ao Seth sobre a vida. Ele diz:
   a) "É assim mesmo"
   b) "A resposta é o som de uma mão a bater palmas"
   c) "Quem se importa?"
   d) "Vai-te embora"
   e) todas as anteriores
3. Seth diz que o eu infantil está:
   a) no quintal
   b) sem educação
   c) demasiado barulhento
   d) molhado
   e) b, c e d
4. A realidade física é:
   a) um lavatório de porcelana
   b) aleatória
   c) no segundo andar
   d) terminal
   e) na tonalidade de Sol maior
5. O carma é:
   a) 10 cêntimos ao quilo
   b) uma mentira inofensiva
   c) vendido pela Avon
   d) o engolidor de espadas da feira
   e) algumas das anteriores
6. Contas à turma um sonho. Seth diz:
   a) "a resposta está dentro de ti"
   b) "a resposta está dentro de ti"
   c) "a resposta está dentro de ti"
   d) "a resposta está dentro de ti"
   e) nenhuma das anteriores
7. Seth chama a Jane:
   a) Arnold
   b) Sam
   c) Flipper
   d) à noite
   e) numa frequência FM
8. Não há ninguém na aula com o nome:
   a) Harold

b) Ralph
c) Zelda
d) Seth
e) Bilbo

9. Quando a Jane sai do transe, quem é a primeira pessoa a comentar?
   a) Jane
   b) Theodore
   c) Sue
   d) Gert
   e) Willie
10. Uma parábola é:
    a) ridícula
    b) embaraçosa
    c) aborrecida
    d) um best-seller
    e) obscura
11. Eus prováveis:
    a) reagem à aula
    b) reagem à sugestão
    c) reagem a papel de tornassol
    d) reagem em excesso
    e) veem TV às terças à noite
12. Objetos de sonho são:
    a) freudianos
    b) banais
    c) recomendados pela Boa Dona de Casa
    d) confusos
    e) raivosos
13. Aquele homem na sala dos fundos é realmente:
    a) um agente do FBI
    b) a correr no mesmo sítio
    c) a filmar a casa de banho
    d) Daniel Berrigan
    e) pedrado
14. Seth termina a aula com um caloroso:
    a) bom dia
    b) boa sexta-feira
    c) boa dor de cabeça

d) bem contra o mal
e) boa viagem

15. Jane anuncia a pausa:
    a) raramente
    b) quando é a sua vez
    c) para montar o projetor
    d) quer o Seth queira ou não
    e) para descobrir o que se está a passar
16. O Alfa I é útil:
    a) em caso de incêndio
    b) depois das refeições
    c) em festas de cocktails
    d) para monges
    e) para ladrões de carros
17. Todos vimos à aula para:
    a) beber
    b) apanhar boa cusquice
    c) mastigar orégãos
    d) pensar nos corpos uns dos outros
    e) ficar estendidos no chão
18. As vespas são:
    a) nossos irmãos
    b) nossas irmãs
    c) nossas sogras
    d) revolucionárias
    e) reacionárias
19. O tempo é:
    a) um relógio Bernard Baruch
    b) disponível apenas por assinatura
    c) irresponsável
    d) Peoria, Illinois
    e) 5h da manhã de quarta-feira
20. Uma experiência legítima é:
    a) engraçada
    b) estranha
    c) sensual
    d) ilegal
    e) qualquer coisa serve

Responder Verdadeiro ou Falso:

O Seth está a falar com o seu tom de voz habitual. Há um gato na casa de banho. As plantas não bebem vinho. A Sally tem um sistema de arquivo detalhado. Todos gostamos de partilhar segredos. Somos todos agentes do diabo. A sugestão tem um papel mais importante do que o Piasano. Somos criações das imaginações perturbadas uns dos outros. A Jane tem sempre à mão o número da Shockmobile. Ontem foi o aniversário do Seth.

AULA DE PES

1 DE JUNHO DE 1971

([Joel:] "Foi guerra. Foi o instinto de sobrevivência. Eles chegaram e todos podiam ter coexistido, mas não foi assim que correu. Estávamos orgulhosos. Vivíamos numa terra bela, no sentido em que este mundo tem fartura, e lá não havia nada. Mas sobrevivíamos e sobrevivíamos com sucesso. Houve tempos difíceis. Houve verões, fomes e invernos bastante duros, mas éramos bem-sucedidos. Estávamos naquela terra há muito tempo e depois vocês chegaram e olharam para nós de cima. Achavam que éramos um bando de selvagens, que não valia a pena fazer amizade connosco nem falar connosco. Nem queriam falar — para vocês éramos animais, e, no entanto, viviam em cabanas feitas de lama. Sentiam-se superiores, achavam-se tão importantes e, sem querer ou de forma intencional, começaram a destruir-nos. Primeiro foi subtil, depois tornou-se um padrão, porque também sentiram que a vossa sobrevivência dependia disso. A partir daí tornou-se uma espécie de guerra de guerrilha dos dois lados — e intensificou-se. Não era necessário, mas acho que, na altura, não sabíamos disso.")

([Jane:] "Nem sequer sabiam naquela altura?")

([Joel:] "Vi uma machadinha com penas e coisas assim — e o símbolo foi-se transformando até se tornar num bumerangue com penas.")

([Jane:] "Porque achas que agora tentas ajudar pessoas em dificuldades, que estão em baixo?")

([Joel:] "Bem, não é só por esta encarnação, com certeza. E hoje ainda penso que os índios tinham — e têm — uma filosofia de vida melhor, uma espécie de pureza.")

([Joel, para Bette:] “Tens alguma sensação do que estavas a fazer ali? Porque é que foste para um lugar onde sabias que não pertencias? Sabias isso logo ao ver o local.”)

([Bette:] “Não sabia que não pertencia lá, e para ser sincera, os índios não me interessavam. Só me importava com os meus.”)

([Joel:] “Mas não te importava se os índios viviam, morriam, fugiam ou o que lhes acontecesse?”)

([Bette:] “Certo. Desde que...”)

([Joel:] “Mas entraste e empurraste-os para fora das suas próprias terras.”)

([Bette:] “É verdade.”)

([Joel:] “Sabias que homens, mulheres e crianças índias estavam a morrer. Isso não te tocava de forma nenhuma? Não te importavas?”)

([Bette:] “Na altura não sabia o que se estava realmente a passar, e acho que...”)

([Joel:] “Era a única notícia que havia. Não recebíamos novidades do Leste. O que se comentava era de quem a colheita falhou ou de quem a vaca morreu...”)

([Bette:] “Tudo o que sabíamos era quem estava em pé de guerra e quando.”)

([Joel:] “De que raça estás a falar? Sabias quando o teu povo estava em pé de guerra?”)

([Bette:] “Não. Eu vivia no meu mundinho. Só me preocupava com os meus filhos — e tu trataste disso.”)

([Joel:] “E quanto ao teu marido?”)

([Bette:] “Não me importava nada com ele.”)

([Joel:] “Parece que és muito rápida a condenar. Afinal, o primeiro sangue derramado naquele dia não foi nosso.”)

([Bette:] “Naquele dia?”)

([Joel:] “Naquele dia.”)

([Bette:] “Bem, quem começou? Eu não fui. Os meus filhos não foram. E o meu marido não podia fazer nada.”)

([Joel:] “Quem matou o primeiro ser humano?”)

([Bette:] “Não sei. E tu?”)

([Joel:] “Alguém, evidentemente...”)

([Bette:] “Então quem foi?”)

([Joel:] “Quando nos aproximávamos, havia um homem que já estava morto quando chegámos.”)

([Bette:] “Aproximavam-se de onde?”)

([Joel:] “Aproximávamo-nos, estávamos a cercar, a montar a cavalo até...”)

([Bette:] “Até à minha velha cabana de lama? Talvez quando lá chegaram eu já tivesse morto o meu marido.”)

([Joel:] “Alguém o fez.”)

([Bette:] “Fui eu. E voltaria a fazê-lo.”)

([Jane:] “Ela também foi a primeira a disparar contra vocês, mas isso não teve grande importância porque vocês iam matá-los de qualquer forma.”)

([Bette:] “Porque ele começou a... Ele simplesmente não tinha coragem. Começou a choramingar e a chorar quando viu que tinha de proteger a casa e a família, e não o fez. E eu tinha crianças a chorar, e não precisava de um marido a chorar, porque os filhos mais velhos sabiam disparar muito melhor do que o pai — que nem sequer sabia puxar o gatilho. Ele não sabia fazer nada.”)

(A Jane perguntou à Sue se ela fazia parte disso.)

([Sue:] “Não.”)

([Jane para a Bette:] “Conheces agora o teu marido?”)

([Bette:] “Acho que não, mas talvez sim.”)

([Bette para Joel:] “Não discutas comigo. Sê simpático.”)

([Joel:] “Disseste que isso já passou, e que já não sentes esse ódio.”)

([Bette:] “Certo.”)

([Joel:] “E se encontrasses o teu marido nesta vida, sentirias por ele o mesmo espírito de perdão e aceitação que pareces sentir por mim agora, depois de estares a libertar tudo isso?”)

([Bette:] “Sim. Aprendi muito com essa vida. Sou uma verdadeira defensora dos índios — até me surpreendo por ainda não ter agarrado numa espada e gritado ‘avançar!’ Tenho sentimentos profundos pelos índios. Já me envolvi em discussões sobre raças — negros, brancos, etc. — e acabo sempre por meter os índios na conversa, por isso é evidente que já os perdoei por tudo o que me fizeram... até ver o Joel, e aí tudo voltou.”)

([Jane:] “E agora, como te sentes em relação ao Joel?”)

([Bette:] “Sinto-me bem. Sempre me senti bem com o Joel, desde a primeira noite. Nas semanas em que andava a vir às aulas, sempre que o via com ‘pintura de guerra’, sentia uma dor terrível na cabeça. Comentei várias vezes nas aulas que tinha aquela dor de cabeça e que não a conseguia resolver. E naquela noite, aqui na sala, quando começaste a falar, foi como se alguém estivesse a puxar algo de dentro da minha cabeça — e desde então não voltei a ter aquela dor ou pressão.”)

([Jane:] “E tu, Joel? Sinto que ainda não está resolvido.”)

([Joel:] “Tenho de resolver isso a vários níveis. Primeiro a nível intelectual.”)

([Jane:] “Sim, até agora só o fizeste num nível bastante superficial.”)

([Joel:] “Pode estar completamente resolvido a todos os níveis — mas reconheces sempre primeiro o nível intelectual.”)

(A Jane perguntou à Sue.)

([Sue:] “Tive a sensação, quando começaste a ter essas impressões sobre ela, que eu também estava envolvida de alguma forma. Tenho a sensação de que teria uns dois anos de idade ou pouco mais, e que apanharam as crianças por último — ou pelo menos a mim. Tenho a sensação de que a casa estava praticamente a arder. Por algum motivo, não tenho sentimentos de raiva. Acho que, enquanto criança, não sabia o que se estava a passar. Acho que é por isso que não suporto gritos.”)

([Jane:] “Sugiro que, por agora, deixemos o assunto repousar, embora ache que ainda não fomos ao fundo dele. Acho que não terminámos. Talvez vás libertar essas emoções que sinto que ainda tens.”)

([Bill, uma entidade canalizada por Joel H.:] “Parte do problema inicial foi precisamente essa tendência de ‘deixar andar’. Os gritos foram uma libertação emocional, e já nos encontrámos antes. Alguém tem ajudado a ultrapassar certos sentimentos dessa vida passada, e estão bem mais resolvidos do que possas perceber ao nível intelectual. O conselho é bom: continua a explorar. Mas o que foi, não precisa de continuar a ser para ti agora. E como esta é uma noite de revelações e de segredos partilhados, deixem-me partilhar um: eu já estive aqui antes.”)

AULA DE PES

8 DE JUNHO DE 1971

(A Jane transmitiu a Bette impressões de uma vida passada que a turma tinha recebido na semana anterior em estado Alfa: “Tiveste sete filhos. O teu apelido era algo como Masar. Pode haver um Y ou um E no fim — ou perto do fim. Recebi a impressão do teu ódio absoluto pelo teu marido, que te atravessava naquela altura e se manifestava como terror. Mataste-o a tiro.”)

(Durante a aula, Davey contou algumas das suas experiências enquanto estagiava como parapsicólogo. Seth manifestou-se, falando com Davey.)

Agora aqui temos grande energia, e como tenho conhecimento das tuas conversas, vejo um forte poder que está a ser reprimido por precaução e medo. Tens um núcleo de energia muito intenso, testado demasiado cedo e não nas melhores circunstâncias — embora na altura possas ter achado que sim. Estás mais tranquilo agora, mas na altura houve uma explosão de energia da tua parte que não compreendeste, e tiveste medo de, nessa

explosão, ires demasiado longe — de te afastares tanto de ti próprio que já não houvesse regresso possível, por assim dizer.

Independentemente do que possas pensar conscientemente, os experimentos de hipnose perturbaram-te bastante, e parte de ti considerou-os como uma forma de coerção — o que te incomodou profundamente. Enviavas uma parte de ti para onde outra parte não queria ir. E assim foste, mas com passos inseguros. Estavas fascinado — como ainda estás — mas por baixo havia muito mais cautela.

Agora temos aqui, para benefício de todos, alguns exemplos, tanto aqui (Davey), como aqui (Mary Ellen) e aqui (Joel), de um fenómeno particular. Por humildade, não me incluo.

(Para Mary Ellen.) Agora, dos três casos referidos, o maior sentido de estabilidade e paz foi alcançado aqui. A personalidade, portanto, progrediu bem, e o processo tem sido muito lento — mas contínuo. Vai crescer.

(Para Davey.) Aqui tivemos um florescimento demasiado precoce de capacidades, antes de a personalidade global estar preparada para as lidar. E vemos também um grande contraste de atitude: por um lado, a determinação em desmascarar toda a fraude; por outro, o medo de que as próprias experiências fossem fraudulentas. Por isso não conseguias confiar em ti próprio e viste-te incapaz de continuar. Esse foi o dilema — e evitaste a área de trabalho.

O Ruburt não sabia sobre o que ia falar esta noite, e como sabes, metade do que diz em aula é automático. Mas não foi coincidência que tenha falado sobre poder e energia — porque tu tinhas uma profunda desconfiança da tua própria energia para influenciar pessoas enquanto vendedor (para Davey), tal como tinhas desconfiança da tua capacidade para influenciar pessoas como ministro (para Joel), e também tens o mesmo sentimento (para Davey), porque o que acontece é isto:

Se consegues influenciar os outros com tanta facilidade, então o que é que isso diz deles? Tu sabes quem és e o que és — e não achas que sejas assim tão grandioso. Se te ouvem como carneirinhos, como podes respeitá-los? Como podes achar que valem a pena salvar? Como podes achar que merecem aquilo que tens para dar? Achas que não vale a pena. É isso que pensas quando usas

essa boa energia para vender um produto (para Davey) — e é isso que pensas (para Joel).

Quer o saibam ou não, a vossa conceção da raça humana muda. Porque se conseguem moldar o outro com tanta facilidade, então onde estão essas maravilhosas capacidades inatas na humanidade como um todo?

Não confias naqueles que consegues influenciar. Confias num adversário — porque não consegues movê-lo. E pensas: "Esse sim, é um homem — ele não me ouve, logo, deve ser grandioso." E também o temes, e é por isso que confias nos teus inimigos de uma forma estranha — porque te convencem de que há uma parte da raça humana que vale a pena salvar. Aqueles que se opõem a ti, sentes que têm grande energia e grande poder.

Estou a falar nos teus termos, porque compreendo o que sentes. Eu próprio já senti isso muitas vezes. Mas também fui, em muitos séculos, um dos ignorantes — nas tuas palavras — que se deixou levar pelas vozes que ecoavam pelos tempos. Fui enganado por todas as trapaças que a história já conheceu — e o que esqueces é que tu também. Estiveste dos dois lados da barricada. Estás a aprender o que é a energia e como usá-la. Agora estás de um lado — mas já estiveste do outro.

(Para Joel.) E já foste um ignorante, estúpido e miserável — aquele que agora tentas alcançar.

(Para Ron L.) Não procuro perguntas, mas foste a mãe emocional que agora tentas esquecer, e já foste varrido por essas emoções que agora temes libertar — já as sentiste como um rio, e temeste para onde te levariam.

Agora, mais uma vez, todos vocês têm à vossa disposição essa energia que atravessa esta estrutura. Podem usá-la como quiserem — mas usá-la-ão, e usam-na a cada momento em que estão vivos — e em cada momento em que, nos vossos termos, não estão vivos. Estão a usá-la criativamente, mesmo sem saber, e ela grita através de vocês, mesmo que cerrem os lábios. Fala por vós, mesmo que contraiam os músculos para a esconder. Portanto, é vosso dever fazerem amizade com ela.

(Quando a Jane saiu do transe, a Gert comentou que o Seth lhe tinha atirado os óculos.)

Fiz isso por causa do nosso amigo aqui. Fiz por várias razões — porque é uma excelente demonstração do uso da energia, porque é divertido, porque é uma paz ativa, e para mostrar que os mortos podem ser mais vivos do que aqueles que pensam que estão vivos. E também para vos mostrar que a estrutura do ego não é completamente aniquilada.

(O Joel contou à Jane que o Seth lhe tinha batido com os óculos nos dedos dos pés.)

Foi um gesto de entusiasmo. Nem sempre é bem recebido, mas posso fazer algo mais bonito (palavra perdida). E, como os meus amigos mais próximos sabem, é também uma demonstração simples para vos mostrar que não sou nenhum espírito assustador. E que as emoções sobrevivem ao corpo de que tanto se orgulham.

(Para Davey.) Vou virar-me para que me possas ver melhor, e agora voltarei ao nosso amigo Ruburt — e és bem-vindo à nossa aula.

(Durante o intervalo, discutiram-se as capacidades do Joel, da Mary Ellen e do Davey — alguns sentiam que não tinham progredido muito.)

Ainda não terminei convosco — estava apenas a falar sobre um fenómeno específico. Não quis dizer que os outros não têm grandes capacidades. Eram apenas exemplos de um caso em particular.

Isto é apenas o começo — e tu (Joel) e tu (Davey) ainda estarão aqui para o resto — pois estou apenas a lidar com as vossas atitudes e emoções neste estágio e tal como as compreendem agora. Há muito mais do que isso — e há razões para os vossos sentimentos que ainda não compreendem.

Agora devo mostrar simpatia pelas nossas duas jovens senhoras aqui presentes, e desejar-vos uma boa noite para que não pensem que sou algum ser tenebroso que aparece durante a noite.

([Convidado:] "Isso ficou bastante claro.")

Fico contente. Tentei, de facto.

Também devem saber que nada do que se passa nas nossas aulas fica por reconhecer ou por registar — em camadas de realidade para além daquelas que conhecem.

(Para Ron L.) Por isso, se já te incomoda saber que as transcrições vão para Nova Iorque, é provável que te incomode ainda mais saber que essas transcrições vão para locais sem nome e sem espaço. Darei uma palavrinha por ti — assegurarei que o teu nome está bem escrito.

Agora deixo-vos fazer uma pausa. Inocentemente disse "pausa", referindo-me a uma pausa do Seth — o que significa que não estou a invadir o território do nosso amigo — apenas uma piada interna. Mas um dia vou simplesmente manter o Ruburt em transe durante a pausa — e então circularei entre vocês e comentarei o que disserem.

([Gert:] "Durante o tempo psíquico tive uma imagem, penso que de mim própria, como um homem de pé numa zona de relva — como um quintal — e uma mulher. Havia três crianças. Ela carregava uma ao colo, na anca direita — teria cerca de 18 meses. Havia uma de cerca de dois anos e uma de cinco. A rapariga tinha tranças enroladas, usava um grande avental. Não vi o rosto dela, mas tive a sensação de que era minha mulher, e de que eu não estava a ser nada compreensivo ou atencioso para com ela. A minha pergunta é: era eu ou era algo que eu estava a captar de fora?")

AULA DE PES

15 DE JUNHO DE 1971

(Depois de uma discussão sobre reencarnação.)

Desejo-vos agora a todos uma boa noite. Tenho apenas alguns comentários a fazer. Todos vós — incluindo os visitantes — vieram aqui por uma razão, tal como qualquer grupo de pessoas se junta num determinado contexto por um motivo. Há uma razão para terem nascido neste tempo e neste lugar, tal como o conhecem. E, reconhecendo isso, há também uma razão pela qual vieram aqui, a esta sala, tal como a conhecem.

Há, de facto, conexões entre vocês — que chamariam de "conexões passadas" — mas que também se estendem para o futuro, tal como o concebem. Já se encontraram antes, como amigos íntimos, familiares,

conhecidos ou até como estranhos que se cruzaram na rua noutra época e noutro lugar. Por isso, não há nada de estranho em estarem aqui. Simplesmente se reconhecem, e reúnem-se como velhos amigos têm por hábito fazer. E fingem que não se conhecem, que o encontro é novo. Guardam dentro de vós essas memórias, enterradas.

(Para o Joel.) E não te permites lembrar que a Dama de Florença foi uma mestre muito rigorosa, a quem obedeceste na China, durante a dinastia Ching. Ou que a ressentias profundamente. E todo o raciocínio intrincado que aprendeste nessa época, agora escondes de ti mesmo.

(Para a Florence.) E essas conexões que bem conheces, negas.

Estas questões estão, no entanto, mais acessíveis quando estás em Alfa. Mas sugiro que, a partir de agora, comeces a utilizar o estado Alfa II, onde as resistências que tão bem ergues em Alfa I serão, até certo ponto, ignoradas no que diz respeito à informação reencarnacional.

(Para a Sue.) Contar-te-ei toda a história, mas noutra altura — caso ainda não a tenhas descoberto por ti.

Quando eu falo, todos vós reconhecem na minha vitalidade a vossa própria. Como vos tenho dito muitas vezes: quando falo, falo por vós. E podem sentir, como um eco nas minhas palavras, a energia do vosso Eu Interior — que é a vossa verdadeira identidade. E, se o permitirem, a minha voz também pode servir para ecoar outras vozes que já foram vossas noutras épocas e lugares, como o Ruburt referiu anteriormente. Pode também ajudar-vos a familiarizar-vos com a libertação natural da vossa própria energia — e com a alegria espontânea de a expressar.

Então por que razão se restringem? A liberdade está ao vosso alcance agora — tão disponível para vós como está para mim — e até mais fácil de usar, uma vez que estão mais familiarizados com os vossos corpos do que eu estou com o do Ruburt. Usam essa energia inconscientemente todos os dias — e com tanta facilidade e automatismo — que o milagre escapa-vos. No entanto, se escutarem bem, conseguem ouvir a libertação dessa energia à medida que o sangue circula nas vossas veias — dirigido para os propósitos em que acreditam.

(Para o Mark.) Agora, aqui o nosso amigo está a tentar demasiado — e de forma demasiado consciente. Imagina uma corrente ou uma brisa e deixa-te levar com ela. Tens na mente a ideia de que existe uma espécie de barreira ou muro que deves atravessar antes de conseguires sair do corpo — mas isso não é verdade. Deixa a tua energia fluir livremente para fora de ti — e tu fluirás com ela.

(Para a Sue.) O teu amigo era um líder ciumento. Um bom líder, mas ciumento.

([Derek:] "O problema do Mark é ele estar a tentar projetar-se? Eu também tenho problemas em tentar sair do corpo. Nunca tive sucesso, pelo menos que eu saiba, e também penso nesse tal muro de que não consigo sair.")

Tens medo — tal como ele tem, inconscientemente — de cair fora dos limites do universo conhecido. Tens medo de que a mente consciente não funcione fora do corpo, e que apenas o caos te espere. Mas isso não é verdade. Existe aqui uma diferença entre aquilo que conscientemente dizes a ti mesmo e aquilo que, inconscientemente, temes ou acreditas.

Se te imaginares como parte da energia, parte de Tudo o Que Existe, e como uma identidade que cria o teu corpo, então saberás que o estás a criar a cada inspiração. E com cada pensamento e desejo, podes deixá-lo tão livremente como um vagabundo que encontra paz, alegria e contentamento em qualquer canto do universo — e também podes reconstruir o teu corpo com alegria e exaltação, sem recear que ele desapareça ou se desintegre na tua ausência.

([Derek:] "Costumo ficar preso à respiração. Quando sinto que talvez consiga esquecer-me do corpo, a respiração pára e fico preocupado com isso.")

Estás a concentrar-te demasiado nos métodos. Pensa no teu propósito — e os métodos tratar-se-ão por si.

([Joel:] "Acho que, no início, a Jane e o Rob estavam um pouco divididos quanto a verificar ou não a história de Frank Withers. Nunca tentámos confirmar as informações que o Bill deu da primeira vez — que eu, nos anos 40, tinha sido advogado e estudado na Northwestern, praticando advocacia em Chicago, na zona do Loop. A Hazel, na semana passada, passou por Chicago a caminho da costa e conseguiu a morada da Ordem dos Advogados

e outras informações. Finalmente vamos tentar verificar isso. Mas gostava de saber se podes dar alguma indicação sobre como devemos proceder ou se a informação inicial era mesmo precisa. Podes dizer-nos o que devemos investigar em particular?")

O teu problema é este: no início, não é importante se a informação que verificares se confirma ou não — o essencial é que te envolvas na abertura de novos canais. Insistir, portanto, em que toda a informação seja perfeita, sob pena de o teu material não ter valor, é obviamente uma armadilha na qual espero que não caias. Acompanhas-me? Por isso, verifica a informação — porque não te sentirás satisfeito até o fazeres — e depois aplica aquilo que te disse. À medida que continuares, a tua informação tornar-se-á cada vez mais verificável na realidade física que, de momento, consideras a tua. E, se estiveres interessado nesse plano, então sim, terá de haver alguma correspondência entre o que recebes e essa realidade, desde que o solicites. Se exigires isso como parte da validade do que recebes, então assim será — mas não tenhas pressa. Dá-te liberdade e tempo. Compreendes?

([Joel:] "Sim, só me perguntava se terias alguma informação adicional que possamos querer investigar mais à frente. Não é o tipo de coisa em que, se não bater certo, vamos dizer: 'Bem, Bill, és uma fraude, desaparece.'")

Estás a construir uma ponte psicológica. Usa-a e permite-lhe crescer. As fundações começam num ponto e terminam noutro. Ela fortalece-se com o tempo, e poderá ser usada para diversos fins à medida que avanças. Não lhe peças que suporte demasiado peso antes de estar preparada. Dá-lhe tempo. Deixa-a crescer. O Bill tornar-se-á cada vez mais Bill, menos parecido com Seth, mais Bill — e depois, menos Bill e mais outra coisa totalmente diferente. Estás numa viagem. E a viagem cria o seu próprio destino. Tens agora uma estrutura muito mais sólida do que antes e ultrapassaste com sucesso vários buracos em que poderias ter caído.

(Durante o intervalo, discutiu-se o método de leitura de vidas de Grace Rittenberger, especialmente o formulário com perguntas.)

E para o resto de vocês, um quadro muito mais formal ao qual vos devia habituar. Far-vos-ia bem a todos. Não o tolerariam, mas seria benéfico.

(Para a Mary Ellen.) Peço desculpa pela interrupção.

Eu próprio não gostaria, mas seria uma boa ideia para eles. Colocá-los-ia em forma. Mas, temperamentalmente, nunca fui adepto de estruturas rígidas. Terei de inventar uma — é um belo desafio. Quero mostrar-vos que mesmo depois da morte ainda se tem temperamento, caso alguém tivesse dúvidas.

(Para a Florence.) Especialmente para a nossa Senhora de Florença ali no canto. Este intelecto vai continuar a atormentar-te. Quero que saibas disso. Resolve as tuas contas com ele agora e leva-o contigo nas tuas jornadas. És tu quem mantém o intelecto num quarto fechado, enquanto a tua intuição lhe quer dar mais liberdade. As divisões não existem — são miragens.

(Para a Mary Ellen.) E agora sim, peço desculpa.

(A Jane pediu à turma para entrar em estado Alfa para aceder às suas impressões.)

Agora receberam uma pequena visão de como funcionam as vossas memórias interiores. Reagem aos outros não só pela posição ou relação que têm convosco neste tempo e lugar, mas também por memórias do passado e, nos vossos termos, por memórias do futuro. Porque o que fazem hoje afeta não só o futuro, mas também o passado, tal como o entendem. As palavras que pronunciam agora afetam o passado, porque o tempo tem pontas abertas. Se pensarem no tempo como uma linha, o que quero dizer é que ele não é aberto apenas nas extremidades — o tempo não pode ser considerado como uma única linha. Ele estende-se em todas as direções — as que conseguem conceber e as que não conseguem.

Não compreendem a natureza da criatividade, e por isso não conseguem compreender a natureza do tempo. Por isso, quando vos digo que o tempo tem pontas abertas, por agora contento-me que compreendam que podem afetar tanto o passado como o futuro a partir do vosso ponto presente — e isso, na verdade, é muito simples. Mas a realidade é muito mais complexa.

O nosso amigo Joel reage à nossa Senhora de Florença tal como ela lhe aparece agora, neste tempo e neste lugar, mas também como a pessoa que ele foi, nos vossos termos. E a Senhora de Florença reage também como a pessoa que foi, nos vossos termos.

Mas, em termos mais vastos, não são apenas as pessoas que foram — são também as pessoas que serão. Por isso, são afetados também, no presente,

pelas vossas futuras reencarnações, bem como pelas passadas. E, assim, no presente, podem dizer algo que altere o passado. E daqui a 5.000 anos, poderão falar com os vossos "eus" atuais e transmitir uma mensagem que, nesse momento, entenderão.

Podem abrir-se a esta realidade ou negá-la. Podem abrir-se a ela em sonhos, ou se preferirem, em devaneios. Podem, com o vosso espelho interior, aceitar essas outras personalidades, procurá-las e reconhecê-las — ou fingir que não existem. Mas isso não nega de forma alguma a validade da vossa personalidade inteira.

Se quiserem compreender a personalidade humana ou lidar com a psicologia do ser, têm primeiro de examinar o vosso próprio ser — e não o podem fazer como quem examina uma pedra. Têm de se tornar o vosso próprio veículo e viajar pelas realidades que existem dentro de vós. Viajem pelas vossas reações aos outros — e encontrarão as respostas que vos parecem escapar. Sigam atentamente, mesmo aqui na aula, as reações que têm uns aos outros — e elas levar-vos-ão por caminhos interiores. Não pensem: "Isto pode ser verdade, mas é fantasia." Sigam-no até ao fim, vejam onde vos leva — e só então o avaliem. As respostas nunca estão fora de vós. Não estão no Bill. Não estão no Seth. Estão na Sue, na Bette, na Mary Ellen, na Natalie, no Joel. Estão em cada um de vós.

(Durante o intervalo, discutiu-se o tema anterior.)

(Para o Arnold.) Podes vivê-lo — e depois deixar que o intelecto compreenda aquilo que o Eu interior já aprendeu.

([Arnold:] "Se os nossos intelectos forem capazes disso.")

São capazes de muito mais do que lhes permitis ser — desde que não os limites com ideias sobre o que é ou não possível. Foi uma boa pergunta. E teve uma boa resposta. Não se trata do que eu espero de ti, mas sim do que tu esperas de ti mesmo. E é isso que eu esperava de ti.

Agora, antes de vos desejar uma calorosa boa noite, deixem-me dizer-vos que todos os que vêm regularmente a esta aula, se ainda não se aperceberam, são as ovelhas negras do universo. Querem seguir o vosso próprio caminho. Não querem dogmas. Não se satisfazem com corações e flores. Não é um caminho fácil — e todos sabem disso. Já passou o tempo de se deixarem

encantar por outras personalidades, incluindo a minha. Está na hora de se encantarem com a vossa própria. Está na hora de se sentirem independentes o suficiente para se lançarem, a partir da vossa realidade subjetiva, para outras. Para emergirem, largarem os trapos de todos os dogmas. Não para os substituírem por outros, mas para conquistarem a liberdade de reconhecer que a autoridade suprema é Tudo O Que Existe — que reside dentro de vós e fala com a vossa própria voz.

(Para a Mary Ellen.) Ouve a tua própria voz — com orgulho e alegria. Não sintas que precisas dos outros. Reconhece a autoridade que habita em ti e assim desenvolverás e usarás as tuas próprias capacidades.

(Para o Mark.) E tu, aí desse lado, sê mais descontraído nas tuas experiências. Tens a determinação que esta aqui tem (Gert), mas precisas da leveza — e ela virá com facilidade, se te permitires isso.

Esta é uma grande ocasião para o nosso amigo Ruburt, já que a sua secretária e todo o material de escrita estão agora noutra sala. E, como sempre faço — não só para mostrar aos convidados e supostos estranhos a natureza da vitalidade, mas também para a gravar bem fundo no vosso conhecimento — deixem-me lembrar-vos mais uma vez que essa vitalidade é vossa. A vida, seja física ou não física, é feita de plenitude. Não é necessariamente silenciosa. Não é, de forma alguma, serena. E embora a minha voz não ressoe como o riso inocente das crianças, essa mesma vitalidade que as preenche também me preenche a mim — e a cada um de vós. Quando a ouvem aqui, sintam-na dentro de vós. Deixem-na emergir. A vida não é quieta, nem calma. Tudo O Que Existe não é algum homem de cabelo comprido com cara de santo. E a alma em que acreditam não é uma nota distante e silenciosa, separada da vossa realidade. É o pulso que bate em vós — na pupila do vosso olho, no dedo grande do pé, no vosso cotovelo. Não é necessariamente adulta. Não é necessariamente digna. É a força que vos dá vida. E não a contenham.

E assim, desejo-vos a todos uma calorosa boa noite — até ao nosso amigo chinês aqui presente. E as bênçãos que tenho para vos dar, dou-vo-las. As que não tenho — terão de as procurar por vós próprios.

Agora quero que comecem a habituar-se ao estado Alfa II, por isso peço-vos que tirem os olhos deste rosto encantador e fechem os olhos. Quero que percebam que as vossas perceções, neste momento, estão limitadas apenas

porque escolheram limitá-las anteriormente. Os sentidos interiores, no entanto, estão livres. A vossa perceção não está limitada idealmente, nem está limitada na prática, uma vez que compreendam isto. No estado Alfa I estão habituados a dar apenas um passo adjacente àquilo a que chamam consciência.

Agora quero que deem mais um passo além disso. Quero que percebam que são altamente percetivos, que à vossa volta e em todas as direções os sentidos interiores se estendem. Estão no meio de outras realidades. Estão habituados a bloqueá-las e agora estão a aprender a aceitá-las; a abrir as vossas perceções; a abrir portas que têm estado fechadas.

Quero, portanto, que imaginem, nas vossas mentes, o Alfa II e uma porta que esteve fechada e que agora se abre. É uma porta próxima. Um lugar por onde já caminharam muitas vezes. Cada um verá diferentes sinais e imagens ao abrir esta porta, pois ela terá significados distintos para cada um de vós. Mas quero que se vejam a abrir essa porta e a atravessá-la.

Para além dessa porta existem realidades que sempre conheceram, e pessoas com quem sempre conviveram. Quero que abram livremente os olhos interiores e vejam os rostos delas. Abram o vosso núcleo interior e oiçam as suas vozes. Quero que caminhem livremente e com alegria dentro destas outras realidades que existem agora tão seguramente como esta sala em que estão.

Quero, por isso, que cada um de vós comece a abrir os sentidos interiores e os dirija por estas vias. O corpo físico não vos impedirá — na verdade, até ajudará, pois mesmo dentro da carne estão mecanismos que ajudam os sentidos interiores a funcionar neste ambiente. Assim, um a um, os sentidos interiores podem começar a operar, permitindo que o que virem se torne claro, e o que ouvirem se torne audível, nítido e forte. Quero que compreendam que estão a vislumbrar uma realidade que existe agora, nos vossos termos, que existiu no passado e, nos vossos termos, existirá no futuro. Uma realidade que, contudo, é instantânea e tão parte de vós como o vosso próprio batimento cardíaco. Quero que aprendam a manipular nesse ambiente. Quero que olhem livremente à vossa volta dentro dele. Quero que reconheçam o núcleo de identidade dentro de vós que está familiarizado com esse ambiente interior, pois, a partir desse ponto de vista, outras realidades também se abrem. Outras portas que também podem atravessar; outros

canais de conhecimento que estão à vossa disposição. Agora, quero que descansem aqui um momento. (Longa pausa.)

Agora quero que avancem mais além e visualizem, nas vossas mentes, se preferirem, ainda outra porta, ou caminho, ou avenida, ou beco, ou rua, ou paisagem — mas uma nova realidade que se abre ao lado desta. Uma realidade envolvida com probabilidades; e, ao vislumbrarem essa realidade, verão que ela é muito mais vasta, e que se abre para outras áreas, campos e salas.

A partir deste ponto de vista, podem sentir as outras probabilidades que irradiam de vós como raios de luz. As outras probabilidades que criaram automaticamente, com alegria e criatividade. Quero que sintam a realidade delas, a sua força e vitalidade, e percebam que também reforçam a vossa vida e a vossa existência.

Agora quero que, os que forem capazes, avancem ainda mais, pois vamos viajar para além desses campos de probabilidades onde todos os tempos nascem. Vamos entrar numa outra dimensão onde o tempo não é fabricado e os momentos de qualquer tipo não existem. Um imenso sistema de começos para além de qualquer começo que tenham imaginado, onde todas as criações nebulosas existem em forma incipiente. Onde todas as probabilidades existem, nos vossos termos, ainda não nascidas; e, no entanto, em termos mais amplos, já a ganhar forma e a entrar numa nova existência. E também aqui têm uma realidade; e essa realidade, de certa forma, alimenta a vossa própria existência e estende-se até ao sistema que conhecem, mesmo que normalmente não estejam conscientes disso. E isto é apenas nas margens e fronteiras do sistema em que vivem. Pois para além disso há ainda outros começos tão estranhos que não os consigo explicar, mas que estão ligados à vossa vida; e encontram existência e expressão até nas pequenas células do vosso corpo físico.

E agora vou pedir-vos que regressem lentamente por estas dimensões, fazendo apenas breves pausas. Quero tentar colocar a existência física numa nova perspetiva para vós. Todos vós nasceram neste tempo e lugar.

Alguém aqui esta noite disse que parece que só se aprende o que é a vida e quem se é, quando ela já está a acabar; que o tempo é breve. Outro estudante falou do pai já idoso. Aqueles de vós que ainda têm os pais vivos

vêem-nos envelhecer dia após dia, e o desprezo da juventude dá lugar à compaixão que os anos trazem, e a fanfarronice transforma-se em compreensão. E, no entanto, dentro dessa compreensão ainda há bravura.

Estão a ensinar a vós mesmos o valor da consciência, da vitalidade, da força e da vida — fingindo que a morte é fim absoluto, e que a vossa consciência não continuará; que os vossos pais, ao morrerem, ficam eternamente calados; fingindo que as vozes que ouviram em criança jamais voltarão a ser ouvidas; fingindo que, ao dar o último suspiro, a vossa consciência se extingue para sempre. Estão a ensinar-se a si mesmos o valor do ser, e escolheram este contexto para o fazer. Escolheram a intimidade intransponível da tragédia, da carne e da dor, para aprenderem a exultante, indestrutível natureza da vossa própria vitalidade, energia e canção. E estas lições servem-vos bem — e aquilo que aprendem irradia de vós em todas as direções, e cada triunfo não vos pertence só a vós, mas alcança até as dimensões de que vos falei.

Agora peço-vos que regressem com carinho à vossa imagem e ao conhecimento que têm dela. Ao conhecimento íntimo da carne, dos ossos e das células. Ao conhecimento íntimo da terra da qual, pelo menos agora, brotam — e à qual a semente parece retornar — pois escolheram um bom mestre: a terra que criaram. Por isso, confiem nela. Abram os olhos e regressem a esta sala.

(Durante o intervalo houve discussão sobre as experiências em Alfa.)

Ainda não terminei convosco. Vamos aprofundar também o plano emocional nas aulas futuras. Não vos deixarei esquecer isso — mas, por hoje, o experimento ainda não acabou.

(Para o Buddy:) As respostas estão dentro de ti. Confia em ti próprio. Não andes de mestre em mestre. Tudo o que os mestres sabem é como olhar para dentro. Olha para dentro da tua realidade e aí encontrarás as tuas próprias liberdades, as tuas próprias verdades, o teu caminho, as tuas perguntas — e essas levar-te-ão às tuas respostas.

Agora quero que façam várias coisas. Primeiro, ao ouvirem a minha voz, quero que se lembrem da pura vitalidade física que é agora parte do vosso ser. A vida física, que não compreendem, é agora o veículo de expressão do vosso eu. Quero que tenham consciência íntima dela e percebam que o

sangue corre nas vossas veias com tanta força quanto esta voz fala. Depois, quero que nos deem um breve momento para que vos possa mostrar, até certo ponto, as vastas distâncias, nos vossos termos, em que a vossa realidade tem significado. As dimensões de existência nas quais também têm parte.

(Longa pausa, e Jane entra em transe mais profundo.)

(**Seth II**:) Estão a ser feitas certas traduções para que estas comunicações façam sentido para vocês. Queremos que fechem os olhos ou os deixem desfocar. Os vossos pensamentos sugerem que usem estes sons e orientações. Aqueles entre vós que conseguirem, agarrem-se a esses sons e deixem-se levar por eles — vamos tentar um experimento, por sugestão do vosso Seth. A nossa energia é vital — muito mais do que a vossa. A nossa energia cria mundos. O excesso da nossa energia transborda para outras criações. Ajudamos a sustentar as vossas vidas, tal como vocês sustentam existências de que nada sabem. Observamos-vos, tal como vocês observam os outros, mas a distância é tão vasta, nos vossos termos, que a comunicação torna-se difícil. Não observamos como formas humanas. Vocês percebem-nos assim, de forma distorcida. Nos vossos termos, as nossas formas seriam geométricas. Não compreendemos claramente a natureza da realidade que estão a criar, mesmo que as sementes vos tenham sido dadas por nós. Respeitamo-la e veneramo-la. Observamo-la tal como observamos outras. Não deixem que os fracos sons que vos chegam vos confundam. A força por trás deles seria suficiente para criar o vosso mundo tal como o conhecem e sustentá-lo durante séculos.

(Durante o intervalo, houve discussão sobre o que foi dito.)

(**Seth:**) Despeço-me com uma calorosa boa noite e o experimento continua — continuará durante a semana, enquanto seguem as vossas tarefas diárias. Agora, nada vos impede de observar os observadores — e isso deve intrigar-vos, especialmente a ti.

([Ron L.:] "Consegues ver, por outras palavras, quando a Jane está a falar, consegues ver a sala ou vês apenas a sala?...")

Quando estou a falar — quando estou a falar, forço-me a concentrar nesta porção minúscula de espaço e tempo que vocês consideram ser esta sala,

neste momento. Quando o Ruburt é o Ruburt — ou, se preferirem, quando o Ruburt é a Jane — deixo que ele se ocupe das suas próprias perceções, e limito-me a estar ciente de vocês tal como são. Isto significa que tenho consciência das vossas identidades tal como são, e não me limito à pessoa única que acham que são neste momento. Posso, por exemplo, olhar para cada um de vocês conhecendo as suas existências reencarnacionais, e não me limito a comunicar com o "eu" único que pensam ser.

([Ron:] “Estarias ciente, por exemplo, do pote que está na mesa?”)

Só se tivesse interesse no pote que está na mesa.

([Ron:] “E como é que te apareceria?”)

Como um pote na mesa.

([Ron:] “Tal como aparece para nós?”)

Quando uso perceções na vossa realidade, traduzo automaticamente os dados interiores em termos físicos; caso contrário, não estou limitado a esse tipo de perceção. Posso ver o que consideram ser esse pote de várias formas diferentes, por exemplo. Não preciso de o perceber como um pote, mas posso percebê-lo como tal. Vocês **têm** de o perceber como um pote.

E agora, despeço-me com uma boa noite...

([Ron:] “Não respondeste à minha pergunta.”)

Respondi, sim, mas tu não ouviste a resposta. As tuas perguntas obcecaram-te e não ouviste.

([Ron:] “Era apenas uma questão geral, se conseguias ver a sala nos mesmos termos em que nós a vemos, mesmo quando não estás a ver através dos olhos da Jane — se quisesses — ou se...”)

Se quisesse, sim. Mas haveria pouca razão para limitar assim a minha própria perceção. A realidade da sala, tal como a conhecem, é apenas uma **parte** da minha perceção total dela. Agora, quando leres a transcrição, verás que a resposta inteira, da forma mais simples possível, está nessa última frase.

([Ron:] “Respondeste à pergunta, percebo.”)

Obrigado.

([Buddy:] “Qual é o teu destino?”)

Não conheço o meu destino — nem mais nem menos do que uma gota de chuva conhece o seu. Confio na natureza da vitalidade e do ser, e porque **sou**, cumpro o meu destino — tal como tu cumpres o teu, simplesmente **por seres**.

([Buddy:] “E essa é a resposta para tudo?”)

Essa é a resposta à pergunta que **me fizeste**, tal como a colocaste. **Não** é a resposta à natureza da realidade ou à responsabilidade da consciência.

([Buddy:] “Então podemos falar disso um dia?”)

Podemos, sim.

([Bette:] “Na semana passada disseste que somos as ovelhas negras do universo e eu quero saber: todas as ovelhas negras do universo têm covinhas?”)

Ora, há certas questões para as quais, mesmo na minha imensa profundidade, **nem eu** tenho resposta — e essa é uma questão que teremos de remeter a professores maiores do que eu.

([Natalie:] “Havia alguma verdade nas impressões que recebi de ressentimento da parte da Jane?”)

Houve, sim, uma relação desse tipo — e o nosso amigo aceitou muito tristemente uma posição servil, depois de ter sido um grande líder. E, nessa segunda vida, tentou ensinar-se a humildade. Mas foi um aluno muito lento.

E agora despeço-me com um afetuoso boa noite — lembrando-vos que o experimento continua.

AULA DE PES

29 DE JUNHO DE 1971

(Depois de uma discussão sobre a aula da semana anterior.)

(**Seth II:**)

O experimento continua. Peço àqueles de vós que estão prontos que me sigam — tal como vos observámos, sigam-nos à vossa maneira. Não tentamos apenas observar, mas sim **apreciar** a natureza da vossa existência presente. Por isso, àqueles que estão curiosos e dispostos a compreender a natureza da realidade não-física, sigam-nos o mais longe que conseguirem, usando a voz como guia para uma existência que não tem realidade **nos termos físicos**, que não conhece sangue nem tecido, que não conhece mãos nem dedos nem braços.

Sigam para além do conhecimento da carne, até aos domínios dos quais a carne nasceu — e ainda nasce. Sintam o núcleo da vossa consciência erguer-se como uma das vossas sementes, acima do conhecimento das estações, para lá da sensação dos vossos dias e momentos, para lá das relações de sangue, para lá de todos os laços que tomam como garantidos. No caminho, sentirão uma solidão insuportável. Estão tão habituados a relacionar-se com a vitória cálida da carne, que esta experiência parecerá isolada. Não haverá ser físico com quem se possam relacionar. E, no entanto, para lá disso, **através da solidão**, há um ponto de luz — a consciência — que pulsa com o poder por trás de todas as emoções que conhecem, e que as alimenta; que as envia a cintilar, a saltar, para a realidade que conhecem. Um calor que forma o próprio pulso da existência física, e que, ainda assim, nasce da **devoção do nosso isolamento**; que nasce da criatividade que está para lá da carne e dos ossos; que forma dedos sem sentir dedos, que forma estações sem conhecer a primavera, que cria areia sem conhecer areia ou chão, que cria a realidade que vocês conhecem sem a experienciar diretamente; que forma pais, filhos, filhas e mães sem saber o que são pais, mães, filhas e filhos.

E, no entanto, dessa devoção, dessa criatividade, surge **tudo** o que conhecem. E **tudo isso** também nos foi dado — pois a energia que temos não é só nossa, nem somos a fonte dela. Ela flui através de nós como flui através

de vocês. O experimento, então, continua, como sempre continuou — mas vocês não estavam conscientes disso.

(Depois de uma discussão sobre o que foi dito.)

(**Seth:**)

Esta noite não estou aberto a perguntas. Fica resolvido.

(Para o Joel:)

Quero fazer um comentário. A tua imagem foi excelente e, nos teus termos, representa as características do espaço tal como te relacionas com ele — e também esses bolsões negros de que os físicos falam, onde todas as realidades se precipitariam, por assim dizer. Mas esses são outras dimensões da realidade, onde a realidade que conheces é automaticamente traduzida em termos diferentes — não é anulada, mas sim transformada.

Agora, anteriormente, o Ruburt disse-te para dares dois passos para a esquerda. Estás pronto para desenvolver ainda mais as tuas capacidades, e dois passos nessa imagem irão ajudar-te. Há aí uma personalidade bastante fiável — e não vamos discutir os termos — nessa área, que, nos teus termos, é um composto do Bill com outra pessoa. Uma espécie de crescimento do Bill, se preferires, e pode ser a tua chave pessoal de contacto.

Agora, todos vós — os alunos regulares — têm vindo a experienciar, de certo modo, mobilidade da consciência. Estão a aprender a usar o eu interior como aprenderam a usar os braços e as pernas. E, à medida que prosseguirmos, encontrar-vos-ão noutros níveis de realidade e serão capazes de se mover neles. Isto é apenas o início de cursos em que estarão envolvidos, e encontrarão os vossos próprios eus nesses outros níveis de realidade, tal como já se encontraram em situações reencarnacionais nesta sala. Assim, não só serão capazes de se relacionar com o indivíduo físico aqui, neste tempo, neste espaço, nesta sala — como também com outras partes da vossa personalidade, nos vossos termos, que existiram no passado ou existirão no futuro. E percebam: fizeram muito pouco trabalho em relação ao vosso futuro, nesses termos.

Estou a fazer isto também para ajudar o Ruburt a descer [mais profundamente em transe] e para vos dar informação, pois esse símbolo foi bom (para o Joel).

Aos que não são alunos regulares, dou-vos as boas-vindas. E ambos também já viajaram pelo tempo. Embora seja mais difícil arranjar boleias assim.

([Joel:] "Eu e a Bette temos andado nisto hoje — vem de outras semanas — sobre a questão dos índios. Mas há aqui coisas poderosas, e seria muito bom se quisesses falar disso um pouco.")

Porque é que não o vivem até ao fim?

([Joel:] "Bem, quase o fizemos.")

O Ruburt também falou de sonhos reencarnacionais.

([Joel:] "Fiquei com a sensação de que esta noite não seria a melhor altura para isso — pelo ponto de vista do Ruburt.")

AULA DE PES

6 DE JULHO DE 1971

([Jane:] "Acho que, se aceitarmos as nossas experiências apenas ao nível superficial, não estamos a aprender tudo o que poderíamos. Aquele pequeno drama que se desenrolou entre a Bette e o Joel, por exemplo — há nele respostas que nem sequer começámos a alcançar ainda. E aceitar tudo apenas ao nível literal pode desviar-nos. Há uma força e uma energia fantásticas na Bette e no Joel. E compreender verdadeiramente o que fizeram exige que ultrapassemos conceções estereotipadas. E que, de parte a parte, haja um grande trabalho de compreensão pessoal e introspeção. Aceitar o que cada um de vocês está a tentar fazer à sua maneira.

"Mas penso que o Arnold, tanto como qualquer outro, tem sido esmagado por esse estereótipo. Ele queria manifestar uma personalidade como o Joel o faz, ou como a Jane faz, ou queria receber informações de uma forma muito específica. Quando, na verdade, ele já as tem, e sabe que as tem. Mas queria que surgissem de uma forma determinada. Quando, na realidade, tudo o que precisa de fazer é dizer: 'Não me importa como se manifesta, porque eu sei

que está lá’. Por baixo da tua humildade, há uma recusa em aceitar a tua própria divindade.”)

([Arnold Pearson:] “Concordo com a tua primeira afirmação.”)

([Jane:] “Que é uma negação.”)

([Arnold:] “Com isso é que não concordo.”)

([Jane:] “Porque todos vocês têm de se confrontar com a divindade que há dentro de vocês — alguns com o lado mais sombrio, sim — mas com a divindade também. E se for isso que vos assusta, então não há nada a temer.

“Se eu conseguisse, se conseguisse mesmo, fazer com que qualquer um de vocês — especialmente tu, porque és novo aqui e não te conheço — se abrisse para a validade fantástica deste momento, ou de qualquer momento das vossas vidas, em todas as suas ramificações, em todas as suas dimensões... que maravilha seria! E o quanto terias para partilhar com os outros. Se o conseguisses viver de forma pura, livre, independentemente de tudo o que eu diga, por ti mesmo, com todas as barreiras em baixo — seria algo fantástico para qualquer um de nós, incluindo eu própria, porque é isso que todos procuramos alcançar. Já estou a ficar condicionada agora, não quero dizer: ‘Sue, o que é que estás a receber?’ Sue, o que é que estás a receber?”)

([Sue Watkins:] “Uma cãibra de tanto escrever.”)

([Jane:] “A Sue está a tirar apontamentos.”)

([Estudante:] “Sinto-me um pouco em sintonia com o que estamos a fazer na aula... Tenho andado a escrever imenso...”)

([Jane:] “Ótimo. Sinto que temos uma enorme quantidade de força e energia, e que agora podemos usá-la como nunca antes. Mas se estão à espera que eu traga o Seth, deviam estar igualmente ansiosos por ouvir os vossos próprios eus interiores. E se eu vos mostrar vários aspetos bastante diferentes da personalidade, então deviam senti-los dentro de vós, porque são todos vossos. Estão apenas tão habituados a focar-se nessa parte que insistem em chamar de ‘eu’ que não conseguem fazer essas transições. Mas eu consigo fazê-las. Estou a aprender a fazê-las cada vez mais. E vocês também

conseguem — sem qualquer sentido de divisão — com total naturalidade. E é isso que quero que aprendam. E sim, tirei-vos alguns dos vossos cobertores de conforto... mas não chorem, porque vou dar-vos algo melhor em troca.”)

([Bette Zahorian:] “E eu estive aqui cinco minutos a mandar-te mentalmente pousar essa maldita caneta, que ele não parava de bater, e finalmente ele parou.”)

([Estudante:] “Porque é que não me disseste diretamente?”)

([Bette:] “Se continuasses, eu ia esquecer o pensamento e levantar-me para tirar-te a caneta.”)

([Jane:] “A questão é esta: vocês procuram maravilhas em mim, quando deviam procurar maravilhas em vocês próprios. E elas existem. Pensam que não, mas há todos os tipos de maravilhas dentro de vocês. Cada um de vocês... é fantástico. E com aquilo que escrevi esta noite, também me ocorreu que, como estamos a ser abordados pessoalmente — se ouvirmos —, em certa medida as mensagens são diferentes. São dirigidas a cada um de nós, conhecendo as nossas necessidades, características, tudo isso. Portanto, vão receber a mensagem... de forma diferente. E tudo bem.

“Mas sei que, se olhasse para cada um de vocês e para os eus que pensam que são — com a pequena experiência que tenho do ‘eu’ que pensava ser e afinal não sou — vejo que têm todos imensas potencialidades agora, não como algo para o qual têm de esperar ou trabalhar, mas algo que já possuem. E quando me olham e querem que o Seth fale, e quando não querem saber o que a Jane tem a dizer, mas sim o que o Seth tem a dizer, estão a negar a vossa própria realidade. Estão a negar a vossa própria voz interior. Porque estão a dizer: ‘Bem, a Jane é só uma pessoa, e não pode saber, mas o Seth sabe. E eu sou uma pessoa, e não sei, mas o Seth sabe’. Mas sem mim o Seth não podia falar, e sem os vossos eus interiores vocês também não teriam conhecimento nenhum.

“Vi na semana passada, quando o Bill começou a falar, que a turma mudou de direção. Todos olharam e escutaram o novo professor, esperando que ele tivesse as novas respostas. Que se formulassem as perguntas de forma diferente, talvez ele as respondesse. Que alguém dissesse: ‘Aqui estão as respostas, é isto’. O Joel já viu isso acontecer, quando as pessoas mudavam

do grupo dele para o meu. Já vi isso com o Buddy, que vinha para aqui vindo de outro orientador. Onde as pessoas estão sempre a correr para os outros. E, no entanto, as mensagens que vos damos são: olhem para dentro. Ouvem isso e parece ótimo, mas ignoram-no até certo ponto. Não devia estar a dizer isto aqui, porque a maioria de vocês, em maior ou menor grau, está mesmo a olhar para dentro e a fazer esse trabalho. Mas a divindade — e existe divindade — está em vocês, tanto como em mim, tanto como numa árvore. E é isso que vos quero ensinar. E é por isso que a aula vai continuar.")

([Bette:] "Quero só dizer uma coisa. Quando o Bill apareceu, claro que todos olhámos. Era alguém que alguns de nós aqui nunca tínhamos ouvido antes. Eu falei com ele porque ele falou comigo. Se não o tivesse feito, não teria insistido em falar com o Bill. Gostei de falar com ele. Mas quanto a pensar que podia aprender mais ouvindo-o do que vindo aqui ou ouvindo a mim própria — não. Porque se o Joel é capaz de fazer isto, então eu também sou. Se ele consegue olhar para dentro, então eu também consigo.")

([Jane:] "Está bem.")

([Estudante:] "É verdade o que disseste [referindo-se à Jane], porque olhando para trás, foi exatamente o que senti quando... o Joel olhou para mim e eu pensei: 'Talvez algo aconteça'.")

([Jane:] "Foi um pouco triste, porque enquanto vos observava todos a gravitar nessa direção, pensei: 'Eles olham para mim sem espírito crítico'.")

([Bette:] "Não acho que seja justo dizer que todos fizemos isso, Jane. Eu não fiz. Olhei, sim, claro que olhei.")

([Jane:] "E também não quero que o Joel se deixe colocar nesse pedestal.")

([Joel:] "O motivo pelo qual o Bill não apareceu muito antes foi precisamente esse que a Jane referiu — e já não me interessa o que digam.")

([Jane:] "O Joel sente essa necessidade, percebem?")

([Bette, para Jane:] "Mas tu própria disseste nas aulas ao Joel que, sempre que ele quisesse deixar o Bill manifestar-se, que o fizesse. Disse ou não disse?")

([Jane:] “Sim, Bette.”)

([Estudante:] “Só queria ser ouvido antes de mudarmos de assunto. O sonho de grupo que eu não conseguia recordar era precisamente aquilo que tu, Jane, acabaste de dizer agora. E eu até mencionei algo esta noite, antes da aula começar, que me lembrei entretanto. O Seth estava a falar. Ele queria saber porquê, exatamente como disseste, por que é que todos nós gravitamos para essa área específica; por que ouvimos uma voz em vez de outra, ou se deveríamos, ou não, fazer isso — exatamente aquilo que acabaste de dizer... Eu já te tinha contado antes da aula começar.”)

([Jane:] “Tudo o que quero é que, quando ouvirem a vossa própria voz interior, não desconfiem dela. Quero dizer: porque é que, quando vem da voz de outra pessoa, de repente essa mensagem parece autêntica, mas quando é vossa, já não é? Desconfiam da vossa própria experiência e, por alguma razão estranha, confiam mais na dos outros — e é precisamente isso de que vos quero libertar.”)

(Discussão em grupo.)

Nunca disse que era uma personalidade indefinida a vaguear pelo espaço. E não apenas não o digo sobre mim, como também não aceito que o digam de vocês próprios. E incomoda-me quando o fazem. Cada um de vocês é único e individual, e todos são extremamente originais. E como o Ruburt tão bem disse, cada um tem os seus próprios caminhos de acesso à experiência e à compreensão.

([Joel:] “O que queria dizer, em vez de ‘indefinido’, era que não posso aceitar que sejamos personalidades rígidas e estruturadas.”)

Tens razão. E vou tentar dizer-te — mais uma vez — o que já tentei explicar-vos um milhão de vezes à minha maneira, e que marca a diferença entre os meus ensinamentos e tantos outros: há alegria e vitalidade na vossa existência física.

Espero que, ao lerem estas palavras, o façam várias vezes, pois estou a dizê-las da forma mais clara possível. Estas são as formas pelas quais aquilo que vos digo se diferencia das histórias estereotipadas de que o Ruburt falava. Primeiro que tudo, não há nada de errado com a existência física. Não nascem marcados por qualquer “pecado original” — nem cristão, nem

freudiano. Não são o resultado falhado de uma experiência levada a cabo por cientistas superiores de outro planeta. Não vêm ao mundo já danificados ou limitados.

Há espiritualidade nos vossos tecidos. A existência física é sagrada e boa. Os átomos e as moléculas são sagrados. A vossa consciência é sagrada, assim como o vosso dedo mindinho do pé. Vocês podem aspirar e devem fazê-lo, pois isso faz parte de vocês. Mas Tudo O Que É já está dentro de vós. Não precisam de atravessar mundos, nem encontrar pequenos deuses frustrados a vigiar portais que vos testam, como dizem alguns médiuns. Não precisam de adotar rituais fixos. Só precisam de olhar para dentro e encontrar aí a fonte da vossa exaltação, da vossa criatividade e da vossa canção.

O Ruburt tem-se perguntado muitas vezes acerca desta voz — e vocês também. E a verdade é que, à medida que a voz se intensifica, isso acelera a vossa consciência. Modifica vibrações de que nem têm consciência. Ajuda a construir a ponte psicológica de que todos fazem parte quando estão nesta sala. Não há parte alguma de vocês que não seja sagrada, eterna, ou digna. As respostas estão, de facto, dentro de vocês. Não posso dá-las. Só vos posso indicar a direção — e essa direção é para dentro.

O Ruburt estabelece contacto comigo, mas, uma vez estabelecido esse contacto, eu sou como um campo vital e em expansão ao qual finalmente se acede. Cabe-vos a vocês explorar esse campo, colher as vossas próprias "flores de tolo" e encontrar os vossos próprios caminhos. Neste momento, esse campo está presente. O campo da minha realidade e, no fundo, da vossa realidade. E cabe-vos investigá-lo com o intelecto e com a intuição, descobrindo nele os vossos próprios trilhos. As suas fontes nascem do vosso próprio ser e da nascente de criatividade que está em cada um. O verdadeiro mestre está dentro de vós. Vocês são o mestre que ainda não reconheceram. E a voz que fala nos vossos sonhos é a vossa própria voz, falando a partir das fontes antigas de conhecimento que vos pertencem.

Já vos disse muitas vezes que não sou um espírito misterioso que murmura na noite. Sou eu mesmo, mas sou também a parte sem voz de vocês próprios. Sou alturas que já alcançaram sem saber. Sou o vosso próprio batimento cardíaco. Tenho a minha individualidade, sim, mas isso não impede que exista um ponto de encontro entre o que eu sou e o que vocês são.

Já vos disse, a vocês que são alunos regulares, que o tempo do jardim de infância acabou. Têm andado a partilhar segredos noutro nível, em termos reencarnacionais. É uma extensão do que já faziam antes, mas agora acelerado. Quero que aprendam a olhar através das imagens que não existem, mas que veem nas vossas mentes. Quero que olhem através dos deuses e dos demónios, através da vítima e do algoz, até que compreendam o que é realmente a vossa criatividade.

Quero que compreendam que, neste momento, as vossas próprias células respondem ao que digo — não porque sou eu quem o diz, mas porque são as vossas células a falar através da minha voz. Porções esquecidas de vós a que não costumam dar ouvidos. A voz que clama no deserto é a vossa. E a voz que responde desde eras distantes — que não compreendem — é também a vossa. Têm contrapartes. Não estão sós. Têm irmãos e irmãs que não reconhecem.

Existem estratos da consciência que atravessam a noite — na vossa linguagem atual — e que já conheceram o cântico, o sentimento, o amor. O ar que vos toca o rosto está vivo. Também ele já conheceu o amor e a exaltação, e voltará a conhecê-los.

O que vos estou a dizer contém respostas — se tiverem a sabedoria de as captar. Na força que sentem, há respostas — se tiverem a sensibilidade de reconhecer que essa força também está em vós. Ouçam, nas entoações da minha voz, o êxtase que vibra através do vosso próprio ser. Ouçam todas as histórias que os vossos eus vos contam. Os segredos que voam pelo ar — é isso que vos tenho estado a dizer este tempo todo.

(Durante o intervalo, Astor partilhou a sua visão sobre o Seth e o material.)

(Para Astor:) Já me ouviste antes, e já me escutaste antes, e já discutiste comigo — como este aqui também adora fazer. E houve um tempo em que tu e Ruburt brincaram juntos nos rios, em criança. Disse a este grupo que foi uma boa aproximação ao meu modo de ser.

Dou-vos uma ponte — e já vo-lo disse. Vocês experienciam-me como uma personalidade particular, e com ela se identificam. Eu, por minha vez, identifico-me convosco enquanto personalidades que acreditam ser. Mas isso

não quer dizer que o que veem da minha personalidade me define, nem que a vossa personalidade vos define a vocês.

(Para Joel e Bette:) Escaparam, na aula da semana passada, aos vossos papéis físicos atuais. O nosso "primo de Richelieu", e a nossa amiga que ama a "flor tola" — vocês experienciaram a vossa realidade emocional a um nível totalmente diferente. Encontraram o vosso significado — mas num contexto diferente.

Há outros significados. E há outros contextos. Não pensem, portanto, que aquela realidade foi a única. Noutros contextos, os papéis de vítima e de algoz inverteram-se. Lembrem-se disso.

E agora, porque o nosso primo de Richelieu aqui se sentiu tão triste e desanimado, deixo-vos com essa energia que, afinal de contas, é inerentemente vossa. Mesmo que isso confunda o nosso amigo aqui ao lado que está a bocejar.

Lembrem-se: a vossa vitalidade não tem limites. É sempre nova. Varre o vosso corpo com a mesma naturalidade com que esta energia se expressa por esta forma. Só têm de a aceitar e reconhecer. E mais uma vez vos digo: a vitalidade da vida não é silenciosa, não é adulta, não é digna — ela simplesmente É.

Todos os becos por onde caminharam têm saídas. Todos os desastres que causaram a vocês próprios têm soluções. Toda a energia de que precisam para curar qualquer parte do vosso corpo está à vossa disposição. Cada pensamento que têm é criativo.

Quando ouvirem, não se limitem a ouvir — sintam. E dentro da energia desta voz, sintam a energia dentro de vocês: nos vossos espíritos e nos vossos tecidos. Pois habitam agora num corpo que vocês próprios criaram. Reconheçam, então, a vossa própria exaltação, a vossa energia, a vossa força. Sintam essa confiança e esse poder dentro de vós — e usem-nos no vosso dia a dia. E sintam que eles surgem com facilidade. Com a mesma facilidade milagrosa com que uma flor cresce, ou um cabelo nasce do vosso crânio, ou um pensamento brota do vosso cérebro. Essa energia está em vocês. Essa energia é vossa — a vossa própria divindade repousa nela. As pontes que constroem — e que todos vocês conhecem — são feitas dessa

vitalidade. Cresce no silêncio e é alimentada nele, mas não é, em si, silenciosa. É vigorosa. E não teme o silêncio. Ela forma-vos. Estabeleçam uma boa relação com ela — e não a neguem.

Agora despeço-me de todos com um caloroso "boa noite" — e, ainda assim, antes de o fazer, peço-vos que se identifiquem com a força por detrás desta voz e que a sintam nas vossas próprias células, pois é a vossa própria força, a vossa energia, o vosso conhecimento e a divindade de onde surgiram e que faz parte de cada um de vós. A voz que responde é a vossa própria, por isso ouçam-na com amor e compreensão.

Todas as bênçãos que me pertencem, eu dou-vos. (pausa)

([Joel:] "E aquelas que tu não tens, teremos de as encontrar por nós próprios — e quando as encontrarmos, tu poderás dá-las.")

Era precisamente isso que eu esperava que descobrissem. Paz.

AULA DE PES

13 DE JULHO DE 1971
(após uma discussão sobre reencarnação)

Agora, ambos são canais — digamos assim — tanto de "buracos brancos" como de "buracos negros". São canais através dos quais diversas realidades se encontram e fundem, e onde transmutações ocorrem constantemente. São, por si mesmos, dobras no universo, tal como o entendem. São pontos de encontro cósmicos, onde outras realidades convergem. Cabe-vos a vós, enquanto consciências conscientes, observar, escutar e estar atentos a essas partes da vossa personalidade que fluem por vós — entram e saem de vós — nos vossos termos.

(Para Bette e Joel:) Por outras palavras, a experiência que viveram em aula, no contexto reencarnacional, existiu de facto, existe e continuará a existir — em certos termos.

E chegou o momento de começarem a vivenciar conceitos novos, e de os encontrarem dentro de vocês mesmos, pois o milagre da consciência é vosso, tanto quanto é meu ou de Ruburt. Cada um de vocês é um milagre da consciência, e esses milagres acontecem continuamente, nos vossos termos

de tempo. Por isso, cada um de vocês possui, dentro de si, vias de entrada e de saída — por onde outras partes da realidade e outros eus se cruzam, ressurgem, aparecem e desaparecem. As respostas, como sabem, não estão apenas dentro de vós: passam por vós automaticamente — basta que tenham consciência disso.

Dentro de cada um de vocês, existe em miniatura tudo o que pensam que compõe o universo.

O que vos parece acontecer fora de vós, acontece dentro de vós — e acontece agora. Não de forma teórica, nem apenas intuitiva, mas realmente — tudo ao mesmo tempo, independentemente dos conceitos que associem à experiência. É isto que não pretendo ensinar-vos, mas conduzir-vos a experienciar por vocês mesmos. Para que compreendam que cada um de vocês é um ponto de encontro do universo e da experiência, e que aquilo que observam não vem necessariamente de fora, mas de dentro de vocês próprios.

Espero dar-vos a confiança para explorarem a vossa interioridade, de forma simples, livre e alegre — como uma das nossas amigas, as flores, que de repente decide explorar-se na sua total singularidade.

([Joel:] "Num dos contos que a Jane escreveu, havia um homem que foi até à praia com os sinos de vento e a árvore (palavras perdidas) e ele escolheu átomos, e de algum modo absorveu-os, transferindo-os para outro sistema, até que já não restava o mundo físico tal como o conhecemos. E, no fim, lembro-me de que ele atravessou o seu próprio universo. Não será isso semelhante? Por um tempo ele foi o 'buraco negro', depois correu para o outro lado e tornou-se o 'buraco branco', e toda a transferência aconteceu através dele. E talvez tudo isto seja simbólico — e isto acontece, para trás e para a frente, em todos nós, constantemente.")

De facto, sim — e vocês espreitam dentro e fora de vocês próprios, em consonância com aquilo que já referi antes sobre as pulsações.

([Arnold:] "Na verdade não existe nenhum 'fora' de nós, pois não? Tudo está dentro de nós.")

Exctamente. O exterior está dentro de vocês. Tudo aquilo que pensam ver "fora" tem origem dentro.

([Tom D.:] "(...não se ouviu a pergunta...)")

Vocês estão sempre a criar a vossa realidade. Criam-na e moldam-na — e muito mais do que se apercebem conscientemente. O que estão a tentar fazer é trazer a vossa consciência atual — vamos chamá-la de "eu imediato" — para uma certa consciência dessas outras partes do vosso Eu interior.

Aceitam esta expressão: "eu imediato"? Ótimo. Então digamos que todos vocês têm esse "eu imediato", que lida com o aqui e agora, nos vossos termos. Esse "eu" pode tornar-se consciente de outras partes da vossa realidade — e cabe-vos a vós trazê-las à tona. Até certo ponto podem fazê-lo — não totalmente — mas intuitivamente podem dar grandes passos. Talvez não consigam traduzir a experiência com total clareza, mas talvez consigam fazê-lo bem o suficiente para que percebam — e o vosso eu imediato perceba — que faz, de facto, parte de outras experiências.

(Para Bette:) Estás a fazer isto, de certa forma, com os teus dramas reencarnacionais. E, ao fazê-lo, estás também a atualizar outros, nesses termos.

(Tom D. falou da sua facilidade em ensinar alunos com mais dificuldades em comparação com os de classe média.)

"Tudo o Que É" está tanto na América de classe média como na Índia. Está tanto no suburbano pobre que corta a relva com o seu empréstimo interminável, como no guru que se senta no seu tapete. A angústia e o triunfo vivem em cada um de vocês. E tu não deves, no teu próprio coração, cair na armadilha de estereotipar o "establishment" — pois ele também é feito de indivíduos exaltados e angustiados.

([Tom D.:] "O que queria dizer é que é mais fácil influenciar os miúdos com mais dificuldades... têm menos influências exteriores... é mais fácil chegar até eles do que aos de classe média, que carregam mais estigmas...")

Vê-te a ti mesmo como um criador brincalhão.

([Tom D.:] "Sinto que estou a ajudar esses miúdos.")

Estás, sem dúvida. Os criadores brincalhões ajudam sempre. A criação é lúdica e cheia de alegria. Mas não levantes no teu coração qualquer tipo de

barreira social. Quando o fazes — mesmo sem querer — acabas por repetir o que já te foi feito. E assim, em certa medida, perpetuas os mesmos estereótipos que tanto te incomodam. Compreendo o que sentes, e reconheço o teu sentido de realização. Mas lembra-te também, no teu coração, de que até o mais estereotipado suburbano sem originalidade — nos teus termos — tem dentro de si todas as capacidades de que aqui falamos.

Não o relegues mentalmente para um "sistema de castas" — pois isso foi o que te fizeram a ti. Reconhece em ti os egos que vês nos outros.

(Comentário de Tom D. foi inaudível.)

Nunca disse que eras mau — e jamais o diria. Quando leres a transcrição, vais perceber que não foi isso que eu disse. O que eu disse foi: reconhece em ti os males que identificas nos outros — mas refiro-me apenas àquilo que, na tua mente, rotulas como "mal". Porque és tu que projetas essas ideias nos outros e assim moldas a tua própria realidade.

As barreiras que vês não estão nas crianças, mas sim em ti próprio. E é isso que quero que compreendas.

(Jane sugeriu que cada um de nós encontrasse o seu próprio símbolo.)

Em certa medida, a voz do Ruburt era a vossa própria voz — a voz de cada um a conduzir-vos nas viagens que desejavam empreender. A iniciar aventuras que desejam viver.

(Para Bette:) A nossa amiga aqui, que insiste em relacionar-se não com a experiência de Richelieu, mas com outra, fez um excelente trabalho ao perceber que a energia não vem desta forma — mas de cada um de vocês. Devem usar esses dois dramas reencarnacionais em conjunto. Lidos e experienciados juntos, mostrar-vos-ão diferentes partes de vocês mesmos. Achas muito mais fácil relacionares-te com um do que com o outro porque achas que o outro exigiria demasiado de ti intelectualmente. E isso não é verdade.

([Ron Labadee:] "Queria mencionar algo. Há várias sessões, falámos sobre a forma como percebes esta realidade, embora não tenhamos aprofundado a tua perceção em si...")

As formas como posso perceber esta realidade.

([Ron:] “E disseste que, se quisesses, poderias percebê-la com tanta clareza como nós a percebemos.”) Com a mesma limitação.

([Ron:] “Bem, o que eu estava a pensar era… ”)

O teu problema, meu caro, é que não tens sentido de humor.

([Ron:] “Vamos ver o teu então. Gostava de propor uma experiência, e estou a sugeri-la a ti para ver a tua reação — como se não pudesse. Estive mesmo indeciso se havia de sugeri-la à Jane ou a ti, mas vês, estou meio num impasse porque se dizem muitas palavras e conceitos e filosofias, mas quando se faz uma afirmação, sabes, tão específica e clara como essa, seria muito simples demonstrar. E o que eu me perguntava era se, agora ou numa altura em que a Jane concordasse, por exemplo, trouxe comigo umas cartas de jogar, dez cartas… ”)

Agora, meu querido, a Jane pode ou não pode olhar para as tuas cartas de jogar. Não sei. Isso cabe-lhe a ela, ou ao Ruburt. Quanto a mim, não me vou incomodar com isso. Já passámos por isto com mentes mais aguçadas que a tua. As afirmações que faço, faço-as não só por mim, mas por ti e por cada pessoa nesta sala. Tu podes perceber essas cartas tão claramente quanto eu, e se não acreditares em mim, também não acreditarás em ti próprio.

Se eu alguma vez realizar tais demonstrações, não será dentro destas quatro paredes, nem sob condições impostas por ti, mas sim num contexto em que as afirmações fiquem claramente registadas, com resultados onde ninguém possa alegar que houve sugestão, e onde nenhum princípio científico seja posto em causa — e não para satisfazer a tua curiosidade! No entanto, tu próprio podes provar-te a ti mesmo lendo as cartas. As dúvidas são tuas, não minhas.

([Ron:] “Dás-me a impressão de que isso é uma forma fácil de escapar.”)

O que é importante são realidades emocionais, não símbolos em cartas. E enquanto não perceberes isso, e enquanto não estiveres disposto a abrir-te emocionalmente ao ambiente da aula e da sala, nenhuma prova será prova para ti.

([Ron:] “Discordo completamente. Se tu fores capaz de fazer, mesmo que parcialmente, aquilo que dizes ser capaz de fazer, eu ficaria completamente estupefacto. No entanto, não penso que…”)

Estás a apresentar desafios em termos que não compreendes, e até os compreenderes, vais continuar nesse mesmo ponto.

([Ron:] “Poderias estar a ser evasivo.”)

Poderia, de facto — e tu podes interpretar o que eu digo como quiseres. O facto permanece: és tu, não eu, quem está preocupado com as minhas percepções. O facto permanece: o que fizemos está claramente descrito no livro que o Ruburt escreveu. Podes aceitar isso, ou negar — e quanto a mim e ao Ruburt, esse é o teu direito.

([Ron:] “Nunca vimos os resultados.”)

Estás a referir-te a um grupo específico de testes — e a dúvida está, vês?, na tua mente. E enquanto esse tipo de dúvida existir, nada te vai convencer.

([Ron:] “Em certa medida, sabes, podes sempre — podes questionar as minhas motivações, mas tenho um sentimento predominante: sinto que, com base na minha própria experiência, já vi indícios de que posso ser capaz de fazer isto por mim mesmo — se, quando e caso consiga. Porque encaro o desafio de desenvolver esta capacidade. Mas aqui, neste contexto, surgem diferentes implicações. O que quero dizer é que, dentro deste contexto, para mim e para pessoas que queiram contribuir para um corpo de conhecimento verificável e aceite em comunidade, existem formas precisas de o fazer…”)

E truques de circo fazem parte disso nos teus termos...?

([Ron:] “Sim, mas considerarias os testes de Instream um truque de circo? E, a propósito, a forma como ele organizou a experiência foi atroz para alguém com formação científica.”)

Ele era um senhor encantador. Fez o melhor que pôde. E não precisa de um petulante como tu para comentar o esforço honesto que fez. Ele não conseguiu aceitar os resultados.

([Ron:] “Com a minha formação em psicologia, consigo montar uma experiência controlada e à prova de falhas. Ou seja, se tivesses feito uma declaração um pouco mais nebulosa sobre a tua capacidade percetiva, se tivesses dito algo do género…”)

Estou a fazer declarações sobre a natureza da minha perceção e da tua. Podes aceitá-las ou não. Isso é inteiramente contigo.

([Ron:] “Obviamente, ninguém pode decidir por mim.”)

E qualquer trabalho que se faça é feito com o consentimento do Ruburt. E o nosso amigo ficou bem escaldado depois de trabalhar dois anos com psicólogos. E se fosses a ti, saías em bicos de pés antes que alguém lhe diga o que andas a propor, pois também dependo, até certo ponto, da sua recetividade e ideias. E é assim que deve ser.

([Ron:] “Sim, exatamente — por isso é que eu disse que seria algo que podia ser combinado.”)

Ele já não está mais interessado nisso — tal como eu também não estou.

([Ron:] “Porque é que já não estás interessado?”)

A certa altura, ele estava muito interessado, e eu alinhei, porque para ele era um tipo de prova extremamente necessário. Quando isso lhe foi provado, eu fiquei satisfeito. Se será provado a ti ou não, isso já não me interessa minimamente. Isso é problema teu. Eu fiquei satisfeito com o que foi feito para o Ruburt. Quando ele teve a prova que precisava, a minha parte ficou feita.

([Ron:] “Mas ele obteve mesmo essa prova?”)

Obteve, sim. E a tua necessidade, nesse campo, é tua. E paz ao encontrares o que procuras.

([Ron:] “Sim, é minha, mas…”)

Vês, tu vens com exigências. Agora, aqueles que vieram de mente aberta para esta aula encontraram as suas provas — e não foram provas baseadas em cartas ou truques chamativos, mas provas fortes, pois a natureza da sua realidade mudou. Passaram a compreender-se melhor. Conseguiram

relacionar-se com a experiência que conheciam. Tiveram experiências que nunca tinham tido antes, e os seus mundos mentais, psicológicos e espirituais expandiram-se.

Para eles — e para mim — a leitura de cartas é um produto inteiramente diferente e inferior. E enquanto é isso que procuras, vais continuar no nível onde estás agora. Sem provas subjetivas fortes, sem capacidade plena para viajar para dentro de ti, com as portas do conhecimento interior fechadas até que consigas o tipo de prova que procuras.

([Ron:] "Então a resposta, na essência, é que tu próprio não estás interessado nisto porque não consideras relevante, mesmo que…")

Neste momento, não considero relevante. Já considerei, quando o Ruburt estava preocupado com isso.

([Ron:] "Mesmo que, para mim, pessoalmente, fosse algo muito relevante, sobretudo tendo em conta a forma como me relaciono com esta situação.")

([Arnold:] "Também não é relevante para mais ninguém na turma. Ninguém está interessado em perder tempo com isso.")

([Ron:] "Pois — é isso que digo — podia ser algo que... Mas não vou falar disso agora, só queria ouvir a tua opinião.")

A minha opinião foi a que te dei. Se tivesses vindo aqui logo no início das sessões, quando o Ruburt ainda procurava esse tipo de prova, a resposta poderia ter sido diferente. Mas é esta a resposta que te dou agora, e receio que, tal como o nosso amigo Instream, a menos que mudes, vais continuar a procurar provas que não significam nada e a ignorar a realidade interior — que é o que realmente importa — fechando a tua mente à validade interior que, essa sim, te poderá dar o tipo de provas de que precisas. Essas provas virão de dentro, não do ceticismo. E então verás.

Por exemplo, se a tua atitude tivesse sido diferente — e todo o teu ambiente emocional fosse outro —, se tivesses, num espírito de brincadeira e entrega, atirado as cartas para a mesa enquanto eu falava e dissesses, "Seth, o que está do outro lado das cartas?", talvez tivesses obtido uma resposta. Mas não no enquadramento em que fizeste a pergunta, nem no espírito com que propuseste o experimento.

([Ron:] “Pois, não sei... duvido. Mas quanto à busca interior, sabes, tem de haver equilíbrio entre o interior e o exterior.”)

([Sally:] “Fizemos tudo isso há três anos, e está no livro da Jane.”)

([Gert:] “E mais: tu nem te integraste no grupo, com licença que te diga. E espero que isto não seja mais uma projeção. Quando cada um de nós abriu a sua ‘Caixa de Pandora’, tu sentaste-te ali muito quieto a pensar: ‘A minha fica fechada.’ Nós partilhámos — tu exigiste.”)

Antes de deixar que os meus amigos, muito docemente e com toda a simpatia, se apressem a vir em minha defesa, deixem-me dizer que o Ruburt, também ele, quando as aulas começaram, fez um esforço — como o nosso amigo aqui se lembra — para dar leituras espontâneas, que funcionaram muito bem. Isto significa que batiam certo. No entanto, ele percebeu rapidamente que essa não era a resposta, pois as pessoas apenas diziam: *“Ele tem as respostas, e eu não tenho nenhuma,”* projetando nele capacidades que achavam não possuir. Por isso, mudou essa abordagem. Sempre que algum conteúdo “comprobatório” foi transmitido, meu caro amigo, foi sempre com o propósito de ajudar alguém a lidar com um problema de interesse vital — nunca como demonstração, nunca como forma de provar algo a alguém. E agora devolvo-vos ao nosso amigo e vamos mudar de canal.

E agora, desejo-vos uma boa noite, envio-vos os meus mais calorosos cumprimentos, e — novamente — aqueles dons que tenho para vos dar, dou-vos, e sabem, pela sessão anterior, sobre aqueles outros dons.

AULA DE PES

20 DE JULHO DE 1971

(O Joel mencionou que gostaria da interpretação do Seth sobre a imagem da folhagem que teve.)

Só uma palavra ao nosso amigo provocador ali ao fundo: estás a começar a perceber o que, por agora, chamaremos de realidades biológicas em outras esferas de realidade. Estás a fazer uma transição das formas que conheces e às quais estás habituado, para outras formas que ainda não conheces. Portanto, haverá algumas distorções iniciais, enquanto a tua visão se aclara. Estás a olhar através de novas janelas.

Fico contente por terem tido uma noite tão animada. E espero que tenham visto, na energia da mesa, um reflexo de vós próprios (para o Ron), e que percebam — sem olhar para ninguém em particular — que uma resposta bem-disposta será sempre melhor do que qualquer cara fechada.

(Para o Daniel.) Agora deves reconhecer a vitalidade que existe dentro de ti — e não a temer, como temes. Neste momento, estás a controlá-la, a discipliná-la, mas também estás com medo dela. Limitaste-a por receio da tua própria capacidade e do poder que habita em ti.

Se quiserem brincar uma noite, podemos divertir-nos com a mesa. Entretanto, por baixo da brincadeira, sintam a vossa própria vitalidade. Conheçam-na. Desfrutem da sua sensação.

(Para a Sue.) Deixa que isso te leve, como levou esta semana, a fugir das ideias habituais de tempo e de limitação.

([Sue:] "Então o sonho foi válido?")

Sim, foi — serviu para te elevar, como te elevou, nos teus sonhos, acima do mundo comum que conheces. Que te permita compreenderes-te melhor como tu mesma. Que te mostre partes da tua identidade — como já o fez com a nossa prima de Richelieu (para a Bette) e com a nossa secretária (Natalie). Que te leve a outros aspetos de consciência e vitalidade, como está a acontecer com o nosso amigo ali (não identificado), e que abra portas de sentimento, como contigo (Alison Hess). Que aproxime famílias, como fez contigo (Janice). E, acima de tudo, que desperte perguntas, como tem feito contigo (Arnold) e contigo (Tom D.).

Percebam que esta vitalidade que vibra nesta voz é a mesma que vibra dentro da vossa identidade — de cada um de vós. O poder por trás da voz é apenas uma sombra da vitalidade que vos pertence. Que isso vos dê confiança na vossa identidade e realidade. Mexam-se vocês, e as mesas movem-se sozinhas.

Por isso, aqueles dons que tenho para vos dar, dou-vos — e já sabem o resto.

AULA DE PES

27 DE JULHO DE 1971

(O Edgar e a Maria explicaram o seu método de cura por hipnose. Edgar hipnotiza a Maria e ela, ao analisar luzes que vê no peito do paciente, consegue ler os sintomas. O Edgar disse que gostaria de ouvir os comentários do Seth sobre o método.)

Desejo-vos uma boa noite, e sim, tenho algo a dizer. Quero comentar a vossa experiência e o trabalho que têm feito até agora. Sou, de facto, um velho senhor muito gentil e simpático, pelo menos neste aspeto, por isso não precisam de ficar nervosos. Admito que a voz e as circunstâncias podem parecer severas — mas isso são apenas mecanismos técnicos.

Estão a iniciar um trabalho valioso e uma experiência importante. Estão apenas a começar a fazer as perguntas certas. A hipnose é uma ferramenta excelente, que estão a usar — e tem muito valor. À medida que aprenderem a fazer as perguntas adequadas, ela tornar-se-á ainda mais valiosa.

Mas precisam de ultrapassar a preocupação com a natureza da luz. Nas condições em que estou a falar, essa não é a pergunta certa. Perguntas como essa só trazem respostas de um tipo — respostas que apenas fazem sentido dentro de um quadro limitado. E, se seguirem por esse caminho, terão uma sucessão de perguntas e respostas com significado restrito. Portanto, libertem-se disso.

Agora, posso dizer-vos o que é a luz, mas, ao fazê-lo, serei um mau professor. Um bom professor sabe como permitir que os outros descubram o significado por si próprios, e isso faz parte da vossa experiência. Caso contrário, não estariam a trabalhar com essa luz. A questão não é "o que é a luz?" — e isso é das coisas mais importantes que queria dizer-vos.

Muitos aqui na aula passaram por experiências de natureza altamente emocional, por isso estão ligados de forma especial. Houve uma razão para não ter havido sessão ontem, e, se ouvirem a conversa e compreenderem a natureza da sugestão, como deviam — então perceberão porquê.

(Para o Edgar.) E digo isto com a maior bondade e boa disposição: podes dizer ao Ruburt que não tens sentimentos, e podes dizer à turma e a outros

que não te importa o que dizem ou fazem contigo — mas não mo digas a mim. Na tua posição, tu mais do que ninguém devias reconhecer os sentimentos dentro de ti, o efeito que os outros têm sobre ti, e estar ainda mais atento ao efeito que as tuas palavras têm nos outros.

(Para a Maria.) E o mesmo aplica-se a ti. Tu és enganadora — de forma subtil, contigo mesma. Parece-te que estás consciente das tuas emoções, que estão claras e visíveis, que és uma pessoa emocional — mas esconde-las profundamente, e muitas vezes, as emoções que mostras não são as que realmente sentes. São disfarces, usados para esconder outras coisas que não queres enfrentar. Deves perceber isso.

Parte disto tem a ver com informações dadas ontem pelo Joseph — que é o teu amigo Robert — e têm a ver com as tuas ideias sobre saúde e doença. Tens de aprender a compreender os teus próprios motivos. Mesmo com a capacidade hipnótica do teu marido, ainda não conseguiste entender os teus próprios motivos ao usar essa ferramenta. O medo da reencarnação é, mais uma vez, um escudo contra outro medo, que ainda não enfrentaste — e que nada tem a ver com a reencarnação em si. Mas enquanto acreditares inconscientemente que está ligado a isso, vais continuar a reagir dessa forma. Podes usar a hipnose muito melhor do que tens usado.

(Para o Edgar.) E tu também tens de olhar para lá da tua própria fachada — acreditas nela completamente, mas ela não és tu. O trabalho que estás a fazer é valioso e pode sê-lo ainda mais, mas exige um nível de integridade que só agora começas a aprender. E, por integridade, falo de honestidade contigo próprio, que te obriga a superar os autoenganos que aceitas como sendo o teu “eu”, em cada momento.

Agora dou-vos as boas-vindas. Lamento que hoje não estejam a mover mesas por mim.

(Para outro aluno.) Tiveste, sim, experiências válidas em sonhos — e só te lembras de parte delas. Como o Ruburt já te disse, estiveste envolvido com um grupo antes da época da Atlântida, e já estiveram juntos muitas vezes. Mas muitas vezes foste demasiado exclusivo nas tuas relações, como o Ruburt também te disse.

(Para o Edgar e a Maria.) E mais uma coisa: evitem concentrar-se demasiado no negativo, só porque estão à procura de sintomas nas pessoas que vos procuram. Isso é extremamente importante, caso contrário, também estarão a projetar. Os vossos próprios pensamentos e sentimentos devem ser de saúde e vitalidade, para que esses por si só já ajudem no processo de cura.

Isto são coisas que aprenderão — e não vos estou a ralhar, não olhem para mim assim ou ainda me fazem chorar. Mas este é o único momento em que vos posso apanhar, por isso quero que percebam o que estou a dizer.

E agora deixo-vos fazer um intervalo. Especialmente tu ali (Sue), e tu (Maria), e tu (Joel) — e todos vocês sabem ao que me refiro.

(Para a Maria.) Tiveste a tua oportunidade, percebes? E não me analisaste.

(Durante o intervalo, o Edgar comentou que o Seth dissera que ele fazia perguntas tolas. Vários membros da aula observaram que Edgar e Maria poderiam estar a dar sugestões negativas aos seus pacientes. A Maria disse que o Seth lhe tinha gritado.)

Eu não te gritei. Expliquei a mecânica da voz. Não é todos os dias que tenho jovens mulheres a encolherem-se diante de mim...

Estou a tentar mostrar que sei sorrir. Isto é um sorriso... Ela ficou sem palavras. Veem? Afinal ainda sou bom para alguma coisa.

(Para o Edgar.) Eu não disse que era tolo fazer perguntas. Quando leres o texto, verás que apenas disse que estavas a começar a aprender a fazer as perguntas certas, pois há perguntas que podem ser armadilhas que te traem.

(A Jane dá informações de vidas passadas ao Edgar e à Maria.)

Há algo que podes fazer. Há algo que todos vocês podem fazer — e já o disse muitas vezes à turma, mas tendem a esquecer. Podem tornar-se muito mais conscientes dos vossos próprios pensamentos e sentimentos do que são agora. Têm muito mais conhecimento disponível dentro de vós do que admitem. Uma verdade sobre vocês mesmos pode emergir à superfície da vossa mente — e empurram-na de volta para baixo em vez de a aproveitarem.

Não falo agora só para ti (Maria), mas para todos nesta sala, incluindo o nosso amigo Ruburt.

Podem tornar-se muito mais conscientes dos vossos próprios pensamentos e atitudes verdadeiras. Muitas vezes, não aprovam essas atitudes — ou assustam-vos — e empurram-nas para partes mais profundas da mente. E aí, sim, podem causar danos. Mas se cultivarem o hábito de sintonizar com o vosso fluxo de consciência, descobrirão uma pessoa que às vezes vos parecerá um estranho — e essa pessoa serão vocês próprios.

Não reprimem apenas ideias que consideram negativas — também reprimem sentimentos de generosidade para com quem não gostam, ou alegria, porque se sentem culpados por acharem que não a deviam sentir. Reprimem todo o tipo de impulsos e, assim, não se conhecem verdadeiramente. E bloqueiam impulsos que deviam aceitar, reconhecer e admitir como parte de quem são.

(Para o Edgar.) Agora, não te deves acomodar e dizer: *"Porque algo aconteceu no passado, eu reajo assim."* Quando perceberes a origem da atitude, também deves perceber que és um indivíduo completo e que podes mudar esse padrão de reação. E sentir em ti essa energia, esse impulso de força e vitalidade que te diz que és capaz. E ensina-a também a ela (Maria) a acolher essa força.

Ruburt vai querer saber se a porta está fechada — por isso diz-lhe, porque quero que a nossa amiga ali no branco nupcial (Maria) perceba — assim como todos vocês — que a energia, força e vitalidade que vibra neste corpo frágil também vibra em cada um dos vossos corpos. Pertence-vos. Todos têm acesso a ela.

(A Maria tinha analisado a Jane na noite anterior. Enquanto o Seth falava, o Edgar hipnotizou a Maria para que ela analisasse o Seth e perguntou-se se ela deveria contar os resultados ao Seth ou à Jane.)

Conta ao Ruburt. Primeiro, deixa que a energia flua pelo teu corpo. Sente como te renova, te torna jovem, forte, cheia de vida, e percebe que está sempre dentro de ti. Que podes confiar nela com facilidade, que é tua, basta pedires. É o teu direito e o teu legado.

(Para o Edgar.) Também é o teu direito e o teu legado.

(O Edgar trouxe a Maria de volta do transe. A Maria comentou que não houve qualquer alteração nas luzes enquanto o Seth falava, comparado com o que tinha visto em Jane na noite anterior.)

O Ruburt não é invadido quando eu falo. Não é possuído, a sua individualidade não é violada de forma alguma, e é muito importante que compreendas e saibas isso. Isso dará confiança ao teu próprio trabalho. Estás a lidar com um velho e sábio experimentador, mesmo aqui — e viste o que precisavas de ver. Não catalogues a experiência. Neste caso, viste o que viste durante a leitura — e isso é tudo o que deves extrair da situação. A individualidade é sempre inviolável.

([Joel:] "Então eu tinha razão ao pensar que a aura mudava por causa da intensidade do foco mental da Jane?")

Esse efeito é outra coisa completamente diferente, e só acontece em certas ocasiões — e por motivos distintos.

([Edgar:] "Qual é a atração entre nós os dois? [referindo-se à Sue]")

Têm de descobrir isso por vocês próprios. Faz parte da estrutura da aula. Se estiverem prontos para o resolver entre vocês, façam-no. Se não estiverem prontos, não o direi. Isso envolve também outros sentimentos — aqui (Sue), aqui (Maria) e, até certo ponto, ali (Joel). E como todos sabem nesta sala, quando estiverem prontos para aceitar uma nova experiência e lidar com ela, vão fazê-lo.

Agora desejo-vos uma boa noite — um pouco tarde, admito. E a mesma coisa para ti. E aqueles dons que tenho para dar, dou-vos — e já sabem onde têm de procurar o resto.

(Para o Daniel.) E tu vais dar-te bem. Não te preocupes com mesas a perseguirem-te pela sala.

(Para o Arnold.) O teu sonho foi válido. Tinhas razão quanto ao teu sonho. Nem fazes ideia.

([Joel:] "Para quem estavas a apontar quando disseste que alguém ali tinha algo para resolver? Não percebemos.")

Estava a falar de sentimentos direcionados para o nosso amigo aqui (Edgar), e estava a apontar para ti, para ti (Sue), e para ti (Maria). Havia outros também, mas os sentimentos, nesse caso, eram de natureza diferente. O mesmo aplica-se ao Ruburt e aos dois de vocês.

(O Seth regressa.) Se estão prontos para contar segredos, nós estamos prontos para ouvir. Já disse boa noite antes de fazerem essa pergunta.

(Discussão na aula.)

(Para a Maria.) Isso é porque não leste o meu livro. Desejo-vos a todos uma boa noite.

Estão num estado de transe agora, e todos se hipnotizaram a acreditar que esta é a única realidade. E as vossas sugestões constantes mantêm a emoção — e isso é a base da vossa realidade física. E sim, interrompi-vos de propósito — isso mostra que sou educado.

(Para o Daniel.) E para o nosso amigo aqui, e não só para ele mas para o nosso amigo de cara fechada que hoje não está presente (referindo-se ao Ron): o Ruburt está disposto a fazer testes — se forem divertidos. Ou seja, se gostar da ideia. Podes passar a palavra.

AULA DE PES

3 de Agosto de 1971
(Depois de uma discussão sobre as experiências de cada um durante a semana e um exercício de mobilidade da consciência.)

Dou as boas-vindas aos que estão cá pela primeira vez esta noite, mas tenho algumas observações a fazer aos nossos alunos habituais relativamente aos vossos sonhos. Já mencionámos há algum tempo uma experiência. Agora, os visitantes que estiveram aqui até esta noite tiveram um papel nessa experiência. No entanto, outras partes da experiência dizem respeito aos vossos estados de sonho e às pessoas com quem têm contactado. Para além dos colegas e amigos que conhecem na vida quotidiana, mantêm também uma relação perfeitamente legítima com pessoas que, no vosso dia-a-dia, não conhecem. E desempenham trabalhos dos quais não têm consciência enquanto vivem a vossa rotina diária.

Alguns de vocês estão agora preparados para conhecer esses outros colaboradores. São pessoas que vivem atualmente na Terra. Pessoas que nunca conheceram fisicamente, e provavelmente nunca conhecerão nesses termos, mas com quem colaboram frequentemente como aprendizes em tarefas conjuntas, e é altura de tomarem alguma consciência dessa relação. Pessoas que vos escapam no estado de sonho. Por isso, quero que prestem especial atenção a estranhos que apareçam nos vossos sonhos. Podem encontrá-los em sonhos relacionados com esta aula. Mas também podem surgir em sonhos que, à primeira vista, não pareçam ter grande significado. Essas pessoas colaboram convosco tal como vocês colaboram com elas. Estão envolvidos em muitas atividades: a ajudar pessoas que, segundo a vossa definição, morreram; a comunicar com outros que estão bem vivos, no estado de sonho; a aprender a compreender e a manipular realidades subjetivas.

Agora, há duas possibilidades principais que podem emergir, e essas pessoas podem tornar-se bastante reais para vocês. Começaram a tomar consciência de algumas das vossas existências reencarnacionais. E, por isso, foram capazes de se relacionar consigo mesmos e com os outros de forma mais eficaz, e de compreender os outros a partir de uma nova perspetiva. Contudo, agora devem também começar a tomar consciência de outras personalidades que trabalham convosco quando o vosso ego consciente habitual está silenciado. Alguns de vocês já têm pistas.

Isto exige algum estudo e implica que tenham de se lembrar dos vossos sonhos com mais eficácia do que muitos de vocês o estão a fazer. E eu estou a dar-vos esse impulso. Quando possível, pensem nessas pessoas quando as descobrirem, para que, durante a vossa vida desperta, possam receber mais informação intuitiva sobre o tipo de trabalho e de atividades em que todos estão envolvidos. Queremos que se tornem conscientes de todas as vossas atividades, não apenas das conscientes. Estão a utilizar capacidades nesse trabalho que ainda não usam nas vossas vidas conscientes, e quero que se tornem conscientes dessas capacidades. Podem também ajudar-vos a lidar muito mais eficazmente com a realidade física e a compreendê-la muito melhor. Podem descobrir que vários de vocês estão envolvidos no mesmo trabalho, no estado de sonho. Por isso, mantenham também registo dos colegas de aula que possam surgir nesses sonhos. Assim, quando estiverem a progredir na aula, poderão relacionar-se não só com alguns eus

reencarnacionais, mas também com o eu interior e com as suas atividades, e usar essas atividades para enriquecer os vossos encontros diários normais e expandir a natureza e extensão das vossas perceções.

Agora vamos fazer uma pausa "Seth", e não uma pausa da aula.

([Joel:] "Disseste 'queremos que' se tornem conscientes, etc. Podes expandir um pouco sobre esse 'nós'?")
Não agora. Fá-lo-ei, contudo, mais tarde.
([Joel:] "Depois de pensarmos um pouco nisso?")
De facto. Notei que não te passou despercebido.

([Gert:] "Seria possível, por vezes, alucinar essas pessoas estranhas?")
Vocês alucinam a realidade que conhecem, para começar.

([Gert:] "No estado de sonho, essas pessoas estranhas ou colaboradoras, damos-lhes um rosto que nos seja familiar, por exemplo, o de um membro da família?")

Aparecer-vos-ão como estranhos, não como pessoas que conhecem.

([Gert:] "Podes ajudar-me com uma coisa, por favor? Tenho tentado resolver algo com a minha filha mais velha. Não sei o quê, mas sinto que há algo que precisa ser resolvido. Sugeri a mim mesma um sonho sobre isso e tive um que envolvia o meu irmão mais velho, Tommy. Nele, dizia-lhe para se sentar, tentava falar com ele mas não conseguia, e depois consegui. E o que me pergunto, porque já tive isto três ou quatro vezes, é que nos sonhos em que tento falar, fico assustada e tento chamar o meu marido.")
Queres a informação agora?

([Gert:] "Sim.")
No fundo da tua mente, desejaste que a tua filha fosse rapaz. Fazes um esforço consciente para permitir que ela se comporte de forma que consideras feminina. Mas, no fundo, continuas a achar que o homem é quem detém a liderança e, por isso, ressentiste os teus próprios sentimentos ao tentares impor um comportamento feminino à tua filha. Estás a tentar obrigá-la a ser algo—uma mulher—quando, no fundo, desejavas que fosse homem. E, por isso, quando tentas dar-lhe ordens no sonho, falas ao irmão, que é homem, e as tuas palavras não têm impacto físico. Tens dificuldade. Isto está relacionado com experiências passadas que já discutiste e significa

simplesmente que precisas de mais trabalho nessa área para clarificar os teus sentimentos. Estás a projetar esses sentimentos na criança e na relação. Sugiro, no entanto, que uses os teus próprios métodos para explorar esses sentimentos, para que os resolvas por ti mesma.

(Durante a pausa, Margie explicou o que estavam a estudar na aula de Cayce e o que queriam alcançar. Bette perguntou a Buddy se ele estava a aplicar o conhecimento que estudara durante tanto tempo.)

(Para Bette.) Agora, para a nossa amiga aqui, que deve compreender o motivo da pergunta. Se houvesse alguma disciplina que vos recomendaria adotar, seria a disciplina da alegria, que é espontânea e da qual, inicialmente, nasce toda a criatividade. Se dentro de vós compreenderem o verdadeiro significado da palavra alegria, não encontrarão contradições. A tristeza, por si só, pode ser negativa ou positiva conforme os motivos pelos quais a sentem. O desapego também pode ser negativo ou positivo pelos mesmos motivos. A alegria, se for seguida com fidelidade, pode conduzir-vos à vitalidade interior que habita em vocês e, assim, a Tudo O Que É.

Se compreendessem e sentissem a alegria no vosso próprio ser, não precisariam de fazer perguntas. Saberiam, sem palavras. Se se permitissem a liberdade de conhecer, não algum grande mestre, nem andar de mestre em mestre, mas se pudessem conhecer a vitalidade de uma só célula, ou até de uma molécula do vosso corpo, não precisariam de mais perguntas.

(Para Giovanni.) Agora, uma palavra breve para este nosso amigo aqui. Em primeiro lugar, não tens medo da realidade psíquica em sentido algum. Estás, no entanto, preocupado com a natureza da tua própria realidade e com o quanto queres realmente explorar os teus sentimentos. Estás, portanto, intrigado, mas reticente. Não há nada de errado nisso. É uma fase de crescimento. Aceita-a e não penses que tens de ser diferente, pois se seguires honestamente os sentimentos que tens em cada momento, eles tornar-se-ão os sentimentos certos. Mas se tentares escondê-los de ti mesmo, transformar-se-ão em nós que te prendem.

Admite, então, tanto o teu fascínio pela natureza da realidade como a tua procura pessoal. E admite também as dúvidas que tens e que emergem à superfície da tua mente, pois até essas te podem levar a algum lugar. Não te sintas inferior só porque te parece que esta (Nadine) está a ir mais longe,

mais depressa. Cada um seguirá o seu próprio caminho. E tu és capaz de seguir o teu.

Como acontece tantas vezes, estão todos agora envolvidos não só nesta aula, mas noutra também. Não precisam de fechar os olhos, mas se ouvirem a vossa própria voz interior, se se permitirem liberdade e compreenderem a natureza das probabilidades, então, enquanto eu falo e vocês escutam, podem, de facto, perceber até certo ponto essa outra realidade—uma realidade específica sobre a qual estou a falar e na qual também existem como grupo. E podem sentir, até certo ponto, a energia que vos une. A energia une-vos aqui como vos une lá. As nuances da personalidade manifestam-se lá tal como aqui, mas com algumas diferenças muito importantes. Lá conseguem mover mesas com facilidade. Gostaria que se permitissem sentir a liberdade dessa realidade.

Isto irá acrescentar profundidade à dimensão da vossa própria existência. Gostaria que tentassem perceber as semelhanças e, especialmente, as diferenças nas vossas reações aos outros alunos, pois há diferenças importantes. E numa dessas aulas já foste membro há algum tempo (Margie), e tu também (Wally). De facto, já o foste.

Algumas das pessoas que também frequentam essa aula são os estranhos de que vos falei, e que conhecem bem no estado de sonho. São todos tão sábios enquanto dormem. As capacidades que demonstram são verdadeiramente vossas, e gostaria de ver essas capacidades emergirem à superfície e serem usadas, mas estou certo de que isso acontecerá. Nem sempre posso falar com cada um de vocês individualmente, mas falo-vos individualmente, e devem compreender o que quero dizer com essa frase.

(Para Ron L.) Noutra realidade, haverá um momento em que terás realmente de explicar a entidades que não têm noção da existência física que, de facto, a existência física existe. Portanto, é melhor começares a preparar cartões ou algo do género. Aos que não são membros da aula, perdoem-nos, mas isso é uma piada interna.

(Sue explicou a Jane que devíamos tomar consciência de uma aula "provável".)
Agora, os membros da vossa chamada aula provável estão, nos vossos

termos, precisamente neste momento, envolvidos na mesma experiência. Portanto, naturalmente, consideram esta a aula provável.

([Margie:] "Porque esta urgência em conhecer esse outro sistema provável?")
Porque são vocês próprios. Porque não há divisão entre vós. Porque é uma parte da vossa identidade. Porque estão a aprender, então, a familiarizar-se com o todo ou, nos vossos termos, a conhecer a realidade completa da alma, tal como ela tem significado para vocês.

([Margie:] "Mas existem muitos eus prováveis, não é?")
Sim, existem. Porque haveria a alma de ser limitada? A alma não é algo que se "possui". A alma não é a consciência que conhecem. A alma vai muito além da consciência que experimentam neste momento. São apenas as vossas ideias de um "eu" limitado que vos levam a pensar numa alma fechada. Não existem sistemas fechados, e não há fim para o crescimento da alma.

(Joel e Wally deram as suas interpretações sobre o que Seth dissera.)
Vou então despedir-me com carinho, porque o nosso amigo Ruburt está preocupado com o tempo. Também porque já disse o que queria dizer, e espero que tenham escutado a interpretação dos nossos amigos, pois foi boa (Joel), e esta também foi (Wally). Quero que parem de se identificar completamente com o "eu" consciente que conhecem, e quero também que se lembrem de que, embora fisicamente possa não vos dirigir a palavra individualmente em aula, as mensagens são dadas, e espero que sejam suficientemente hábeis para as receber. Por isso, se se sentirem excluídos, é apenas porque não estavam suficientemente atentos.

Ninguém vos pode ordenar a sentir alegria. Nem vocês próprios podem ordenar-se sentir alegria. Ela exige liberdade. Podem libertar-se para a sensação da alegria e, então, segui-la. Vi o bocejo, e nesse bocejo há alegria. O bocejo é uma expressão espontânea do corpo e, dentro dele, há alegria.

Espero que libertem a vossa própria energia, tanto no estado de sonho como no estado de vigília. Espero que cada um se torne cada vez mais consciente da sua própria singularidade. Que consigam reconhecer e encontrar-se com as realidades da vossa personalidade. Que as apreciem como se elas vos aparecessem subitamente diante dos olhos. Que se admirem e se surpreendam com a vossa própria individualidade.

(Para Ron) Espero que libertes essas partes da tua personalidade, e estou a olhar para onde pensas que estou a olhar. Que libertes essas partes livremente, sem esconder as qualidades nem te esconderes atrás delas, e sem temer as reações dos outros.

Estão todos suficientemente limitados no vosso estado de vigília, por isso espero que demonstrem alguma liberdade no estado de sonho — e que a apreciem. Agora, para os membros regulares da aula, haverá um encontro específico ao qual irão comparecer. Não porque eu diga que irão, mas porque já decidiram ir, e gostaria imenso de ver alguma memória por parte do "eu" consciente envolvido. Lá estarão alguns eus prováveis, e gostaria de vos apresentar uns aos outros. Estarão presentes na aula da próxima semana, e antes disso gostaria que já tivessem alguma espécie de relação estabelecida.

Então, despeço-me com um afetuoso boa noite, e desejo-vos desta vez uma alegria ativa.

AULA DE PES

10 de Agosto de 1971
(Durante uma experiência de aula para encontrar a realidade dos nossos próprios eus prováveis, Seth manifestou-se.)

Agora quero que cada um de vocês examine o sentimento — mantenham esse sentimento enquanto me ouvem, mas lembrem-se de o sustentar, pois são essas sensações que fazem ligação com os eus paralelos. Agora, o sentimento deve surgir do centro da parte de trás da vossa cabeça e estender-se para trás. Não deixem que a minha voz vos afaste desse sentimento — deixem que ela vos conecte com ele.

Podem fazer várias coisas agora — sair pela parte de trás do crânio, caminhar pelo caminho até ao outro lado. Sair completamente, plenamente. Ou, se estiverem com hesitações, então enviem o vosso "eu" imaginativo, mas vão.

Agora mantenham o sentimento e sigam-no para trás, pois o próprio sentimento tem lados suaves. Sigam-no o mais longe que conseguirem e mantenham a atenção clara quanto às sensações. Notem, em particular, se esse caminho tem um fim distante, e se há alguém lá, ou se está iluminado. Se encontrarem outras pessoas nesse caminho, cumprimentem-nas simplesmente. Se encontrarem corredores a abrir-se a partir do caminho,

entrem neles ou não, conforme sentirem que devem, mas mantenham-se ligados ao sentimento que têm.

Agora, alguns de vocês conseguirão seguir ainda mais longe — mas mantenham o sentimento. Agora quero que deem liberdade a esse sentimento para se expandir, para se transformar noutro sentimento, pois para cada um de vocês existe, pelo menos, um outro indivíduo numa existência paralela que está, neste exato momento, a realizar a mesma experiência. E a mudança nesse sentimento pode conduzir-vos ao sentimento que esse outro indivíduo está agora a viver.

Agora, se estiverem maravilhosamente livres e a seguir o caminho, podem atravessá-lo até à outra realidade e consciência. Os seus pensamentos e emoções podem surgir diante de vocês. Podem, até certo ponto, sentir a sua realidade, a sua vitalidade subjetiva.

Se forem ainda mais longe, de forma imaginativa, podem abrir esses outros olhos e olhar para essa outra sala — e é isso que gostaria que fizessem. Agora, por um breve momento, quero que todos nesta sala abram os olhos, olhem em volta rapidamente e voltem a fechá-los. Abram os olhos agora. Observem a sala. Fechem os olhos — pois este outro "eu" também olhou através deles.

Agora quero que sigam esse mesmo caminho de volta, entrando novamente pela parte de trás do vosso próprio crânio, da forma que escolherem. Usem o som do grilo como sinal, e deixem que ele se torne realmente mais audível. Pertence à sala onde agora vão abrir os olhos.

Agora, abram todos os olhos. Todos.
(Quando Jane saiu do transe, apercebeu-se de que alguns alunos ainda não tinham "voltado à sala". Seth retomou:)

Observem os vossos próprios sentimentos neste momento. Se alguma vez aprenderam a sensação da vossa própria consciência, aprendam-na agora. Pois, até certo ponto — mais forte em alguns de vocês, mais fraca noutros — trocaram com os vossos eus prováveis e, nos vossos termos, estão na sala errada.

Agora quero que sigam esse canal de volta até aterraram na outra sala e que sintam que entram nos corpos que aí estão sentados. Os "eus" que

conhecem estão agora a regressar pelos canais, e, à medida que o fazem, sentirão um relaxamento na zona do pescoço e ombros e, à medida que regressam aos "eus" que conhecem, a parte de trás da cabeça também se sentirá mais descansada — pois o corpo percebeu que havia uma diferença na consciência de alguns de vocês. Um toque de natureza estranha a que ele não respondeu livremente. Portanto, juntem-se e regressem agora a esta sala. Abram os olhos.

(Depois de uma discussão sobre a experiência de cada um, Jane explicou que havia um novo inquilino no prédio e que, por já ser tarde, diria apenas o que Seth diria.)

O que fizemos esta noite foi só o início. (Palavras perdidas devido a ruído.) Estou a pressionar-vos para que tentem isto também nos sonhos. Digam a vocês próprios, antes de irem dormir, que o conseguem fazer, e aqueles de vocês que costumam fazer coisas durante a semana, tentem fazê-lo conscientemente, do mesmo modo que fizemos hoje. Depois de apanharem o jeito, conseguirão fazê-lo sem grande dificuldade. E, claro, consigam ir até ao fim — sei que era isso que ele ia dizer.

Desejo-vos então uma boa noite.

AULA DE PES

17 de Agosto de 1971
(Jane comentou que parecíamos apreensivos em fazer mais experiências por um tempo. Ela também partilhou com alguns eventos que provavelmente aconteceriam durante a semana.)

E não prestem atenção ao Ruburt quando ele vos repreender. Digam-lhe simplesmente que esta semana vos demos o descanso de que tanto precisavam. O meu livro está terminado, por isso terei energia de sobra para lidar com todos vós e para vos enviar em quaisquer aventuras que estejam dispostos a perseguir — até mesmo o nosso amigo Edgar, aqui presente. No entanto, os vossos próprios medos têm uma realidade, e essa realidade manifesta-se.

(Para Florence.) Quero ter uma sessão privada contigo. Fala com o Ruburt e direi a hora.

Ruburt deu-vos uma ideia de alguns eventos que, com toda a probabilidade, irão ocorrer. Por isso, espero que estejam atentos a eles. Eu assinarei pessoalmente o meu livro para vocês. Já vos disse, antes mesmo de começar o livro, que ele seria publicado. Tenho mais confiança do que o Ruburt, e antes de começar o próximo, avisar-vos-ei.

Agora, os vossos eus prováveis são muito reais. Fazem parte de vós. Não há razão para os temer. Será que uma cebola teme a sua casca? Ou uma maçã se assusta com o seu caroço? Portanto, explorem-se a vocês próprios com alegria e compreensão. Não há nada dentro de vocês que seja tão terrível, horrível, triste ou deformado que não se possa encarar. E isto aplica-se a todos.

(Para Maria.) Julgaste o teu eu provável com demasiada severidade.
(Para Ron L.) E o nosso amigo Edgar julga o "eu" que conhece de forma demasiado dura — e não me perguntem o que quero dizer com isso.

Despeço-me agora com um afetuoso boa noite, e espero de todos vocês excelentes aventuras oníricas esta semana, em outras áreas da realidade.

(Para Derek.) E de ti espero também uma atitude mais descontraída. Não te preocupes com o físico ou o não físico. O teu ser encontrará o seu próprio caminho em ambos. Fazes distinções que te deixam tenso, quando não há necessidade disso.

Despeço-me então com carinho. E vocês vão ler o meu livro provável.

AULA DE PES

24 de Agosto de 1971
(Jane pediu à turma que entrasse no estado Alfa para ajudar uma visitante, Juanita, que tinha problemas nos ouvidos e nos olhos, a aliviar os seus sintomas. Sue mencionou que estava com uma dor de ouvido.)

Agora quero-te aqui onde te possa ver por um momento (para Sue). E se todos me ouvirem, podem aplicar o que estou prestes a dizer a si próprios, embora, neste momento, esteja a dirigir-me a estas duas (Sue e Juanita). E mais tarde terei algo para todos fazerem. Agora sim, é um sorriso bonito. Sorris alto (para Juanita).

Ambas têm uma questão com o ruído, por isso falarei às duas ao mesmo tempo. E todos na aula estiveram muito bem. Este jovem teve ideias muito boas sobre ti, tal como todos os outros na sala. Agora só falta que vejam e ouçam. O mundo não é tão tumultuoso como imaginam, e conseguem manter-se firmes dentro dele. Conseguem mesmo. Podem limpar os vossos próprios ouvidos e visão. Só têm de perceber que dentro de vós existe a capacidade de enfrentar cada vida — cada dia — como uma vida em si, à medida que ela surge. Estão a esforçar-se demasiado neste momento. Devem relaxar e confiar no "eu" interior para ver e ouvir.

Os problemas iniciais que ajudaram a despoletar esta dificuldade podem agora, enquanto adultos, ser superados ao perceberem que o "eu" interior tem o seu próprio conhecimento e os seus próprios caminhos. Conseguem ouvir-me, e eu encarregar-me-ei de que o façam. Imaginem-se a responder a perguntas que vos tenham sido colocadas. Não é necessário imaginarem que ouvem claramente. Se imaginarem que estão a responder, então parte-se do princípio de que ouviram corretamente. Quando se esforçam demais para ouvir ou ver, acabam por ouvir e ver menos. Relaxem e deixem que isso seja tratado por vocês. Neste momento não confiam no vosso "eu" interior para fazer estas coisas, e devem aprender a aceitar essa sabedoria interior e antiga que vos pertence.

(Para Sue.) E tu também deves aprender que o amor é barulhento, pode ser incómodo, pode interferir, e tens de aprender a não negar a validade dos teus próprios sentimentos nessas áreas onde agora os estás a esconder de ti própria.

Cada um de vocês, à sua maneira, esconde certos grupos de sentimentos de si mesmo — por isso, não estou necessariamente a dirigir-me exclusivamente à nossa amiga aqui, embora ela tenha esta noite o problema no ouvido. O episódio anterior, de que falaste com Ruburt, está ligado a este. E mais tarde pedirei ao Ruburt que te explique mais concretamente. Por agora, digo-te apenas que essa ligação existe. Tu sabes que existe, mas deves pensar sobre o que o ruído representa para ti, o que é que não queres ouvir, e por que motivo, neste momento específico, não queres ouvir isso.

([Sue:] "Então está mesmo relacionado com o Sean?")
Está ligado ao Sean, sim, mas tem raízes mais profundas. Pedirei ao Ruburt que te explique. Tem também a ver com o medo de estímulos exteriores e

com o medo básico de que esses estímulos te arrastem, destruam a tua pessoa e (palavras perdidas) disso. Sentes que não tens segurança — e esses pensamentos e sentimentos são altamente erróneos. Tens sentidos físicos por um motivo. Servem para te ajudar, não para te dificultar. Quando recusas usá-los, por qualquer razão, estás a reduzir as tuas próprias capacidades e eficácia, como sabes, mas isto nunca te é imposto. É um método de aprendizagem e, à medida que aprendes, resolverás o problema.

Quero que todos vocês, neste caso específico, deem o mais forte "Mu" do coração pela nossa amiga, para limpar os ouvidos dela. Mas deixo que seja o Ruburt a fazê-lo, porque não quero soprar com tanta força que tire o telhado abaixo. Quero que esse "Mu" seja o mais alto e entusiástico possível, que o façam com alegria, que ele vos percorra por inteiro. Não com medo, mas com alegria. Quero que esse "Mu" também seja dirigido à nossa amiga (Sue), para que ambas percebam que o ruído pode ser espiritual, vital, curativo, vivo e bom.

Quero que todos façam um "Mu" por Peter (Kristof), que veio de todo o país.

Agora despeço-me com um boa noite, mas antes quero que saibam que todos os professores — incluindo eu e Edgar — têm projetos privados que os interessam muito, e o meu, por acaso, são as probabilidades. Por isso, quando fazem as vossas pequenas experiências na aula, outros ensinamentos estão a ser-vos transmitidos ao mesmo tempo — ensinamentos que vos permitirão contactar mais facilmente com os vossos eus prováveis. E gostaria que estivessem novamente atentos, tanto às pessoas que encontram na vida diária como às que encontram no estado de sonho.

(Para Sue.) Encontraste uma mulher num supermercado esta semana e não te lembras.
([Sue:] "No estado de sonho?")
No estado de vigília, numa loja.

Está agora ao alcance de todos vocês estarem suficientemente atentos no estado de sonho para reconhecer essas personalidades. Se não se lembrarem logo ao acordar, dou-vos agora a sugestão de que se irão lembrar ao longo da manhã, enquanto realizam as vossas tarefas. Fizeste progressos excelentes.

(Para Florence.) E tu também, querida Dama de Florença, fizeste um esta noite.

Estão a progredir o suficiente para que eu espere ainda mais. São muito mais animados — até o nosso Edgar, que faz mover mesas — no estado de sonho do que reconhecem. Estão a ter experiências que são vitais para vocês nesse estado, e quero que se digam a vocês próprios que é fácil recordá-las. Não é difícil — é fácil — e podem recordá-las sem esforço.

Requer esforço, sim, inibir a memória dos vossos sonhos. É mais difícil erguer essa barreira inibitória do que simplesmente lembrar-se deles. Portanto, já não precisam de gastar energia a bloquear essas memórias. Podem simplesmente libertar esse esforço. Não precisam mais de o usar assim. Quando estiverem preparados — e o trabalho com probabilidades é um pré-requisito — poderão encontrar-se e recordar, e assim poderemos ter aula duas vezes por semana. E só pagarão por uma. E lembrar-se-ão tanto da localização como do que estão a aprender. Mas não vos será entregue de bandeja. As vossas próprias capacidades têm de operar aqui — mas isso já está ao vosso alcance.

(Para o Ron.) Para ti, ainda não está ao teu alcance — mas os outros levar-te-ão consigo. Até aprenderes a rir por dentro. Dar-te-ei sessões de riso. Todos os deuses riem — não têm tempo para a seriedade.

E aqueles que forem mais aventureiros podem começar a embarcar em experiências noturnas como nunca antes recordaram. Pode começar agora, e para alguns de vocês, assim será. Quero que cada um de vocês coloque um caderno ao lado da cama. E digam ao Ruburt que ele não é exceção. Agora, exploradores têm de manter registos — e vocês são todos exploradores. Reunimos as ovelhas negras do universo de todas as direções.

(Para a Sue.) O que o Ruburt te disse estava certo, até certo ponto. Agora quero ver cada um de vocês seguir essas instruções, bem como, naturalmente, aquelas instruções que Ruburt já tinha dado para o nosso pé de feijão aqui. Queremo-lo saudável, forte, resplandecente e risonho. Espero que as vossas aventuras comecem esta noite.

(Para a Juanita.) E espero ter-te assustado o suficiente para que consigas ouvir e ver. Nada pode ser mais alto do que eu sou, portanto, se não tens

medo deste som, não há motivo para teres medo do som dos teus semelhantes.

(Muito suavemente.) Sabes o que estou prestes a fazer porque eu sei o que o Ruburt sabe — que o nosso amigo lá de cima afinal não está lá em cima. Agora quero que faças outra coisa.

(Muito alto.) À medida que sentires a energia dentro desta voz, agarra-a, usa-a para os teus próprios propósitos. Compreende que, ao fluir através desta figura, pode também fluir através da tua. E flui. Não precisas de a traduzir em som. Traduz essa energia em saúde, vitalidade e riso. Usa-a como quiseres, mas compreende que é tua, e que dentro de ti existe uma fonte dessa vitalidade e força. Compreende também que a existência física é boa. É abençoada. É, nos teus termos, real — e foi feita para ti. É o teu meio de expressão. Sente-te livre nela. Desfruta-a.

Despeço-me agora com um afetuoso boa noite e espero ver-vos a flutuar como pequenos fantasminhas fora dos vossos corpos esta noite. Eu serei como um flautista encantado, a liderar-vos com um *toot-toot-toot*, e ninguém nos vai derrubar. Estão a tentar.

Os meus mais calorosos votos para todos vocês e uma boa noite.

AULA DE PES

31 de Agosto de 1971
(Durante uma discussão sobre as experiências dos alunos durante a semana.)

Estão a falar do momento em que estávamos a fazer o “Mu”. O “Mu” faz bem à constituição — e ainda melhor à alma. Agora, não vou interromper até terminarem, mas não consegui resistir a este comentário. Estão todos a ir muito bem. Estão a sustentar-se a vós próprios no estado de sonho. Estão a relacionar-se de formas novas — e a relacionar-se de formas diferentes também na aula. Queria apenas que soubessem que estou aqui, que vos estou a ouvir. E fico feliz por ver que todos se lembraram de abençoar o nosso amigo Edgar.

(Jane contou ter visto uma formação parecida a uma nuvem.)

Agora, vocês formam a imagem física que conhecem de forma inconsciente. Porque a veem num espelho e experienciam a sua realidade, dão-na como garantida, como sendo real. Até o nosso amigo Edgar acredita que tem um corpo físico. Como já vos disse, por vezes tenho dificuldade em explicar aos meus próprios amigos que vocês acreditam tão seriamente numa alucinação. Existem outras porções da vossa realidade que também são formadas pelos vossos pensamentos e emoções, mas que não vos são tão óbvias. Não estão conscientes delas, e por isso não as aceitam como parte da vossa experiência — e no entanto, elas existem. Não me refiro agora apenas aos eus prováveis. Refiro-me ao que podem chamar de energia "livre", libertada por vós, cheia da vossa intenção e da vossa coloração emocional, e que tem uma realidade em esferas além da vossa. Essa realidade age dentro da esfera física embora a sua principal existência não esteja nela. Tem, por isso, um efeito eletromagnético dentro do vosso sistema, ainda que não o consigam perceber fisicamente. É uma realidade psicológica — ou psíquica, se preferirem.

Cada um de vocês, em maior ou menor grau, constrói essas formas — como possam chamá-las. Elas são conscientes. Toda a forma tem consciência. Vocês dão-lhes vida automaticamente. São um produto da vossa atividade psíquica, mental e psicológica — e, por isso, existem, quer as percebam ou não. São extensões de vocês próprios, do vosso ponto de vista. Podem quase ser consideradas como mecanismos percetivos extra que existem para além do físico. São formadas através de concentrações de energia.

Quando usam toda a vossa energia apenas para manipular a realidade física, sobra pouco para formar tais imagens. Quando aprendem, através do relaxamento, a aceitar a vida de forma espontânea e a confiar no vosso ser interior, então essa energia liberta-se. Tornam-se, por isso, mais eficazes.

Os nossos alunos habituais têm tido uma bonificação extra. Estão a começar as vossas próprias aulas de sonho, como sabem. Alguns de vocês já sabem as noites em que irão trabalhar e a área em que estarão envolvidos. À medida que aprendem a viver espontaneamente no plano físico, automaticamente conseguirão também construir essas formas — e, quando o fizerem, terão de aprender a treiná-las. Têm mãos e, em criança, aprenderam a usá-las. Assim, quando desenvolverem essas formas, devem aprender a usá-las com respeito e amor. Aqueles de vocês que já passaram pela primeira aula extracurricular deverão ter esta semana a segunda parte. E aqueles que ficaram para trás

deverão começar agora. No entanto, Ruburt tem uma experiência em mente, por isso vou esperar para ver como se saem. A minha mais calorosa receção aos visitantes desta noite.

(Sue usou o termo "formas-pensamento" para explicar a Jane o que Seth dissera.)

São formas de energia, e não apenas formas-pensamento. Há uma diferença.

([Wally:] "Mas os pensamentos têm energia, Seth.")

Sim, mas as formas de energia dependem de concentrações fortes, muito poderosas, de energia — esteja envolvido pensamento ou emoção. São, nos vossos termos, excessos de energia que disparam de vocês como estrelas, mas que se condensam numa forma. São geralmente o resultado de um acúmulo de energia a longo prazo — embora o mesmo efeito possa ser alcançado com uma imagem ou pensamento extremamente poderoso. Há, no entanto, uma diferença. Sempre me referi a mim próprio como uma "essência energética de personalidade" porque é verdade, e também porque soava seguro ao Ruburt. Não podiam argumentar contra isso. Ele não precisava de dizer que eu era um espírito ou um deus branco ou um iluminado. O termo era simples e ele podia aceitá-lo. É um belo termo, se me é permitido dizer. E manter-me-ei fiel a ele. Vou garantir que o Ruburt o coloque na introdução do livro.

(Depois de uma experiência para encontrar outros eus prováveis.)

Vocês são todos realidades multidimensionais. Estão a aprender a usar a vossa consciência para se tornarem cocriadores conscientes da vossa própria realidade. Alguns de vocês, esta noite, depois da aula, estarão envolvidos em aventuras que espero que se lembrem.

Agora, vou pedir-vos mais uma vez que fechem os olhos e me sigam o melhor que puderem. Não têm de seguir-me à risca. E os visitantes de hoje à noite não precisam sentir que têm de me seguir. Permitam-se a liberdade de não me seguir, se assim sentirem. E os outros, permitam-se a liberdade de me seguir.

Agora, os membros habituais da aula sabem como uso esta voz. Quero que percebam que a energia nela contida é também a energia que existe dentro

de vós. Ou seja: têm dentro de vós a mesma energia e, se decidirem usá-la, podem fazê-lo. Eu uso-a apenas para vos mostrar que está disponível para vocês também. Quero que traduzam o som da voz em intensidades de diferentes tipos de perceção. Quero que usem a energia por trás da voz como lembrete da vossa própria energia. Quero que se abram à perceção de que são multidimensionais e que experienciem essa multidimensionalidade de forma pessoal — não teórica.

Quero que tenham uma experiência emocional em que, mesmo que apenas por um momento, sintam a plenitude e vitalidade da vossa própria natureza e identidade. Quero que sintam dentro de vós as vossas próprias capacidades, energia e poder. Quero que o sintam com tanta força que essa consciência e esse conhecimento íntimo permaneçam dentro de vós.

Agora, mesmo enquanto esta voz se torna mais intensa, deixem os sentimentos dentro de vocês crescerem em intensidade também. Sintam a vossa própria energia, vinda do "eu" interior, preencher a vossa consciência e o vosso corpo físico com vitalidade, conhecimento e a alegria da existência. Que o som da voz desperte em vocês o poder da vossa identidade, a vossa independência, a integridade do vosso ser. Que traga dentro de vocês a memória de todos os vossos "eus". Que despertem para os "eus" que são agora. Que se tornem conscientes das vossas partes e que as áreas separadas dentro das vossas personalidades despertem e se unam.

Que o poder, a vitalidade e a criatividade do vosso "eu" interior vos preencham agora com conhecimento, criatividade, alegria e a essência da vitalidade. Que ressoe através das células do vosso corpo, que dance dentro das células do vosso cérebro. Que eleve o vosso espírito. Que vos dê, de facto, uma força e vitalidade que permanecerão convosco e com as quais se poderão identificar — e que vos conduzam diretamente aos "eus" interiores que são vossos.

E agora, com um sussurro, deixo-vos a vós mesmos. Abram os olhos para a sala e para o tempo que conhecem, mas sintam essa vitalidade e saibam que ela é vossa. E quando estiverem mortos, como eu estive — nos vossos termos — durante todo este tempo, espero que possam gritar tão vigorosamente quanto eu.

([Jane:] “Eu sei que ele fez alguma coisa, Mary.”
(Para Mary Ellen.) Explica o que foi que eu fiz.
(Mary Ellen recapitulou os comentários anteriores de Seth para Jane.)

Exercício de Jane na aula – 31 de Agosto de 1971

O Seth já falou sobre esses pontos de coordenação, e disse… bem, vocês não sabem o que são, pois não? Não. Não faz mal. Ok. O exercício que tenho em mente tem a ver com essa sensação de “sair por trás”, porque acho que temos feito um ótimo trabalho nisso, e sinto que é algo bastante significativo. Porque fizemos isso numa aula de Escrita Criativa sem dar nenhuma sugestão sobre o que iríamos encontrar — nem eus prováveis nem nada do género — esta noite vou sugerir que o façamos, mas com essa ideia em mente.

Já tenho a sensação... sim, ok. Então peço a todos que queiram participar que fechem os olhos, pois parece ser o mais fácil. De preferência, fiquem confortáveis. Aqueles de vocês que são novos, encarem isto como uma aventura na consciência e vejam o que conseguem fazer com ela. Fechamos os olhos simplesmente porque é mais fácil. Sugiro então que fechem os olhos. Os membros regulares da aula não deverão ter dificuldade em sentir aquela sensação que se manifesta na parte de trás da cabeça, como se uma pirâmide se abrisse ali.

Gostaria que todos se dessem total liberdade em termos de perceção. Se sentirem essa sensação particular na parte de trás da cabeça, podem simplesmente segui-la. Se não sentirem, imaginem a pirâmide — o ângulo a projetar-se num caminho que se estende atrás de vocês. Aqueles que já participaram nisto antes só têm de enviar a consciência através dessa pirâmide para que encontre as suas próprias aventuras. Os outros podem fazer isto de forma imaginativa.

Imaginem-se a caminhar para fora, talvez como uma pessoa em miniatura, a sair dessa pirâmide. Se quiserem, podem até parar e olhar para trás, para a parte de trás da vossa cabeça. Eu acredito, e a maioria das pessoas nesta aula também, que existem dimensões de consciência abertas para nós — basta tentarmos. E esta é uma delas. E nesta jornada em particular, estamos a deixar-nos completamente abertos à experiência, ao que quer que aconteça, sem impor exigências nem fazer sugestões.

Sigam então o caminho. Se a imagem se transformar ou se estiverem a fazer algo diferente, ótimo — sigam isso, e usem apenas a minha voz como um ponto de referência, algo que vos ligue à sala. Aqueles que estiverem a seguir a pirâmide deverão descobrir, com sorte, que conseguem viajar por ela com facilidade; que ela se estende paralelamente ao nosso nível habitual de experiência. Há uma porta na outra extremidade, e pode ser aberta facilmente. Se a vossa consciência tomar consciência de outras coisas, então sigam-nas, mas permitam-lhe essa liberdade natural e façam uso dela.

Desfoquem a atenção do ambiente físico habitual em que estão envolvidos. A vossa consciência é como uma luz ao vosso dispor — usem-na livremente. Observem outras áreas de perceção que normalmente não exploram. Podem perceber cores. Podem ver pessoas. Podem ver uma cena. Podem simplesmente sentir uma sensação cinética. Seja o que for, sigam isso e permitam-se essa liberdade.

Podem descobrir que a pirâmide muda de forma. Talvez o topo se abra, ou a base, ou que surjam divisões laterais. Sintam-se livres para explorar o que quer que encontrem. E, acima de tudo, desfrutem da sensação da vossa própria consciência enquanto faz estas coisas.

A consciência tem uma sensação própria — tal como o corpo. Quando fazem coisas diferentes com ela, ela sente-se de maneira diferente. As próprias sensações podem ser pistas, para que, ao sentirem-nas novamente, vos sejam familiares. A consciência não é uma coisa sólida, ou aérea, ou distante, que se "vê através". É uma parte viva e vital de nós. Proporciona vários tipos de sensação. Está livre fora do corpo, por vezes mais livre do que dentro dele. Portanto, deixem-na encontrar o seu próprio caminho neste exercício. Deixem-na ir para onde quiser. Dêem-lhe a mesma liberdade que dariam se tivessem uma lanterna na mão e estivessem a percorrer uma floresta — não diriam "só vou iluminar este lado porque é seguro". Iriam apontá-la para todos os lados para ver o que está à frente. Normalmente só iluminamos num sentido e dizemos "isto é real", mas neste exercício, pelo menos, vamos lançar essa luz pela pirâmide em qualquer direção que escolhamos.

Abram limiares de que se possam lembrar. Se sentirem novas sensações ou perceções, tanto melhor. Percebam, o melhor que conseguirem, que vocês não são a vossa consciência. A vossa consciência é vossa para usarem — usem-na com gosto. A consciência é apenas mais uma das vossas

capacidades. Dêem-lhe liberdade. Deixem que ela vos traga pistas sobre a natureza da realidade. Não precisam julgar. Isto é como tirar fotografias de uma terra estranha.

Portanto, não julguem o que veem. Nem o que ouvem, nem o que sentem. Só sei que, dentro, para além e através do mundo que conhecemos, existem outros níveis de realidade, outras dimensões de atividade, outros "gestalts" psicológicos que podemos explorar. Permitam-se toda a liberdade para o fazer. Agora vou ficar em silêncio por um momento, durante o qual poderão explorar o que estão a experienciar. E depois usem a minha voz como um fio para vos trazer de volta à perceção normal. Mas entretanto, aproveitem esta oportunidade para libertar a vossa consciência.

Agora comecem a regressar. Comecem a trazer de volta a vossa consciência pela pirâmide até à sala. A sensação ligada à parte de trás da vossa cabeça deve tornar-se mais forte à medida que voltam ao "eu" que conhecem e às perceções que vos são familiares. Regressar com alegria à perceção habitual. Regressar ao corpo — tão seguro e disposto. Regressar com prazer à forma física, que é o vosso veículo de expressão neste tempo e neste espaço. Regressar ao tempo e ao lugar com alegria, como alguém que regressa a casa — sabendo, no entanto, no fundo da mente, que há muitas casas, muitos lugares e muitos tempos. Mas, por agora, tragam o vosso foco de volta, assentando novamente com prazer no corpo. A consciência a regressar ao belo crânio de osso marfim, os olhos a abrir-se para a sala comum.